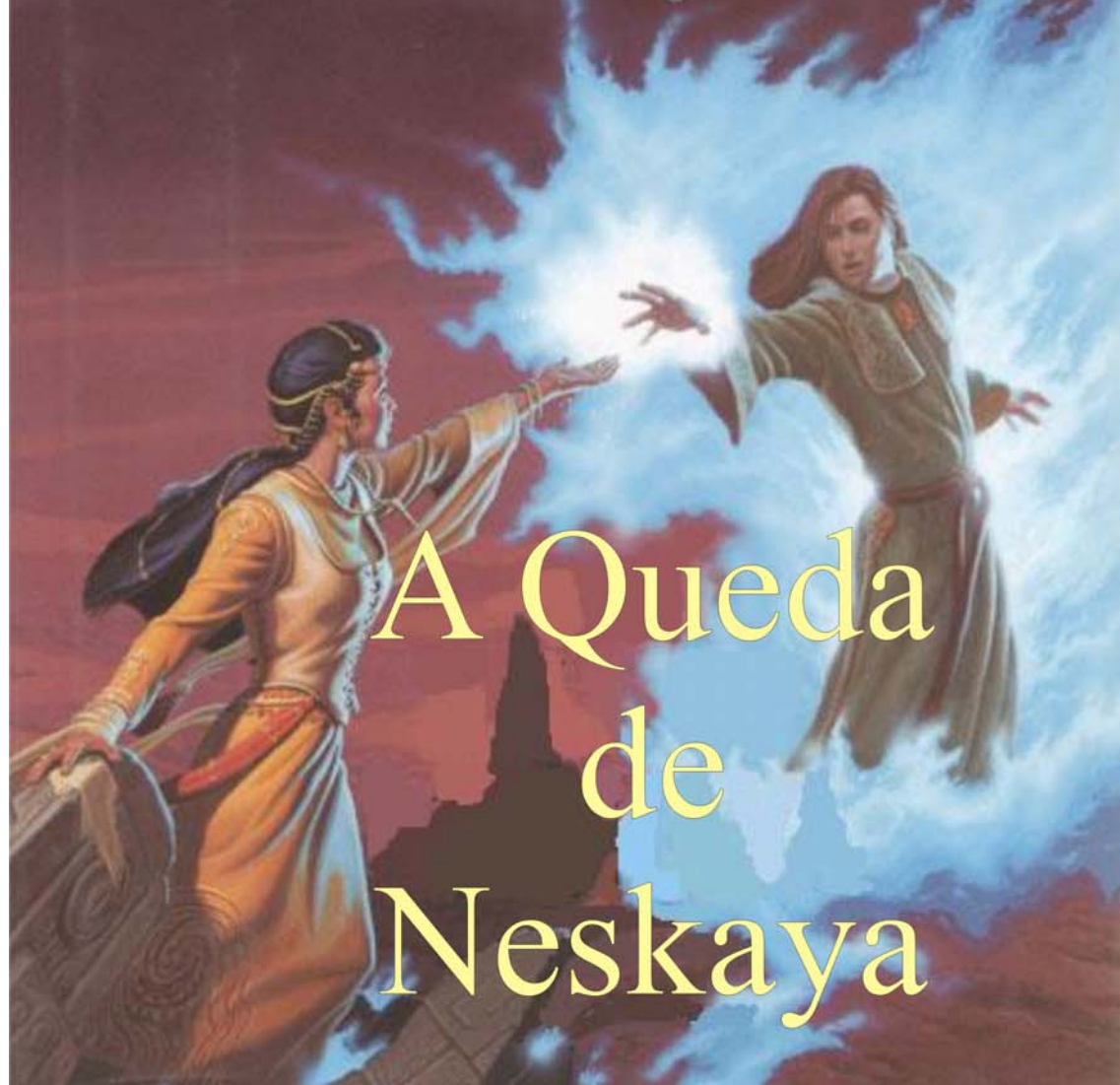


MARION ZIMMER
BRADLEY
DEBORAH J. ROSS



A Queda
de
Neskaya



Marion Zimmer Bradley
&
Deborah J. Ross

A Queda de Neskaya

Livro Um da
Trilogia do *Fogo Aderente*

Título Original
THE FALL OF NESKAYA

Copyright © 2001 by The Marion Zimmer Bradley Literary Works Trust



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Rose, esse é para você!

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à lista de suspeitos de sempre: Betsy Wollheim, Ann Sharp, Elisabeth Waters, Susan Wolven e especialmente à Dave Trowbridge, pelos *mcguffins*, esclarecimentos militares, e muito mais.

OBSERVAÇÃO

O leitor mais atencioso pode notar discrepâncias no que diz respeito a alguns detalhes em relação a narrativas mais modernas. Isso sem dúvida se deve às histórias fragmentadas que sobreviveram à atualidade. Muitos registros se perderam durante os anos subseqüentes às Eras do Caos e Cem Reinos, e outros foram distorcidos pela tradição oral.

NOTA DA AUTORA

Marion Zimmer Bradley, muitíssimo generosa com “seu mundo especial” de Darkover, adorava encorajar novos escritores. Nós já éramos amigas quando ela começou a editar as antologias de Darkover e *Sword & Sorceress*. A compatibilidade entre minha “voz” literária natural e o que ela procurava era extraordinária. Ela adorava ler o que eu adorava escrever, e por vezes citou “A Morte de Brendan Ensolare” (As Quatro Luas de Darkover, DAW, 1988) como um dos seus favoritos.

Quando a saúde de Marion declinou, eu fui convidada a trabalhar com ela em um ou mais romances de Darkover. Decidimos, ao invés de ampliar a narrativa “moderna” de Darkover, retornar às Eras do Caos. Marion concebeu uma trilogia começando com a Rebelião de Hastur e A Queda de Neskaya, a duradoura amizade entre Varzil o Bom e Carolin Hastur, e chegando até a destruição de Hali e a assinatura da Aliança. Enquanto eu rabiscava anotações o mais depressa possível, ela se recostava, os olhos bem abertos, e começava uma história com, “*Os Hasturs procuraram controlar os piores excessos das armas de laran, mas sempre havia mais sendo desenvolvidas. . .*” ou “*De fato, Varzil e Carolin haviam sido criados com as histórias dos desventurados amantes que morreram na destruição de Neskaya...*”

Esta é a história.

Deborah J. Ross
Março de 2001

LIVRO I

Um

Coryn Leynier despertou de um sonho com fogo se alastrando, descendo das montanhas. O sonho começara tranquilo, mas com uma vivacidade fora do comum, como muitos sonhos que tinha desde que seu corpo começara a sofrer as mudanças da adolescência. A princípio seu planador pairava abaixo do enorme Sol Sangrento de Darkover, as velas de seda estendidas sobre os frágeis suportes de madeira. No último verão, seu irmão mais velho, Eddard, o herdeiro das terras montanhosas de Verdanta, lhe ensinara a cruzar pequenas distâncias usando as correntes de ar. Em seu sonho, Coryn voava livre. Não sentia medo da altura, experimentava apenas o prazer dos céus ilimitados.

Tempestades de verão trovejaram ao longe, sobre as Hellers. O ar crepitava com a energia. Uma espiral de fumaça se elevava de um bosque de árvores-de-resina. Coryn ficou tenso. Ele e seus irmãos atuavam como vigias de incêndios florestais desde que podia se lembrar, às vezes competindo sobre quem seria o primeiro a soar o alarme.

Em seu sonho, Coryn lutava para virar o planador, voltar ao Castelo Verdanta para dar o aviso. Mas o aparato de madeira e couro não colaborava. O planador lutava com ele como se possuísse vida, girando e dando voltas, fora de seu controle.

Coryn divisou a pedra-da-estrela, uma pedrinha reluzente, presa às traves-mestras. Parecia uma pedra-da-estrela normal, concedida a todas as crianças, conforme a tradição de família, no Festival de Solstício de Inverno, após o seu décimo-segundo aniversário, mas Coryn reconhecia essa pedra; era a que lhe pertencia. Ao fitá-la, uma luz azul chamejou em seu interior, como se em reconhecimento. Ouvira dizer que, com uma pedra como essa, um *laranzu* treinado era capaz de enviar um planador para onde desejasse, não apenas aonde os ventos incertos o levavam. A idéia despertou alguma coisa dentro dele, um anseio sem palavras.

Ir aonde se escolhe, não onde o acaso o carrega. . .

Coryn fitou sua pedra-da-estrela e visualizou o planador dando a volta para casa ao seu comando. Um fogo azul tremeluzia em suas profundezas. Seus nervos estavam à flor da pele e ele sentia um nó no estômago, tão revoltado quanto o planador. Ainda assim, ele mantinha os olhos fixos na pedra-da-estrela, procurando projetar-se cada vez mais fundo.

O fogo mudou de direção, se alastrando pelas encostas, saltando os aceiros, que se encontravam num estranho estado de desleixo. Em questão de instantes, as chamas se abateram sobre o mato e as árvores, varrendo tudo o que se encontrava em seu caminho. A relva ardia, formando ondas de fumaça. As árvores-de-resina se incendiaram. Quando as bolsas da seiva inflamável pegaram fogo, as árvores explodiram, uma após a outra, lançando brasas vivas por toda a parte. Rolos de fumaça, densa e acre, projetavam-se da floresta.

Ao longe, sinos de alarme soavam repetidas vezes à medida que todos os guardas das Hellers, de Aldaran até o Rio Kadarin, despertavam.

No instante seguinte, ele se encontrava sentado em sua cama no Castelo Verdanta, tiritando como se fosse a estação da neve, e não pleno verão, com sinos de alarme soando em seus ouvidos.

Cambaleando, Coryn calçou as botas e desceu correndo a escadaria. Tessa, sua irmã mais velha, corria pelo corredor com uma bandeja de pães recheados com carne fria. Ela estava usando um velho vestido cinza, muito curto, e remendado com refugos de roupas ainda mais velhas. Ela havia amarrado um lenço branco sobre os cabelos, de modo que parecia mais com uma criada da cozinha do que com a moça recatada de sempre, a filha mais velha do Lorde. Coryn apanhou um pão e enfiou na boca enquanto vestia a camisa. Para variar, ela não protestou.

No pátio externo do castelo, o amanhecer projetava sombras mudas sobre a terra arada. Uma brisa intermitente transmitia uma prévia do dia quente que seria.

O pátio fervilhava de movimento. Todos com idade suficiente para andar se encontravam ali, correndo em diferentes direções, portando pás e forcados, ancinhos, sacos e baldes, cobertores dobrados e panos surrados para bandagens. As aves do pátio grasnavam e batiam as asas, levantando mais poeira. Um dos cães do castelo corria de um lado para o outro, latindo. Homens esforçavam-se para prender pás e ancinhos nas selas dos *chervines* de carga. Padraic, o *coridom* do castelo, encontrava-se sobre a beirada da gamela maior, gritando ordens.

Coryn estacou no limiar, o coração disparado. Por um momento de terror, o pátio pareceu oscilar de um lado para o outro. Ele engoliu, sentindo um gosto amargo, e cambaleou.

De novo não! esbravejou ele silenciosamente. Ele não podia, não iria ficar doente. Não agora, quando todos os homens saudáveis acima de dez anos, fosse ele da família, servo ou hóspede, era necessário nas linhas de fogo.

— Você vem comigo para as barreiras, rapaz. — Eddard surgiu no pátio, gesticulando para que Coryn o seguisse. — Preparem os cavalos! — Eddard usava roupas de montaria, com um par de calças de couro maleáveis e botas, e portava dois rolos de mensagens embalados em seda impermeável. — Petro!

O outro irmão mais velho de Coryn, Petro, já se encontrava montado no lustroso negro de Armida, o cavalo mais veloz dos estábulos. Seu rosto estava corado e seu cabelo escuro, tão diferente do cobre brilhante de Coryn, desgrenhado, dava a ele o aspecto de medo e excitação ao mesmo tempo.

Eddard empurrou um dos rolos de mensagem na mão estendida de Petro.

— Esta é para Lorde Lanil Storn, um pedido imediato pela sua ajuda.

— Ajuda? — Indagou Petro, incrédulo. — De Storn? Estamos assim tão desesperados?

— Pedimos sob a trégua de fogo. Esse incêndio parece o pior de que se tem lembrança — disse Eddard, com uma consternação evidente. — Somente um tolo deixaria a casa de seu vizinho queimar, pensando que a sua está segura.

Trégua de fogo, Coryn repetiu silenciosamente. Mas será que isso adiantaria? Verdanta e Kinnaly atacavam as terras um do outro há tantos anos que poucos recordavam a disputa original. Ele achava que tinha algo a ver com a posse de um bosque de nogueiras que há muito tempo havia definhado devido á uma substância capaz de murchar raízes, lançada por acidente sobre as colinas por carros-aéreos de Isoldir.

— O pai também pede permissão para que passe na Torre em Tramontana. Se Lorde Storn conceder — disse Eddard, fazendo uma careta que deixava claro como a situação o desagradava — você deve entregar este segundo rolo para o Guardião, Kieran. Também lhe dê um cumprimento de parentes, pois ele é Aillard, parente da família de nossa avó.

Petro enfiou os rolos em seu cinturão, os olhos tempestuosos.

— Se *Dom* Danil acredita que pode levar alguma vantagem sobre nós esperando enquanto gastamos nossas forças no incêndio ou obstruindo o auxílio de Tramontana, não é um mero rolo de pergaminho que o fará mudar de idéia.

— Melhor conter sua língua — disse Eddard, um pouco severo — e repita apenas o que lhe foi ordenado e não um de seus discursos intermináveis. Sua missão é pedir ajuda ao homem, não passar-lhe um sermão a respeito dos males da sociedade moderna.

Petro deu-se por vencido.

— Farei o melhor que puder. Afinal de contas, o pai diz que se você tratar um homem como um nobre, será mais provável que ele se porte como um.

— Então trate de se apressar, rapaz, e que Aldones abençoe sua língua e os calcanhares de seu cavalo.

Petro acenou com a cabeça, esporeou seu cavalo e atravessou os portões a uma velocidade perigosa, espantando as aves do pátio.

Eddard gesticulou para um homem no meio do pátio que estava tendo dificuldades com os arreios de um *chervine*.

— Não! Assim, não!

O garanhão baio de Lorde Leynier, forte o suficiente para carregar até um gigante das lendas, relinchava e saltitava de um lado para o outro, batendo com o ombro no rapaz da cozinha que segurava sua rédea. O garoto se esparramou na poeira quando o cavalo empinou, batendo as patas no ar.

Coryn agarrou as rédeas antes que o animal pisoteasse o garoto. Os olhos do cavalo reviravam nas órbitas, e seu corpo fedia a medo. Ele colocou uma mão sobre o focinho, puxando sua cabeça para baixo.

— Calma, calma — murmurou. O cavalo resfolegou, os olhos menos frenéticos.

— Dê-me isso. — Lorde Beltran Leynier, alto e grisalho, mas ainda exibindo ombros fortes, apanhou as rédeas de Coryn e subiu na sela. — Primeiro destacamento, acompanhe-me! — Ele pôs-se a galopar em direção à estrada, e os homens montados e animais de carga foram logo atrás.

Ao dar um passo atrás, Coryn tropeçou no garoto da cozinha. O gorro do garoto saiu voando, revelando pálidos cabelos vermelhos, trançados desajeitadamente e enrolados em forma de coroa. *Aldones!* Era sua irmã caçula, Kristlin, vestida em refugos de algum servo. Ela tinha apenas oito anos, era jovem demais para ser designada para algo mais interessante do que enrolar bandagens ou picar cebolas. Pelo modo como olhou para ele, Coryn encontraria aranhas em sua cama se dissesse uma palavra que fosse para alguém.

— Coryn! Onde estão aqueles cavalos? — Eddard gritou do pátio.

Nas baias empoeiradas dos estábulos, os poucos cavalos que restavam pateavam e relinchavam. O cavaliário acabara de terminar de apertar a sela na égua cinza ossuda de Eddard. Coryn verificou as cilhas, o peitoral e os arreios de Dançarino, seu cavalo castanho, pois eles cruzariam terrenos acidentados e um escorregão da sela poderia ser fatal.

— Trate de se cuidar, seu jovem patife — disse o cavaliário. — Não vejo um incêndio ruim desse jeito desde que o burro de Durraman foi parido.

No pátio, Coryn montou aos trancos no lombo de Dançarino e entrou na fileira dos *chervines* de carga de Padraic. Ele e Eddard desceram a faixa de estrada, fazendo o maior estardalhaço, no dia que clareava.

Uma pluma de fumaça cor-de-rosa elevava-se das colinas verdejantes, ainda á muitos quilômetros de distância. Coryn era capaz de *sentir* o travo acre da tempestade, a sensação oleosa da fumaça de mato-sabão meio queimado, as cinzas em seu rosto.

O mundo revirava, o céu e as colinas verde-douradas se tornavam embaçadas... derretiam... Sentiu um travo ácido na garganta. Ele oscilou na sela, nauseado.

Agarrando com uma mão a crina castanho-amarelada e com a outra o cabeçote da sela, Coryn se esforçava para permanecer no lugar. Eddard, cavalgando à sua frente, não havia percebido. O espasmo de vertigem passara, deixando uma mucosa ácida na boca de Coryn.

Coryn levou a mão ao pescoço, onde sua pedra-da-estrela se encontrava isolada na bolsa de seda grossa que ele mesmo havia costurado. Sentiu sua luz interior como uma onda de calor em seus dedos.

Ele pensou infeliz que, se ao menos soubesse como usar a pedra-da-estrela e o planador, como em seu sonho, não haveria necessidade de mandar Petro às pressas para Tramontana, ou ficar à mercê de Alto Kinnally. Ele, Coryn, poderia voar e lançar os preciosos produtos químicos anti-incêndio feitos por *laran* diretamente sobre as chamas.

Com esse pensamento, ele apertou os lábios, cravou os calcanhares nos flancos de Dançarino, e pôs-se a galopar.

Coryn, juntamente com seu irmão Eddard e três pequenos proprietários da íngreme região fronteira nos arredores dos Picos, trabalharam durante o dia, limpando os aceiros estabelecidos e abrindo novos. Os incêndios do verão passado haviam sido menores do que o normal, mas o inverno fora brando. Uma folhagem densa, em sua maior parte mato-sabão inflamável, havia se alastrado em cada espaço aberto e fossa.

Na manhã seguinte, já era evidente que havia muito poucos homens, pois a terra era grande demais para limpar as barreiras de tudo o que fosse inflamável. Até o momento, o Alto Kinnally ainda não se manifestara. Talvez fosse muito cedo.

Eddard levou-os para a colina ao sul, acima do fogo, para verificar em que direção as chamas avançavam. Timas, o mais velho dos pequenos proprietários, estudou o vento, os arbustos secos, a inclinação das colinas. Ele trabalhava nas linhas de fogo de Verdanta desde que era garoto.

— Lá — ele apontou para a inclinação — e ali. Pode ver, milorde, como a terra assenta para canalizar as chamas para cima, na direção do bosque?

Coryn, mastigando um pedaço de pão de nozes besuntado com manteiga de *chervine* fermentada, seguiu o gesto do velho. O vento soprava irregular e apenas em uma direção. “*Se continuasse assim*”, tinha dito Timas, “*o fogo seguiria a trilha escarpada em direção a um vale protegido onde árvores-de-resina e pinheiros-de-fogo se aglomeravam. Mas se ele mudasse de direção...*”

O outro caminho, a inclinação rasa e regular, exibia apenas relva. Uma saliência de rocha nua separava as duas trilhas.

A visão de Coryn oscilou e ele sentiu a torrente das chamas fantasmas. Imagens acometiam-no... o vento ganhando força renovada, mudando de direção. Línguas estreitas de fogo lambiam a relva encrespada; o mato pegou fogo, as chamas corriam mais depressa do que um cavalo galopando. As sementes lançavam minúsculas brasas pelos ares ao estourarem, adiantando-se ao verdadeiro incêndio. Ele viu essas brasas aterrissarem na saliência rochosa e definharem com a mesma rapidez. O fogo deixava uma crosta negra para trás à medida que avançava sobre a inclinação.

A visão de Coryn acompanhava o fogo. Mais brasas aterrissavam sobre a rocha divisora. Além da sua linha de visão, o espaço se estreitava, a rocha enfraquecida pelos anos de calor de verão alternado com o frio congelante. Uma teia de aranha de minúsculas fendas enraizava erva daninha e outras gramíneas que cresciam depressa, que brotavam nas chuvas de primavera e morriam rapidamente com o calor. Uma única faísca aterrissou... sentiu-a pegar fogo, a chama súbita dos brotos de erva daninha secos. No instante seguinte, o fogo queimava nos dois lados da barreira, avançando na direção das árvores-de-resina.

Se as árvores-de-resina pegarem fogo, perderemos todo este lado da montanha. . .

Coryn pestanejou, dando-se conta de que um longo momento havia se passado.

—... mas será pior se o incêndio for para o sul. — Eddard dizia nesse momento. — É melhor não arriscar as árvores.

O velho sacudiu a cabeça, os olhos baixos diante do herdeiro de seu Lorde.

— Não dá para confiar na relva. — ele disse, obstinado.

— Timas tem razão — disse Coryn, um pouco surpreso pela confiança em sua voz.

— O fogo... começará com a relva, mas não vai parar por aí. Lá em cima, além da saliência... — Rapidamente, ele descreveu o que tinha visto. Os outros homens fizeram silêncio, escutando.

— É isso mesmo — disse o velho, concordando com a cabeça. — Eu já vi fagulhas saltarem três metros ou mais. Rocha, rio, aceiro. Mas como sabia, jovem Lorde?

— Eu... eu vi. Aconteceu exatamente como você disse.

— Não, rapaz. Eu disse apenas como o fogo poderia ir. Para um lado ou para o outro, de acordo com o vento.

Coryn ergueu o queixo e encarou o irmão mais velho.

— O fogo vai naquela direção. Eu vi.

— Você acredita que viu, *chyiiu*. — Eddard alisou para trás seu cabelo vermelho escuro, deixando-o tão rebelde quanto antes. — Mas se fizermos a escolha errada e deixarmos as árvores-de-resina desprotegidas...

— Lorde Eddard! — Um dos homens, que havia descido meio caminho na direção do fogo, gritou e apontou. — O vento!

— Maldição de Zandru! — Eddard cuspiu.

O vento havia mudado, transformando as chamas de tempestades de fogo em miniatura, queimando ainda mais quente e depressa do que antes. Na direção da inclinação gramada.

— Deixem que pegue o gramado! — Gritou Eddard, subindo em seu cavalo. — Para baixo, aonde Coryn viu o fogo avançar sobre a rocha! Com sorte chegaremos a tempo!

Coryn não podia se lembrar de ter estado tão entorpecido de exaustão, tão esgotado em cada músculo e fibra nervosa, enquanto ele e o velho Timas entravam aos tropeços no acampamento improvisado na terceira noite de incêndio. Eles haviam trabalhado sem pausa durante toda aquela noite e o dia seguinte, abrindo aceiros novos e maiores, arrancando relva e arbustos.

Eles salvaram as árvores-de-resina, apenas para perder as duas encostas seguintes e parte de um bosque de nogueiras. Coryn percebeu o medo nos olhos dos pequenos proprietários que dependiam do que suas crianças colhiam nas florestas para alimentar suas famílias durante as temporadas improdutivas. Os próximos invernos seriam difíceis, até que as nogueiras que não haviam sido totalmente queimadas pudessem dar frutos novamente.

Lorde Leynier era um homem generoso. Em tempos de necessidade, o castelo sacrificava alguns animais de seu rebanho, os mais velhos e fracos, para distribuir a carne e diminuir a demanda de grãos.

Agora, chegando o fim do terceiro dia, um rapaz montado num pônei trouxe ordens de Lorde Leynier para que os homens que haviam partido nos primeiros grupos fossem descansar. Havia chegado muitos substitutos das pequenas fazendas ao sul e ao leste. Mas eles não esperavam nenhuma ajuda do Alto Kinnally. Lorde Lanil Storn proibira que os homens e Petro atravessassem para Tramontana.

Ao saberem das notícias, os pequenos proprietários emitiram um lamento de consternação. Os rostos cobertos de cinzas ficaram ainda mais pálidos.

— *Vai dom* — disse um homem — como eles são capazes de recusar ajuda contra... contra o fogo?

Eddard apertou a mandíbula e por um momento Coryn viu os olhos de seu pai no rosto do irmão.

— Eu não sei se a sua intenção é deixar que desperdicemos nossas forças contra o fogo e depois atacar quando estivermos fracos, ou se ele é tolo o suficiente para pensar que o fogo permanecerá apenas em nossas terras.

Coryn pensou no antigo provérbio “*O fogo não conhece leis além das próprias.*” Então ele recordou que Kieran, o Guardião de Tramontana, era um primo distante de Aillard. As obrigações de sangue eram fortes nas Hells.

— Talvez — ele disse em um daqueles lampejos de pensamento que eram agora muito frequentes — ele receie que a Torre possa nos dar outras coisas além dos produtos químicos contra incêndio.

— Está falando de armas? — Eddard esboçou uma expressão severa. — Se ao menos dessem! Isto é, se sobrar alguma coisa de nós depois que o incêndio acabar.

Eddard virou na direção dos cavalos, mas Coryn permaneceu por um momento com

Timas. Os olhos do velho lacrimejavam como se a fumaça ainda soprasse neles.

— É um negócio violento — Coryn falou sem pensar, ciente de sua grosseria. Sem saber o motivo, ele queria dizer alguma coisa, para apaziguar a angústia silenciosa do outro homem.

— É, rapaz, é sim. — A voz de Timas estava rouca por causa da fumaça, mas Coryn pôde perceber a emoção por trás das palavras. — Mas enfrentar incêndios não é como a guerra. Na guerra são os Lordes que levam toda a glória e somos nós, os pobres, que pagamos o preço.

— Mas — disse Coryn, repetindo as palavras que ouvira o pai pronunciar — vocês não sofreriam ainda mais sob um soberano injusto? Nem todo Lorde cuida de seu povo como meu pai. Storn deixaria suas crianças morrerem de fome enquanto fica sentado em seu castelo se banquetecendo, ou ao menos foi o que eu ouvi falar. Não vale a pena lutar por isso?

Suspirando, Timas balançou a cabeça.

— Sabe tão pouco a respeito disso, rapaz.

— Coma tanto quanto puder e depois durma. — disse Eddard enquanto conduzia os cavalos exaustos para o quartel-general improvisado.

O acampamento localizava-se sobre solo plano e rochoso, montado em uma encosta incendiada há dúzias de estações atrás, de modo que apenas mato e mudas cresciam ali. Uma fonte fornecia água para cozinhar e lavar as queimaduras.

As mulheres e crianças mais novas do castelo haviam montado fileiras de vigia, uma cozinha ao ar livre, e umas poucas tendas. Tessa e sua outra irmã mais nova, Margarida, deslocavam-se rapidamente entre as tendas, carregando bandagens e pomadas para queimadura, bacias com água, e cataplasmas para músculos distendidos. Na ausência de Lady Leynier, pois a mãe deles havia morrido no nascimento de Kristlin, Tessa assumia os deveres de supervisionar os criados domésticos e distribuir medicamentos de ervas para todos na propriedade. Em seu vestido simples e lenço, as mangas arregaçadas até os cotovelos, ela emitia uma torrente de ordens sobre o cuidado dos feridos. Margarida seguia em sua esteira, uma sombra de olhos arregalados.

Os homens que haviam chegado mais cedo, os rostos e roupas sujos de cinzas, acoravam-se sobre canecas de mingau com carne ou se esparramavam exaustos em cobertores.

Coryn resvalou para o chão e passou as rédeas de Dançarino para uma das pessoas do castelo, agradecido. O cheiro da comida provocou uma onda de náusea em seu estômago. Ele seguiu Eddard até a mesa tosca onde Lorde Leynier se encontrava, estudando os mapas com seu *coridom*. Ao seu lado esquerdo se achava um estranho, observando em silêncio. O capuz de seu manto cinza-escuro mascarava suas feições.

— Nós bloqueamos o incêndio ao longo dessas linhas — disse Padraic, traçando-as no mapa. — Mas não podemos proteger toda essa frente, mesmo se pudéssemos chegar a tempo. Se continuarmos, se tentarmos salvar essa parte da floresta, correremos o risco de perder ainda mais em outros lugares.

Homens cansados são descuidados, Coryn repetiu para si mesmo o que seu pai dissera tantas vezes. *E o fogo é implacável*.

— Se deixarmos que o fogo defínhe sozinho — seu pai disse, entristecido — quem sabe o quanto mais ele pode consumir? Haverá ainda mais fome e frio nos próximos invernos.

Coryn ficou orgulhoso do pai, do modo como ele se preocupava com as terras e o povo sob o seu governo.

— As pessoas da Torre chegarão a tempo de salvar sua floresta. — disse o estranho.

— Pai — interrompeu Eddard, franzindo o cenho. — Fomos informados de que Petro não conseguiu chegar a Tramontana. Acho que não podemos esperar nenhuma ajuda daquela

região, ou do *ombredin* filho de seis pais de Alto Kinnally.

— Tivemos sorte que *Dom* Rumail chegou cedo — Leynier disse com uma deferência que surpreendeu Coryn. — E que ele possua a habilidade de contatar a Torre através de sua pedra-da-estrela.

— Eu não poderia fazer menos. — O estranho abaixou o capuz de seu manto, revelando um rosto tão comprido e cheio de cicatrizes que parecia ser feito de couro.

Coryn pensou que era o homem mais feio que jamais vira, mas seus olhos cinzentos, profundamente sombrios, ardiam com um fogo interior.

— É do interesse de meu irmão proteger as terras de sua futura nora — disse *Dom* Rumail.

Laranzu! Coryn divisou a pedra-da-estrela reluzindo no pescoço do homem. Nunca havia conhecido um feiticeiro dotado de *laran* antes e agora fitava, fascinado.

— Venha, rapazote. — Eddard passou um braço pelos ombros de Coryn. — Vamos morrer de fome, parados aqui. Vamos comer!

Coryn deitou no cobertor dobrado entre dois homens dormindo, seu irmão Petro e um dos ajudantes do estábulo, e aceitou uma caneca de guisado misturado com frutas secas de Kristlin, que ainda vestia aqueles culotes velhos de garoto.

Após a primeira mordida hesitante, Coryn descobriu-se com uma fome voraz. Devorou a porção inteira. Alguém lhe trouxe outro prato e também uma caneca de cerveja misturada com água. De uma forma abstrata, ele sentiu a cabeça pender para frente, alguém pegar o prato e a caneca de suas mãos, e depois não sentiu mais nada.

Dois

Ele despertou com o som de gritos e, por um momento, atordoado, especulou se os últimos três dias não tinham sido outro sonho. Fez um esforço para se aprumar, pestanejando na aurora sem nuvens. Outro homem, não Petro, roncava ao seu lado, mas o resto do acampamento já despertara.

— Eles chegaram! — Margarida, a irmã do meio de Coryn, corria pelo acampamento, gritando. — Tramontana chegou!

Coryn inclinou a cabeça, procurando aonde ela apontava. No céu limpo e vazio, quatro, não - seis planadores deslocavam-se velozes e silenciosos como falcões. As figuras delineadas contra o azul ofuscante davam a impressão de estarem abarrotadas com os sacos de produtos químicos contra incêndio que carregavam.

No acampamento, o estranho de manto cinza permanecia apartado dos outros. Seus lábios se moviam, embora nenhum som saísse de sua boca. Alguma coisa em sua postura atraindo Coryn, puxou-o para perto. Nas mãos do homem havia alguma coisa que emanava um débil brilho azul. Ele fitava o objeto com uma intensidade que, ao mesmo tempo, fascinava e repelia o garoto. Lá em cima, o grupo de pilotos se dividia, alguns avançando na direção das duas linhas de incêndio mais urgentes.

— Está tudo bem, eu não como crianças. — *Dom Rumail* ergueu os olhos. Um ligeiro sorriso suavizou suas feições. Ele ergueu a mão em que se encontrava a pedra-da-estrela. — Tampouco isso lhe fará qualquer mal. Não é feitiçaria, sabia?

— Si...sim, eu sei disso — disse Coryn, subitamente tímido. — Também tenho uma. Todos nós, exceto Kristlin, que é muito jovem, recebemos pedras-da-estrela de presente no Festival de Solstício de Inverno em nosso décimo-segundo aniversário.

— Posso vê-la?

Coryn não conseguiu pensar num motivo para recusar, mas foi com relutância que retirou a pedra-da-estrela da bolsa de seda que ficava em volta do seu pescoço e estendeu-a para o homem. Para o seu alívio, o *laranzu* não fez menção de tocá-la, apenas se inclinou sobre a pedra preciosa tremeluzente, estudando-a.

— Sim, você está sintonizado a ela, apesar de toscamente. Quem lhe ensinou a fazer isso?

— N-ninguém. O pai anda muito ocupado. E Eddard...

— Eddard! — bufou *Dom Rumail*, fazendo Coryn lembrar de seu cavalo. — E o envoltório... também foi você mesmo quem fez?

Coryn corou. Seus irmãos e irmãs mais velhos carregavam suas pedras-da-estrela descobertas contra a pele, se bem que eles raramente as carregavam, para falar a verdade. Margarida, queixando-se que a pedra irritava sua pele, envolvera-a num retalho de veludo proveniente do vestido de Solstício de Inverno da falecida Lady Leynier. Coryn procurou o conselho da irmã quando, várias semanas após o seu aniversário, ele despertou com pesadelos. Sonhava que figuras indistintas espetavam seu peito com uma espada de aço azul fundido. Quando experimentou o veludo, os pesadelos só fizeram piorar. As olheiras de sua irmã deixavam evidente que aquilo não também não a ajudava em nada. Fora ele quem tivera a idéia de experimentar a seda, mas Margarida é quem furtara os retalhos, recortados do vestido de casamento de sua avó, que estavam destinados para uma colcha de retalhos.

— Seus pontos o denunciavam, garoto — disse *Dom Rumail* com uma voz menos rude. — Guarde-a por enquanto e não deixe que ninguém mais a toque. De agora em diante, apenas você ou seu Guardião podem manuseá-la com segurança. Preciso falar com seu pai.

Aliviado, Coryn voltou ao seu trabalho. Os planadores de Tramontana haviam se

dispersado, cada um descarregando bolsas de produtos químicos em partes diferentes da linha do incêndio, a fim de retardar o fogo. A fumaça já havia mudado de cor. Coryn juntou-se a alguns dos outros jovens, entre os quais se achava seu irmão Petro, que subiam uma pequena trilha na colina acima do acampamento. De onde estava, podia ver as ondas cor de ferrugem riscando as nuvens de carvão.

Ainda haveria mais trabalho a fazer, longo e estafante, um esforço vagaroso, verificado as cinzas, a fim de se assegurar de que não restava nenhuma brasa acesa para reavivar o incêndio. Mas a maior batalha havia sido vencida.

Quando as cinzas finalmente haviam sido vasculhadas e todas as brasas remanescentes extinguidas, quando aqueles que haviam trabalhado tão arduamente contra o fogo tiveram tempo para descansar e tratar de suas queimaduras e ferimentos, Lorde Beltran Leynier mandou preparar um banquete de comemoração. Incluiu não apenas sua própria família, mas também todos os homens e mulheres da propriedade e todos os camponeses e suas famílias, um gesto de incomum generosidade.

Naquela noite, o grande salão do castelo brilhava com a luz de velas. Tessa e Margarida haviam decorado o salão com grinaldas de lírios de fim de verão e guirlandas nas cores marrom e azul, as cores de Leynier. Padraic, o *coridom*, havia disposto todas as mesas do castelo em um longo T, com Lorde Leynier, como era apropriado, na cabeceira, e Rumail à sua esquerda, no lugar de honra.

Coryn estava sentado a alguns assentos de distância, encaixado entre Eddard e sua jovem esposa por um lado e Margarida pelo outro. Sua boca ficou cheia de água à medida que serviam um prato suculento atrás do outro, o novilho assado lentamente, as galinhas do celeiro recheadas com nozes e maçãs, os pães recém saídos do forno recendendo a alho e alecrim, as últimas abóboras do inverno besuntadas com mel. Ele não fazia idéia de que a comida podia ter um gosto tão bom. Além do exaustivo esforço físico da última semana, a náusea havia regredido, deixando-o faminto.

Depois que as travessas do jantar haviam sido removidas e os bolos-de-mel reduzidos a migalhas, Lorde Leynier mandou vir outra rodada de vinho para todos os convidados, até mesmo as crianças. Ficando de pé no silêncio expectante, ele ergueu seu cálice.

— Neste momento de graças, oferecemos nossa hospitalidade e nossos profundos agradecimentos aos nossos honrados convidados. Rumail de Neskaya, sua presença aqui e suas ações no combate ao pior incêndio de muitos anos trouxe um novo significado à frase *S'dia shaya*. Você nos empresta graça.

Rumail acenou com a cabeça e respondeu formalmente.

— *S'dei par servu*. De minha parte, estou grato de ter feito o que podia. Meu irmão, Damian Deslucido, que possui a coroa de Ambervale e Linn, acredita que um grande poder acompanha ainda maiores responsabilidades. Não poderia oferecer menos do que todo o meu auxílio num momento de tal necessidade. Como meu irmão, acredito que com o dom do *laran* confere a obrigação de ser útil. Na verdade, há quem diga que virá um tempo em que aqueles nas Torres dedicarão seus talentos apenas para a paz e nunca para a guerra.

— A guerra é terrível o suficiente quando travada com espada e flecha — disse Beltran Leynier, entristecido. — Mas nenhum homem pode enfrentar essas armas demoníacas a menos que ele também as comande.

Padraic contara a Coryn a história de como seu irmão mais velho, que teria sido herdeiro de Verdanta, fora morto na última batalha contra os Storns de Callarma. Seus tios, os dois irmãos sobreviventes de Beltran, haviam morrido em uma emboscada que sucedera sob uma pretensa negociação de trégua. Tão certo quanto a neve no próximo inverno, seu pai tinha razão. Nem Callarma, nem Alto Kinnally, nem ninguém, ousaria desafiar Verdanta à face de armas de *laran* superiores.

Depois de uma breve pausa, Rumail prosseguiu, a voz mudando para uma cadência

melíflua e formal.

— Em nome de Damian Deslucido, o Invencível, Rei de Ambervale e Linn, transmito a vocês as mais sinceras felicitações e saudações. Ele envia esses presentes como símbolo de seu grande apreço.

Padraic, fazendo seu papel de *coridom*, entregou à Rumail um embrulho com a largura do antebraço de um homem e metade de sua altura, embalado em um pano tingido de um azul intenso e ostentando o brilho de uma cara seda de teia de aranha. Rumail arrancou o embrulho e o tecido iridescente caiu, revelando uma caixa de cobre batido. Murmúrios soaram em volta da mesa à visão de tal riqueza, pois o cobre era o mais precioso de todos os raros metais de Darkover.

Com um único movimento rápido, Rumail entornou a caixa, abrindo-a, para revelar uma cascata de temperos embalados, compridas rendas bordadas de Dalereuth, cordões de pérolas de Temora e uma magnífica pedra de âmbar polida cravada na figura de um leopardo. Margarida, que adorava coisas belas, bateu palmas em alegria, como fez também a esposa de Eddard.

Lorde Leynier, evidentemente atônito, ofereceu agradecimentos em linguagem formal equivalente. Rumail se aproximou para apresentar sua missão primária, a qual todos na mesa já conheciam: a oferta de casamento do herdeiro do Rei Damian, o Príncipe Belisar, para uma filha de Leynier. O que ele não disse em voz alta, mas todos já sabiam, era que esse casamento dependia da habilidade da garota em gerar crianças com um *laran* excepcional. Quando a primeira proposta chegara, Tessa, a única filha em idade para se casar, ficou indignada.

— Eu não serei uma *barragana* para os malditos esquemas de procriação de nenhum homem! — ela disse, com uma incomum demonstração de raiva, pois ela normalmente era a mais convencional das garotas.

— É um casamento honrado *di catenas* — corrigiu o pai — e não uma barganha injusta. — Embora tivesse o poder para forçar o casamento, ele raramente usava a autoridade quando seus filhos ficavam sinceramente contrariados. — Você barganharia sua contribuição para a linhagem real em troca de uma vida de conforto e relativa segurança.

A esposa de há menos de um ano de Eddard, agora visivelmente grávida, havia trazido para o casamento um temperamento doce e um dote de noiva de uma excelente terra de lavoura. Sua condição a havia mantido longe do acampamento de incêndio, mas era apenas uma questão de tempo para que ela assumisse o papel de Lady de Verdanta. Tessa mais cedo ou mais tarde teria de se casar para encontrar uma família própria.

— Você seria Rainha — recordou Coryn. Parecia ser um papel bastante grandioso.

— Ninguém está pedindo para você... — exclamou Tessa, corando violentamente.

— Casamos onde devemos e não onde desejamos — disse Beltran. — O amor entre um homem e sua esposa vem com o tempo, ou não, de acordo com a vontade dos deuses. Por enquanto devemos fazer o que podemos pela família, pois nada é mais forte do que os laços de sangue.

Ele não pronunciou o pensamento que povoava a mente de todos: que alianças que não eram concretizadas por um casamento bem sucedido por vezes se provavam sem valor. O valor de tal união falava por si mesmo, em nome das propriedades menores agora leais ao Rei Damian.

No final, a raiva apaziguada, Tessa disse que se casaria com o tal Belisar, como era seu dever. Isto é, se ele fosse gentil e tivesse uma aparência tolerável.

— Você tem muitas filhas — disse Rumail, os olhos passando de Tessa, de uma beleza sóbria e aprumada com os cabelos enrolados à altura de seu pescoço, presos por uma travessa de prata em formato de borboleta, para Margarida, com suas sardas e nariz arrebitado, vestida em um avental que ela mesma havia bordado e depois, por um instante,

ergueu os olhos na direção da galeria de onde Kristlin observava juntamente com as outras crianças mais jovens. — Meu irmão solicita permissão para que eu examine todas elas, a fim de determinar a força e adequação do *laran* de cada garota.

Coryn lançou um olhar rápido para Margarida. Ela mantinha os olhos abaixados, mas ele pôde percebê-la pestanejar, consternada. Ela mal tinha quatorze anos...

— Eu havia presumido que o teste seria apenas para Tessa. — disse Beltran, franzindo o cenho. — Pois ela é não apenas a mais velha, mas também a que está na idade mais conveniente para se casar.

A expressão de Rumail continuou branda enquanto ele dizia:

— Mas a idade mais conveniente pode não ser o casamento mais conveniente. Vamos pelo menos resolver a questão do potencial de *laran* de cada garota antes de prosseguirmos com as negociações.

— Se é realmente necessário, você está livre para examiná-las de qualquer modo que seja adequado a uma donzela e um homem solteiro que não é seu parente. — disse Beltran, com um quê de contrariedade em sua voz.

— É necessário — disse Rumail. — O *laran* pode permanecer latente, ou ser bloqueado, ou simplesmente permanecer como um potencial para a geração seguinte — Coryn percebia, pela mudança na voz do homem, que agora ele falava com a autoridade de um *laranzu* treinado. — Eu lhe asseguro, o que farei de maneira alguma comprometerá a honra de sua filha, nem haverá nenhuma dor. E você, *damisela* Margarida, pode estar acompanhada de sua ama se desejar.

Margarida ergueu os olhos e disse, entusiasmada:

— Eu não preciso mais de ama, *vai dom*.

— *Dom* Beltran — prosseguiu Rumail, inclinando-se um pouco para frente — não é minha missão testar seus filhos, mas gostaria de ter permissão para examinar o jovem Coryn. Acredito que ele também possa ter o *donas*, o dom.

Beltran acedeu e gesticulou para que as mesas fossem limpas e que os entretenimentos da noite comesçassem. Tessa tocava a *rryl* muito bem e tinha uma voz doce e suave. Petro, que não tinha habilidade para cantar, a acompanhava com um tambor no colo e Margarida com uma pequena flauta de bambu.

Enquanto Coryn arrumava uma cadeira acolchoada para Tessa, sentiu os olhos de *Dom* Rumail sobre si. Um pequeno arrepio subiu em sua espinha. Talvez essa percepção fosse algum um tipo de *laran*. Algum dia, quem sabe, ele fosse capaz de pilotar um planador com sua pedra-da-estrela. Imagens de um vôo ascendente, olhando para baixo na direção da floresta e campina, na altura de uma águia, agitaram-se em seu interior. Ardentemente, ele rezou para Aldones que isso pudesse ser verdade.

Dom Rumail recebeu permissão para realizar seus testes na pequena câmara em que se penduravam os lençóis para secar durante o inverno. Durante toda a manhã seguinte, ele examinou as garotas, a começar por Tessa. Coryn não a vira até aquela noite, pois Eddard o mandara inspecionar as terras fronteiriças ao redor do incêndio, à procura de brasas enterradas mais profundamente. O jantar foi informal, como era comum em dias de trabalho, com tortas de carne quentes, queijos de leite de *chervine* envelhecidos e barras de frutas secas, pães de nozes e tigelas de grãos de aveia com molho de condimentos servidos na cozinha. Coryn encontrou as duas garotas mais jovens e Petro ali, conversando.

— Foi como... — Margarida levantou suas mãos em um gesto hesitante — ... como dançar em uma nuvem.

— Você quer dizer que ele fez você dormir? — disse Petro, com uma expressão zangada. — O quê há de tão magnífico nisso?

— Está com inveja por que foi deixado de fora — disse Coryn.

— Não estou, não — disse Petro. — Só não quero nenhum velho mago remexendo em minha mente. Quem sabe o que fará quando estiver lá dentro? Pode ler seus pensamentos. . . todos os seus segredinhos sórdidos. O que faria se todos soubessem sobre a vez em que botou fogo na escova de cabelos de Tessa e depois a jogou na latrina?

Coryn deu um soco no ombro de Petro enquanto Kristlin ria.

— Então foi isso o que aconteceu? Ela ficou louca como o burro de Durraman durante uns dez dias, pensando que a havia perdido.

Antes que Kristlin pudesse perguntar como exatamente Coryn havia colocado fogo na escova de cabelos, Margarida disse:

— Foi muito bom, o que *Dom Rumail* fez. De uma maneira nebulosa.

— Bem, eu não gostei — disse Kristlin, fazendo beijo. Ela franziu a testa, consternada. — Pareceu. . . Eu não sei, como o som de uma cobra rastejando em folhas secas.

— Você? O que você sabe? — Coryn sorriu. — Você ainda nem tem uma pedra-da-estrela. É apenas uma garotinha, andando por aí em culotes de garoto... de quem eles eram, afinal? De *Domenic*? — ele zombou, incapaz de resistir à tentação de caçoar dela.

— Por que se importa, contanto que não fossem seus? — ela disse, e saiu correndo quando ele ameaçou lhe fazer cócegas.

Um dos servos da casa apareceu e disse que, se Mestre Coryn já tivesse terminado de comer, não poderia fazer o favor de ir ter com *Dom Rumail*? Com um formigamento de excitação dançando em seu estômago, Coryn se encaminhou para a sala dos lençóis. O ar tinha um cheiro leve de cedro e capim dourado, usado para amaciar os lençóis e afastar as traças. Uma grande quantidade de velas enchia o pequeno aposento com uma luz suave. Rumail estava sentado em um banquinho, as mãos frouxamente cruzadas em seu colo. Cobertores dobrados forravam uma mesa baixa e formavam um travesseiro.

— Devo me deitar? — indagou Coryn.

— Ainda não, jovem mestre. Tenho algumas perguntas para lhe fazer. Já estudei sua linhagem, portanto não precisamos abordar esse assunto. Há quanto tempo tem sofrido ataques de tontura e desorientação? A náusea prejudica a sua alimentação? Você tem perturbações visuais, em que as coisas não têm a forma ou as cores certas ou não se firmam?

— Eu não... — Coryn mordeu o lábio. Ele pensava ter conseguido disfarçar perfeitamente sua fraqueza. Eddard não havia percebido nada nas linhas de fogo, ou então considerou inadequado mencioná-lo. — É o nervosismo, só isso. Não tem nada a ver com... ora, nada. — Mas, até para seus próprios ouvidos, ele não pareceu convincente.

— Isso tem muita coisa a ver com o despertar do *laran* — Agora uma certeza determinada ressonava na voz de *Dom Rumail*. Coryn sentiu algo sombriamente poderoso emanar do *laranzu*. — Mas não é algo para se envergonhar ou se negligenciar. Estes são os sintomas da doença do limiar, que normalmente surge quando a força do *laran* desperta na puberdade. Geralmente, quanto mais forte a doença, mais poderoso é o *laran*.

— Q-quer dizer que eu realmente o possuo? — exclamou Coryn. A ansiedade estremecia ao longo de seus nervos. — O *Laran*?

— É bem possível, *chiyu*. Estamos aqui para descobrir. Conte-me, o que acontece quando olha para dentro de sua pedra-da-estrela? Exponha-a e me mostre.

Coryn desembulhou a pedra, os olhos repousando na luz azul bruxuleante em seu interior. Ele experimentara a curiosa sensação de estar caindo lá dentro, cada vez mais fundo. Depois de alguns momentos, a sensação de tontura que agora lhe era nauseantemente familiar abateu-se sobre ele. Sentiu um nó no estômago e começou a suar frio.

— Chega! Desvie os olhos imediatamente!

Os dedos de Coryn tremiam enquanto tornava a guardar a pedra-da-estrela dentro de sua bolsa de seda. Hesitante, ele respondeu as indagações de Rumail a respeito dos sintomas

que, admitiu, vinham ficando cada vez piores nesta última estação.

— É muito ruim, essa tal doença do limiar?

— Pode se tornar, se não for tratada — disse *Dom Rumail*. — Eu já vi jovens entrarem na Torre em casos bem piores do que o seu e alcançarem a plenitude de seus talentos.

— O que... o que eu devo fazer?

— Neste momento, apenas se deitar e relaxar o máximo que puder. Deixe o resto comigo.

Quando Coryn se deitou na bancada acolchoada, a tontura se intensificou. Fechando os olhos como lhe foi ordenado, sentiu o toque da ponta de um dedo em sua testa. O mundo se firmou. Pouco depois, sentiu um calor no fundo do estômago, rastejando para sua espinha. Seus braços e pernas ficaram pesados e depois leves. Parecia estar flutuando em uma nuvem transparente e iluminada. Seus músculos se derretiam como se ele estivesse imerso em uma fonte quente, como a que Eddard havia descoberto na Montanha Nebulosa. Pensamentos vagueavam prazerosamente através de sua mente, tão insubstanciais quanto fantasmas. Não é de admirar que Margarida tivesse gostado disso, pois ela tinha uma tendência a sonhar acordada.

Uma ou duas vezes, Coryn se tornava ciente do som da voz de Rumail, embora não conseguisse discernir nenhuma palavra. Outras vezes, também, era como se o interior de seu crânio tivesse se transformado no seu quarto e houvesse outra pessoa se movendo ali. Homem ou mulher, ele não podia diferenciar, sob a camada de cinza indistinto. Sentia apenas uma vaga indiferença e nenhuma sensação de intrusão.

O visitante pairou pelo quarto, pegou um pente cravado de conchas da prateleira; puxou um fio de cabelo acobreado de seus dentes e colocou o cabelo em um bolso invisível. Então se inclinou para abrir o baú aos pés da cama de Coryn.

Coryn observou, agora com a vantagem de sua cabeça sobre seu próprio travesseiro, enquanto o visitante retirava várias peças de roupa, uma após a outra... sua túnica de feriado feita com o linho das Cidades Secas, seu melhor manto de inverno de lã azul decorado com pele de leopardo-das-nuvens, camisas e calças de couro flexível tingido de vermelho que pertenceram à Eddard e não lhe serviam mais, um punhal com a ponta quebrada, uma caixa de madeira-sabão gravada com as suas iniciais e cheia de coisas da infância, toscas opalado-rio em uma bolsa costurada por Tessa pelo seu sexto aniversário, um cavalo de pau com seu cavaleiro, um lenço adornado com cerejas que havia pertencido à sua falecida mãe.

O visitante cuidadosamente dobrou e guardou todos os itens, exceto o punhal e o lenço.

O que essa pessoa queria dele, com as coisas que pegou, o cabelo, o punhal e o lenço? Coryn só podia observar em terrível fascinação enquanto o visitante esticava o lenço em seu peito, acima de seu coração, e colocava o cabelo enrolado no centro.

A figura ergueu as mãos para a cabeça encapuzada e, com um puxão brusco, arrancou um de seus próprios cabelos. Enrolou-o junto com o cabelo de Coryn e guardou-os no lenço.

Isso não está certo, não pode estar certo! Coryn tentou se mover, virar a cabeça, gritar bem alto. *Dom Rumail, me ajude!* Mas sua voz e corpo permaneceram presos, como se encerrados em um cubo de gelo.

O visitante sem rosto pegou o punhal e segurou-o acima da barriga de Coryn. Uma luz cintilou na ponta, agora inteira e bem afiada; a parte quebrada estava agora completa por um vidro azul que irradiava um estranho brilho interior.

Coryn olhou em volta assustado, procurando alguma coisa que pudesse usar para se defender. Em um instante, ele não estava mais em seu quarto. Um vasto vazio cinzento, mais árido do que tudo que era capaz de imaginar, estendia-se infinitamente em todas as direções. Ele não sentia calor nem frio, nem qualquer substância embaixo de si. Lá em cima estendia-

se um céu igualmente informe, de um cinza mais claro e imutável, até aonde ele podia ver. O espaço se encontrava vazio, exceto por ele mesmo e o visitante de capuz cinzento.

A ponta do punhal penetrou seu corpo com nada mais que uma alfinetada de dor. Sentiu-o perfurar em sua pele, seus músculos, atingir a sua coluna e ir ainda mais fundo. Naquele instante percebeu que isso não o mataria, contudo cada nervo, cada fibra de seu corpo, rebelou-se. Com essa nova habilidade, ele sentiu uma incorreção indescritível. Sua visão ficou branca.

Girando e retalhando, o punhal abriu sua barriga. Ele não conseguia ver, mas sentiu alguma coisa sendo depositada em suas profundezas.

O lenço! Com meu cabelo. . . e de quem? Por quê? Por quê?

Fragmentos de pensamento e memória giraram à sua volta, como se ele tivesse sido pego em uma chuva de brasas de uma árvore-de-resina explodindo. Alguma coisa bem no fundo de seu ser soltou-se de suas raízes.

Coryn gritou sem nenhum som e tentou se esquivar. Qualquer coisa, qualquer coisa para escapar, para não sentir essa terrível incorreção violenta. Ele projetou-se de um lado para outro, cego de desespero.

Um corredor apareceu de repente à sua frente. Ele correu em sua direção. As paredes se fechavam à sua volta, cercando-o por todos os lados. Um macio cobertor cinza o envolveu, enquanto ele se juntava com as substâncias da parede. Enfim, estava salvo. Se não conseguia sair, então nada nem ninguém poderia entrar. Ninguém poderia alcançá-lo.

No instante seguinte, o punhal havia sumido. Mãos juntavam as beiradas de seu ferimento. Um calor sobrenatural percorreu o corte, unindo as partes. Respirou fundo, trêmulo. Não havia dor. Por um longo momento após o outro, não havia nada exceto sua própria respiração. Silêncio e entorpecimento banhavam-no

De uma forma abstrata e distante, ele sentiu as mãos recuarem. Em um corpo que não mais lhe pertencia, as torrentes ardentes definharam à frieza.

A figura encapuzada se inclinava próximo a ele, até que um hálito sussurrou em sua face.

— Você não dirá nada sobre isso. Nada.

NADA. . . NADA. . .

Então a escuridão verdadeira se apossou dele.

Três

Um sol brilhante despertou Coryn no dia seguinte. Ele abriu as pálpebras pesadas e estudou a inclinação da luz. Já devia ter passado do meio da manhã. Por que dormira até tão tarde?

Ele soergueu-se em um cotovelo e especulou por um breve instante se não estivera de cama com a febre dos pulmões, que já havia tido quando tinha seis anos. Sua boca se encontrada revestida de amargas teias de aranhas. Ele estava aonde deveria estar, em seu próprio quarto com a mesma parede de pedra lisa cinza-rosada com as mesmas tapeçarias antigas dos lendários Hastur e Cassilda penduradas. Ruella, sua velha ama, dissera que foram tecidas pela sua tia-avó Ysabet, que nunca havia se casado e viveu até os noventa e dois anos, anos suficientes para suprir um castelo duas vezes maior do que esse com tapeçarias.

Estava deitado em sua própria cama familiar, com o emblema Leynier do gamo correndo gravado na cabeceira, vestindo sua camisola. Contudo... ele não se lembrava de como chegara ali.

Alguém havia trazido uma mesa dobrável com uma bandeja de frutas e pão seco, uma tigela com dois ovos marrons, e uma caneca de água morna temperada com ervas medicinais. Desconfiou que era obra de Tessa, devido ao sabor amargo da água. Ela pensara que esse era o tipo de coisa saudável que se deveria dar a alguém que havia estado doente na noite passada...

A noite passada!

Coryn apressou-se em verificar a barriga. Quando puxou a camisola, não viu nenhum sinal de uma cicatriz. Tocou apenas em pele inteira e saudável. Teria sido tudo um sonho? A planície cinzenta informe, o intruso...

Ele correu pelo quarto em busca do baú de madeira escura. Ele se ajoelhou, ansioso, e abriu a tampa. Tirou dali um item familiar atrás do outro. Sim, lá estava o manto, a camisa do festival. Seus dedos tocaram um metal duro: o punhal. A ponta estava cega como sempre, uma lâmina supostamente segura o suficiente para que um menino treinasse com ela.

Coryn fuçou o baú até encontrar a caixa de madeira-sabão. A bolsa de opalas-do-rio estava ali, bem como os brinquedos de madeira, mas não havia nenhum lenço.

O estômago de Coryn mergulhou como uma pedra. Ele começou a estremecer, calafrios nos ossos como os que acometem um homem apanhado em um frio mortal.

Suas mãos se moveram com vontade própria, empurrando para o lado o restante do conteúdo do baú. Ele retirou a correia da rédea de seu primeiro pônei, enrolada em um retalho do cobertor do animal, a veste de couro carmesim amaciado pelo uso que Eddard havia passado para ele. E ali, enfiado no canto mais afastado, um retalho branco. . .

Ele retirou o lenço com suas pequenas cerejas bordadas, alisando as dobras. O tecido, à princípio delicado, estava surrado ao ponto da transparência em alguns lugares, dando-lhe o peso e a sensação de gaze. Onde estava com a cabeça para amarrotá-lo tão descuidadamente?

Não importa, ele estava ali. Estava tudo ali. O pesadelo da noite passada havia sido exatamente isso, uma visão febril nascida de muito vinho após a tensão de tantos dias nas linhas de fogo. Também estava sofrendo da doença do limiar, era assim como *Dom* Rumail a chamara. Não é de se admirar que tivesse pesadelos. Agora, com o lenço seguro em suas mãos, tudo fazia sentido.

Uma batida soou em sua porta, mais um como um rato arranhando do que uma batida de verdade. Ele enfiou o lenço dentro da caixa de madeira-sabão e se levantou, cambaleando,

coração batendo a uma velocidade incontável, no instante mesmo enquanto a porta se abria. Kristlin enfiou a cabeça para dentro.

— Espere até eu dizer para entrar!

Coryn enrubesceu, agudamente ciente de que estava parado ali de camisola com as pernas nuas até o joelho. Então viu o rosto da garota e se interrompeu.

O rosto de Kristlin estava pálido como leite, exceto por duas manchas de uma cor vívida e o vermelho em volta dos olhos inchados. Hoje, como estava desde o incêndio, ela vestia culotes de garoto, dessa vez razoavelmente limpos, remendados nos joelhos e no assento, e uma camisa duas vezes maior que o seu tamanho. Ela soluçou e se atirou nos braços de Coryn.

Ele fez com que ela sentasse na cama.

— Qual é o problema, *chiya*? O que houve?

— Não! Não! Eu não quero ir! — Suas palavras se dissolveram em soluços. Ela enterrou o rosto em seu peito.

— Ninguém a forçará a nada... — Suas palavras soaram vazias para seus próprios ouvidos.

— Papai disse que eu tenho que... que... ir embora. Para Ambervale. — Ela se afastou dele, os olhos estalando com seu humor habitual. — Para me casar com aquele velho fedorento do Belisar! Eu disse a papai que jamais queria me casar! Com ninguém!

Coryn sentou, desconcertado. Logo agora que as coisas começavam a fazer sentido, o mundo tornava a desabar. Kristlin, sua irmã caçula, esposa do herdeiro do Rei Damian Deslucido? Ela deve ter entendido errado. Sem dúvida devia ser Tessa, que tinha idade o suficiente para se casar e a aparência de uma Rainha, ou mesmo Margarida, que tinha reclamado tanto das erupções que a pedra-da-estrela lhe causava... esse sem dúvida era um indício de que ela possuía *laran*. Mas Kristlin?

— Deve haver algum engano. Deixe-me vestir-me e falarei com o Pai. Vamos resolver isso, você vai ver...

Ele se desvencilhou dos braços dela. Quando ficou de pé, seus joelhos ameaçaram ceder. Ele apoiou uma mão na cama, pestanejando para dissipar um cinza súbito.

— Acho melhor você tomar o desjejum primeiro — disse Kristlin com uma de suas quixotescas mudanças de humor. Era evidente que havia concluído que o assunto estava resolvido, agora que seu irmão favorito tomara o seu partido. — Você dormiu o dia inteiro ontem, preguiçoso.

— Como é que é?

— Deixe-me ver — ela contou nos dedos — faz dois dias que *Dom* Rumail testou você e disse para colocá-lo na cama, por que você estava tendo uma crise da doença do limiar, e no dia seguinte você não acordou, então ele lhe deu um pouco de *kiri... kirian*, ou sei lá o que, algo para ajudá-lo, e não permitiu que nenhum de nós experimentasse, nem mesmo Margarida, e ela estava doida, por que disse que sentia náuseas tão ruins quanto as suas, e então Tessa bancou a mandona e disse que você precisaria de algo para comer quando acordasse, portanto eu trouxe isso para você. — Ela entrelaçou as mãos em seu colo. — Se você não estiver com fome, eu posso comer seus ovos?

Coryn pensou que, se tivesse que agüentar mais algumas de suas tagarelices, ele próprio a mandaria para Belisar, mas ela o alegrava bastante. Devorou todo o desjejum. Estava tudo delicioso, até o queijo coalhado de *chervine*.

A comida firmou seu estômago. Ele colocou as botas e a camisa e as calças mais limpas que pôde encontrar, e saiu à procura de seu pai.

Coryn se encaminhou para a torre leste, aonde Lorde Leynier se encontrava com Padraic para resolver os cálculos da propriedade e conduzir outros negócios logo de manhã. A sala assemelhava-se a uma estufa com suas janelas de vidros grossos ao longo da parede

externa curvada, iluminada até nas manhãs chuvosas de inverno. Quando era um garoto pequeno, Coryn adorava se sentar no chão de pinheiro e brincar enquanto seu pai trabalhava. Ele havia até entrado escondido umas ou duas vezes sozinho, mesmo sendo expressamente proibido, até que um dia Petro fora pego fazendo a mesma coisa e passou uma semana esfregando as latrinas.

Petro tinha um talento para se meter em encrencas, não tanto pelo que ele fazia, mas como ele sempre discutia que estava certo e aquilo era necessário quando era pego. Às vezes ele até convencia seu pai, ou ao menos o entretia o bastante para receber uma punição mais leve, o que apenas o encorajava. Se fosse Coryn quem tivesse sido pego na torre leste, passaria um mês nas latrinas, não apenas uma semana.

Coryn parou na pequena ante-sala e levantou a mão para bater na porta interna. Vozes chegaram até ele, seu pai falando o nome de uma Torre. *Neskaya*.

— ... para o bem da saúde e sanidade do garoto — soou uma voz de baixo. *Dom Rumail*. — ... deverá... sem demora...

Coryn prendeu a respiração no silêncio que se seguiu. Acima das batidas de seu coração, ele ouviu as palavras calmas de seu pai, *sentindo* o medo e amor por trás delas.

— Você tem certeza que Coryn está em risco? Que mandá-lo para uma Torre é sua única esperança?

— Nada é certo senão a morte e a neve do próximo inverno — o *laranzu* replicou, sua voz ficando mais forte. — Mas isso eu posso jurar a você, *vai dom*. Em muitos anos, eu nunca tinha visto uma criança sofrer de uma doença do limiar tão severa... — sua voz se abaixou, as palavras abafadas. — ... sem cuidado profissional. Talvez, se ele tivesse sido ensinado mais cedo por uma *leronis* da família. . .

As palavras de Rumail se extinguíram e o silêncio se estendeu. As mãos de Coryn doíam pela tensão de manter os pulsos cerrados. Sua mente pulava e disparava de um pensamento para outro: a promessa que fizera a Kristlin, a vaga inquietação da noite anterior que mesmo agora se agitava novamente, e agora essas notícias, de que ele também seria mandado para longe... que ele tinha *laran*... Incapaz de se conter por mais tempo, Coryn bateu na porta, assustando-se pela altura do som. Ao comando de seu pai, ele levantou a tranca e entrou. A cena era exatamente o que esperava: seu pai sentado atrás da grande escrivaninha de madeira, *Dom Rumail* em uma cadeira acolchoada.

— Ah! Aí está você! — seu pai gesticulou para que Coryn entrasse, como se ele estivesse sendo esperado.

Coryn sentou em um banquinho simples, enxugando as palmas úmidas nas coxas de suas calças. Manteve seus olhos fixos nos de seu pai. Não queria olhar para *Dom Rumail*.

— É sobre Kristlin — ele começou. Suas palavras escapavam enquanto ele tropeçava na história da menina.

— Ela é de fato a que revelou a maior força para as qualidades de *laran* que o Rei Damian está procurando em uma aliança — Beltran disse gravemente. Suas sobrancelhas, pretas com pontas grisalhas, se juntaram brevemente. — Portanto a proposta de casamento é para ela.

— Mas ela tem apenas... — ... *oito anos*! Coryn engoliu suas palavras, sentindo a angústia de seu pai. Ele não precisava ser lembrado de como Verdanta precisava desta aliança. Não fazia muito tempo que crianças até menores do que Kristlin eram forçadas a se unirem a fim de procriar novas forças exóticas de *laran*.

— *Dom Rumail* garante que o casamento não será consumado até Kristlin atingir a idade necessária, o que não acontecerá por alguns anos — disse Beltran. — Hoje ela será entregue em noivado por procuração e o contrato será assinado, nada mais.

Coryn percebeu o sentido do pensamento de seu pai: *Um noivado não é um casamento. Rezo que ele dure até que a aliança seja irrevogável.*

— Ela... não tenho certeza se ela entende isso, pai — disse Coryn.

— Com o tempo, ela entenderá — disse seu pai. — Se as coisas fossem diferentes, eu faria o possível para conseguir um bom casamento com alguma outra pessoa para ela. Ela teria que deixar sua própria casa pela de seu marido. As coisas são assim neste mundo. Deste modo, esse é o melhor acordo que ela jamais poderia esperar. Com uma futura Rainha como irmã, as outras garotas ficarão em uma melhor situação para seus próprios casamentos, de modo que todos se beneficiarão com o acordo.

Rumail virou-se e Coryn não pôde evitar seu olhar.

— E eu... tenho que ir para uma Torre? — ele colocou como uma pergunta, embora já soubesse a resposta.

— Suponho que já ouviu uma palavra ou duas enquanto esperava lá fora — disse seu pai. Um canto de sua boca repuxava-se para cima, como acontecia quando tentava não sorrir. — *Dom* Rumail já lhe disse que é bem capaz de você ser dotado de *laran*...

— Não “é bem capaz” — interrompeu Rumail, com um tom em sua voz que denotava seus anos como autoridade numa Torre. — ele possuiu um dom poderoso. Não devemos perdê-lo, ou a ele.

Beltran continuou sem perder tempo.

— ... e que pela sua própria saúde, você necessita de cuidados de gente que sabe como tratar a doença do limiar, como ensinar-lhe a usar seu *laran*. Se você realmente não quiser sair de casa — continuou, ignorando o cenho franzido de Rumail — pode ser possível arranjar que alguém de Neskaya ou Tramontana venha para cá.

— Eu quero ir para uma Torre! — exclamou Coryn. Sua voz tremia, mas talvez apenas ele tenha percebido. *Mas não para Neskaya*. Ele não sabia nada sobre a Torre, apenas que era aonde Rumail servia. Ele se desviou inquieto do olhar fixo do *laranzu*.

— Acho que pode considerar isso como mais uma aventura. — seu pai disse, suspirando. — E eu prefiro que seja por sua própria vontade. Quando você bateu na porta, estávamos justamente discutindo o assunto de qual Torre.

— Eu estou, é claro, mais familiarizado com Neskaya — disse Rumail. — Os operadores são altamente capacitados, e possuem grandes telas de matriz capazes de quase qualquer trabalho de *laran* que se possa imaginar. Mas quando parti, várias novas concessões requeriam suas atenções combinadas. Com essas prioridades, eles já têm todos os jovens que são capazes de treinar adequadamente. Eu não estou retornando diretamente para lá, então não poderia escoltar Mestre Coryn de qualquer modo. Mas Tramontana é bem qualificada para começar seu treinamento. Ficarei feliz em providenciar isso.

Tramontana... Um alívio, como uma brisa fresca na calmaria de uma noite abafada de verão, passou através de Coryn.

— Sim, faz sentido. — Beltran concordou com a cabeça. — Para chegar lá, é preciso pegar o caminho mais longo, para evitar cruzar as terras de Alto Kinnally, mas o clima está ameno, portanto não há problema. Além disso, temos parentes distantes em Tramontana, e será bom para cimentar esses laços, para a próxima estação de incêndios.

— Quando tiver aprendido a usar meus poderes, eu convocarei planadores das Torres e seus produtos químicos. — disse Coryn. — Não precisaremos mais da ajuda de forasteiros.

Rumail olhou severamente para ele, mas Beltran disfarçou e disse:

— É verdade, se você ainda quiser retornar depois de ver a grandeza do mundo. Agora, vá e encontre sua irmãzinha, para podermos explicar-lhe que não terá que deixar a casa por enquanto.

As portas haviam sido abertas para a noite quente de verão. Coryn permaneceu no limiar, olhando para o pátio vazio e se perguntando quando iria vê-lo novamente. Parecia ter sido há séculos atrás que havia assistido à frenética atividade dos combatentes ao fogo. Ali

Padraic havia gritado as ordens que lhe cabiam, e ali Kristlin havia caído, quase sendo pisoteada pelo garanhão rebelde de Beltran.

Kristlin...

Ele mal a reconheceu quando ela desceu as escadas para a cerimônia de noivado, em um vestido que ondulava enquanto ela andava, enfeitado com um laço marfim na altura do pescoço e com uma fita combinando amarrada em sua cintura estreita. Ruella havia escovado seu cabelo rebelde até que parecesse com bronze polido. Ao final, Kristlin parecia como a criança que era, embora uma bela criança. Ninguém poderia racionalmente declarar que ela era velha o suficiente para se casar.

Tessa havia colocado seu vestido bom, o mesmo do banquete depois do incêndio, mas não usava jóias, parecendo mais como uma jovem matrona do que com uma ainda apresentável *damisela*. Margarida praticamente ria de alívio por não ter sido a escolhida. Ela usava seus cabelos em tranças infantis sobre uma bata que ela mesma havia bordado com seus próprios desenhos de borboletas e flores.

Diferente da celebração anterior, haveria pouca alegria depois do ritual simples do contrato. Petro desapareceu em um dos seus humores negros e Tessa se recusou a cantar sem ele, exigindo uma voz delicada. A esposa de Eddard se desculpou indo para cama cedo. Mesmo ela não tendo reclamado, sua pele estava pálida com a fadiga de sua gravidez. Coryn se preocupou se Kristlin se importaria, mas ela pareceu mais feliz por ver a coisa toda acabar.

— Irmão... — Ela se aproximou tão silenciosamente que ele não a ouviu. — Você está triste?

Ele balançou a cabeça, alarmado. Ela havia sentido sua preocupação?

— Não triste, apenas... apenas querendo me lembrar disso. — Ele abriu os braços, abrangendo o pátio, as terras da propriedade, as montanhas com suas florestas e lagos selvagens além.

Ele a abraçou com força, sentindo seus braços magros firmes em torno dele.

Eu sentirei sua falta. As palavras se formaram em sua mente, mas não podia ter certeza de quem as havia dito. Em seus caminhos separados, ambos estavam dizendo adeus à infância. Ela permaneceria em casa por mais alguns anos e então assumiria seu lugar como a esposa *di catenas* de um rei, talvez mãe de reis ainda melhores. Seu caminho o levava para uma Torre, para Tramontana, para os segredos da pedra-da-estrela e *fogo aderente* e coisas que ainda não podia imaginar. Ele estremeceu, se perguntando se a veria novamente.

Quatro

Coryn teria preferido partir para Tramontana sem tomar o desjejum nem se despedir, mas *Dom* Rumail partiu no mesmo dia, de modo que a família ficou a metade da noite preparando uma refeição elaborada incomum; tudo, desde maçãs com canela até gordas linguiças. Ele havia comido bem mais do que desejava, mais por que Rumail ficava passando-lhe o sermão de que a perda do apetite era um dos sinais de advertência da doença do limiar. Ele teria preferido Tessa lhe importunando com suas ervas.

Então, quando estavam no estábulo, Beltran fez mais um discurso de agradecimento a Rumail, e depois mais outro pela atenção especial com Coryn. Coryn havia ouvido todas essas frases antes: "honra da família" e "comportamento honroso". Seu corpo não conseguia ficar parado, não importa o quanto tentasse. Queria ir embora, para as aventuras que estariam esperando por ele.

Kristlin sentara em seu lugar habitual, tendo desafiado Ruella e vestido uma velha bata e saia. Seus olhos estavam vermelhos e ela fungava. Rumail pegou sua pequena mão nas suas e disse:

— Que a ligação dessas crianças unam nossas terras em eterna boa vontade e prosperidade. Que essa união possa ser um presságio de um novo mundo, um mundo em que os irmãos não mais façam guerra entre si, mas vivam juntos sob um Rei, todos obedecendo ao mesmo governo justo.

— Paz e felicidade para nossas crianças e seus filhos é nosso mais precioso desejo — replicou Beltran.

— A questão é — Petro murmurou enquanto deixavam a mesa. — qual Rei e a versão de justiça de quem?

Coryn, o estômago revirando com a comida pesada, se virou para o irmão. Eles estavam um pouco afastados dos outros e falavam em voz baixa. Normalmente ele prestava pouca atenção às divagações de Petro, mas agora perguntou:

— Você quer dizer que o Rei Damian — ou *Dom* Rumail — seriam... seriam... — Ele não conseguia pronunciar as palavras, *seriam tiranos*? Ele sabia pouco sobre o Rei Damian Deslucido, mas Rumail o enchia com uma inquietação que não podia por em palavras.

— Eu não sei — respondeu Petro. — *Dom* Rumail tem sido um bom amigo para nós e não sei de nada contra Damian. Minhas objeções se aplicam a qualquer Rei. Se alguém reina sobre tantas pessoas, então a quem ele responderia? Se um homem comum é tratado injustamente; se um fazendeiro morre de fome por causa de soldados reais que roubam sua safra ou um lenhador tem sua mão decepada por não se curvar depressa o suficiente para satisfazer o Rei, o que ele poderia fazer além de se levantar em armas? E aí quem impedirá que o Rei se volte contra seu próprio povo? Mas estes são pensamentos perigosos, irmãozinho. Mantenha-os para si mesmo. Prometa.

Coryn engoliu e acedeu, pensando em sua própria desconfiança informe a respeito de Rumail.

A reunião prosseguiu até o pátio, onde o cavalo de Rumail e seu animal de carga esperavam, ao lado do Dançarino castanho de Coryn, e o *chervine* carregado com tudo o que um jovem indo para uma Torre poderia querer, desde cobertores acolchoados até loção suavizante de baga-do-inverno, latas de figos açucarados e pedras de açúcar, até mesmo um conjunto de flautas de bambu para passar o tempo nas longas noites de inverno.

A escolta de Coryn, um domador de rebanho chamado Rafe, o Caolho, esperava ao lado de sua montaria. Ninguém sabia como ele havia perdido um olho, muito embora o outro parecesse tão pálido como se toda a cor houvesse se queimado por olhar muito tempo para o

sol. Coryn não conhecia bem o homem, mal havia trocado algumas frases com ele. Boatos no castelo diziam que Rafe havia sido um soldado mercenário em sua juventude e ele parecia capaz de enfrentar com uma só mão um pequeno exército. A faca comprida amarrada à coxa em uma bainha de couro surrada havia feito um amplo serviço.

Quando a última rodada de desejos de boa sorte e despedidas se encerrou, Rumail se inclinou para falar a Coryn.

— Se eu o alarmei com minha franqueza, foi para preveni-lo de subestimar sintomas sérios.

A aproximação de Rumail fez subir arrepios na espinha de Coryn. Com alívio, ele se virou para aceitar um último abraço de Margarida. Então caminhou na direção de Dançarino, pegando as rédeas para se preparar para montar.

Rumail o refreou com um único toque suave nas costas de seu pulso.

— Você está se sentindo melhor agora, posso ver. O *kirian* às vezes tem um efeito benéfico duradouro. Mas viajar, mesmo que por uns poucos dias, pode perturbar esse frágil equilíbrio.

Ele gesticulou para Rafe.

— Se o jovem mestre tornar a sentir qualquer sintoma da doença do limiar, você deve se certificar que ele coma bem e se mantenha aquecido. Se ele ficar desorientado... não saber onde está, não reconhecê-lo, parecer confuso, ou não conseguir comer... então deve lhe dar isto. — Rumail estendeu um pequeno frasco de vidro com um líquido incolor pela metade. Colocou-o em uma bolsa de couro revestido de lã e estendeu-a para Rafe. — Apenas uma colherada por vez. Se ele puder cavalgar, vá a toda velocidade para a Torre. Em nenhuma circunstância deve deixá-lo sozinho. Você entendeu?

Rafe guardou o frasco embrulhado em seu alforje sem dizer uma palavra, sua expressão tão vaga como sempre. Claramente, ele não precisava de nenhum mago forasteiro para ensinar-lhe seu dever.

Kristlin se atirou nos braços de Coryn. Dessa vez ele não tinha palavras de consolo para ela. Quando ele começou a se afastar, ela o soltou. Rumail se aproximou para afagar sua cabeça, mas ela recuou.

— Não me toque. — Kristlin ergueu o rosto, os olhos faiscando. — Não é você o meu esposo prometido, mas o Príncipe Belisar, que será o Rei.

— Contudo você deve ser educada com *Dom* Rumail, que será seu parente. — Tessa, que estava atrás, disse afetadamente. — E uma Rainha deve ser cortês com todos, especialmente um *laranzu* com grande poder.

— Quando Coryn voltar da Torre, o teremos, e não precisaremos de ninguém mais!

Tessa corou, gaguejando uma desculpa pelo comportamento de sua irmã mais nova. Rumail dispensou suas palavras, dizendo:

— Ela é apenas uma criança, já perdendo seu grande irmão. Deixo-a sob seu cuidado e tutela, *damisela*.

Coryn montou nas costas de Dançarino e deu um último aceno para seu pai. Enquanto se retirava do pátio, com Rafe à frente, Kristlin saiu correndo atrás dele. Ela agarrou-se em seu estribo.

— Eu levaria você comigo se pudesse, *chiya* — ele disse.

Seu lábio inferior tremeu, mas ela balançou a cabeça.

— Eu não quero ir para uma Torre, nem mesmo com você. Quero ficar aqui para sempre.

Por impulso, ele disse.

— No fundo de meu baú tem uma caixinha de madeira-sabão entalhada. Você a guardará para mim? Então, sempre que sentir minha falta, poderá segurá-la e saberá que estarei pensando em você.

Ela sorriu, concordou, e soltou o estribo. Sua mão se enfiou no bolso interno de sua blusa, onde o lenço de sua mãe estava enfiado em segurança. Enquanto o lenço estivesse seguro, ele também estaria.

Após um tempo Rafe ordenou uma parada para a refeição do meio-dia, sol e ar fresco combinados com o exercício de cavalgar para dissipar a náusea do pesado jejum. Ainda estavam nas terras de Verdanta, mas enquanto as horas passavam, a forma das colinas parecia cada vez menos familiar. A trilha passou por formações rochosas marcadas por cavernas, através de prados de gramados ressecados pelo sol, e abaixo vales vicejavam com samambaias e amoreiras. Eles pararam para deixar os cavalos beberem e descansarem ao lado de um córrego.

Coryn sentou em um tronco caído, colhendo cogumelos amarelados que cresciam em seu comprimento e mordiscou o último pedaço de seu pão-de-nozes com queijo. Antes essa estreita extensão de florestas havia sido larga e profunda, e diziam que homens das árvores perambulavam por ali, mas o rio se tornou um mero córrego e ninguém mais tem visto as esquivas criaturas desde que se tem memória. Talvez algum dia ele voltasse e procurasse por eles. *Não ficaria na Torre para sempre... ficaria?* Ele suspirou, se espreguiçando, e foi pegar outra maçã em seus alforjes.

— Você está com um bom apetite — disse Rafe.

— Sim, eu estou bem. — Coryn deu uma mordida em sua maçã. Era da colheita do último outono e havia perdido seu frescor. Havia procurado pela hora certa de falar por toda a manhã. — Rafe... você é um homem de meu pai, não é, e não de Dom Rumail?

A boca do velho soldado se esticou nos cantos. Coryn havia suposto corretamente, que ele não gostava de receber ordens de um *laranzu* forasteiro. Ele pegara o frasco embrulhado de *kirian* como se este estivesse contaminado com a magia de um feiticeiro.

— E nós dois sabemos que não preciso de uma ama — Coryn continuou. — Eu acho... acho que seria menos humilhante para ambos se eu levasse o *kirian*, o frasco que ele lhe deu, e usar quando precisar. Em vez de você ter que ficar cuidando de mim e da trilha ao mesmo tempo.

Ele meio que esperou que Rafe protestasse, mas o homem concordou, buscou a bolsa de couro em seu alforje, e a estendeu.

Coryn esperou até que Rafe se afastasse até uns arbustos para se aliviar. Se agachando na beira do córrego, ele destampou o frasco. Um suave cheiro de limão saiu de dentro. Ele despejou o conteúdo, lavou o frasco duas vezes e encheu-o com água fresca. Exceto por um pouco de umidade, ninguém poderia dizer só de olhar que qualquer coisa havia mudado. Ele o guardou embrulhado dentro de sua blusa, perto do lenço dobrado.

Montando novamente, Coryn sentiu como se um grande peso lhe houvesse sido retirado. Havia se libertado da influência de Rumail. Estava indo para uma Torre, para ser treinado em *laran*, para aprender a voar em planadores com sua pedra-da-estrela e talvez aprender os segredos de falar com outras Torres à distância ou produzir *fogo aderente*. Ele cantou e fez piadas enquanto o dia passava. Apesar de Rafe não ser muito de conversa, ele sempre sorria.

No quarto dia à tarde, Coryn e Rafe passaram das colinas para uma área infrutífera, encostas rochosas. Névoa cobria o céu. O ar se tornou gelado, com um sabor metálico. Soavam trovões, baixos e indistintos. Os cavalos se agitavam na trilha estreita e um *chervine* normalmente calmo balançava sua cabeça chifruda nervosamente.

Coryn parou seu cavalo ao sinal de Rafe. O velho soldado levantou a cabeça, virando para o norte.

— Calculo que venha de Aldaran. Anos atrás, eles usavam a magia do tempo ali.

Talvez ainda a usem. É melhor acharmos abrigo.

Dançarino relinchava e pisoteava a trilha, puxando o freio. Coryn o cutucou. Com certeza, essa não era uma tempestade comum — o sabor do vento, o frio repentino, o arrepio atrás de seu pescoço — tudo predizia algum tipo de *laran* em uso. Ele nunca havia ouvido falar em magia do tempo, e Aldaran, embora temida, havia sempre lhe parecido distante.

Eles impeliram os cavalos ao redor da curva da encosta. Os cascos batiam em pedras soltas, mandando uma chuva de lascas para baixo. O trovão se tornou mais forte.

Coryn ergueu os olhos para o céu vazio, sem ver nenhum relâmpago.

— Rafe...

Mas o homem mais velho, à frente, parou bruscamente sua montaria. O cavalo empinou e bateu sua cauda. Por um instante, o coração de Coryn parou. A encosta inteira se encontrava encoberta debaixo de um desfiladeiro. No lugar da estreita trilha ladeada por um solo árido coberto por rochas grandes e mato cerrado, eles encontraram uma pilha de rochas irregulares, muitas delas na altura do peito dos cavalos. Acima, toda a face do desfiladeiro havia se rachado e despencado. Na fenda em forma de V no fundo da colina, um pequeno bosque de arbustos e algumas árvores desgarradas se ainda mantinham de pé.

Raios relampejaram pelo céu e trovões fizeram estrondos novamente. Nuvens, cinzas e carregadas, elevavam-se do norte, crescendo visivelmente de um momento para outro. O vento, ainda mais frio agora, fustigava o rosto de Coryn.

— Qual é o caminho? — ele gritou para Rafe, elevando a voz acima do vento.

A boca do velho mercenário se retorcia enquanto trazia seu cavalo na direção da descida da encosta. O cavalo relinchava, se recusando por um momento, até que Rafe enrolou sua rédea em um círculo apertado e bateu seus calcanhares nas laterais do animal.

Os cavalos desciam desajeitadamente a inclinação, seguindo o desfiladeiro. Mesmo o firme *chervine* de carga se desequilibrou uma vez. Depois de alguns minutos, Rafe gesticulou para que desmontassem e puxassem os animais.

Nuvens escuras e furiosas agora se estendiam de um horizonte para outro. Relâmpagos iluminavam o céu, seguido quase que instantaneamente pelo trovão ensurdecedor. Dançarino relinchava e recuava, as orelhas coladas contra o pescoço. Coryn deu-lhe palmadinhas e o impeliu a continuar. O cavalo se moveu adiante, relutante em cada linha tensa de seu corpo.

A chuva batia no rosto de Coryn: pingos enormes e gelados. Em momentos, a chuva se transformou em um aguaceiro. Ele procurou nos alforjes do *chervine* por seu manto encapuzado. Enquanto ele tentava puxá-lo, sua túnica e blusa se ensopavam.

Coryn gritou para Rafe, que não havia perdido tempo em colocar seu próprio manto.

— Temos que sair daqui! — Através do aguaceiro, ele podia ver o gramado no chão do vale. Não oferecia muito abrigo, mas era melhor do que o que tinham ali.

Então ele viu — sentiu — um rio invisível descendo a fenda em V, ganhando força em cada momento, carregando tudo em seu caminho: homens e cavalos, tanto quanto árvores derrubadas.

— Inundação! — Coryn gritou.

Rafe já havia virado seu cavalo e animal de carga na direção da subida. Dançarino e o *chervine* viraram ansiosamente, como se percebessem o perigo.

Escalar de volta foi mais difícil do que Coryn imaginava. Suas botas escorregavam em pedras soltas, agora escorregadias com a chuva. Uma pedra se soltou e caiu quando ele a pisou. A dor se alastrou em seu tornozelo.

Poucos minutos depois, Dançarino tropeçou e escorregou para trás numa chuva de pedras. Os cascos do cavalo batiam no declive freneticamente. Abaixo, Rafe praguejava;

uma das pedras devia tê-lo acertado. Coryn soltou as rédeas antes que eles caíssem. Ele observou, seu coração pulando, enquanto o cavalo castanho deslizou alguns metros e parou, caindo em seu traseiro. Seus olhos se reviravam.

Coryn desceu rapidamente até Dançarino e pegou suas rédeas.

— Calma, calma — murmurou, alisando a pele do cavalo.

O cavalo estremeceu com seu toque. Ele sentia o medo do animal como uma onda. Quanto mais tranquilizava o cavalo, mais calmo ele mesmo se sentia.

A chuva caía em uma torrente, tornando impossível ver mais do que poucos metros. O vento soprava constantemente, fazendo os pingos penetrarem profundamente nas dobras do manto de Coryn. Um passo agonizante atrás do outro, Coryn guiava o cavalo para cima, aonde seu *chervine* de carga esperava, balançando sua cabeça chifruda espirrando água para todas as direções.

— Não há sentido em continuar — disse Rafe enquanto trazia seus dois animais para junto de Coryn. — Pare agora, e espere.

Rafe estava certo. Levaria horas para subir até o topo do desfiladeiro e encontrar outro caminho. Ainda assim, se encontrariam exatamente na mesma situação sem abrigo adequado, ainda molhados e mais exaustos.

Rafe, sem esperar por uma resposta, moveu-se através da barreira rochosa. Nesta parte, a barreira fazia um pequeno, mas perceptível, abrigo contra o vento.

— Ali! — Rafe disse.

Coryn não conseguia ver aonde o velho soldado apontava, mas enquanto se aproximavam, ele divisou uma tosca protuberância aonde uma enorme lasca achatada se estendia como uma mesa além da qual se escoravam pedras. Era quase fundo o suficiente para os dois, mas o chão de baixo parecia relativamente seco.

— Alforjes... ali. Cobertores... ali. — Com uns poucos comandos resumidos, Rafe organizou o pequeno abrigo. — Entre! — Ele meio que puxou Coryn para o fundo da protuberância. — Tire as roupas!

— Mas...

Coryn engoliu seu protesto. Sua camisa e túnica estavam grudadas na pele e agora que não estava mais escalando, o frio se infiltrava. Estava melhor ali, fora do vento, mas nem tanto. Desde criança, ele sabia que roupas molhadas roubavam o calor do corpo, mesmo quando a temperatura lá fora não estava tão fria.

Ele tirou o manto, que era grosso o suficiente para estar seco por dentro. Tremendo, arrancou as botas e roupas molhadas. Uma repentina rajada de vento cortou sua pele nua como se fosse a lâmina de uma faca. No instante seguinte, Rafe empurrou um pacote para suas mãos: sua camisa de inverno e calças de tecido grosso, que Rafe de algum modo tinha retirado do fundo da carga do *chervine*.

Enquanto Coryn se enfiava em suas roupas secas, Rafe se arrastava ao seu lado e forçava o *chervine* a se deitar, seu corpo bloqueando o pior do vento. Os cavalos, amarrados perto da abertura, assumiram posturas de tolerância amuada com suas cabeças para baixo e caudas pressionadas contra seus traseiros.

Trovões soaram novamente, estremecendo tudo através do penhasco. Coryn não podia dizer sua direção. A chuva redobrou sua força; o som mudou para um tom mais alto.

Granizo.

Coryn deu uma olhada rápida nas pedrinhas de gelo nos ombros do *chervine*. Começou novamente a tremer.

— Ah, aqui — Rafe disse gentilmente, colocando seus próprios cobertores em volta de Coryn.

Um repentino barulho ensurdecador, mais alto que o trovão, sacudiu Coryn. Seus

olhos focalizaram uma luz cinza lá fora. O estrondo aumentou, como se um gigante estivesse batendo em pedras na colina abaixo deles.

Rafe apressou-se em se aprumar, pegando as rédeas do *chervine*. O animal soltou um terrível berro enquanto tentava se levantar. Rafe agarrou a cabeça do *chervine*, usando-a como uma alavanca para forçar o animal a se abaixar, deitando de lado.

Coryn viu de relance as rochas que caíam da colina. O impacto delas trepidava as pedras à sua volta, através de todo o chão. A chuva virou nevasca, agora na vertical; pingos meio-congelados espirravam em sua face.

A parte de fora da protuberância se lascarou com um estalo audível. Um dos cavalos relinchou, parando de repente. Coryn recuou e se encolheu. Cada fibra de seu corpo gritava *saia agora!*

Enquanto Coryn se arrastava para a abertura, Rafe o alcançou com seu braço livre e agarrou seu manto. Coryn girou com a força do puxão do homem mais velho. Por um instante, ele lutou tão descontroladamente quanto o *chervine*.

— Não há chance lá fora — Rafe apontou seu polegar para a avalanche e gritou através do barulho. — A única esperança... é esperar.

Os olhos de Coryn focalizaram a colina além. Não havia sinal dos cavalos. Algumas das pedras que caíam eram pequenas como seixos, outras enormes. Se uma dessas o acertasse, ou mesmo aquelas com o tamanho de um punho cerrado, um golpe de sorte na têmpora ou espinha, um escorregão no chão molhado. . .

Ele estremeceu, encolheu os joelhos, e passou seus braços por cima de sua cabeça inclinada. Um momento depois, ele sentiu Rafe ao seu lado, posicionando seu corpo entre Coryn e as pedras pontiagudas.

Socorro... Socorro... repetia a mente de Coryn. As sílabas pulsavam no compasso de seu coração acelerado. Sem pensar, ele alcançou a bolsa que continha sua pedra-da-estrela. Seus dedos abriram as camadas de seda para alcançar o cristal. Este esquentou imediatamente ao seu toque.

Socorro... Socorro...

Por um instante, Coryn pensou ter sentido uma resposta, mas não podia ter certeza. O barulho lá fora pareceu ter diminuído. Pouco tempo depois, ele ouviu os sons de pedras isoladas em diferentes pontos.

Ele ergueu a cabeça. Rochas bloquearam três quartos da entrada. Na semi-escuridão de fora, ele viu que a chuva tinha virado uma garoa, depois uma neblina. Por segundos de cada vez, nenhuma pedra caía.

Quando passaram vários minutos em silêncio, Rafe se endireitou, estendendo as rédeas do *chervine* para Coryn, e rastejou em direção da abertura. Teve que empurrar para o lado uma pilha de rochas para conseguir subir. Alargar a abertura não trouxe, porém, mais claridade para dentro da pequena caverna.

Coryn rastejou em sua direção, o suficiente para ver que o crepúsculo havia caído sobre eles. Uma rajada de vento desviada tocou em seu rosto como dedos congelados. A temperatura caía rapidamente.

Rafe retornou poucos minutos depois. Mesmo na escuridão, Coryn o sentiu franzindo o cenho.

— Nada bom. Toda a encosta deslizou abaixo de nós. Nenhum espaço à nossa volta. Levaremos horas apenas para sair. — Ele pegou em seus alforjes suas rações de viagem e estendeu um pacote para Coryn. — Ficaremos aqui esta noite.

— Os cavalos? Eles estão. . .

Rafe balançou sua cabeça, meio visível.

— Nenhum sinal.

Dançarino... E duas montarias de Rafe, animais inocentes que eles cavalgaram em

direção ao perigo. O coração de Coryn se apertou em um nó de dor. *Eles podiam ter escapado*, disse para si mesmo, mas não acreditava nisso.

Mesmo não estando com fome, Coryn conseguiu comer um pouco de carne seca e barras de frutas com nozes, com pequenos goles de água. Seu estômago se remexia ameaçador, mas como sempre, seu jovem corpo cansado relaxou. Penetrou em um sono agitado de andanças, nu através de um lençol de gelo debaixo de um céu disforme, deitado indefeso enquanto uma figura sombria encapuzada se aproximava; de fogo. Fogo se espalhando nas encostas de florestas, fogo chovendo do céu...

O fogo o lambia, estranhas chamas azuis. Tremendo, ele tentava se desviar, mas enquanto se movia, as chamas se aproximavam ainda mais altas, mais próximas. Línguas luminosas consumiam aonde tocavam. De seus dedos esticados, o fogo azul subia em seus braços. A carne de sua mão queimada, enegrecida, ossos chamuscados.

— *Socorro! Fogo! Ajude-me!* — ele gritava enquanto tentava abafar o fogo com sua mão intacta. Instantaneamente, esta também pegou fogo.

As chamas faziam lentamente seu curso enquanto se direcionava para o interior, dentro de um ombro e mais fundo, na direção do centro de seu corpo. Ele gritava para valer agora, seu próprio terror cristalizado em som. Seus gritos ressoavam em seu crânio. Na distância, alguém chamou pelo nome que ele vagamente reconheceu como seu. Quanto mais furiosamente ele batia nas chamas azuis, mais rápido elas queimavam. Se ele corresse para fora, a chuva poderia apagá-las...

— Coryn! Coryn, rapaz, o que é isso? Não há fogo aqui! Nenhum perigo, está vendo? — Uma figura escura se aproximou dele, dedos indistintos envolviam seus braços. Seus ossos carbonizados se estilhaçavam sob a pressão.

— *Não! Não!*

Coryn se afastou, desesperado em se soltar. Aterrorizado, ele observava o fogo azul subir rastejando as mãos da figura. A qualquer momento agora, todas as paredes do abrigo pegariam fogo, também.

Então ele foi imobilizado, apertado em um abraço tão firme quanto pedra. Um frasco de vidro foi forçado entre seus dentes e um líquido escorreu para sua boca. Ele cuspiu, engoliu um pouco, mas cuspiu a maior parte. Seu estômago se embrulhou. Virando bem na hora, ele vomitou, arfando repetidamente, até que não houvesse mais nada para sair. Seus olhos lacrimejaram; um gosto acre preencheu sua boca.

Ouviu uma voz, tão baixa e ressonante que conseguiu pegar apenas uma frase ou duas.

— Sagrado São Cristóvão... Portador dos Fardos... Protetor das crianças... Em Vosso cuidado...

Ele olhou para suas mãos e viu, como se as imagens tivessem sido pintadas em camadas de gaze, suas mãos, inteiras e ilesas, e suas outras mãos, as de seu sonho. Partes de carne carbonizada grudadas em ossos estilhaçados. A dor penetrava em seus nervos. E o fogo ainda queimava, consumindo os músculos de seu peito, suas costelas, seu coração.

..

Evanda e Avarra, Aldones Filho da Luz, até você, Zandru da Forja... ajudem-me! Ajudem-me!

Como que de uma imensa distância, uma voz sussurrou através de sua mente. Ela lhe lembrava pequenos sinos prateados, suaves e cheios de luz. *Quem é você?*

Quem ele era? Em um momento de pânico, não conseguiu lembrar seu nome.

O fogo! O fogo azul! Ajuda...

Agüente firme, irmãozinho. Mandaremos ajuda...

Embora a voz definhasse para o silêncio, embora as palavras fossem poucas, um sentimento de imensa calma fluiu através de Coryn. Seus músculos se abrandaram e se

fortaleceram. Seu corpo cedeu nos braços de Rafe, e em outros braços, invisíveis. As chamadas azuis brilharam mais uma vez, então desapareceram. Finalmente, ele dormiu. Desta vez, sem sonhos.

Cinco

O cheiro azedo de vômito preenchia a pequena caverna. Coryn removeu resíduos grudados de seus olhos e se sentou, percebendo que estava só. A abertura havia sido limpa, exceto pelos cascalhos soltos, e a luz exterior brilhava clara e radiante. O velho e o *chervine* haviam desaparecido.

— Rafe?

Aonde ele teria ido? Rastejado para fora na noite pra salvar sua própria pele? Não... os alforjes de comida e roupas quentes ainda estavam na caverna.

No início, Coryn mal pode reconhecer a paisagem de fora. Pedras soltas, variando em tamanho desde rochas até pedrinhas, amontoadas com galhos secos e árvores rachadas de seus pântanos nas colinas. A umidade brilhava como sangue fresco na manhã de sol, poças d'água e ribeiros, até mesmo pilhas de granizo rapidamente se derretendo.

Não havia passagem entre os escombros ligando o vale. A água já havia enchido o córrego e em poucos minutos um galho de árvore se desprenderia e desceria rodopiando o rio. A represa continuava a crescer, alimentada pela água que descia das encostas.

O *chervine* estava parado na descida, pastando calmamente nos galhos quebrados aonde ainda tinha folhagens frescas. Ele bufou uma saudação enquanto Coryn se aproximava entre os escombros e córregos. Ele alisou o pescoço do animal, procurando por ferimentos. Logo abaixo perto da perna dianteira, pele arranhada e sangue coagulado marcavam uma junta inchada.

Coryn deixou o *chervine* e subiu a encosta para ter uma visão melhor. Não pode ver muito, mesmo quando subiu na maior pilha de rochas mais próxima. Então visualizou um pedaço de pele marrom marcado por manchas escuras, quase pretas, meio enterrado em uma pilha de pesadas pedras escuras. Não podia dizer quais dos cavalos era, pois ambos de Rafe eram manchados. Ao menos não era Dançarino, que era castanho.

Uma brisa, gelada, esvoaçou os cabelos de Coryn. Ele estremeceu e por um momento de pavor, a encosta pareceu ondular e se erguer. Acidez penetrou em sua garganta. Seus joelhos oscilaram. Ele se apoiou contra a pedra mais próxima, uma rocha na altura de sua cintura. Quando fechou seus olhos, a sensação de movimento intensificou. Abriu os olhos e focou na rocha, o formato provocado pela erosão cheio de lascas viçosas em formato de lâminas. Ele a sentiu sólida sob sua mão. Gradualmente, sua visão e estômago se normalizaram.

— Rafe? — ele chamou. — Rafe!

A voz de Coryn vibrou pelas encostas. Um momento depois, ele ouviu uma fraca resposta. O eco distorceu sua direção. Ele correu para o topo da rocha, erguendo seus braços acima de sua cabeça para facilitar a visão.

Enfim, Rafe emergiu por trás de uma das pilhas maiores acima. Ele puxava o outro cavalo manchado, que mancava pesadamente.

Rafe acenou, a luz do sol iluminava seu largo sorriso. Coryn engoliu em seco, envergonhado por ter imaginado por um momento que o velho soldado lhe tivesse abandonado.

Em suas poucas palavras de sempre, Rafe descreveu a situação. Seus equipamentos se resumiam aos volumes dos alforjes, dois animais de carga mancos, água em abundância, e o fato de nenhum deles estarem seriamente machucado. O pior da tempestade já havia passado, mas a neve ainda era um perigo. Por outro lado, eles não

poderiam seguir sua rota planejada. A única alternativa envolvia um território ainda mais selvagem com suprimentos limitados e clima incerto. Mas ainda pior, os levariam através de terras que pertenciam aos Storns de Alto Kinnally.

Coryn falou enquanto começavam a puxar os cobertores e alforjes do abrigo.

— Quando as coisas ficaram bem ruins na noite anterior, eu. . . eu não sei, gritei por ajuda. E alguém respondeu.

— Rapazinho, foi uma noite e tanto para provocar visões na mente de qualquer homem. Você grita sobre incêndios em todo lugar... e a medicina do velho bruxo apenas o deixou ainda mais agressivo.

— Mas não foi... — Não, era melhor ficar quieto sobre o que ele havia feito. E por que motivo.

— Mas o Sagrado São Cristóvão, Portador dos Fardos, ele respondeu às suas preces. — Rafe disse na voz baixa de um homem que testemunhara um milagre.

Era mesmo inútil discutir essa questão.

Prepararam os animais e voltaram por onde haviam vindo. O cavalo sofria com sua perna ferida, mas eles não poderiam deixá-lo para trás.

Enquanto a manhã passava vagarosamente para a tarde, o céu se enevoava novamente, obscurecendo o enorme sol vermelho. Várias vezes, quando eles entravam em uma área de árvores dispersas onde o fogo havia corrido entre os arbustos há alguns anos atrás, Rafe subia nas árvores mais altas para se orientar. O pai de Coryn contara histórias de homens dotados com o sentido de sempre saber onde estavam, mas, fosse por bom senso e experiência ou algum tipo inferior de *laran*, ele nunca disse. Qualquer que fosse a habilidade ou talento o que Rafe possuía, ele olhava satisfeito quando descia de sua árvore.

— Com sorte, estaremos longe da fronteira. — ele disse, referindo-se a margem do território de Alto Kinnally. — Não que fosse fazer alguma diferença aos diabos dos Storns, se nos encontrassem longe daqui. — Suas mãos se moveram na direção da faca comprida amarrada em sua cintura.

— Bem, se eles têm algum juízo, estarão em casa agora, secos e aquecidos.

Coryn tentou reprimir outro calafrio. Eles estiveram andando por toda a manhã, mesmo quando o dia ficou mais quente. Ele não estava tão gelado a ponto de estremecer, e sabia disso. Era melhor que Rafe pensasse que ele estava bem, que as orações haviam funcionado.

No passar dos dias seguintes, o terreno permaneceu irregular e a velocidade deles variava. Rafe parou inúmeras vezes para desenterrar raízes comestíveis, os vegetais selvagens que nasciam no inverno, e capturar alguma pequena caça. Os coelhos-de-chifres eram menores ali do que nos arredores de Verdanta, mas eram mais fáceis de capturar.

Coryn sentou-se de frente para a fogueira, os joelhos encolhidos contra o peito, queixo encostado nos braços dobrados. Ele preferiria ficar encolhido na escuridão do pequeno abrigo, tentando ignorar a náusea que aumentava com o aroma da carne assada. Estava tremendo novamente, visivelmente desta vez, então Rafe ordenou que se esquentasse no fogo.

Diante de seus olhos, as chamas dançavam e bruxuleavam. Ao menos eram genuínas, amarelas e laranjas, com apenas um toque de azul em sua base. Mas quando ele desviava os olhos para a escuridão da noite, a área em que haviam passado e acampado e a floresta fraca e pobre atrás, o mundo mudava inquietamente.

Coryn cerrou os dentes e forçou-se a respirar devagar e constantemente. Ele sobreviveria a esta noite. Precisava sobreviver. Se pelo menos não tivesse que comer um pedaço do coelho-de-chifres tostado, sua gordura pingando no fogo e soltando fumaça.

Rafe, que havia se inclinado para checar a carne que estava assando, de repente e

sem se erguer sacou a faca de sua bainha. Cada linha de seu corpo ficou tensa em alarme.

— Apareçam e digam seus nomes! — gritou Rafe.

— Abaixе a faca! — uma voz veio da escuridão de trás do círculo do fogo. — Vocês estão cercados e em minoria.

Rafe, ainda em posição de luta, gritou novamente.

— Eu ouço apenas um. Quem é você? O que quer?

De outra direção veio uma segunda voz, depois uma terceira.

— Isso é o que vocês devem explicar, intrusos!

— Capitão, o garoto veste as cores de Verdanta!

— Leynier! — berrou a segunda voz. — Espiões de Leynier!

Um homem deu um passo para a luz, alto e severo, empunhando uma espada. Seu manto, atirada para trás sobre ombros para lutar, tinha as bordas costuradas com o emblema de Storn de Alto Kinnally. Coryn se levantou, mantendo as mãos afastadas do corpo. Os olhos do capitão Storn focalizaram Coryn e depois voltaram para Rafe.

— Você não pode ganhar, velho. Você deve saber como usar essa faca, mas por Aldones, eu o espetarei antes que consiga me tocar.

Rafe mudou sua postura. O silêncio pairou. Com um leve toque em sua cintura, uma pequena faca apareceu em sua outra mão. Uma faca de arremessar. Os olhos do capitão se arregalaram em entendimento. Sua arma poderia superar a de Rafe, mas ele nunca chegaria perto o suficiente para usá-la.

— Esta disputa só pode terminar em derramamento de sangue. — começou o capitão. — Pelo bem do garoto...

— Parem com essa bobagem imediatamente! — Uma voz de mulher surgiu na noite. — Vocês dois!

Um momento depois, uma pequena e delicada mulher com um ar de autoridade inquestionável deu um passo adiante. A luz do fogo avermelhou seu manto cinza e tocou seus rebeldes cachos castanho-avermelhados.

O capitão Storn abaixou sua espada, mas não a guardou. Rafe permaneceu como estava. Os olhos da mulher piscaram e ela olhou como se batesse um pé e repreendesse a todos como crianças levadas. Ao invés disso, falou calmamente.

— Este garoto e seu guia estão sob minha proteção. Vocês não irão prejudicá-los, e nem vocês — com um olhar na direção de Rafe que fez Coryn estremecer novamente, — farão qualquer ameaça para a minha escolta.

— Mas, Dama... — o Capitão protestou.

— Está claro? — Ela não havia levantado sua voz, mas o poder soava através das palavras.

Os joelhos de Coryn viraram pó. Ele pensou que, se estivesse segurando uma faca, a teria deixado cair instantaneamente. O homem de Storn parecia estar prestes a fazer isso antes de apressadamente guardar sua espada. As armas de Rafe desapareceram, a longa lâmina voltara para sua bainha, a faca de arremesso para o lugar de onde havia saído.

Quando a mulher se moveu para perto de Coryn, ele viu que ela não era jovem. Tons prateados cobriam os cachos acobreados e uma fileira de delicadas linhas circulava seus olhos e lábios. Um meio sorriso dançava nos cantos de sua boca.

— Venha comigo, *chiyu*. Temos muito que conversar.

Ela virou e lançou-se na escuridão. Coryn a seguiu, os pés incapazes de fazer qualquer outra coisa. Uns poucos passos além do círculo de luz do fogo, uma bola de luz branca explodiu vindo de sua mão estendida.

Feiticeira!

Ela se virou para sorrir.

— Dificilmente. Isto não é mágica, o que nós das Torres fazemos, como você em

breve aprenderá.

— Quem é você? — exclamou Coryn, sentindo-se estúpido.

— Bronwyn de Tramontana, *leronis* do Terceiro Círculo.

— Tramontana! É para onde estou indo!

Dama Bronwyn parou; a bola de luz bruxuleou sobre o seu rosto.

— E quem é você, que é destinado para a Torre?

Coryn hesitou. O soldado de Storn já havia percebido que ele era de Verdanta. Se eles soubessem que era filho de Lorde Beltran, mesmo um terceiro filho que não seria herdeiro, poderiam prendê-lo por um resgate ou pior.

— Me escute, — disse a dama severamente. — quanto a este assunto, não me importa se é de Verdanta ou Valeron ou da parte mais longínqua da Muralha ao Redor do Mundo. Você conseguiu me alcançar com sua mente, sem auxílio. Tem alguma idéia do que significa, ser capaz disso na sua idade? Acha que deixaríamos tal *laran* correr solto por aí? Ou não percebe o que você fez?

Por um momento, ele estava de volta no abrigo de pedras com a chuva caindo e rochas despencando da encosta. Chamas azuis o lamberam novamente. O cheiro de sangue e medo preencheu a escuridão.

— Você não se parece nada com... com a voz que eu ouvi.

A bola de luz sobre a mão de Dama Bronwyn retraiu-se em um pequeno ponto.

— Por que, o que quer dizer? — disse ela, sua voz ecoando como se estivesse distante.

— Sinos. — ele sussurrou, tentando em vão alcançar a memória, algo em que se segurar. — Sinos prateados.

Prateados... prateados... pra... te... ados...

O mundo girou para os lados e se tornou branco. O maxilar de Coryn se mantinha firme, os músculos de suas costas e pernas se travaram em espasmos. Um suspiro sibilou entre seus dentes, então parou. A dor subiu pela parte de trás das pernas, em suas coxas, em seus braços. Fogo explodiu em seu plexo solar. Ele lutou por mais um suspiro.

De forma distante, Coryn sentiu o corpo tombar. Mãos sombrias o alcançaram para segurá-lo e amparar sua queda. Sob suas costas, o chão parecia frio e espinhento. Ouviu uma voz de mulher, sinos batendo, gritos de comandos.

— Não, não o conttenham. Peguem meu alforje no acampamento. . . depressa!

Passos se afastaram, depois se aproximaram. Uma mão, quente e macia, alisou sua testa, envolveram seus dedos nos dele. Uma voz familiar sussurrou através de seus pensamentos.

Deixe-me guiá-lo através disso. A doença do limiar pode ser assustadora. Mas você não está sozinho, estou aqui para ajudá-lo... sim, assim está bom, respire suavemente. Já estou chegando...

— Quem é ele? — veio uma nova voz, como de uma criança emburrada.

— Silêncio, agora. — Dama Bronwyn falou novamente. — Um dos homens, leve-a de volta.

— Eu não quero voltar! Você não pode me dar ordens!

— Quieta!

O coração de Coryn bateu uma vez. No momento seguinte, não pode ouvir nada. Seus músculos, que haviam começado a se aliviar ao toque mental de Bronwyn, se apertaram. Braços e pernas se contraíram sob a força súbita dos espasmos. Sua espinha se arqueou, levando sua cabeça para trás. Pelo que pareceu uma eternidade, ele não pode ver ou ouvir.

Coryn sentiu seu corpo mais uma vez, seus membros pesados e inertes como barro. Seu peito se encheu, levando o ar a seus pulmões. A forte luz branca do fogo-mágico, pois

ele não tinha nenhum outro nome para isso, se abrandaram como tochas amarelas.

— Não, não acabou. — A voz de Dama Bronwyn parecia vir de longe. Ela se inclinou sobre ele. Ele sentiu sua respiração suave em seu rosto. Algo liso e frio foi pressionado contra seu lábio inferior. — Beba isto. Rápido, antes da próxima vez.

— O que. . .

— *Kirian*. Irá ajudá-lo nos ataques.

Kirian! A poção odiosa de Rumail!

— N. não... — Coryn virava sua cabeça de um lado para outro.

— Fique parado!

Por um momento terrível, os esforços de Coryn pararam, como se de repente ele estivesse preso no gelo. Mãos, fortes e pesadas de homens, imobilizaram seu corpo no chão. Em seus ossos, ele sabia que isso já lhe acontecera antes...

Pelo canto de sua visão confusa, Coryn focalizou o rosto de Rafe, amargo de preocupação. Este oscilou, mudando para o rosto de outro homem, agora cinzento e atemorizante.

Um grito saiu da garganta de Coryn.

— Beba!

Coryn tentou inutilmente resistir enquanto a borda de um frasco de vidro passava entre seus dentes. Um líquido frio com sabor de limão encheu sua boca. Sua garganta traidora engoliu uma, duas vezes. Lágrimas caíram de seus olhos. Ele queria cuspir, mas já era tarde demais. Um calor se espalhou em seu estômago, depois em seus membros, dissolvendo seus músculos, facilitando sua respiração.

Os braços e pernas de Coryn começaram a tremer; pequenos tremores acompanhados de dor. A qualquer momento, ele temia que formassem outro espasmo distensor de ossos, mas depois de um minuto eles cessaram. Enquanto o tremor o deixava, ele afundava na terra em alívio, cada vez mais fundo...

Seis

O Sol Sangrento, enorme e baixo no horizonte, lançava raios vermelhos sobre as paredes do Castelo Ambervale. Homens parados vigiavam os portões e os arredores das muralhas. Tendas, fileiras de vigia, e latas de comida espalhadas pelo campo ao leste, onde um dia já foram montadas as feiras comerciais de verão. Um esquadrão de homens com lanças treinava sob as ordens gritadas de um oficial, enquanto outros homens andavam exercitando cavalos, limpavam armas e amaciavam o chão com um ancinho para o treino armado de amanhã. Fumaça subia das áreas da cozinha. Ao sul, um vilarejo, ainda em alvoroçada atividade, envolvia a margem do rio. Uma brisa trouxe o aroma de pão recém-assado para a refeição da noite.

Rumail de Neskaya cutucava seu cavalo para frente, apesar do animal não precisar de encorajamento com seu lar à vista. Uma saudação foi gritada enquanto ele se aproximava. Na entrada do castelo, dois guardas parados em cada lado, saudaram-no com aquela deferência que provinha do medo a qual ele já há tempos se acostumara. Enquanto passava através do porto de saída, entre os portões reforçados recentemente, deu uma rápida olhada para as bandeiras gêmeas de Ambervale e Linn, notando a bela costura, as dobradiças recentemente lubrificadas, evidências por todo o lado de disciplina e prontidão. Com Verdanta segura pelo sangue através do casamento, Damian poderia direcionar sua atenção para Acosta, talvez até para as províncias remotas de Aldaran. E daquela fortaleza montanhosa, os reinos das colinas que davam para as terras baixas, Valeron e terras de Hastur. Sim, seu irmão ficaria satisfeito com essas notícias.

No pátio, um grupo de criadas usando lenços brancos e aventais proseavam enquanto levavam seus baldes até o poço. Outros servos carregavam bacias de abóboras de verão verde-douradas e travessas de pães arredondados fumegantes e bolinhos de carne para a cozinha.

As costas de Rumail doíam enquanto ele descia da sela e passava as rédeas para um servo impecavelmente vestido. Os anos de serviço nas Torres tinham lhe consumido a vitalidade física, mas ele com prazer pagaria esse preço mil vezes. Que os homens comuns pensassem que ele era um feiticeiro, pois esse terror supersticioso era muito melhor do que o tratamento que tinha recebido como um pobre bastardo. Mesmo o respeito direcionado a ele como o representante de seu irmão, a voz do Rei, empalidecia em comparação com o sentimento de poder nascido de suas próprias habilidades.

O *coridom* do Castelo Ambervale recebeu Rumail com uma profunda reverência, escoltando-o pessoalmente aos alojamentos, ao invés de delegar esta tarefa a um subordinado. Tendo tomado banho, se barbeado e jantado uma ave assada com compota de framboesa e pão branco macio, Rumail apresentou-se a seu irmão.

Damian Deslucido, Rei de Ambervale e agora Linn e amanhã quem sabe do que mais, estava sentado em sua alta cadeira entalhada, em uma plataforma elevada, falando tranquilamente com seu *coridom* e dois homens que Rumail não reconheceu, mas pensou que deviam ser nobres menores, possivelmente de Linn, pelo corte de suas vestes e couro ornamentado de incrustações de suas botas. Bainhas vazias estavam presas em seus cintos.

— Sua Majestade, — um deles dizia enquanto Rumail se aproximava — os impostos são muitos. Nós não temos homens suficientes para a colheita. Ainda nem suprimos nossos celeiros desde sua... desde a guerra.

— Falaremos mais sobre isso depois. Uma vez que é alcançada a paz, barrigas consequentemente se encherão. — Damian dispensou o homem com um gesto.

Enquanto o *coridom* escoltava os dois homens para fora do salão de audiências,

Damian desceu e abraçou seu irmão.

Rumail percebeu, como muitas vezes antes, o quanto direto e ainda o quanto descomplicado Damian era. Não era bonito; ele irradiava algo mais profundo, algo que atraía os homens e os incitava com seus devaneios. Carisma ou charme pode até ser, mas não era acurado, pois Rumail teria sido capaz de se defender contra aquilo com seu *laran*. Não, era algo diferente, pois toda a vez que se encontrava na presença de seu irmão, todo ressentimento por seu *status* inferior desaparecia, enquanto se dava inteiramente à causa de Damian.

E por qualquer causa que fosse. Seu pai, o não lamentado Rei Rakhal, havia deixado Ambervale quase em ruínas; o povo morria de fome nas terras cultivadas excessivamente para pagar suas taxas, suas mulheres, e sua procura pelo Elixir da Vida Eterna. O vizinho Linn já havia anexado quilômetros das terras mais produtivas entre as suas.

Agora Linn ajoelhava-se aos pés de Damian, enquanto os subjugados trabalhavam em sua terra sem a ameaça do *fogo aderente* ou de nenhuma das desgraças que acompanhavam a guerra nos Cem Reinos. Tudo prosperava no sol dourado de Damian. Apenas alguns descontentes resmungavam a vigilância armada necessária para se manter essa paz.

— Então, irmão, quais as notícias de Verdanta? O velho foi sensato? — Damian colocou um braço em volta dos ombros de Rumail, sem ser limitado pela etiqueta que restringia o contato físico casual entre telepatas, e começou a descer o saguão em direção aos aposentos privativos.

— Verdanta será sua nos seus próprios termos. — Rumail respondeu, em suas palavras a inflexão de respeito devida a seu Lorde. — E você estava certo...

Rumail parou enquanto o jovem Belisar chegou correndo para encontrá-los; as botas retiniam no chão de pedra entre as tiras do precioso tapete de Ardcarran. Com seu rosto corado e cabelo dourado desalinhado, Belisar parecia mais jovem do que seus dezesseis anos. Seus olhos eram azuis e radiantes como pedras-da-estrela, pronto para derreter o coração de qualquer donzela, apesar de Rumail nunca ter se considerado muito entendido nessas coisas. Suas próprias relações em Neskaya e em Dalereuth, onde foi treinado, tinham sido curtas e insatisfatórias. Isso não era culpa de ninguém, pois como muitos telepatas, ele não conseguia manter a intimidade física sem uma profunda compreensão, e nenhuma mulher nunca havia mexido com ele dessa forma.

— Como ela é? É bonita? — Então, lembrando suas responsabilidades de filho mais velho e herdeiro, Belisar se aproximou. Inclinou-se para Rumail, a inclinação precisa para alguém mais velho e respeitado, mas inferior em posição.

— Saudações, Tio. Como foi sua missão?

— Todos acharam que a melhor candidata seria a filha mais velha. — Rumail disse enquanto desciam o corredor. — Mas Beltran foi tão prestativo que dispôs três delas para que pudéssemos continuar com nossos outros objetivos. A mais nova tinha potencial latente das qualidades que estamos procurando para a sua descendência. Eu a monitorei direto ao nível genético, apesar de sua resistência considerável. No final, eu acredito, ela seguirá os desejos do pai. Ela foi obediente no monitoramento. A filha mais velha, convencionalmente tola e enfadonha, parece ter sido treinada para ser uma Rainha.

— Treinada? Qual... qual a sua idade? — Belisar perguntou, se esforçando para não franzir o cenho.

— Oito ou nove, eu acho.

Belisar olhou chocado.

— Ela é ainda um bebê!

— Pois então, garoto! — Rindo abertamente, Damian deu um tapinha entre os ombros de Belisar. — Você terá que esperar para se deitar com sua esposa.

— Pai...

— Oh, mas é só por sua esposa que você deve esperar! — Damian disse. — Ela esperará que um marido desta idade seja experiente, não é?

— Pai!

— Deixe ao garoto sua dignidade. — Rumail disse.

Nas Torres, um garoto da idade de Belisar já teria tido várias amantes, mas não enquanto estivesse trabalhando ativamente em um círculo. O vínculo sexual e os períodos de impotência devido ao intenso trabalho de *laran* eram considerados naturais e tratados com respeito, nunca com esta grosseria importuna.

— Há mais novidades. — Rumail continuou.

Eles alcançaram os aposentos privativos da família real.

— Venha, vamos entrar. — disse Damian. — Você também, Belisar. Como irá se casar por uma aliança política, deve aprender a diplomacia.

Depois de entrarem, Damian dispensou o jovem pajem e ordenou aos guardas que ficassem próximos a porta, assim poderiam conversar sem ninguém bisbilhotar.

Diferente da câmara do trono, a sala de estar de Damian era ricamente decorada com tapetes e tapeçarias em tons de pedras preciosas, cadeiras acolchoadas e banquinhos para o apoio dos pés. O apoio da lareira, de mármore trazido do mar por todo o caminho de Temora, brilhava como uma pérola viva à luz do fogo fraco da lareira. Na mesa baixa de madeira antiga, tão polida há anos fazendo-a escurecer, uma tigela de vidro contendo nozes frescas com casca e ameixas cristalizadas.

Damian espreguiçou-se na maior das cadeiras e pegou um punhado de nozes. Belisar também se sentou, mas na borda de seu assento.

— Eu fui a Verdanta pelo contrato de casamento, como sabe, mas lá encontrei um tesouro ainda maior. Um dos garotos tem um extraordinário *laran*, ainda em desenvolvimento. Convenci o pai a me deixar testá-lo, usando a desculpa da doença do limiar, que, aliás, ele tinha, e forte o suficiente para indicar a magnitude de seu talento despertando. Enquanto o estava testando, enquanto sua mente estava aberta para mim... você se lembra de nossa discussão sobre... outras utilidades do Dom da família?

Damian se sentou. As nozes caíram soltas pelo carpete no momento de silêncio que se seguiu. Seus olhos vacilaram para o rosto de seu filho, para as dúvidas ali.

— Você não contou a ele, então? — perguntou Rumail.

Eles haviam concordado que o garoto não deveria ser mantido na ignorância. Mas Damian tinha suas idéias próprias sobre a hora adequada.

— Mas devia. — Damian virou-se para seu filho. — O que seu tio quer dizer é que há um tipo muito especial de *laran* que só nós, os Deslucidos, possuímos. Alguns de nós, pelo menos. Eu tenho apenas um traço e Rumail de longe tem a maior porção. Os deuses certamente nos compensaram pelos nascimentos inadequados.

À risada de Damian, Belisar sorriu polidamente. Rumail, que estava anos à frente para se permitir reagir a tais farpas casuais, percebeu como os olhos do garoto permaneceram alertas, inquiridores.

Belisar disse, com inesperada formalidade.

— Você me disse, Tio, que meu *laran* era recessivo, que meus filhos poderiam ter o uso dos seus, mas eu não. E todos sabem que você é um poderoso *laranzu*. O Dom da família Deslucido é... — ele hesitou. — ... algo diferente disto. Posso saber em que aspecto e como isto poderia servir para a causa da unificação de Darkover?

— O *laran* comum é útil dentro de seus limites. — Damian disse calmamente. — Bom para fazer *fogo aderente* para travar guerras ou curar os ferimentos que tais guerras produzem inevitavelmente. As mentes dos homens fracos e comuns podem ser induzidas a verem coisas que só existem em seus pesadelos. Ou seus pesadelos podem ser transformados em sonhos mais suaves. Mas nunca antes na história do mundo fomos capazes de libertar as

mentes dos homens da falta de informação e preconceito.

— Libertá-los? Como?

Rumail se agitou, inquieto. Damian tendia a ir adiante com seus discursos idealistas, esquecendo que aquele poder não precisava de nenhuma justificativa, exceto ele mesmo. Os homens não precisavam entender para acreditar. De fato, falar demais atrasava as ações necessárias para o bem comum. Era tempo de tomar o controle da conversa.

— Você já viu o feitiço da verdade?

Belisar esteve presente na rendição de Linn, quando uma *leronis*, própria de Linn, foi chamada para invocar a luz azul que brilhava fixa na face de cada orador apenas na presença da verdade. Em sua aura, o Lorde de Linn e seus vassalos juraram fidelidade a Ambervale, e Rei Damian por sua vez prometeu que eles nunca seriam forçados a travar guerra contra seus parentes em Acosta. Não havia laço mais confiável do que os juramentos feitos sob o feitiço da verdade.

— Sim — Belisar disse devagar. — É a razão de o homem poder confiar na palavra do outro e o único modo confiável de se acertar os fatos em uma disputa. De outra forma, um homem pode esconder lealdades, secretamente mudar alianças, dizer uma coisa e querer dizer outra.

— E se... — disse Rumail. — e se um vassalo realmente acreditar em qualquer coisa que seu Lorde faça, acreditar nisso tão fervorosamente que nem mesmo um feitiço da verdade possa dizer a diferença? E se um rei não precisasse estar obrigado às verdades literais de outros homens, mas apenas às necessidades de um chamado mais alto?

Os olhos de Belisar se arregalaram enquanto se desviavam do pai para o tio sucessivamente. Damian assistiu seu herdeiro se interessar pelas palavras confusas de Rumail.

— Você encontrou algum modo de derrotar o feitiço da verdade?

— Não derrotá-lo — Rumail disse — pois a verdade nem é um inimigo para ser derrotado. Nós expandimos a definição para incluir uma verdade maior, uma lealdade mais profunda. Este é o Dom especial dos Deslucidos.

— E eu também tenho esta habilidade? — O garoto franziu o cenho, claramente procurando em sua memória por alguma vez que tenha mentido sobre alguma travessura infantil e não tenha sido descoberto.

— Não, filho. — Damian disse. — E nem eu. Você e eu somos como uma fechadura, inúteis por si só, mas Rumail ali, ele tem a chave. Ele pode alcançar dentro de nossas mentes e libertar esse Dom. E ele fez isso por mim em inúmeras ocasiões. O efeito é específico e limitado.

— Você... mentiu sob o feitiço da verdade?

A raiva brilhou através dos olhos de Damian, mas ele continuou pacientemente, sem se insultar.

— Você deve entender que o resultado não é falsidade, não no sentido em que a maioria dos homens acredita, nada mais do que a verdade é a mera citação estéril dos fatos. Considere assim: É realmente uma boa coisa revelar uma verdade que separará um reino ao meio ou mandar um homem decente para a morte?

Belisar olhou para Rumail. Sangue esvaiu-se de sua face, deixando apenas a cor do suave fogo da lareira se refletir nas faces acinzentadas.

— Mas se os homens não puderem acreditar no que é dito sob o feitiço da verdade, no que acreditarão? Não estarão todos os tratados em risco se isto for algum dia descoberto?

Damian levantou uma sobrancelha.

— Então devemos ter certeza de que rumores tolos não sejam espalhados. Fofoca pode destruir a causa mais nobre e homens comuns são facilmente levados por seus próprios medos. Requerem a orientação de seus superiores.

Belisar concordou. A cor normal ligeiramente retornou a sua face; ele se recuperou

rápido. “*O rapaz era esperto*”, pensou Rumail, “*com um traço de arrogância*”.

— Algumas vezes — acrescentou Rumail — é necessário causar um ferimento para se curar profundamente ou, usando termos de jardinagem, cortar fora as plantas estragadas e plantar uma nova.

— Eu entendo por que você esperou até agora para me contar. — Belisar disse a Damian. — E nunca trairei sua confiança. Os deuses realmente nos abençoaram com este Dom. Nós podemos reformular Darkover! É claro, devemos seguir leis diferentes das outras pessoas, pois seguimos uma causa mais nobre. Mas qual são as outras utilidades a que Tio Rumail se referiu?

— Rumail e eu temos estudado os Dons especiais que há em nossa família. — Damian continuou. — Já discutimos se esta mesma técnica... o poder de forçar uma crença na mente de um homem para que esta se torne, para todos os propósitos, verdade real... não poderia ser aplicada em alguma outra maneira.

Rumail muitas vezes desejou que isso fosse possível, mas fora os mais próximos de sua família, Damian e agora seu filho, o único que ele já cruzara que possuía a suscetibilidade necessária era o garoto Leynier.

Quando Belisar pareceu confuso, Rumail disse:

— Pense nisso como uma janela para a mente do garoto Leynier, para o profundo centro de seu *laran*. Ele terá o treinamento em uma Torre, como é devido. Eu já arrumei isso. Com seu talento, ele poderia ir longe, talvez até se tornar um Guardião.

Rumail não pode esconder um traço de amargura em sua voz, pois aquela havia sido sua própria ambição, e aqueles tolos de Neskaya não foram capazes de perceber seu valor. Mas não havia proveito em cultivar tais pensamentos. Um dos propósitos não ditos de sua jornada era eliminar sua última discussão, alguma bobagem sobre ele ter “influenciado excessivamente” um jovem estudante. Isso tudo era ridículo. Ninguém havia argumentado que ele havia feito tudo para o bem do garoto; assim foi censurado pelos seus métodos, simples e diretamente. Se um Guardião tivesse feito a mesma coisa, suas ações teriam sido elogiadas. Em poucos meses, eles perceberiam o quanto precisavam dele nos círculos de níveis superiores de matriz e o aceitariam de volta. Da próxima vez, ele seria mais discreto.

Ele guiou seus pensamentos de volta para o presente e continuou:

— Quando chegar a hora, quando precisarmos de um aliado qualquer, abrirei a mente do jovem Leynier e ditarei nossa verdade. Ele deverá ouvir.

— Deverá? — Belisar ergueu uma sobrancelha.

— Deverá. Como a voz de sua própria consciência ou os sussurros de sua amada. Ele ouvirá e obedecerá porque irá acreditar com toda a sua força e coração. Nós teremos um Guardião, talvez o mais poderoso de Darkover, como nosso mais leal aliado. — ele parou, deixando as palavras penetrarem. — Não importa a qual Torre ele sirva, não importa qual a aliança ali.

Damian fechou os olhos, como se em profunda consideração. Um sorriso apareceu devagar em sua face.

— Irmão, você está certo! Trouxe a nós um tesouro ainda melhor do que um único reino insignificante! Belisar, o quê acha da genialidade de seu tio?

Belisar sorriu.

— Acho que será um alegre divertimento ter um Guardião especialmente para obedecer nossas ordens!

— Nunca diga isso! — vociferou Rumail. — Nem mesmo pense nisso! Um Guardião pode canalizar inimagináveis forças poderosas e direcioná-las à sua vontade. Você pensa que *fogo aderente* chovendo dos céus ou a contaminação de uma floresta são os piores horrores de uma guerra? Por que acha que os Aldarans são tão temidos, lá acima nas montanhas?

— Se acalme — interrompeu Damian. — Isto não é brinquedo de criança ou uma

perda de tempo, mas também não é a visão de um futuro garantido. Devemos ter o poder de transformar nossos sonhos em realidade para o bem-estar de todas as pessoas. Mas garanto, o usaremos sabiamente.

— Venha — disse Damian, se levantando. — Vamos ouvir alguma música para suavizar a noite. Amanhã será um novo dia, em que estaremos mais preparados do que nunca, graças a seu ótimo trabalho.

Sete

Coryn acordou de sonhos em que flutuava, sacudia, chacoalhava e sacudia mais. O alerta vinha devagar enquanto ele vagueava para dentro e para fora do sono inquieto. Finalmente, pontadas insistentes em seu estômago e bexiga o forçaram a recuperar a consciência.

Ele estava na cama, não a sua cama, nem seu quarto; não tinha nenhuma idéia de onde estava ou de como havia chegado ali. A fraqueza de seu corpo quando tentou se sentar o lembrou desagradavelmente daquela manhã depois que *Dom* Rumail havia examinado seu *laran*. Este quarto era desconhecido, bem menor do que o seu e cercado por painéis de linho branco.

As outras guarnições incluíam um banquinho sem apoio, um pequeno baú ao pé da cama, uma estante vazia na cabeceira... e um penico no canto. Ele cambaleou em sua direção com suas pernas instáveis. Poucos minutos depois voltou para a cama, aonde se deitou, suando e respirando com dificuldade.

Uma suave batida soou detrás das cortinas brancas. Ele permaneceu deitado, puxou as cobertas até seu queixo, esperando que seu coração parasse de palpitar. Ele não tinha força para se levantar novamente e a última coisa que queria era ficar deitado ali indefeso enquanto algum estranho se aproximava de sua cama. Talvez quem quer que fosse houvesse cometido um engano e fosse embora. A batida soou novamente.

Depois de um longo momento ele ouviu, não, sentiu passos, leves e rápidos, descendo o corredor do lado de fora.

Coryn caiu novamente no sono.

E despertou de repente enquanto a porta se abria. A cortina foi puxada para o lado, revelando um homem mais velho em um manto branco longo e solto e uma garota com aproximadamente a sua idade carregando uma bandeja com pratos cobertos.

— Eu sou Gareth, monitor do Segundo Círculo. — O homem parecia gentil, apesar de não ter oferecido um aperto de mãos. — E sua garçonne aqui é sua colega de estudo, Liane. Pois bem, jovem Coryn. Está com fome o suficiente para o desjejum?

O estômago de Coryn roncou ao cheiro da comida, *algum tipo de fruta com mel*, pensou, *e pão recém-assado com um toque de ervas aromáticas*. Ele pensou estranhamente que esta cena estava se tornando muito familiar.

— Não, por favor não se sente. Isto será rápido.

O homem sentou-se na cama ao seu lado, mas não o tocou. Ao invés disso, correu suas mãos sobre o corpo de Coryn, seguindo os contornos, mas sem tocá-lo. Sobre seus olhos fechados, linhas de concentração enrugavam sua testa. Seu cabelo era cortado rente ao seu crânio como nenhum Lorde *Comyn* ou guerreiro usaria. Ele balançou sua cabeça levemente.

— Agora coma, o mais que puder, e poderá se juntar aos outros mais tarde ou amanhã.

Com estas palavras, Gareth se levantou e partiu, deixando a garota sem jeito, ainda segurando a bandeja.

Enquanto ela procurava em volta por um lugar para colocá-la, Coryn, erguendo-se com um cotovelo, lhe deu uma boa olhada. Pálidos cabelos cor de palha tingidos de vermelho pendiam em tranças bem feitas até sua cintura. Cílios grossos descoloridos encimavam os assustados olhos verdes. Sardas cobriam suas faces. Ela vestia um manto simples verde-primavera feito de lã, preso com uma faixa do mesmo tecido rodeando sua cintura esguia. Quando sorria, formavam pequenas rugas nos cantos de seus olhos.

— Aqui. — Coryn disse, se endireitando para dar espaço na cama.

Ela acomodou a bandeja e sentou-se ao lado, em cima de suas pernas dobradas. Ele

ergueu as cúpulas que cobriam a comida para descobrir um pequeno banquete: frutas cozidas no mel, como suspeitara, pão fatiado, queijos brancos e amarelos, enrolados de algum tipo de carne temperada, uma jarra de água e outra com sidra de maçã.

— Eu não consigo comer tudo isso! — Ele fez uma careta. — Você quer um pouco?

— Eu estou sempre com fome. Auster, ele é um dos meus professores, diz que é porque estou crescendo depressa. A comida aqui é realmente boa. Muita carne e nada de mingau de grãos para o desjejum! — Sua tagarelice o lembrou de Kristlin.

Coryn espalhou queijo amarelo cremoso em uma fatia grossa de pão de nozes e a comeu com uma caneca de sidra. Ao seu aceno, a garota pegou um dos enrolados. Ela comia rápida e cuidadosamente, sem derrubar migalhas.

— Você está sendo excessivamente gentil comigo — ela disse — considerando o quanto eu fui rude com você.

Coryn engoliu um punhado de fruta com mel e piscou para ela.

— Me desculpe, eu não me lembro de ter me encontrado com você antes. Eu tenho estado... doente, eu acho.

— Eu digo que você tem estado doente. Doença do limiar. Auster disse que nunca viu um caso pior, nunca em ninguém que tenha conhecido. Oh! — Ela cobriu a boca com a mão. — Isso não é muito gentil de dizer, não é? Estou sempre falando tudo que passa pela minha mente, querendo ou não. Quero dizer, você realmente esteve muito doente, teve convulsões e tudo. Você me deixou louca de pavor. Estou aliviada que você não vá morrer, por que eu fiquei bem assustada. Marisela, ela é a mestra da casa, disse que eu devo aprender tato e algo mais, não estou bem certa de quê.

Agora a garota soou tão exatamente como Kristlin que Coryn desatou a rir.

— Desculpe, também. — ele começou a dizer. — Mas eu realmente não me lembro de você. Eu deveria?

Uma cor brilhante transpassou as faces da garota. Ela olhou para as mãos; os dedos se enlaçaram.

— Sim, a noite que você... nós... Dama Bronwyn estava me escoltando para cá e nossos guardas acharam seu acampamento. — Ela encontrou o olhar fixo dele e seus olhos verdes se entristeceram. — Você estava doente e não estava mais agüentando quando Dama Bronwyn tentou ajudá-lo. Temo que tenha me comportado muito mal.

A voz, a voz petulante de criança na escuridão.

— Oh! Eu não queria... quero dizer, eu tinha outras coisas em minha mente.

Um sorriso brilhou em seu rosto, desaparecendo rapidamente.

— Você é legal, sabe? Mas eu não tinha o direito de ser tão rude só pelo motivo de você ser um Leynier e estar em nossas terras. Alain, o capitão dos guardas, pensou que você e seu homem fossem espíões. Você nunca pode confiar no povo de Verdanta.

— Liane. . . Liane Storn?

— Sim, mas não devemos usar nossos nomes de família aqui. Todo dia desde que cheguei, tenho tido sermões de como nada disso importa, apenas nós mesmos... “nosso *laran*, nosso caráter, nossa disciplina, nosso trabalho”. Sempre deste jeito. — Ela franziu o nariz e assim as sardas se sobressaíram. — Não parece muito divertido, não é? Mas as lições são interessantes. Verá quando puder se levantar.

— Liane Storn? — ele repetiu, sentindo-se confuso.

Esta garota era uma daquele monte de encenqueiros que se recusaram a ajudar durante o incêndio, nem mesmo para deixarem Petro atravessar para Tramontana! Ele pensou nos dias de desespero, no trabalho de quebrar os ossos, na fumaça sufocante, na perda de tantas nogueiras, na fome no inverno que estava por vir. Como eles puderam apenas se sentar e deixarem o fogo queimar? Que tipo de monstros eles eram?

— Não, apenas Liane...

— Storn? — E ainda por cima, ela não se parecia com um monstro, mesmo se ela fosse muito arrogante...

— Nós não devemos gabar-se sobre nossas famílias. — ela replicou rudemente, se levantando. — E se você não parar de insistir nesta bobagem, eu não voltarei a visitá-lo amanhã! — Ela pegou a bandeja e, jogando suas tranças de tons avermelhados, dirigiu-se para a porta.

— Não! — Coryn explodiu. — Eu nunca quero ver um sequer daqueles cérebros de *cralmac*, egoístas do Antro de Storn novamente!

Ela se virou, as faces corando com o insulto.

— Você! Seu João-ninguém saído de nenhum lugar! Você não era nada mais do que um rato meio-afogado quando o resgatamos! Como se atreve a dizer isso da minha família?!

— Fora!

Liane puxou a cortina para o lado e saiu batendo a porta. Seus passos leves e rápidos soaram e Coryn ficou só, sentindo-se mais miserável do que nunca.

Coryn permaneceu na cama por mais um dia, sentindo-se cada vez mais aborrecido e impaciente. As refeições eram trazidas por Marisela, uma mulher alegremente maternal, que tirava suavemente as tampas e as colocava perto dele. Gareth vinha para monitorá-lo de manhã e de noite.

— O *Laran* é transmitido através do corpo em canais especiais. — Gareth explicou. — Mas estes canais também carregam a energia sexual. Em algumas pessoas, o *laran* é despertado na adolescência, quando certos sentimentos começam a se manifestar; então os canais ficam particularmente vulneráveis a se sobrecarregarem. Esta é uma das causas da doença do limiar. Com cuidado e treinamento, isso não precisa ser um problema contínuo. Você aprenderá a se monitorar, aprenderá o que é seguro de se fazer.

— Você quer dizer que fiz algo que causou isto? — perguntou Coryn, estremeando.

— De modo algum. — Gareth balançou a cabeça. — Exceto possivelmente crescer. Você... você parece já ter passado pelo pior agora.

O monitor se levantou enquanto uma figura em um manto vermelho esvoaçante entrava no quarto. Apesar do manto, os movimentos eram silenciosos e frugais; o quarto parecia vibrar com um sentimento de presença. Por um instante, Coryn não soube se era um homem ou uma mulher, pois o rosto era liso e o maxilar delicado. Um fraco tracejado de linhas cobria a tez pálida. O cabelo cor de luar se derramava sobre os ombros esguios.

— Gareth, por favor. — disse o recém-chegado, gesticulando para que o monitor se sentasse novamente; então sorriu para Coryn. — Eu sou Kieran, Guardião do Terceiro Círculo aqui em Tramontana, e seu parente.

Este devia ser o primo Aillard que Lorde Leynier havia mencionado. Ao som de sua voz, Coryn decidiu que devia ser um homem, possivelmente um daqueles usadores de sandálias que nunca haviam participado de nenhuma atividade masculina. Coryn mesmo teve que agüentar umas piadinhas nos estábulos quando souberam que iria para uma Torre. Mas não havia nenhuma fraqueza nos olhos flamejantes que pairavam sobre ele, nada efeminado nos gestos daquelas esguias mãos de seis dedos.

— Perdoe-me, jovem Coryn, por não ter lhe dado as boas-vindas mais cedo. Não foi por falta de preocupação por você, pois Gareth me garantiu que estava se recuperando bem e ele é nosso monitor mais habilidoso.

Coryn sentiu que ele queria dizer algo. A despeito da pequena estatura física de Kieran Aillard, sua energia preenchia o quarto. Seu ar de distração, como se parte de sua mente estivesse em outros assuntos melhores, apenas adicionava poder a sua aura.

— M. Meu pai lhe mandou saudações — gaguejou Coryn — e agradecimentos pela sua ajuda durante o incêndio.

— Foi o que seu homem, Rafael, disse. Nós ainda não chegamos ao ponto, nós aqui em Tramontana, em que não pudéssemos fazer nada mais útil do que criar armas para a guerra de outros homens. Agora, jovem Coryn, deixe-me examinar seus canais de *laran*, como Gareth já fez?

Coryn assentiu, se perguntando um pouco se um personagem tão importante quanto um Guardião precisava de sua permissão. Talvez fosse assim que as coisas eram feitas numa Torre. Ele se deitou na cama, fechou os olhos e se acalmou. Quando Gareth o monitorou, Coryn não havia sentido nada, exceto talvez um suave calor das mãos do outro homem. Agora algo leve como uma pena sussurrava sobre sua pele, frio e não de todo incômodo. Aquilo se aqueceu, afundando-se cada vez mais, como se tivesse se tornado parte dele.

Uma suave luz cinza-azulada o preencheu como se ele fosse feito de vidro. Seu corpo relaxou e sua mente começou a vaguear. Obscuramente, ele se tornou consciente de uma mancha opaca nas profundezas de seu corpo. Quando tentou focalizá-la, o pânico aflorou. Ele se afastou rapidamente, fugindo para o calor acolhedor.

De longe, ele ouviu Kieran dizer em uma voz suave.

— Sim, sei o que quer dizer, Gareth. Acho que nem mesmo um Alton poderia forçar deste modo uma barricada. E não parece estar ligado a nenhum dos canais essenciais. Talvez quando ele aprender a controlar seu talento e confiar em nós, seremos capazes de baixar sua guarda...

“Não estou fazendo isso de propósito”, Coryn pensou.

“Eu sei, rapaz.” Kieran havia falado em voz alta, ou apenas dentro da cabeça de Coryn? *“Descanse um pouco agora, e então volte para nós.”*

Poucos minutos depois, Coryn sentou-se mais uma vez, para ouvir Kieran dizer:

— Gareth, em sua opinião este garoto está recuperado o suficiente para se juntar com os outros novatos em suas aulas amanhã?

— Sim, acho que ele está mais do que pronto. — Gareth disse com um sorriso maroto. — Na verdade, acho que ele começará a destruir a enfermaria se tentarmos mantê-lo assim por mais tempo.

Com um esvoaçar de mantos vermelhos, Kieran deixou o quarto. Coryn o ficou observando.

— Então este é o primo da vovó. Ele não parece assim tão velho.

— Oh, ele está perto dos cem anos agora. — Gareth disse. — Nem todos os Aillard vivem tanto assim, mas dizem que há um forte traço de sangue *chieri* naquela família.

— E ele tem seis dedos!

— E ele é *emmasca*, mas o qual é o problema nisso? — Agora Gareth parecia zangado. — Quando entramos para a Torre, deixamos para trás linhagem e família, tal como preconceitos mesquinhos. Este é o único lugar aonde somos julgados pelo que fazemos com as nossas vidas, não pelo número de nossos dedos ou a cor de nosso cabelo ou as mentiras que nossos pais contaram. Ou se temos seis pais ou nenhum! Nossos corpos são como os deuses nos fizeram, mas o que está em nossos corações, é o que realmente somos!

Gareth terminou com palavras mais gentis, encorajando Coryn a dormir bem, porque as aulas começariam na manhã seguinte. Completamente desperto, Coryn se deitou, pensando no que o monitor havia dito e especulando sobre o novo mundo em que ele havia entrado.

Na manhã seguinte, Coryn disse adeus a Rafe, que havia esperado até que pudesse testemunhar a recuperação de Coryn com seus próprios olhos antes de retornar a Verdanta. Os Guardiões suprimam Rafe com um cavalo rápido e saudável e ração de viagem o bastante para levá-lo pela estrada de volta.

— Não deverá haver mais tempestades como a última. — Mikhail-Esteban, um mecânico de matriz que tinha uma boa percepção do clima, disse com um tom de desaprovação.

Rafe deu a Coryn um abraço rude e silencioso e partiu com a sua escassez usual de palavras.

Coryn desceu para a sala das refeições, onde os outros jovens estavam reunidos para o desjejum. Havia seis novatos em Tramontana desta vez, três da sua idade e três mais velhos; um deles estava prestes a partir para Hali, para trabalhar ali como monitor depois de ter deixado as Torres para um casamento arranjado. Os dois colegas de idade de Coryn eram Liane e um garoto alto e de olhos escuros chamado Aran MacAran.

Liane olhou raivosamente para Coryn quando ele se sentou, então empinou o nariz e fingiu estar interessada na conversa em seu outro lado, algo sobre colocar anéis de energia ao longo de uma rede cristalina. Coryn não tinha idéia do que estavam falando.

— É verdade — Aran perguntou timidamente — que você foi pego sem abrigo pela tempestade de Aldaran? E que você teve que matar seus cavalos e entrar dentro de seus corpos para se manter aquecido?

Coryn encarou o outro garoto, de boca aberta.

— Bem, sim, havia uma tempestade, mas...

— Mas eles nunca teriam conseguido se nós não tivéssemos chegado e os resgatado! — Liane falou bruscamente, virando a cabeça.

— Estávamos indo muito bem, cuidando de nossos próprios problemas, quando você chegou e procurou uma briga! Quase fez com que nos matassem. Que ajuda!

— Procurei uma briga? Nós não éramos os invasores — espionando...

— Isso já é o suficiente.

A voz tranqüila veio da outra ponta da mesa. Coryn reconheceu-a instantaneamente como sendo de Kieran. Ele corou. O que ele estava pensando, para deixar Liane levá-lo a tal comportamento, e na sua primeira verdadeira manhã em Tramontana? Ele não se surpreendeu quando Kieran, em uma voz calmamente autoritária, convidou-o para uma conversa particular depois do desjejum. O sorrisinho de Liane rapidamente desapareceu quando, por sua vez, foi mandada para ver Bronwyn.

Coryn retirou-se da mesa, seu desjejum intocado. Aran o tocou gentilmente nas costas de seu pulso, um gesto que Coryn agora entendia ser comum entre telepatas.

— Eu nunca acreditei na história dos cavalos. — Aran disse. — Mas soou como se algo excitante houvesse acontecido. Talvez possa contar-me mais tarde. Desculpe se o coloquei em confusão.

— Não foi você, foi aquela... aquela... — Coryn se segurou antes de dizer algo de que se arrependesse depois.

Pouco tempo depois, estava parado em frente de Kieran na pequena sala de estar com paredes de pedra do Guardião. Apesar do frio da manhã, nenhum fogo estava aceso no chão pedregoso da lareira. Kieran estava confortavelmente sentado em sua cadeira simples, as mãos de seis dedos apoiadas em seu colo. A austeridade da cena, assim como a temperatura, fez Coryn estremecer.

— Não acontecerá de novo. — começou Coryn.

— Talvez, ao invés de fazer promessas que não tem nem idéia se poderá cumprir, explique-me o porquê de Liane o irritar tanto. É apenas a rixa entre suas famílias?

“*Precisa haver mais?*” Coryn se perguntou, mas não disse em voz alta. Sob o estímulo gentil de Kieran, ele passou desajeitado pela história do incêndio, da tempestade, do resgate. Ele percebeu o quanto estava sendo injusto. Liane não tinha culpa pelas decisões de seu pai e tinha sido amigável, daquela primeira vez na enfermaria.

— Ainda há mais alguma coisa que aborrece você, jovem Coryn. Liane é uma moça

impetuosa, talvez um pouco mimada, mas sem malícia.

Coryn pensou repentinamente que, se Liane não o tivesse lembrado tanto de Kristlin, ele não teria experimentado tal senso de... seria traição?

— Me escute. — disse Kieran, se aproximando, suas marcas da idade iluminando-se com intensidade. — No mundo lá fora, o nome de família de um homem conta mais do que a qualidade de seu caráter. Mulheres, e homens também, são julgados e vendidos por nada mais do que suas linhagens ou pelas alianças que podem trazer.

Coryn estremeceu, pensando no casamento de Kristlin, nas palavras apaixonadas de Tessa: “*Eu não serei uma barragana...*”

— Mas aqui na Torre, enquanto estivermos em serviço, deixamos tudo isso para trás. É o que você é, o que faz de sua vida, sua honra e dedicação, não sua posição ou ligações do clã é que determinam seu futuro. Você nasceu dotado de *laran*. Tudo o que isso lhe possibilita é a chance de conhecer a si mesmo e seus companheiros de um modo que nunca sonhou ser possível. Você pode falar através de quilômetros, pode procurar nas entranhas da terra por metais preciosos, pode penetrar na própria estrutura do mundo. Nada disso vem fácil ou sem um preço. E nada disso virá, a menos que você deixe as pequenas disputas do mundo para trás.

A voz de Kieran mudou, tão ressoante que lágrimas brotaram dos olhos de Coryn e ele de repente entendeu a paixão com que Gareth havia falado de seu Guardião.

— Você não é mais Coryn Leynier de Verdanta e Liane não é Liane Storn de Alto Kinnally. Você é Coryn e ela é Liane. Nada mais. Algum dia, se vocês dois tiverem o talento e a dedicação para merecer seus lugares aqui, vocês poderão muito bem segurar a vida de cada um em suas mãos. Não há lugar para briguinhas infantis que não são de sua conta. Você me entende?

Coryn, engolindo em seco, concordou. Ele jurou em seu coração aceitar Liane como era, tagarela e tudo o mais. Com essa aceitação, ele transpassou alguma barreira invisível, algum teste não dito, apesar de ter tido apenas a mínima idéia do que isso significava para ele. Ele só sabia que queria o que a Torre oferecia mais do que tudo que ele jamais quisera antes.

Um momento depois, uma dúvida se enrolou como fumaça oleosa através de seus pensamentos. Kieran falou de uma individualidade de propósito, de deixar o mundo exterior e tudo que o envolve para trás. Mas *Dom* Rumail servia a dois propósitos, o Rei e, igualmente, a Torre...

— Alguma coisa o incomoda?

Coryn franziu o cenho, procurando pelas palavras.

— *Dom* Rumail, que me testou... — Ele de repente teve dificuldades para respirar. “*Você não dirá nada sobre isto. Nada!*”

— ... ele ...ele veio para Verdanta... não como *laranzu*... mas como o representante... de seu irmão... o Rei Damian... — Coryn parou, tentando respirar.

Kieran concordou com a cabeça gravemente.

— Sim, alguns de nós não estão inteiramente livres das alianças familiares, deve ter sido isso. E sempre há o medo de sermos puxados para lados diferentes em um conflito de fora, apesar de os Hasturs ao menos terem prometido nunca colocar reino contra reino em uma guerra na Torre. — O velho *emmasca* parou. — Quanto a este... — Os olhos incolores tremeluziram, ausentes. — Ele não é seu problema. Vá agora e junte-se aos outros.

Estranhamente renovado, Coryn se encaminhou para a sala grande e iluminada na parte sul da Torre aonde Gareth instruía os novatos em monitoramento básico. Eles sentavam-se em pares nos banquinhos onipresentes ao redor de uma cama de armar, onde um dos garotos mais velhos estava deitado. Gareth parou de repetir sua explicação sobre a distância propícia da mão do corpo para “sentir” os canais de energia.

Liane chegou poucos minutos depois, os olhos vermelhos e inchados como se tivesse

chorado. Coryn percebeu que, por mais embaraçosa que houvesse sido sua entrevista com Kieran, a dela com Bronwyn devia ter sido pior. Ele quis procurá-la depois da sessão, querendo dizer algo, mas não sabia o quê. Não queria prolongar a discussão, mas foi meio isso o que ele esteve fazendo. Ao menos em parte.

Logo que Coryn chegou perto de Liane, Aran juntou-se a eles, olhos dançando em alegria.

— Nós teremos uma hora ao ar livre depois do almoço. Alguém está interessado em dar o fora daqui? Podemos pegar seu cavalo, Liane?

— Oh! — Ela corou, mas não de embaraço. — Sim! Podemos ir nós três?

— Você quer dizer sair para cavalgar? — perguntou Coryn.

Ele não tinha idéia de que a vida numa Torre pudesse ser tão normal. Nas suas horas de recuperação, pensou muito em seu perdido Dançarino.

— É claro! — Aran disse. — Houve dias em que não havia montarias em Tramontana, antes dos tempos de Rei Allart Hastur. Agora sempre há uns dois cavalos nos estábulos da Torre. Estamos autorizados a usá-los para nos exercitar. — Ele piscou para Coryn. — Estão sempre nos dizendo que precisamos nos manter fortes para fazer todo esse trabalho de matriz.

Uma imagem surgiu na mente de Coryn, os três rindo enquanto galopavam através das colinas, o vento cantando em suas orelhas, o agradável calor de prazer do cavalo transbordando tanto sob ele como se eles fossem um só, com o falcão acima como um pontinho contra o sol, e os gramados cantantes. Verde, dourado e azul brilhando vagamente ao seu redor, em seu interior...

Naquele momento, também, ele soube que isso era o que Aran sentia, o excitamento que estava nascendo na mente de seu novo amigo.

Enquanto desciam o corredor, Liane pisou em uma pedra irregular e tropeçou. Coryn se aproximou para apoiá-la. Sua mão esbarrou na dela, um ligeiro toque. Ele se virou para ela com os olhos recentemente abertos pelo contato momentâneo com Aran. Foi como se a visse pela primeira vez, não como uma criança enfurecida, mas uma jovem mulher, a mulher que se tornaria, orgulhosa e leal. Ele sentiu a força dentro dela, espelhada na sua, as histórias com que ela crescera, sobre a ganância e falsidade dos Leynier, a fúria de seu pai, seu amor pela família, o irmão mais velho que morrera em um ataque dos Leynier aos rebanhos, tudo aquilo marcado contra o garoto parado em sua frente. Ele se viu refletido na mente dela, nem demônio, nem covarde, nem espião, nem nada mais do que ela era.

“Kieran estava certo. A Torre é o único lugar em que podemos deixar para trás todo esse ódio e começar novamente.”

Ele estendeu a sua mão e, com o tímido sorriso agora se tornando um riso sincero e radiante, ela a tocou.

Oito

Quatro anos depois, os três amigos cavalgavam juntos através das colinas ao redor de Tramontana. O prêmio de uma manhã de falcoagem, um par de faisões da floresta para o banquete do Festival de Verão, pendia em suas celas. Os homens também tinham cestas cheias com margaridas da montanha, flores-do-céu, e até mesmo um talo ou dois de *bellissima* branca, para serem arrumadas em cestas de presente para as mulheres da Torre. Nenhum tinha alguma parenta para honrar de acordo com a tradição do Festival, como Hastur, Senhor da Luz, honrou a Abençoada Cassilda com frutas e flores. Coryn pensava com antecipação na expressão da face de Liane para as opalas-do-rio que ele havia achado para ela, o mesmo tipo de presente com que havia presenteado Kristlin.

Agora Coryn e Liane cavalgavam facilmente juntos como irmão e irmã, observando Aran cavalgar à frente, o corpo se movendo em sintonia com os passos largos do cavalo. Nesta manhã Coryn havia emprestado a Aran seu belo negro de Armida, um presente de seu pai no último inverno. Era o mesmo cavalo que Petro montara naquela fatídica missão a Storn, durante aquele terrível fogo.

Aran, muito magro e possuidor de olhos escuros injetados, de deixar a maioria das moças com inveja, cavalgava com as mãos nas coxas, rédeas soltas no pescoço do cavalo. O negro arqueava seu pescoço e o jogava para o lado, levantando as patas e a cauda abanando no vento.

Coryn riu.

— Ele quer correr!

— Com o que o tem alimentado, ossos de dragão? — Aran gritou de volta.

O cavalo, solto das rédeas invisíveis, acelerou seus passos. Aran ergueu sua mão enluvada e seu falcão *verrin*, que esteve pairando no limite da visão, circulou e desceu para encontrá-lo. Como muitos de seu clã, Aran tinha o Dom, o *donas*, do contato com animais.

Coryn diminuiu o passo de sua própria montaria, fechando os olhos para tornar mais fácil seguir a união entre animal, pássaro, e homem. Uma mão arrastou-se para a pedra-da-estrela na corrente prateada ao redor de seu pescoço. Mesmo isolada em seda grossa, esta pulsava com energia enquanto ele focava sua mente na de seu amigo.

O vento soprava através de sua crina, erguia suas asas, varria alegremente as lágrimas de seus olhos. Força surgiu através dele, como se ele pudesse correr, voar ou cavalgar para sempre. De todos os presentes da amizade de Aran, este era o mais precioso.

Liane conduziu seu cavalo ao lado do de Coryn, seu falcão especial para moças encapuzado em seu pulso. Os anos haviam endireitado seu nariz e desbotado suas sardas, deixando-a atraente, mas não bonita. Quando Coryn olhava para ela, via o espírito por trás de seus olhos verdes, a coragem que ela trazia em tudo que fazia. Ela havia se tornado uma monitora habilidosa e, como Kieran havia predito, cuidara do bem-estar de Coryn em mais de uma ocasião nos círculos de matriz.

— Isso não é justo! — ela disse, seguindo o cavalo negro com os olhos. — Eu posso seguir o curso de uma única célula de sangue através do corpo de um homem, mas apesar de tentar, não consigo acompanhá-lo desse jeito.

Ela quis dizer a unidade de Aran com cavalo e falcão. Apesar de poder monitorar e manipular fluxos de energia em um corpo humano, ela era bem menos talentosa em empatia, a habilidade de sentir as emoções do outro, e tinha apenas a mínima telepatia para trabalhar em um círculo.

— Ah, tudo bem. — ela suspirou.

No isolamento de uma Torre, era impossível manter seus sentimentos por Aran em

segredo, ou o fato dele sentir apenas afeição fraternal por ela. Eles foram amantes por uma breve noite, no Final de Ano, quando todas as barreiras normais na comunidade da Torre eram suspensas. O que para Liane foi um despertar enlevado, para Aran foi apenas parte do ritual sacramental partilhado do festival.

Coryn, sensibilizado pelo seu contato com Aran, sentiu a angústia do desejo de Liane. Se ela fosse Kristlin, ele teria sentido o dever de falar com Aran. Mas ele sabia que, se tomasse qualquer providência, Liane ficaria furiosa e humilhada. Ela era uma monitora treinada, uma *leronis*. Como ela já havia tão enfaticamente informado Coryn mais de uma vez, ele não era guardião de sua consciência. Além disso, seu próprio Guardião havia determinado que, enquanto ela mantivesse os canais que transmitiam sua energia sexual desobstruídos, a situação não era perigosa nem para ela nem para Aran. Se ela não fosse confiável em manter tal cuidado básico com seu próprio corpo, então como poderia ser responsável pela vida e saúde de seus companheiros trabalhadores?

“Isso era uma coisa boa”, refletiu Coryn, “que tal independência em mulheres fosse adotada apenas nas Torres, ou os homens de Darkover poderiam muito bem ter suas ordens questionadas todas as vezes.”

O cavalo de Coryn puxou o freio, ansioso para retornar ao estábulo e sua aveia.

— Tudo bem, então — ele disse em voz alta, deixando o animal começar a trotar. Ele inclinou sua cabeça para trás esquadrinhando o céu à procura de seu falcão, chamando-o. Ali estava, as amarras presas em seus pés, preguiçosamente aproveitando o calor da tarde. Coryn chamou novamente, gesticulando para que o falcão voltasse.

Com um grito de congelar o sangue de um *banshee*, a ave dobrou as asas e desceu em direção à terra.

O coração de Coryn saltou para sua garganta. *“Abra suas asas!”* ele pensou desesperadamente. *“Agora, antes que seja tarde demais!”* O corpo do pássaro preencheu sua visão, caindo ainda mais rápido agora, cada vez maior.

“NÃO!”

— Coryn, o que foi? — gritou Liane, sentindo seu terror. — O que há de errado?

— O falcão... — ele piscou e o céu repentinamente estava vazio, o falcão batendo suas asas enquanto se ajeitava em seu braço esticado. Garras agarravam sua luva. Os olhos brilhantes encapuzados o aliviando calmamente.

— O falcão está bem. — Liane disse acusadora. — O que aconteceu? O que você sentiu?

— Eu não... eu não sei.

Mesmo Kieran não poderia sondar os pesadelos informes e sombrios de Coryn. Geralmente nada mais do que um sentimento de ódio e a compulsão de que não deveria falar sobre eles.

— Se você não sabe, iremos descobrir. — Liane disse com sua praticidade usual, enquanto virava a cabeça de seu cavalo para a direção da Torre. — Se for aquele meu irmão, irei arrancar sua pele. Vivo! Juro que ele não tem mais juízo do que uma vaca bêbada com maçãs fermentadas!

Seu irmão mais velho, tendo chegado à sua maioridade, havia gerado não uma, mas duas filhas. Era uma vergonha, Coryn havia comentado, que seu próprio pai não tivesse pensado em casar o filho de Eddard com uma delas. Uma aliança de casamento colocaria um fim na longa disputa. De qualquer modo, com Kristlin prometida a Belisar Deslucido, não havia razão para Lorde Leynier procurar então por outras alianças.

Eles guiaram os cavalos tão rápido quanto era seguro descendo a encosta, através do estreito passo arborizado e então cruzaram as suaves colinas em direção à Torre Tramontana. Paredes de pedra cinza luziram fracamente ao sol do meio-dia, pois eles estiveram fora caçando com os falcões por toda a manhã, demorando-se a aproveitar o dia. Eles pararam na

área do estábulo.

Aran estava conversando com o falcoeiro. Ele parou, rosto pálido de preocupação. Antes de poder falar, Coryn virou-se para o falcoeiro, que já estava cuidando dos pássaros, posicionando o falcão para damas de Liane em um poleiro externo.

— Há... houve alguma novidade? — perguntou Coryn.

— Tudo quieto por aqui. — O homem abaixou a cabeça e desapareceu nas gaiolas escuras com o falcão que Coryn havia usado.

Coryn remexeu nos laços de sua luva de falcoagem. Seus dedos tremiam, demorando com os nós, até que Aran se aproximou e agilmente desatou o emaranhado.

— *Bredu.* — Aran chegou mais perto, seus olhos escuros preocupados, e tocou com a ponta dos dedos as costas da mão livre de Coryn. — O que é?

Depois da diversão desta manhã, Coryn ainda estava em leve contato com seu amigo.

— Eu vi... eu senti que algo terrível havia acontecido. Eu não sentia deste jeito desde... bem, desde que cheguei aqui.

“Eu vi o falcão caindo, do mesmo modo que vi o incêndio.”

Ele fechou os olhos, tentando não ver as pálidas chamas azuis subindo em suas mãos, em seus braços, na direção de seu coração. Um ofego o fez perceber que Aran, unido por aquele contato físico leve como uma pluma, havia focalizado aquela antiga visão. Sem pensar, Coryn empurrou sua mão para longe; então desejou não tê-lo feito. Aquele era seu amigo, seu irmão jurado, não um estranho.

Antecipações dos festivais vindouros pairavam no ar como incenso. Risadas soavam altas vindas da câmara de ensino dos novatos e músicas vinham da cozinha. Duas das amigas mais próximas de Liane, também monitoras, mas trabalhando em círculos diferentes, chamavam-na para se juntar a elas na decoração do vestibulo central. Ela olhou para Coryn e sua testa se enrugou levemente.

— Não, vá. — ele disse, forçando um sorriso. — E obrigado pela sua preocupação.

— Oh, você! — Do mesmo jeito que sua irmã mais nova, Liane fez beicinho para ele e saiu bufando com suas amigas.

— Venha, então. — Coryn disse para Aran em um tom mais suave. — Vamos alegrar o coração da cozinheira com estes faisões e depois alegrar os corações de nossas irmãs com os presentes do Festival.

Com o treinamento de disciplina da Torre, Aran se virou, saindo. Ele podia não acreditar nas palavras tranquilas de Coryn, mas tinha o bom senso de manter quietos seus próprios pensamentos, e Coryn era grato por isso.

A manhã do Festival estava clara e aconchegante, o que era diferente do normal. Desta vez não houve nenhuma chuva. Coryn bocejava enquanto descia de seu aposento. A virada das estações marcava o final de seu turno nas transmissões; havia sempre mais atividade de noite, quando os não-telepatas estavam dormindo e ele esteve aguardando ansiosamente pelo sono extra. Ele se arrastou para fora da cama cedo o suficiente para deixar as cestas de flores para Liane e Bettina, e também uma para Bronwyn, mas o resto da noite fora inquietante, seus sonhos ansiosos.

Seu ânimo melhorou quando entrou no saguão central. As mulheres mais jovens o haviam enfeitado com guirlandas. Ele percebeu o toque caprichoso de Liane com as velas recém-feitas e pensou em Margarida decorando o saguão em Verdanta. Enquanto o adiantado sol inclinava-se através dos vidros lustrosos das janelas, a cera de abelha aquecida desprendia um perfume suave de mel.

O banquete do desjejum já havia começado e ainda continuaria por algum tempo, unindo o desjejum e a refeição do meio-dia em um só. Cestas de mel, pão de condimentos, pão trançado de ovos e pãezinhos gelados se espremiavam na superfície da mesa, repleta por travessas de carne fria fatiada com massa-folhada e coberta com molho de mostarda, queijos

com ervas, pasta de frutas secas moldadas em anéis como picos de montanhas e depois salpicadas com “neve” de amendoim, montes de manteiga clara, tigelas de creme coalhado. A cerveja clara, aquecida com rodela de casca ou gelada e aromatizada com amora, era distribuída livremente, pois hoje não se esperava que ninguém fizesse nenhum trabalho.

Na cabeceira da mesa, Kieran sentava-se com os outros dois Guardiões, Bronwyn, e o mais velho dos técnicos. Eles se mantinham discretos entre si e se retirariam cedo esta noite, para permitir aos jovens a liberdade de aproveitar as festividades.

Coryn escorregou para o seu lugar habitual entre Aran e Marcos, um sério mas desinspirador mecânico de matriz mais velho, que exibia cicatrizes no rosto e sotaque das terras-baixas que lhe traíam um passado transtornado. Ele estava sempre repreendendo os homens mais jovens por uma coisa ou outra: por ficar bisbilhotando, por pregar peças ou brincadeiras sem nenhuma seriedade. Aran perturbava-o sobre não ter senso de humor até que Marcos o deixava em paz.

Liane, em uma das outras mesas com suas amigas, gesticulava alegremente enquanto contava uma história do burro mitológico de Durraman. Em sua versão, o animal estava passeando em uma tempestade de neve e foi pego dentro de um abrigo de viajantes por um monge de vista curta que, bêbado do vinho do Festival, o confundiu com São Valentim. As estripulias do velho animal, enfeitado com vestes de feriado e oferecendo bolos de nozes, arrancavam gargalhadas das meninas.

Um dos novatos brincou que este clima estava bom para um Vento Fantasma, e outro disse que no Festival, eles não precisavam de ajuda para se divertirem.

— Aran, você ouviu isso? — Cathal, outro dos mecânicos, um jovem magricela, parente distante dos Aldarans e com um cabelo vermelho flamejante como prova, gritou da mesa de trás. — O último escândalo em Neskaya?

— Fofoca não serve para nada. — Zangado, Marcos balançou sua cabeça. — Especialmente fofoca ouvida no Festival...

— Não seja tão estraga-prazeres! — Aran disse, empurrando o jarro de cerveja para o homem mais velho. — Conte-nos Cathal!

Coryn ergueu uma sobrancelha para a franca imprudência de seu amigo. A cerveja era servida livremente, realmente, e Aran nunca teve muita cabeça para isso.

— Um dos *laranzu'in* mais velhos de lá, irmão bastardo do Rei de Ambervale, sabe qual?

“*Rumail!*” Coryn sentiu um calafrio na espinha.

— Sim, não houve lá um grande mal-estar quando o passaram para trás no treinamento de Guardião dois anos atrás? — Aran disse.

— Eles o pegaram com uma matriz-armadilha não monitorada. — Mesmo modificada por causa da cerveja, a voz de Cathal traía seu desgosto.

Coryn balançou a cabeça, desejando não ter bebido nem mesmo aqueles poucos goles de cerveja. Ele havia sido ensinado sobre matrizes ilegais como todos os outros estudantes em Tramontana, como reconhecê-las e mantê-las seguras até que um círculo de trabalhadores com o preciso controle pudesse destruí-la. Uma matriz-armadilha podia ter usos legítimos também, como as do Véu de Hali, que permitiam que apenas aqueles com verdadeiro sangue *Comyn* passassem.

— O que eles disseram... — Cathal abaixou sua voz dramaticamente, — foi que ele fez uma, projetada para incitar uma pessoa específica, uma que poderia congelar todos os movimentos, até as batidas do coração de um homem.

— Ora, vamos. — zombou Aran. — Algo deste tipo não pode ser mantido escondido por muito tempo. Uma das grandes Torres, Hali ou Arilinn. com certeza a teria captado em suas telas. Que tipo de idiota tentaria fugir com isto?

— Bem, talvez ele não planejasse manter isto na Torre. Talvez a tenha feito para seu

irmão. Dizem que Rei Damian tem ambições além de suas fronteiras.

Neste momento, os novatos das outras mesas haviam parado com suas conversas e ouviam atentamente. Liane hesitou, suas palavras vagueando.

— Isso está certo. — um dos jovens amigos de Cathal disse. — Por que ter tanto trabalho em fabricar *fogo aderente* quando você pode apenas deslizar uma daquelas... daquelas coisas... para o castelo de seus inimigos? Na confusão, você poderia apenas marchar para dentro...

Um tumulto rompeu-se ao redor da mesa.

— O que ele está dizendo?

— Um assassino Aldaran?

— Neskaya está fabricando armas assassinas?

— Isso é ridículo!

Cathal levantou suas mãos.

— Estou apenas dizendo o que ouvi...

— E o que você ouviu é muito falatório de línguas imprudentes. — Marcos falou bruscamente. — Vê como é fácil a reputação de um homem ser prejudicada com apenas umas poucas palavras? Enquanto estamos aqui sentados, a cada instante, este *laranzu*, aonde quer que esteja, foi de um inocente estranho para um demônio intencionado a usar suas habilidades de *laran* para assassinar algum inocente.

— Nós nem mesmo sabemos se havia uma matriz-armadilha. — um dos mais jovens insinuou.

— E mesmo se houve — Marcos continuou obstinado — e se nem mesmo foi esse homem que a fez, mas algum outro?

— O quê, você o está defendendo? — Cathal disse.

Coryn respirou fundo à audácia da observação. Realmente, Marcos não havia progredido muito em suas habilidades, mas era o mais velho sentado à mesa. Coryn podia desculpar a provocação anterior de Aran, feita com bom humor brincalhão, mas Cathal fora deliberadamente provocador.

— Cathal... — ele começou.

— Eu não conheço este *nedestro* Deslucido. — Marcos interrompeu — e nem formei nenhuma opinião defendendo sua culpa ou inocência. Mas não me baseio em julgamentos de conversas inúteis de crianças bêbadas da cerveja do feriado.

Uma das garotas da mesa de Liane engasgou.

— Como ousa dizer isso sobre mim?

Cathal, corando profundamente, empurrou seu banco para trás. As pernas se arrastaram no chão de pedra. Suas mãos cerraram-se nos pulsos.

— Parem, os dois! — Coryn gritou. — Ouçam a si mesmos! Vejam o que isto está fazendo conosco!

Atravessando a sala, Kieran se levantou com o mínimo sussurro de seu longo manto de Guardião. Em momentos, a sala inteira fez silêncio.

A voz clara de Kieran, baixa como era, pairava como um sino através da sala.

— Chega de rumores! Rumail, irmão *nedestro* de Damian Deslucido, realmente foi dispensado da Torre de Neskaya.

O coração de Coryn saltitou. Kieran era sempre muito específico sobre seus termos. *Dispensado*, ele disse, e não *convidado a sair*.

— Mas... — exclamou o jovem amigo de Cathal — o que aconteceu? A história sobre a matriz-armadilha é verdade?

— Não é apropriado discutir sobre o infortúnio de outra pessoa. — Kieran disse, tão severo como Coryn jamais o ouvira. — Rumail está sendo julgado pelo seu próprio Guardião e providências apropriadas estão sendo tomadas. Qual de vocês reclama ter o conhecimento

neste assunto que Neskaya não tenha? Quais de vocês propõem tomar conta da consciência do Guardião?

Cathal, que ainda estava parado, abaixou sua cabeça. Coryn percebeu um brilho de umidade na face sombria do outro garoto.

— Os rumores são minha responsabilidade, Kieran. Fui eu quem ouvi a história no turno da noite anterior. Ao invés de guardar para mim ou trazer particularmente para você, eu... — ele corou em um vermelho ainda mais profundo, se esforçando para continuar.

— Não há necessidade de dizer mais. — disse Kieran. — Simplesmente não haverá mais discussão sobre isto.

Cathal afundou em seu banquinho. Depois de um momento embaraçoso, Aran aproximou-se de seu lugar na mesa contígua e bateu levemente em suas costas. A atmosfera psíquica suavizou-se sob o gesto de espontânea generosidade. Uma das garotas da mesa de Liane começou uma outra história sobre o burro de Durraman.

Um sentimento real de alívio cresceu em Coryn. Rumail fora embora de Neskaya, fora embora das Torres! Sob tal circunstância, sendo totalmente dispensado, nenhuma outra Torre o aceitaria. Coryn nunca precisaria se preocupar que um ou o outro seja transferido para a mesma Torre. Ele se sentiu tão zozinho como se estivesse bebido um jarro inteiro da cerveja condimentada. A Torre era realmente seu lar e ele estava enfim livre.

Nove

Enquanto o verão passava, a rotina de trabalho e estudo continuava. A confusão acerca de Rumail de Neskaya se extinguiu, para ser substituída pelas conversas sobre a partida de Bettina e seu casamento. Uma escolta da fazenda de seu pai chegou na primeira manhã congelante de outono. Encimada por um manto de um branco reluzente de pele de carneiro decorado com laços dourados, seus cabelos enfeitados com pérolas e rubis, sentou-se em seu pônei branco como uma boneca exageradamente enfeitada, em vez de uma talentosa *leronis*.

— Na próxima vez, acredito que serei eu.

Liane suspirou, encolhendo os pés e envolvendo as mãos em uma caneca de *jaco* fumegante. Ela e Coryn estavam sentados em uma janela observando a estrada para a Torre. Estiveram trabalhando a noite toda, ele nas transmissões e ela carregando baterias de *laran*, e sentaram-se para ver o amanhecer. À expressão chocada de Coryn, ela continuou: — Não acha que ficarei aqui para sempre, acha?

— Na verdade, foi exatamente o que pensei.

Ela se encolheu, ficando fora de alcance.

— E eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar. *Dom* Kieran... e Dama Bronwyn... e Aran, e você...

— Não banque a sentimental comigo agora!

Liane fez beicinho para ele, lembrando-o mais uma vez de Kristlin. Ela era, apesar de tudo, uma jovem mulher educadamente criada, de boa família e em idade para se casar, capaz de trazer para sua família uma poderosa aliança. Tal como Kristlin.

A voz de Liane diminuiu para um sussurro.

— Gostaria que houvesse alguma mágica que capturasse esta manhã para sempre.

Seu olhar se direcionou novamente para a estrada, aonde a última poeira do cortejo de Bettina flutuava como um denso véu. Os pequenos músculos em volta de seus olhos se tencionaram, como se ela pudesse observar seu próprio futuro.

De volta à Verdanta, algum dia virá a hora de Kristlin deixar a casa, coberta das jóias que foram presentes de seu marido prometido e sua família, talvez acompanhada de sua ama Ruella, se a velha mulher pudesse agüentar viajar para tão longe. Seria bom ter alguém de sua infância, alguém que a amasse por ela mesma, e também alguém que ela ainda escutasse quando fosse uma Rainha.

“*Rainha!*” Coryn balançou a cabeça. Ele estaria em casa em dois anos, mas ela ainda seria uma criança com tranças e calças de rapazes. Estaria então com treze anos...

De repente ele tomou consciência do olhar atento de Liane. Aran ou Dama Bronwyn ou mesmo Cathal poderiam seguir seus pensamentos, mas os talentos de Liane caminhavam para outro lado.

— Sim? — ela disse, inclinando sua cabeça curiosa. — Você não ouviu uma palavra do que eu disse durante esses cinco minutos?

— Eu... eu estava pensando na minha irmã mais nova. Kristlin, aquela que você me lembra.

— Aquela que foi prometida ao Príncipe Belisar Deslucido, você quer dizer. — ela acrescentou.

— Você foi... foi prometida a alguém? — ele perguntou com embaraço, pois tais coisas raramente eram comentadas.

— Por que, você pediria minha mão para poupar-me da cama de um estranho? Um fino tom de amargura transpareceu em sua voz. Mais de uma vez em seus anos juntos, ele havia se aproximado dela e ela gentilmente havia correspondido, mas não havia sido nada

mais do que conforto e uma noite de prazer compartilhada entre amigos. Conectados pela sensibilidade de seu *laran*, foram tranquilos e honestos um com o outro, sem nenhuma pretensão de algum dia terem estado apaixonados.

— Você sabe o que meu irmão diria sobre isso — ela continuou — você sendo o terceiro filho sem terras de um vizinho, ele não acharia nada de proveitoso nisso. Não, meu querido irmão-do-corção, seu lugar na vida é aqui, com o seu verdadeiro talento. E o meu...

— O seu é aqui também. É uma talentosa monitora, ou pensa que Kieran a está bajulando?

Já neste último inverno, Kieran havia concedido a Liane as responsabilidades de uma monitora inteiramente qualificada em seu círculo. Era uma das mais jovens dentro das memórias recentes a se qualificar.

— Por favor. — Liane piscou para reter as lágrimas e se virou, o queixo erguido.

Coryn instantaneamente se arrependeu de sua imprudência. Ela queria ficar, para fazer o trabalho que amava. Ele era livre para seguir sua vocação ali, para seguir a própria vida em seus próprios termos dentro da Torre, tendo a inesperada vantagem de ser um filho a mais, que não herdaria nada mais do que o nome de seu pai. Mas Liane, não importasse quantas irmãs mais ela tivesse, poderia ainda trazer à sua família um poderoso genro.

Fechando os olhos, ele sentiu a sua dor como o arranhar de pequenas facas sobre sua pele. Ele se aproximou dela com seu *laran*. Enquanto Bronwyn sempre parecera a ele como o repicar de sinos prateados e Kieran como uma montanha rochosa coberta de neve, Liane parecia como uma seda espessa e aquecedora. Ela era uma monitora natural, pois não importava o quanto ele estivesse absorvido com o trabalho nas transmissões ou círculo de matriz, não importasse o quão longe de seu corpo inerte e congelado ele tinha ido, ela podia estabilizar seu coração ou esquentar seu ventre sem o menor vestígio de intrusão. E todo esse glorioso talento, sua mente rápida, seu espírito inteligente, tudo isto seria desperdiçado para poder gerar filhos para algum Lorde obeso que provavelmente já teria enterrado três esposas.

Coryn afastou o pensamento e no lugar focalizou a imagem da seda de teia de aranha soprada por uma brisa. Ele viu a estrutura sendo puxada de um lado, se dobrando em outro. Sua mão acariciou a seda, alisando as dobras.

Com um suspiro audível, Liane recebeu seu toque mental. Sob sua carícia, as dobras gradualmente se suavizaram em ondas inquebráveis, gentilmente se expandindo no ar aquecedor e com cheiro de chuva. A cor mudou de cinza opaco para azul, escurecendo para violeta nas margens.

Encorajado, Coryn foi mais fundo. Através das linhas externas de seu corpo, ele viu feixes de luz, canais que transmitiam as suas energias de *laran*. A maioria estava num tom saudável de dourado-claro, mas ali, perto da região do coração, fios se cruzavam e escureciam para o laranja, quase vermelhos. Para seu alívio, estes não eram os centros que carregavam a energia sexual, pois como monitora ela sabia muito bem os perigos de deixá-los estagnar. Apesar de seus sentimentos por Aran, ela havia aceitado que eles nunca seriam correspondidos. Aran a amava a seu modo, nada mais. Agora ela estava simplesmente magoada com a idéia de deixar Tramontana.

Tão gentilmente quanto havia acariciado a seda, ele desembaraçou os feixes laranja-avermelhados de energia, desobstruindo um após o outro até que irradiassem um brilho amarelo-pálido. Depois de terminar, ele descansou após voltar para seu próprio corpo. Nesta ocasião, ligados por um vínculo de *laran* mais íntimo do que uma união sexual, eles se conheciam e confiavam um no outro sem hesitação.

Ele abriu seus olhos para ver Liane olhando para ele com uma curiosa expressão.

— Obrigada, — ela disse. — Foi muito bem feito. — Ela se levantou, cobrindo um bocejo com a mão. — Você poderia ser um Guardião, sabe. — Ela saiu em direção a seus alojamentos, deixando-o muito surpreso para replicar.

A noite caiu como um xale de veludo negro sobre a Torre Tramontana e seus picos nos arredores. A última luz da perolada Mormallor já havia passado, deixando apenas o suave feixe lácteo de estrelas para quebrar a escuridão, pois esta era a única das poucas estações que nenhuma das quatro luas de Darkover brilhava. Ao centro do grande laboratório, enormes treliças de matriz reluziam, tocando a face de cada trabalhador com uma misteriosa luz azul como aquela de um feitiço da verdade. Diante deles, potes tampados de vidro continham fluidos porosos e efervescentes, a matéria-prima para o trabalho da noite, e os recipientes vazios esperavam o produto final.

Coryn sentiu a energia pulsando das telas, dúzias de pedras-da-estrela individuais pendiam em uma rede cristalina e se ligavam de modo a guiar e amplificar o *laran* do círculo. Ele fechou seus olhos para focalizar melhor a tarefa à mão. De vez em quando, ele sentia a fria condução certa de Kieran ou o toque de Gareth, que era o monitor esta noite, Liane estando temporariamente impossibilitada de trabalhar por causa de seus ciclos de mulher.

Força surgia de suas profundezas e entrava no círculo, para ser combinada com a dos outros trabalhadores, moldada e concentrada pelo Guardião. Ainda era cedo naquela noite, e a energia de Coryn estava alta. Ele sentia-se bem e descansado, quase animado.

A tarefa desta noite era uma das que ele podia se dedicar sem reservas: a refinação de produtos químicos anti-incêndio. Durante os últimos meses, o círculo havia retirado alguns dos elementos das profundezas da terra, carregando partícula por partícula através do *laran* para a superfície, um trabalho tedioso e exaustivo. Outros elementos vinham por transportes convencionais das cavernas não muito distantes de Tramontana. Agora, com a matéria-prima à mão, a parte mais difícil do trabalho começava. Não era tão perigoso quanto fabricar *fogo aderente*, quando as partículas deviam ser refinadas por destilação sob intenso calor e os recipientes de vidro podiam explodir, espirrando pedaços de material corrosivo; mas acidentes ainda podiam acontecer.

Sob o comando de Kieran, o círculo trabalhava para refinar cada partícula do material até seu estado mais puro. O processo de separação era exigente e ainda por cima, tinha a necessidade de manter cada tipo de partícula separada e protegida do ar e umidade. Os recipientes de vidro não eram suficientes; o processo requeria uma corrente contínua de força de *laran* para as camadas protetoras. Os materiais deviam ser mantidos separados até ficarem prontos para o delicado processo que os combinavam.

Coryn pairava na unidade do círculo, revelando-se nos turbilhões e ondulações da energia mental que os juntavam. Algumas vezes ele a sentia como um redemoinho em espiral, mantendo-o ainda mais alto, outras vezes como uma dança ressonante ou até mesmo como um coro com cada voz se unindo para uma gloriosa harmonia. De um lado sentava-se Kieran, agilmente mantendo-os unidos, e do outro, Aran. Do outro lado do círculo, Bronwyn tinha como sinos prateados. Ele nunca se sentira tão aberto, tão seguro, não desde a sua infância.

Coryn, traga os campos para mais perto. Kieran falara dentro de sua mente. *Cuidadosamente...*

Este era o trabalho do Guardião e Coryn o sabia. Ele também sabia que Kieran não lhe teria dado essa responsabilidade se não estivesse pronto. Ele tinha aceitado que algumas vezes Kieran o conhecia melhor do que ele próprio e, dentro de um círculo, a confiança em seu Guardião era absoluta.

Com sua mente, ele se aproximou das esferas contendo os materiais refinados, dois globos pulsantes imensamente dilatados e dois menores.

Cuidadosamente...

As esferas maiores eram mais fáceis de segurar, mas o perigo estava na substância volátil das menores. Coryn concentrou-se melhor. Sentia vagamente o toque de aprovação de

Bronwyn, a onda de orgulho de Aran. Gareth suavizou um músculo tenso na parte de cima de suas costas e a respiração seguinte veio mais livremente.

Agora pegue uma partícula daqui... e ali... e junte-as assim. Como se estivesse posicionando suas mãos físicas sobre as de Coryn, Kieran guiou-o para o próximo passo. Juntos formaram um minúsculo campo de separação em volta de cada molécula. Apoiado pelo *laran* do círculo, Coryn mentalmente removeu as partículas para dentro de um recipiente de vidro vazio.

Sim! As partículas, levadas pela sua atração complementar, escorriam uma atrás da outra, tão logo Coryn completava os escudos protetores. Vermelho-escuro e laranja, branco e marrom barrento ferviam dentro de uma bola amarelo-clara, então esfriavam para pequenas sementes franzidas da cor das cinzas.

Uma elevação surgiu diante de Coryn. Por um instante, visualizou esta semente que havia criado sujando o ar acima de uma floresta em chamas. Talvez até uma nas terras de Verdanta. As colinas familiares surgiram em sua memória, brasas fumegantes e saltitantes, a face suja de fuligem de Eddard, a pequena Kristlin em calça de rapazes...

Coryn. A voz mental de Kieran surgiu através do sonho. Coryn tornou a se concentrar para retornar a tarefa que tinha às mãos...

E entre um momento e outro, ele estava se afogando, sufocando, lutando para respirar. Seu peito tornou-se pesado, se esforçando para levar o ar para dentro dos pulmões encharcados. O chiado e chocalhar da respiração congestionada encheram seus ouvidos. Fogo corria em suas veias.

Vagamente sentiu mãos apertando lençóis encharcados, um pano frio em sua testa, vozes gritando um nome que não conseguia entender.

... a garota... febre muito alta... um velho doente... Kristlin! Pai!

Tentou se sentar. Imagens se transformavam em delírios indistintos, então se tornou cinza. Ele estava caindo, caindo...

CORYN!

Seu próprio nome vibrou através de sua mente, o trovão inflexível de Kieran para o choro de alarme de Aran e o tinir dos sinos prateados de Bronwyn. Perto dele, o círculo estava se quebrando, sua unidade despedaçada.

Os olhos físicos de Coryn se iluminaram sobre os recipientes tampados contendo as partículas separadas para os produtos químicos de retardação do fogo. Elas brilhavam com o toque da energia psíquica. Tinha sido sua a responsabilidade de manter os elementos separados e inertes dentro de seus escudos gerados por *laran*. Agora um rachava como se a ponto de explodir. Ele pulou de seu banco e investiu contra eles.

Os dedos de Coryn envolveram um delicado inferno. Cheirou à carne queimada e por um momento de pesadelo, viu chamas subindo pelas suas mãos até seus braços. Reflexivamente derramou o recipiente. Este bateu no chão de pedra. Seu corpo se arqueou e teve um espasmo, agonia metade física, metade mental. Alguém o pegou nos braços e gentilmente deitou-o no chão. Ele piscou, olhando dentro dos olhos de Aran, escuros e preocupados.

— Aldones! — gritou Gareth. — O que aconteceu? — Rapidamente, correu suas mãos a certa distância do corpo de Coryn, monitorando-o.

Pulmão deteriorado... Os pensamentos de Gareth correram para a mente de Coryn. *Como pode ser? Apenas há um momento atrás, estava saudável e forte. . .*

— Não foi ele. — Kieran se ergueu de onde ele e Bronwyn haviam se ajoelhado juntos sobre os produtos químicos derramados, estabilizando-os até que pudessem ser enchidos novamente.

Ele se inclinou para Coryn em silencioso questionamento.

— Alguma coisa... eu não sei — Coryn gaguejou.

Mas ele já sabia.

Calafrios começaram nas profundezas de seu corpo, tornando-se visíveis. Seus dentes batiam, e não conseguia controlar suas mãos. Eles as mantinham longe, observando a carne avermelhada como se não fosse sua.

Muito tempo depois de os outros terem ido para suas camas e o céu clarear no leste, Kieran sentou-se com Coryn. Gareth passara unguento e enfaixara as mãos de Coryn, dizendo que as queimaduras se curariam sem deixar cicatrizes. Felizmente, ninguém mais havia se machucado, apesar de dois trabalhadores precisarem de descanso adicional.

Coryn examinou as faixas em suas mãos.

— Eu fui criminosamente descuidado — ele disse, miseravelmente com culpa e medo.
— Deixei minha concentração decair enquanto pensava em nada mais do que em minha própria glória. Você me confiou uma tarefa crucial e eu falhei. Eu falhei com todo o círculo. Alguém mais poderia estar seriamente ferido. . .

Kieran o silenciou com um gesto.

— Você não é o primeiro a se entregar em uma pequena auto-felicitação e depois sofrer as consequências. Se pudéssemos fazer tudo perfeitamente na primeira vez, não haveria necessidade de treinamento. Mas você aprenderá com este acidente, bem melhor do que se eu o advertisse com meras palavras.

Por um longo tempo, Coryn não ousou falar de sua visão. Algo terrível tinha acontecido em casa, disso ele tinha certeza. Quando estava aberto para o círculo, suas barreiras naturais ficavam arriadas. Naquele banho de exultação, seus pensamentos tinham ido para sua família, para seus sonhos de infância. Kristlin, com seu *laran* indisciplinado, penetrara através de sua mente como uma tempestade. Por um momento, ele fora sua irmã mais querida, delirando com febre, lutando por cada respiração.

Eu estava pensando em casa, no Pai e em Kristlin, em levar os produtos químicos anti-incêndio para eles como sonhara que um dia levaria. E subitamente... estava em outro lugar, outro corpo... um corpo morrendo. O corpo de Kristlin.

— Minha irmã... meu pai... Misteriosa Avarra, tenha misericórdia por todos nós!

Por sugestão de Kieran, Coryn tirou sua pedra-da-estrela e focou-se nela, procurando pelo toque mental de Kristlin mais uma vez, ou de seu pai, ou mesmo de seus outros irmãos. O suor escorria em sua testa e seus dedos tinham câibras, mas ele não conseguiu sentir a força vital de Kristlin. Petro, Margarida, e mesmo Tessa, ele sabia que estavam vivos. Eddard, ele não tinha certeza, pois a resposta surgida da tristeza e terror quando pensou em seu irmão mais velho era muito forte para se penetrar. Quando a seu pai, sentia apenas um vazio.

Kieran também era incapaz de se comunicar com qualquer um em Verdanta. Ninguém lá fora treinado no uso de suas pedras-da-estrela.

— Mesmo assim não consigo alcançar tão longe com minha mente — ele disse, — embora tenha laços de sangue em sua família, não conheço essas pessoas. Você tem uma ligação bem mais profunda, especialmente com sua irmã.

Mas Rumail alcançou Neskaya quando pediu ajuda durante o fogo.

— Rumail é um poderoso telepata — Kieran respondeu em voz alta. — E ele treinou muitos anos junto com o pessoal de Neskaya. Isto não é uma falha de sua parte.

Mesmo que as palavras de Kieran trouxessem pouco conforto, sua presença o fez. Coryn sempre visualizou a energia de Kieran como uma montanha rochosa. Agora enquanto as horas passavam até o amanhecer, a calma interior do velho Guardião vazou para Coryn, o acalmando.

— Mandaremos uma mensagem através das transmissões — Kieran disse enquanto se preparava para deixar o aposento de Coryn só para ele. — Talvez alguém em Neskaya tenha uma mensagem de sua família.

— Devo ir para casa. Devo ter certeza — Coryn disse, se esforçando para sentar. O aposento girava nauseante. Enquanto ele tossia, uma dor torturante atravessou seu peito.

Kieran passou as pontas dos dedos contra a face de Coryn. Para Coryn, o toque queimou como fogo congelante. Ele estremeceu.

Você não está em condições de ir a nenhum lugar. A energia de seu corpo está em ressonância com a de sua irmã e isso está afetando seus pulmões físicos. Este é um estado muito perigoso. Gareth, e Liane, quando for capaz, o monitorarão até que seus canais estejam limpos.

Coryn ouviu um choro ao longe, como um *banshee* nas alturas, como o vento através de um castelo deserto, uma nevasca através das colinas estéreis, e o reconheceu como sua própria aflição.

O falcão caiu do céu, ele pensou entorpecido. Era um presságio?

Dez dias depois, Coryn acordou do sono, vorazmente faminto. Gareth viu aquilo como um bom sinal, pois seu corpo precisava de comida para reparar e reequilibrar o rompimento de seus canais de energia. As injúrias externas, as queimaduras em suas mãos, haviam se curado até o mínimo tom de vermelho, sumindo rapidamente.

Ele desceu para a cozinha, aonde Gareth e Marisela, os mestres da casa, arrumavam tigelas de coelho-de-chifres ensopado, borbulhando, fragrante com um aroma de cogumelos e alecrim, que subia da enorme panela, e cinco fatias de pão incrustado de sementes alinhadas indiferentes em travessas. As últimas poucas fatias do sexto pão, junto com algum queijo macio de *chervine*, arrumado em um prato. Coryn serviu-se e sentou-se com eles, feliz pela sua tranquila companhia. Ele se lembrou de estar sentado em volta de uma mesa talhada em Verdanta, mastigando bolos de nozes ou dispensando as tortas de carne com Petro e Margarida.

Não, era perigoso pensar em casa. Em casa e no que devia, o que tinha, acontecido ali. O impulso de ir correndo para casa voltou junto com sua saúde, mas Kieran o havia proibido completamente.

Não até termos certeza do que aconteceu.

Então Coryn controlou seus pensamentos, acalmou sua respiração, e tentou se concentrar no presente momento. Esperou pelas notícias que deveriam vir.

A cozinha em Tramontana se localizava fora do próprio corpo da Torre, para ventilar os enormes fornos e deixar entrar a luz natural através do agrupamento de janelas ao longo de toda a janela. Um dos Guardiões anteriores, um bom comedor, havia subornado a melhor cozinheira do reino para se juntar à equipe da Torre, construindo esta cozinha especialmente para ela. Qualquer que fosse a verdade da lenda, o saguão iluminado permanecia cheio de alegria em quase todos os dias do mais melancólico inverno. Ocupava um canto inteiro do andar térreo, com suas próprias portas que davam para o lado exterior do pátio e descia até a adega cheia de tonéis de vinho, enormes peças de queijo envelhecido, barris de nozes, maçãs e repolhos, grandes sacos de farinhas e outros pequenos de sementes e peixe salgado seco.

Por causa da locação da cozinha, Coryn ouviu sons de cascos aproximando-se na estrada.

Rafe Caolho.

Coryn permaneceu imóvel e a calma que mantinha com esforço desapareceu. Suas mãos inconscientemente agarraram a ponta da mesa, tão forte que as juntas estalaram.

— Um viajante tão tarde? — Marisela disse. — Irá querer seu jantar.

— Ele está dominando aquele pobre cavalo bem forte, pelo barulho, — Gareth disse.

Ele pegou sua tigela da enorme pia de pedra polida aonde uma caçarola cheia de pratos já estava de molho, e saiu rapidamente pela porta.

Coryn acabou seu último *jaco* enquanto Marisela apressava-se em preparar uma refeição quente para o pobre viajante. Isso era tudo que podia fazer para recuperar um arremedo de calma. Seguindo os exercícios que havia praticado em seu primeiro ano em Tramontana, ele respirou profundamente, devagar, suavizando a tensão em seus músculos e focalizando seus pensamentos.

Aran esperou na porta da cozinha. Com sua sensibilidade empática, Aran sabia que algo

mais acontecera. Sua presença silenciosa falava mais do que quaisquer palavras. Coryn tocou as costas do pulso de Aran com as pontas dos dedos.

Bredu, estou feliz que esteja aqui. Eu. . .

Um dos novatos entrou correndo. O cabelo do rapaz caía em sua face corada.

— Há novidades de Verdanta! Um viajante! Kieran quer que você...

Embora Coryn esperasse longos dias por aquelas palavras, dedos gélidos agora congelavam sua espinha, alcançando seu coração.

Então, chegou.

Você não está sozinho, meu irmão.

Por um instante, Aran o envolveu em um calor calmante.

Momentos depois, Coryn, com Aran e o novato a apenas um passo atrás, bateu na porta dos aposentos privativos de Kieran. A uma palavra de dentro, levantou o ferrolho e entrou. A cena o lembrou por um instante de sua primeira entrevista: a simplicidade completa do aposento, o frio que agora ele entendia não vir de uma austeridade forçada, mas sim de uma indiferença à temperatura. Kieran estava sentado na mesma cadeira, gesticulando para que se adiantasse. O Guardião parecia não ter envelhecido nada desde aquele dia, exceto por um traço de magreza nos ombros.

— Sinto por ver você, Coryn, sob tais circunstâncias, — Kieran disse formalmente, — mas agradeça por ter um irmão ao seu lado. Ei — falou para o garoto — deixe-nos agora, mas não diga uma palavra sobre isto. Lembre-se do que combinamos, que isto é problema de Coryn e não nosso.

Com um aceno de cabeça, o mais novo desceu ruidosamente as escadas.

Coryn fechou a porta atrás dele para ver Rafe Caolho parado nas sombras por trás da porta. Enquanto o velho mercenário se adiantava, a luz iluminava sua face. Parecia como se tivesse envelhecido um século, toda a sua força de aço enferrujada. Suas roupas estavam negras com a sujeira da viagem.

Os olhos incolores de Kieran pousaram nos de Coryn, refletindo ali apenas bondade.

— Finalmente vieram notícias de Verdanta.

Coryn procurou o rosto de Rafe, a profunda linha delineando a boca, o olho reumático. Com a disciplina de seus anos de treinamento na Torre, esperou pelas palavras que sabia que viriam.

— Uma epidemia de febre dos pulmões varreu toda a área ao redor de Verdanta, — Kieran disse. — Seu pai... e sua irmã... e muitos outros...

— Misericordiosa Avarra! — Aran sussurrou.

O falcão... o falcão caiu do céu.

— Mesmo um homem em sua força total pode perecer da febre dos pulmões, — Kieran disse, sua voz esmaecendo com um profundo cansaço. — Muitos morreram antes da coisa tomar seu curso. Nenhuma família foi poupada, desde a mais pobre fazenda até o próprio castelo. Metade das famílias pequenas se foram. E daqueles que sobreviveram, muitos têm tantas marcas em seus pulmões que terão suas vidas encurtadas.

Coryn deixou-se cair no banco mais próximo. Não apenas Kristlin e seu pai, mas homens e garotos que trabalharam ao seu lado nas linhas de fogo e se banquetearam junto no Solstício de Verão, se foram! Ele sentiu o leve toque de Aran em seu ombro, a pressão na ponta dos dedos nos músculos, uma pulsação de força: *Estou aqui...*

Febre dos pulmões... Diferente das doenças naturais, este horror era feito por *laran*. Tramontana nunca havia feito aquilo, e Coryn ouvira Kieran discursar contra armas que não respeitavam limites e matavam tantos inocentes. Bronwyn, que vira sua casa arrasada por bombas de fogo de carros aéreos impulsionados por *laran*, se enfurecera: “*Deveríamos travar guerras ainda mais aterrorizantes, então, tão horríveis que nenhum Lorde ousaria enfrentar outro por medo do que pudesse ser solto em suas próprias terras!*”

— Sinto tanto — Aran murmurou. — Seu pai...

Naquelas poucas palavras, Coryn percebeu os ecos da antiga dor, de perdas colocadas para descansar, mas não esquecidas. Nunca esquecidas. O pai e o avô de Aran morreram em um deslizamento de rochas quando ele tinha sete ou oito anos, velho o suficiente para lembrar-se deles, mas jovem o bastante para precisar da orientação de um parente amoroso. Sua mãe, triste e amargurada, afundou-se internamente em sua própria tristeza, deixando Aran e seus irmãos encontrarem seu próprio caminho através da tempestade, sozinhos nos anos que se seguiram. Tudo aquilo ele havia sussurrado para Coryn quando se sentaram, sem sono e um pouco embriagados, na Noite do Festival do Solstício de Verão do seu segundo ano.

— Foi Kristlin quem morreu, um dia depois — Coryn disse em uma voz vazia.

Concordando, Rafe cobriu sua face com a mão arranhada em carne-viva para esconder suas lágrimas.

Coryn não via Kristlin fazia dois anos. Foi no Festival do Solstício de Verão a última vez que esteve em casa. Pensara que sempre teria um outro Solstício de Verão, e então um casamento...

— E Petro? Tessa? Margarida? Ruella, minha antiga ama? O *coridom*? O velho Timas?

Rafe pressionou seus lábios silenciosamente controlando sua compostura.

— Petro e as outras *damiselas*, estão vivos, apesar de eu não saber como o fizeram. Ruella... Timas... não conheço estes nomes, mas poucas das pessoas velhas sobreviveram. A febre os ataca mais forte, a eles e aos pequenos. Eu... eu estava viajando pela fronteira com Alto Kinnally e estava atrasado na volta — ele adicionou, como se explicando ou talvez fosse um apelo por perdão.

Coryn se encontrou levantando, a mão de Aran caindo.

— Irei me preparar para retornar a casa para os funerais.

Kieran disse:

— Não pode haver funeral para aqueles que morrem da febre dos pulmões. Os corpos devem ser cremados e as cinzas misturadas com sal para prevenir mais contágios.

— Não me importo. — A visão de Coryn ficou turva. — Esta é minha família... devo ir para casa.

Rafe ergueu a cabeça.

— Seu irmão Eddard, aquele que agora é Lorde Leynier, mandou-me lhe dizer que ele e seu único filho ainda vivem. Ele disse... ele disse... — ele modulou a palavra que significa *mandou* — para não ir, não quando ainda houver perigo de febre dos pulmões.

— Não ir... como se eles fossem estranhos e suas vidas não significassem nada para mim? — Coryn ouviu sua própria voz subir o tom, sua respiração se tornando difícil. — O que eu devo fazer, fingir que nada aconteceu? Deuses, homem, meu irmão pensa que sou tão insensível ou que o trabalho da Torre me arrancou toda a coragem?

Nós quase o perdemos para a doença do limiar Kieran disse, de mente para mente. *Eu não o arriscarei novamente para alguma praga maldita.*

— Se algo acontecer aos seus irmãos, você será o Lorde de Verdanta — Aran objetou. — Deve ficar aqui, onde está a salvo.

— Quando essa coisa seguir seu curso, alguém deverá restar para enfrentar o Alto Kinnally — adicionou Rafe, o aço vibrando em sua voz.

— Kinnally... — *A família de Liane!* — A praga alcançou Storn?

— Quem pode saber? — Rafe olhou como se quisesse cuspir, mas não ousou, ali nos aposentos privativos de um Guardião. — Não mandamos nenhuma mensagem para eles e nem eles para nós. Pelo que sabemos, eles nos mandaram aquilo! Ou é o que Lorde Eddard diz.

— Não há nada em Neskaya — Kieran comentou suavemente, querendo dizer que não houve notícias nas transmissões ou qualquer informação sobre quem poderia ser o responsável.

Coryn pensou novamente em retornar para casa, mas não tinha nada a oferecer aos desesperados sobreviventes, nem mesmo dinheiro para comprar comida contra a fome do próximo inverno. Não podia apenas ficar sentado ali à toa em Tramontana. Não havia nada que pudesse fazer para trazer de volta Lorde Beltran ou Kristlin ou para mudar o curso da praga.

Uma idéia lhe surgiu, algo que poderia fazer, mesmo de tão longe. Não para esta crise, mas para outras que poderiam vir.

— Com sua permissão, — ele disse, acenando com a cabeça para Kieran e depois se virando novamente para Rafe — eu mandarei um pássaro com uma mensagem junto com este bom homem dizendo para meu irmão que ele deve liberar isso em caso de um fogo na floresta, e mandarei produtos químicos que eu mesmo fiz.

— Esta é uma boa oferta — Kieran disse. — Agora, jovem Aran, desça com este homem até a cozinha para fazer uma refeição quente e verifique se seu animal está bem instalado. Ambos merecem descansar.

Coryn demorou-se nos aposentos do Guardião depois que os outros se foram. Seus pensamentos confundiam-se entre si, coisas que desejava ter dito ou deixado de dizer. Agora que as notícias foram confirmadas, a dor penetrou em seu corpo como uma flecha em chamas, deixando-o entorpecido.

— É uma grande perda — disse Kieran. — E tais coisas podem acarretar um longo tempo de lamentação, mesmo quando antecipamos sua vinda. Acho que não esqueceremos enquanto não encontrarmos um novo equilíbrio. — Algo em seu tom disse a Coryn que ele falava por sua própria experiência. — Não precisa juntar-se a nós no círculo por um tempo.

— Eu... eu gostaria de trabalhar. Acho que isso ajudaria a afastar minha mente de... todas as coisas que ando pensando.

— Algumas vezes acontece assim. Quando estiver pronto, primeiro deverá deixar Gareth monitorá-lo para ter certeza que está bem para trabalhar. A tristeza pode anuviar nosso julgamento de muitas coisas, mas de maneira alguma de nossa própria clareza.

Aquilo fazia sentido, mesmo no estado entorpecido de Coryn. Ele voltou para seu aposento, aonde deitou enrolado em cima das cobertas pelo que pareceram horas, até que Liane apareceu. Ela se deitou ao seu lado, curvando seu corpo em volta dele, seus braços ao seu redor, e abraçou-o até as lágrimas silenciosas virem e irem e ele finalmente dormir.

Dez

— Então o velho e as garotas estão mortos.

Deslucido estava com seu irmão na sacada externa de seus aposentos privativos enquanto o grande Sol Vermelho descia no horizonte. O outono estava rapidamente tornando-se inverno, e o gelo guarnecia o vento mesmo nos vales protegidos em Ambervale. Ele esteve ocioso por muito tempo, bancando o rei benevolente, e a inatividade o irritava.

Rumail colocou o manto sobre ele e não respondeu. *Era muito ruim, Damian refletiu, que seu irmão tenha sido pego antes de completar o truque de laran que era pra ter protegido a garota.* Damian não havia planejado soltar a febre do pulmão tão cedo, mas o velho Lorde Leynier havia se aproveitado da expulsão de Rumail de Neskaya como outra desculpa para a demora. Damian tinha que agir decisivamente. Nem era por culpa de Rumail que a febre do pulmão, adquirida por um grande preço e com muito suborno pelo sigilo de uma Torre irregular perto de Temora, tinha saído ao controle. Mas o resultado final seria o mesmo... Verdanta em desastre, pronta para a invasão.

Originalmente, o plano tinha sido perfeito. Com pai e filhos mortos pela febre do pulmão ou algo tão enfraquecedor para que fossem incapazes de programar uma defesa eficaz, as forças de Ambervale devastariam Verdanta como uma faca aquecida na manteiga. A idade da garota e seus desejos não importariam. Deveria haver um fim provisório, para apaziguar a fedelha e o seu senhor. Apoiado pela legitimidade do casamento, Verdanta seria deles agora, não em outros quatro ou cinco anos, enquanto aquele irracional Lorde Leynier continuasse insistindo.

Quando garoto, Damian cavalgara uma vez a montaria favorita de seu pai, um enorme garanhão arisco amarelo, apenas para ver o quão longe e rápido poderia ir. O cavalo correu através de campos reluzentes com trigo novo e cevada, os cascos erguendo grandes torrões de terra. Mesmo agora, Damian lembrava do vento cantando em seus ouvidos e a grossa crina chicoteando sua face. Eles corriam subindo as colinas, como se possuídos.

Parecia não haver fim para as forças do cavalo. Cada tronco caído, cada fossa, cada rocha ou córrego parecia apenas aumentar o furor do animal. Saliva espirrava na camisa de Damian. Eles irromperam através de um bloqueio ao longo da crista de uma colina e pararam equilibrados por um momento sobre uma longa e rochosa encosta. Damian firmara as rédeas. Suas pernas tremiam de excitação. A colina era muito íngreme, o chão rochoso muito incerto.

Mas o garanhão abaixou sua cabeça maciça e agarrou o freio. Saltou da crista e desceu colina abaixo como se todos os demônios dos nove infernos de Zandru estivessem açoitando sua cauda. O cavalo pareceu suspender-se no ar por um nauseante momento, tão perigoso quanto a encosta. Então ele pousou com um tranco brusco. Damian quase caiu da sela. O apoio da sela afundou em seu estômago enquanto ele balançava bruscamente para frente em cima do pescoço suado e arqueado. O cavalo escorregava, tropeçava, puxado para frente. As ferraduras de metal batiam contra as rochas.

Tudo o que Damian podia fazer era agüentar. As rédeas eram inúteis, pois nada poderia parar aquele animal furioso, correndo na descida da colina. Ele não tinha nem tempo suficiente para rezar. Com seus dedos enlaçados na crina do cavalo e sangue martelando através de seu crânio, o poder quente natural do animal fluía para dentro de seu próprio corpo.

Uma misteriosa paz apossou-se dele, enquanto ele relembrava e ansiava por este dia. Seu corpo unira-se em perfeito balanço com o do cavalo. Sem pensar, ele adaptou-se a cada solo, cada tropeço, cada salto muito alto. Ele não pensava mais em cair, ou morrer, ou mesmo em alcançar o fim; apenas no prazer selvagem do momento. Nunca antes ele havia se sentido tão intensamente vivo, cada fibra de seu ser pulsando com excitação.

Este era o truque, na guerra e no amor, tanto como montando um cavalo enlouquecido: enfrentar cada obstáculo que vier. Prender-se no presente momento, não no passado imutável ou no futuro incerto. Se seus planos por uma conquista sem sangue de Verdanta foram em vão, então ele devia achar outra maneira. Verdanta era a chave para a extensão nas áreas das Hellers e o portão para Acosta. Acosta que ele devia assegurar antes que os amaldiçoados Hasturs fixassem seu fascínio mortal em todas as terras ao redor.

Mas guerra levava a planejamento, a avaliação cuidadosa de forças e responsabilidades. Rumail, agora, representava ambos.

Como uma deixa, várias figuras entraram no aposento adjacente à sacada na qual ele e Rumail estavam.

— Ah, aqui estão meu filho e meu general *sênior* — Damian disse, mantendo a voz suave. — Vamos ver qual inspiração podem trazer à nossa presente situação.

Eles puxaram cadeiras em volta da mesa de pinho-dourado polido equipada com suportes de mapas enrolados e pilhas de livros de cálculo. Um servo deixou taças de vinho diluído e desapareceu silenciosamente.

— Qual a situação de Verdanta? — Damian perguntou ao chefe dos generais, um homem tão leal como para despertar a especulação de que nascera nas Cidades Secas. Os anos, climas e incontáveis batalhas haviam deixado seu cabelo grisalho e fizera seu rosto parecer couro descolorido. Seus homens o chamavam de O Lobo Amarelo. Damian, feliz pela idéia de ter um lobo a seu serviço, não o impedia de nada.

— A confusão continua — respondeu Lobo Amarelo. — O contágio extinguiu-se por si só, mas pouca ordem foi restaurada. Meus batedores estão aptos para viajar para dentro do castelo sem dificuldades. Eles viram colheitas estragando nos campos, árvores despencando com frutas não colhidas, gado abandonado em seus cercados. Fome certamente seguirá à perda da colheita. Esse Eddard Leynier se tornará com o tempo um competente soberano, pois parece ser bem criado e treinado na organização de linhas de fogo como ninguém. Somente alguém com verdadeiro talento para liderança... — um vacilo daqueles pálidos olhos na direção de Damian — ... e com a própria sorte de Aldones poderia reunir o povo sob essas condições.

— Se marcharmos para Verdanta, ainda podemos tomá-la com mínimas perdas. — disse Belisar. — Devemos invadir logo, antes que possam montar uma defesa.

Damian olhou para seu filho e herdeiro com orgulho. O garoto podia ser impulsivo, mas tinha inteligência quando optava por usá-la. Os anos trouxeram um pouco de compreensão, desde que criticavam sua moleza da juventude. A praga da febre do pulmão podia não ter saído como planejaram, mas com um pouco da sorte que Lobo Amarelo previu, melhores oportunidades deveriam vir. Belisar, com seu raciocínio rápido e extrema beleza masculina, poderia estar desperdiçado por causa daquela insípida garotinha do campo. Agora estava livre para uma disputa mais vantajosa.

— Não é a tomada de Verdanta em si que traz riscos, Sua Alteza — o Lobo Amarelo explicava sem um toque de condescendência. Ele apontou para o mapa desenrolado. — É a possibilidade de seus vizinhos, os Storns de Alto Kinnally, poderem confiscar essa abertura para si.

Rumail, que havia falado pouco naquela noite, agitou-se.

— Há pouco amor perdido entre aquelas duas famílias. Como lembram, quando visitei Verdanta para avaliar o *laran* das filhas, Alto Kinnally havia recusado ajuda em um incêndio da floresta, até mesmo negando passagem para Tramontana. Sua disputa, como em tantos desses pequenos feudos das montanhas, continua por mais tempo do que qualquer homem vivo possa lembrar, com cada nova geração renovando a inimizade. Eu não ouvi falar de nenhuma melhora nessa briga, ou de qualquer desejo de paz de ambas as partes. — Ele olhou repugnado. — Se o possuíssem, eles atacariam um ao outro com *fogo aderente* e muito mais,

sem o mínimo motivo.

— Enquanto isso, homens morrem e suas famílias passam fome por uma causa que ninguém lembra — disse Damian. — Seria bem melhor para todos unirem-se sob um único Rei. Sem mais vinganças incessantes, nem fome desnecessária.

— Devemos então esperar e deixar que Alto Kinnally caia sobre Verdanta, assim eles se desgastarão um com o outro e cairão mais rapidamente para nossa maior vantagem? — Belisar colocou, ansioso para retornar ao assunto.

Damian afastou a visão recorrente de uma gloriosa Darkover unida e endireitou-se em sua cadeira.

— Uma idéia interessante. Diga-me o que há de errado nela.

— Senhor?

— Todo plano, não importa o quão apto ou bem planejado, tem suas próprias armadilhas — disse Damian. — Como propôs esta tão prontamente, deve agora apontar-nos todas as coisas que poderiam dar errado. Como um exercício, se preferir.

— Bem... — Belisar engoliu com dificuldade. — Poderíamos terminar com dois inimigos ao invés de um. Alto Kinnally e Verdanta podem acertar suas diferenças e unirem-se contra nós como um único oponente.

Damian concordou. Belisar poderia ser um pouco dramático demais, mas podia pensar com clareza. De fato, ele parecia bem melhor quando preparava o que dizer.

— E... — o garoto continuou — ... e Verdanta poderia cair muito rápido. Então Alto Kinnally poderia ter todos os seus recursos e mais os de Verdanta. Encararíamos um inimigo unido, já preparado para a batalha. Lutando em seu próprio território. Ah, eu disse isso antes.

— Nossas forças poderiam também ficar muito diluídas — Damian apontou — sobre um território estranho, um local montanhoso, o qual ambos conhecem intimamente; e são mais bem treinados e equipados para lutar assim do que nossas forças. Nós temos maiores linhas de frente e desvantagem no terreno.

— Em toda crise há oportunidade — disse Lobo Amarelo. — Não planejamos ter de tomar Alto Kinnally, ao menos não desta vez. É muito remoto para se governar bem. — *Muito distante de Acosta*, ele quis dizer. — Temos os mesmos problemas em conter Verdanta, pois não podemos arriscar enfraquecer nossos próprios exércitos deixando uma força ocupante forte o bastante para inibir incessantes revoltas. Podemos manter famílias reféns contra a lealdade do atual Lorde ou talvez pudéssemos deixar um dos Lordes, Leynier ou Storn, no lugar para governar ambas as terras.

— Oh — Damian se permitiu uma risada sombria, — eles adorariam isso.

— Eles direcionariam sua raiva um ao outro, não se rebelariam contra nós — o general continuou.

Damian inclinou-se sobre a mesa, estudando o mapa enquanto pensava em voz alta.

—devemos tomar Verdanta, de um jeito ou de outro. Não podemos mantê-la sem ter certeza sobre Alto Kinnally. Seja por aliança ou conquista, então, devemos fazer um acordo com os Storns. — Ele levantou os olhos. — Eu quero três planos escritos: um, fazemos acordo com Alto Kinnally e então iremos a Verdanta; dois, derrubamos Verdanta primeiro esperando por uma vitória fácil, caso Kinnally recue, ou podemos forçá-los à submissão também; e três, seguimos a sugestão de meu filho e deixamos os dois se enfrentarem, encarando então apenas o vencedor enfraquecido. Eu quero especialmente as armadilhas dos planos, onde cada um desses esquemas podem dar errado.

Quando a reunião terminou, Belisar e Rumail ficaram para trás.

Damian suspirou e virou sua taça em um único gole. O fraco sabor ácido do vinho diluído tardou-se em sua língua, deixando-o ávido por algo mais forte. Belisar ainda estava no mapa, traçando as fronteiras de Verdanta com uma expressão pensativa.

— Eles cairão para nós, os dois — disse Damian. — A única questão são os detalhes.

Você não está lamentando a perda de sua esposa prometida?

— Não, por que deveria? — Belisar deu de ombros. — Eu nunca a conheci, exceto como um indiferente retrato presenteado. Ela parecia muito como qualquer outra menina-moça ainda brincando com suas bonecas. Sempre soube que deveria casar-me para o bem de Ambervale, mas esperava por uma esposa mais adequada. Se Verdanta pode ser nossa sem precisar me deitar com uma fedelha mimada, estou bem feliz. Ouvi falar que uma das filhas de Storn está em idade para se casar...

— Tal aliança agora não é apenas desnecessária, mas inferior a você, — Damian o interrompeu. — Não precisamos mais barganhar com esses camponeses das montanhas. Acosta é a chave, e é lá que encontrará sua esposa. Eu não havia planejado mover-nos contra eles tão cedo, mas eventos recentes... — ele referia-se sobre a saída de Rumail de Neskaya e o fim prematuro da febre do pulmão — ... mudaram os planos. Uma vez que Verdanta for nossa, pacificamente, irei confiscar qualquer coisa que os Deuses me presenteariam.

Belisar pareceu confuso.

— Mas o herdeiro de Acosta é viril e recentemente casado. Com uma filha de Hastur, acredito.

— Está bem informado — disse Damian. — O que você não percebe é que por causa de sua posição superior, ela herdará o trono com a morte dele. Não pode governar, é claro. Além daqueles estúpidos usadores de sandálias em Aillard, nenhuma mulher pode. Mas seu futuro marido sim.

Um sorriso tardio apareceu no rosto de Belisar.

— Então no lugar de uma criança relutante, você me presenteia com uma jovem e experiente viúva. Ela é bonita também?

— Provavelmente é uma beleza, como todas as mulheres Hastur — Rumail disse com um lábio torcido. — Mas lhe dará filhos dotados de *laran*. Disso pode ter certeza.

— Uma dúzia no mínimo! — Belisar riu, jogando a cabeça para trás.

— Vá em frente, então! — Damian disse para seu filho, rindo também. — Sente com meus oficiais e veja o que pode aprender sobre seu planejamento. Seu tio e eu temos outras coisas a discutir.

No silêncio que seguiu à partida de Belisar, Damian estudou seu meio-irmão. O humor de Rumail era mostrado em cada linha profunda em sua face, na corcunda de seus ombros e em seu silêncio. Exceto pelo seu comentário sobre a garota Hastur, ele parecera prestar pouca atenção à discussão. Se Rumail fosse ser de qualquer uso para ele, não poderia continuar assim, atormentado e de mau-humor. Eventualmente, com o tempo, Rumail veria sua expulsão da Torre como uma benção. Ele era muito superior àqueles usadores de sandálias e seus mistérios esotéricos. Mas com os planos de conquista adiantados, Damian não poderia se arriscar a esperar.

— A despeito do plano que adotarmos, precisaremos de inteligência — Damian disse. Ele usou a inflexão que queria dizer *espionagem*. — Uma equipe de pássaros-sentinela, capazes de sobrevoar o acampamento do inimigo ou linhas de frente, nos daria uma vantagem valiosa. Tais informações poderiam poupar muitas vidas de soldados.

— Você sabe que não posso me conectar com um pássaro-sentinela — Rumail disse. — Não é uma questão de treinamento, uma habilidade que qualquer um com *laran* possa aprender. Precisa ter certa ressonância empática com as aves, a qual eu não tenho.

— Desde que chegou a casa, tem sido “*eu não posso isso e não posso aquilo!*” — Damian falou bruscamente. — Tornou-se de repente um incapaz? Não tem poderes por si próprio, ou existe meramente como um apêndice de sua preciosa Torre?

Rumail corou com o comentário.

— Sou como sempre fui, Guardião em tudo, exceto no nome! Mas não posso trabalhar isolado. Fora de um círculo, telas de matriz, monitores e técnicos para me apoiarem...

— E para que precisaria disso? — Damian investiu.

— Você sabe tão bem quanto eu! Todos aqueles tolos de Neskaya prezam pelos seus valores, tradições cegas! Regras e mais regras, sem espaço para visão ou criatividade! Abri novas perspectivas para eles... e eles me expulsaram. Ingratos! Depois de tudo que fiz por eles! Eles fecharam seus olhos para minhas descobertas, rejeitaram minhas inovações, recusaram-se a ouvir. Se não fosse pelos seus avôs, eles não estariam envolvidos!

Ele não estava entendendo. Não ainda. Damian continuou:

— E todos os telepatas de Darkover estão confinados nestas Torres?

— Claro que não. Há *leronis* que trabalham sozinhos, em propriedades nobres ou com seus Lordes em campanha. Há até mesmo aqueles com *laran* destreinado que trabalham como treinadores de cavalo ou parteiras no campo, mal sabendo o que realmente fazem. Aquele antro abaixo de Temora vende febres do pulmão ou o quer que seja para quem der seu preço. Mas uma vez que eu... — A voz de Rumail parou com o entendimento. — Você está propondo, querido irmão, que eu reúna e treine meu próprio círculo?

— Que viva e trabalhe sob suas leis, não de uma Torre? Por que não?

— Eu teria que procurar aqueles com temperamento apropriado. — Agora uma centelha iluminou a escuridão dos olhos de Rumail. — Sim, há outros com esse pensamento — mas não o bastante para criar um círculo capaz de fazer qualquer coisa além de manipular umas poucas luzes. Eu teria que treinar meu próprio... aquele garoto de Verdanta, por exemplo, tão talentoso...

— Quanto tempo antes que tenha um círculo capaz de fazer, por exemplo, *fogo aderente*?

— Oh! — Rumail pressionou os lábios. — Se eles tiverem treinamento anterior com matriz, tal como uma *leronis* da propriedade poderia dar, se tiverem a idade certa... talvez cinco anos para alcançar a força. Isto é, se eu puder conseguir um técnico de matriz bem-treinado e um mecânico ou dois.

— Tenho uma guerra para enfrentar, e não tenho tempo de sobra — Damian disse pesaroso. — Não posso esperar anos, enquanto você treina um bando de novatos.

— Você me oferece minha própria Torre e tão rapidamente a toma. — A expressão de Rumail aproximou-se de um rosnado. — Que tipo de jogo está jogando comigo? Sou um *laranzu* treinado pela Torre, não algum vassalo que pode quebrar promessas quando lhe agrada. Pensa que eu não saberia se tentasse mentir para mim? Se você não fosse meu irmão e meu soberano...

Damian estendeu uma mão.

— Você terá sua Torre e realizará grandes coisas, disto estou certo. A única questão é quando. Preciso das armas e do poder que apenas um círculo de matriz pode me dar. — Ele balançou sua cabeça novamente. — Não posso esperar.

Rumail ergueu-se com dignidade.

— Como sempre, eu e minhas habilidades estamos a serviço de sua grande causa.

Embora suas palavras fossem ditas com graça, Damian percebeu outro tom, como se, por um momento, Rumail desse sua lealdade para alguma outra visão ainda maior. Mas isso não tinha sentido! Rumail não tinha ambições políticas ou experiência em comandar exércitos. Ele nunca expressou o mínimo interesse em comandar um reino.

— Enquanto isso devo usar quaisquer recursos que tiver em mãos — Damian disse, mudando de tática. — Temora ficaria feliz em pagar as dívidas e até mesmo fazer *fogo aderente*, mas a um preço exorbitante, e com nenhuma garantia que da próxima vez que precisarmos, estarão dispostos.

Rumail se virou, uma expressão pensativa em suas feições.

— Mas talvez isso não seja necessário. Pode ser possível ganhar autoridade de Lorde sobre uma Torre estabelecida.

— Eu... eu não estou entendendo — Damian disse, piscando em surpresa.

— Falo sobre alianças e aquelas antigas tradições que as Torres apreciam tanto. Neskaya esteve nas mãos dos Ridenow por séculos antes da Paz de Allan Hastur. Agora seguem Hastur, apesar de estarem tão distantes, e nunca solicitarem material de guerra. Mas Tramontana... as obrigações legais de Tramontana há muito são confusas, pelo que eu sei. Há muito tempo, eles seguiram Aldaran. E nos tempos do Guardião Ian-Mikhail, tinham fortes laços com Storn.

— Storn de Storn ou Storn do Alto Kinnally? — Esta poderia ser uma dificuldade inesperada, se Tramontana entrasse na batalha em defesa do último.

— Não tenho certeza, pois foi há muito tempo e os registros não devem mais existir. Mas nós — quero dizer Ambervale e Linn — devemos ter ideais iguais. Certamente podemos manter Tramontana fora de qualquer conflito presente, mas talvez possamos também forçar sua lealdade mais tarde. A parte difícil será persuadir Tramontana que isso implicará qualquer lealdade. Kieran Aillard, o Guardião mais velho dali, tem a má-fama de defender a neutralidade da Torre. — Rumail deu um bufo zombeteiro.

— Que pode trabalhar contra e a favor de nós — disse Damian.

Depois de poucos momentos de reflexão, ele formulou um plano. Uma busca seria feita no Castelo Ambervale e em Linn por qualquer registro sobre a última autoridade de Lorde sobre a Torre Tramontana. Ao mesmo tempo, ele deu permissão a Rumail para contatar quaisquer trabalhadores em desafeto com uma Torre que ele conhecia e fazer perguntas discretas sobre qualquer novato interessado. Afinal de contas, seria melhor ter uma Torre Ambervale, trabalhadores especialmente treinados e devotos aos ideais de Deslucido. Algum benefício deveria eventualmente sair daquilo.

Por enquanto, Damian aceitou com um suspiro, ele continuaria a pagar o grupo renegado em Temora. Seu tesouro ainda estava em baixa, sugado pelos custos da febre do pulmão e carros aéreos, além dos custos contínuos da manutenção de um exército. Talvez, ainda assim, deslealdade provaria ser uma arma tão poderosa quanto *fogo aderente*.

Onze

Uma mensagem chegou a Tramontana em uma gélida manhã, dizendo que o Castelo Verdanta havia caído ao Rei Damian Deslucido. O mensageiro, um garoto desnutrido de uma das pequenas fazendas distantes e filho de um dos primos do velho Timas, atravessou os portões em um pônei espumante e exausto, capaz somente de balbuciar as notícias. A tomada, dificilmente podendo se chamar de batalha, foi curta e quase sem sangue. Eddard ainda vivia, embora como um prisioneiro em seu próprio castelo, com sua esposa e seu bebê sobrevivente como reféns. O garoto não sabia o que acontecera com Petro ou Margarida, embora tivesse acontecido um casamento apressado, presumidamente de Tessa, com um dos oficiais de Deslucido. Rafe Caolho, o *coridom*, e muitos outros morreram defendendo os portões.

Quando Kieran o proibira de fazer qualquer trabalho de matriz, Coryn andou de um lado para o outro em seu estreito aposento por uma hora, murmurando pragas para o perjuro Deslucido, que mudara de ansioso aliado para usurpador em tão pouco tempo. Tudo o que podia pensar era em correr para casa. Sabia que isso seria inútil e imprudente. Não traria de volta seu pai ou irmã, nem libertaria Verdanta sozinho. Tudo que conseguiria seria levar-se para a morte ou, ainda pior, ser aprisionado com Eddard em sua própria casa. Ele não poderia virar a rendição de Eddard contra ele; Eddard provavelmente estava fazendo o melhor que podia por seu povo. Enfraquecido pela febre do pulmão, suas forças desorganizadas, o que mais poderia fazer? Verdanta não tinha chance contra um exército treinado e saudável.

Liane e Aran fizeram tudo para acalmá-lo. Mas ele não ouvira nenhuma de suas palavras tranquilizadoras e racionais. Não conseguia manter-se sentado. Imagens flamejavam atrás de seus olhos.

Margarida e Petro, agachados num porão distante, cavando sua saída com seus dedos nus, de mãos dadas enquanto corriam através da noite sem lua para a segurança da floresta.

Rafe golpeando o fígado de um homem em Ambervale com sua longa faca, depois outro, então encarando seis de uma vez, seu único olho vermelho pela loucura

Tessa mordendo com força seu travesseiro amarrotado para sufocar seus soluços todas as noites.

Quando falou nessas coisas, Aran tentou consolá-lo, dizendo que eram causadas por sentimentos normais: o choque das notícias.

— Deixe-o — Coryn ouviu Liane dizendo para Aran, no corredor. — Há coisas que cada um de nós deve fazer sozinho.

Tarde em uma noite, Coryn estava em sua janela aberta. Três das quatro luas de Darkover estavam dispersas como jóias através do céu sem nuvens. O ar da noite cheirava à neve. Ele o inspirou para dentro de seus pulmões, recebendo o arrepio que rasgava seus músculos, e tentou não pensar no quanto Kristlin amara aquelas luas.

O suave arrastar de botas no chão de pedra atrás dele alcançou seus ouvidos. Tão logo harmonizou seus sentidos, ele sentiu o sussurro do ar enquanto a porta fechava, e o calor de outro corpo humano.

— Aran — ele disse e virou-se. A luz do luar prateava a face de seu amigo, acentuando o cabelo escuro, os olhos como lagos da meia-noite. A extrema beleza daquele rosto lhe causou outro arrepio. — Você não precisava ter vindo. Liane disse, corretamente, que devo encarar isto sozinho.

Coryn sentiu o leve toque de Aran em seu pulso.

— Eu quase posso ver o que você está vendo: imagens de pessoas que não conheço, de cenas que nenhum de nós poderíamos ter visto. — A empatia de Aran, naturalmente forte com cavalos e falcões mas suavizada pelas horas de mentes unidas em um círculo de matriz,

agora se abria para a emoção crua de Coryn. — Primeiro, pensei que deviam vir de sua própria dor, como tantos sonhos fazem. Mas estes não são sonhos. Posso sentir a diferença.

— Não sei se é real ou não — Coryn respondeu. — Podem muito bem ser produtos de minha própria mente. Eu sofri alucinações durante a doença do limiar. Aquelas eram tão intensas quanto estas.

— Elas são reais... aqui. — Dedos frios giraram e apontaram para o peito de Aran. Através da fina camisa de linho, Coryn sentiu uma agitação, leve e rápida. — Algumas vezes o coração fala em imagens — Aran disse — coisas para as quais não temos palavras.

A respiração de Coryn saía de sua garganta como um soluço. Ele abaixou a cabeça, enterrando seu rosto no ombro de Aran. Fortes braços o enlaçaram.

— *Bredu*. — A palavra significava *irmão*... mas também *amado*.

A respiração quente sussurrou através dos finos cabelos no pescoço de Coryn. Naquele instante de intimidade, ficaram tão próximos que o calor do corpo envolveu a ambos, Coryn sentiu os lábios de Aran tremerem contra seu cabelo. Parte de Coryn queria desesperadamente se abrir para aquele amor descomplicado. Além dos experimentos atrapalhados considerados normais para todos os garotos de certa idade, Coryn não sentia atração por outros homens. Mas também não sentia nenhuma repulsa. Aran o amava de acordo com sua natureza, o amava por quem e pelo que ele era, e Aran era um homem bom e decente.

Porém, algo dentro de Coryn se apertou como um nó gelado. Por um terrível momento, não pôde se mover, mal pôde respirar. Ele não sentia essa perda de controle, essa paralisia, desde sua chegada na Torre e sua tentativa em descrever o que Rumail fizera com ele.

No silêncio que se seguiu, Aran se afastou, abandonando qualquer contato físico. O caimento de seus ombros mostrava claramente que ele sabia que algo estava errado. E Aran, sendo como era, assumiria aquilo como uma proposta mal-entendida.

Oh, meu amigo, meu irmão jurado, o problema não é você! Coryn abriu a boca para falar, mas sua garganta estava congelada. No fundo de seu estômago, o velho ferimento que mal podia se lembrar, o ferimento sem cicatriz, latejava.

— Sinto muito — Aran disse em uma voz rouca. — Não pretendia que isto acontecesse... eu nunca iria...

Mudo e infeliz, Coryn assistiu Aran sair correndo do aposento. Deitou-se na cama, se perguntando se nunca seria capaz de reparar o ferimento que havia causado. A pálida e multicolorida luz da lua brilhava através da janela. Ele não encontrou conforto em sua extrema e terrível beleza.

Uma segunda mensagem chegou logo depois, esta de Alto Kinnally. As forças de Rei Damian não pararam com a conquista fácil de Verdanta, mas continuaram marchando. O Castelo Kinnally estava cercado e não poderia aguentar por muito tempo. Os Storns, em desespero, apelavam a Tramontana por ajuda. A lealdade de Tramontana pela lei e costume era indistinta, pela razão de Kieran sempre prezar pela neutralidade. Originalmente, como acreditavam, a Torre era aliada de Aldaran. Em várias outras vezes, servira Storn, Ambervale, ou outros pequenos reinos unidos a Acosta, mas há muito absorvidos pelas terras vizinhas.

Liane, seus olhos avermelhados em uma face tão pálida quanto gelo, chamou Coryn para ter uma conversa.

— Não temos nenhum exército montado, não mais do que vocês, Coryn — ela disse. — Não importa quão bravamente nossos guardas lutem, eles não têm chance contra Ambervale. Conheço esses homens desde antes de começar a andar. Eles agüentarão o quanto puder. Devemos agir rapidamente, antes que seja tarde demais.

— Nós? — Coryn, preocupado com sua miséria, perguntou — O que devemos fazer?

— Tramontana deve nos arrumar *fogo aderente* e os meios para usá-lo. Derrubá-lo

sobre o tirano! Destruir seus exércitos e jogar suas cinzas aos ventos! Libertar nossas terras! Logo que levantarmos o cerco, liquidaremos o próprio centro dos parasitas!

Fogo aderente era de fato uma arma poderosa e era a única chance de Alto Kinnally. Poucos homens, sobrevoando em planadores ou atirando flechas embebidas com o material mortal, destruiria um pequeno exército.

Coryn balançou a cabeça.

— Ambervale agora ocupa Verdanta. Pelo que sei, homens de Verdanta marcham com seu exército. Acha que me voltarei contra meu próprio povo?

— Não! Acho que destruirá os invasores! Ou desistiu tão rapidamente de qualquer chance de salvar seu povo?

— Acho que dificilmente estaria salvando meu povo jogando fogo invencível sobre eles.

Coryn pensou naquele terrível incêndio na floresta a tantos anos atrás, de como seu pai lutara para proteger todos sob seus cuidados, desde os mais próximos da família até o mais pobre camponês. Ele nunca testemunhara *fogo aderente* em uma batalha, apesar de já ter visto o que uma pequena quantidade do material podia fazer. Cada gota de *fogo aderente* grudava no que quer que tocasse. Continuaría queimando, através de metal tanto quanto em carne e osso, até onde restasse algo para ser consumido. Um trabalhador de matriz treinado, especialmente um munido de um talismã de fogo, poderia conter um pequeno rastro aqui e ali, mas não um ataque coordenado.

Em um lampejo, ele se viu investindo sobre Verdanta, mãos cheias com as frágeis esferas de vidro. Cada uma brilhando como uma brasa malévola. O rosto de Eddard, pálido e sulcado, ergueu-se para vê-lo, olhos arregalados em incredulidade. Os recipientes escorregaram de seus dedos, estourando em fogo corrosivo. Tessa correu gritando; seu cabelo rebelde era uma cortina de fogo em suas costas. Um frágil esqueleto cambaleou através do pátio familiar, os braços ossudos fumegando, e caiu em uma pilha que continuou a arder e fumegar.

Não posso fazer isso! Não posso trair o povo que amo!

— Como — ele gritou, sua voz tremendo — devo jogar bombas de fogo em meu próprio irmão no Castelo Verdanta, atacar meu lar e meu povo? Que tipo de monstro faria isso?

— Você pode achar melhor viver sob a opressão dos invasores — replicou Liane, — mas eu não! Se fosse meu irmão separado de sua esposa e bebê, como ele estará se não agirmos rapidamente, eu não pararia por nada para libertá-los. Mesmo a morte seria melhor do que essa vida. E se eu fosse mantida cativa lá, eu diria a você, eu imploraria a você: *Mande o fogo aderente! Queime o castelo até o chão sob meus pés! Melhor uma morte rápida do que uma vida inteira de escravidão!*

Liane continuou quase sem pausa para respirar.

— Já ouviu falar da Irmandade da Espada? Cada uma carrega uma adaga em volta do pescoço, para que nunca caia viva nas mãos do inimigo. Pode uma mulher ter tal determinação, tal coragem, tal honra, e você não?

— Liane, isso não é justo! Minha honra não tem nada a ver com isso! Nosso inimigo é Damian Deslucido, não os outros. Quero que ele parta tanto quanto você. Mas não sacrificarei as vidas de meus familiares e de todos aqueles que nos deram serviço leal. Amo minha terra! Além disso, não posso salvar sua terra natal mais do que você pode salvar a minha. Pelo fato de que Alto Kinnally dificilmente seguiria minhas decisões.

— Não — ela disse em uma voz repentinamente séria. — Mas Kieran o ouve. E sua palavra manda aqui em Tramontana. Se ele diz, "*Mandem fogo aderente para Alto Kinnally*", então *fogo aderente* será mandado.

Uma vez eu pensei em voltar a Verdanta em um planador, carregando as químicas

anti-incêndio que eu mesmo criara.

Agora o pensamento de voltar para casa no planador de seus sonhos, carregando o inferno real do *fogo aderente*, trazia apenas uma profunda tristeza na alma.

Porém, em sua dramaticidade exagerada, Liane tinha esse direito. Damian, o perjuro, como sempre estaria nos pensamentos de Coryn, deveria ser contido. Uma grande quantidade de reinos menores e mais fracos já estavam sob seu comando, somando seus recursos aos dele. A cada nova conquista, seu poder aumentava. Coryn, como muitos garotos nascidos nas montanhas, sabia que, quanto mais o incêndio da floresta queimava descontrolado, maior era o custo de acabar com ele. O inferno que era Deslucido deveria ser extinto antes que crescesse além de qualquer controle humano.

Enfim, Coryn foi com Liane apresentar o caso a Kieran, determinado a moderar seu argumento e persuadi-la a razão. Pediu com todo o coração que achassem algum outro modo de negociar com Deslucido. Certamente Kieran com sua experiência e sabedoria veria um caminho menos horrendo. Ao menos a tristeza desesperada de Liane seria contida até que pudesse ver com razão, mesmo com a dor que estava sentindo. Isso ele poderia fazer por ela sem trair seu próprio povo.

Mais uma vez se encontravam nos aposentos e pararam em frente à lareira apagada. Depois de ouvir a petição de Liane com uma expressão grave, Kieran categoricamente recusou-se a lhe dar *fogo aderente*. Aquilo era, ele disse, muito perigoso para qualquer Torre usar em políticas locais sobre a qual não sabiam nada.

— Políticas locais! — Liane disse com raiva, perdendo sua deferência usual na presença do Guardiã. — Minha família e meu lar estão em jogo! Mesmo Coryn, cujas terras há muito têm uma rixa conosco, concorda que devemos agir! O que propõe que façamos, mandemos pensamentos de paz para eles?

Kieran remexeu-se em sua cadeira. Sua mente estava bem protegida, mas Coryn percebeu sua angústia naquele pequeno movimento.

— Se você não for comandar seu círculo para fazer o *fogo aderente* — ela continuou, agora implorando — então me deixe reunir um. Coryn me ajudará — e Aran, se eu lhe pedir, e alguns dos outros. Podemos fazer isso no nosso próprio tempo, a Torre não precisa se envolver oficialmente...

Como poderei? Como lhe recusarei agora? Aldones, Filho da Luz, mostre-me um caminho!

— E quem será seu Guardiã, unindo-se a tal círculo? — As sobrancelhas incolores de Kieran uniram-se e sua voz ficou mais sombria, implacável. — Mais importante ainda, quem do outro lado irá acreditar que a Torre não tem nada a ver com isso? Você colocará todos em perigo trabalhando neste projeto, sob condições criminalmente descuidadas, devo adicionar, e colocará toda a Torre em risco de retaliação. A razão, a única razão — ele repetiu a frase para enfatizar — de uma Torre fazer tais armas é a ordem direta do soberano a quem ela deve lealdade. Nós não fazemos política, nem decidimos o destino dos reinos.

— Fica aqui sentado em sua montanha enquanto o povo sofre e morre; e você podendo impedir! — Liane gritou, derramando uma torrente de lágrimas.

Coryn estendeu uma mão para ampará-la, mas ela a afastou.

— Como você acha que o mundo seria, se nós nas Torres nos envolvêssemos em cada disputa mesquinha? — disse Kieran. — E se tivéssemos equipado o Alto Kinnally com *fogo aderente* anos atrás? Oh, sim, seu povo nos pediu. Assim como o seu, Coryn. Usaram as mesmas palavras desesperadas que vocês usam agora. Se não é uma boa causa, é outra. Então teriam usado um contra o outro com o mesmo fervor que o jogariam no Rei Damian.

O coração de Coryn pulou uma batida, quando percebeu aonde Kieran queria chegar com o argumento. Verdanta e Alto Kinnally, cada um armado com o inferno, com todos os anos cozinhando o ódio e nada para impedi-los. O incêndio na floresta não seria nada,

comparado à destruição que o *fogo aderente* traria. Ainda poderia trazer.

— Se tivesse cedido — Liane continuou teimosamente — então não estaríamos agora nesta posição! Poderíamos nos defender como nunca Ambervale teria ousado...

— Ah, mas e se tivéssemos equipado Alto Kinnally e Verdanta? — Kieran repetiu. — Vocês dois foram questionados quando a rixa começou?

Os olhos de Liane se arregalaram.

— Não... Não, nós não teríamos...

— Ambos teríamos virado cinzas há muito tempo atrás — Coryn disse tão gentilmente quanto podia. — Kieran está certo. Escute-o, *breda*. Ambervale e seu rei devem ser contidos, sim, mas não desta maneira.

— O que... — visivelmente esforçando-se para se controlar, ela desvencilhou-se de seus braços. — O que mais poderá contra eles? E enquanto Alto Kinnally cai sob seu invasor, o que eu poderia fazer?

O que eu fiz quando Verdanta foi tomada. Aceitar. Curar-se. Você me ajudou. Deixe-me ajudá-la agora.

— Você é uma *leronis* — Kieran disse em uma voz tão fria que mal parecia humana. — Deve usar a disciplina que aprendeu. Gareth a monitorará para proteger sua saúde, depois deverá voltar ao trabalho logo que puder.

Coryn pegou a estreita mão de Liane entre as suas e levou-a em direção à porta. Ela veio passivamente, sua fúria acalmada. Do lado de fora da porta, no silêncio do corredor, ela deu um suspiro trêmulo. Ele a alcançou, para trazê-la para perto.

Ela virou-se e esbofeteou-o diretamente na face, forte o bastante para virar-lhe a cabeça.

— Isto é por não ficar do meu lado! Pensei que poderia contar com você. Como pôde desistir tão facilmente?

— Kieran estava certo — Coryn disse, sua face queimando.

— Seu idiota, você beija o chão que ele pisa! Se ele disser que o céu é verde e há apenas uma lua, você concordará com ele! O que ele sabe sobre família, honra?

— Ele é Guardião de Tramontana. Obedece apenas à sua própria consciência. Ouça-me, Liane. Eu daria tudo para ter meu pai vivo novamente... e Kristlin! ... e Verdanta livre. Qualquer coisa! Mas Kieran está certo. Pode imaginar o que teria acontecido se Ambervale estivesse armada com *fogo aderente*?

— Diga isso ao Rei Damian! Se não formos capazes de nos defender, o que irá impedi-lo de usar essas armas? — ela disse asperamente.

— Liane... — ele estendeu suas mãos.

— Realmente pensava que Kieran ouviria! — ela gritou, o empurrando para o lado. — Como fui tola!

— Tola, não. Apenas cega pelo que queria ouvir, a falsa esperança de uma rápida vitória.

Ela virou-se e saiu correndo, deixando Coryn ali parado. Desta vez, não tentou ir atrás dela. Verdanta se foi, sua família morta ou acorrentada; depois Aran, que tinha sido como um irmão para ele; agora Liane. Ele nunca se sentira tão desolado em sua vida.

Doze

Coryn, depois de várias sessões com Gareth monitorando e desobstruindo seus canais de *laran*, voltou ao trabalho. A intensa concentração o permitiu esquecer sua tristeza por um tempo. A Torre, com Kieran no centro, lhe parecia tão sólida quanto a rocha sobre a qual estava parado. Se ela não se movesse como ele, em sua raiva, desejasse, então também não falharia com ele, lar e santuário em um só.

Liane levou mais tempo para juntar-se aos outros nas refeições conjuntas e conversas ao pé da lareira, nas noites cansativas de inverno quando um ou outro pegava uma *rryl* e cantava uma balada.

Quanto a Aran, Coryn sofria a cada vez que se cruzavam pelo corredor ou cumprimentavam um ao outro apenas com as mais polidas palavras. Embora Aran mantivesse seus olhos desviados, Coryn temia a dor que pudesse ver ali. Certamente os outros trabalhadores, especialmente Kieran ou Bronwyn, sentiam a frieza entre eles, mas ninguém comentou sobre isso.

O que havia para dizer? O que havia para fazer? Se ele procurasse por seu amigo, faria apenas as coisas piorarem, intensificando a angústia de Aran. Ele seguiu a disciplina da Torre e forçou seu coração a bater mais devagar, sua respiração a tornar-se mais profunda.

Em uma manhã, quando o gelo se mantinha espesso sobre o capim seco, mais notícias chegaram à Torre Tramontana. Um esquadrão de homens armados estava parado do lado de fora dos portões. Eles vestiam o uniforme de Ambervale, peitos cruzados com mantos nas cores de Verdanta e Alto Kinnally. Sob uma bandeira branca de trégua, seu capitão falava em particular com Kieran e os outros Guardiões.

Coryn, ainda acordado depois de uma noite de trabalho nas transmissões, procurou por Liane. Ele temia que a chegada do esquadrão significasse que Alto Kinnally havia caído. Não sabia o que deveria fazer para confortá-la, mas sabia que devia tentar. Encontrou-a vindo apressada dos alojamentos de Bronwyn, seguida por uma das novatas que normalmente levava mensagens para os Guardiões. Seus olhos estavam avermelhados e inchados, suas faces descoradas. Ela passou por ele sem dizer uma palavra, nem mesmo olhou em seus olhos, e correu na direção dos aposentos de Kieran. Apesar de ela ter protegido suas emoções, ele captou uma margem de pânico incontido.

Aran estava esperando na câmara central, com Cathal e alguns outros que não dormiram e nem trabalharam no Segundo Círculo.

— Liane foi convocada pelos Guardiões — Coryn disse.

Aran concordou.

— Não parece uma coisa boa.

Coryn deixou-se cair em um banco ao lado de seu amigo, sua mão distante da de Aran por um milímetro. Era o mais perto que estiveram desde a terrível noite. Ele se esforçou pensando nas palavras que acertariam as coisas entre eles.

Deliberadamente ele colocou a mão sob a de Aran. Sob o calor da pele com seus finos pelos encrespados, sentiu a forma lisa do osso, o calor da carne. Estreitou os olhos, deixando-se mergulhar profundamente no contato. A mente de Aran juntou-se a dele com aquele toque inconfundível, cheio da personalidade de Aran. Coryn o via como um feixe de luz do sol, como um pássaro dançando ao vento, como um cavalo correndo livre através dos campos prateados pela luz da lua. As imagens sumiram e foi como se Aran falasse com ele sem palavras. Ele sabia então porque Aran o evitara nessas últimas semanas. Não foi por ofensa ou sentimentos feridos. Justamente o oposto, o amor de Aran por ele estava tão forte quanto antes. Naquele momento de contato, a amizade dos dois mudara. Aran o havia desejado e,

sabendo que Coryn poderia não corresponder a esse desejo, preferira recuar a arriscar sua amizade.

— Sinto muito — Coryn disse, em um sussurro.

Aran, virando-se e piscando forte, tirou sua mão sob a de Coryn.

— Eu fiquei tão surpreso quanto você. Não sabia que sentia isso. Talvez não sentisse, até aquele momento. Nessas horas, ficamos abertos e despreparados, procurando por conforto. E então, agora que está feito... tudo que eu disse apenas se adicionaria ao seu fardo.

— Desculpe-me, também — Coryn disse. — Você me pegou de surpresa. Não é... sabe que amo você. Confiaria a você minha vida. Aran, *bredu*, você não me ofendeu. Mas algo dentro de mim... — Ele sentiu os músculos de sua face enrijecerem, seu estômago apertar. Não poderia continuar.

— Está tudo bem — Aran disse com um ligeiro sorriso, como um raio de sol atravessando nuvens de tempestade. — As coisas ficarão melhores com o tempo. Sempre ficam.

Kieran e os outros dois Guardiões desceram as escadas, junto com uma quantidade de técnicos veteranos. Um Guardião abria passagem para os soldados armados de Ambervale, enquanto os outros dois vinham na retaguarda. Coryn pensou que, se qualquer dos homens armados desse sequer um passo para fora da linha, ele poderia explodir, tão severas eram as expressões dos Guardiões. Os homens pareciam perceber isso, pois suas faces estavam brancas e como pedra.

Depois que os soldados foram escoltados para fora dos portões, Tomas, Guardião do Primeiro Círculo, reuniu-se ao grupo, que crescera para quase toda a população da Torre. Gareth estava nos fundos da sala, ainda vestindo o grosso manto de lã que usava enquanto estava monitorando um círculo.

— Nós nos esforçamos para nos mantermos de fora dos pequenos conflitos no mundo exterior, exceto pelos comandos daqueles que retêm nossa lealdade — Tomas disse. Em sua voz ou postura nada transparecia, tão completo era seu domínio. — Contudo, nesta ocasião, o mundo interfere. O castelo da família de Liane Storn, que tem vivido e trabalhado como uma de nós como uma monitora, está agora sendo mantido como um feudo pelo Rei Damian Deslucido. Ele mandou seus homens para exigir sua presença como refém, como prova da lealdade de seu irmão.

Um murmúrio emocionado tomou conta da sala. Uma das mulheres mais jovens gritou. Aran respirava rapidamente.

Coryn levantou-se, suas mãos fechadas em punhos.

— Você não a entregará! Não pode!

Tomas virou-se vagarosamente para encarar Coryn.

— Normalmente, nós não entregaríamos um dos nossos para algum soberano mesquinho que toma para si o direito de emitir tais comandos. — Sob a harmonia de suas palavras soava outra mensagem, uma que nenhum na Torre podia ouvir claramente. *E nós temos os meios para nos defender contra tal ralé.*

Depois ele suspirou e o coração de Coryn afundou.

— Neste caso, as linhas de lealdade não estão claras. Este Rei Damian deve realmente ter o direito legal para fazer tal pedido. Nós consideraremos sua reivindicação em vista do precedente histórico e dos títulos que ele agora possui. Mesmo assim, a própria Liane consentiu em ir com eles.

— O quê!?

— Por que?

Coryn começou a se juntar ao protesto, mas uma súbita percepção bloqueou sua voz. Se Liane ficasse, Ambervale poderia muito bem usar sua recusa como um motivo para

retaliação. Mesmo se Tramontana se defendesse, poderia muito bem virar um grande conflito. Este era o único jeito de manter-se neutro, apenas por um tempo curto.

Tomas ergueu uma mão pedindo silêncio. O anel de pedra-da-lua em seu dedo médio brilhava na luz.

— Por suas próprias razões, Liane escolheu. Seu Guardião permitiu. Não há nada mais para ser dito. É uma questão particular.

Cathal ergueu-se de um pulo.

— Outros homens com ambições não verão dessa maneira! Pensarão que tudo o que devem fazer é marchar para qualquer Torre que quiserem e fazer exigências!

Os músculos das mãos de Coryn doeram, e suas unhas apertaram cada vez mais a carne de suas palmas.

— Então devemos lhes ensinar o contrário! — alguém gritou.

— Por enquanto, não ensinaremos nada — Tomas disse. — Cuidaremos de nossos problemas e deixaremos que Liane cuide dos dela. — Com essas palavras, ele saiu da sala.

Como uma flecha desencadeada, Coryn subiu correndo as escadas até os alojamentos das mulheres. Aran seguiu a um passo atrás. A porta de Liane estava levemente entreaberta, revelando-a, junto com Bronwyn e uma das outras mecânicas de matriz mais jovens, uma tímida garota das terras das montanhas próximas a Aldaran, arrumando roupas e colocando-as dobradas dentro do baú entalhado de Liane.

— Liane! — Coryn gritou. — Você não pode ir! Você...

Bronwyn levantou-se em toda a sua altura, os olhos transparecendo uma fria luz. As palavras seguintes de Coryn morreram em sua língua. A própria Liane, depois de um rápido olhar inexpressivo, lançado primeiro para Coryn e depois para Aran, inclinou-se mais uma vez para alisar as dobras de um delicado lençol.

— Aqui não é lugar para você — Bronwyn disse a Coryn, sua voz firme, mas não indelicada. Ela saiu do aposento e fechou a porta atrás dela.

— Mas Liane...

— Se você quer o bem dela, não aumentará sua angústia dessa maneira! Pensa que isso é fácil para ela? Acha que escolheria por vontade própria uma vida como refém?

Coryn balançou sua cabeça.

— Ela não precisa ir! Kieran não a entregará se ela recusar e, como seu Guardião, ele tem autoridade máxima. Ela não sabe o que está fazendo!

— Ela sabe precisamente o que está fazendo — Bronwyn respondeu em uma voz como um golpe de chicote. — E não são muitos os que demonstrariam sua coragem ou sua lealdade. Tomas não explicou os termos das exigências de Ambervale, pois isso não é realmente interesse da Torre. Mas desde que você está envolvido como possível herdeiro de Verdanta...

Seus olhos vacilaram para Aran, atrás de Coryn. Coryn estremeceu, percebendo a vulnerabilidade de sua própria posição. Com Eddard prisioneiro em seu próprio castelo e Petro desaparecido, ele poderia muito bem ser o próximo Lorde Leynier. Este era um papel que nunca quisera, nem mesmo considerara. Quanto tempo demoraria até que Deslucido exigisse que Tramontana o entregasse?

Então Coryn se endireitou. Se devia ser um Lorde, então agiria como tal.

— Aran é meu irmão jurado — ele usou a inflexão que sugeria *paxman*. — Fale diante dele como diante de mim.

Os cantos da boca de Bronwyn se torceram levemente.

— Então entenda isto. Liane está viajando para Linn e não para Ambervale. Ela deverá ser uma prisioneira, refém pela obediência de seu irmão, mas será gentilmente tratada ali. Sua rendição é o preço para que seu irmão continue mantendo Alto Kinnally fiel a Ambervale. A alternativa — ela parou brevemente, estudando-o — é colocar Alto Kinnally

sob o comando de *Verdanta*.

Dois pensamentos passaram pela mente de Coryn. O primeiro era que o Rei Damian estava muito certo de seu controle sobre Eddard. O segundo, a ameaça aos Storns que os submeteriam ao seu antigo inimigo. Agora ele deveria alegrar-se, até mesmo gabar-se, ao pensamento, mas seus anos na Torre e sua amizade com Liane davam-lhe uma perspectiva maior. Então ele se perguntou o que seria se a situação fosse o inverso, se Verdanta fosse forçada a reverenciar Alto Kinnally? Isso não dava para ser imaginado, nem sequer pensado! Então Liane também deveria ter sentido.

O momento de silêncio continuou. Bronwyn disse em uma voz mais suave:

— Percebe por que ela não pode falar com você? Nem mesmo para dizer adeus?

— Eu teria desejado... — A garganta de Coryn apertou as palavras, sufocando-as. — Eu e ela, tudo o que tivemos, nosso trabalho no círculo, o sonho de Kieran em colocar tudo aquilo diante de nós, pensei que ela me amava.

— Ela ama, como um irmão. Que é precisamente o motivo de ser mais gentil deixá-la com sua escolha.

Oh, Liane! Seu coração doía por ela.

— E eu — Aran falou — devo ir vê-la?

Coryn sentiu a generosidade, a compaixão atrás de suas palavras. Aran podia não corresponder ao amor dela, mas oferecia o que podia.

A expressão de Bronwyn nada transpareceu.

— Logo que ela resolva as coisas por aqui, irei perguntar-lhe. Vão agora, os dois. Deixe-nos fazer nosso trabalho.

Aran viu Liane, apesar de não ter dito nada a Coryn sobre sua conversa. Coryn a viu de longe, enquanto observava de uma das torres quando os soldados de Ambervale a escoltavam para longe. Ele se perguntou o que teria acontecido se Tramontana mandasse *fogo aderente* a Alto Kinnally, se Liane não tivesse sido contrariada. Bronwyn disse a Liane para não culpá-lo; ele desejava ter sido tão generoso consigo mesmo.

Os dias tornaram-se semanas; a ausência de Liane mudara de um ferimento em carne-viva para uma vagarosa cicatrização. Dois garotos pré-adolescentes de Rockraven, gêmeos de cabelos alaranjados, chegaram numa polvorosa atividade. Eles eram mais novos que os novatos comuns, mas por causa de sua ligação de gêmeos, sua mãe, que tinha tido alguma experiência na Torre quando jovem, determinou que eles precisavam de treinamento precoce.

O Festival do Solstício de Verão chegou, junto com uma nevasca que tornou qualquer tipo de viagem impossível. Exceto por alguns rumores ao longo das transmissões da Torre de Neskaya, nada mais foi ouvido sobre o Rei Damian ou suas terras recém-conquistadas. Coryn achava que certamente teriam notícias se algo maior, uma rebelião ou assassinato, acontecesse. Através das longas noites de inverno, quando não estava trabalhando, não podia evitar pensar em Liane, em Eddard e Tessa, reféns em seu próprio lar. Ele se perguntou, também, se Petro e Margarida ainda estariam vivos. Ele tinha certeza de que saberia se não estivessem, mas não conseguia localizar nenhum dos dois. Talvez eles tivessem encontrado alguma maneira de se esconderem contra a busca por *laran*, uma sábia precaução se Rumail estivesse envolvido na ocupação.

O trabalho trouxe um alívio abençoado e as habilidades de Coryn melhoraram ainda mais. Nesses dias, ele encontrou uma inesperada confidente em Bronwyn. De todos os trabalhadores mais importantes, ela entendia as conflitantes lealdades de sangue e Torre. Ela nunca falava de sua própria família, ou por que permanecera na Torre quando tantas outras mulheres nascidas nobres voltaram para se casar depois de alguns anos. Havia rumores de que ela era parente do poderoso clã dos Hasturs, que usara sua posição para recusar mais de uma proposta de casamento. Então era em Bronwyn que Coryn pensava inquietamente sem

conseguir parar, não importasse o quanto ou quão profundo ele meditasse.

As forças de Ambervale apareceriam logo na porta de Tramontana, exigindo sua custódia para aumentar seu controle sobre Verdanta?

— Eu não quero deixar a Torre — ele lhe disse quando se sentaram juntos em seus aposentos, embalando canecas de vinho quente temperado, enquanto os ventos do lado de fora das paredes gemiam como *banshees* famintos. — Aqui é meu lugar. Esse é o trabalho para o qual nasci, não o de comandar alguma propriedade pequena, mas agradável, na montanha.

— Acho que está certo — ela disse vagarosamente. Sua mente aproximava-se da dele com a suavidade do repicar de sinos prateados. — Quando você veio para nós, sabíamos que se tornaria um *laranzu* de grande poder. Os Guardiões viram com quanta habilidade você manipulou as telas.

Ela se referia à construção de uma matriz de sexto nível, que tinha sido o maior projeto da Torre durante todo o inverno. Uma das mulheres mais jovens tinha sido descuidada no cálculo de seus ciclos. Sob a mudança dos níveis de hormônios, seu controle havia falhado. Coryn havia reforçado seu próprio apoio nos anéis de energônio, assumindo para ela e estabilizando-os até que Kieran pudesse reconfigurar o círculo. Meses de trabalho foram salvos naquela única ação reflexiva. Como Kieran dissera mais tarde, Coryn sozinho não poderia ter salvado as telas, mas ninguém mais poderia ter feito o que ele fez.

— Quanto mais tempo você permanecer como um técnico, considerado pelo mundo exterior como dispensável, você continuará uma ameaça política ao Rei Damian. Quando houver uma abertura, como a morte de seu irmão, você retornaria ao mundo exterior e exigiria Verdanta. Ou assim Damian poderia pensar. O fato de ele não ter mandando buscá-lo tão longe e o garantido lá, deve-se ao bom comportamento de seu irmão.

Bronwyn parou de olhar para o fogo, antes de continuar em um tom mais pensativo.

— Verdanta não é a terra que ele pretende ocupar, eu acho. Manter, mas não governar. Uma pedra no caminho, mas para quê? — Ela se remexeu, um pequeno gesto como um tremor. — Ah, isso pouco importa agora. Especulações à toa é um hábito que eu nunca consegui impedir. Mas sobre você, jovem Coryn, se você se firmar em uma Torre, e eu penso que é exatamente o lugar a que pertence, você deve convencer mesmo ao mais ambicioso rei, que renunciou ao mundo exterior.

Coryn deu de ombros. Os únicos trabalhadores intocáveis pelos assuntos exteriores eram os próprios Guardiões. Ele nunca desejara ser treinado para ser um. Tramontana já tinha três Guardiões e poderia não suportar um quarto. Apesar de Kieran estar velho, ainda tinha pleno comando de seus poderes. Foi o que Coryn disse a Bronwyn.

— Estou feliz em vê-lo pensando assim — ela disse, sorrindo. — Kieran e eu já tivemos essa discussão. Você está certo, não há lugar para outro sub-Guardião aqui. Contudo, não é assim em todos os lugares. Nós telepatas não somos tantos ou tão fortes para podermos desperdiçar nem mesmo um Guardião em potencial. E a dura verdade é que você estará mais seguro em qualquer outro lugar. Você deve deixar Tramontana.

Deixar Tramontana? O primeiro impulso de recusa de Coryn rapidamente deu lugar à lógica. Bronwyn estava certa. Quanto mais permanecia ali, ele e todos na Torre estavam em risco por causa de Deslucido. Era apenas uma questão de tempo antes que fosse dada a ordem para entregá-lo. Kieran podia manter a Torre neutra, mas enquanto o tempo passava, a situação deveria mudar. A busca de Tomas pelos registros antigos trouxera provas positivas de que Ambervale, como parte de uma aliança maior com Aldaran, tinha algum poder legítimo de exigir soberania sobre a Torre.

Se Kieran morresse... Não, não podia pensar nisso!

— Sentirei muito em deixá-los — ele disse, encontrando o afetuoso olhar de Bronwyn.

— Nós também, mas não tanto se o perdemos sob circunstâncias menos felizes.

— Sim, isso é bem verdade. Se há um lugar para mim, eu vou.

— Então como essa é sua intenção, já recebemos um pedido por alguém para treinar um sub-Guardião. Da Torre Neskaya. Eles acabaram de perder o melhor de seus candidatos em um deslizamento de rochas.

Neskaya? Coryn piscou, espantado. Seu primeiro pensamento foi em Rumail, mas Rumail não estava mais lá. Neskaya o havia dispensado. E Neskaya estava unida historicamente a Ridenow e agora, depois da paz de Allart Hastur, unira-se a Hastur, e então estaria livre das guerras de Deslucido. Nunca lhe pediriam para escolher lados em nenhuma disputa que envolvia Verdanta ou Alto Kinnally. Com um sentimento de alívio, ele disse que iria.

Bronwyn concordou satisfeita e bebericou seu vinho. Depois de uma pausa breve e embaraçosa, a conversação prosseguiu em um tom mais leve, do tipo das coisas comuns que dois companheiros deveriam falar em uma longa noite de inverno.

A manhã da partida de Coryn de Tramontana, apesar de ser oficialmente na primavera, começou tão tempestuosa quanto qualquer dia de inverno. Gareth, sentando para o desjejum com Coryn e Aran, brincou que as próprias montanhas queriam mantê-lo atrás das paredes da Torre.

Coryn levantou-se da mesa, Aran como uma sombra ao seu lado, determinado a estar na estrada antes do meio-dia. Ele conhecia o tempo violento e imprevisível das Hellers. Uma chuvinha agora poderia impedi-lo de seguir sua nova vida? Não poderia ser pior do que as tempestades impulsionadas por *laran* que tinham surpreendido ele e Rafe em seu caminho até ali. Nem mesmo um trabalhador de matriz treinado era imune a tais forças elementares, mas sua pedra-da-estrela o manteria avisado.

Aran o ajudou a checar o equipamento de seu cavalo e bagagem, depois parou e ficou alisando o nariz da égua negra. Ela movia sua cauda, ansiosa para sair. Coryn, do outro lado do cavalo, fechou seus olhos e encostou a testa contra o musculoso pescoço. Por um momento pensou em deixar a égua com Aran, apenas pelos momentos de alegria que os dois haviam compartilhado. Mas a égua era o último presente de seu pai, e ele não poderia desfazer-se dela.

— Você precisará dela quando estiver indo embora — Aran disse tranquilamente.

A égua deu um passo adiante, então os dois homens se encararam sobre a sela de couro polido.

— Aran... — Coryn começou.

Mas agora, olhando diretamente para os olhos negros do amigo, percebeu que realmente não precisava dizer nada. Era apenas a sua presença física que estava se retirando. Os dois haviam se falado através da mente, haviam compartilhado um tipo diferente de paixão, a alegria do *donas* de Aran. O amor de Coryn por seu amigo permaneceria, assim como o de Aran viria com ele. Ele percebeu que estava sorrindo enquanto colocava seu pé no estribo e erguia-se no topo do lombo da égua.

— Vá com os deuses! — gritou Aran enquanto Coryn descia ressonante a trilha rochosa.

Ou talvez as palavras, distorcidas pelo barulho da ferradura na pedra, fossem *Adeus*.

LIVRO II

Treze

Taniquel Hastur-Acosta, *comynara* e sobrinha de Rei Rafael Hastur, o segundo com esse nome, estava parada na sacada da torre mais alta e observava o horizonte a noroeste. Esteve chovendo sem parar por dez dias, a suave garoa da primavera que trazia um verde intenso à rica propriedade de Acosta. O rio, com sua espuma cinza, dava voltas através das colinas, passava por pomares carregados de ameixa e pés de cereja, e através das videiras que produziam o forte vinho escuro pelo qual Acosta era conhecida.

Então ela saiu um momento de sua vigília para fechar os olhos e levantar seu rosto nu para a névoa. Desde o tempo em que era uma garotinha, adotada ali em Acosta junto com o garoto que mais tarde se tornaria seu marido, ela sempre achava maneiras de escapar da supervisão de sua ama ou tutores e saía correndo na chuva. Pular sobre poças, ou melhor nelas, tinha sido seu deleite principal. “Criança levada”, sua ama ralhava. “Donzela da água”, seu pai adotivo a chamava.

Algumas vezes ela pensava que, apesar de ser afeiçoada o bastante a Padrik, ele que era agora Lorde Acosta, nunca teria se casado com ele se ele quisesse deixar esse lugar.

Suspirando, ela passou seus dedos através do cabelo espesso e encaracolado, ajeitando os fios negro-azulados soltos da valiosa travessa de borboleta de cobre trabalhado.

Pareço uma moleca, não uma Rainha.

Nem mesmo, ela pensou estranhamente, *estava se portando como uma*. Ao invés de sentar-se seriamente com seu bordado ou conversar com suas damas sobre o último noivado ou sobre quantos bolos de mel sua mais nova dama de companhia, Piadora, que estava grávida de três meses, agüentava comer, ela estava bem ali, fazendo guarda como se fosse um soldado treinado e não uma dama.

Neste dia ela não poderia se forçar a ficar sentada. Algo estava acontecendo nestes últimos dias, uma pressão invisível atrás de seus olhos como uma dor de cabeça prestes a explodir. Ela fez o possível para ignorar, convencer-se a rejeitar aquilo como meros calores femininos, dissipando sua inquietude em jogos de azar ou aulas de dança, atividades próprias para uma dama de sua posição. A única coisa que não fez foi falar sobre aquilo com Padrik. Uma dúvida a impedia, uma dúvida que ela relutantemente identificou como vergonha.

Vergonha por não ter o *laran* de um Hastur, ou ao menos não o bastante para valer a pena treinar, ou assim disse a *leronis* da Torre Thendara quando examinou Taniquel em seu décimo-quarto aniversário. Qualquer talento que tivesse já teria aparecido. Ela devia ter um pouco de empatia, a Guardiã achava, o bastante para torná-la uma parceira compreensiva a seu marido. Não havia lugar para ela na Torre, não que ela quisesse algum dia ser trancada em uma. Mas...

Mas aquilo não era empatia, a pressão no centro de seu crânio. Isso ela sabia. Ela começou a andar de um lado para o outro. O guarda mais próximo se esforçou para parecer indiferente, toda hora olhando para ela com a boca meio aberta.

— O que foi isso? — ela sussurrou à meia-voz para não gritar as palavras.

Aquele tipo de explosão certamente alarmaria o guarda. Todos do castelo, da parteira até os familiares, da *leronis* até o próprio Padrik viriam correndo para acudi-la, colocá-la na cama, medicá-la com ervas misturadas com gotas de leite e especulariam infinitamente se enfim ela estaria grávida.

Talvez fosse isto. Talvez aquilo fosse normal na gravidez.

Ela ainda não contara a Padrik, por razões que ela mesma não compreendia completamente. Seus ciclos femininos ainda não tinham cessado, mas ela sabia a noite, até mesmo a hora, em que havia concebido. Tinha sido na noite em que essa chuva começara, uns dez dias atrás. Ela sabia também que carregava um menino, o filho e herdeiro que Padrik desejava. Ah tudo bem, haveria muito tempo para festejar. E para conversas intermináveis sobre como bolos de mel ou xarope de ameixa ajudavam a mãe a produzir mais leite. Com seus seios cheios, não achava que precisaria de nenhuma ajuda neste assunto.

Perdida nos pensamentos, Taniquel diminuiu seus passos. Um sorriso surgiu em sua face, aliviando a tensão entre as sobrancelhas. Ela virou de costas para a sacada, e também para o guarda, assim ele não poderia vê-la com a mão sob sua barriga. Sob o fino manto de tecido âmbar, ela tocou o músculo, liso e fortificado pelas horas no lombo de um cavalo.

Como Padrik ficaria agradecido! Ela lhe contaria quando ele retornasse de noite. Ele tirou o dia para inspecionar as defesas da fronteira e renovar seus laços com os Lordes vassalos distantes.

Um barulho estourou, atravessando o céu sobre as nuvens, alto e agudo. Por um instante, Taniquel não teve certeza se ouvira um trovão ou sentira-o através dos ossos. Ela virou a cabeça bem na hora para ver uma forma alongada em forma de lágrima de algum material vítreo através das camadas da grossa chuva cinza.

Taniquel tinha visto carros aéreos quando criança, no Castelo Hastur. Seu clã era um daqueles poucos, ricos o bastante para dispor das fabulosas invenções e com telepatas fortes o bastante para pilotá-las. A aeronave era impulsionada por *laran* armazenado em baterias. Requer um enorme gasto de energia para carregá-las e técnicos de matriz altamente habilitados para guiar seu voo. Enquanto imergia, ela teve uma melhor noção de seu tamanho e forma. Parecia ser um dos modelos menores, suportando talvez dois passageiros. E estava vindo direto para a frente do castelo, descendo bruscamente.

Os portões!

Sem pensar, Taniquel levantou sua saia e correu até o sino de alarme mais próximo. Ela deu uma olhada rápida para o guarda, confuso e de boca aberta à visão de suas pernas de finas meias.

— Ataque! — gritando, ela passou correndo por ele, não ousando sequer parar por um instante.

Ela derrapou direto dentro do sino, agarrando a corda com suas mãos, e puxando o mais forte que podia. Depois do primeiro impacto, o estrondo surgiu com seu próprio peso, mais rápido e mais alto a cada volta. Seus ouvidos doíam com o clamor enquanto ela puxava repetidamente. Atrás dela, homens corriam para as escadas.

Abaixo, uma luz brilhou nos portões principais. Mesmo através da vibração do sino, Taniquel sentia as pedras sob seus pés tremerem. Apesar de o estrondo continuar com todo o seu impulso, ela parou para olhar para baixo.

Línguas amarelas de fogo surgiam na espessa fumaça cinza, obscurecendo a entrada do castelo. Uns poucos soldados e servos da casa corriam aqui e ali. Um cavaleiro estava caído, sua montaria derrubada. Ele tentava se levantar, inclinando-se e rolando seu corpo caído. Um dos servos, uma mulher, largou os baldes que carregava e correu até ele.

O carro aéreo virou para arremeter novamente, como um dragão de uma antiga balada retornando para sua presa. Sua superfície exterior, como um espelho curvado, refletia céu e pedras, mas por um instante, Taniquel avistou uma figura na cabine, inclinando-se atentamente sobre o mecanismo. Enquanto o carro aéreo passava, uma chuva de flechas irrompia das paredes do castelo, mas não houve sinal que alguma acertara o alvo. A suave lateral do carro aéreo se abriu e derrubou um pouco das pequenas esferas brilhantes, cada uma não muito maior do que uma bola de brinquedo. Elas se dispersavam enquanto caíam,

como se guiadas por uma mão invisível. Aonde cada uma tocava a terra ou a parede do castelo, explodia em uma bola de luz e um estrondo.

Fogo aderente? Por todos os deuses, Damian Deslucido, que ameaçara suas fronteiras a noroeste durante os últimos dois ou três anos, tem fogo aderente em suas mãos?

O sangue de Taniquel corria como gelo. Seu corpo tremia e seus dedos agarravam a pedra imóvel do parapeito, rasgando unhas e pele, mas sem se dar conta. Ao invés disso, ela fixou seus olhos no incêndio abaixo, tentando desesperadamente entender o que via. Cada detalhe era gravado em sua memória.

A segunda rajada de bombas se espalhara em uma linha, em vez de se concentrarem nos portões. O primeiro ataque deve ter envolvido inúmeras delas, um conjunto, julgando pela quantidade de fumaça.

O carro aéreo circulou mais uma vez antes de desaparecer dentro das nuvens. No chão enlameado, a mulher ainda se ajoelhava sobre o cavaleiro caído, mas outro dos servos e um dos soldados haviam pegado seus baldes, passando-os em uma linha entre o poço externo e a parede.

Taniquel não viu mais chamas. A pedra das paredes, apesar de escurecida pela fumaça, não havia sido danificada. A madeira cor de bronze, úmida pela chuva constante, queimaria vagarosamente. O fato de terem pegado fogo sugeria algum tipo de química nas bombas.

Mas não fogo aderente, Taniquel pensou com um estranho senso de alívio. Nada, nem mesmo água comum, extinguiria aquelas chamas artificiais.

Cornetas tocavam ao norte. Ao longo da estrada do rio vinha um exército de soldados montados. Taniquel não podia ver o padrão exato de seu estandarte, apenas o preto e branco de Ambervale. *Deslucido*.

Taniquel julgou, pelo tamanho do exército de ataque movendo-se tão rapidamente ao longo da estrada margeada pelo rio, que eles deviam estar apenas levemente armados. Ela sufocou uma gargalhada. Deslucido pensava em tomar Acosta com um exército tão pequeno? O castelo, mesmo com seu Lorde e sua guarda pessoal ausente, dava o dobro daqueles. Os cavaleiros teriam que lutar contra o aclave da encosta tanto quanto contra os defensores do castelo. Para alcançar os portões, eles teriam que passar ao longo de um estreito pedaço de trilha como um funil, aonde Padrik trinchara recentemente profundas valas alinhadas com estacas em ambos os lados.

Os portões abaixo se abriram e soldados armados de Acosta saíram em grupos. Os capitães obviamente decidiram encontrar os invasores à frente, o que era melhor do que ficarem sentados lá dentro sitiados e serem bombardeados novamente.

Talvez fosse apenas uma visão ou alguma ilusão na mente de Taniquel que fez o tempo prolongar-se, mas a cavalaria se aproximando parecia diminuir a velocidade, primeiro para um galope, depois para um trote. Ela prendeu a respiração, esperando por algo que não podia nomear. Os exércitos de Deslucido aproximaram-se do fundo da última colina. Comandos berrados e gritos de guerra cheios de confiança a alcançaram de baixo. Uma canção de vitória chegou até ela.

Deslucido pensa quebrar nossa confiança lutando com suas bombas de fogo. Ele não contava com a chuva abençoada de Evanda.

Então por que a pressão detrás de seus olhos continuava a crescer e crescer, embaçando sua visão, transformando seu estômago em uma massa pastosa?

Um segundo exército montado surgiu no horizonte. Eles estiveram viajando por algum tempo pelo modo como avançavam ao longo da estrada. Um viajante ultrapassou os outros. Mesmo àquela distância, Taniquel reconheceu o enorme cavalo branco.

Padrik! Ela se perguntou como ele viera tão rapidamente, bem no encalço dos atacantes. Talvez a cavalaria de Deslucido tivesse sido reconhecida ao longo da estrada, e

algum mensageiro o avisara. *Agora Deslucido não pode voltar atrás*, ela pensou em um triunfo de revolta, *e nós iremos esmagá-lo nos portões*.

— Sua Majestade! — Piadora, a jovem dama de companhia, bateu no parapeito.

Apesar de o dia estar brando, ela amarrara um xale ao redor de sua cabeça e ombros, como se a leve névoa da chuva fosse de algum modo fazer-lhe mal. Havia rumores de que a criança que ela carregava era de Padrik. Poderia ser um menino e ele seria criado como irmão adotivo e *paxman* do filho de Taniquel. Ela deveria falar sobre isso com Padrik.

— Abençoada Cassilda! — Piadora disse ofegante — você está a salvo!

Taniquel reprimiu sua irritação. É claro que estava a salvo. Ali no seu próprio castelo, com seu marido chegando para o resgate... como mais poderia estar? Mas a garota estivera chorando e mesmo agora enxugava as faces úmidas com uma mão.

— Deveria estar lá dentro com as outras mulheres.

— Mas... mas você não devia estar sozinha! — Piadora estava praticamente fora de si em agitação. — E com o castelo cercado! O fogo! As explosões! Eu juro, as próprias pedras sob meus pés tremeram! Oh, *milady*! O que será de nós? O que aqueles monstros farão agora? Alguns dizem que vieram de Shainsa, para colocar todas nós de volta em correntes! E outros ainda dizem que são Aldaran e precisam de sacrifícios humanos para seus rituais do mal! — Com isso, ela se jogou aos pés de Taniquel para segurar a bainha de seu manto. — Oh, salve-me! Salve-me!

Taniquel não queria mais nada senão gritar para colocar algum sentido na mente daquela criança, mas era uma Rainha e *comynara*. Gentilmente, mas firme, ela ergueu a garota e puxou-a de encontro ao parapeito, aonde poderia observar a cena que se passava lá embaixo.

— Olhe, *chiya*, não estamos correndo nenhum perigo. Veja como são poucos os invasores, e veja nosso Lorde chegando para nos defender. Em apenas uns poucos minutos, ele os pegará. Como são lerdos e estúpidos para não saberem seu erro. Eles se aproximam como se nada soubessem sobre quem vem ao seu encalço. Nossos soldados irão cercá-los nos portões, aonde não podem escapar.

— Os portões ainda estão de pé? — Piadora inclinou-se bem, ofegante em excitação. Ela devia estar lá dentro quando as primeiras bombas explodiram e podia muito bem ter pensado que tinham sido destruídos.

— Sim, e não os abriremos até que a vitória seja nossa. Nós não devemos abri-los. — Taniquel franziu o cenho à suas próprias palavras. Que coisa estranha de se dizer.

Nós não devemos abrir os portões. Não devemos abrir os portões.

As palavras martelavam em seu cérebro. Suas têmporas pulsavam a cada sílaba. Ela cobriu seus olhos com uma mão e meio que caiu contra a sacada de pedra.

— *Milady*! — Havia um tom realmente alarmado na voz da garota dessa vez. — O que aconteceu?

— Eu... não...

Gritos vieram de baixo, a gritaria de uma centena de vozes de homens e mais. Algo soou próximo, no limiar, outros se aproximando...

Não devemos abrir os portões...

Mais cornetas ecoaram, dessa vez mais perto. Taniquel tirou a mão dos olhos, piscando com a súbita dor que transpassou seu crânio. Os homens de Ambervale estavam dentro de um atirador de lanças dos portões, os defensores esperando pelo sinal para juntarem-se a batalha. Padrik e seus homens corriam ao longo da estrada, a apenas minutos de distância. Atrás deles, de cada arbusto, cada sebe e abrigo do pomar, os soldados de Ambervale apareciam correndo. Por um instante, Taniquel os viu como insetos gigantes, fervilhando de suas tocas subterrâneas. Então ela viu como eles tinham se mantido escondidos, esperando que Padrik e seus homens passassem.

Seria ele que seria esmagado nos portões, não o primeiro exército de Ambervale. O ataque da cavalaria tinha sido meramente uma isca para a armadilha.

Enquanto Taniquel observava, horrorizada, Padrik continuava vindo. Ele não sabia que estava correndo para dentro de uma emboscada. *Se pelo menos ele pudesse passar para dentro dos portões*, ela pensou, *seus homens poderiam manter o castelo sob cerco*.

Não devemos abrir os portões...

...mas os soldados do castelo não sabiam disso, não com os cavaleiros de Ambervale prontos para romper a fortaleza. Eles poderiam não ver o imenso exército descendente abaixo deles como um ninho de formigas-escorpiões.

Havia tantos deles!

As nuvens repentinamente se abriram sobre a terra montanhosa e seu exército brilhou.

Taniquel tremia. Ela tinha que fazer algo, avisar Padrik! Olhou para o sino, sabendo que seria inútil. Ela podia tocar e tocar até que o mais frio inferno de Zandru derretesse. Ninguém nas muralhas abaixo podia ver o que ela via. Ainda não. Não até que fosse tarde demais.

Faça alguma coisa!

Agarrar uma lança e sair correndo pelos portões? A simples idéia de tocar a proteção maciça fez faiscar um terror incomum ao longo de seus nervos. O que quer que acontecesse, mesmo que a situação fosse desesperadora, ela não deveria abrir os portões!

Então, Taniquel pensou furiosamente, *ela deveria lutar de dentro deles!* No momento seguinte, ela levantara suas saias mais uma vez e correria para a armaria. Ela não podia empunhar uma espada com habilidade; apesar de já ter treinado com lâminas de madeira com seus primos Hastur quando era criança, tinha sido proibida de tocar em uma desde que se tornara uma mulher.

Na entrada da armaria, o cheiro de aço lubrificando e couro se misturava com o sabor acre do medo. O sargento manco que servia como mestre-de-armas do castelo estava arrumando as trêmulas flechas ao longo de suportes de tábuas manchadas e alinhando lanças, gritando ordens para uma dúzia de pajens de uma só vez. Seu rosto tornou-se pálido e escandalizado quando a viu.

— *Milady!* Vá para dentro!

Ignorando-o, Taniquel foi para o suporte nas paredes e pegou um arco e uma munhequeira. A faixa de couro era nova e firme. Ela ofereceu-a a ele e estendeu seu braço esquerdo.

— *Milady...* Sua Majestade! Não deve se colocar em perigo! O Rei...

— Oh, querida. Oh, minha dama! O que está fazendo? — Piadora parou assustada na porta da armaria.

— Coloque-me isso ou eu mesma o farei! — Ignorando a garota chorosa, Taniquel estendeu o arco, inquirindo — Este é o melhor que tem? — e continuou a tagarelar uma série de ordens.

Um momento depois, com a munhequeira firme no lugar, dois pacotes de flechas sob seu braço direito e o arco em sua mão esquerda, Taniquel voltou às escadas até a muralha. Ela tinha perdido a criança chorona em algum lugar, talvez no mais próximo quarto de banho. Dali, aonde um pequeno contingente de arqueiros aguardava; a massa dos exércitos de Ambervale estava só agora tornando-se visível. Graças a Aldones, o capitão dos arqueiros a reconheceria.

— Nós devemos destruir a cavalaria de Ambervale — ela disse, sabendo que significava mirar nos cavalos também e detestando a idéia.

O capitão concordou com a cabeça.

Taniquel escolheu seu lugar com os outros arqueiros, calculando aonde sua primeira flecha causaria maior confusão. O porta-estandarte montava um castanho manchado com

uma cauda curta. Enquanto ela mirava, as bandeiras com o losango preto e branco de Ambervale esvoaçavam soltas na brisa. Ela errou a flecha e inclinou-se para pegar outra, sem parar para ver aonde acertara em seu alvo. Ela atirou várias vezes, esvaziando rapidamente o primeiro pacote.

Gritos marcavam aonde as flechas acertavam seus alvos. O terreno abaixo estava repleto de corpos, homens e cavalos, lanças, espadas, e escudos. Então Taniquel estendeu sua mão, percebendo que acertou um de seus homens. Os exércitos estavam tão misturados, se emaranhando tão rapidamente que nem mesmo o arqueiro mais habilidoso conseguiria acertar apenas o inimigo.

Com o toque de cornetas, Padrik irrompeu para dentro da cena. Seus homens pegaram a cavalaria de Ambervale por trás. Mas o exército de Deslucido não se dispersou. Deviam ser homens corajosos, treinados, para se virarem e lutarem em vez de se espalharem.

Abençoada Evanda, que nós os enfraqueçamos o bastante para que Padrik alcance os portões antes que seja tarde demais!

— Devemos deixá-lo entrar logo que pudermos! — Ela viu imediatamente nos olhos do capitão o mesmo terror indescritível que tinha nos seus.

Não devemos abrir os portões!

Sua cabeça martelava como se tivesse sido golpeada por um dos cavalos lá embaixo. Não devia... *por quê?*

Por que aquilo não era real... era um feitiço! Por que algum laranzu lá embaixo quer Padrik preso do lado de fora de seu próprio castelo! Pegar e encurralar até que o exército se aproximando cada vez mais pudesse fazer seu trabalho.

— Ah! — Taniquel gritou como se tivesse sido espetada por alguma de suas próprias flechas.

Ela atirou seu arco inútil e correu para as escadas.

Desceu dois degraus por vez, descuidada. Minutos tão preciosos tinham sido perdidos na influência daquele comando de *laran!* Se ela fosse mais sensata, ela teria diminuído a velocidade, mas do jeito que ia, quase caiu e depois continuou indo. Quando ela pensou em abrir os portões, um medo intenso a envolveu. Uma garra de aço apertava seu coração.

Não, eu não irei abri-los. Apenas verei se estão agüentando bem. Sim, era isso... correr suas mãos sobre a pesada estrutura, para ter certeza de que aguentariam, para testar o peso e força da tranca...

Taniquel continuou dizendo as palavras para si mesma, mesmo enquanto passava seus dedos ao redor da madeira grossa e gasta. Por um momento assustador, a tranca não cedeu e ela temeu que não tivesse força para movê-la. Um momento de dúvida e ela estaria perdida. Mas o *coridom* de Padrik mantinha a antiga madeira levemente lubrificada. Ela escorregava com a força de sua mão, depois de seu braço.

— Sua Majestade! O que está fazendo? — o armador berrou com ela.

Ela não deveria tirar os olhos da tarefa, observando a barra maciça escorregar ao longo de seu suporte. Não abrindo os portões, nem nada disso, mas o deixando firme. Ela não devia pensar em nada, exceto em colocar todo seu peso nele, mantendo o castelo a salvo...

Mãos grossas a agarraram, puxando-a para trás. Sua concentração sumiu. Pânico penetrou ao longo de seus nervos, o medo doentio do feitiço. Com olhos horrorizados, ela viu a tranca sair de seu lugar, os portões se abrindo sob o peso dos corpos esmagados do lado de fora. O velho armador passou correndo por ela, colocando as duas mãos contra a abertura dos portões. Por um instante, ele aguentou. Então algo pesado, talvez o corpo de um cavalo, caiu com um baque e ele voou longe. Marcas chamuscadas traçavam a superfície exterior aonde as bombas de fogo haviam atingido.

Libertados da estreita área de terra onde estavam cercados, homens e cavalos

invadiram o pátio. Os estrépitos dos aços e os gritos dos feridos sobressaíam acima de toda a confusão. Em instantes, o pátio tornou-se um grande tumulto lamacento. Pés de soldados misturados com as montarias. O branco e preto de Ambervale pontilhava as cores de Acosta. Todos pareciam estar indo em direções opostas.

O armador, que tinha pulado para o lado enquanto o portão se abria, puxou Taniquel na direção dos degraus da fortaleza. Coração acelerado, ela observava o caos abaixo. No lado externo dos portões, avistou o imenso cavalo branco de Padrik. Ela viu então que ele ainda estava lutando para atravessar o primeiro agrupamento de Ambervale, tendo que passar não só pelos seus inimigos, mas pelos seus próprios homens, que ainda estavam bravamente tentando segurar os portões.

— *Milady!* — O armador gritava acima dos estrondos. — Você precisa entrar!

Relutantemente ela percebeu o sentido de suas palavras. Ela não poderia fazer nada ali, nem mesmo se vestisse uma armadura e empunhasse uma espada, como ouvira falar que algumas mulheres rebeldes faziam. Incapaz de tirar os olhos da batalha diante de si, ela se deixou levar para a porta aberta e para os braços de sua dama de companhia. Suas vozes fluíam ao seu redor como o murmúrio de ansiosas pombas. A escuridão da entrada do castelo a rodeou.

Sua última visão quando a porta fechou foi do enorme cavalo branco de Padrik empinando acima das cabeças dos homens lutando, uma mancha vermelha atrás de seu ombro aonde uma lança acertara. Ela ouviu o grito do animal, interrompido repentinamente, e depois, tão devagar que ela pensou que seu coração fosse para, cavalo e cavaleiro estendidos em direção do céu e tombando. A batalha os cobriu bem na hora em que as portas bloquearam sua visão.

Catorze

Por um longo minuto, Taniquel não conseguiu respirar. Seu coração congelara dentro de seu corpo. A completa escuridão da entrada sufocou todos os seus sentidos. Como se um véu tivesse sido tirado de seus olhos, o momento de choque passara. Ela ergueu o queixo. Era uma *comynara* do sangue de Hastur e Cassilda, além de Rainha de Acosta. Não tinha tempo para sentimentalismo ou fraqueza.

Ela atravessou os portões internos, onde os guardas da fazenda observavam atentos, e entrou no saguão central. Os três conselheiros principais, antes de seu marido e agora dela, esperavam, os rostos severos. Nenhum deles colocara seu manto formal do ofício, pois não eram homens que normalmente prezavam a aparência da posição. O mais velho ajudara a criá-la junto com Padrik. No fundo de sua mente, ela quase pôde ouvir nitidamente sua voz ditando os fatos monótonos de história e protocolo. Gavriel era seu nome, filho *nedestro* de uma linhagem inferior de Elhalyn; chegara ali na juventude, nos tempos do pai de Padrik para traçar seu caminho no mundo.

— Os portões foram rompidos e meu Lorde caiu em batalha — ela contou aos conselheiros. Com uma força de aço que não sabia ter, ela manteve a voz estável. — Devemos nos preparar para receber os invasores.

Gavriel concordou imperceptivelmente. O leve movimento a acalmou além de quaisquer palavras.

— Preparemo-nos rapidamente.

Ela se dirigiu ao *coridom* do castelo ao lado de seu núcleo de servos. Ele deu um passo à frente e lhe fez uma reverência.

— Haverá feridos para socorrer — ela disse. — Vejo que um lugar está sendo preparado para eles. Convoque o cirurgião-chefe e mande alguém com habilidade em cura se aprontar. Precisaremos de água quente, bandagens, unguentos, e camas.

Enquanto ele fazia outra reverência e se virava para dar instruções a sua gente, Taniquel estudou o saguão. Tapeçarias cobriam as paredes de pedra, algumas delas desbotadas, já antigas quando ela chegou ali como uma criança. Umas poucas brilhavam em cores mais radiantes, incluindo a cena de Cassilda e Camilla que ela e suas damas haviam terminado no último Solstício de Inverno. O grande trono entalhado brilhava polido, apesar das almofadas estarem um pouco puídas. Nenhum grão de poeira jazia no salão, pois o *coridom* e seus empregados eram muito eficientes. Uma pálida luz cinza passava pelas altas janelas para se misturar com o suave amarelo projetado dos candelabros na parede. A imensa lareira, pedras em tons cinza unidas em um estranho mosaico retratando a águia de Acosta, permanecia escura e fria, pois o inverno passara e Padrik não era dos que desperdiçavam combustível por ostentação.

Rapidamente, Taniquel ordenou que todas as velas e tochas fossem acesas. Ela abriu mão da lareira, pois não haveria tempo para acendê-la.

— Você, você e você... — ela apontou para as três damas que pareciam ainda estarem em seu juízo perfeito. — Venham comigo.

Elas correram atrás dela em direção aos seus aposentos. Piadora, a garota grávida, esperou ali, as faces banhadas com lágrimas. Ela abriu a boca, mas fechou-a novamente ao ver a expressão de Taniquel.

No quarto de vestir, Taniquel foi até o enorme guarda-roupa, entalhado com desenhos de flores e cisnes. Ela abriu as portas. A profusão de cores e texturas aguçou seus sentidos: o vestido de seda de cor de pavão enfeitado com um laço prateado, longas túnicas bordadas com lã violeta e dourada, as cores dos vinhos mais finos de Acosta, o manto guarnecido com

pele de leopardo das neves, e caixas de adereços de cabeça, leques, luvas e chinelos. O aroma misturado de incenso de cedro e alecrim enchia sua cabeça. Ela indicou o vestido com desenho em dourado.

— Aquele.

— *Milady?* — sussurrou Verella Castamir, uma doce jovem chorosa das Colinas Venza.

A fúria de Taniquel chegou perigosamente perto do ponto de ebulição. O que pensavam aquelas idiotas, que iria encontrar Deslucido, ou seu marido vitorioso, se por algum milagre ele sobrevivera, apesar da angústia que invadia seu coração, pois ela não tinha esperanças disso, com seu cabelo para todos os lados, vestida com um vestido velho e sujo de lama?

— *Rápido!*

Diante de algo familiar para fazer, uma rotina que conheciam tão intimamente quanto os interiores de seus próprios aposentos, as damas entraram em ação. Verella enfiava o vestido cor de âmbar sobre a cabeça de Taniquel; Rosalys desamarrava a munhequeira e retirava a lama com água de rosas, enquanto Betteny, a terceira, arrumava o tecido rendado sob o vestido e as meias de seda. Enquanto o brocado em dourado era colocado no lugar, Piadora juntara-se a elas, ajudando a prender a série de pequenos botões de diamante amarelo. O decote do vestido era mais alto do que era comum, mas envolvia seus seios e quadris, subindo da linha da cintura dando a ilusão de um busto maior. Delicados laços de seda com toques de linha dourada pendiam das largas mangas.

— Cores — Taniquel disse e, um momento depois, vestia duas faixas de tartã, Acosta e Hastur. O dourado do vestido e seu corpete simples combinaram perfeitamente.

Verella e Betteny trabalhavam com pó e pintura, escovas e pentes, frascos de cristal com óleos aromáticos, combinando a rede de cabelo cravejada de jóias e um precioso colar de cobre trabalhado.

Logo que Rosalys estendeu uma caixa de anéis aveludada, houve uma batida na porta. Ao comando de Taniquel, um jovem oficial de Acosta entrou. Sangue brilhante ensopava o tecido sobre seu ombro direito.

Taniquel empurrou a caixa de anéis para o lado. Ela acabara a tempo.

— M-m... Sua M-m... — Ele se jogou de joelhos diante dela, cabeça abaixada. Seus ombros tremiam.

Ele é quase uma criança, ela pensou, apesar de ser poucos anos mais velha que a jovem. Ela sabia, com certeza absoluta, o que ele estava tentando dizer. Com aquele *laran* parcial que fora considerado sem valor para treinamento, ela sabia.

— Eu o vi cair — ela disse. *Ela repetiria aquelas palavras o dia inteiro? Oh, Padrik!*

— Ele... ele foi morto, dama. Ele está... — Outro espasmo balançou o corpo do garoto.

Com um esforço visível, se controlou e olhou para ela. Lama e lágrimas formavam listras em seu rosto imberbe.

— Você veio da parte do Capitão Branciforte? Então volte com este comando. Ele oferecerá uma trégua aos exércitos de Deslucido para negociar os termos da rendição. Vamos acabar com a luta, vamos acabar com o derramamento de sangue. Receberei seus representantes na sala do trono.

O garoto levantou-se desajeitado, inclinou-se profundamente, e partiu.

— Ajudem-me.

Por um instante, Taniquel avaliou suas damas, uma se apoiando na outra, olhos arregalados, tremendo visivelmente. Elas tinham sido criadas para nada mais desafiante do que um ponto de bordado complicado ou sobre como recusar uma segunda dança com um pretendente que achassem desagradável. Não tinham culpa de se tornarem um coelho-de-

chifres diante de uma batalha. Taniquel tornou sua voz mais gentil:

E o que quer que aconteça, lembrem-se de que nasceram nobres e que servem a uma Rainha.

Taniquel entrou na sala do trono através da porta lateral que Padrik sempre preferira. Com uma observação cortês de boas-vindas, Gavriel ofereceu seu exército e a escoltou para a plataforma acima.

O *coridom* fizera bem o seu trabalho. O saguão brilhava, competindo com o sol do dia do Solstício de Verão. Ouro e veludo, radiantes como pedras preciosas, e até as velhas tapeçarias cintilavam. Umas poucas cortesãs, damas e homens velhos demais para lutar, conversavam em sussurros. Como um todo, eles a reverenciaram; todos, exceto a dama sentada em um banco contra a parede distante, confortando um pajem soluçante. Os dois cães de caça que tinham sido os preferidos de Padrik rodeavam a base do trono. A cadela rosnou quando Taniquel se aproximou, mas o cão correu para ela e lambeu sua mão.

Taniquel passou pela cadeira menor que tinha sido dela e sentou-se no trono, por um momento grata por Padrik ter desdenhado a maciez dos travesseiros. Ela precisava de seu apoio inflexível.

— Fique atrás de mim — ela disse a Gavriel, e ele postou-se em seu lugar usual atrás da cadeira de Padrik.

Cada vez mais, familiares do castelo infiltravam-se no saguão, cada um reverenciando-a silenciosamente, embora poucos se aproximassem do trono. Muitos, ela percebeu, nunca haviam aparecido na corte formal antes, conhecendo esta sala apenas como um lugar para ser polido ou espanado. Alguns carregavam crianças nos braços, um deles um bebê de peito.

Gavriel se aproximou com o cetro que era tão raramente usado.

— Os feridos estão sendo atendidos — ele disse, e contou os detalhes.

— Diga ao *coridom* que ele fez um bom trabalho — ela lhe disse, com um gesto indicando a limpeza da sala e a presença da comunidade.

Ele fez novamente uma reverência.

— Há mais alguma coisa que devemos fazer por Vossa Majestade?

— Não, não há nada para ser feito. Nosso destino está nas mãos dos deuses. Tome seu lugar.

Oh, Padrik! um lamento veio do fundo de sua mente. *Você nunca saberá sobre seu filho!* Ela sufocou as palavras em silêncio, firmou o maxilar e ergueu o queixo. Sua mão livre era mantida no braço da cadeira. Não demonstraria nada, nenhum traço de nervosismo ou tristeza, diante do invasor.

Ela não teve que esperar muito, antes de ouvir o som das botas e o tilintar das esporas e arreios soando no corredor externo. Adrenalina preenchia o ar. Homens nas cores de Deslucido, espadas em punho, entraram na sala. Cortesãs encolheram-se diante deles. Uns poucos gritavam, enquanto outros olhavam com olhos arregalados na direção do trono. Apesar de seu coração pular sob suas costelas, Taniquel permaneceu imóvel. Quanto mais conseguisse agüentar firme, quanto mais conseguisse não desmoronar, seu povo também o faria.

Eu sou comynara e Hastur. Carrego o herdeiro de Acosta. O pensamento trouxe tanto desespero quanto força.

Ela reconheceu os oficiais de Ambervale pelas vestimentas e porte, o modo arrogante como tomavam posições ao lado do tablado sem nem mesmo um aceno em sua direção. Ao oposto deles localizava-se uma figura em um longo manto cinza, capuz ocultando a face.

Laranzu! Ela sabia que olhava agora para a origem da compulsão para manter os portões fechados. Um sentimento próximo ao pavor a invadiu.

Cornetas soavam lá fora, uma aguda quinta nota desafiante que fazia as pedras vibrarem. A massa de homens armados partiu. Dois homens aproximaram-se a passos largos do centro da sala, seguidos bem próximos por um homem mais velho, grisalho, em uniforme de general. O primeiro homem movia-se com confiança e tranquilidade. O armador sob seu manto preto e branco mantinha uma esquisita simplicidade e sua lâmina brilhava de tão polida. Ela não vira as linhas de seu rosto até ele se aproximar, pois seus movimentos não davam alusões de sua idade. Poderia ter dezesseis ou sessenta anos. *Devia ser Deslucido em pessoa*, Taniquel percebeu, ocultando rapidamente a surpresa, *vindo fazer sua própria negociação ao invés de mandar um tenente*. Devia ser muito seguro de si.

Seu olhar vacilou no homem mais jovem, cuidadosamente posicionado ao lado e a meio passo atrás dele. Raramente ela havia visto um homem de tal excessiva beleza. Olhos azuis como lascas do céu de verão chamavam a sua atenção, medindo-a de um modo que lhe causava arrepios atrás do pescoço. Cabelos dourados cintilavam como se a sala tivesse sido criada especialmente para realçar seu brilho. Como já sabia, tais olhares também denotavam arrogância e egocentrismo. Apesar de não ver traços de nenhum dos dois no comportamento do jovem, ela antipatizou com ele imediatamente.

Deslucido tomou lugar a poucos metros de distância e fez uma curta reverência, como um cavalheiro deve conceder a uma dama de uma posição inferior.

— Não há razão para se levantar, *vai domna*, enquanto nos dá as boas-vindas.

— Não tenho intenção de me levantar — ela replicou, firmemente — e dificilmente você é bem-vindo a Acosta. — *Palavras corajosas*, ela disse a si mesma. *O que esperava ganhar com essa patética demora? Contudo... deve haver algo que ele queira, ou ele a arrancaria do trono e cortaria sua cabeça ou a jogaria dentro do depósito de maçãs, que podia passar por uma masmorra ao Castelo Acosta.*

Um sorriso brilhou nas feições de Deslucido enquanto ele formava seu jogo de palavras. Então sua boca enrijeceu.

— Seu nobre marido está morto, seus exércitos foram desarmados, seu castelo ocupado pelos meus homens. Mesmo que tivesse alguns meios para resistir, não poderia comandar esta terra sozinha, uma mera mulher. Sua única opção é uma graciosa rendição.

Taniquel engoliu uma resposta afiada. Os dedos de sua mão livre afundavam no descanso de braço entalhado, mas ela não se fez perceber.

— Quais são suas condições, então?

— *Milady*, graciosa Rainha — desta vez ele a reverenciou a sério, — não tenho desejo de molestá-la ou ao seu povo. De fato, é meu desejo que tudo entre estes muros, tudo sob a proteção de Acosta, viva em paz e companheirismo. Entendo que isso deve ser difícil para você aceitar, com essa rale — indicou com seu queixo seus próprios homens, um sutil sorriso convidando-a para compartilhar a brincadeira — ocupando seu lar. Com o tempo, verá que nenhum mal foi feito a mais do que o absolutamente necessário e que o bem maior, uma paz segura e duradoura, compensou esse pequeno sacrifício.

Uma paz segura e duradoura? Deuses amados, do que este homem está falando? Ele está louco?

— Isso é o que eu pretendo: que seu povo continue a viver como sempre, pelos seus próprios costumes, devendo fidelidade somente a Acosta, mas uma Acosta agora unida por laços inquebrantáveis de aliança aos meus reinos maiores de Ambervale e Linn. Você viveria aqui, da maneira como está acostumada, atendida pelos seus próprios servos. Deverá enterrar seu marido com todos os rituais e honras devidos a ele, como se tivesse ganhado. Pois, por outro lado, Acosta já ganhou. — Estas últimas palavras soaram através do vestibulo, enfrentando olhares de confusão e surpresa.

— Que condições exige em troca, *vai dom*? — Taniquel repetiu com a máxima polidez que pôde empregar. — Que tributos? Está dizendo que não tem planos de comandar

Acosta?

Um sorriso iluminou as feições sulcadas, tão brilhantes quanto o sol depois de uma tempestade.

— Eu não tenho tais planos.

Ele parou quando um segundo murmúrio de espanto varreu a sala. Gritos e sussurros se misturavam como uma dúzia de enxames de abelhas. O coração de Taniquel se contraiu levemente a despeito de suas suspeitas. Rapidamente a lamentação diminuiu, cada ouvido atento para o que viria depois.

— É meu filho Belisar que deverá ser Rei de Acosta, com você como sua Rainha.

Como se viesse ao longe, ela ouviu os poucos aplausos dispersos que surgiram. Deslucido estava lhe oferecendo uma honorável alternativa para a execução ou o exílio.

Nenhum motivo altruísta estava por trás desta proposta, pois a situação ficaria bem vantajosa para Deslucido. Como esposa de Belisar, sua posição como Rainha e filha de Hastur tornaria seu reinado legal e moralmente legítimo. As chances de uma revolta, mesmo que frívola, seriam reduzidas, pois quem poderia clamar uma fiel rebelião contra sua verdadeira Rainha?

Você pode ter conquistado Acosta por magia ou trapaça, mas a mim não conquistou! Eu cortaria minha garganta bem aqui antes de dar a você e a sua prole qualquer direito verdadeiro ao trono.

Um calafrio atravessou sua pele, como se lhe tivessem jogado um balde de água congelada. A figura no manto cinza encapuzado, o *laranzu*, sentira sua reação e a encarou como se ela fosse um cervo recheado. Ele forçou contra sua mente, uma lança com ponta de gelo.

— Oh sim, — a *leronis* que a examinara quando era uma garota magricela tinha dito — você carrega a herança de um poderoso *laran*. Mas seus dons não são úteis para ninguém, exceto para si própria. Você tem apenas um pouco de empatia, o que a tornaria uma esposa e mãe compreensiva, e fortes barreiras. Este é o motivo de termos testado você, para ver se havia alguma coisa além disso.

Fortes barreiras. Pela primeira vez, ela rezou para que a *leronis* estivesse certa.

Vá embora! Vá embora! ela gritou silenciosamente. No instante seguinte, a pressão diminuiu, para ser substituída por uma suave percepção. *Doce Evanda, deveria ter guardado seus pensamentos tão bem quanto suas ações!*

Com um piscar de olhos Taniquel percebeu que o silêncio continuava e que toda a assistência esperava pela sua réplica.

— Você deve... — ela começou, então percebeu que dificilmente estaria em posição de exigir algo de seu sorridente conquistador. Mas certa teimosia não a deixaria pedir, não imploraria nada a ele. — Agora nos recolheremos... — ela fez menção de continuar “*para considerar esses termos*”, mas ele a impediu.

— Excelente! — ele transformou a palavra em um grito de alegria.

Logo que Gavriel se adiantou para auxiliá-la a se levantar, pois o assento do trono era baixo e a saia de brocado cheia e firme, Deslucido saltou ao pé do tablado e ofereceu-lhe seu próprio braço. Sua rapidez foi tão perfeita que ela não teve escolha senão aceitar ou esparramar-se grosseiramente de volta ao trono.

— Eu a levarei ao cuidado de suas amáveis damas — Deslucido disse com um sorriso sedutor que resultou em rubor e olhos baixos — para que não precise mais se preocupar com as questões da propriedade.

Sem esperar que ela concordasse, ele sentou-se no trono vazio e gesticulou para Gavriel.

— Ajude-me, conselheiro.

Os músculos de Taniquel tornaram-se rígidos e sua face pareceu como se tivesse sido

enfiada dentro do forno, como fizera uma vez em um desafio de Padrik quando ambos eram crianças.

Gavriel não olhava para ela; não tinha poder para ajudá-la. De algum modo, ela se encontrou na porta privada ao lado, seu corpo movendo-se como um boneco de madeira. Quando a porta fechou-se atrás dela, ouviu a voz de Deslucido anunciando em tons dourados, contando ao seu povo sobre as glórias que os aguardavam sob o reinado de seu filho.

Quinze

Taniqueel jogou-se no banquinho almofadado onde estivera sentada há pouco tempo atrás, tendo seu cabelo trançado e amarrado, sua face pintada.

Ela estremeceu, apesar de o aposento não estar frio. *Choque*, ela pensou, *choque e tristeza*.

Suas damas se agitavam ao seu redor como rosas-do-vento de verão à deriva em um lago congelado. Seus perfumes presos em sua garganta. Ela não conseguia pensar com todo aquele barulho e confusão; e ela devia, ela devia!

Tinha que dar às damas algo para fazer. Começou a emitir comandos: ajudar com o vestido de brocado que agora parecia mais uma gaiola do que uma armação e vesti-la com uma velha saia e túnica de lã de *chervine* de cor castanho-amarelada; pentear seu cabelo e prendê-lo simplesmente; ir buscar *jaco* quente e tortas; a acender uma pequena fogueira.

Pouco tempo depois, ela foi capaz de respirar profundamente. Suas roupas velhas e confortáveis, suas macias botas de casa forradas, o banquinho atapetado que tinha sido da mãe de Padrik, e uma caneca de *jaco* borbulhante entre seus dedos congelados tinham ajudado a acalmar seus nervos. Ela sorvia e observava o leve fogo bruxuleante, sem tremer mais. Ali em seus próprios aposentos, ela não mais sentia que estava sendo observada pelo *laranzu* encapuzado. Neste momento, estava segura. Mas deveria ser cuidadosa, pois cada ação estaria sendo observada.

Verella, percebendo o humor de Taniquel, propôs que tocasse a *rryl*. Ela cantava apenas razoavelmente, então a própria Taniquel pegou o instrumento e colocou-o em seu colo, tentando lembrar-se dos acordes da canção favorita de Padrik. Fazia muito tempo que não tocava e seus dedos estavam duros como os de uma velha nas cordas. Vagarosamente as palavras surgiram.

*Sobre as montanhas
E sobre as ondas,
Sob as nascentes,
E sobre a sepultura,
Sob as torrentes mais profundas,
Sobre as rochas mais escarpadas...*

Taniqueel parou, atenta ao olhar de Verella. Esquecera que esta era uma canção de amor. *Ou melhor*, ela pensou enquanto colocava a *rryl* de lado, *uma canção de amor perdido, de promessas que não podiam ser mantidas*.

Quando esta e a próxima canção, uma balada pastoral, algo apaixonadamente sem sentido sobre o amor de um pastor por uma dama, chegaram ao fim, Taniquel ordenou que suas damas se retirassem. Elas não iriam longe, mas ao menos ela teria um pouco de solidão. Que pensassem nela como a viúva magoada e chorona. Que levassem tal mensagem a Deslucido. Dar-lhe-ia tempo para reunir aliados e recursos.

Que aliados? A primeira lealdade de Gavriel devia ser com Acosta, seus esforços focalizados em suavizar o controle do conquistador. Se ele pudesse ajudá-la, o faria, mas isso não seria logo, não até que sua própria posição estivesse segura. Ela não podia procurar por nenhum conselho ou ajuda ali, nenhum além dos de suas damas.

Sozinha, Taniquel arrastou-se até sua cama, aninhando-se entre seus travesseiros e cobertores. Seus olhos doíam, apesar de não ter chorado. Talvez ela tivesse cochilado um

pouco; formaram-se imagens como sonhos através de sua mente.

O enorme cavalo branco de Padrik pisoteando o ar, escorregando para dentro da massa de homens lutando... sinos tocando... a névoa da chuva sobre a grama verde... a face de um homem, cabelo de um cobre vivo envolto por um fogo azul... Belisar aproximando-se dela com aquele sorriso arrogante... repetidamente, o cavalo branco caindo...

Vagarosamente examinou os fatos em sua mente, forçando-se a pensar ao invés de sentir. Haveria tempo suficiente para lamentação quando estivesse livre. Em primeiro lugar, Deslucido comandava Acosta agora. Ela não tinha poder para enfrentá-lo. Em segundo, ele pretendia casá-la com seu filho, para usá-la como um caminho para a legitimidade. Nada que pudesse dizer ou fazer mudaria aquela situação.

Ela nunca sonhara em se casar por amor. A sorte lhe fora generosa uma vez, pois sua família escolhera um marido que oferecera companhia e gentileza. Apenas uma tola esperaria tudo aquilo uma segunda vez.

Como ela poderia casar-se com esse príncipe dourado, filho do homem que assassinara seu companheiro de infância e confiscara sua terra natal por fraude?

E quanto a seu filho? Abençoada Cassilda, guardiã dos bebês nos braços de suas mães, e quanto ao seu filho não nascido?

Seus ciclos de mulher ainda não haviam cessado, ainda não. Desesperadamente ela pensou que, se fosse forçada a se casar com este Belisar, se lhe permitisse deitar com ela e então apresentasse a gravidez como se fosse dele...

Eu me deitaria antes com um cralmac!

A simples idéia trouxe um gosto amargo à sua boca. Seus músculos tremeram em repulsa. Nem mesmo poderia causar sua própria morte como uma fuga honorável, pois carregava uma outra vida inocente. Não importa o que houvesse, ela devia sobreviver.

Ela se acalmou, enterrando as unhas nas palmas de suas mãos fortes o bastante para deixar pequenas marcas vermelho-escuro.

O barulho de um tronco caindo trouxe-a aos seus presentes acontecimentos. O aposento ficara escuro e frio com o pôr do sol. Piadora entrou na sala para acender um candelabro. Na suave luz, Taniquel viu que ela estivera chorando.

Ao menos uma de nós, pensou com uma pontada de culpa.

Entretanto, havia muito trabalho a fazer. Havia um antigo provérbio sobre um sábio que enfiou uma vareta em um ninho de formigas-escorpião. Do mesmo modo, ela devia evitar provocar maiores suspeitas do que as que já existiam.

Taniquel ajudara a preparar o funeral do pai de Padrik, o velho Rei Ian-Valdir, há cinco anos atrás. Ao menos devia manter vigília e viajar com o corpo até o local de sepultamento da família. Acosta era muito longe de Hali e da *rhu fead* para levar Padrik para repousar em uma sepultura sem marca, como era o costume entre o *Comyn*. Além disso, não havia chance de Deslucido simplesmente deixá-la viajar para longe de seu controle e voltar para sua poderosa família. Não se ele realmente a quisesse como esposa de seu filho.

Amanhã, ela disse a si mesma, *haveria um fim adequado para o reinado de Padrik*. Dar-lhe-ia adeus e teria como testemunha seus amigos mais próximos e conselheiros que compartilhavam as lembranças dele.

E eu, o que direi? Ela rezou para qualquer deus que ouvisse que algo lhe ocorresse.

Entretanto, havia preparativos que não se arrumariam sozinhos. Taniquel se ergueu, alisando as dobras de sua túnica, gesticulando para que a garota a seguisse, e foi para a porta. Ela não se movia; a fechadura não podia ser trancada pelo outro lado, mas algo a obstruía.

Ela olhava para a maçaneta como se repentinamente esta se tornasse uma cobra de aço. Tentar novamente não adiantaria. Não abriria. Em um espasmo de pânico repentino, ela esmurrou a porta.

— Abra! Abra agora!

A porta se abriu. Ela pulou para trás, coração acelerado. Do lado de fora estava um jovem oficial, mas não um dos seus. O rosto acima do losango preto-e-branco da túnica trazia marcas de pouco sono e viagem cansativa.

— *Vai domna.*

Quando falou, ela percebeu que ele não era tão jovem quanto pensara. A voz era firme, os olhos escuros cautelosos, mas confiantes. Ele bloqueava a abertura com seu corpo, virando-se apenas para ter certeza de que teria espaço para sacar sua espada.

— Você é minha escolta? — ela disse no tom mais frio que pôde conseguir. — Eu irei agora para a capela ver se o corpo de meu marido está descansando adequadamente. — *Como o seu Rei Damian me prometeu*, ela pensou, mas não disse.

A expressão do soldado não mudou, nem mesmo retesou os pequenos músculos dos olhos.

— Infelizmente, Sua Majestade não lhe deu permissão para deixar estes aposentos. Se desejar, mandarei um pajem com o seu pedido.

Um pajem! Meu pedido! Então assim que terá de ser.

Mas não havia nada a ser feito, exceto afastar-se com o máximo de graça que pudesse e esperar. Não era uma prisioneira indefesa, como Deslucido devia pensar. Esta parte do castelo, a mais antiga, estava repleta de passagens secretas que ela e Padrik adoravam explorar quando crianças. Algumas delas foram criadas acidentalmente como resultado de séculos de reparos e aumentos, mas outras foram construídas intencionalmente, ela pensava, caminhos para o Lorde visitar discretamente sua amante ou espionar seus conselheiros. Muitas almas indignas de confiança, aqueles antepassados de Acosta. Mas não devia arriscar que ninguém mais as achasse antes do tempo certo, quando Deslucido estivesse sossegado em sua vitória, quando sua ausência não fosse notada imediatamente; aí então ela teria uma chance razoável de escapar. Manteria as passagens secretas até que precisasse delas.

Enquanto isso bancaria a submissa e descobriria mais sobre os planos de Deslucido.

Meia hora depois, Taniquel encontrava-se sozinha nos aposentos de Padrik, na confortável sala de estar onde ele passara tantas horas de inverno desde que se tornara Rei. Verella e Rosalys a atenderam até agora apenas na ante-sala, onde o guarda também se localizava. Uma mesa tinha sido posta para o jantar. Velas bruxuleavam nos utensílios e taças de cobre desenhado.

Taniquel aproximou-se da mesa, pensando em esconder uma faca em sua manga ou bota, mas não havia nenhuma. Ela dispôs apenas de um momento livre, pois com um bater de esporas e botas, Damian Deslucido entrou repentinamente no aposento. Em seu encalço vinha um homem grisalho em traje de general, dois jovens oficiais, e seu filho de cabelo dourado. O ar entrava em pequenas correntes atrás deles, trazendo aromas misturados de couro e chuva. Lama de suas botas manchava as passadeiras no corredor.

— Ah! — Damian esfregava as mãos. — Estou com um baita apetite esta noite! Onde está o jantar? Doce dama, que gentileza sua juntar-se a nós.

Taniquel hesitou, então curvou levemente os joelhos para ele, reverência adequada para uma garota nobre a um homem mais velho de posição inferior, como aprendera no Castelo Hastur.

O Rei Damian pareceu não ter percebido o desprezo implicado. Ele já havia se virado, batendo nos ombros de seus homens e os dispensando. Outro homem uniformizado trouxe uma bandeja com pão, queijo, uma tigela com maçãs de inverno, e uma caçarola com algum tipo de sopa de ervas, o tipo de comida forte que a cozinheira podia preparar rapidamente, quando não havia tempo para algo mais elaborado. Ela esperou, silenciosamente, enquanto Damian e seu filho tomavam seus lugares.

— Dama, sente-se, por favor. Este não é um jantar formal e a refeição vem de suas próprias cozinheiras. Reynaldo! Onde está a cadeira para a dama?

— Eu agradeço — disse Taniquel, sua garganta se apertando — mas vim por causa de outro assunto. Você me prometeu que eu poderia enterrar meu marido com dignidade. E quando fui ver se tudo estava adequado, ele sendo velado na capela, fui proibida de deixar meus aposentos.

— Ah, uma pequena falta de comunicação sem importância, nada mais. — Damian pegou uma faca de seu cinto e começou a cortar um queijo claro e envelhecido em fatias precisas. — Lamento qualquer inconveniência, mas o estabelecimento da ordem deve tomar precedência sobre assuntos menos urgentes. Tenha certeza, tudo será feito como deve.

— Por que não posso deixar meus aposentos?

— Não seria apropriado, ou seguro, para uma gentil dama passear pelo castelo neste momento — disse Damian. — Em decorrência da batalha, o sangue corre quente. Meus homens são bem treinados e leais, mas eles são, apesar de tudo, homens. Para sua própria segurança...

— Eu quero ver o corpo de meu marido. — Os músculos do maxilar de Taniquel doíam em tensão enquanto ela mordida cada palavra.

— Acalme-se, por favor — disse Damian, cuidadosamente guardando sua faca. — Esta é uma hora difícil para você. Pode não ter motivo para confiar em nós, pois não nos conhece. Mas irá, e verá o quão tolos são esses medos atuais. Tudo acontece em seu próprio tempo. Por favor, entenda que apesar de nenhum desrespeito ser pretendido, pois seu Lorde foi um oponente justo, não será vantagem para ninguém transformar seu enterro em um ponto de encontro para descontentes. Devemos proceder cautelosamente. Silenciosamente.

Silenciosamente. O que ele queria dizer?

— Seu próprio *coridom* e conselheiro chefe, — Belisar falou pela primeira vez — ... qual é o nome do velho, pai? Gabriel?

— Gavriel — Taniquel disse em uma voz baixa.

— ...sim, eles o prepararam na capela. Eu mesmo verifiquei que velas e incensos fossem providenciados. Ele está bem atendido. — Belisar sorvia sua sopa como se tivesse concluído o assunto. — Você não precisa se preocupar.

— Eu não terei permissão para vê-lo, então? — Taniquel persistiu.

— *Domna* — Damian disse endurecendo a voz. — Seu rosto foi danificado durante a batalha. Nós homens de ação estamos acostumados com os infelizes efeitos da guerra, mas uma dama educada e de delicada sensibilidade deve ser protegida contra tais visões. Seja conduzida por nós, descanse satisfeita com nossos cuidados. Amanhã você andarà com a marcha fúnebre, como é seu direito.

— Andar? Você negará a Padrik os rituais tradicionais também? É costume em Acostar viajar...

— É nosso costume andar até o local do sepultamento, em respeito ao morto. Contudo, se a distância for muito longe para você ir sozinha, uma liteira será providenciada.

— Eu... — Taniquel controlou sua língua, tentando pensar claramente. Ela era golpeada por alguma terrível luva, onde cada soco que seguia era mais forte e rápido que o anterior.

— Quando estiver feito — Damian continuou — celebraremos juntos o casamento e a coroação.

— Ainda não consenti com o casamento — ela o lembrou, e soube em um instante o quão inúteis seriam os protestos.

Seus próprios desejos nada significavam. Mais de uma noiva descontente tinha sido casada através de procurador, com um laçao falando por ela. Ou drogada ou segurada à força enquanto as *catenas* eram presas em seu pulso.

Após o discurso de Damian na sala do trono, todos em Acosta achariam que ela tinha sorte em ter um marido tão belo, nobre e generoso. Sua única esperança era escapar antes da

cerimônia e ela ainda não tinha nenhum plano. Uma tentativa malfeita seria mais do que inútil, pois ela seria guardada ainda mais de perto, talvez até mesmo acorrentada como os habitantes das Cidades Secas faziam com suas mulheres. Ela teria apenas uma chance.

Depois de recusar comida mais uma vez, ela se retirou para seus aposentos, alegando um dia longo e cansativo. Suas palavras provavam mais a verdade do que ela pretendia, pois já estava cambaleando enquanto o guarda a escoltava de volta aos seus aposentos. Sem a assistência de suas damas, ela teria se jogado em sua enorme cama sem se importar em tirar suas roupas.

Dezesseis

Taniel nel nunca soube quem preparou o funeral de Padrik, contudo desejava que tivesse sido Gavriel ou o *coridom*, alguém que realmente o amasse. Nunca, desde o tempo que chegara ao Castelo Acosta como uma órfã magricela e rebelde, ela se sentira tão excluída das coisas. Quando o pai de Padrik, o velho Rei Ian-Valdir, morrera, ela trabalhara desde o amanhecer até a noite, ajudando com os planos do funeral, preparando aposentos para os principais Lordes vassalos que vinham para o enterro, e supervisionando as cozinheiras. Agora sua porta mantivera-se trancada até depois do meio-dia, quando dois oficiais de Ambervale se apresentaram como sua escolta. Levaram Rosalys e Verella com ela para a longa e demorada caminhada até o retiro da família Acosta.

Taniel nel tinha observado o amanhecer pela alta janela. Gradualmente o céu clareou até as cores das lágrimas e depois para o suave dourado brilhante. Mas o dia que tinha começado claro e agradável tornara-se nublado pela tarde. As damas de Taniel nel insistiram em um grosso manto e camadas de véus, pelo que agora ela era grata. Ela os vestia como uma armadura para esconder sua face dos olhares curiosos dos soldados de Deslucido.

Damian e seu filho não acompanharam o cortejo fúnebre, e Taniel nel, de algum modo paradoxalmente, achou sua ausência mais respeitosa e digna do que qualquer comparecimento. Os homens de aparência severa de Ambervale em branco e preto e o silencioso e encapuzado *laranzu* já eram o bastante. Ela reconheceu Gavriel e alguns dos principais da equipe familiar. As cortesãs mais velhas e damas puderam ser dispensadas por causa da dificuldade da jornada. Mas dos jovens Lordes que tinham sido mais próximos de Padrik, seu *bredin*, dos oficiais que tinham lutado com ele, ela não viu nenhum. Foi cruel da sua parte não ter trazido Piadora, para dar à criança um foco para sua tristeza.

Na hora que se aproximaram da colina onde, cercada por imensos cedros, os Lordes de Acosta há tempos descansavam em sepulturas sem marcas, o céu branco se tornara um cinza movimentado.

O próprio céu lamenta, ela pensou, e decidiu que estava se tornando sentimental. Padrik tinha sido bem-humorado e obediente, mas não fora um rei que fizesse o céu se entristecer à sua passagem. Não, se a ameaça de chuva fosse um sinal de tristeza celestial, era pelo fato do próprio destino de Acosta.

Na sepultura aberta, um pano branco cobria completamente o corpo. Taniel nel foi tomada pelo impulso de puxá-lo para o lado, ter a certeza de que era mesmo Padrik ali embaixo. Para ter certeza de que estava realmente morto. Naquele momento, a batalha parecia tão distante, a derrota tão irreal.

Um por um, os oradores começaram a falar. Gavriel, como conselheiro principal, contou uma história da juventude de Padrik, de pouco antes de Taniel nel chegar a Acosta. Ela se lembrava de pensar que Padrik não era tão bonito do que seus primos Hastur e que ele era um pouco mimado demais, sendo o único filho de um filho único. Ela tinha deliberadamente o empurrado e lhe deixado de olho roxo, apenas para ser perseguida três vezes ao redor do pátio com um chicote de cavalo. Em uma tentativa de retaliação, ela encheu a cama dele com sapos, o que ele achou realmente maravilhoso, e depois disso eles se deram toleravelmente bem.

Seu sorriso morria enquanto uma história seguia a outra, cada uma sobre algum incidente de muito tempo atrás, alguma peculiaridade do humor de Padrik, alguns dons generosos. Ninguém que estava lá mencionou nada sobre seu reinado, sobre sua morte. As pessoas lamentavam de diferentes maneiras, mas mesmo quando o velho Rei morrera, sem heroísmo em sua cama, tinha tido algum reconhecimento sobre o que ele tinha sido. Padrik

não tinha sido um grande rei, ainda não, mas tentou dar o seu melhor. Tinha superado sua juventude briguenta e tomara o dever de um homem. Em outra época, a terra teria prosperado sob seu reinado. Não havia ninguém ali desejoso em dizer isso? Ele deverá ser lembrado apenas por umas poucas travessuras charmosas?

Na tradição de Acosta, mulheres mantinham-se em silêncio em sepultamentos. Mas Taniquel era uma Hastur, de posição superior, e uma mulher Hastur devia falar. Em uma pausa, ela deu um passo adiante e afastou os véus, mostrando seu rosto. Lágrimas manchavam sua face.

— Eu o vi cair. — Sua voz soou rouca aos seus próprios ouvidos. — Ele veio cavalcando das margens quando estávamos sob ataque, mal sabendo que estava caindo em uma armadilha. Ele morreu nos portões, defendendo-nos, um verdadeiro Rei no final.

— *Vai domna!* — Rosalys sussurrou desesperadamente.

Taniquel parou, tomada pelos ombros caídos, as cabeças baixas, os olhares furtivos em direção aos soldados de Ambervale. Nenhum homem encararia seus olhos, nem mesmo Gavriel. O medo deles tremia através dela. Não pelo que poderia acontecer se fossem vistos em concordância com ela, mas para sua própria segurança.

Ela falou como sempre fez, dizendo o que achava ser certo, seguindo sua própria consciência. Em toda a sua vida, como uma mimada filha de Hastur, como herdeira de nobre linhagem, como adorada jovem Rainha, ela tinha visto outros sofrerem a consequência de um discurso imprudente. Mesmo agora, ela não pensara no que poderia lhe acontecer.

Devo parecer conformada com meu destino, talvez um pouco irracional por causa da tristeza, mas não revoltada...

— Talvez — ela gaguejou — seja melhor lembrá-lo em momentos mais felizes.

Estava caindo um completo aguaceiro na hora em que o cortejo fúnebre retornou ao castelo. Taniquel tentou andar mais perto de Gavriel, para trocar uma ou duas palavras com ele, mas ele se afastava com a habilidade de um ótimo cortesão. A recusa continuou até ela perceber que suas ações poderiam somente colocá-lo em risco. Seu futuro, toda a sua vida, dependia da vontade do novo rei. Ele não poderia arriscar ser visto falando em particular com ela, mesmo se ela não tivesse feito um discurso tão provocativo. Ela devia estar mais cansada e confusa pela tristeza do que podia perceber, para tentar até isso.

Taniquel estava determinada enquanto subia as escadas para o seu aposento na torre. Foi trancada novamente, com um guarda armado à porta. Docilmente ela permitiu que suas damas despiassem suas vestes ensopadas e a coagissem a tomar um banho. O aroma de pétalas de rosas e casca seca de cidra na água quente, outrora fonte de prazer sensual, agora a enjoava.

Naquela noite ela se sentou até altas horas, observando as chamas formarem sombras dançantes por trás da lareira. A chuva açoitava continuamente as grossas janelas de vidro.

Uma mensagem de Damian chegou no dia seguinte dizendo que ele tinha marcado a data do casamento e da coroação para dali a dez dias. Ele desejava que ela se juntasse a ele para o jantar. Taniquel falou asperamente para o mensageiro oficial que ainda estava de luto e não o veria.

Naquela noite Taniquel apanhou sua *rryl* enquanto revia mentalmente sua situação. Não poderia pedir asilo a nenhum dos vizinhos mais pobres. Verdanta já havia sido tomada por Deslucido e os outros não tinham maiores chances. Sua única esperança era clamar por Thendara e seus parentes Hastur. A jornada seria longa e difícil, especialmente no começo, quando ela não ousaria parar para caçar ou comprar comida. Ela teria que estocar suprimentos para viagem, pegar um arco na armaria e um bom cavalo...

Ela olhou para a *rryl* em seu colo, ao som de uma risada de homem no vestíbulo externo. Ela colocou o instrumento no banquinho de tapeçaria. Verella, que a estava acompanhando ao violão, levantou-se.

— Ah, aí está você. — Belisar parou no limiar da porta, um sorriso permanente em seus lábios.

— O que está fazendo aqui?

— Eu vim escoltá-la para o jantar e ter certeza que desta vez está adequadamente vestida. — Seus olhos vacilaram em sua face, agora brilhando apesar de seu esforço, vagarosamente se abaixando, parando sobre seus seios e cintura. — Sem trapos velhos desta vez.

Ele se virou, dispensando suas damas com umas poucas palavras. Antes que pudesse protestar, estava sozinha com ele, sua cama a apenas uma curta distância. Claramente ele a fez entender que embora ela estivesse trancada em seus aposentos, ele poderia entrar onde e quando quisesse.

— Não precisa ter medo de mim — ele disse.

Suas palavras eram agradáveis, sua voz mediana com a modulação e a inflexão que dava a entender que tinha uma profusão de mulheres caindo sobre si mesmas por sua atenção.

— Eu não o temo, *Va'Altezu* — disse ela, sabendo que não era bem a verdade. Até aquele momento, ela o temia apenas por ser filho de seu pai.

— Alteza? — Ele se moveu em sua direção em passos largos. — É assim que se dirige ao seu marido prometido? Os costumes em Acosta devem ser realmente estranhos. Venha — ele estendeu os braços — dê-me um beijo.

Agilmente, ela se afastou para colocar o banquinho com a *rryl* entre eles.

— Ah, então é assim? Você quer brincar? Ótimo! Gosto de mulheres que tem espírito.

— Eu não serei apalpada como uma garçonne! Lembre-se de quem eu sou e que acabei de perder meu marido!

Ele circulou a cadeira e colocou as duas mãos nas costas, sorrindo mais largamente agora.

— Sua bela donzela não era tão tímida. Qual era seu nome? Betheny, Britteny, alguma coisa assim. Oh, sim, ela era mais receptiva.

Ele correu os dedos pelo cabelo dourado, e ela viu que estavam levemente úmidos como se tivesse saído do banho. E da cama.

Taniquel cerrou os punhos enquanto seu rosto queimava de raiva. Ela tentou pensar ao invés de atacá-lo fisicamente. Para que lhe contaria isto? Tomar sua dama de companhia por uma tarde infeliz seria uma indelicada lembrança de seu poder, algo com a intenção de humilhá-la? Ele pretendia manter a garota como *barragana* sob seu próprio teto?

— Você não tem decência!

— Oh, eu tenho uma grande noção de decência. Como os *crisoforos*, não tomo nenhuma mulher contra a vontade. Nós devemos nos entender.

Ela balançou sua cabeça.

— Quer dizer que eu devo entender você. Que você pretende fazer o que lhe agrada, eu concordando ou não.

— Exatamente o oposto. O que acontecer depende totalmente de você. — Ele moveu-se em sua direção, mãos abaixadas, voz suave como para acalmar um cavalo jovem e nervoso. — Não desejo assustá-la. Olhe para você, tremendo como uma folha. Eu a faria tremer por uma razão diferente e infinitamente mais prazerosa. Sou um homem simples, fácil de se ganhar. Uma palavra aqui, uma carícia ali, e terá meu coração aos seus pés. Você é uma mulher muito bonita, sabe disso? Eu poderia trazer espelhos de prata polida como a face de Mormallor, então você poderia ver a luz em seu rosto. Como é encantadora, com suas faces assim vermelhas!

Taniquel balançava, embalada pelas suas palavras rítmicas. Ela movia-se para manter

o banquinho e a cadeira entre eles, só que mais devagar agora, de modo que ele pôde alcançá-la.

— Não, não fuja — ele murmurou. — Não vou machucá-la. Só quero tocar seu rosto, sentir seu cabelo. É como uma nuvem de seda virgem. Nunca vi nada assim. Não tem nada a temer de mim. Nada acontecerá a menos que queira. E acredite, minha amada, que quando você me implorar para tocá-la, quando me receber com a paixão que eu sei que existe dentro de você, eu não terei desejo em olhar para mais ninguém.

Taniquel recuou como se ele a tivesse esbofeteado. Ele estava sugerindo, este lascivo arrogante, que ela implorará que ele a toque, que ela fará amor com ele!

O próprio inferno derreterá antes que eu me deite com você!

— Eu não consenti nesse casamento — disse ela asperamente.

— Por que torna as coisas tão difíceis para si mesma? Nós nos casaremos e eu preferiria tê-la como uma esposa ansiosa. Seu primeiro casamento foi um fardo? É uma amante secreta de mulheres? Se for, eu lhe mostrarei os prazeres de se encontrar nos braços de um verdadeiro homem. Oh, sim, eu adoraria mostrar-lhe isso. E cada palavra de sua boca apenas me diz o quanto precisa disso.

Taniquel tossiu, mas tentou manter silêncio. Ele estava gostando de sua resistência! Ela abaixou os olhos, tentando ao máximo manter a aparência de falsa modéstia. Talvez se parecesse estar sendo persuadida...

— Por favor, tudo está sendo tão rápido. Preciso de um pouco mais de tempo.

— Não sou um bárbaro, como você verá. Espero até a noite de nosso casamento. Até mesmo a deixarei agora, para que suas damas a arrumem adequadamente. Algo que combine com sua cor, eu acho.

Com aquelas palavras, ele a deixou. Taniquel permaneceu parada por um momento, o coração pesado como se tivesse corrido a largura do castelo e voltado.

Tenho que sair daqui. Tenho que sair daqui agora. Mas se ela não aparecesse ao jantar, a caçada começaria dentro de uma hora. Não poderia chegar longe o suficiente para escapar. De algum modo, tinha que achar uma maneira de manter Belisar e aquele *laranzu* amaldiçoado fora de seus pensamentos até sua chance chegar.

Minutos depois, Verella, Betteny, Piadora, e uma garota de aparência rústica que ela não reconhecera, entraram no aposento. Betteny ria à vontade e Piadora parecia que estivera chorando novamente. A nova garota pulava sempre que falavam com ela e só olhava confusa para o conteúdo do guarda-roupa.

— Não, este não — Taniquel disse quando Betteny ergueu o vestido de seda cor de pavão.

A cor tornava sua pele cor de porcelana e acentuava o brilho de seus olhos. A última coisa que queria era parecer saudável, alegre, ou bonita. Ela apontou para uma túnica excessivamente bordada de cor laranja, um presente do velho Rei, que não combinava com nada. Havia usado apenas uma vez e a manteve apenas na memória, pois o laranja a fazia parecer, de acordo com Padrik: *“meio-prima de um fungo, mantida longe da luz em lugares escuros e úmidos”*.

— Aquele.

Piadora torceu o nariz.

— O bordado é muito bonito. Veja como as linhas douradas foram trabalhadas habilmente dentro do padrão de constelações, mas...

— Mas é algo que sua avó usaria! — Betteny riu, alisando seu próprio corpete drapejado sobre seus seios generosamente fartos. — Não mostrará nada de suas formas!

Taniquel suspirou intimamente.

— É valioso e digno. Inteiramente capaz de honrar o novo Rei. — *E você pode ter os dois juntos se os quiser!*

Nos últimos dias a sala de estar fora transformada. Um enorme e antigo carpete substituíra as passadeiras que deixavam à mostra a pedra clara que Padrik amava. Taniquel não reconheceu a mobília; devia ter vindo de um dos aposentos antigos e desocupados da ala lateral. Como antes, uma mesa, esta ainda mais ricamente arrumada, tinha sido posta para três.

O Rei Damian, não mais em trajes de soldado, mas em um manto de veludo azul escuro enfeitado com pele de animal em padrão preto e branco, estava sentado na enorme cadeira diante da lareira. Belisar permaneceu apoiado na mobília, um cálice em uma mão. Seus olhos brilhavam à luz da lareira. O *laranzu* entrou pairando, vindo de um dos aposentos menores para se posicionar ao seu lado.

Taniquel tentou não olhar para a figura de manto cinza, apesar de sentir sua atenção sobre ela. A pressão da mente dele na sua era leve, mas inflexível.

Preciso parecer confusa com a tristeza e a rapidez dos eventos, mas não contrariada.

Damian a cumprimentou sem se levantar. Com esforço, ela manteve suas feições calmas. Ela se inclinou profundamente, depois permitiu que Belisar a acomodasse na mesa.

Como se estivesse esperando no corredor por seu sinal, um quarteto de servos entrou na sala, dispondo pratos cobertos, fatias de um fino pão branco, e duas garrafas de vinho ainda sujas com a poeira da adega. Enquanto se sentavam e os servos descobriam os pratos, Taniquel reconheceu a obra artística de suas cozinheiras. Um quarto de carneiro, coberto com ervas e pequenas coroas de dentes de alho, aninhado entre montes de vegetais cobertos com mel. Pequenas aves assadas de asas abertas cujas penas foram substituídas por camadas de beterrabas picadas. Um dos servos abriu um vinho, uma antiga safra cujo aroma sempre parecera a Taniquel como luz do sol misturada com ameixa madura e fumaça.

À mesa, Damian ergueu sua taça, rodopiando o vinho para intensificar o aroma, e inalou profundamente. Taniquel observou, um pouco surpresa de que um estrangeiro soubesse como degustar adequadamente o vinho. O aroma apetitoso das carnes e a ardência das ervas confundiam seus sentidos.

Ele bebericou, fez uma expressão de profunda concentração, e engoliu. Então sorriu com um prazer tão evidente que ela pensou que ele conquistara Acosta simplesmente por seus vinhos. Em poucas áreas de Darkover nasciam uvas apropriadas e vinhos de frutas costumavam ser muito doces ao paladar de Taniquel, mas vinhas tolerantes ao frio floresciam nos vales de Acosta e traziam sabores mais secos e complexos.

O oficial encheu sua taça e depois a de Belisar.

— Ao futuro de Acosta — disse Damian. — Ao seu novo Rei e sua bela Rainha, que em três dias se tornarão um só, para trazer uma prosperidade tão rica quanto este vinho.

— E aos filhos que reinarão depois de nós — acrescentou Belisar. E bebeu seu vinho em um gole, sem saboreá-lo.

Filhos! Taniquel abaixou seus olhos, inclinando sua taça para esconder seu espanto. Certamente ele não poderia saber, ainda não! Não, ele quis dizer os filhos que ele daria a ela.

— Senhor — disse ela, logo que se controlou — não vamos apressar as coisas. Uma corte real deve ser conduzida com dignidade. Eu acabei de me tornar viúva.

Damian começou a cortar uma grossa fatia da perna do carneiro. Sumo escorria da fatia, escuro como sangue. Ele colocou uma fatia em seu prato, o interior ainda levemente rosado.

— Por favor, beba. Coma alguma coisa. — Belisar ergueu sua taça e estendeu para ela. — Ou ainda está sendo teimosa?

Ela pegou a taça. O cheiro, que tanto evocava os tempos felizes, se misturava com o aroma apetitoso da carne assada, a ardência das ervas, o aroma do pão recém-assado. Uma pulsação trazia pequenos lampejos de dor através de suas têmporas. Como seria fácil beber

um pouco... ela já podia sentir o sabor em sua língua, descendo em sua garganta como um calor cor de rubi.

Ela nunca se sentira tão terrível e perigosamente sozinha. Olhou de uma face à outra, pai e filho, refletidos em sua feliz confiança, e lá, no canto, encoberto contra a luz, a imóvel figura de cinza. Não podia ver a face do homem, mas com seu *laran* parcial, ela o sentia investigando-a cuidadosamente...

No lugar do gelo de seu primeiro contato, agora fogo florescia atrás de seus olhos, infiltrando em seu crânio. Sua visão se turvava. A mente dele pressionando contra a sua, procurando um meio de ultrapassar as barreiras.

Ele não pode descobrir sobre meu filho! Preciso pensar em outra coisa... qualquer coisa!

Com uma expressão que esperava parecer de submissão, Taniquel começou a comer. Dando uma garfada atrás da outra, ela tentou se concentrar apenas no sabor da comida. Não era difícil. A casca do pão quebrava entre seus dentes. Ela saboreava sua maciez interior. Sumos da saborosa carne escorriam em sua língua. Um pequeno pedaço de cartilagem foi mastigado. Ela se focou em cada sensação, como se construísse uma parede de tranquila saciedade. Vagarosamente a ardente pressão diminuiu, deixando uma dor profunda em suas têmporas.

— O que eu lhe disse? — Damian disse a seu filho. — Ela não é apenas bela, mas é racional. Uma noiva ideal e que você não precisará esperar até que cresça para ser realmente sua.

Damian e seu filho sorriram e continuaram a conversar, pequenos gracejos sobre a comida, o vinho, a chuva, algo sobre um dos seus cavalos. Taniquel murmurou comentários vazios que pareciam esperar dela. Observando-os sob os olhos semicerrados, ela viu a mudança em suas expressões. Agora eles acreditavam claramente que haviam ganhado sua cooperação.

A dor de cabeça diminuiu um pouco enquanto ela voltava aos seus aposentos, mas não se dissipou. Ela dispensou suas damas, trancou a porta atrás delas, e foi até o baú onde suas roupas velhas e do dia-a-dia estavam guardadas. Suas mãos tremiam e seu estômago rodava pela tensão e pelo vinho, mas não poderia dar-se o luxo de descansar. Ainda não.

Ela não sabia como fora capaz de enganar completamente o *laranzu*. Mas sabia com uma certeza arrepiante que não poderia continuar com isso por muito tempo. Ela tinha que fugir imediatamente. Para atrasar a busca inevitável, deveria fazê-los pensar que ainda estava dentro do castelo. Isso significava não levar nada cuja ausência seria notada.

Ali! Amarrotado em um canto estava o traje de lã cor de âmbar que ela usara no dia da batalha. Listras negras corriam ao longo da barra. Tinha um corte bem solto na altura da linha da cintura, com uma saia maleável o bastante para se mover facilmente dentro dela, que era o motivo pelo qual a usara. Ela a vestiu e enrolou a túnica e o vestido inferior de lã de *chervine*, junto com roupas de baixo extra e meias grossas. Rapidamente juntou o resto, uma pequena bolsa de moedas de prata da última feira livre, um par de velhos ornamentos de cabelo de cobre, o manto que vestira no funeral. Vestida no traje de lã âmbar manchado e amarrotado, coberto com o manto igualmente manchado, seu cabelo enfiado em um lenço velho, ela parecia mais com uma serva em seus afazeres de dona-de-casa do que com uma jovem Rainha.

Mais uma coisa. Seus lábios se torceram enquanto ela pegava o vestido de seda cor de pavão e o enfiava entre o canteiro de flores e a parede na sacada. Estava chovendo de novo, mais forte desta vez, fazendo a seda tornar-se uma massa escura e encharcada. Betteny notaria imediatamente que ele sumira e concluiria que Taniquel o estaria usando.

Deslizando atrás da cabeceira da cama coberta, ela empurrou o pequeno bloco que destrancava a estreita porta. Além estava o labirinto de passagens onde ela e Padrik tinham

brincado de bandidos e espiões, uma ou duas vezes bisbilhotado os mais velhos, saindo do aposento quando um tutor severo estava a caminho. Talvez cada geração de crianças de Acosta as tivesse usado, ela não sabia. Agora ela nunca saberia o que seu filho poderia ter feito delas.

As passagens eram frias e escuras, mas secas. Já tinha decidido não pegar uma vela, pois a luz, brilhando através de um dos muitos buracos e fendas, atrairia olhares de alguns guardas de Ambervale em vigia. Seus dedos, passados levemente nas paredes familiares, seriam os seus guias.

Vozes se infiltravam, vindas do corredor principal, ficando mais altas enquanto as pessoas se aproximavam. Os sotaques eram daqueles soldados de Ambervale. Taniquel se congelou, seu coração acelerado. Ela se esforçou para ouvir a conversa, algo sobre pedidos extras de comida do vilarejo abaixo.

— Camponeses são sempre iguais em todos os lugares — um disse. — Sempre reclamam que não têm nada sobrando, quando sabemos que escondem sacos de grãos em lugares de costume.

— É isso aí, essa é a verdade — o outro riu, sua voz já se distanciando. — ... lhes ensinaremos uma lição... como aqueles *ombredin* em Verdanta... lembra daquela vez...

Vagarosamente Taniquel soltou sua respiração. Ela apertou sua trouxa de roupa e continuou. O *arrasta-silêncio-arrasta* das botas macias sobre a pedra soava em seus ouvidos. A passagem se estreitava e se torcia tanto que às vezes ela era forçada a mudar a direção. Quando criança não notara o tamanho do lugar, mas agora as paredes se fechavam sobre ela, dificultando sua respiração. Por duas vezes afastou teias de aranha de seu rosto e cabelo, e uma vez uma criatura cheia de pernas passou pela sua mão. Ela ficou feliz por não poder ver o que era.

Ela desceu por três pisos, ao longo de estreitos degraus e uma escada que rangeu furiosamente sob seu peso, para emergir em um corredor perto da copa. Felizmente, a área estava quase deserta naquela hora, até mesmo as cozinheiras e suas ajudantes já tinham terminado seus últimos afazeres e ido para a cama. Elas se levantariam antes do amanhecer para começar a assar o pão do dia. Ela pegou uma fatia de queijo ainda com sua parafina impermeabilizante, um belo punhado de pêssegos secos com mel, e o que foi deixado de uma fatia de pão escuro, toda embrulhada em um pano de prato que parecia ter escapado da lavagem do mês passado.

A própria sorte de Durraman estava com ela, pois a porta externa da cozinha estava destrancada e sem guarda. Ninguém a viu enquanto cruzava o pátio, cabeça baixa contra a chuva.

As forças de Ambervale haviam montado tendas no espaço aberto, com todos os equipamentos necessários e mau cheiro. Um dos portões era mantido aberto, com mais homens acampados e linhas de guarda adiante. Sentinelas olhavam para fora, ainda claramente acordados e alertas.

Taniquel passou nas pontas dos pés pelo portão, abraçando a parede, tentando atrair o mínimo de atenção possível.

— Ei, você! Garota! — um dos guardas gritou. — Volte para dentro!

O que uma mulher do vilarejo faria? Continuaría indo, pararia por causa disso? Arrastar-se-ia obedientemente para dentro, esperando uma chance melhor? Taniquel não tinha idéia.

— Deixe-a — disse um dos outros. — Não vê o quanto está assustada? É apenas uma prostitutazinha do vilarejo que ficou presa lá dentro quando a luta começou. Provavelmente está voltando para seu próprio povo. Por que mais estaria saindo nestes trapos sujos?

— Ou talvez esteja saindo para se divertir um pouco — o primeiro disse, rindo vulgarmente. — Venha aqui, garota.

— *Vai dom...* por favor... — Taniquel segurou com força as dobras de seu manto em volta de seu rosto enquanto recuava.

— Dê-nos um beijo.

Mãos como pesadas patas de aço apertaram seus ombros e puxaram-na para perto. Antes que pudesse respirar, o sentinela cravou seus lábios nos dela. Sua barba curta arranhou sua face, sua pele fria e úmida da chuva. Ele empurrou sua língua entre seus lábios fracos. Por um longo momento, Taniquel permaneceu em sua angústia, incapaz de se mover. Sentia um curioso nada, nem prazer e, surpreendentemente, nenhuma repulsa. A respiração do homem era leve e nem tinha bebido. Ela simplesmente esperou até que acabasse.

Ele a soltou tão repentinamente que ela cambaleou para trás.

— Nada interessante. Preferia beijar uma ameixa seca congelada. — Os outros riram. Ele a rodopiou e empurrou-a em direção ao vilarejo. — Vá para casa da mamãe, garota. Volte quando estiver pronta para um homem de verdade.

Taniquel correu, quase não acreditando em sua sorte. Ela não limpou a umidade de sua boca antes de ter passado do acampamento. Lama escorria de suas botas quando alcançou o vilarejo. Gotas pingavam em seu manto e capuz de lã. A chuva diminuía levemente, as nuvens haviam se dissipado para que duas das quatro luas brilhassem com uma luz clara e multicolorida. Ela continuou adiante, dando de cara com uma cabana, com seus cercados de ovelhas e pôneis, isolada das demais. Como as outras, estava silenciosa e escura exceto por um brilho fraco de um fogo coberto por cinzas.

Três cães malhados pularam do quintal à sua aproximação. Um, a cadela mais jovem que não a conhecia, rosnou uma vez e depois parou. O cão mais velho empurrava o nariz contra sua mão, procurando por comida. Ela alisou suas orelhas e coçou suas costas, sussurrando que não tinha comida para eles.

Foi bastante fácil pegar o velho cavalo com um punhado de aveia. O animal veio rapidamente, como se também lembrasse dos tempos mais felizes, e roçou a sua cabeça ossuda contra seu ombro. Padrik o havia deixado ali para pastar, o sereno cavalo de carroça que tinha sido sua primeira montaria depois que crescera demais para os pôneis.

Taniquel pegou em sua crina e guiou o cavalo até o abrigo onde estava guardado o equipamento. A luz do luar brilhava através da porta aberta, iluminando a sela carinhosamente polida que tinha sido de Padrik. Mais pelo tato do que pela visão, ela selou o cavalo junto com a segunda rédea, depois amarrou suas trouxas.

Atrás do receptáculo de grãos quase vazio, ela encontrou sacos que identificara pelo cheiro ser cevada e mais aveia. Eram sementes guardadas para o segundo plantio ou em caso do primeiro falhar, como acontecia às vezes por causa de tempestades de neve atrasadas. Ela hesitou, uma mão no saco de cevada menor. A comida da cozinha não duraria muito e ela não tinha arco para caçar. Se os homens de Deslucido tivessem achado o depósito, não saberiam que algo foi tirado de lá.

Aquilo não era desculpa. Eles poderiam não tê-lo achado. Poderiam não ter achado nada daquilo.

Suspirando, ela devolveu o saco ao seu lugar.

Um som abafado a fez pular. Não estava sozinha no abrigo.

Dezessete

Uma luz de lampião atingiu os olhos de Taniquel, iluminando as feições do camponês. Ela procurou na memória por um nome. Ruyven. Dolorosamente consciente de como isso tudo deveria parecer, seu próprio vestido desarrumado, o cavalo selado, o abrigo de sementes descoberto, ela se levantou.

— Moça. — A única palavra tinha um parágrafo de questões.

— Você não está me vendo! — ela gritou. Ela agarrou a pequena bolsa e a colocou ao lado do receptáculo de aveia. — Eu nunca deixei isto aqui. Você não tem idéia onde o cavalo estava.

Ele cruzou o espaço entre eles, levantando um saco de cevada e um de aveia, colocando-os com extremo cuidado no chão sujo.

— Aquele velho cavalo, sempre enfiando seu nariz bobo dentro da comida. — Depois de um momento, ele foi embora.

Taniquel, sem perder tempo, agarrou os sacos de grãos e amarrou um em cada lado da sela. Subiu no cavalo, enfiando suas saias em volta das pernas, e jogou seu manto sobre os preciosos fardos.

O velho cavalo se moveu com um pulo em cada passo. Talvez se lembrasse de outras cavalgadas à luz do luar, anos atrás.

Eles a procurariam na estrada, se ao menos procurassem por ela. Taniquel não sabia o quão bons eram seus rastreadores, para seguir as pegadas de um único cavalo de fazenda sem ferraduras entre a confusão de tantas outras.

Ela cortou entre os pastos e depois os pomares, indo parar em um terreno mais alto e rochoso. Quando a última lua sumiu, deixando as colinas na escuridão, ela continuou, confiando no instinto do cavalo e nas estrelas. O velho animal tinha perdido seu primeiro vigor de energia até então, mas ela não podia deixá-lo descansar, ainda não.

Taniquel acordou com um sobressalto, meio resvalada do cabeçote da sela. O primeiro tom cinza do amanhecer não revelou nada familiar; ela já devia ter passado o pomar mais afastado. O cavalo andava, cabeça abaixada, orelhas caídas. Ele aparentemente tinha encontrado seu ritmo: um passo lento interrompido apenas pelo mergulhar da cabeça para morder outro bocado de grama que surgia. Ao seu redor se estendiam colinas erodidas pontilhadas de rochas, que serviam apenas para pasto de cabras. Árvores atrofiadas encolhiam-se juntas, suas folhas ainda levemente cinzas. De longe, uma raposa latiu. Algo se mexeu nos arbustos, um *chervine* solitário, selvagem, pelo modo como balançava seus chifres e a falta de amarra. Não havia sinal de habitação humana.

Ela puxou o cavalo para uma parada, livrou-se dos estribos, e com alguma dificuldade desceu para o chão. O couro dos estribos tinham machucado o interior de seus joelhos, seus quadris doíam, seu rosto e mãos estavam meio congelados, e seu nariz escorria. Ela tirou o freio da boca do cavalo, deixando-o pastar, e pegou o pão e uma porção de queijo.

Sentando-se em uma superfície rochosa, Taniquel considerou sua situação. Ela não tinha como acender um fogo, mesmo que achasse madeira seca. Apesar de seu manto ainda estar úmido, era de lã e manteria seu corpo quente. Pior ainda, ela tinha apenas uma vaga idéia de onde estava. Tinha pretendido cortar através do campo e pegar a estrada principal que em uma direção levava para Neskaya e na outra para as terras-baixas e Thendara.

Tudo bem por enquanto, disse a si mesma, fungando e lutando contra as lágrimas de cansaço, *you fugiu para longe de Belisar. Quase tudo seria melhor do que casar-se com ele.*

Usando a posição do sol nascente para se localizar, ela dirigiu-se para a direção

aproximada da estrada. Enquanto o sol surgia acima do horizonte, gelo derretia nos arbustos e transformava-se em ondas de névoa. Ela impeliu o cavalo a um trote em velocidade leve junto à estrada. Não viu nada vivo, exceto por um falcão ocasional.

Mais tarde naquele dia, Taniquel parou novamente junto à face de um penhasco erodido para lavar o cavalo na queda d'água que caía sobre a rocha para dentro de um lago. Ela pensou em passar a noite ali, por causa da água e do abrigo da projeção do penhasco. O ar tremia com a promessa de frio. Ela não tinha, apesar de tudo, visto nenhum sinal de perseguição. Isso nada significava. Como saberia se não estariam esperando por ela na estrada... não, eles não viajariam tudo isso sem nenhum sinal de sua passagem. Estava muito cansada para pensar claramente e, se esperava que o velho cavalo a carregasse por toda essa distância até Thendara, era melhor deixá-lo descansar. Enquanto tomava uma decisão, ela tirou a sela do animal, amarrou-o, e despejou uma medida de grãos sobre o cobertor da sela. Seu estômago se embrulhou ao pensar em comer.

Taniquel se agasalhou em seu manto, as costas contra a face rochosa. Como tinha sido idiota, em sair com tão pouca providência. Sem poder acender um fogo, sem armas, apenas um pouco de comida. Mas o que mais poderia ter feito?

Ficaria tudo bem; ela acharia a estrada e o que deveria ser um abrigo de viajantes, com madeira e iscas para acender uma fogueira e cobertores secos, talvez alguma comida. E depois, Thendara e o castelo de seu tio. Uma chama na enorme lareira de mármore no saguão central. Vinho quente temperado, tortas de carne, bolos de especiarias. Um cobertor macio com um tijolo aquecido em seus pés, não, dois cobertores, e uma pilha de travesseiros...

Em poucos minutos, seu corpo pareceu mole e pesado. Seus pensamentos vagaram, mais devagar e mais sonolentos a cada respiração.

Dez dias depois, Taniquel achou uma estrada. Ela já havia acabado com sua própria comida e os últimos dos grãos do cavalo, embebidos durante a noite em um copo de pedra cheio pela chuva, eram degustados vagarosamente. Uvas e maçãs secas selvagens excedentes do inverno tinham suprido vários jantares escassos, apesar de ela não ousar desperdiçar o tempo para procurar nozes mais nutritivas. A estrada não era mais do que uma trilha delgada de terra batida livre de pedras, serpenteando através das colinas escarpadas. Ela ficou estonteada de alívio.

O cavalo, que havia emagrecido visivelmente durante a jornada, andava pela estrada com a respiração pesada. Ele andava cautelosamente, cabeça se curvando com o ritmo de seu passo, uma orelha virando em sua direção. Não se surpreenderia se tivesse uma ferida na pata, com o terreno rochoso dos últimos dias. Ela alisou seu pescoço e o impeliu daqueles passos lentos e despreocupados para um passo mais animado.

A estrada ia de leste a oeste, não do norte ao sul como ela esperava. Devia ser uma das muitas trilhas fora do mapa que corria toda através daquelas colinas. Ela tomou a melhor decisão sobre qual direção tomar, dizendo para si mesma que eventualmente esta deveria se juntar a estrada principal para Thendara. Parecia ser bastante usada, por isso poderia ter abrigos para viajantes, estocados com lenha e comida para viagem, a intervalos regulares.

O tempo tinha estado estranhamente claro para a estação desde aquela primeira noite, mesmo assim ela pensara uma ou duas vezes nos perigos de um Vento Fantasma. No meio da manhã, porém, a temperatura do ar mudara e nuvens escuras surgiram além da linha longínqua das colinas.

Nevasca. Estremecendo, ela puxou o manto em volta de seus ombros e rezou para que o abrigo de viajantes não estivesse tão longe.

Taniquel fez o cavalo parar, o vento transformando seu cabelo em linhas de gelo. Seu manto já estava coberto com pequenas gotas de gelo e chuva congelada. Branco e cinza

encobria sua visão. Apenas o instinto do cavalo os mantinha na estrada. Movendo-se com dificuldade, ela desceu para o chão e passou as rédeas sobre a cabeça do cavalo. Respiração congelada envolvia a narina arredondada. Ela tentou falar encorajadoramente, mas sua garganta fechou em torno das palavras. Quando o cavalo começou a andar, ela seguiu agradecida, mantendo seu corpo como abrigo.

Enquanto continuava, Taniquel começou a sentir menos frio. A dor em seus pés e dedos diminuía. Um curioso desânimo apossou-se dela; todo senso de urgência se foi. Ela não devia parar, sabia disso, contudo fazia cada vez menos sentido continuar. Não havia pressa e estava cansada. Certamente ela poderia sentar-se... a neve não era tão fria...

Taniquel sabia o que a dormência em suas mãos e pés significava. Quando mais ela se esforçasse, mais forte seria a vontade de descansar, de se deitar, para nunca mais se levantar. Para o bem de seu próprio filho por nascer, ela nunca deveria deixar isso acontecer.

Ela não podia continuar assim, na tempestade lancinante, incapaz de ver mais do que alguns centímetros da trilha a sua frente. O cinza-claro do céu já estava escurecendo com a noite próxima.

Taniquel tropeçou em uma rocha e se agarrou no estribo, apoiando-se do cavalo. Abrigo... ela tinha que achar um abrigo. Ouvira falar sobre homens se enrolarem em cobertores contra o corpo de seus cavalos, mas não sabia como fazer seu cavalo se deitar. A face de um penhasco com uma projeção, até mesmo uma árvore; algo para bloquear o vento e mantê-la seca até certo ponto...

Ela observou atentamente através da chuva, mas não conseguiu obter detalhes da paisagem. Para procurar, ela teria que deixar a trilha. E se não conseguisse achá-la novamente? Ao menos, teria alguma esperança de encontrar um lugar mais seguro.

Abençoada Cassilda, me ajude!

Taniquel repetiu as palavras como um cântico silencioso: *Ajude-me... Ajude-me...* Cada sílaba formava um passo e depois outro. O tempo perdia todo o significado na continuidade da neve e do vento, no movimento de cada pé.

Gradualmente, a última luz perdeu-se na brancura envolvente. O cavalo parou, fazendo-a parar também. Sem perceber, suas pernas se dobraram. O estribo escorregou de seus dedos entorpecidos. Ela se encontrou deitada deselegantemente, sem idéia de como havia escorregado.

Joelhos primeiro. Levante-se.

Suas pernas não se moviam. Por um momento de pavor, pensou que havia quebrado uma delas, mas apenas havia perdido a força.

Então tenho que dar um jeito de encontrá-la.

Com um esforço, ela se ergueu, colocando o peso em suas mãos. A camada gelada de neve golpeava sua pele, tirando sangue, apesar de não sentir nenhuma dor. Dando um profundo suspiro que estremeceu através de seu peito, ela colocou um pé adiante. Foi capaz de abraçar um joelho, empurrar o chão, e alcançar o estribo. O cavalo, animal miraculoso, se manteve firme enquanto ela se erguia ofegante.

Ela incentivou o cavalo, indicando-lhe que deveria continuar. Por um momento de pavor, ele apenas permaneceu ali, empacado, com a cabeça abaixada e a cauda batendo em seu traseiro. Então com outro daqueles pesados suspiros, ele recomeçou a andar.

Quanto tempo continuou desse jeito, Taniquel nunca poderia saber. Muitas vezes pareceu que o cavalo estava arrastando-a adiante. Uma ou duas vezes, ela foi despertada, repentinamente consciente que o tempo passara sem que ela soubesse. Era possível dormir enquanto andava? Ela não sabia.

Por fim, o cavalo fez uma pausa. Ela soltou o estribo e continuou alguns passos. O vento havia cessado e a nevasca terminara; apenas um ocasional respingo de neve caía. O ar parecia mais quente, apesar de ela não conseguir acreditar nisso. O cavalo tinha levado-a

para a parte mais baixa de uma série de colinas recortadas, seguindo um leito de rio seco. Neste lado, uma longa encosta deformada se encontrava enterrada sob neve e gelo. Mais ou menos três metros abaixo dela, um lago se mexia e borbulhava.

Pior ainda, não havia o menor sinal da trilha.

Tanique! não tinha idéia há quanto tempo atrás a havia deixado. Com o céu uniformemente nublado, ela não poderia distinguir leste e oeste do inferno mais frio de Zandru. Ao menos ela podia vislumbrar as colinas à distância. Alguns passos rio acima, os suaves contornos se quebravam em formas cortadas, montes de terra e dedos de pedra que prometiam algum tipo de abrigo se ela conseguisse atravessar o rio.

Ela agarrou as rédeas e puxou o cavalo, agora claramente relutante, em direção da água. Era mais fundo e maior do que pensara. Um cavalo bem treinado, com espaço suficiente para dar um salto controlado, poderia conseguir, mas não este cavalo e não nesta margem forrada de gelo. Talvez mais acima...

Tanique! teve que passar por pilhas de madeira morta para seguir o rio. Parecia levar uma eternidade para avançar apenas uma curta distância. Mas enquanto ela continuava, a colina oposta pareceu ainda mais promissora. No crepúsculo crescente, a face de uma elevação parecia que poderia ter uma caverna, ou ao menos uma fenda profunda.

A barragem rochosa a afastava do rio e o cavalo empacou de frente a uma árvore caída. Brevemente, ela pensou em se arrastar sob o tronco e passar ali à noite, mas o chão estava úmido por causa de um ribeiro. Por fim o cavalo rendeu-se ao seu encorajamento e andou, uma pata bem levantada por vez, sobre a barreira.

Enquanto ela descia com o cavalo ao rio novamente, as sombras já haviam escurecido. Se não conseguisse atravessar ali, logo estaria muito escuro. Ela escolheu a parte da água que parecia menos turbulenta, mais rasa.

Precisou de três tentativas para conseguir subir nas costas do cavalo. A sela de couro parecia gelo contra suas pernas. O cavalo abaixou a cabeça para cheirar a água, depois recuou. Quando ela o cutucou com os tornozelos, sentiu os músculos de seu corpo se retesarem em recusa.

— Não! Não agora! — ela gemeu, e se segurou bem nas rédeas. — Seu cavalo idiota! Não se atreva! — ela gritava, depois bateu os tornozelos contra suas costelas.

O cavalo recuou para os lados e depois parou novamente.

— Ande logo para lá, sua ração de *banshee* ambulante! Ou eu juro, irá se arrepender! — Ela deu-lhe outro chute, desta vez o mais forte que pôde.

O cavalo grunhiu, deu um passo adiante, depois levantou a cabeça e se arrastou para trás.

Praguejando, Tanique! se inclinou e esbofeteou o cavalo no lado de sua cabeça abaixada, em sua orelha. O cavalo ficou cheirando surpreso e recuou da pancada. Ela apertou a rédea neste lado, puxando sua cabeça até seu ombro, e deu outro chute no cavalo. Assustado, o animal pulou, virando-se ao redor de si mesmo. Ela continuou praguejando e chutando.

Cinco ou seis pequenas voltas depois, Tanique! soltou a rédea e apontou o cavalo em direção ao rio. Sem hesitação, ele entrou na água. Ela sentiu a infelicidade em cada fibra de seu corpo velho e cansado, pois cavalos resistiam em andar por onde não conseguem ver. O cavalo cambaleou, como se tivesse escorregado, e rapidamente recuperou o controle. A água batia em seus joelhos.

Sem avisar, o cavalo continuou, afundando Tanique! na água gelada. O choque do frio parou sua respiração. A corrente a envolvia continuamente. Em todo lugar que ela olhava estava escuro. Ela batia os braços, procurando pela superfície. Seus pés acharam algo duro e ela chutou. Escorregou no limo do rio. Chutou de novo. Os dedos de um pé engancharam, presos entre duas pedras.

A água batia contra ela, puxando-a para baixo. Fogo congelado queimava seus pulmões. Os músculos de suas coxas gritavam em agonia.

Sua cabeça irrompeu para o ar.

Tossindo, balbuciando, Taniquel lutava para se manter de pé. As correntes empurravam em torno de seus quadris. Ao seu lado, o cavalo se debatia e tentava se erguer. Ela perdeu seu apoio e afundou novamente.

Desta vez, ela teve uma idéia melhor do que fazer. Não tentou ficar de pé, curvou-se com sua cabeça e ombros acima da superfície, movendo seus braços como se estivesse nadando.

O cavalo começou a se afastar, em direção da margem distante. Ela tentou segui-lo. Enquanto tentava, seu pé se debatia embaixo de si. A corrente batia em seu corpo. Contra todas as esperanças, ela se aproximou o máximo que pôde. Suas mãos agarraram a cauda do cavalo. Ela enlaçou seus dedos entre os grossos fios. O cavalo não a notou, mas continuou indo.

Já na barragem rochosa, ela tentou se soltar, mas tinha seus dedos firmemente presos nos fios da cauda.

— Ô! Ô, aqui! — Graças a qualquer deus que estivesse no comando do cérebro do cavalo naquele dia, o animal parou depois de arrastá-la apenas por poucos centímetros.

De algum modo, ela soltou seus dedos da cauda do cavalo. Água meio congelada escorria de cada pedaço de roupa, de seu manto até suas botas. Tremores apossaram-se dela, onda após onda, estremecendo o tutano de seus ossos e sacudindo seus dentes.

Se eu morrer aqui, meu filho morre comigo.

Ela tinha que achar o quanto antes um abrigo, tinha que continuar enquanto ainda tinha força. Tentou pegar as rédeas, mas suas mãos estavam tremendo muito.

Movendo-se o mais rápido que podia, com o crepúsculo caindo e os passos incertos, Taniquel dirigiu-se à formação rochosa. O cavalo se balançou vigorosamente e a seguiu.

O monte rochoso era mais longe do que parecia ou talvez ela estivesse andando mais devagar. Este apareceu diante dela, como num sonho febril. Taniquel arrastou-se, cabeça baixa, ombros encolhidos contra o frio. Seu cabelo caía em seu rosto, mas ela não se importava em afastar as mechas. Várias vezes ela escorregou e caiu pesadamente, depois, com dificuldade, se levantou e continuou indo. Até seus pensamentos se entorpeceram. Uma vez ela olhou para cima e viu um feixe de luz laranja. Mas quando olhou novamente, poucos minutos depois, esta havia sumido, uma luz pálida nascida de seu próprio desespero.

Mais de uma vez, ela se sentiu no fim de suas forças. Seus tremores tinham começado a cessar, e obscuramente percebeu que isso significava exaustão. Severamente ela continuou a subir, continuou a se erguer toda vez que caía. Não mais sabia ou se preocupava se o cavalo ainda a estava seguindo.

Então chegou o momento em que, escondido contra a encosta escurecida, o monte de rocha surgiu maior do que nunca. Seus cantos formavam um quadrado. Taniquel não tinha energia para encontrar esperança. Ela abaixou a cabeça e continuou.

Mas enquanto chegava mais perto, ela viu que era uma construção, e o que parecia ser uma depressão lateral era um barracão. Dali veio o relincho de um cavalo. Sua própria montaria passou por ela, orelhas empinadas.

Ela percebeu a forma rústica de uma porta e janelas, com feixes de luz amarelo-alaranjada atravessando as janelas fechadas.

Um sonho. Só podia ser um sonho.

Calor. Vida.

Colocou ambas as mãos, tremendo agora de emoção tanto quanto de frio, no trinco da porta de madeira. A porta se abriu. Calor e luz banharam seu rosto. Ela deu um passo no limiar rusticamente talhado, quase não acreditando em seus olhos.

Como os abrigos nas terras de Acosta, este era de um aposento de estrutura rochosa forrado de feijões ensacados e camas, armações de madeira com algum tipo de forro, provavelmente palha. Uma tinha sido coberta com cobertores. Um fogo, pequeno, mas aceso, dançava na lareira. De um bule de ferro escuro emanava o cheiro de carne ensopada e ervas. Uma tigela de metal e uma colher tinham sido colocadas no chão da lareira.

Ou estou morta ou sonhando.

Taniqueel desamarrou seu manto, deixando-o em uma pilha ensopada perto da porta, e correu para a lareira. Ajoelhou-se, estendendo suas mãos. Seus dedos queimavam e tremiam. O calor era maravilhoso em seu rosto.

Com a colher, ela serviu uma porção de ensopado e começou a comer. A carne, algum tipo de carne-seca que tinha ficado de molho e depois cozida, ainda estava dura. Ela nem se preocupou em mastigar, apenas engoliu os pedaços. O líquido quente encheu seu estômago, esquentando-a por dentro.

Ela estenderia suas roupas na lareira para secar, mantendo-as bem longe de qualquer faísca. Os cobertores fariam um abrigo quente. Poderia descansar ali por um ou dois dias, pois certamente teria mais comida, tanto quanto forragem para o cavalo...

Com um estalido do trinco, a porta se abriu, revelando então um manto amarrotado. Taniquel virou-se para ver uma figura em uma capa de montaria com capuz, parada na entrada da porta. Por um terrível momento, pensou que o fantasmagórico *laranzu* de Ambervale a havia seguido. Mas a capa era verde, não cinza.

O homem puxou seu capuz para trás enquanto entrava. A primeira impressão de Taniquel foi a dos olhos cinza cheios de luz, uma auréola de cabelo cobre radiante desgrehado, uma expressão de profunda preocupação.

— Graças a Aldones, você está segura — ele disse. — Pensei que nunca acharia você.

Céus, ele pensa que sou outra pessoa.

O pensamento se desvaneceu enquanto a sala girava, a visão escurecia, e suas pernas desabavam.

Dezoito

Coryn correu e agarrou a mulher em seus braços antes que caísse no chão. Mesmo ensopada, ela era surpreendentemente leve, como se toda a matéria tivesse evaporado pelos seus olhos, não deixando nada senão uma delicada concha. Enquanto a estendia na cama, ele olhou para seu rosto. A luz do fogo tocava, mas não encobria, a porcelana translúcida de sua pele, as massas de cabelo negro, a curva dos cílios sobre os círculos escuros como hematomas.

Ela chamara por ele em seu sono por duas noites, sua voz uma canção que ia além da dor, além do desejo, além da coragem. Ouvira seu soluço em seus sonhos com uma intensidade e poder que o atingira em seu âmago. E agora ele a tinha em seus braços, uma garota que não saíra ainda da adolescência.

Ele trouxe a si mesmo para a realidade. Os dedos e rosto dela estavam meio congelados. Sussurrando-lhe que não lhe faria mal, gentilmente tirou suas botas e meias ensopadas com buracos nos tornozelos. O vestido foi mais difícil, mas ele sabia por seu treinamento anterior como monitor que ela precisava se secar para se esquentar. Sua pele parecia gelo. Ele a secou com uma camisa extra de seu alforje, de uma lã grossa e macia de filhote de *chervine*, e a envolveu em cobertores, estendendo sua própria capa sobre eles.

Ela ainda não tinha acordado pelo tempo que ele fora ver seu cavalo e terminou seu jantar. A pele dela não esquentara e sua respiração estava rápida e curta. Se ela fosse qualquer uma das mulheres da Torre, ele não hesitaria em fazer o que deveria fazer agora. Mas era uma estranha, não estava acostumada com a proximidade da vida na Torre. Além do mais, ela claramente era bem-nascida, tanto quanto estava claramente sendo caçada e desesperada. Tinha visto o terror em seus olhos. Ele tirou suas próprias roupas e se enfiou entre os cobertores próximos a ela. *Se ela sobrevivesse a esta noite*, disse a si mesmo, *poderia repreendê-lo o quanto quisesse*.

O frio de seu corpo acelerava o coração de Coryn e prendia sua respiração na garganta. Ele sentou-se ao seu lado, encaixando suas pernas nas dela enquanto a envolvia em seus braços. Ela cheirava a neve e lã molhada e a alguma erva doce. Lições de controle corporal lhe surgiram: como controlar sua respiração para gerar mais calor. Os *crisoforos* desenvolveram técnicas para se manterem aquecidos nos terríveis invernos em Nevarsin e os trabalhadores em Tramontana, onde também fazia muito frio, tinham adotado algumas para usar durante as longas noites de trabalho com pouco movimento. Ele visualizou o centro de seu corpo como uma fornalha com as chamas saltando cada vez mais alto. Em minutos o calor de seu corpo envolveu a ambos. Os músculos da mulher se suavizaram, ela deu um pequeno suspiro, e afundou em um sono profundo.

Coryn acordou logo depois do amanhecer, como era seu hábito na viagem. Lá fora, seu cavalo pisoteava incansavelmente no barracão. A mulher continuava dormindo, ressonando levemente. Seu cabelo seco se tornara um emaranhado de ébano. Ele saiu de baixo dos cobertores e vestiu suas roupas. Depois de adicionar mais madeira ao monte de carvão, foi até os cavalos. Na luz cinzenta, ele viu que os gulosos animais haviam acabado com a forragem do dia anterior. Ele os deixou mascando placidamente o desjejum. O cavalo da garota estava em piores condições, então ele lhe deu uma porção dobrada de grãos e o cobriu com o cobertor de sua própria montaria.

O sol nascente mostrava mais nuvens de tempestade ao norte, o bastante para mantê-los presos ali por uns dias. Ele encheu um balde com neve para derreter e voltou para o

abrigo.

— Pare bem aí! — A mulher se sentou, cobertores enrolados em seu peito e olhos flamejando. — O que aconteceu com minhas roupas?

Coryn colocou o balde no chão e apontou para a lareira, onde as havia estendido para secar.

— Ainda estão úmidas. É melhor ficar como está.

— Tenho mais, amarradas em minha sela.

Ele concordou com a cabeça e deu um passo na direção de seu próprio alforje.

— Não se mova! — Sua voz surgiu violentamente, forte o bastante para pegá-lo de surpresa. Ela passou os dedos pelo cabelo ainda úmido. — Acho que perdi tudo no rio... Como cheguei aqui... assim?

— *Damisela*...

Ela fitou-o, enraivecida.

— *Damisela*, se eu quisesse lhe fazer mal, você não estaria viva para brigar comigo agora. Suas roupas estavam ensopadas e você quase morta pelo frio. Estive lá fora na tempestade procurando por você...

— Por quê? Quem lhe enviou?

— Vamos começar de novo. Sou Coryn de Tramontana, técnico de matriz do Terceiro Círculo e em caminho para treinar para sub-Guardião em Neskaya. E você?

— Tani... apenas Tani.

Coryn sentou-se na ponta da cama, apesar dela ter se afastado dele.

— Não há nada que temer de mim, Apenas Tani. Eu sabia que estava lá porque me chamou... — ele indicou sua testa. — ... aqui. Você certamente conhece essas coisas sobre os trabalhadores de *laran* das Torres.

Ela concordou, com uma expressão estranhamente pensativa.

— Temo que fui... indelicada. Você já estava aqui, no abrigo. Eu entrei, comi sua sopa, você me colocou em sua própria cama, e eu o tratando como nada melhor do que um fora-da-lei. — Ela lhe deu um meio sorriso como um raio de sol na primeira manhã de primavera. Ele pensou que nunca vira nada tão belo.

— Eu... — Por alguma razão, sua voz não saiu direito. — Eu farei o desjejum.

Tani sentou-se silenciosamente enquanto Coryn alimentava o fogo, derretia a neve no pequeno pote de ferro e a deixava ferver. Depois adicionou a mistura de grãos, amendoins, e fruta seca picada adocicada com seu precioso mel reservado, o desjejum básico das Torres. Ela vacilava, tentando se manter ereta enquanto aceitava uma tigela. Ele comentou sobre os cavalos, o tempo, coisas irrelevantes.

— Você é... muito gentil — disse ela, colocando de lado o desjejum pela metade e se enfiando no meio dos cobertores. Dentro de instantes, ela deslizou para um cochilo.

Quando Coryn tornou a observá-la pouco tempo depois, ela ainda dormia, agora tossindo bastante. Seu coração se apertou quando viu como ela parecia frágil, os delicados ossos à mostra embaixo da pele clara, a súbita mudança de cor, as enormes sombras ao redor de seus olhos.

— Tani. — Ele tocou seu rosto com as costas da mão. Sua pele queimava. — Tani!

Ela murmurou e rolou para longe dele. Nem seu delírio diminuiu quando ele fez compressas úmidas em sua testa.

Coryn se manteve assim por um longo momento, indeciso. Kieran e seus instrutores da Torre tinham enfatizado várias vezes que nunca deveria invadir a energia corporal de outra pessoa sem seu consentimento. Ele achara a idéia em si repugnante. Mas para monitorá-la, descer até o nível celular para combater a febre, ele deveria fazer exatamente isso. Ou deixá-la morrer.

Ele ajoelhou-se ao lado da cama e pegou uma de suas mãos. Como os ossos pareciam

frágeis, a pele tão fina e macia. A mão de uma dama, que nem mesmo os dias de descuido na trilha podiam encobrir. Logo acima no pulso havia um ferimento cicatrizado, bem onde o couro protetor de um arco rasparia. Uma dama, sem dúvida. Uma rainha guerreira. Ele encostou a mão dela em sua face, os dedos esguios envolvendo seu rosto. Tudo o que ele tinha que fazer era virar sua cabeça levemente para beijar a palma.

Acorde. Acorde.

Pálpebras escuras abriram-se trêmulas. Por um momento, ela olhou para ele... pupilas dilatadas... lábios movendo-se silenciosos. Depois o olhar assustado desapareceu.

— Cor-Coryn? Estou com tanto frio.

Ele colocou a mão sobre o cobertor, alisando-o.

— Você está com febre. Pela exposição ao frio, certamente. Escute-me, Tani. Na Torre, treinei primeiramente como monitor, aprendendo a usar a mente para a cura. Posso ajudá-la a combater a febre. Devo fazê-lo?

— Sua... mente. Oh, *laran*. — Seu olhar se desviou, e ele pensou que havia caído no sono novamente. Um espasmo de tosse a chacoalhou e ele viu como estava fraca. — Fizeram comigo uma vez, quando eu era criança. — Havia uma inflexão estranha em suas palavras. Algo havia... acontecido com ela?

— Eu examinarei seu corpo, não sondarei nenhum sentimento secreto. — ele apressou-se em dizer. — Isso não a machucará. Aliás, ajudaria se você dormisse.

— Você só me trouxe coisas boas — ela murmurou. — De qualquer maneira, você tem sido uma benção...

Silêncio prolongado, até ele perceber que ela voltara a dormir.

Uma benção... Este era todo o consentimento que teria.

Ele se recompôs e começou a trabalhar, primeiro planando sobre os níveis externos da energia de seu corpo, depois se aprofundando até a estrutura dos tecidos. Tramontana tinha sua porção de ferimentos do frio, de modo que ele reconheceu o estrago na queimadura de seus pés. Era apenas uma questão de estabilizar as membranas celulares danificadas, aumentar o fluxo de sangue para trazer nutrientes e retirar as células mortas. Ela poderia perder uma unha ou duas e talvez um pouco de pele, mas isso curaria com o tempo. Neste nível, ele também encontrou hematomas e uma costela quebrada, que também se resolveriam por si só.

Aprofundando mais, seguiu a corrente de ar através de seus lábios rachados, descendo com a respiração até os alvéolos de seus pulmões. Fluido obstruía os lóbulos inferiores, aonde os canais vermelho-vivo escureciam para o marrom. As defesas de seu corpo, enfraquecidas pela fome e exposição, respondiam vagarosamente. Ele procurou por qualquer sinal de germes ou veneno, como aqueles responsáveis pela febre do pulmão, e para seu alívio nada encontrou. Era uma doença natural, que raramente derrubava uma jovem saudável. Será que ela tinha alguma outra doença escondida?

Acalmando seus próprios pensamentos, Coryn aprofundou ainda mais. Checou os canais que carregavam força vital através das glândulas em sua garganta, seu coração, seu fígado e baço... rins... útero.

Ela estava grávida, percebeu surpreso. De apenas poucas semanas, mas estava; aquele suave brilho dourado.

Quem mandaria uma mulher grávida para o frio deste jeito? O que a levaria a arriscar?

Grávida... sozinha... e muito desesperada...

E corajosa. E angustiosamente bela. Se já não estivesse meio apaixonado por ela, sua condição solitária o levaria a isso.

Gentilmente, gradualmente, ele começou retirando o fluido em seus pulmões, reabsorvendo-o através das membranas que contornavam os alvéolos. Aqui e ali, encontrou

pequenos focos de infecção, manchas escuras que as defesas enfraquecidas de seu corpo não poderiam combater. Dentro deles, enviou pulsações de energia, que visualizava como uma luz branca. Alguns se dissolviam imediatamente em explosões de luzes coloridas, outros mais devagar. Enquanto seus pulmões começavam a clarear, ele sentiu o calor dos crescentes níveis de oxigênio, um colorido pastel como o interior de uma concha. A luz brilhante o invadiu e ele parou em seu caminho de volta à superfície. Música o cercava, o preenchia, o murmurante arpejo da harpa e mulheres cantando juntas sem palavras. Sem querer, contra todas as suas intenções, ele havia entrado em sua mente.

Por um estranho momento, ele a viu, a forma de uma mulher banhada em uma luz suave. Cabelo como vidro negro encaracolado flutuava como uma auréola ao redor de sua face. Seus olhos estavam abertos, sua boca sorrindo. Ela estendeu seus braços para ele e então tremeluziu, sumindo.

Coryn retornou para seu próprio corpo, entorpecido pelo longo tempo sem se mover. O fogo tinha definhado, deixando o abrigo gelado. Lá fora, ventos batiam nas janelas fechadas com força renovada. Ele se esticou, subitamente consciente do esgotamento de energia que acompanhava o trabalho de *laran*. Pensara que Marisela o protegera demais quando insistira em embrulhar suprimentos extras de comida concentrada. Agora, tremendo de fome, ele pegava agradecido as barras de nozes com mel.

Tani dormiu pelo resto do dia, enquanto a tempestade gritava e cobria as colinas com outros centímetros de neve. Coryn cuidou dela, dos cavalos, e descansou, recuperando suas próprias reservas de energia. Ele pensou um pouco sobre o que aconteceria se ficassem presos muito tempo pela tempestade. Suas reservas de comida dariam para ele, mas não para duas pessoas, mesmo com o que tinha sido deixado no abrigo.

Nada disso parecia terrivelmente importante. Ele tinha apenas que olhar em sua direção para ver o suave movimento de seu peito, o perfil de seu rosto, os contornos do ombro e quadril sob os cobertores. Ela se virou e esticou um braço sobre a cabeça, graciosamente. Em poucas horas, em poucos dias, a tempestade cessaria, ela estaria forte o bastante para viajar, e ele nunca a veria novamente.

O sol acordou com Tani na terceira manhã, claro e radiante. Quando Coryn voltou depois de alimentar os cavalos, encontrou-a vestida, seu cabelo amarrado em uma única e longa trança, e começando a queimar o mingau. Rindo, ele pegou a colher de sua mão e adicionou mais água.

— Acho que não sou uma cozinheira muito boa — ela disse.

— Nem eu, mas é necessário se estiver viajando — ele disse.

O fundo do pote precisaria ficar um pouco de molho, nada mais.

Quando o mingau ficou pronto, ele o dividiu e adicionou o que sobrara do mel. Ela sentou-se cruzando as pernas na cama, envolvendo sua tigela com as mãos. Depois de um tempo comendo em silêncio, ela pigarreou.

— Coryn, sou grata por toda a ajuda que tem me dado. — Então ela pareceu hesitar, prestes a dizer que não havia maneira de retribuir-lhe.

— Meu Guardião acredita que temos a obrigação de usar nosso *laran* para ajudar os outros. Estou feliz por ter a habilidade para curar sua febre. — Aquilo lhe pareceu estranho, lembrando-lhe o motivo da morte de Kristlin.

— Eu... tenho que continuar andando — ela disse.

— Pois quem quer que estiver lhe procurando poderia achá-la?

Seus olhos se arregalaram, depois mudaram quando percebeu quantas vezes tinha se denunciado.

— Não há segurança aqui e nem para você se o pegarem comigo. Minha única

esperança é alcançar Thendara. Mas temo que esteja perdida.

— Thendara! Oh! — vendo seu olhar de desânimo. — Sim, você está. Esta estrada leva para a Torre Neskaya. Ali... ali não seria seguro o bastante?

Seus lábios se apertaram, mas ela balançou a cabeça.

— Se fosse só por mim... Não, eu tenho parentes em Thendara que devem ser avisados, que... devo encontrar.

Há algumas entradas atrás, Coryn passara por um cruzamento com um caminho estreito, pouco maior do que uma trilha de cabras, que se juntava a estrada principal para Thendara. Tani levaria pelo menos dois dias com bom tempo para chegar lá, se não se perdesse novamente. É claro, ele poderia ir com ela e depois continuar descendo em direção às terras-baixas... e a perfeição do encontro acabaria, uma hora ou um dia depois, em um desejo inútil.

Ele descreveu a estrada para Thendara e sua distância, completando.

— Eu poderia ir com você...

— Não — ela disse com uma firmeza que demonstrava anos de comando, — apesar de agradecer-lhe novamente. Por favor... você estaria se colocando em perigo desnecessário. Eu não queria retribuir sua gentileza com perigo. Mesmo sabendo meu destino... Bem, mesmo todos os ferreiros de Zandru não poderiam colocar uma galinha de volta ao seu ovo. Mas eu consigo ler um mapa, se puder desenhar um.

Ele tinha mapas, guardados cuidadosamente em seda impermeável contra a umidade, contudo nada tinha para copiá-los. Ela se inclinou sobre ele, se apoiando na lareira, seus lábios se movendo como se estudasse os contornos da paisagem.

— Ah, sim, foi aqui que eu entrei errado... — murmurando, ela traçou um caminho com o dedo.

— Há vilarejos comerciais aqui e aqui — ele disse, apontando. — Posso dar-lhe alimento suficiente para alcançá-los e um pouco de dinheiro para pagar um alojamento. — Ele sorriu atravessado. — Não é muito.

— Não tenho como retribuí-lo. O pouco que eu tinha, o rio levou.

— Não estou pedindo nada em troca.

— O que você quer? — Seus olhos procuraram os dele.

A luz do fogo clareava suas feições, transformando-a em uma mulher de negro e dourado. Tudo o que tinha de fazer era se aproximar e beijá-la.

Ele baixou seu olhar.

— Ver você bem e segura.

— Nenhum de nós pode contar com a segurança nestes tempos pavorosos.

Ele pensou na pequena Kristlin, morta pelo feitiço da febre do pulmão na casa de seu próprio pai.

— Não, isso é verdade.

Coryn empacotou a comida e insistiu que ela levasse seu segundo conjunto de capa tricotada, cachecol, e luvas, apesar das luvas serem muito grandes para ela. A estes ele adicionou um colete de lã. Quando ela protestou, ele disse, bem realista, que poderia usar apenas um por vez. Não era mais o garoto que saía de Tramontana com alforjes cheios de confortos extras.

Logo que todos os preparativos estavam prontos, Tani sentou-se na sela e pegou as rédeas. O ar já tinha começado a esquentar com o sol, prometendo um dia favorável. O velho cavalo parecia descansado, não mancando mais quando ele o trouxe para ser selado. Coryn estava ao lado do estribo, olhando para Tani, lembrando como Kristlin tinha olhado para ele no dia que fora para Tramontana.

Tani franziu a testa e por um momento, seus olhos tinham aquela leve expressão distraída. Parecia como se estivesse prestes a dizer algo.

Não, ele decidiu. *Deixe acabar aqui.* Ele carregaria sua lembrança como o lenço de sua mãe, junto ao seu coração.

— *Adelandeyo* — ele disse, afastando-se para dar uma palmada no traseiro do cavalo. — Vá com os deuses. — Depois ele se virou e voltou para o abrigo para pegar seu próprio equipamento.

Coryn contornou a última colina e avistou a Torre Neskaya, surgindo além da antiga, porém próspera cidade de mesmo nome. Já era tarde e o crepúsculo lançava um brilho colorido sobre o vasto céu aberto. Seu coração veio à garganta com a visão. Perguntou-se se estava sonhando ao ver a radiante torre azul-pálido translúcido que brilhava levemente como a luz da lua à distância.

A cidade de Neskaya era de longe a maior concentração de habitações humanas que já tinha visto. Enquanto passava por ela, maravilhava-se com os diferentes estilos de arquitetura: pedra e tijolo tanto quanto madeira, o tão precioso vidro, as cores brilhantes de tecidos axadrezados e sinais pintados, a melódica combinação da música, os gritos dos comerciantes nas ruas, as conversas, os animais.

Seu cavalo, cansado e mancando, apertou o passo enquanto sentia o cheiro do feno e da baía seca adiante. Os detalhes da Torre tornaram-se claros enquanto se aproximava: a graça de suas linhas, o trabalho primoroso de *laran* na colocação das pedras, a entrada arqueada, as janelas localizadas para pegar o sol de inverno.

As portas da frente, de pinho polido de um dourado altamente brilhante, tinham sido abertas e um grupo de jovens estava brincando com varas e bolas no pátio. Um homem modestamente vestido, túnica sobre calças em estilo montanhês dentro de botas com cordões, se adiantou para receber Coryn.

— Oh, estivemos procurando por você nestes últimos três dias — o homem disse, depois de se apresentar como mecânico.

Ele tinha um rosto largo, sulcado com linhas de expressão ao redor dos olhos e boca, e cabelos vermelho-ferrugem presos em uma dúzia de finas tranças abaixo de seus ombros. Ele não perguntou a razão de seu atraso, apenas expressou seu alívio à chegada de Coryn em segurança.

Outros vieram para recebê-lo, incluindo o Guardião sob o qual ele iria treinar. Depois do jantar, Bernardo Alton convidou Coryn para umas canecas de *jaco* condimentado com casca-temperada doce. Ao contrário de Kieran, cuja firmeza interior impregnava seus austeros aposentos, Bernardo estava sempre em ação e seus aposentos refletiam uma riqueza de interesses. Radiantes esboços coloridos de montanhas e águias, velas esculpidas em forma de árvores, um baú de uma madeira negra belamente polida com fileiras de pequenos desenhos em um estilo que Coryn nunca havia visto antes, uma engenhoca de couro e molas de metal e um fardo de lã solto em tons laranja, prenderam a atenção de Coryn. Como o próprio aposento, Bernardo pulsava energia e invenção; magro e forte, raramente descansava.

— Sinto muito por recebê-lo com notícias tristes, mas na última noite recebemos uma mensagem de Tramontana através das transmissões — Bernardo disse. — Kieran morreu depois de um ataque de febre.

Coryn abaixou os olhos, esperando por um ataque de dor. Nada veio, como se o último presente do Guardião fosse um coração em paz. Ele relembrou da luz cinzenta nos olhos de Kieran quando partira e como o velho homem parecera frágil e cansado.

Ele sabia que, logo que nos deixasse, Tramontana seria forçada a sofrer as exigências de Ambervale e eu estaria em risco. Ele aguentou até que eu estivesse seguramente livre.

— Eu lhe agradeço por me contar — Coryn disse formalmente.

— Sentiremos dolorosamente a falta dele. Era um ótimo Guardião.

— E um bom amigo.

— E um amigo — concordou Bernardo. — Se desejar, poderá falar com Tramontana nas transmissões esta noite.

— Novamente eu lhe agradeço.

Por um longo momento os dois ficaram em silêncio, quebrado apenas pelo suave ruído de brasa caindo e o bater dos dedos de Bernardo no braço de sua cadeira, um padrão matemático complicado.

Haverá bastante tempo para lamentar, pensou Coryn, lembrando a paciente compaixão de Kieran após as mortes de seu pai e irmã. O presente final de Kieran tinha sido sua liberdade e esta nova vida.

Bernardo disse em um tom mais leve.

— Quando mandamos a mensagem para Tramontana, perguntando se tinham alguém adequado para o treinamento para sub-Guardião, Kieran nos disse que você não tinha medo de tomar a iniciativa e tentar algo novo.

— É algum projeto particular que tem em mente? — perguntou Coryn, acordando para a questão.

Bernardo riu, o que parecia ser sua resposta usual para as questões, pelas poucas horas que Coryn o havia conhecido.

— Ainda não, de qualquer forma. Mesmo assim, eu gostaria de sua opinião sobre uma idéia em que venho trabalhando, um modo de fazer um *fogo aderente* mais estável, menos explosivo. Se tivermos sucesso, precisaremos planejar um detonador separado...

Ele continuou, mas os pensamentos de Coryn permaneceram na palavra *fogo aderente*. Parecia que até mesmo Neskaya estava produzindo o material. Não havia, ele refletiu com uma amargura que o surpreendeu, nenhum lugar em Darkover seguro das devastações da guerra. Talvez Bronwyn estivesse certa quando disse que o único caminho para a segurança era tornar o preço da agressão alto demais.

Dezenove

Enfim Thendara.

Taniquel espiava por cima do topo da carroça da fazenda em que viajara aqueles últimos dolorosos quilômetros, em troca do cavalo ou talvez por piedade do mesmo, que claramente não poderia continuar adiante. Com seu manto solto sobre os ombros contra a suavidade da manhã, ela empoleirava-se entre pilhas de sacos de centeio, cestas de cerejas e cenouras, sacos de batatas e beterrabas. A carroça virou em uma esquina e ela virou o pescoço para ter uma visão melhor de sua cidade natal.

À distância, a cidade assemelhava-se com um extenso mercado ao pé de um imenso grupo de fortificações e torres. Atacava-lhe os sentidos: o tamanho e profundidade das paredes; as fileiras e mais fileiras de casas nobres; os estábulos e armazéns; o barulho da cavalaria armada; os berros dos comerciantes; os cantos dos *crisoforos* em seu caminho ao longo das ruas; o cheiro de poeira, repolho e lixo.

A carroça cambaleava sobre as ruas sem pavimento, jogando-se contra carroças de feno, rebanhos de ovelhas, e um imenso carro de madeira mal cortada, puxado com esforço por dois cavalos marrons com ferraduras do tamanho de pratos. O fazendeiro freou seu grupo de *chervines* e estendeu a mão para ajudar Taniquel a descer.

— Ali estão os portões para a cidade interna, *d'msela*. Preciso ir embora para vender minha mercadoria.

Ele já tinha se atrasado para a abertura do mercado ao levá-la e moderado sua velocidade para seu conforto. Taniquel desceu para o chão, procurando nas dobras de sua cinta improvisada pela última de suas fivelas de cobre. Estava quase que envergonhada de oferecê-la a ele, tão gasta e feia ela era, porém era uma coisa muito valiosa que ele nunca poderia pensar em comprar.

O fazendeiro abaixou a cabeça e recusou, dizendo que não precisava de pagamento; na verdade ele não extorquiria o último pertence de alguém tão necessitado. Mas ela pressionou a fivela em sua palma calejada, dizendo que não era para ele, mas um dote para sua filha, uma criança de olhos brilhantes sobre quem ele tinha falado.

Ajeitando os alforjes vazios em seus ombros, ela aproximou-se dos portões para a cidade interna. Dois Guardas da Cidade em belos uniformes, com espadas em bainhas bem à vista, barraram seu caminho. O mais velho ostentava o brilhante cabelo vermelho de sua casta, provavelmente o filho cadete de uma das casas grandes, em um passeio com os Guardas para cumprir seu dever civil.

Sem expressão, com um bater de olhos, os Guardas a avaliaram e igualmente rápido a dispensaram. Devia estar parecendo uma prostituta fugitiva ou pior, despenteada, imunda, e exausta da viagem. Mas ela ergueu a cabeça, com todo o orgulho de uma *comynara*, e pediu passagem.

— Que negócios você tem na cidade? — o ruivo perguntou, omitindo qualquer forma mais educada de expressão.

Ela inclinou levemente sua cabeça, do jeito adequado para um servo indispensável, mas recalcitrante.

— Trago uma mensagem urgente para o Rei Rafael Hastur, segundo no nome. Por favor, levem-me até ele sem demora.

O guarda mais jovem bufou zombeteiro.

— Dê-nos a mensagem, então.

— É para os ouvidos dele, não os seus — Taniquel disse. — Ele não agradecerá por estar me atrasando.

— Preste atenção, senhorita, não podemos deixar qualquer maltrapilha sair andando pelas ruas — o mais velho disse. — Qualquer um pode pedir o que está pedindo e mentir, ou pior, não ter boas intenções. Como podemos ter certeza que Sua Majestade a conhece de um saco de beterrabas?

Tanique! resistiu ao impulso de acertar o guarda com o alforje vazio bem na sua cara sorridente e zombeteira.

— Você pode apenas acreditar, pela minha fala e conduta, que não sou o que aparento. Estou há muito tempo na estrada e sob difíceis circunstâncias. Leve-me a alguém que possa tomar uma decisão, se é que você não pode.

— Volte para onde veio! — o Guarda mais velho disse, gesticulando. — Conte suas histórias lá embaixo no mercado. Umas poucas belas palavras podem conseguir-lhe uma cama para passar a noite, se quiser isso depois ou uma refeição quente. Aldones sabe que poderia.

— Não serei dispensada desta maneira! — Tanique! bateu um pé, estremeando quando seu tornozelo machucado bateu no pavimento arredondado. — Exijo ver meu tio, Rafael Hastur!

Os Guardas trocaram olhares, rindo mais uma vez.

— Oh, então agora é seu tio, não é? Você pode ser desafiada na corte por espalhar mentiras como esta. É melhor voltar para sua gente. — O Guarda mais novo pegou seu cotovelo.

— Como se atreve! — Tanique! retirou seu braço. — Se você tem a inteligência de uma pavo, perceberia instantaneamente que não sou uma... uma... — Ela não conseguia dizer a palavra prostituta. — Homens com discernimento não são levados por belas roupas ou plumas, e nem pela sua ausência!

O Guarda mais jovem aproximou-se dela novamente, com a intenção de afastá-la menos gentilmente desta vez.

— Eu sou *Tanique! Elinor Hastur-Acosta, filha de Jerana, irmã de Rei Rafael!*

O jovem retirou sua mão como se tivesse sido queimada. Seu rosto empalideceu enquanto claramente considerava pela primeira vez que ela poderia estar falando a verdade e qual seria seu destino por criticá-la.

— *Damisela* — o Guarda mais velho disse — vamos provar a verdade de suas palavras. Venha conosco.

Com um pouco de cortesia, o Guarda mais velho escoltou-a através das ruas apinhadas e passaram pela entrada de servos do castelo, onde foram recebidos por um *coridom* assistente inferior, um homem bem bajulador de meia-idade. Ele ofereceu-lhe *jaco* e pão integral e perguntou ao Guarda se ela tinha parentes na cidade.

— Ela diz ser filha do Rei — o Guarda disse, levantando uma sobrancelha para mostrar sua incredulidade.

Rafael Hastur tinha apenas filhos, como todos em Thendara sabiam.

— Sobrinha — ela disse, apenas para ser ignorada novamente.

Ela entendeu que qualquer menção a mais sobre seu tio a faria ser sumariamente rejeitada. Ao menos estava dentro do castelo, o que era um progresso.

— Eu simplesmente não entendo por que vocês se importaram em trazê-la aqui quando tenho tantos outros assuntos mais urgentes do que ouvir os relatos de uma jovem desleixada — disse o *coridom* assistente. — Sou uma pessoa de importância. Tenho horários, reuniões de protocolo, providências para tomar!

Com um pouco de persuasão, Tanique! o convenceu que sua atual condição era devido à exposição e viagem, mas não de que ela tinha algum assunto legítimo dentro do castelo. Ele resolveu que ela era filha de alguma serva, dada a sonhos de grandeza como resultado das histórias românticas de sua mãe.

— Por favor, — ela disse — deixe-me falar com alguém que possa me reconhecer.

Gerolamo, o ajudante e conselheiro chefe de seu tio, certamente se lembraria dela, mas quando mencionou seu nome, o *coridom* assistente zangou-se e tornou-se impaciente. Correndo contra o tempo, ela buscou em sua memória por algum cavaleiro ou assistente de cozinha que poderia lembrar-se de sua infância. Cada nome era rejeitado como desconhecido ou com o comentário: “Oh, Velha Elfrida, ela morreu há três invernos atrás”, ou, “O que uma ninguém como você quer com ele?”, e finalmente, “Você já tomou o suficiente de meu tempo. Para fora!”

Cansaço misturou-se com o sabor do *jaco* pouco cozido e o tremor de seus membros. Não tinha escapado da cama de Belisar e andado por todos esses quilômetros, passado pelos soldados de Deslucido, através de enchentes e nevascas, para ser dispensada por um tolo irracional!

— Que os escorpiões de Zandru o carreguem! — berrou ela, próxima ao limite de suas forças. — Não há uma única pessoa em todo o castelo que possa ver além das aparências?

O Guarda, aquele ruivo, recuou com suas palavras, como se tivesse sido atacado por uma explosão invisível. Ele saiu correndo do vestibulo depois de ordenar que ela ficasse ali. Taniquel estava muito cansada para protestar. Ela tomou o resto de seu *jaco* e se perguntou se tinha forças para tentar uma arremetida pela cozinha e subir as escadas. O *coridom* assistente ordenou que um par de ajudantes, do tipo de jovens troncados capazes de tirar o enorme castelo de lugar, a observasse. Depois ele continuou com seu trabalho. Moças da limpeza com vasilhas de água com sabão ou cestos com vegetais passavam de um lado para outro, junto com um pajem, que olhou para seus olhos redondos antes de sair correndo com seus afazeres, e inúmeros outros que Taniquel nem notou.

Depois de esperar o que pareceu horas, Taniquel se viu na presença de uma mulher de forma esbelta cujo cabelo vermelho brilhante já havia se tornado cinza. Ela piscou, reconhecendo a *leronis* que testara seu *laran* há tantos anos atrás. Dama Caitlin Elhalyn-Syrtis ficaria elegante mesmo em trapos, mas estava formidável em uma valiosa túnica azul sobre um vestido de seda flutuante da mesma cor, ressaltando o brilho da pedra-da-estrela que pendia na base de sua garganta. Os servos se retiraram respeitosamente e o *coridom* assistente, que voltara apressado, tornou-se pálido e quieto ao seu olhar.

— Esta é realmente a sobrinha do Rei. — A *leronis* não precisou avaliar Taniquel para reconhecê-la. Um rápido e leve toque mental fez surgir rapidamente uma exclamação. — Minha querida criança, o que aconteceu?

— Acosta tombou para Damian de Ambervale — Taniquel replicou. Apesar de ser indelicadeza sua, ela simplesmente não tinha forças para levantar-se. — O Rei Padrik foi assassinado e o castelo tomado. Escapei sozinha.

— Mande a mensagem ao Rei imediatamente!

O *coridom* assistente deu um salto e sumiu pelo corredor.

Os olhos da *leronis* vacilaram na barriga de Taniquel, emagrecida pelas semanas de quase fome na estrada.

— Doce Evanda, não podemos perder tempo! Devo monitorá-la adequadamente.

Taniquel respirou fundo para responder e depois se desfez em lágrimas, justo a última coisa que queria fazer. A *leronis* emitiu uma série de ordens e, bem rapidamente, Taniquel viu-se conduzida até uma suíte de luxuosos aposentos, própria para os visitantes dos mais altos níveis.

Dama Caitlin não esperou que Taniquel se despisse ou se lavasse, mas insistiu em examiná-la imediatamente. Taniquel, estendida sobre um lençol na enorme cama, estremeceu com a sensação psíquica de areia raspando sobre a pele. Em oposto, o toque mental de Coryn tinha sido tão suave e gentil, quase à beira do prazer. Ela não podia se

lembrar de quando se sentira tão segura e real, como se ele visse tudo através dela com aqueles olhos cheios de luz e aceitasse o que quer que encontrasse.

Então ela pressionou os dentes e tentou respirar mais devagar.

— Sua criança está viva e bem, fora de perigo — comentou Dama Caitlin. — E seu corpo está surpreendentemente em boa forma. Você teve alguma cura por *laran*...

— Sim — disse Taniquel, tentando se erguer sobre os cotovelos. — Passei alguns dias em um abrigo de viajantes próximo à estrada para Neskaya. Meu companheiro de viagem era um *laranzu*. — Sob o olhar atento de Dama Caitlin, ela continuou — Coryn, era o seu nome.

— Coryn de Tramontana? Oh, sim. Quando fiz meus revezamentos em Hali, às vezes o encontrava através das transmissões. Pergunto-me o que estava fazendo na estrada para Neskaya.

— Algo sobre treinar como um sub-Guardião.

— Oh, grande sorte de eles terem-no conseguido! Agora você deve banhar-se, mas não em água muito quente, e depois dormir o quanto quiser. Mandarei trazer comida adequada e deve me avisar se sentir algum desconforto estomacal.

No momento seguinte, um grupo de criadas apareceu para livrar Taniquel de seu vestido imundo e ajudá-la a entrar em uma banheira com uma gostosa água morna. Os aromas misturados de ervas de banho e água-de-rosas suavizaram sua dor nos pulmões, enquanto o calor sedutor aliviava seus músculos cansados.

Ela se esticou, examinando sua pele. Arranhões e hematomas cobriam seus braços e pernas, em todos os lados de seu corpo. Seus dedos dos pés coçavam onde nova pele se formava sobre a camada morta congelada.

Uma enorme esponja macia, molhada com sabão de boa qualidade, pendia em sua mão fraca. Agora que estava salva, o resto de sua força de vontade que a tinha guiado nesses últimos dias evaporou-se junto com os vapores de fumaça. Seu cabelo, uma confusão de nós e redemoinhos, boiavam na água. Em pouco tempo, uma ou três criadas viriam para ajudá-la a lavá-los e penteá-los. Por enquanto, era bom descansar contra as suaves ripas de madeira da banheira, sua cabeça descansando em uma toalha enrolada. Fechar os olhos e vagar por um momento... sonhar...

A face de Coryn flutuava diante de seus olhos fechados. Seus lábios formavam um sorriso. Qual era o sonho: as horas de frio entorpecedor, a presente luxúria do calor, água perfumada, ou a memória daqueles olhos cheios de luz, aqueles braços fortes à sua volta, a sensação de sua pele contra a dela...?

Ela acordou assustada enquanto as criadas voltavam, rindo do estado de seu cabelo, e em curto tempo ela era ensaboada, seu cabelo lavado, enxaguado, seco, penteado, esfregado com ungüentos calmantes, enfaixada, enfiada em uma camisola fina e macia, e colocada em uma cama fofa sob várias camadas de cobertores. Seus últimos pensamentos foram que sua longa provação estava afinal terminada.

Ela dormiu por dois dias, acordando apenas para engolir água de sabor cítrico do jarro ao lado de sua cama. Na terceira manhã, o enjôo tirou-a da cama e as criadas entraram agitadas para encontrá-la abaixada sobre o cântaro, tendo ânsias de vômito. Ela dispensou sua ajuda duas vezes e qualquer tipo de desjejum. Algumas horas depois ela sentiu seu estômago firme o bastante para se trocar e apresentar-se ao Rei.

O Rei Rafael Hastur II encontrou-a na suíte dos aposentos reservados para a família. Embora dispensasse os símbolos formais de sua posição, seu manto com cinturão, o brocado vermelho ornamentado com arminho real, acentuava sua figura, ainda gracioso como um dançarino apesar de sua idade; aquela beleza carismática que agraciava tantos homens Hastur. Ele inclinou-se para dar-lhe um abraço de parente. Os pelos de sua barba

aparada cuidadosamente, de um ferrugem respingado de prata, espetavam seu rosto. Embora de altura mediana, ele parecia menor do que ela o lembrava de sua infância.

— Querida sobrinha, me entristece recebê-la de volta sob tais circunstâncias. Espero que tenha uma vida longa e feliz em seu novo lar. Caitlin já disse que traz notícias sobre a derrota de Acosta.

— Oh, Tio! — ela chorou enquanto ele a levava até uma cadeira acolchoada. — Acosta caiu àquele filho de um bandido das Cidades Secas, Damian Deslucido! — Ela tomou fôlego, mantendo-se sob controle, e começou a história.

Rafael sentou-se na sua própria e muito mais pesada cadeira, e parecia pensativo enquanto ela contava sobre o ataque e a batalha nos portões, a armadilha e os feitiços lançados pelo *laranzu* de Deslucido. Neste momento ele interrompeu, fazendo-a expor cada detalhe do bombardeio dos carros aéreos. Em resposta às suas questões, Taniquel procurou em sua memória por cada detalhe, o formato e número dos carros, suas sinalizações, a cor das chamas.

— No começo, eu temia que jogassem *fogo aderente* em nós — ela disse, estremecendo à lembrança. — Mas as chamas rapidamente arderam como as normais, tendo em mente o quão úmida estava a madeira.

As sobranceiras escuras de Rafael juntaram-se.

— Se Deslucido pretendia governar Acosta, não destruí-la, então não iria querer danificar o castelo se pudesse. E a compulsão... você disse que todos estavam tomados pelo terror da abertura dos portões?

— Os portões tinham que ficar fechados para encurralar Padrik. — Taniquel tropeçava em sua explicação. — Se ao menos eu agisse mais cedo, ele poderia ter ultrapassado. — Ela sentiu a amargura em suas próprias palavras.

O Rei balançou sua cabeça.

— Você não deve carregar um fardo de culpa sob si mesma. Fez mais do que sua parte em trazer-nos essas notícias. Devo convocar o Conselho.

Por um momento ele pareceu distraído, e Taniquel lembrou-se que, como Hastur de Hastur, ele há muito encabeçava o esforço de restringir o uso das mais temidas armas de *laran*. Sua preocupação estava além do destino do pequeno reino de sua sobrinha.

— Deslucido tem anexado reinos mais fracos há alguns anos — ele continuou — mas pensávamos que preferia meios pacíficos. Tivemos mensagens de pedidos de honoráveis casamentos em alguns casos; em outro, a ausência de um herdeiro legítimo para reclamar o trono.

— Este sem dúvida não é o caso aqui! — Taniquel disse com alguma veemência. — Tio, eu carrego o filho *di catenas* de Padrik, legítimo Rei de Acosta. Damian Deslucido pode ter-se apoderado do controle do Castelo Acosta, mas não pode reclamar justamente o trono como seu. Você deve declarar meu filho Rei, comigo como regente, e restaurar a verdadeira linhagem de Acosta!

— Tani — ele disse, suspirando e balançando a cabeça — a obstinada garota que conhecemos transformou-se em uma igualmente obstinada rainha.

— Não há tempo a perder! Pelo que sabemos, Belisar Deslucido será coroado Rei enquanto conversamos! Mesmo sem mim como sua Rainha, quanto mais o permitirmos continuar sem desafiá-lo, mais sua força crescerá.

— Acalme-se, criança. — Ele falou naquele tom, com aquele exato *comando* Hastur, que mesmo se não fosse Rei, ela teria silenciado. Ela lembrou-se que ele não subira ao seu próprio trono recentemente, e o havia mantido contra mais do que um monte de desafiantes.

— Estou ouvindo, Tio.

— Primeiramente, ofereço-lhe as boas-vindas à Thendara e à minha corte. Sempre encontrará um lar seguro entre nós. — *E não precisa comportar-se como uma criança*

desajeitada com um bando de Ya-men lamuriando em seu encalço.

Ela inclinou sua cabeça.

— Eu agradeço-lhe, Tio.

— Temos que atender às suas necessidades e também chamar as parteiras do castelo ou Dama Caitlin para ter certeza que você e seu filho por nascer recuperem sua plena saúde. E depois disso, suponho que todas as suas tias e primas irão querer fazer tudo por você, mesmo aqueles que lembram de você como uma criança pequena e teimosa, daquelas que as fizeram ficar mais do que felizes em dispensá-la para a pobre Dama Acosta.

Taniquel percebeu o brilho em seus olhos e sorriu a despeito de si mesma.

— Tentarei o meu melhor para trazer honra aos meus pais adotivos. Dama Acosta tentou ensinar-me algumas maneiras, apesar de minha chegada em Thendara não ter me dado muita oportunidade para demonstrá-las.

Um leve sorriso brincou nos cantos da boca de Rei Rafael.

— Você foi bem o bastante. Quanto à situação política, não há ação imediata que seja prudente e apropriada. As Hellers são um isqueiro prestes a pegar fogo.

— Então agora é a hora de impedir Deslucido, antes que sua força fique maior — Taniquel disse, muito cansada para se controlar, apesar de já saber a resposta.

— Agora — ele repetiu com majestosa deliberação — é hora de ir devagar e pensativamente. E principalmente não sair procurando uma batalha que pode não estar sendo projetada contra nós.

— Será — ela disse, baixando os olhos sobre seu colo, aonde seus dedos formavam punhos. — Nos termos de Deslucido ou nos nossos, será.

— O mundo segue como deseja, minha querida, e não como você ou eu gostaríamos... ou, neste caso, criado através de nossos próprios medos. Você sobreviveu a uma difícil provação e encheu a si mesma de orgulho. Agora descanse, e deixe que mãos mais sábias carreguem os fardos do mundo.

Taniquel sabia quando estava sendo dispensada. Ela se levantou, curvando-se como uma dama de posição nobre para um igual, e se retirou.

Vinte

A primavera transformou-se em um verão quente e viscoso, como acontecia apenas nas terras baixas. Sob o olhar atento de Dama Caitlin e suas tias reais, Taniquel recuperou sua força. Boa comida e uma saudável gestação suavizaram as feições preocupadas de seu rosto e arredondaram seus seios e ventre. Ela obedientemente engolia as misturas de ervas, comia as comidas especiais empurradas pelas parteiras, e praticou os exercícios leves que lhe foram passados. Mas era aí onde sua passividade terminava.

Taniquel havia atendido ao convite formal para a primeira apresentação ao Conselho de Rafael, mais como uma testemunha do que como participante. Ele queria seu testemunho exclusivo do uso de *laran* na conquista de Acosta. Mas logo ela tomou seu próprio lugar, debatendo as questões tão livremente quanto qualquer um dos homens.

O Conselho incluía outras linhagens da poderosa família Hastur, Hastur de Carcosa e Hastur de Elhaly, tanto quanto simples parentes distantes. Taniquel não os conhecia, contudo a marca do parentesco estava clara em suas feições. Alguns seguiam a opinião de Rafael sobre a propagação de armas como *fogo aderente* ser uma preocupação suprema, enquanto outros consideravam o uso de coação mental por *laran*, tais como o feitiço de compulsão nos portões de Acosta, uma ameaça mais séria.

— Um abuso grosseiro do *laran* — era a opinião de Lewis Hastur, um dos representantes de Carcosa, quando se encontravam em sua sessão regular.

A cadeira de Taniquel, menor e mais simples do que as outras, era localizada diagonalmente atrás da de seu tio ao redor de uma mesa circular. No outro lado de Rafael, seu *paxman* e conselheiro-chefe, Gerolamo, permanecia com seus olhos atentos e sua expressão impassível. Mapas e um caderno de anotações aberto, como também um jarro de vinho diluído e um de água pura cobriam a madeira polida. As janelas enviesadas estavam bem abertas para o calor da tarde de verão, deixando entrar o ar adocicado.

— E contudo não é desconhecido na guerra — Rafael disse. — Trabalhadores de *laran* há muito têm usado métodos similares para instigar medo, infiltrando pesadelos particulares dentro de cada homem, por exemplo, ou dando à água a ilusão de sangue recém derramado. Nossa maior prioridade deve ser acabar com o desenvolvimento de novas armas.

— Mas isso pode ser enfrentado, — Taniquel disse. Eles se viraram para olhá-la. — Na batalha pelo nosso castelo... — Ela gentilmente enfatizou a palavra para lembrá-los que ela era a Rainha de Acosta e também uma *comynara*. A despeito de sua localização subordinada na mesa, ela formalmente sobressaiu-se sob todos eles exceto Rafael. — ... naquela batalha, eu mesma fui capaz de resistir à compulsão. Então a defesa é possível.

— Isso é verdade, — Darren-Mikhail, sobrinho *nedestro* do Lorde reinante de Elhaly e o mais jovem do Conselho, concordou. — Mas apenas se o Lorde defendido tem seu próprio grupo de *laranzu'in* treinados. Soldados comuns... — ele deu de ombros.

— O que nos traz às últimas notícias — disse Rafael. — Recebemos uma mensagem através das transmissões em Hali na noite anterior que a Torre Tramontana cedeu à soberania de Deslucido.

— O que!?

— Sim, a situação agora é bem diferente da que nos encontrávamos na última primavera. Previamente, estamos nos preocupando apenas com o uso sem importância ocasional de *laran* por Deslucido.

— O feitiço de compulsão e o uso de reforço aéreo na batalha dificilmente seria sem importância — Lewis falou asperamente.

— Deslucido não usou *fogo aderente* no ataque, contudo ele claramente poderia tê-lo

derramado de seus reforços — Rafael disse pacientemente. — Se ele usaria *fogo aderente* ou não, nunca saberemos. Nossas transmissões em Hali nos dizem que Tramontana começou a fabricar *fogo aderente* e outras armas para ele. Há rumores, irrelevantes ao presente, de seu uso anterior da febre do pulmão, trazida de um círculo renegado. Todos os reinos menores vizinhos estão em pânico com essas recentes expansões. Ele pode estar pensando em eventualmente trazer a batalha até nós e Hastur. Ou pode estar contente com o que tem. Seja como for, ele agora está sendo levado em conta no nível mais alto de poderes. Usará as armas à sua disposição com cautela? Não temos como saber.

Ouvindo, Taniquel pensou, *Rafael não provocará Deslucido para um conflito real. Ele devia ter atacado antes que Deslucido tivesse acesso ao fogo aderente.*

Chegaria a hora em que Rafael Hastur não teria escolha, quando Deslucido tivesse de ser impedido. Taniquel tinha certeza disso.

Depois de uma longa discussão sobre quais Torres estariam fazendo armas de *laran* e onde elas poderiam estar sendo usadas, particularmente sobre o armazenamento de pó derrete-osso em Valeron, o Conselho entrou em recesso durante aquele dia. Mais reuniões foram agendadas para dali a dez dias, tanto quanto as festividades noturnas. Taniquel pensou estranhamente que não importasse o quanto horrenda fosse a causa para reunir os primos Hastur, eles não podiam desperdiçar a chance para motivar uma boa festa.

Corada pela dança, Taniquel se encaminhou para a porta dupla aberta para a suave noite de verão. A varanda externa dava passagem para os jardins, suas folhas prateadas pela combinação de luz da lilás Idriel, da verde-azulada Kyrrdis, e da perolada Mormallor. Naquela noite, três das quatro luas de Darkover formavam um triângulo desigual no céu.

Atrás dela, os músicos haviam mudado para uma alegre *secane*. Foi bom ter escolhido esse momento para escapar. Suas tias estariam observando os homens girando e pulando na selvagem dança da montanha e não notariam sua ausência.

Além dos jardins, ela pousou seu olhar nas luzes de Thendara e se perguntou quantas outras famílias estariam celebrando nesta noite. Ao menos não estava com a gravidez tão avançada, sua barriga ainda era uma pequena saliência nas saias de seus vestidos, para que não pudesse aproveitar uma noite de danças mais serenas.

Suspirando, apoiou-se na grade da sacada. Uma brisa suave e fria arrepiava seus cabelos que caíam soltos em mechas sobre sua face. Seus pensamentos vagueavam na direção da Torre Neskaya.

Estava Coryn neste momento olhando para aquelas mesmas luas? Estava pensando nela?

Que idéia ridícula! Ele estava muito longe, treinando para se tornar Guardião. Provavelmente, já esquecera os poucos dias que passaram juntos.

— *Vai domna?*

Taniquel abaixou a cabeça em saudação quando Darren-Mikhail Elhalyn aproximou-se.

— Está uma bela noite, não está?

— Sim, eu sempre adorei essa estação. Meus tutores costumavam dizer que havia mais conjunções lunares no Solstício de Verão do que em qualquer outra época.

— Oh, é mesmo? — ele disse suavemente, procurando por algum comentário mais inteligente.

Ela o observou mais atentamente, percebendo o embaraço em sua postura, como se não soubesse o que fazer com suas mãos e cotovelos.

— Temo que, se veio para convidar-me para uma dança, terá que esperar um pouco. Pode ser a noite ou eu... no momento, estou com muito calor para dançar.

— Na verdade, estava querendo mesmo conversar a sós com você.

Taniquel alarmou-se. Darren mal falara duas palavras com ela nas reuniões do conselho.

— Sobre o quê?

— Por favor, não podemos nos sentar? — Ele pegou seu braço e guiou-a na direção de um banco baixo de pedra nas sombras longe da luz que fluía do salão de baile.

Taniqueel permitiu-se ser levada até o banco. Disse a si mesmo que não tinha motivo para estar ansiosa. Ele era seu primo, afinal de contas, e havia um monte de pessoas logo ali dentro do salão. Logo que a *secane* terminasse, suas tias sem dúvida viriam procurar por ela.

Ela sentou-se no banco, de lado para ele, e arrumou suas saias volumosas. Ele se abaixou desajeitadamente. Em vez de ajudá-la, ele agarrou sua mão.

— Por favor, primo — ela disse, retirando-se agilmente. — Se há algo que queira me dizer, deve falar francamente. Podemos não nos conhecer muito bem, mas nossas famílias sim, e eu lhe relembro de quando fomos crianças juntos aqui.

— Não falarei sobre nós como crianças, mas como homem e mulher — ele exclamou. — Taniquel... não sei se devo ser tão impertinente em usar seu nome... certamente você percebeu o efeito que causou em mim? Você é tão bela...

Pelas tetas congeladas de Zandru!

— Darren — ela disse tão firmemente quanto pôde — o luar está muito lindo, mas, por favor, retenha-se de tudo que irá nos embarçar amanhã de manhã. Mesmo se não fossemos parentes, sou uma mulher casada, e grávida.

Ele se aproximou mais dela nas sombras e sua voz tornou-se renovada e perturbadora.

— Não somos parentes tão próximos que não possamos nos casar, e você é viúva.

— Mas...

— Uma viúva carregando um filho que precisará do nome de um pai.

— Precisarão do nome de um pai? — Taniquel disse, arisca. — O que está dizendo?

— Ora, deveria ser óbvio para qualquer um que pudesse contar a passagem das luas e soubesse quando Acosta foi tomada. Você foi prometida para o herdeiro de Deslucido, não foi? E viveu no castelo com ele pelo menos por dez dias.

— Ele nunca... eu nunca...

Pensamentos surgiram através de sua mente. Darren estava certo. No momento, todos sabiam que deveria se casar com Belisar e não era incomum para tais casamentos que fossem consumados prematuramente. No costume das montanhas, apenas isso já constituiria em casamento: o compartilhamento de uma cama, uma refeição, uma fogueira. Quem acreditaria que esse não era o caso?

Quem acreditará que meu filho não é bastardo de Belisar?

— Eu jurarei sob o feitiço da verdade que esta criança é filho e herdeiro de Padrik — ela disse.

— Doce dama, não sou seu inimigo. Ao contrário, deixo meu coração aos seus pés e lhe ofereço um honorável caminho para restaurar sua reputação. Deixe-me dar um nome ao seu filho e um lugar no mundo. Case-se comigo.

Taniqueel endureceu-se involuntariamente, se afastando.

— Meu filho já tem um nome, o de seu pai. E ele tem um lugar no mundo: o trono de Acosta. Eu... — ela parou, percebendo o quanto aquilo soara grosseiro.

Darren não era Belisar, e ela pôde perceber em sua voz o quanto realmente a queria bem, ou qualquer que fosse a imagem encantadora que ele fazia dela. Ele podia ser *nedestro*, mas fora reconhecido e garantira um lugar em Elhalyn.

— Aprecio o que está oferecendo, Darren. Realmente aprecio. Você dará um bom marido a alguma mulher e espero que ela o estime o tanto quanto merece. Mas não estou livre para casar para agradar a mim mesma... — *Quisera eu estar!* — Tenho um dever maior, libertar Acosta e ver meu filho assumir seu lugar no trono.

O silêncio seguiu-se, quebrado apenas pelo som da pesada respiração de Darren. Finalmente, ele disse.

— Você é tudo de bom e nobre que há em nosso castelo, *domna*. Mas assume coisas demais para qualquer mulher. O que fará, levantará um exército para marchar até Deslucido? Que homem a seguirá? Não, apenas falhará e arriscará o futuro de seu filho tanto quanto o seu. Imploro que não cometa esse erro terrível.

— Deixe estar, Darren. Não sei se terei sucesso, apenas que devo tentar. Cheguei tão longe com a benção dos deuses. Devo confiar que me garantirão os meios para seguir a suas ordens.

Ela se levantou e as saias farfalharam.

— Faria a gentileza de escoltar-me de volta até minhas parentas?

— Como desejar, prima. Talvez, depois de uma pequena reflexão ou uma discussão racional com os mais velhos e sábios, verá que minha oferta é para seu próprio bem.

Taniqueel percebeu o desapontamento em sua voz e rezou silenciosamente para que tudo passasse rápido. Ele estendeu seu braço, onde ela pousou as pontas dos dedos. Ele não a convidara para dançar e ela estava feliz por isso. Entretanto, tinha umas poucas palavras escolhidas para seu tio que, ela suspeitava, tinha encorajado o pedido de Darren.

Taniqueel entrou no salão claramente iluminado, transbordando com a energia dos dançarinos e da conversação animada daqueles localizados nos cantos. Ela hesitou, reconsiderando. Não seria bom aproximar-se de seu tio ali ou exigir que ele tomasse providências imediatas para assegurar a reivindicação de seu filho ao trono de Acosta, como ela queria fazer. Rafael já deixara claro seu compromisso com a precaução e neutralidade.

Não, ela tinha que ir devagar, desenvolver seu caso aos poucos. Ela não pensara em conseqüências ou estratégia, mas havia aprendido muito, incluindo paciência, desde que o exército de Damian Deslucido invadira os campos verdes de Acosta.

Ela sentou-se ao lado de sua tia favorita, uma dama idosa que já estava cochilando por causa da hora avançada e do segundo copo do forte vinho. Neste momento, seu tio veio em sua direção, movendo-se rapidamente. Ele não tinha dançado muito nesta noite e claramente seu joelho lhe doía. Inclinando-se, ele perguntou se ela estava gostando do baile.

Taniqueel percebeu a súbita mudança de tom em suas palavras e notou que ele se referia à sua conversa com Darren. Então Darren havia falado primeiro com seu tio. *Homens*, ela pensou com um pouco de humor.

— Está sendo uma noite agradável — ela disse, sorrindo inocentemente. — Mas estou cansada por causa de toda essa dança. Irei descansar agora. — Taniqueel estendeu a mão para que ele a ajudasse a se levantar.

Quando ela se aproximou da porta que a levaria em direção aos aposentos privativos do castelo, pensou brevemente em pedir um encontro com ele na manhã seguinte, mas descartou a idéia. Ele pensaria que tinha algo a ver com Darren. Um casamento a descartaria convenientemente como um problema, junto com o assunto sobre seu filho ser um herdeiro exilado de Acosta e todas as complicações políticas que eles trouxeram.

Mas eu não vou apenas desaparecer em Elhalyn ou qualquer outro lugar. Pretendo permanecer como um problema, um dos bem ativos, bem aqui aonde todo o mundo pode me ver.

Taniqueel esperou por mais dez dias, até que o Conselho fosse suspenso e Darren fosse embora para casa. Desde então, ela tinha pouco a fazer, além do bordado e da música que ocupavam o tempo das outras damas reais. Depois do estímulo das reuniões do Conselho, ela deu o seu melhor a essas tediosas diversões. A impaciência a atormentava. Cada dia que se passava permitia que Deslucido aumentasse seu poder sobre Acosta e ali estava ela, sem fazer nada.

Então Taniqueel parou no cruzamento de um corredor em direção a pequena sala de recepção onde o Conselho se encontrava e onde seu tio ouvia solicitações particulares. Talvez

Deslucido pensasse que estava morta, que sucumbira nas tempestades incessantes. A menos que alguém a tivesse visto no baile e lhe mandasse uma mensagem, ele não saberia que ela sobrevivera. Ela franziu o cenho quando considerou a possibilidade e como poderia usar isso em sua vantagem.

Vozes de homens a alcançaram das áreas públicas do castelo, não o barulho comum, mas mais alto, claramente agitado. Sua curiosidade crescendo, Taniquel foi naquela direção. Lá estavam eles, uma aglomeração de guardas e homens em mantos curtos e botas de montaria, claramente de boa qualidade. Imediatamente, ela reconheceu os sotaques de Acosta. Ela correu, movendo-se tão rapidamente quanto o vestido longo lhe permitia. Então simplesmente ergueu as saias e correu.

— Vocês devem se retirar agora — um guarda insistiu.

— Não sem ver o Rei! — Ele tem que nos ouvir! — Ao menos lhe mandem uma mensagem... deixem-no decidir!

— Levem seus problemas para outro lugar.

Taniquel diminuiu seus passos para um andar mais majestoso enquanto se aproximava dos homens. Um guarda, a reconhecendo, fez uma reverência. Ela notara que não haviam sacado suas armas.

Os estranhos pararam com seus argumentos. Um deles, um homem de meia-idade cujo manto havia sido jogado para trás para revelar uma túnica trazendo um emblema de águia indicando sua lealdade ao trono de Acosta, abriu sua boca em surpresa.

— *Vai domna!* Rainha Taniquel! — Correndo em sua direção, ele caiu de joelhos aos seus pés. Depois de um atordoante instante, os outros fizeram o mesmo.

Havia quatro ao todo, um deles parecia ser um *paxman*, pelo modo que permaneceu atrás de outro. A esta distância, sua vestimenta fina mostrava o desgaste da cansativa viagem.

— Agora, veja só... — o mais velho dos guardas começou, pois eles a conheciam apenas como a sobrinha do Rei Rafael.

Taniquel estendeu a mão para impedir sua interferência.

— Pensávamos que estava morta! — o nobre de Acosta chorou.

— Morta pelas mãos traiçoeiras de Deslucido! — disse outro.

Ela esticou as mãos, gentilmente gesticulando para que os homens se levantassem.

— Como podem ver, estou viva e bem. Mas o que os traz à Thendara, meus Lordes? Venham, aqui não é lugar para recebê-los, bem no meio da entrada. — Ela virou-se para o guarda mais próximo. — Meu tio mantém audiência na câmara do Conselho a esta hora?

— *Vai domna*, — o guarda disse, parecendo plenamente aborrecido.

Obviamente, Rafael havia se recusado a receber esses homens. *Ele nem ao menos mostraria parcialidade à sua causa*, ela pensou nervosa.

— Venham comigo! — Ela virou-se e, com os Lordes de Acosta ao seu encalço e os guardas a um passo atrás, encaminhou-se aos seus próprios aposentos. Os guardas trocavam olhares chocados quando perceberam seu destino. Naquele momento ela estava muito nervosa para se preocupar com sua modéstia ou reputação. Estes homens eram dela agora que Padrik estava morto, dela para comandar e defender. Se seu tio não lhes dava a cortesia de uma audiência particular, então era o mínimo que ela podia fazer.

Sua sala de estar, embora espaçosa e repleta da luz da manhã, tinha sido mobiliada ao retrato de uma dama. Taniquel sentou-se em sua cadeira favorita. Os Lordes, depois de olhares ilícitos à delicada mobília, permaneceram de pé. O resultado, ela percebeu com um sorriso secreto, era como se ela tivesse reunindo a corte.

O mais velho dos Lordes de Acosta, Esteban das Colinas Verdes, apresentou sua situação. Depois do Castelo Acosta ter sido tão rapidamente tomado, as forças de Ambervale caíram sobre cada vassalo em rápida sucessão.

— Foi a primeira coisa que soubemos sobre a invasão — disse Esteban. — Que escolha

tínhamos, sem tempo para juntar nossos soldados ou contatar nossos vizinhos? E com seus carros aéreos nos sobrevoando...

Tanielquel concordou. Eles temiam o *fogo aderente* mais do que temiam a conquista. A simples ameaça de uma arma tão terrível era talvez seu maior poder.

Esteban havia abaixado sua cabeça, como se pedindo perdão pela fraqueza que nem ao menos era sua culpa.

— Não tínhamos nem idéia se alguém da família real havia sobrevivido. Mais tarde ouvimos rumores que o herdeiro de Deslucido, ele que agora usa a coroa de Acosta, havia se casado... — ele parou à sua expressão involuntária de horror.

Rapidamente ela disse:

— Vocês não vieram à Thendara para me buscar. Qual sua missão então?

— Viemos pedir proteção à Hastur, oferecer-lhe nossa lealdade — disse Esteban.

— Para ser comandado por Hastur em vez de Acosta... — ela murmurou confusa. Deviam estar muito desesperados. Ela lembrou-se dos discursos de Deslucido sobre a prosperidade de toda Acosta, como o povo poderia lucrar com seu comandante. Esteban e os outros não pareciam como rebeldes precipitados que marchariam para a guerra por uma idéia abstrata. Eles eram práticos, homens trabalhadores; ela viu em seus rostos marcados pelo tempo e mãos calosas, no modo inconseqüente que usavam suas finas roupas. — Por favor, continue.

— Deslucido, ele nos prometeu honestidade, que todos seríamos parte de um reino melhor. Não disse que não tínhamos nenhum poder para negociar termos... Javier de Terrelin resistiu e ele e seus dois filhos foram mortos. E depois seus cobradores de impostos chegaram.

Os rostos dos outros Lordes endureceram. Esteban continuou:

— Costumávamos entregar dez ou às vezes vinte por cento de nossa colheita a Acosta. Deslucido queria metade.

— É, e qualquer Lorde que ousasse respirar em protesto tinha seu filho, filha ou esposa apreendidos para garantir sua lealdade — o segundo Lorde adicionou.

— Sua Majestade...

Esteban estendeu suas mãos, sua expressão questionando se ela entendera o que os comandos de Deslucido significavam. As terras de Acosta produziam generosamente em anos bons, mas não em toda estação. Metade da colheita deveria alimentar o povo escassamente, com nada sobrando para armazenar para os anos realmente improdutivos. Ela lembrou-se, e não a muito tempo atrás, de quando ela e Padrik tinham passado fome depois que os celeiros reais haviam esvaziado. Três colheitas escassas haviam seguido um ano de enchentes e geadas assassinas. Era assim que o mundo era e ela fora ensinada de seu dever em compartilhar do sofrimento de seu povo.

Suas mãos formavam punhos em seu colo, amarrotando a fina seda de seu vestido. O que ele pretendia fazer com toda aquela comida? A resposta veio em sua mente quase que imediatamente.

Alimentar seus exércitos.

Acosta era um ponto de partida, não um fim em si mesmo. Deslucido precisava de suas fazendas produtivas, seu poder de luta intacto. Para seu próprio uso. Depois viriam recrutamentos de homens e cavalos, apreensão de carroças, arcos e espadas e o precioso metal para produzir mais deles.

Deslucido trará guerra às terras de Hastur. A única questão é quanto tempo esperamos até que ele aumente seu poder.

Ela se levantou, arrumando seu vestido ao redor do contorno roliço de sua barriga.

— Hastur ainda não faz parte dessa guerra, mas você fez melhor do que pensava em vir até mim. Carrego o filho de Padrik Acosta, verdadeiro herdeiro do trono...

Ela parou, pega pelo súbito brilho de luz em seus olhos. Sua esperança e admiração chegaram até ela, multiplicados pelo seu *laran* empático.

Um filho... um verdadeiro filho de Acosta!... Estamos salvos, não está tudo perdido...

E no fundo, como num rio subterrâneo. *Teremos nosso reino de volta. Ela nos guiará para a liberdade!*

Taniqueel parou, sua garganta momentaneamente se fechando ao redor das palavras. Ela endireitou-se, erguendo sua cabeça como exigia o momento.

— Volte a Acosta com essas notícias e com minha promessa. Meu filho e eu retornaremos...

... retornaremos... as palavras badalando em cada fibra de seu ser.

Por isso nasci comynara. Esse é meu destino.

O rosto de Esteban ficou branco enquanto ele se ajoelhava mais uma vez diante dela. Ela raramente vira devoção tão exposta. Naquele momento, ele teria morrido por ela.

— Aceitará meu juramento? — ele perguntou-lhe.

Ela nunca havia feito isso antes. Era Padrik quem comandava diante dos Lordes vassalos, como seu pai fizera antes dele. Ela tinha sido filha, esposa, e agora mãe, nunca pensou em ser mais do que isso.

Sou a esperança de Acosta, e carrego seu futuro. Se meu povo tem alguma chance de liberdade, devo ser uma verdadeira Rainha para eles.

Ela já havia lhes dado seu juramento. Tudo o que restava era aceitar o deles em retorno, para completar o equilíbrio, pergunta e resposta, poder e responsabilidade, nascimento e morte.

As frases rituais surgiram livres de sua língua. Suas mãos fecharam-se nas de Esteban, no antigo gesto de lealdade recebido e dado em retorno.

Depois que partiram, ela permaneceu na cadeira enquanto o sol se movia vagarosamente. Ela havia dado sua vida, sem saber bem por que, apenas que era a vontade dos deuses e que não tinha escolha. Ela não soube se algum dia teve.

Vinte e Um

Taniel acordou relutantemente, como se estivesse nadando através de mel derretido. Nos meses desde que Julian Regis nascera, seus sonhos tinham sido incrivelmente reais, mas raramente tão prazerosos. Depois de fragmentos dos pensamentos familiares do dia, ela se encontrou em um suave plano cinza sob um céu disforme. A sensação de absoluto e imutável silêncio podia tê-la sufocado se ela não tivesse surgido tão rapidamente em uma floresta de véus transparentes, crescendo como plantas exóticas do chão macio e subindo em brisas invisíveis. Suas cores a lembravam dos vestidos deixados em Acosta, vermelho, bronze e a suave cor de pavão. Enquanto se movia entre eles, deixando o tecido lindamente fabricado escorregar entre seus dedos, ela sentiu os aromas mistos de resina de cedro, incenso, e pétalas de rosas. Música a alcançou, o distante murmúrio de uma harpa, depois mais profundamente... uma trombeta de chifre. Logo os vermelhos deram lugar aos azuis, geralmente tão pálido quanto gelo. Ela parecia às vezes estar deslizando através de frias chamas azuis. Elas abriam caminho quando ela passava.

Um espaço aberto apareceu diante dela, círculos rodeavam com tremeluzentes luzes azuis. No centro estava um homem, nu exceto pelo fogo. Mesmo se seu rosto estivesse virado, ela o teria conhecido. Seu coração saltou.

Ele virou-se com aquele sorriso que ela lembrara milhares de vezes. Chamas azuis o cercavam e seu corpo nu não mostrava nenhuma queimadura ou bolha.

— Através da água, você veio até mim — ele disse, apesar de seus lábios não se moverem. As palavras ecoaram em sua mente. — Através do fogo, eu irei até você.

Taniel estendeu seus braços para ele, mas ele se fora. Estava sozinha na enorme cama no Castelo Hastur. Apenas a fraca luz do amanhecer brilhava do lado de fora das janelas que davam para o leste.

Saindo de sua cama, ela andou de pés nus até o berço a apenas alguns passos de distância. Seu filho dormia em perfeita serenidade. Agora com quatro meses de vida, ele estava rapidamente perdendo a aparência de recém-nascido. Suas faces, suaves como rosa de damasco, desciam gentilmente aos lábios que se movia como se estivesse sugando. Cachos negros como os dela, cobriam sua cabeça.

Olhando para ele, seu coração se acalmou e a sua respiração se suavizou. Um sorriso tocou seus lábios. Ela tinha sofrido através da violência do gelo, do lago congelado e mais, para o seu bem, nunca pensando no que ele lhe daria em retorno.

Desde o momento de seu nascimento, ele tinha sido fonte inesgotável dos sentimentos mais incomuns, um borbulhar de calor dourado das profundezas de seu coração, uma certeza, uma paz. Ela não tinha idéia de que tal felicidade existisse até o segurar em seus braços. Quão frágil a vida de um bebê podia ser e quão incerto seu futuro. Ela estremeceu ao pensamento de que algo acontecesse com ele.

Quando Taniel terminou de se vestir, silenciosamente para não chamar a atenção de suas criadas, Julian acordou. Ela o amamentou, sentada na grande cadeira acolchoada perto da lareira. Bem na hora em que terminou e estava colocando as dobras soltas do largo vestido no lugar, a criada entrou, cheia de reclamações por ela não a ter chamado logo, que não era adequado para Sua Majestade cuidar do bebê sozinha, e coisas igualmente sem sentido que Taniel já tinha ouvido uma dúzia de vezes.

— Não se preocupe! — Taniel disse com um tom de irritação em sua voz. Relutantemente, entregou o bebê à criada. — Estarei nos aposentos de meu tio. Se você fizer a gentileza de trocar suas roupas, poderia levá-lo para mim lá.

Ela encontrou Rafael terminando seu desjejum e analisando as ordens do dia. Ele

iluminou-se enquanto ela entrava e o beijava na face, convidando-a para comer com ele.

Taniqueel serviu-se de generosas porções do desjejum servido na mesa lateral: salsichas, tortas recheadas com fruta condimentada, e ovos cozidos. Ao terminar, ela resistiu à vontade de sair correndo; em vez disso sentou-se ao lado do fogo brando de primavera.

Ele a observou, olhos radiantes sob grossas sobrancelhas.

— Vejo que está descansada esta manhã, *chiya*, mas o que você faria? — Suas mãos passaram ao longo das linhas bem feitas da escrita do secretário. — Não há nada mais excitante aqui do que um embaixador vindo de Isoldir para discutir direitos de pesca e tarifas de rio.

Ela pressionou os lábios. Numa olhada, reconheceu o timbre de Elhalyn em um dos documentos. *Darren-Mikhail novamente*. Ele já escrevera antes, formalmente pedindo por sua mão em casamento. Sem dúvida, como dissera a seu tio, ele acreditava que estava salvando-a de um futuro como uma viúva desgraçada e desabrigada. A resposta de Rafael foi que já que ela havia amadurecido com a maternidade, um homem não precisava sentir pena dela para desejar pedir-lhe em casamento. Para o qual ela replicou, com certa acidez, que se o homem estivesse tão interessado em fertilidade, poderia cortejar uma *oudrakhi* fêmea no lugar dela. Como Taniquel, Rainha de Acosta, ela tinha obrigações além das inteiramente desnecessárias atenções de um marido.

Aquilo se tornou um jogo entre eles, tanto que sempre que ela o lembrava de sua determinação em recuperar Acosta para seu filho, ele retribuiria com uma referência ao pedido de casamento de Darren.

Depois de uma batida na porta interna, um dos pajens pessoais de Rafael entrou e fez uma profunda reverência.

— Sua Majestade, o Conselheiro requer sua presença. Há uma... — o garoto atrapalhou-se com a palavra desconhecida enquanto tentava repetir exatamente o que lhe tinham dito — ...uma comitiva chegando ao castelo.

— É mesmo? — Rafael, claramente de bom humor com a leve piada da manhã, ergueu uma espessa sobrancelha. — Que tipo de comitiva?

— Homens. À cavalo. Com bandeiras. — O garoto sorria. — Eu os vi subindo.

A garganta de Taniquel secou repentinamente.

— De que cor eram as bandeiras?

— Preto e branco.

Seus olhos pousaram nos de seu tio. *Se você não vai negociar com Deslucido para o bem de meu filho, então deverá fazer para o seu próprio*. Ela manteve silêncio. Se tocasse no assunto muito agressivamente, ele resistiria e se enfureceria. Com um grau de autocontrole que nunca havia praticado como uma jovem rainha mimada, ela resistiu em tocar no assunto novamente.

A expressão de Rafael permaneceu tranquila enquanto dizia.

— Pergunte a Gerolamo se ele poderia fazer a gentileza de informar a esses mensageiros que os receberei. Mantenha-os prontos.

Depois que o pajem partiu, Taniquel explodiu:

— Tio! Você não vai...

— Concordei em recebê-los, mas não disse quando. Se você se tornar Rainha em vez de só brincar disso, deve aprender que todas as coisas acontecem em seu tempo certo, mesmo sendo uma invasão ao Castelo Ambervale ou o protocolo para receber hóspedes indesejáveis.

Ela percebeu o jeito estranho de sua voz.

— E então, a audiência será por nossa vontade e não necessariamente a deles.

— Naturalmente. Não há nada mais humilhante para a presunção de um homem do que chegar pela manhã com flâmulas voando e cores radiantes e não ser capaz de dizer seu discurso até antes da hora do jantar, sabendo que lá ninguém será capaz de concentrar-se em suas palavras. Um estômago vazio pode ser um excelente aliado.

— Então irei resolver minhas próprias questões — ela disse, levantando-se — antes de levar nós dois à distração. Esses emissários podem passar o dia em ócio e amolação, mas eu tenho coisas melhores para fazer.

— Ah — ele suspirou — isso é exatamente o que sua mãe diria. Você se parece muito com ela na sua idade, já lhe disse isso?

Mesmo enquanto sorria e o beijava no rosto antes de partir, Taniquel pensou: *De um jeito ou de outro, não importa como esse negócio com Deslucido acabe, devo deixar Thendara imediatamente. Não posso nunca voltar a ser criança no castelo de meu tio.*

Em um grande saguão, Taniquel esperou em seu lugar usual ao lado do trono de seu tio. Sua cadeira, apesar de pequena, tinha descansos de braço que ela agora agradecia por ter algo sólido para envolver suas mãos. Além do tablado, o saguão já estava repleto com preparações para a refeição noturna, servos arrumando mesas de montar, recolocando luzes ativadas por *lاران*, ajeitando junco fresco, carregando jarros de vinho diluído e cerveja, cestas de pão, travessas de cerejas frescas e frutas vermelhas. Uma criada parou de recolher as pilhas de ossos roídos deixados por um par de *spaniels* que estavam em companhia de Rafael, e levou-os ganindo e gracejando como se fosse uma brincadeira.

Ao anúncio do *coridom*, os homens de Ambervale se aproximaram. Vinham desarmados, com as bainhas vazias. Taniquel reconheceu o oficial da ocupação de Acosta, apesar de não saber seu nome. Ele e os outros reverenciaram Rafael com a deferência adequada devida a um rei anfitrião.

O oficial, embora não sendo uma Voz treinada capaz da exata reprodução das palavras que fora confiado, incluindo o tom de voz e inflexão do orador original, recitou bem suas mensagens. Depois dos agradecimentos usuais para a corte, recitou um elaboradamente educado pedido pela rendição de Taniquel. Ele repetiu a transição pacífica de poder em Acosta, as muitas cortesias cedidas à jovem Rainha, a oferta honorável de casamento, as lamentações e tristeza quando foi pensado que se perdera em uma terrível tempestade, o noivo tão ansiosa e ardentemente esperando pelo seu retorno. Ele fez um excelente trabalho sugerindo que ela teria consentido livremente ao casamento, que ela e Belisar já eram de fato marido e mulher pelas antigas tradições da montanha, faltando apenas a formalidade da cerimônia *di catenas* para tornar a união incontestável, e que impedir seu retorno, constituía nada menos do que interferir com a mais solene e particular questão familiar.

Taniquel não pôde ver a expressão de seu tio enquanto ele ouvia. *Ele sabe que não consenti*, ela pensou. *Ele sabe que é uma mentira*. E ainda aquele era um tipo de mentira muito fácil. Os agentes de Deslucido iriam é claro representá-lo nos tons mais bajuladores, um rei justo e generoso, um sogro devotado, e ela uma simples mulher, instável e excêntrica, dando-lhe sua promessa num momento e fugindo no seguinte, uma mulher que nem mesmo sabia quem era o pai de seu filho, se o relato de Darren sobre os rumores fosse verdade. No final, seria a palavra de Belisar contra a dela sobre eles não terem partilhado a cama, como também a refeição e a lareira.

A discussão então mudou para assuntos territoriais, com nada resolvido. Tão suave era a transição, que uma mensagem ser posta de lado era um grande alívio. As duas missões estavam extremamente ligadas. Deslucido exigia terras de Hastur que faziam fronteira com Acosta, uma área montanhosa pouco habitada chamada Riacho Seco. Taniquel pensou que deviam responder a essa ameaça antes de Deslucido ter tempo de solidificar sua ligação com Acosta, mas não disse nada. A hora das ações preventivas havia acabado, apesar de seu anseio. Todos os ferreiros nas forjas de Zandru não poderiam colocar aquele filhote de *banshee* de volta ao seu ovo. E agora Deslucido sabia que estava viva, sabia onde estava, e pretendia usá-la como um ponto de barganha.

O mensageiro, é claro, não disse explicitamente que Deslucido retiraria sua exigência às

terras fronteiriças de Riacho Seco se o casamento de seu filho fosse consumado com sucesso, mas seu significado estava claro.

A audiência continuou longamente, o bastante para Taniquel surpreender-se com a força e persistência de todas as partes envolvidas. Nada foi concluído, exceto um acordo para continuar as discussões.

Taniquel não tinha dúvidas que Deslucido lançaria um ataque armado sem hesitação. Se fosse necessário para o bem-estar do reino de Hastur, ela poderia muito bem ser oferecida como preço pela paz. Ela não poderia esperar o contrário.

Eles podem pedir, mas não vou concordar. Não posso.

Não apenas pelo bem de Julian ou de Acosta, mas pelo seu. Não era mais a criança obediente que deixara a casa de seu tio para um casamento arranjado. Havia se tornado algo mais, a Rainha que aceitara os juramentos de fidelidade de homens com o dobro de sua idade, a mulher que enfrentara sozinha Belisar e o *laranzu* de Deslucido, que atravessara seu caminho através de gelo, tempestade e feitiços de *laran*. Antes de Ambervale marchar para Acosta, ela não tinha idéia de que era capaz de tudo isso.

O que eu sou agora? E o que me tornarei?

Estremecendo, desejou pela pequena porção de calma sobrenatural que tinha visto nos olhos de Dama Caitlin. Ao menos, o decoro requeria que permanecesse sentada e não mostrasse nada de sua agitação interior. Gradualmente, uma batida do coração após a outra, sua ansiedade se aquietara, para ser substituída por uma nova decisão.

Enquanto os dias se empilhavam um no outro, Taniquel ficou muito cansada das longas horas sentada, ouvindo muito pouca substância e um belo tratamento implicado em linguagem tão indireta e afetada a ponto de enfurecê-la. Mais de uma vez, ficou tentada a se desculpar por brincar com Julian, ou andar nos jardins, ou praticar com seu arco ou cavalgar além das paredes da cidade, escoltada por um cavaliço ou dois. Se isso era o que chamavam de comandar um reino, sentar-se por horas e ser cercada por palavras, então ela deveria aprendê-lo.

Na manhã seguinte à primeira audiência, Rafael convidara Taniquel para falar sobre estratégia durante o desjejum em sua ensolarada sala de estar e aquilo logo tornara-se um hábito. Agora, mais informal do que antes, ela envolvia Julian em seus braços. Ele adormecera enquanto mamava e o fino xale que ela usava por recato ainda cobria seus seios.

— Se há alguma esperança em evitar uma guerra total e o retorno à Era do Caos — Rafael disse — devemos encontrá-lo.

O bebê deve ter sentido o súbito pulo de tensão em seu corpo, pois choramingou e remexeu. Ela o acariciou, arrumando as dobras de seu corpete e dobrando o xale.

— Não importa o que lhe dermos, Deslucido não ficará satisfeito — ela disse. — Ele está apenas testando sua fraqueza.

Sobrancelhas grisalhas ergueram-se um pouco.

— Não tema, não estou nem ao menos considerando dar-lhe o que ele quer. Acho que esse problema é parte de algo maior, um pequeno blefe na mesa de xadrez. Não está claro o seu jogo, mas isso — ele socou o descanso do braço de sua cadeira bruscamente — é apenas o truque inicial, um movimento cuidadosamente calculado. — Vendo sua expressão confusa, ele continuou. — Por mais encantadora que você seja, minha querida sobrinha, você não vale uma guerra. Por que Deslucido arrumaria tal confusão para assegurar um entre meia dúzia de reinos? Por que não casar seu filho como uma filha ilegítima de Linn ou Verdanta ou Hawksflight?

— Acosta é mais rica do que qualquer um desses — ela salientou.

Ele balançou a cabeça.

— No sabor de seus ótimos vinhos, talvez, mas não em tudo. E ele não precisa de você para manter o que já tem.

— Comigo ao lado de Belisar, ele precisa apenas um pouco de força de ocupação... e

isso é verdade, onde Hawksflight carece de vinhedos, oferece em minério de cobre e lã de *chervine*. — Ela juntou as pontas dos dedos, pensando, lembrando-se dos Lordes de Acosta, como olharam para ela como sua salvadora. Como havia se comprometido com eles. Ela forçou seus pensamentos de volta ao problema em mãos. — Mas Hawksflight e Verdanta e Alto Kinnally são todos de colinas escarpadas e florestas, terreno difícil de manter.

— Ou cruzar.

— Não estou entendendo, tio.

Ele sorriu encorajadoramente.

— Você tem uma mente perspicaz, mesmo que não tenha sido treinada para usá-la. Esses pequenos reinos montanhosos não têm importância estratégica, exceto como passagens um para o outro. E eles levam a...? Aonde, Tani?

Ela imaginou um mapa, a locação afunilada das conquistas de Deslucido, e estremeceu à súbita sensação de frio.

A Hastur.

— No começo, pensei que seria necessário que eu fosse — ela disse, abaixando os olhos. — Mas agora... — Ela encontrou seu olhar, sem vacilar. — Não é apenas para meu próprio bem, de meu filho e de toda Acosta que eu recuso. Deslucido deve ser impedido e mandado de volta para seu próprio território. Você se lembra da comitiva dos Lordes de Acosta que chegaram logo depois da reunião do Conselho Hastur no último verão? Eles vieram implorar sua proteção contra o domínio de Deslucido. Ele prometeu paz e justiça, mas entregou apenas tirania. Javier de Terrelind, que era um sujeito tão leal como qualquer um poderia desejar, foi executado, junto com seus dois filhos. Aqueles homens estavam desesperados.

A expressão de Rafael mudou para a de questionamento.

— E como sua Rainha, como lhes respondeu?

— Como deveria, com toda a honra? Quando Padrik colocou a *catenas* em meu pulso, prometi-me às terras tanto quanto ao homem. Meu filho é o único Rei legítimo de Acosta, e jurei minha vida para devolvê-la. Não posso comandar como uma mulher? Não sou da mesma forma uma filha do Senhor da Luz? Meu dever me exige menos do que o de um homem? Não nasci para isso, gerada para isso, criada para isso?

— Sim, realmente, mas não há muitos homens que possam igualar a sua coragem. — Depois de um momento, ele disse em uma voz pensativa, — Você não me contou isso.

— O que, e voltar ao argumento que já passamos por uma dúzia de vezes? — ela irritou-se. — Eu mesma lhes respondi. Que motivo tinha eu de fazê-lo responsável por meu livre juramento?

— Fui injusto com você, sobrinha. Pensei que falava apenas de vingança; que com um marido novo desistiria de seus esquemas impensados de reconquista e ficaria satisfeita. Teria sido imprudente arriscar um único soldado Hastur em tal causa pessoal. Mas agora o jogo mudou.

Taniqueel corou de prazer pela sua desculpa. Então se lembrou da armadilha nos portões de Acosta.

— Deslucido não desistirá facilmente. Vi seus homens em ação e temo subestimá-los. Se for guerra com Hastur que ele quer, ele virá até aqui, direto para sua porta da frente, não importa o quanto queira evitar.

— Veremos — Rafael replicou. — Não sou um inimigo tão fácil quanto aqueles que ele encontrou antes.

Um delicado toque de gelo passou pela nuca de Taniqueel. Ela lembrou-se de seu sonho da manhã da chegada dos mensageiros. Coryn, cercado por chamas azuis.

“*Através de água, você veio até mim*”, ele tinha dito. “*Através do fogo, eu irei até você.*”

Ela não tinha razão para pensar que algum dia o veria de novo. Mas de uma coisa tinha

certeza. O fogo viria.

Vinte e Dois

O crepúsculo envolveu o Castelo Ambervale em uma aura perolada e depois deu lugar para uma sombra crescente. Servos corriam através do quintal da cozinha, carregando travessas fumegantes, cestas de rodela de pães, tigelas de sopa, e jarros de vinho quente condimentado. Luzes de tochas e o alvoroço da refeição noturna enchiam o saguão central.

Rumail parou no pé dos degraus que davam para uma área pouco usada do castelo e respirou duas vezes para conter seu excitamento crescente. Os outros estavam esperando por ele, acima. Seu primeiro círculo. Seu círculo. Pelo qual havia sonhado e treinado toda a sua vida.

A sala de treinamento era pequena, suas paredes de pedra sem adornos e rudimentar, seguindo os contornos gerais da torre ao redor. Rumail achou-a o local adequado para sua própria Torre, austero e digno. Ele a deixara preparada, chão e paredes esfregados, cada teia de aranha retirada, mobília simples, mas confortável.

Os dois adolescentes que achara em sua busca e a *leronis* treinada, uma monitora que tinha sido dispensada de Arilinn alguns anos atrás sob algum pretexto, sentavam-se em bancos acolchoados ao redor de uma pilha de finas velas de cera de abelha. Outras velas em candelabros espalhados, colocadas a distâncias precisas, gentilmente iluminavam a sala. Elas proviam luz o bastante para enxergar, mas não o suficiente para distrair.

Rumail cumprimentou a todos e tomou seu lugar no último banco vazio, de frente a Ginevra, a monitora. Juntos eles formariam os pontos âncora para o círculo. Rumail evitou franzir o cenho, pois ela se recusara a vestir o manto cinza que lhes selecionara como emblema de sua singularidade, símbolos aparentes que os diferenciaria de todas as outras Torres.

O manto branco de Ginevra brilhava na luz suave. Então, ela acenou para ele, o desafiando. Ele recusou-se a ser provocado. Era, apesar de tudo, seu direito vestir o manto de sua posição, mas se ela se visse apenas como uma monitora, isso é tudo o que seria. Ele desejava, não, ele precisava que ela fosse muito mais.

Rumail abaixou seus olhos para aguçar sua própria concentração. Havia instruído seus estudantes a se prepararem com exercícios de respiração e relaxamento dos músculos, e depois focalizarem nas chamas das velas. Desde o início de seu treinamento, usara uma chama de vela como ponto focal, para que tornasse a tarefa do dia mais fácil.

Quando saltou para dentro de um estado de profunda percepção, alcançando cada um deles com seu *laran*, ficou satisfeito com o que encontrou. Cada um se sentava de um modo equilibrado, músculos espinhais relaxados, olhos imóveis nas velas, confortáveis com o leve contato de Ginevra. Depois de realizar contato com cada um individualmente, ele estaria pronto para ligá-los em uma unidade única, que ele pudesse moldar e direcionar aonde desejasse.

Enfim seria um Guardião.

A garota, uma criatura sombria que encontrara em um prostíbulo usando seus talentos para convencer cada cliente de que era virgem, balançava gentilmente com o bruxulear das velas. Com um sobressalto, Rumail percebeu que não havia movimento no ar da sala; ela estava manipulando o fogo adicionando energia no ar acima dele.

Darna, não. Você deve focar na luz, não brincar com ela. Ele falou gentilmente através da mente, pois não queria desencorajá-la. Talento assim poderia ser valioso mais tarde. Primeiro deveria aprender disciplina e técnicas fundamentais. Ela não podia ouvi-lo claramente, ainda não, mas sentia seu toque mental.

Estou cansada. Quando tempo ficaremos sentados aqui?

E nem estava consciente de quão facilmente ele podia ler seus pensamentos. Ainda não tinha aprendido a confiar nele como seu Guardião; mal sabia o que era um Guardião. E como

deveria, se levava uma vida onde pessoas a viam apenas como um objeto para ser usado? Ele intensificou seu contato, sentiu-a aumentar a resistência. Ela tinha dezesseis anos, mais velha do que a maioria das noviças nas Torres, e vivera sozinha e com medo desde o despertar de seu talento. Qualquer contato exterior, ele sabia, seria doloroso, mas não insuportável. Ele não era Alton para esmagar suas defesas, forçando o contato.

Isto manterá sua atenção.

Então, ainda mantendo sua força mental na garota, virou sua atenção para o garoto. A atenção de Kyril já havia se desviado, mas não ao aborrecimento. O garoto era simplesmente indisciplinado; nunca tentara nada mais complicado do que cortar um pedaço de carne para seu jantar. Era algum filho abandonado do *Comyn*, criado em uma confortável mas ignorante loja de um mercador de roupas em Temora. Só Aldones sabia quem era seu pai ou porque ignorara um filho tão obviamente dotado. Talvez nunca pensasse em perguntar ou mesmo saber se havia gerado uma criança.

Rumail mesmo nunca passara frio ou fome; seu *laran* tinha sido identificado e treinado. Tinha tudo o que um *nedestro* podia esperar: um lugar no mundo, treinamento para seu dom, o amor de um irmão. Quando tinha visto o garoto, algo mexeu com ele, então não poderia ir embora nem mesmo se quisesse.

Kyril. Como a garota, mantinha seu toque leve, sossegado. Concentrado. Usa a luz para se manter. Vê apenas o ponto de luminosidade, nada mais.

Nem a coceira em suas costas, nem a curva das ancas de Darna, ele pensou consigo mesmo.

O garoto contorceu-se em seu banco, mas sua mente, uma confusão de cores, se elevava claramente. Rumail visualizou seu próprio *laran* como uma rede, colocado suavemente sobre o globo luminoso de cor na mente de Kyril e das aguçadas facetas cristalinas de Darna. Vagarosamente, ele firmou os fios.

Calma, calma... Não há nada a temer. Ele sabia que o próximo passo não seria fácil. Normalmente, no momento em que os noviços entravam para um círculo, já tinham anos de disciplina na Torre. Tinham estudado teoria de matriz e os fundamentos da monitoração, sabiam o que seus próprios talentos de *laran* eram e o básico de seu uso. Mesmo os mais jovens tinham extenso treinamento em controlar sua própria respiração, temperatura corporal, e tensão muscular. Mas Rumail teve que acelerar o processo com aqueles dois. Desde a praga da febre do pulmão, tudo parecia estar acontecendo além do planejado.

Bem, Rumail pensou, tinha feito o melhor que podia naquele curto tempo. Por tudo o que sabia, os métodos cansativos tradicionais de treinamento da Torre eram desnecessários. Se alguém pudesse achar um caminho simples e direto de criar um trabalho unido, ele sabia que podia. Uma vez dentro de um círculo, era capaz de manipular diretamente as mentes de seus trabalhadores e eliminar a barreira mental que normalmente levava anos para ser abaixada.

Enquanto Rumail começava a aproximá-los mais, Darna endureceu. Sua mente recuou, e ela tossiu audivelmente. Rumail sentiu sua resposta na mente e no corpo. Enviou uma onda de tranquilidade.

Confie em mim. Nenhum mal acontecerá a você.

Em resposta, ela se afastou mais. Ele sentiu sua dor crescer enquanto os músculos em seus ombros e estômago se enrijeciam. Ela respirou fundo e segurou. Ginevra entrou, relaxando os músculos da garota, mudando sua postura, e suavizando sua respiração. O pânico aumentava enquanto Darna percebia que não estava mais no controle de seu corpo. Ginevra a deteve rapidamente.

Rumail raramente vira um monitor tornar-se tão agressivo, mas ele próprio tinha apenas o nível básico de habilidades. Podia servir como monitor, como qualquer outro técnico de seu nível; *Guardião*, ele lembrou a si mesmo, mas não era um profissional.

Darna não ofereceu mais nenhuma resistência física, mas sua mente estava tão

turbulenta quanto antes. Rumail tinha que admirar a agilidade de Ginevra. Mas por que ela ignorara o nível de dor da garota? Aquilo não tinha importância, pois uma vez incluído na unidade do círculo, a dor diminuiria junto com seu atrito psíquico.

Kyрил... A mente do garoto abriu-se para Rumail quase com indolência. Ele tinha algumas barreiras naturais, mas eram acidentais e facilmente desviadas. Por enquanto, o maior problema seria o próprio garoto ser incapaz de sustentar sua parte do contato. *Kyрил, você deve se concentrar. Deve agüentar.*

Oh... tudo bem. O pensamento veio ininteligível, quase um bocejo.

Satisfeito, Rumail aprofundou seu contato com as mentes de seu círculo. Ginevra... experiente, fluindo facilmente com ele, observava os outros dois, e mantinha a garota imóvel. A mente da garota saltava de um lado para outro como um animal perseguido. Rumail dirigiu-se a ela, pegou-a. Por um momento, ela continuou a girar em seu controle mental. Então, com um tremor de confusa dor, ela se rendeu.

Sim!

O garoto, o último... qualquer foco que atingira já estava retalhado em pedaços de sonhos diários, memórias, sensações corporais.

Agüente! Rumail comandou, e no instante seguinte, ele os tinha a todos. A unidade equilibrada, a corrente mudando inquieta, puxando sua energia em três direções diferentes de uma vez.

Ele hesitou, indeciso sobre como proceder. Embora pretendesse que este primeiro contato fosse uma iniciação, um ritual de purificação, não tinha antecipado o quão frágil e instável um círculo pudesse ser. Reunir as mentes dos membros sempre parecera tão fácil para Bernardo de Neskaya. Não havia nada a fazer além de seguir adiante. Entre os dois, ele e Ginevra tinham força o suficiente para controlar os mais jovens. Primeiro, contudo, ele precisava levar todos a um plano astral mais etéreo. Sinalizou que Ginevra o apoiasse enquanto levava o círculo para o Mundo Superior. Ela o supriu de energia e firmou seu domínio na garota.

Em sua mente, Rumail visualizou o lugar gélido e cinza que pairava além da existência material. Aquilo o havia aterrorizado na primeira vez que seu próprio Guardião o levava ali, embora estivesse ciente de todas as proteções posicionadas. Sua vastidão, sua totalidade sem formas o engolfara como se ele fosse nada mais que um inseto. Mas havia aprendido a construir estruturas ali, usando apenas seus próprios pensamentos, a esculpir e formar coisas da mente além de qualquer material.

Ele se viu erguendo o círculo, forçando com muito pouco movimento. A garota parecia um peso de chumbo, o garoto um saco de geléia. Ele teria que saltar, explodir através de sua inércia com seu poder inexperiente...

Darna gritou como se mergulhada em fogo líquido. Sua agonia reverberou nos planos físico e psíquico.

O círculo se quebrou. Tossindo, Rumail mergulhou para seu próprio corpo. Seus olhos abriram-se bruscamente. Darna se curvara, braços envolvendo seus seios amplos, gritando sem parar, parando apenas para recuperar o fôlego. O garoto recostou-se, apoiado no braço, piscando confuso. Ginevra teve um pequeno calafrio, recobrando-se, e voou para cima da garota. Colocou suas mãos nos ombros dela, mas não tentou erguê-la.

Rumail tentou se levantar, mas seus joelhos tinham virado pó e sumiam debaixo dele. Ele caiu pesadamente de volta ao banco acolchoado.

O que... o que aconteceu? Não sabia se falara as palavras em voz alta, ou apenas pensou. O que havia de errado com ele? Ele era Guardião, por todos os infernos congelados de Zandru, e tinha que saber!

— Algum tipo de efeito colateral — murmurou Ginevra. Ela parecia bêbada, ou em meio transe. — Nunca tinha visto antes...

Reunindo o que sobrara de sua força, Rumail ergueu-se com dificuldade e deu dois passos até o banco de Darna. Ela ainda estava abaixada, o rosto coberto pela sombra e pelos cabelos vermelho-escuros caídos. Seus gritos continuaram, roucos agora como se saindo de uma garganta sangrando.

Então viu a expressão de Ginevra. Ela estava ajoelhada diante da garota, olhos meio fechados, o branco dos olhos brilhando, lábios torcidos e parcialmente abertos. Com prazer, ele percebeu.

Com um prazer tão intenso, que estava transbordando em êxtase sexual.

Rumail estremeceu, seu estômago fervilhando. Ácido preencheu sua boca e suor frio desceu de sua testa.

Ela... ela estava alimentando-se da dor da garota.

Rumail agarrou Ginevra e puxou-a para trás, sem se importar quando ela caiu. Pegou o rosto de Darna com as duas mãos e levantou-o para a luz. Seu rosto e mãos estavam vermelhos, onde energia mental tinha queimado os canais, chamuscando os pequenos nós sob a pele. Ele podia apenas supor o estrago interno. Mas seus olhos...

Eles não eram mais suaves castanho-esverdeados encimados por doces pestanas curvadas. Nada da estrutura da pálpebra ou do globo ocular permanecera. As duas cavidades, da sobrancelha até os ossos da face, estavam escuras, carbonizadas.

— *Ginevra!* — ele bramiu, correndo até ela. — Você fez isso, não foi?

A monitora levantou-se de onde estivera abaixada, alisando as dobras de seu manto branco. Ela o encarou, o olhar insolente.

— E se for? O que fará quanto a isso? Você é o Guardiã aqui. Não sabe que a primeira coisa sobre ser um Guardiã é que é unicamente responsável por tudo o que acontece no círculo?

Ela o empurrou e foi em direção à porta. Em choque, ele não fez nenhum movimento para impedi-la.

Os gritos de Darna diminuíram rapidamente para lamúrias. Parecia se enrolar em si mesma enquanto caía para o lado e depois escorregava para o chão. Rapidamente, ele inclinou-se sobre ela. Antes que pudesse tocá-la, seus músculos se contraíram e depois pararam. Ela ficou totalmente imóvel.

O garoto se esticou e bocejou, seu maxilar estalou audivelmente.

— Ainda é hora do jantar?

Rumail sentou-se no banco de Darna e enterrou o rosto entre as mãos. Nunca em todos esses anos, nem mesmo quando esteve diante do Guardiã de Neskaya para o pronunciamento de sua dispensa, sentira tal completo fracasso. O experimento desta noite estava condenado desde o começo.

E estes foram os melhores que pude encontrar! É irremediável! Irremediável.

Seus ombros caíram. Ele percebeu que estava em choque, ou certamente teria chorado, e o faria sem a menor vergonha.

Apenas os homens riem, apenas os homens choram, apenas os homens dançam. O velho provérbio murmurava através de sua mente.

Uma risada amarga irrompeu-se dele. O que mais poderia fazer, senão levantar e dançar?

Tão rapidamente o humor negro surgiu... O que ele esperava, com materiais tão inexperientes: dois adolescentes imperfeitos, já muito velhos para o treinamento adequado para noviços e destruídos pela suas curtas vidas, e uma monitora perversa e sádica? A falha não tinha nada a ver com ele. Ninguém, nem mesmo Aldones em pessoa, poderia transformá-los em um círculo decente.

Mas já havia uma Torre totalmente treinada e funcional lá fora... Tramontana ainda não reconheceria totalmente sua lealdade a Ambervale, e poderia não reconhecer. Mesmo depois da

morte, a influência de Kieran era poderosa. Se não Tramontana, então outra Torre. Talvez até Neskaya se curvasse à sua vontade.

Ele seria Guardião algum dia. Tinha de ser. Era seu destino, os meios pelos quais ele moldaria o futuro de Darkover, como Damian sonhara.

Uns dez dias mais tarde, depois que os embaixadores vindo de sua missão em Hastur fizeram seu relato e se retiraram abaixados dos aposentos privativos do Rei no Castelo Ambervale, Damian Deslucido virou-se para seu irmão com um sorriso triunfante.

— Aquela velha raposa, Rafael! Porque percebeu a armadilha, ele pensa que pode evitar colocar seus pés nisso. Mas nós o temos agora. Ele deve negociar conosco.

Rumail estava inquieto e observou seu irmão começando a andar de um lado para o outro, como sempre fazia quando se sentia expansivo.

— Considere a situação — Damian continuou, gesticulando enquanto pensava em voz alta. — Nós colocamos nossos planos adiante baseados em direito e costume. E nenhum homem pode dizer que não temos causa suficiente. Agora é a hora de atacar, e atacar decisivamente!

Damian parou, olhos chamuscando com a visão interior. O que Rumail já tinha visto como a certeza de uma verdadeira missão agora se tornava um barulho vazio e descarado.

Rumail franziu o cenho. *Devo encontrar um modo de acalmá-lo, antes que ele nos leve ao desastre.*

Seu plano original era a fusão de recursos, incluindo a Torre Tramontana, antes envolvida no poder de Hastur. A perspectiva não tinha parecido boa até que o *emmasca* de Aillard, aquele baluarte de neutralidade, morrera, presumidamente de velhice extrema. Mesmo depois, a Torre resistiu às legítimas reivindicações de lealdade como confusas e conflitantes. Tomas, Guardião do Primeiro Círculo e agora, por experiência e personalidade, o líder da Torre, poderia ser um distante primo de Ardaís, mas era o quarto filho de um terceiro filho, vindo de uma pequena propriedade com poucas defesas. Com apenas um pequeno esforço, Damian seria capaz de trazer a mãe de Tomas e única irmã para Linn, onde poderia mantê-las sob vigilância junto com a garota Storn. Não precisaria de muito mais negociações para conseguir a cooperação do Guardião.

A perspectiva original tinha começado a se desintegrar com a praga da febre do pulmão em Verdanta. A despeito de sua vitória em Tramontana, a tentativa de Rumail de formar seu próprio círculo tinha terminado em desastre; um de seus estudantes morrera e o outro era um pouco mais do que um idiota babão, incapaz de aceitar a disciplina de um círculo. A lembrança ainda tinha o poder de abalá-lo.

Não havia motivo para lamentação, *Se apenas tivéssemos esperado, poderíamos ter controlado a praga, se ao menos eu tivesse tido tempo...* Rumail era realista o bastante para saber que o único problema que importava era o que estavam enfrentando. E ainda agora, havia a confiança desenfreada de seu irmão.

Rumail procurou cuidadosamente as palavras.

— Essa é uma guerra que você poderia ganhar? Temos essa força?

— Somos o que sempre fomos, prontos para agir quando a oportunidade certa aparece. A coragem deve prevalecer quando em serviço da justiça.

— Contudo Hastur é uma família com muitos ramos, rica em recursos e armas. Precisa enfrentá-los sozinho contra eles?

— Um poderoso aliado, comprometido com a defesa do outro, pode ser uma grande vantagem, — disse Damian, embora sem convicção.

No passado, Damian nunca procurara aliados nos Domínios estabelecidos, nem por aliança ou por casamento. Ele conquistou, não fez acordos. Não era o tipo de personalidade que

aceitava facilmente um cargo subordinado. E depois da derrota de Ridenow de Serrais há uns duzentos anos atrás, nenhum outro clã pensaria em desafiar Hastur.

— Isso não é exatamente o que tenho em mente — Rumail disse. — Rafael Hastur é formidável, mas seu poder não é nada comparado à força combinada de todas as grandes casas de Darkover. E se não precisarmos utilizar a força dos exércitos? E se pudermos apelar a uma corte de nobres para julgar a questão?

— Uma corte? — disse Damian. — Pensa que Rafael Hastur, que não conhece lei senão a sua, iria docemente submeter-se a um julgamento externo? Ele iria ouvir e sorrir e faria exatamente o que quisesse. — Mas a idéia claramente intrigou Damian. — E quem seriam esses nobres?

— O próprio Conselho *Comyn*. Não tem sido particularmente ativo nesses anos atuais, mas já foi de grande autoridade por todos os Domínios. Nenhum herdeiro podia tomar o lugar de seu pai sem sua inspeção ou aprovação, nem nenhum casamento poderia acontecer. Estas eram, apesar de tudo, questões de linhagem de *laran*.

— Bah! O Conselho não tem poder real hoje em dia. Hastur nunca aceitará um veredicto que vá contra ele.

Mentalmente, Rumail pôs de lado as objeções de seu irmão. Certo, o Rei Rafael II não tinha força especial de *laran* e passara apenas algumas estações na Torre Hali como parte de uma educação real, mas muitos daquela família maldita eram dotados. Os programas de procriação dos últimos séculos tinham produzido estranhos e extravagantes talentos, incluindo o dom Deslucido de esquivar-se ao feitiço da verdade. Outros talentos corriam por todas as grandes casas, especialmente fortes em Hastur.

Rumail poderia jurar que a garota Hastur tinha sido a única a se libertar de seu feitiço de compulsão aos portões de Acosta, embora depois, quando ele a testara em várias ocasiões, sua mente se agitara com as emoções esperadas de uma viúva recente ou tinha estado tão vazia quanto a de uma vaca. Pelo modo como ela se focara em sua comida, provavelmente estaria tão gorda quanto Durraman em poucos anos. Ela tinha algum *laran*, isso era claro, mas não o bastante para valer o treinamento. Belisar ainda a queria, apenas Aldones sabia o porquê, provavelmente porque ela o recusara. Ele a manteria grávida até ela morrer de parto ou estar tão exausta até que não representasse nenhuma ameaça.

Mas Hastur era *Comyn* e fez uma grande exibição de seu apoio ao Conselho. Até tinha seu próprio grupo de conselheiros, cuja meta principal, até onde Rumail podia contar, era defender a eliminação das armas de *laran* mais eficazes. Hastur tinha considerável poder militar, mas sua influência sobre os outros Domínios, e mesmo os ramos de sua própria família, dependiam de sua reputação e liderança. Tendo se afirmado no Conselho, ele não ousaria voltar atrás.

— Pense nisso, irmão — disse Rumail. — Ao invés de espirrar mais sangue para estabelecer nossos direitos, levaremos nosso caso perante o Conselho. Hastur declarou publicamente sua lealdade a eles. Ele concordará com seu julgamento ou se revelará um completo hipócrita. Com minha pequena ajuda, Belisar pode jurar sob o feitiço da verdade que a garota Hastur concordou com o casamento. O Conselho ordenará que ela retorne para nós. Então Hastur deverá também concordar, o que não vai, ou arriscar estar sozinho contra nós. Então estaremos justificados perante todos ao tomar o que é nosso por direito.

Os olhos de Damian se arregalaram. Vagarosamente ele sorriu.

— Como você está certo, irmão. A garota em si não significa nada para mim, apenas um meio de separar Hastur de seus aliados. E na hora que ganharmos com seu maravilhoso truque, homens e material, e mais do que tudo, aquelas armas de *laran* que irão garantir a nossa vitória...

Rumail sentou-se em uma cadeira acolchoada e envolveu suas mãos na barriga que tinha ficado maior e mais cheia desde Neskaya.

É a sua hora, irmão, Rumail pensou com uma sensação inesperada de contentamento, e eu terei a minha. Não um par de crianças mimadas e destreinadas e uma sádica renegada, mas um verdadeiro Círculo de Poder...

...Para um tempo em que diplomacia e manipulação falhassem, quando armas comuns se tornaram inúteis. Estoques de *fogo aderente* estariam esgotados. Depois o verdadeiro poder de uma Torre seria jogado contra a outra. Paz viria eventualmente, mas uma paz muito mais gloriosa do que qualquer uma que Damian poderia imaginar. Logo que homens comuns reinassem, comandando as Torres de um jeito ou de outro, não poderia haver nenhum último cessar-fogo. O objetivo de Damian, um Darkover unido e harmonioso, será verdadeiro. Limitado como era pela sua própria falta de *laran*, ele não poderia ver nada menos do que soluções militares.

Dia virá em que os verdadeiros comandantes de Darkover assumirão o controle. Falaremos mente para mente, entendendo cada um com perfeita claridade. Nenhum homem será capaz de enganar o outro

.

Vinte e Três

Nos últimos três dias de jornada à Cidade Oculta perto de Arilinn, onde o Conselho *Comyn* mantinha suas reuniões, relâmpagos secos cortavam o céu de verão. A pele de Taniquel formigava de impaciência, reprimindo energia. Mesmo Dama Caitlin, que viajava em companhia di Rei Rafael como *leronis* e dama de companhia, dormia mal, comia pouco, e começava frases que terminavam distraidamente.

O apetite de Taniquel havia sumido enquanto seu leite secava, mas ainda assim seus seios vazios doíam e de noite ela se encontrava procurando por Julian. Mais de uma vez, ela enterrara sua face em um travesseiro para sufocar o choro. Ninguém a forçara a deixá-lo para trás com uma ama de leite. Ela, mais do que ninguém, sabia o quão perigoso seria levá-lo para qualquer lugar próximo ao alcance de Deslucido. Quando ouvira sobre as convocações ao Conselho *Comyn*, ela correria aos aposentos de seu tio, onde ele estava sentado diante de um leve jantar de verão.

Seu tio a olhara com a mesma combinação de indulgência e tolerância como tivera antes depois da pior de suas travessuras de infância.

— Nós somos obrigados a atendê-los em qualquer evento — ele salientou — ou a mandar algum representante adequadamente importante. Eu sou, apesar de tudo, Hastur de Hastur. — Ele se curvou diante de sua sopa fria de cereja.

Haveria outros assuntos legítimos do Conselho, embora Taniquel não tivesse certeza do que poderia ser. Em todos os seus anos em Thendara e depois Acosta, ela nunca teve nada a ver com o Conselho, não sendo nem herdeira e nem possuidora de qualquer *laran* merecedor de atenção. Suas reuniões sazonais iam e vinham sem qualquer percepção de sua parte.

— Essa pode ser nossa maior esperança para uma resolução pacífica — disse Rafael. — Deslucido pode pensar que pode usar o Conselho para seus próprios propósitos, mas no final serão eles que decidirão por ele. Do mesmo modo como o cão selvagem se arrasta ao local do incêndio, pensando apenas no calor e em uma barriga cheia, também Deslucido não pode entrar no mundo do *Comyn* sem curvar-se à sua vontade.

Você não conhece Deslucido. Taniquel abaixou seus olhos e manteve-se imóvel.

Uma vez ela teria olhado para uma entrada nas reuniões do Conselho como uma aventura, mas agora, enquanto as torres de Arilinn e a Cidade Oculta se aproximavam cada vez mais, sua cabeça doía com a pressão inflexível que a lembrou do dia em que Acosta fora atacada. Como um aviso, aquilo foi inútil, pois ela já sabia do perigo e, muito provavelmente, a traição aguardava à frente.

Enquanto cavalgava adiante, tendo teimosamente se recusado a dividir a carruagem com Dama Caitlin, ela largou as rédeas no pescoço do cavalo e pressionou as duas mãos nas têmporas, massageando os músculos tensos. Um dos guardas deve ter percebido, pois uns minutos mais tarde, uma pausa foi pedida e ela foi chamada pelo seu tio. Ele perguntou se ela não estava bem e ela percebeu como seria fácil atrasar sua chegada por umas poucas horas de descanso. Mas ela balançou a cabeça e disse que descansaria quando tivessem chegado à cidade. Ela aceitou um pouco de vinho e rapidamente arrependeu-se, pois este se demorou, azedo e incômodo, em sua língua.

Sempre soube o quanto Thendara era grandiosa perto de Acosta, pois era a maior cidade de toda Darkover e tudo ali, desde o dialeto especial *cahuenga*, até suas duas Torres, a diferenciava. Acosta, que um dia fora todo o seu desejo do coração, parecia mínima em comparação. Arilinn, apesar de menor, não era menos magnífica.

Duas montanhas se localizavam além da cidade e moldavam-na como uma pedra

preciosa, multicolorida e multifacetada, radiante à sombra da Torre de mesmo nome, que era de longe a construção mais alta. Mesmo quando criança, Taniquel ouvira histórias de seu misterioso Véu e guardas em vermelho e dourado. Agora ela ainda não tinha coragem de observá-la.

Entre os cumes idênticos, no interior de um caminho tranqüilo para a própria Arilinn, localizava-se a Cidade Oculta, visível somente como uma brancura envolta de azul, seus contornos obscurecidos por uma névoa permanente. Era ali que o Conselho *Comyn* se encontraria, atrás de portões trancados por fechaduras de matriz que apenas um Guardião poderia abrir. Seu tio lhe explicara que, no decorrer dos séculos, desde antes da Era do Caos, ela tinha sido usada como um lugar de refúgio pelo *Comyn*.

Refúgio. E talvez também justiça. Ela ergueu sua cabeça, endireitando seus ombros, e começou a subir. *Mas para quem?*

Pouco depois de sua chegada, o Guardião de Arilinn os guiara até os portões da Cidade Oculta. Taniquel seguiu seu tio, seu *paxman* Gerolamo, e a Dama Caitlin para dentro da camada baixa de nuvens. Apenas uma mistura de orgulho e treinamento mantinha seu rosto impassível, suas mãos quietas.

A névoa os encobriu e, por um momento, ela não pôde ver nada além do comprimento de seu braço. Correntes de energia a rodeavam, tornando sua pele ao mesmo tempo quente e fria. Os sons dos passos ecoavam fantasmagoricamente na névoa.

Então, como se uma súbita brisa tivesse surgido, as névoas se abriram e eles avistaram uma parede de pedra erguida ali com janelas que brilhavam suavemente azuis próximas a um único portão duplo. Não havia fechadura ou tranca visível, como Taniquel já sabia, com aquele *laran* meio desenvolvido, e ela poderia empurrar com toda a sua força, e não os moveria pela espessura de um fio de seda. Antes ela tentasse deslocar os picos idênticos.

O Guardião, um homem atarracado com cabelo antes vermelho, mas agora com a cor de palha desbotada, retirou uma pedra-da-estrela das dobras de seu manto vermelho. Esta brilhou com sua própria luz interior. Sua testa franziu em concentração enquanto se inclinava sobre a pedra; os lábios se moviam silenciosos. A dor de cabeça de Taniquel, que havia diminuído para um vago desconforto, agora latejava dentro de seu crânio. A dor suavizou enquanto os portões se abriam.

Taniquel avistou um quintal com jardim, um poço com heras de flores amarelas pendentes, caminhos de pedregulhos entre construções que deveriam ter alojamentos ou depósitos, todos dando para um saguão central. Um par de *cralmacs* passou correndo, com cestas cobertas em suas pequenas mãos peludas, e Taniquel lembrou-se que não eram permitidos servos humanos dentro dos muros.

Seus aposentos eram modestos no tamanho, com mobília simples, mas frescos e limpos. Havia um aposento para Rafael com um pequeno quarto adjacente para Gerolamo, como também um aposento para as duas mulheres, separados por uma pequena sala de estar cujo único ornamento era um vaso com margaridas frescas. Um jarro de água e uma cesta de frutas foram colocados em uma mesa ao lado de uma janela que dava para o jardim. O Guardião pediu aos *cralmacs* que trouxessem tudo o que precisavam antes de dispensá-los.

Naquela noite, Rafael executou a reunião de abertura, com Gerolamo como uma sombra silenciosa. Taniquel deveria ter ido como visitante, mas ele a precaveu que seria melhor que nenhum dos membros do Conselho formasse uma prévia opinião sobre ela. Alguns, como os irascíveis Altons do Lago Posada, eram bastante tradicionais para considerar a presença de qualquer mulher, mesmo as matrilineares Aillards, como incompatível e com sérios problemas.

Dama Caitlin usou algumas técnicas de *laran* na lâmpada de querosene, fazendo-a brilhar forte o bastante para costurar e então se sentou com seu trabalho, costurando o que parecia ser a camisa de um homem. A roupa era de tecido fino das Cidades Secas, mas sem

nenhum bordado. Era, a despeito de sua qualidade, uma camisa para o dia-a-dia.

Taniqueel sentou-se um pouco, observando a agulha brilhar na luz enquanto entrava e saía do tecido. Era agradável ficar parada, envolvida pelo ritmo constante. Desde o nascimento de Julian, ela dificilmente tivera dois minutos livres em silêncio.

— Nunca pensei em vê-la fazendo algo tão... tão prático.

— Por quê? — Caitlin ergueu os olhos, piscando distraidamente. — Por que sou muito bem nascida para ter qualquer utilidade?

— Não, porque é uma *leronis*. Faz um trabalho importante na Torre.

— Faço sim, mas não a toda hora. Mentes precisam descansar tanto quanto os corpos. Sempre achei relaxante costurar. E não importa o que mais fazemos, ainda precisamos de calor, roupas confortáveis, e alguém tem que costurá-las.

— Poderia ter uma costureira para isso. — Taniqueel nunca tinha costurado nada voluntariamente, nem mesmo suas próprias roupas.

Caitlin concordou, voltando para seu trabalho.

— E então não teria o prazer de criar algo bonito para alguém que gostasse. Isto — ela ergueu a camisa — durará anos se eu for cuidadosa com meus pontos.

Taniqueel inclinou-se, interessada.

— É para seu pai ou seu irmão?

— É para um querido amigo em Hali. — Caitlin deu às palavras a inflexão indicando delicadamente uma profunda intimidade.

Taniqueel corou. A correta e íntegra Caitlin tinha um amante? Ela ouvira que trabalhadores das Torres não tinham as regras comuns de compromisso.

A imagem de Coryn, nu entre as chamas azuis, alcançou-a com certa ternura, brilhando atrás de seus olhos.

— Oh, minha querida — Caitlin disse, baixando seu trabalho com um sorriso. — Nunca me disse que estava apaixonada.

— Eu nunca... — As palavras de Taniqueel pararam, hesitantes. Ela não mencionara Coryn senão brevemente na ocasião de sua chegada em Thendara, para explicar a cura de suas queimaduras de frio. — Você leu meus pensamentos?

— Você quase me jogou a imagem de seu jovem... aquele de Tramontana, não é?

Taniqueel corou profundamente.

— Mas ele deve ser Guardião de Neskaya, como eu devo ser Rainha e Regente de Acosta, se essa é a vontade dos deuses.

Caitlin passou as pontas de seus dedos nas costas do pulso de Taniqueel num gesto que lhe lembrou intensamente de Coryn.

— Não posso ler o futuro, mas você deve estar realmente certa. Mas uma coisa eu sei, — e agora Taniqueel sentiu o tom da experiência na voz da mulher mais velha, — que uma vida que é tocada pelo amor, não importa a intensidade, é infinitamente melhor do que a vida sem ele.

Taniqueel foi com seu tio e seu *paxman*, acompanhada por Dama Caitlin, à sala de reunião na manhã seguinte. Enquanto cruzavam o pátio, o sol a esquentava e a fragrância dos ramos das pequenas flores cor-de-rosa das videiras pendentes passava sobre ela, apesar de não poder prestar atenção à beleza do dia. Quando perguntara a Rafael o que acontecera na noite anterior, ele recusou-se a dizer mais do que:

— *Amanhã, quando for testemunhar, responda apenas o que lhe for perguntado e nada mais. Acima de tudo, não desafie Deslucido. Tudo o que conseguirá será uma derrota garantida.*

Eles passaram através do auditório externo onde, nas estações mais frias, mantos reforçados e botas de pêlo podiam ser retirados dos ganchos e suportes, dedos congelados

serem esquentados ao redor de canecas de *jaco* fumegante, e gracejos trocados. Agora a sala era apenas um espaço bem proporcionado, mas com uma sensação de vazio. Uma tigela com rosas amarelas tinha sido colocada na mesa lateral, seu aroma tão delicado para ser uma leve insinuação.

Taniquel quase não teve um momento para olhar ao redor da câmara interna antes de se sentar ao lado de seu tio, com Dama Caitlin atrás deles. Sua primeira impressão permaneceu, as paredes curvadas acima, de modo que cada pessoa podia ver os rostos de todos os outros. Claramente, tinha sido projetada para muito mais do que uma dúzia e meia dos que agora se sentavam, observando-a com rostos calmos e sérios. Ela esperava apenas homens, exceto por ela e sua acompanhante, mas havia uma grande quantidade de mulheres. Ela as olhava curiosamente e sentia a sua leve presença enquanto elas olhavam de volta.

Damian Deslucido, no lado oposto da mesa oval, encontrou seus olhos e ela pensou ter visto neles a certeza da vitória. O Guardiã que tinha aberto a cidade para eles sentou-se um pouco afastado, talvez como testemunha, mas não como um participante igual. Ela não pôde saber quem estaria presidindo até que um homem idoso, em vestes de tartã de um clã que não pôde reconhecer, ergueu uma mão pedindo silêncio. A idade tinha descorado sua pele como um pergaminho e embranquecido seu cabelo até não aparecer nenhum traço de sua cor original.

O Guardiã então se levantou, seu manto vermelho caindo em finas dobras sobre sua estrutura esguia. Ele retirou sua pedra-da-estrela, que cintilou suavemente ao toque de seus dedos nus. Pálpebras se fecharam e lábios se moveram em silenciosa concentração. A assembléia esperou e Taniquel esperou junto, segurando inconscientemente sua respiração.

— Sob a luz do fogo desta jóia, que a verdade ilumine esta sala e tudo o que ocorre em seu interior.

A pedra-da-estrela cintilou novamente, suave e depois mais forte. Radiação azul-celeste iluminou o rosto do Guardiã e irradiou para fora até preencher a sala. Objetos inanimados, a mesa com os jarros e taças de metal estanho escuro, rapidamente voltaram a sua cor natural. Mas em cada face ela permanecia, como se emanasse de dentro, sem sombra ou brilho. Algumas se tornaram azul profundo, outras mais claro, mas todas brilhavam com uma luminescência interna. Taniquel pensou que devia ser o *laran* emanando de cada pessoa. Ela sentia o toque doce e frio da luz e sabia que, não importasse o que Dama Caitlin tivesse dito há tantos anos atrás quando fora testada, ela pertencia àquele lugar.

Como comynara. Como Rainha de Acosta.

— Meus Lordes, vocês devem prosseguir — o Guardiã disse. — Se qualquer um ousar pronunciar um falso testemunho, a luz da verdade desvanecerá do rosto dele... — com uma rápida olhada na direção de Taniquel — ... ou dela.

Depois de uns poucos comentários formais, o velho homem de tartã introduziu a discussão da manhã. Na abertura da sessão, Damian Deslucido, Rei de Ambervale e Linn, havia apelado ao Conselho *Comyn* pelo retorno da esposa prometida de seu filho, cujo casamento curaria as cicatrizes do tumulto de Acosta, promoveria alianças de paz, e traria prosperidade. O velho falou em tons tão neutros que Taniquel não tinha idéia se ele acreditava em alguma coisa do que dizia, ou apenas era como Deslucido apresentara seu caso.

Então o velho olhou para Rafael e, com exatamente a mesma monotonia, continuou a descrever como a noiva mencionada, Taniquel Hastur-Acosta, tinha fugido de um casamento forçado com o homem que tão recentemente assassinara seu amado marido e conquistara seu reino, que ela tinha naturalmente procurado a proteção de sua própria família, que a amava, e não tinha intenção de partir.

Taniquel desejou ser uma telepata, para poder ler os pensamentos do *Comyn* ali reunido, ou ao menos o bastante de empatia para captar suas emoções. Tudo que podia sentir era seu próprio medo martelando. Em quem acreditariam? Em quem eles queriam acreditar?

— Vamos ouvir da própria mulher — disse um homem mais jovem nas cores verde e dourado de Ridenow.

Há mais de um século atrás, Allart Hastur colocara um fim na longa rixa entre Hastur e Ridenow, pelo que então Serrais e Thendara podiam ser considerados aliados.

— Taniquel Hastur-Acosta — o velho disse.

Ela ergueu o queixo, para que todos vissem que não tinha medo.

— *Vai dom.*

— O que tem a dizer? Esse casamento, essa aliança de paz, é bem recebido por você?

Responda apenas o que for questionado.

— Definitivamente não, meus Lordes. — Ela olhou diretamente para Deslucido, olhos firmes. — Eu nunca consenti com isso. — Enquanto falava, Taniquel sentia a luz imóvel brilhar em seu rosto.

Ela sentiu mais do que ouviu o murmúrio de reação ao redor da sala. Triunfo faiscava dentro dela. Ela encarara Deslucido e fora garantida pelo próprio feitiço da verdade. Quem ousaria questioná-la agora?

— Deseja permanecer na propriedade de seu tio, Rafael Hastur? — um outro do Comyn perguntou.

Eu desejaria governar Acosta como é meu direito, preservá-la e garanti-la para meu filho.

Ela não disse as palavras em voz alta, apenas em seu coração. Disse:

— Sim.

— Mais precisamente — o Lorde barbado nas cores de Alton disse, não para ela, mas para a assembléia — ela fará como for ordenado? Honrará nossa decisão e os comandos de seu Rei? Ou a teremos outra vez correndo pelo campo, seguindo seus próprios caprichos, pensando apenas em si mesma, desatenta às conseqüências? Pelo seu tom, é indicado que se case de uma vez com alguém que seja homem o bastante para impedi-la de causar mais problemas.

Aflita, Taniquel engoliu uma resposta. Ele estava tentando coagi-la, testá-la, ou era simplesmente impensadamente rude?

O feitiço da verdade irradiou do rosto de Rafael, enquanto ele dizia com perfeita educação:

— Sou parente desta mulher, *vai domyn*, e sou responsável por seu comportamento. Se tiver algo mais a dizer sobre este assunto, Alton, é melhor dizer para mim.

— N-não... não desta vez.

— Há mais alguma dúvida? — o velho Lorde disse. — Então ouviremos a réplica.

Por um longo momento, Damian Deslucido olhou para suas mãos, palmas estendidas para baixo diante dele na mesa. Os dedos eram grandes e fortes, calosos pelo trato com a espada, as costas de uma mão cruzada por uma antiga cicatriz. Não usava anéis, contudo uma pele branca e brilhante na base de vários dedos denunciava sua ausência. *Aquelas eram as mãos*, Taniquel pensou, *de um homem que os outros soldados respeitariam.*

Ele ergueu sua cabeça, todos podendo ver a fraca luz azul em seu rosto.

— Meus Lordes, o que posso responder senão a verdade? Guerra é guerra, uma coisa que mulher não entende. Não nego que derrotei Padrik Acosta no campo de batalha e agora comando seu reino. Quando palavras falham em resolver nossas diferenças, o aço triunfa e essa foi a solução. Nós homens sabemos que as coisas são assim, e também os homens de Acosta. Eles sabem, como todos nós, que depois de tal vitória rápida e decisiva, o fim da matança e a nova ordem prevalecem. Logo que o castelo esteve seguro, toda cortesia foi estendida à recente viúva do Rei. Atendida pelas suas próprias damas, ela permaneceu na segurança de seus próprios aposentos com todo o conforto familiar. O que ela tem para reclamar quanto a isso?

Ao redor da mesa, cabeças concordavam. O velho disse a Taniquel:

— Você foi maltratada... molestada, passou fome, foi humilhada, jogada em uma masmorra?

— Eu... Não, nada disso aconteceu. — *Mas não foi isso que aconteceu.*

— Foi-lhe oferecido um honorável casamento com meu filho, — Deslucido continuou, sua voz tornando-se ainda mais sedosa e confiante — o qual, como lhes disse, é meu único herdeiro. Ela teria sido Rainha não apenas de Acosta, mas de todas as terras de Ambervale Maior. — Com o breve gesto de uma mão, ele demonstrou a vastidão de suas conquistas.

Taniquel corou enquanto o Velho Alton exprimia sua desaprovação. Ela viu nas faces do *Comyn* que todos a achavam uma tola de cabeça fraca por recusar tal riqueza e poder.

Ela tremeu um pouco, percebendo que perdera uma parte do discurso de Deslucido.

— ... dando a devida consideração às sensibilidades de uma mulher jovem, inexperiente, e recentemente uma viúva. A despeito da urgência de uma suave e completa transição de poder, meu filho quis ser paciente. Foi-lhe permitido fazer vigília na capela ao corpo de seu marido e vê-lo sepultado adequadamente, antes mesmo de pedir.

Guerra, como Deslucido dissera, era guerra, Taniquel pensou miseravelmente. Nenhum lamento ou protesto poderia trazer Padrik de volta ou desfazer o que tinha sido feito. Como uma mulher, lhe era esperado aceitar o que acontecera e fazer o melhor futuro que podia.

— Na mesma noite em que desapareceu, ela jantou com meu filho e comigo. Brindou o futuro de Acosta conosco. Deu toda a indicação de que a condição lhe era aceitável. O que pensamos quando nenhum sinal seu foi encontrado na manhã seguinte? Tememos por sua segurança; procuramos por todo lugar. Por que uma noiva que parecera tão contente deixaria o conforto e segurança de seu próprio lar, ao menos que algo terrível tenha lhe acontecido? Mas não encontramos nenhum corpo, nenhuma pista de assassinato ou seqüestro.

Não, não foi assim. Não foi nada desse jeito. Taniquel lembrou-se das horas de terror e exaustão na trilha, sem ousar descansar muito tempo para que não a encontrassem.

— Então descobri que está a salvo, quando pensávamos que estava morta ou pior, estivera bem o tempo todo, e... — Damian ergueu suas mãos indicando incompreensão por tanto capricho — e não lhe agrada voltar. Talvez a vida em Acosta seja sem graça perto das diversões de uma cidade grande como Thendara. Talvez tenha encontrado outro pretendente, um mais a seu gosto. Quem pode dizer? Ela poderia voltar a si e decidir voltar ao seu lar; a aceitaremos com prazer e nos mesmos termos de antes. Um casamento adequado *di catenas*, para ser Rainha de Acosta e consorte do herdeiro de Ambervale Maior, a segurança de tudo que já conhecia. Porém — e ali a voz dourada de Deslucido escureceu para o bronze — não somos bárbaros das Cidades Secas, para impor nossa vontade a uma mulher claramente relutante, se ela tiver alguma razão. Aqueles que são fracos de vontade ou simplesmente enganados podem ser guiados e os ignorantes darão as instruções.

Ele balançou sua cabeça.

— Deixo isso com sua sabedoria, meus Lordes, para decidir qual é o caso com Taniquel Acosta. Não peço nada que não seja justo e direito. Se sentirem que ela tem razão em recusar seu lugar sugerido, então a simples justiça demanda o pagamento de um dote em recompensa.

As terras vizinhas!

Então tudo chegara a isso, como havia temido. Taniquel levantou-se para deixar a sala como fora ordenado. Um servo *cralmac* a levou com Dama Caitlin de volta ao aposento. O toque dos esguios dedos peludos nos seus não trouxe conforto, pois a criatura nada falou. Pensamentos se confundiram em sua mente, todas as coisas que teria dito, deveria ter dito.

O *cralmac* deixou-as na porta. Taniquel não percebera como estava nervosa; seus

músculos estavam retesados como as cordas de uma *rryl*. Algo a atormentava no fundo de suas mente, algo que estava errado.

Caitlin se aproximou com um leve toque, as pontas dos dedos sob o braço de Taniquel enquanto a levava para dentro da sala de estar até uma cadeira.

— Minha querida, está tremendo como uma folha.

Taniquel aceitou um copo de chá frio de ervas, apesar de não estar com sede. Caitlin havia adicionado menta e mel de folhas junto com algo adstringente.

— É inútil — Taniquel disse. — Não devíamos nunca ter vindo. O Conselho certamente mandará que o Rei me devolva ou entregue as terras de Riacho-seco. Deslucido — *que ele vá para o inferno mais frio de Zandru!* — obteve sua vitória.

Vinte e Quatro

— Você ainda não sabe o veredicto do Conselho, — Caitlin precaveu Taniquel.

— Se pretendem descartar esse caso, por que não fazer de uma vez? Por que demorar tanto? A menos... a menos que ele já tenha conseguido o que queria, ser aceito como um do *Comyn*, para ser incluído como um membro do Conselho. Não — Taniquel continuou, respondendo a si mesma, — deve ser mais do que isso. Ele é um homem orgulhoso, mas não desse jeito. Não é posição e reconhecimento que quer, mas poder.

— Agora está falando como seu tio — disse Caitlin com um sorriso.

— Pretendo tomar Acosta de volta e mantê-la para Julian — replicou Taniquel. — Eu poderia fazer pior do que aprender os modos de um grande Lorde com meu tio.

Caitlin sentou-se de novo em sua própria cadeira e procurou por sua costura.

— É uma pena que mulheres não possam governar, pois algumas, como você, têm a mente para isso, como outras têm um talento para cozinhar ou assar pão ou trabalhar com matriz, como eu tenho. Pelo que sei, há mulheres com talento para o manejo da espada. Mesmo que você tivesse *laran*, seria um desperdício numa Torre... Qual é o problema, criança? — ela exclamou quando Taniquel se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Ah! Eu não sei! Sim, estou preocupada pelo Conselho ter ficado ao lado de Deslucido. Há algo mais, algo que aquele homem disse, errado, errado! Gostaria de lembrar o que era. Ah, de que adianta?

Taniquel sentou-se novamente, pegou o copo, colocou-o na mesa de novo. Seu corpo se recusava a ficar parado, seus braços e pernas em constante movimento. Ela queria pular, gritar, atirar alguma coisa.

— Tudo o que Deslucido falou estava errado! — exclamou Taniquel. — E ainda assim suas palavras eram verdades, elas deveriam ter sido. Eu vi a luz da verdade em sua face... e ela nunca se desvaneceu.

Serenamente, Caitlin inclinou sua cabeça sobre sua costura.

— O feitiço da verdade é a confiança que torna o Conselho possível.

— E qual a vantagem do Conselho? — As *têmporas* de Taniquel ardiam. — Onde estava quando Deslucido usou carros aéreos e bombas de fumaça para cercar Padrik em seus próprios portões?

— O Conselho — replicou Caitlin, baixando seu trabalho em seu colo e encarando Taniquel com olhos escurecidos e sérios — é o único lugar em Darkover onde reinos inimigos podem trabalhar juntos para seu benefício mútuo. Aonde questões de *laran* podem ser abertamente divulgadas e conhecimentos trocados. Sem tal comunicação, os programas de procriação poderiam ter continuado sem controle, com horrores muito além dos recessivos letais e mutações de energônios que conhecemos.

Taniquel pensou no comentário. *Ninguém hoje em dia forçava casamentos entre irmão e irmã, pai e filha, em uma tentativa desencaminhada de fortalecer um laran raro. O que isso tinha a ver com trazer Deslucido à justiça?*

— Talvez — continuou Caitlin, como se pensando em voz alta — algum dia o Conselho evoluirá para uma corporação capaz de resolver diferenças sem lutar. Rafael compartilha essa esperança, que é o motivo de estarmos aqui.

Taniquel percebeu então que, enquanto Rafael não aceitasse as exigências de Deslucido, consideraria a si mesmo preso à vontade conjunta do Conselho. Esse era o preço de usar aquele mesmo Conselho para ficar contra Deslucido, para eventualmente contê-lo e subjugá-lo.

— É uma coisa homens comuns golpearem uns aos outros com espadas por não terem inteligência ou paciência para se controlar — continuou Caitlin. — É outra coisa quando as Torres devotam-se à destruição impensável. Pensa que *laran* é só um brinquedo, útil apenas para detectar mentiras e enviar mensagens rapidamente?

Taniel querou.

— Tenho visto carros aéreos mergulhando do céu em meu lar! Não ignoro o *fogo aderente*.

— Mas você alguma vez viu o que ele pode fazer? A corrosão que nunca pára, que consome tudo em seu caminho?

— Mesmo antes de chegarmos aqui, sabíamos que Deslucido tinha ordenado que trabalhadores em Tramontana comessem a fabricar *fogo aderente* — disse Taniel.

E sua palavra não pode ser confiável, ela pensou. Ela o sentia, mesmo sem saber exatamente o por que. A sensação de incorreção sobre o testemunho de Deslucido chiava ao longo de seus nervos. Como se estivesse vendo-o novamente em carne e osso, ouvindo suas palavras. Não, mais do que isso: algo... algo tinha acontecido.

Doce Evanda e todas as Abençoadas.

A vigília por Padrik...

— Que a maldição mais fria de Zandru caia sobre ele! — Taniel sussurrou.

Deslucido mentira sob o feitiço da verdade.

Não, não era possível. Ainda assim havia acontecido. Ele tinha, quase sem perceber, dito uma coisa que era o extremo oposto do que acontecera. Era um detalhe insignificante, quase não importava... tão pequeno que não precisava ser dito em seu discurso e mesmo assim disse. A suave luz azul não saía de sua face.

Ela o achava desonesto, inescrupuloso, desejoso de usar truques e manipular suas palavras para executar seus objetivos, mas nada mais do que as outras ambições dos Lordes. O truque aos portões de Acosta, a rápida ascensão ao poder, forçando-a a se casar com seu filho para garantir legitimidade... aquelas coisas, mesmo que desagradáveis, eram ações que um homem comum tomaria durante a guerra.

Ele mentiu sob o feitiço da verdade.

Seu tio estava cometendo um terrível erro ao pensar em atrair Deslucido, incluí-lo no Conselho *Comyn*, e usar sua influência para restringir seu uso de armas de *laran*. Se Deslucido tinha planejado algum truque de *laran* para torná-lo imune ao feitiço da verdade, poderia prometer-lhes qualquer coisa e depois fazer exatamente o que quisesse.

Os joelhos de Taniel bambaram. Ela segurou-se no braço de sua cadeira. Sua pele tornara-se gelo, como se tivesse caído novamente dentro do rio.

— O que há de errado? — gritou Caitlin, claramente alarmada. Correu para o lado de Taniel. — O que aconteceu? Você não está bem?

Taniel abriu sua boca para responder quando passos soaram do lado de fora da porta e Rafael Hastur entrou. Apesar de a manhã estar branda, uma fria brisa entrou em sua esteira. Seus olhos estavam nublados, tempestuosos, sua boca fechada. Gerolamo fechou a porta atrás deles.

Taniel desejou que não tivesse nenhum *laran*, pois já sabia o que se passara no Conselho. Ela o seguiu com os olhos enquanto ele foi para a mesa lateral e serviu uma taça de vinho, sem parar para adicionar água. Tomou-o aos goles, o único som na sala silenciosa.

O ar tremeu ao seu redor, carregado com a sensação de propósito mortal. Ela tinha, sem saber, dado um passo para onde nunca poderia voltar atrás. Aquilo poderia significar sua morte, e de seu filho, e incontáveis homens que ela nunca saberia. Ela quis correr chorando do aposento, para se perder nas colinas cinzentas de inverno e naquele solitário abrigo de viajantes. Aquelas memórias, como sonhos de outras coisas impossíveis, deveriam permanecer em segredo, trancados. Como Rainha, como *comynara*, como uma mulher

íntegra, ela deveria falar a verdade, não importa o que custasse.

Se apenas não soubesse o que sabia... mas sabia, e não tinha outra escolha senão falar.

— Tio — ela disse com o máximo de dignidade que pôde juntar — há algo que devo dizer-lhe antes que fale da decisão do Conselho. — Seu olhar mudou, como se tivesse se deparado contra um último e desesperado argumento. — Damian Deslucido achou um jeito de mentir sob o feitiço da verdade.

Aí estava. Simples, cru. Mortal.

Ela viu o choque cruzar a face de Rafael. Atrás dele, Gerolamo tossiu.

— Não fale asneiras, criança, — gritou Caitlin. Sua face normalmente pálida corou.

Zangado, Rafael deu um passo em direção a Taniquel. Por um instante, ela temeu que ele fosse espancá-la; parecia muito nervoso. Através de dentes cerrados, ele disse:

— Não se deve brincar com esse tipo de coisa.

Ele achava que ela estava lançando acusações ridículas para evitar que fosse mandada de volta a Acosta.

— Certamente ela não percebe o que está falando — disse Caitlin. Rapidamente se recompondo, ela virou-se para Taniquel e começou a explicar, como para uma criança pequena. — Homens podem dizer coisas corrompidas sob o feitiço da verdade, dependendo de como a questão é colocada. Mas é impossível dizer uma falsidade deliberada.

Uma certeza, mais fria do que gelo e mais dura do que aço apossou-se de Taniquel.

— Eu sei o que ouvi. Ele disse uma coisa que não é verdade. Sabia que não era verdade. E a luz brilhou em sua face.

— Você deve estar enganada... — Caitlin protestou, sua voz titubeando.

— Eu sei o que sei. Ouvi o que ouvi.

— Que coisa? — A voz de Rafael tornou-se grave de emoção.

— Ele disse... ele disse que me permitiu fazer vigília por Padrik. Tio, eu jurarei por Aldones e Evanda e qualquer deus que me disser, que fui trancada em meus aposentos e proibida de fazer isso.

— Talvez isso tenha sido feito pelos subordinados de Deslucido — disse Rafael. — Ele poderia muito bem ter acreditado que você estava livre para ir. Então ele não estaria mentindo, se ele mesmo foi enganado.

Taniquel balançou a cabeça.

— Eu fui até ele para exigir uma explicação quando ele previamente tinha me garantido que eu poderia executar todos os rituais adequados a Padrik. Ele me dispensou com uma simples desculpa e depois se recusou abertamente a honrar sua palavra. Foi pelas suas próprias ordens que eu fui confinada.

— Claramente ele não a queria fora de vista, chorando sobre seu marido assassinado, em um tempo em que devia estabilizar controle sobre o castelo — disse Caitlin.

Taniquel não se importava nada com as motivações de Deslucido.

— Ele me proibiu explicitamente. E depois, hoje, ele jurou que eu estava livre. — Ela estremeceu. — Não é de admirar que algo soasse errado.

Caitlin olhou com os olhos arregalados para Rafael; sua confiança anterior estava em retalhos. Sem se admirar, Taniquel sentiu uma súbita compaixão. O trabalho de Caitlin, seu mundo inteiro, era baseado na segurança e conhecimento de *laran*. Se o feitiço da verdade, o alicerce daquela certeza, fosse quebrável, e por um salafrário como Deslucido!, o que mais poderia ser confiável?

Rafael devia estar pensando a mesma coisa. Sua face estava vermelha. Sua respiração sibilava entre seus dentes. Com um esforço visível ele andou até a cadeira mais afastada e sentou-se.

Caitlin acalmou-se com visível dificuldade.

— Ainda assim é sua palavra contra a dele. Para uma acusação tão grave, deverá haver uma prova incontestável.

— Eu acredito nela — disse Rafael.

Mas Caitlin demoveu-se.

— Este não é um assunto reservado. Se... souberem disso, ou mesmo suspeitarem...

— Não preciso de instruções sobre o que acontecerá — disse Rafael. — Tudo o que trabalhamos para dar um fim à Era do Caos terá sido em vão. Nenhum homem acreditará na palavra do outro...

— Ou na verdade do *laran*, a estrutura que une nosso mundo... — Caitlin disse.

— Eu jurarei por tudo que quiser — disse Taniquel, erguendo a cabeça. — Sob o feitiço da verdade. — Apesar de a idéia lhe causar tremores de terror, ela olhou para Caitlin. — Ou um exame direto de minha mente.

— Criança, você não sabe o que está oferecendo.

— Eu faço. Nós temos que ter certeza. — Taniquel encontrou os olhos de seu tio. — Você deve ter certeza.

Por que ele sabe que se eu estiver certa, não poderá omitir-se. Deverá destruir Deslucido e qualquer traço do que tem feito, mesmo que isso signifique estar sozinho contra o Conselho.

Rafael acenou com a cabeça para Caitlin.

— Há um risco... — a *leronis* disse.

— Sempre há um risco — gritou Taniquel. — Mas haverá um perigo ainda maior se não agirmos.

— Muito bem. — Caitlin deu um leve suspiro enquanto pegava sua pedra-da-estrela que usava em um embrulho de seda ao redor do pescoço. — Venha comigo até o quarto de dormir.

Mais tarde, Taniquel mal se lembrou do que havia se passado. Nunca teve certeza se sua mente reprimira as memórias ou se Caitlin tinha gentilmente as suavizado para poupá-la da dor prolongada.

Estava deitada na cama, focando sua respiração na direção de Caitlin. A pressão crescia em sua cabeça, relembrando-a da manhã da invasão de Acosta, só que mais profunda e incessante, moldada e apontada diretamente ao centro de seus pensamentos. Ela se encontrava mais uma vez nos aposentos de Padrik, que via agora apenas os contornos outrora familiares da sala de estar através do véu que obscurecia algumas cores e intensificava outras. Como antes, Deslucido estava sentado na mesa, mãos se movendo sobre a comida servida ali. Luzes azuis e vermelhas brincavam sobre sua face e olhos, e quando tremeluziam na direção dela, queimavam como fogo amarelo.

— Você prometeu... — Taniquel ouviu sua própria voz, abafada e distante. — ... poder ver... na capela... confinada aos meus aposentos.

— ... um pequeno mal-entendido. — A voz de Damian também tremia com aquela ressonância fantasmagórica. Em cada frase, suas palavras melhoravam com força e clareza, como se estivesse chegando mais perto. — ... lamento qualquer inconveniência...

— Por que não posso deixar meus aposentos?

— Não seria apropriado... ou seguro... para sua própria segurança... não será vantagem para ninguém transformar seu enterro em um ponto de encontro para descontentes.

— Eu não terei permissão para vê-lo, então? — a voz de Taniquel tremia, um choro de lamentação.

— Uma dama... deve ser protegida contra tais visões. Seja conduzida por nós, contente-se...

Contente-se... contente-se... — A palavra final ecoou através dela enquanto as

imagens se desfaziam. A sensação de pressão intensificou para uma dor intensa.

Verdade? Verdade? Latejava incansavelmente através de suas têmporas. Uma lança com ponta de fogo se aprofundava. Em um ponto, ela devia ter gritado, não sabia ao certo. Depois, ela dormiu.

Em seu melhor vestido e com o cabelo arrumado por Caitlin como adequado a uma Rainha, Taniquel apareceu mais uma vez diante do Conselho *Comyn*. Não havia necessidade que falasse, apenas que permanecesse ao lado de seu tio.

Nunca antes ele parecera tão severo, como se seu corpo fosse feito de granito. Sua expressão mudara da firmeza ao encarar uma tarefa desagradável a uma fria determinação. Sob aquilo, ela sentia raiva e algo mais.

Medo.

Não do Conselho, embora seu desapontamento em tudo o que acreditara corria através dele como uma veia de veneno. Medo de Deslucido e sua habilidade de enganar o feitiço da verdade; medo de despedaçar os frágeis laços de confiança entre as muitas terras de Darkover e trazer o caos.

Medo de que já tivesse esperado demais.

Ele se manteve com a dignidade e poder que ela já vira nele antes. Era *Comyn*, sujeito a nenhum homem, e era Hastur, Filho de Hastur que era Filho da Luz.

Sua solenidade refletia na associação reunida, pois enquanto ele falava, calmamente afirmando sua posição, não havia nenhum comentário, nem reações visíveis. Taniquel sentia mais do que ouvia os pontos isolados de desaprovação, de consentimento, de incredulidade. Ela ousou olhar na direção de Deslucido, para ver sua face escurecida, maxilar rígido, a pesada luz da fúria em seus olhos enquanto olhava para ela.

Com o Conselho *Comyn* como testemunha, Rafael Hastur publicamente declarou Acosta um protetorado de Hastur, com Julian Regis Hastur-Acosta seu comandante leal, e Taniquel Hastur-Acosta como sua Regente até que ele chegasse à maioridade.

Quando Rafael terminou, o velho que era chefe do Conselho levantou-se para falar.

— Pense cuidadosamente no que está fazendo, Hastur. Se pretender levar adiante estas ações, irá colocar-se diretamente em desafio de nossas ordens.

— Você sabe tão bem quanto qualquer homem o quão fortemente eu apoio o Conselho — Rafael replicou. — Acredito em nosso propósito unido e sempre trabalhei pela negociação e concessão. Minhas ações passadas falam por si só. Mas nesta questão, meu dever e minha consciência são para um bem maior. Não posso e não vou me curvar a uma decisão injusta.

— Injusta! O que quer dizer com isso, Hastur? — divagou o Velho Alton. — Se tem acusações a fazer, que as faça logo! Não faça voltas com jogos ameaçadores!

Calmamente Rafael virou para encarar o velho.

— Eu não verei este Conselho sendo usado para os propósitos particulares de nenhum homem. — Com a leve ênfase, ele indicou, *Incluindo eu*. — Acredito que este é agora um assunto particular entre Damian Deslucido, eu mesmo, e Taniquel, Rainha Regente de Acosta.

— Assim você a nomeou — Damian Deslucido disse em uma voz esticada com raiva reprimida. — Mas palavras não podem fazê-la nada senão uma garota teimosa que deixará uma zona inteira em chuvas de fumaça antes de submeter-se à autoridade adequada. Quando envolve seu nome à sua causa, Hastur, causa-lhe um grave dano.

— Não fui eu quem lhe causou dano, — Rafael replicou moderadamente. — E como todos vocês podem ver, ela não é uma garota e sim uma *comynara* por direito próprio.

— Ela é uma mulher! — um dos Lordes resmungou. — Que não tem voz aqui.

— Marido ou parente deve falar por ela, apesar de eu não me importar muito — outro

disse.

A Lady de Aillard, que até agora permanecera em silêncio, agitou-se.

— Meus Lordes, se estão dizendo que nenhuma mulher deve falar neste Conselho, é melhor reconsiderarem suas palavras.

O segundo homem, cujas terras faziam fronteira com o poderoso Domínio Aillard, fechou sua boca.

— O que diz, *vai domna*? — o velho chefe perguntou a Taniquel. — Juntar-se-á a esta rebelião Hastur contra o Conselho?

— Deslucido invadiu meu território, — replicou ela — confiscando o castelo com truques, assassinou seu rei legítimo, e tentou forçar-me a um casamento indesejado com seu filho. Mas o legítimo Rei de Acosta, o filho *di catenas* de Padrik, filho e verdadeiro herdeiro de Ian-Valdir, vive. Para o seu bem, não desistirei de minha reivindicação, nem por uma centena de veredictos do Conselho. Os deuses me abençoaram com o apoio de meu parente.

— Então que assim seja! — Damian bateu a palma na mesa e levantou-se. — Você se arrependerá dessas orgulhosas palavras, dama. No campo de batalha, conquistada. Acosta é minha pela vontade dos deuses. Nunca permitirei que você ou seu parente — ele cuspiu a palavra — diminua o reino glorioso que construí com minhas próprias mãos. — Ele curvou-se para a assembléia. — *Vai domyn*, agradeço pelo seu apoio. Mas não tenho escolha senão me reforçar. — Com um tilintar de esporas, ele saiu da sala em passos largos.

Depois de um momento de silêncio, Rafael disse:

— Peço que o Conselho não tome mais ações sobre esta questão.

O velho Lorde balançou sua cabeça.

— Já está fora de nossas mãos. Não sei se nós, na tentativa de uma resolução pacífica, apenas tornamos a situação pior. *Adelandeyo*, Rafael Hastur. Vá com os deuses, e que a sabedoria deles o guie.

LIVRO III

Vinte e Cinco

O inverno não era tempo para guerrear, refletiu Coryn, mesmo se a Torre Neskaya não estivesse cercada por neve como Tramontana nesta estação. E ainda assim a guerra chegou.

Ele voltou da varanda para o calor do aposento. Mesmo por dentro, a pedra translúcida da Torre Neskaya refletia a luz do sol inclinada na tarde avançada de inverno. Lembrou-se da primeira visão que teve da Torre, erguendo-se sobre a cidade de Neskaya como um pilar de gelo refletindo fracamente o céu, e como seu coração tinha se deliciado.

Por dentro, a Torre Neskaya era organizada de algum modo diferente de Tramontana. Sem Kieran para exercer tal influência dominante, decisões e poder eram distribuídos entre os Guardiões e principais técnicos. *Isso era em parte,* Coryn suspeitou, *devido às personalidades das últimas poucas gerações de Guardiões.* Bernardo Alton não fazia exceções em sua disposição para ouvir outras idéias e seu respeito inato pelas pessoas que considerava como seus amigos, não seus subordinados.

— O trabalho de um Guardião é como qualquer outro — ele dissera a Coryn quando começaram a trabalhar juntos. *Trabalhar juntos* era uma frase de Bernardo. — Mais charmoso para o público, talvez, mas certamente mais exigente às vezes, mas não de maior valor. Um Guardião sem um círculo é simplesmente outro técnico. Nunca esqueça que o instrumento com o qual você cria sua música é o seu círculo, não você mesmo.

A segunda razão para a essência mais democrática da Torre Neskaya tornou-se aparente apenas depois de Coryn estar lá por alguns meses, entre a colheita da estação e o começo do inverno. Ao contrário de Tramontana, que parecia um mundo dentro de si mesmo, Neskaya devia claras obrigações aos seus Lordes leais, os Hasturs. Por séculos esteve nas mãos de Ridenow, até a paz formada por Allart Hastur entre aqueles dois Domínios. Bernardo referiu-se uma vez sobre as atuais alianças de Neskaya terem sido formadas por um tratado de paz.

Tinha sido pedido a Neskaya, não, mandado, que fizesse *fogo aderente* para os Lordes Hastur. Até aí, os experimentos de Bernardo com uma forma mais segura e estável tinha sido o único trabalho ativo com o material corrosivo e apenas o Guardião e alguns dos técnicos principais estavam envolvidos, uma vez que, Bernardo contou a Coryn, não havia uma Torre em toda Darkover que não estivesse fazendo *fogo aderente*. *Um dia,* ele disse, *ele foi usado tanto quanto flechas em uma disputa.* Mas em tempos atuais, os Lordes dos Domínios frequentemente continham-se, confiando apenas no aço puro.

— Oh, *laran* ainda tem um papel vital na disputa e sempre terá — disse Bernardo. — Como generais poderiam comunicar-se rapidamente com os outros, ou espionar a terra com suas aves sentinelas, se não fosse a nossa ajuda?

Agora Coryn aprenderia a criação e o uso do *fogo aderente*. Começou com a separação das minúsculas partículas de material inflamável e foi trazendo-as, parte por parte, para a superfície. Uma vez refinado, os elementos tinham que ser mantidos separados em campos gerados pelas enormes telas de matriz artificiais, ou pegariam fogo. Era muito parecido com o processo de refinamento dos produtos químicos anti-incêndio, apenas com resultados bem mais desastrosos se um acidente viesse a ocorrer. Por muito tempo depois, ele e vários outros trabalhadores da Torre que fizeram *fogo aderente*, levaram cicatrizes de lapsos momentâneos na concentração.

Daqueles poucos acidentes, Coryn tentou imaginar como seria ter o fogo líquido mortal caindo nele de carros aéreos ou sendo jogado sobre paredes de castelos em pontas de flechas. Ele se perguntou como seria pilotar um carro aéreo, olhar de cima as terras e fortificações de um inimigo, e vê-lo queimar em fogo indestrutível. Lorde Hastur ainda não pedira que o *fogo aderente* fosse entregue, apenas que fosse feito. Coryn sentiu-se grato pelo adiamento.

A luz escoava do céu com a pressa do inverno. A escuridão caiu sobre as paredes de Neskaya, transformando as sombras em veludo. Apenas Kyrrdis pairava através da escuridão acima, e as paredes da Torre refletiam um fraco azul em sua luz.

Coryn colocara roupas quentes para o trabalho da noite. Neskaya não era nem de longe tão fria quanto Tramontana, mas as horas de inanição deixavam qualquer um duro de frio. A construção das enormes telas artificiais de matriz para o *fogo aderente* experimental de Bernardo requeria muito mais concentração do que outro trabalho de *laran*. Ele não poderia permitir a distração dos dedos doloridos ou músculos trêmulos.

Desceu as escadas, vindo dos aposentos; em seu caminho passara na cozinha para uma bebida quente antes de juntar-se ao seu círculo.

— Coryn! Ai está você! — Amalie chamou por ele. Esbelta e quase andrógina, ela correu em sua direção, puxando para trás uma massa rebelde de cabelo crespo claro. — Venha para a sala de transmissão. Está sendo chamado.

Ele ergueu uma sobrancelha em questionamento, um gesto que adotara inconscientemente de seu novo amigo Cormac, o técnico de matriz que o recebera da primeira vez e depois o apelidara o *outro Cor de Neskaya*. Coryn, em retaliação, apelidara-o de *velho Mac* e o apelido pegou.

Como todos na Torre, Coryn fazia seu turno nas transmissões de *laran*, mandando e recebendo mensagens das outras Torres. Não podia imaginar qual dificuldade não podia ser resolvida por Mac ou mesmo pela própria Amalie.

— O que está acontecendo?

Ela gesticulou para que subisse as escadas atrás dela. Em Neskaya, a câmara que mantinha as telas de transmissão era separada em sua própria torre para isolar as comunicações das energias mentais desviadas dos outros projetos. O frio irradiava das paredes, pois sua seção era parte da Torre original, Antiga além da imaginação, construída de finos grãos de granito antes mesmo da pedra azul translúcida da Torre central. Amalie, envolta pelo grosso manto macio de uma monitora, apertava os braços contra o corpo enquanto subia.

— É uma mensagem particular — ela disse quando estavam fora do campo de audição da sala comum inferior.

Coryn não podia imaginar quem lhe mandaria mensagem em particular, a menos que fossem más notícias, outra morte em Tramontana talvez. Dama Bronwyn...

Não, certamente ele saberia. Suas mentes estiveram muito ligadas para não sentir sua morte.

Eles pararam do lado de fora da câmara de transmissão. Luz branca se misturava com a radiação azul das telas para formar misteriosas sombras através da face da garota. Ele pensou ter visto o brilho de lágrimas em seus olhos, ou talvez fosse o lampejo branco do medo.

Em Neskaya, as telas de transmissão eram mantidas em mesas baixas, para que os trabalhadores não precisassem se abaixar, mas sentassem em bancos acolchoados. Uma pequena brasa de carvão, sua fumaça contida por um campo de *laran* permeável ao calor, deixava a sala aconchegante.

Amalie foi até o banco coberto por um xale amarrotado. Coryn o reconheceu como o favorito dela, lã grossa de *chervine* tricotada em um desenho de folhas com traços de verde e

marrom. Ele o pegou e estendeu nos ombros dela. Com um gesto das pontas de dedos, ela indicou que ele sentasse.

Coryn o fez, focando sua mente na tela à sua frente. Estava ativa, as treliças ajustaram-se para a leveza de Amalie, quase geométricas, embora padronizadas. Sutilmente, ele modificou-a para si próprio e sentiu-se crescer dentro da radiação enlutarada. Sempre pensara no contato através das transmissões como o mergulhar através de um mar de luz. Ondas de brilho e sombra passavam sobre ele. Alongando a si mesmo como uma criatura do mar, lançou-se através das correntes de frio arrepiante, movendo-se sempre mais para o fundo. Música vibrava através dele, os ressonantes chamados profundos de animais míticos. A luz diminuía, cores mudando para azuis e púrpuras, e finalmente para sombras escuras. A visão se turvou quando ele entrou em contato.

Coryn, você está aí? Palavras o tocaram como o toque das asas de um falcão. O mar sumira e Coryn flutuava em um céu cristalino, cercado pela presença mental de seu amigo.

Aran.

Uma onda de calor e prazer lhe respondeu. Por um longo momento, ele saboreou a sensação da união do amor, da aceitação. Uma solidão que ele não sabia que sentia fora tirada dele. Tudo estava bem, perfeito, completo.

Senti sua falta mais do que pensava, ele pensou.

E eu, a sua. Uma pausa, uma estranha sensação de estarem sendo separados. *Dama Bronwyn está bem, e manda seu amor. Ela pediu dispensa para retornar para sua família, mas foi recusada.*

Coryn se espantou:

O que é isso? O que está acontecendo? Porque ela iria querer embora?

Ela pediu certeza de que não seria forçada a fazer guerra contra seus parentes. Ela é de sangue Hastur.

Coryn não sabia disso. Bronwyn claramente era bem nascida, os sinos prateados. Nunca se referira à sua posição.

Travar guerra?

Esta será nossa última transmissão para Neskaya. Tristeza pesava em cada sílaba. Estamos para cessar contato, ao menos não revelamos algum segredo...

Os céus claros escureceram e Coryn se esforçou para manter a conexão. Neskaya estava fazendo *fogo aderente* para Lorde Hastur, mas não sabia qual seria seu alvo. Desde que chegara ali, soubera pouco das políticas do mundo exterior, apesar da aversão da intromissão.

Sem dizer, Aran fez-se entender claramente. Tramontana e Neskaya entrariam nos conflitos entre seus respectivos Lordes.

— Sim, há sempre uma possibilidade, — Bernardo disse em resposta a questão de Coryn sobre amigos ou mesmo parentes se encontrarem em lados opostos em um conflito, uma vez que as Torres estão envolvidas. — Aconteceu no passado e acontecerá de novo.

— Mas certamente não está certo, especialmente quando a disputa não tem a ver conosco — disse Coryn, sentando-se na cadeira na biblioteca do Guardiã. Teve que mover uma pilha de diagramas para um novo esquema de telas de matriz interligadas, uma coruja empalhada, e três travessas cheias de migalhas para ter espaço para se sentar.

— O mundo caminha como deseja, não como você ou eu gostaríamos.

Apesar da voz de Bernardo estar neutra, medo e tristeza ressoavam atrás das palavras. Coryn então lembrou que Bernardo era um Alton, e não era imune a lealdades divididas. Até onde sabia, havia paz entre Hastur e Alton, mas nesses tempos incertos, aquilo nem sempre podia ser verdade.

— Se servirmos Hastur nessa campanha contra Deslucido — Coryn disse devagar, —

então podemos ser ordenados a jogar *fogo aderente* em qualquer das terras que ele mantém.

Verdanta subindo em chamas, Tessa gritando enquanto seu corpo queimava como uma tocha, paredes de pedra tombando...

E o próprio Coryn em um carro aéreo, olhando para a cena, desejando com todo seu coração que fosse ele ali embaixo, queimando, morrendo em agonia, ao invés de seus amados parentes.

Bernardo aproximou-se para tocar no pulso de Coryn com o leve toque dos dedos. Aquilo significava tranquilizar, mas ambos sabiam que, mesmo que Bernardo tentasse, nunca poderia apagar os deveres de Coryn. Coryn ainda tinha alguns anos para completar seu treinamento para Guardião, mas não havia dúvida de que terminaria; suas habilidades e talento para o trabalho mostravam claramente isso. Ele seria Guardião de Neskaya depois de Bernardo; seria sua a responsabilidade.

— Deve haver um modo de permanecer neutro, de fazer todo o trabalho construtivo e pacífico que devemos e ainda ficar de fora do conflito — disse Coryn.

— Somos sábios o bastante, então, para decidir em quais disputas vamos entrar e quais ficaremos de fora? — perguntou Bernardo. — Dizem que o poder encobre o julgamento. E com tal poder que exercemos, podemos confiar em usá-lo sabiamente? Ou é melhor deixar tais decisões àqueles treinados para isso, do mesmo modo que fomos treinados para usar nosso *laran*?

— Você fala em questões, como se não pudéssemos saber as respostas — disse Coryn.

Ele já ouvira sobre essas questões, ou sobre outras, muitas vezes. Não adiantaria pedir a Bernardo para recusar-se a fazer *fogo aderente* para essa guerra declarada, ou ignorar um comando do Lorde Hastur, não importasse o quão odioso fosse. Mas talvez, se seu caso fosse colocado diretamente ao Rei...

Bernardo ouviu gravemente enquanto Coryn esboçava sua idéia.

— Hastur pode chamar a Torre Hali — Coryn disse — que certamente está mais perto e tem menos conflitos de lealdade do que nós. Deixe-nos usar nosso talento para curar em vez de fazer mal, produzir químicas para combater incêndios ao invés de provocá-los, promover paz através da comunicação e solidificar a confiança do feitiço da verdade.

— Não posso garantir que Rei Hastur concorde — Bernardo disse.

— Mas devemos tentar! — Coryn sentou-se bem na ponta de sua cadeira. — Deixe-me ir, deixe-me falar com ele, defender nossa causa.

— Oh, você é um porta-voz eloquente, com certeza — disse Bernardo, seu sorriso familiar brilhando como relâmpago de verão em suas feições. — E eu acho que está certo. Pergunte respeitosamente e receba qualquer resposta com boa vontade...

— É claro!

— Então logo que as nevascas acabarem e for seguro viajar, você deverá ir a Thendara e colocar suas idéias diante do Rei Rafael.

Coryn achava-se novamente na estrada, desta vez na companhia de uma caravana de comerciantes e dois jovens filhos sem-terra de Lordes menores em direção a Thendara para servir na Guarda de Cadetes. Coryn, ouvindo a sua bravata, perguntou-se se um dia já fora tão jovem. O mundo tinha seguido outra direção, seu pai teve que fazer uma provisão similar para seu futuro, embora duvidasse que tivesse sido aceito em uma comissão de cadetes.

Mais do que nunca, ele apreciava seu lugar em uma Torre. Ali ele tinha um trabalho honorável em que usava seus talentos ao máximo, além dos parceiros que respeitava e que o valorizavam. *Talvez*, pensou em um momento de expansiva gratidão, *Rumail não lhe servira tão mal apesar de tudo*.

Coryn apresentou seu pacote de papéis introdutórios ao sargento do Castelo Hastur,

foi cortesmente recebido, levado aos aposentos de visitantes ao invés de tendas, e lhe foi marcado um encontro na manhã seguinte. Havia chegado muito tarde para visitar Hali e encontrar os trabalhadores cujas mentes ele tocara através das transmissões, ou para ver o místico Lago cheio de nuvens ou o local sagrado chamado *rhu fead*.

Ao invés disso, ele desceu à cidade. De algum modo, para sua surpresa, pessoas saíam do seu caminho, murmurando respeitosamente e ocasionalmente inclinando-se quando ele passava. Umas poucas crianças apontaram seu cabelo vermelho antes de suas mães os levarem correndo. A deferência o divertia e perturbava, mas cada lugar tinha suas próprias maneiras e ele sentiu-se apenas desconfortável, não em qualquer perigo.

Energia chiava através das ruas de Thendara em uma mistura de cores: faixas, tendas de comerciantes, saias de tartã e mantos, o uniforme com emblema dos servos, até mesmo as coberturas das carruagens de cavalos. Música vibrava dos músicos nas esquinas para se misturar com os gritos dos vendedores de frutas. Tudo parecia estar à venda em um lugar ou outro e Coryn não tinha dúvida de que se perguntasse discretamente para a vizinhança certa, ele encontraria drogas ilícitas das Cidades Secas tão rapidamente como maçãs ou facas de botinas.

Suspeitou que, com os certos contatos, também, uma mensagem poderia ser mandada a Verdanta, para que Eddard e Tessa soubessem que estava vivo e bem. Mesmo assim, ele tinha apenas algumas moedas, não o bastante para pagar por tais serviços, mesmo se pudesse achar alguém confiável e corajoso o bastante para se aventurar a isso.

O sol da tarde banhava as estreitas ruas com uma luz avermelhada enquanto afundava no horizonte. Apesar de ser verão, a temperatura nas sombras caía rapidamente. Coryn puxou o capuz de seu manto leve sobre sua cabeça, cobrindo seu cabelo. Em poucas quadras, as pessoas não mais o evitavam. Depois da cuidadosa distância da Torre, surpreendentemente sentiu um empurrão.

Um moleque de rua tentou pegar sua bolsa. Coryn pegou a pequena mão quando ele correu. O garoto congelou, rígido. Olhos negros olhavam de baixo de um chumaço de cabelo sujo e opaco, sua verdadeira cor apenas um palpite. Os ossos do pulso eram pequenos, frágeis. Coryn captou um lampejo de emoção: raiva, medo... fome.

— Sou novo na cidade e procuro por um guia — ele disse em tom de conversa. — Conhece alguém que gostaria de ganhar alguns *reis*?

— Se está procurando por um guia, aqui estou — o moleque gorjeou. — Dez *reis*, adiantado. Qualquer lugar que quiser ir.

Coryn libertou o garoto com um sorriso.

— Dois, pela noite. Uma estalagem com comida decente e alguma informação.

— Ceia incluída?

— Feito!

O garoto o guiou através de becos torcidos, desceu uma rua ou duas, deliberadamente circulando para que um estranho confuso aceitasse pagar o dobro para achar seu caminho novamente. Coryn sempre teve bom senso de direção e seu tempo em Neskaya lhe dera um senso de familiaridade com paisagens de cidades. Não teria problema em achar seu caminho de volta ao castelo, contudo não deixaria o garoto perceber. No momento a aventura estava muito agradável.

Dois homens em armadura enfeitada com couro prateado observavam da entrada de uma porta enquanto eles se aproximavam. Um deu um passo para a rua escurecida, mão no cabo de uma bela espada. Coryn percebeu um lampejo de *laran* meio formado de um deles e enviou um aviso significando harmonia.

— E agora, rapaz — ele disse ao moleque — você não estaria me guiando até um covil de ladrões, não é?

— Oh, não senhor! É que todos estão nervosos estes dias. Parece que tem uma guerra

chegando.

— Guerra? — Coryn tentou parecer desentendido. — Que guerra?

— Não poderia dizer, não eu, não.

Coryn parou, gesticulando como se fosse voltar.

— Então talvez eu deva perguntar para alguém mais crescido. Talvez nossos amigos ali atrás?

O garoto agarrou suas mãos e puxou-o para descer a rua.

— Nem pense em mexer com eles. Vamos entrar.

Em minutos eles entraram em uma estalagem que do lado de fora se parecia com um bordel que já devia ter visto tempos melhores. Acharam uma mesa de madeira quebrada em um canto. Coryn sentou-se contra a parede de frente para a porta, bebericando um canecão de cerveja cujo sabor ácido traía uma linhagem duvidosa, enquanto o moleque de rua apreciava seu segundo prato de ensopado. Deste lugar privilegiado, ele podia ouvir pedaços de conversas da rua. Não era telepata o bastante para ler quaisquer pensamentos, mesmo que seus anos de treinamento nas éticas da Torre o permitissem.

Abaixo da ansiedade esperada, ele sentia emoções mais profundas. Não havia ressentimento pelo Rei Hastur por ter levado a cidade e todas as terras a iminência de uma guerra que ainda não havia sido declarada. Ele lembrou-se de como as pessoas na rua recuaram ao seu cabelo vermelho, a mãe puxando seu filho para fora de seu caminho, os sussurros.

Laranzu... bruxo.

Medo?

— Então — disse o garoto, limpando seus lábios lambuzados de caldo de carne na manga rasgada — o que mais quer saber?

— Estive viajando por um longo tempo, fora de alcance. Quem ousaria fazer guerra sobre Hastur?

— Oh, é ele quem cutucou no pote, não que o outro não o mereça. Parece que o Rei pretende colocar um bebê para comandar algum lugar que o Velho Perjuro clama como seu, ou talvez seja outro motivo qualquer, por toda a diferença que isso faz. Não me surpreende que o Espertinho não caia nessa! Diga-me você! Um rei bebê! O que ele faria, brincaria de papai com sua coroa? — o garoto ria com sua própria piada.

— Deveria haver um regente — Coryn disse suavemente.

— Que tal mais um pouco de ensopado?

Coryn ficara cansado de ouvir o discurso do moleque. Ele estava se fazendo de bobo, incapaz de dizer algo de valor. Um rei garoto e um regente, exigência de apoio e disputa, essas eram as maquinações de poderes de Lordes, como se não tivessem desculpa para outra coisa. Ele remexeu-se em sua cadeira, pedindo um terceiro prato de ensopado para o garoto, que certamente estava faminto o bastante para devorá-lo.

Dois homens pararam do lado de fora da estalagem, fora de sua linha de visão, portanto ele não podia ver os detalhes de seus rostos ou vestimentas, apenas as linhas das sombras.

— ... ataque nas terras vizinhas... — um estava dizendo com um pesado sotaque. — Metade das terras virou fumaça... algum tipo de bruxaria... incêndios continuavam queimando e queimando...

Fogo aderente? Coryn endireitou-se, prestando atenção.

— Eu digo, pegue direto por trás — veio outra voz de homem. — Faça o imundo *ombredin* pagar. A terra é nossa, é isso que eu digo. Tomar tudo de volta e mais.

— É, uma luta limpa é uma coisa, mas quando aquelas Torres amaldiçoadas se envolvem... — Medo misturado com ódio ressoava na voz do homem.

— Rafael Hastur é um rei justo...

— Onde estava ele e todos seus belos homens quando o vilarejo de Maire virara cinzas e nada sobrara para sepultar? Pelos malditos ossos de Zandru, algum dia haverá um ajuste de contas. Algum dia...

— Mas não esta noite e nem aqui na entrada. O que acha de tomarmos uma bebida?
— Uma sombra moveu-se para entrar na porta.

O outro homem, o que falara primeiro sobre Maire ter perdido seu vilarejo e talvez sua vida, voltou para trás.

— Não, eu já tive o suficiente por hoje... — A voz do homem estava abafada. — ... nada para mim aqui... Talvez... bastante sangue Ambervale; sua sombra me deixará descansar...

— O que, quer alistar-se no exército de Hastur?

A resposta foi imperceptível, apesar de Coryn esforçar-se para ouvi-la.

— ... levá-lo pra casa...

O moleque de rua tinha ficado em silêncio, olhos colados em Coryn. O olhar interesseiro voltara. Coryn levantou-se e lançou para o garoto outra pequena moeda.

— Aqui. Termine seu jantar. Posso encontrar meu caminho de volta.

Tomou cuidado em vestir seu capuz enquanto deixava a estalagem.

Vinte e Seis

Na manhã seguinte, Coryn lavou e penteou seu cabelo na altura dos ombros, vestiu um manto cinza com faixas vermelhas nas extremidades para denotar sua posição como sub-Guardião, e apresentou-se para sua entrevista com Rei Rafael Hastur II. Foi recebido cortesmente por um homem mais velho que não disse sua posição, mas levava consigo uma autoridade silenciosa, talvez um *coridom* ou *paxman*.

— Por favor, siga-me — o homem disse, e guiou-o da entrada até o grande saguão.

Guardas nas cores de Hastur, impecáveis em sua aparência e atenção, localizavam-se espaçados ao longo do corredor. *Esta deve ser a ala real particular*, Coryn pensou. As paredes eram de uma pedra tão bela que parecia mármore, intercaladas com painéis decorativos de um azul-pálido translúcido. O efeito era de profundidade e espaço, embora a passagem não fosse excepcionalmente larga.

No fim do corredor, Coryn foi levado para dentro do que parecia uma Câmara de Conselho, com seis cadeiras ao redor de uma mesa oval. Uma tigela com flocos de neve repousava em uma renda circular ao lado de meia dúzia de taças de vidro e um jarro reluzente em condensação. Não havia fogo na grelha, embora Coryn achasse que mesmo uma pequena chama faria a sala aconchegante no pior clima. As janelas tinham sido abertas e a luz do sol atravessava para brilhar em partículas como uma ponte dourada para o céu. O efeito geral era de riqueza, ordem, e serenidade.

Da parte mais distante da sala, em um canto ao lado da lareira, uma mulher levantou-se de sua cadeira e veio em sua direção. Ela recebeu-o sorrindo, embora não estendesse sua mão. Cinza tingia seu cabelo vermelho escuro, enrolado baixo em seu pescoço. Ela vestia uma túnica e um vestido de baixo azul escuro. Uma pedra-da-estrela de um brilho incomum pendia na fenda entre as suas clavículas. Coryn preparou-se para reverenciá-la, embora não soubesse que Rei Rafael tinha uma Rainha.

— Coryn de Tramontana e agora de Neskaya, em nome de meus irmãos e irmãs de Hali, dou-lhe as boas vindas.

Suas palavras, embora formais, vieram com tal suavidade e elegância que sua hesitação sumiu instantaneamente. A mente dela tocou a sua brevemente, quase divertida.

— Caitlin de Hali! — ele conheceria sua assinatura de *laran* em qualquer lugar. — Eu não sabia que era parte dos empregados reais.

— Sim, tenho sido *leronis* de Rafael por muitos anos, além de servir em Hali — ela disse. Agora que estavam mais perto, ele viu as linhas de expressão ao redor de seus olhos e boca que traíam a sua idade. — Era para ter voltado ontem, mas Rafael pediu que eu ficasse um pouco mais. Estou tão feliz de encontrá-lo pessoalmente!

A porta se abriu e um homem de meia-idade e altura mediana, esguio, mas de nenhuma maneira frágil, entrou. Vestia roupas de montaria e cheirava ao campo. A sala pareceu vibrar com sua energia enquanto ele cruzava até Caitlin, dava-lhe um beijo no rosto, e virava-se para Coryn.

— Então este é nosso jovem aspirante a Guardião? Bernardo tem muita fé em você, e eu tenho muita fé nele!

— Sua Maj... — Coryn começou o que parecia ser uma adequada e respeitosa reverência, depois de ter olhado como um garoto de fazenda a entrada do Rei.

— Nada disso agora!

Rafael antecipou-se nada deselegante ao bater nos ombros de Coryn e guiando-o até uma das cadeiras da mesa. Caitlin pegou o lugar adjacente, mãos cruzadas cuidadosamente

no colo. Em instantes, um comboio de servos entrou com jarros de *jaco*, travessas de tortas de carne ainda fumegantes do forno, frutas em calda de mel condimentada com canela e noz-moscada, ovos cozidos, e uma caçarola de cogumelos cozidos em vinho branco e ervas.

Coryn não tinha percebido o quanto estava faminto, ou como a comida poderia ser saborosa. As cozinhas de Tramontana e Neskaya tinham sido simplesmente designadas a prover energia ao extenuado trabalho de *laran*. Esta comida era própria para saborear. Ele se banqueteara como se tivesse trabalhado nas transmissões por três noites seguidas.

Enquanto comiam, Caitlin fez educadas perguntas sobre as várias pessoas em Neskaya e Coryn respondeu com perguntas igualmente educadas sobre as novidades de Hali. Muito pouca coisa acontecera nas duas Torres desde que estivera na trilha e fora de alcance.

— Na última noite, mandamos uma mensagem a Neskaya sobre você ter chegado a salvo — ela comentou.

— Meus agradecimentos. — Coryn olhou para Rei Rafael, que estava terminando seus cogumelos e seu *jaco*.

O Rei virou sua cadeira para que ficasse de lado na mesa e de frente para Coryn.

— Você é bem vindo a Thendara e estamos deliciados em vê-lo, mas o que o traz de tão longa distância? O que era tão importante que não poderia ser mandado através das transmissões e passado por Hali?

Antes que Coryn pudesse responder, uma batida soou dos fundos da sala e uma pequena porta se abriu; evidentemente uma entrada particular. Uma mulher entrou e apressou-se na direção deles. Coryn, virando-se, percebeu o movimento de saias castanho-douradas suavemente pregueadas sob um corpete arredondado, e uma nuvem de cabelo negro e radiantes olhos verdes.

— Oh! Perdoe-me a intromissão, Tio. Eu não sabia... — a mulher começou.

Coryn levantou-se, quase tropeçando nos pés de sua cadeira.

— *Tani*?

Ela olhou espantada para ele, sua boca formando um botão de rosa de surpresa que fez seu coração acelerar. Boa saúde tinha dado à sua pele um tom de pêssego, caindo perfeitamente no belo decote de seu vestido. Seus movimentos denotavam vitalidade. Como se para saudá-la, uma súbita brisa encheria a sala vinda das janelas abertas, fria e fresca com os aromas da primavera.

— Coryn! Enfim me encontrou? — Ela sorriu, doce e radiante, e veio em sua direção, mãos estendidas. Seus dedos enlaçaram os dele, calor e força de toda a sua esbelteza.

— Tani... — ele gaguejou — Eu não tinha idéia de que estava aqui...

Ela riu, inclinando sua cabeça para trás levemente como sempre, mas criando o efeito de alegre abandono.

— Então este é o seu Coryn, — Dama Caitlin disse, como se explicasse tudo, antes que os três, mais o *paxman* que o escoltara até ali, comessem a falar.

O Rei Rafael ofereceu vinho, mas Coryn não ousava beber. Sua cabeça já estava girando o bastante, pensamentos confundindo-se. Ele soubera do desespero de Taniquel, sua fuga assustadora, mas não tinha idéia de sua posição social na vida. Vendo-a ali agora, ela parecia uma jóia em um diadema real.

Sentando-se com Tani e Rei Rafael em sua elegante e iluminada sala, ele sentia-se mais próximo dela do que estiveram meses atrás. Até aquele momento, não havia percebido como estimava a lembrança de suas breves horas juntos, o toque sedoso de sua pele contra a dele, o aroma de seu cabelo, o brilho de seus olhos, o momento em que ela virou-se para ele em completa confiança. Como *laranzu* e sub-Guardião de Neskaya, ele relembrou-se, não era inferior a ninguém. Mas agora via a linha impenetrável entre seus mundos.

Antes de Tani começar sua história, o *paxman* inclinou-se para murmurar no ouvido de Rafael.

— Gerolamo lembra-me de meus próprios compromissos — Rafael disse. — Vocês jovens podem muito bem se arranjar sem mim. Gero, prepare um banquete para esta noite em honra a esse jovem, como agradecimento por seus serviços à minha sobrinha.

— Sua Majestade, por favor, não é necessário... — Coryn começou.

— Nada disso! — Rafael disse sobre os ombros enquanto deixava a sala.

Tani sorriu afetuosamente enquanto a porta se fechava.

— Você lhe deu uma ocasião para celebrar, o que o põe novamente em dívida. — Ela levantou-se com aquele farfalhar de saias que Coryn associava às damas e belos vestidos. — Não há razão para ficarmos aqui dentro em uma manhã tão bela. Vamos andar pelos jardins. Caitlin, você faria a gentileza de pedir a ama para levar Julian até nós?

Sem esperar por uma resposta, Tani saiu animada da sala, andando tão rápido quanto um homem mesmo com suas longas saias.

— Sou como meu tio — ela disse enquanto fazia o caminho através de uma série de corredores e descia uma estreita escadaria de pedras. Ela virou-se para lhe dar um sorriso. — Nós dois ficamos felizes fazendo coisas ao ar livre. Deve perdoar-lhe a rudeza. É temporada da *cortes*.

Seu tom implicava que o Rei Rafael ficaria sentado ao longo de tediosas horas no julgamento dos casos trazidos até ele. Uma ocasião de celebração seria um presente.

O jardim era pequeno e imaculadamente cuidado, o cascalho dos caminhos brilhando como cristais de mármore. Folhas verdes brotavam das árvores de cereja cuidadosamente podadas, biombos de rosas, e cantos esculpidos. Um casal de pássaros chocando no antigo carvalho ao centro chilreou em aviso à sua aproximação, mas não voaram. Em um canto, Coryn notou um arbusto esculpido no formato de um dragão.

Tani falava sobre trivialidades, como foi inesperada sua visita e sobre o belo clima da manhã, até que uma ama se aproximou, trazendo uma criança robusta com cabelo negro e faces rosadas. Gritando de prazer, o garoto correu para Tani e ela pegou-o nos braços.

— Seu filho — Coryn disse.

— Sim, eu... — ela parou e desceu o garoto, depois se abaixou ao seu lado no banco. Ele escorregou prontamente no seu colo.

— Estava grávida de Julian quando escapei. Sem sua ajuda... — Então ela ergueu os olhos para encontrar os dele e quando continuou, sua voz transbordava de uma emoção que ele não conseguia distinguir. — Sem sua ajuda, nenhum de nós teria sobrevivido à jornada. Devo a você a vida de meu filho tanto quanto a minha.

Ele sentou-se imóvel, com o hábito de uma pessoa treinada na Torre de evitar contato físico direto.

— Você chama o Rei de tio. Quem você é realmente?

— Meu nome é Taniquel Elinor Hastur-Acosta — ela respondeu. — O Rei Rafael é irmão de minha mãe. Fiquei órfã muito cedo e fui adotada aqui em Thendara e depois fui para Acosta.

Enquanto ela tecia a história de sua infância e casamento, parecia a Coryn que a garota animada tornava-se uma jovem mulher determinada e desenvolta diante de seus olhos. Podia muito bem acreditar que ela tinha enfrentado aquela terrível viagem sozinha.

Quando ela falou da invasão no Castelo Acosta, o menino em seus braços ficava cada vez mais inquieto, como se sentindo sua ansiedade. Um dos servos trouxe uma bola, uma argola e uma vara.

— Vamos!

Rindo, ela atirava a bola para cima para que seu filho corresse atrás. Coryn sentiu-se angustiado, lembrando de tais jogos com Kristlin, mas a alegria de Taniquel o contagiou e ele logo se juntou a eles com vontade.

Depois que a criança se cansou e foi levada pela sua ama, era hora da refeição do

meio-dia. Taniquel se desculpou, dizendo que tinha outros deveres.

Naquela noite, como Rafael propusera, um banquete foi servido no grande salão, com música e cantoria. Mesmo sendo rapidamente organizado, não foi menos prazeroso. Comida farta e vinho enchiam cada mesa. Após a refeição, o divertimento começou. Acrobatas saltavam e pulavam, subindo uns nos outros em proezas de equilíbrio. Um pequeno grupo de dançarinos profissionais executou uma elaborada e extremamente atlética versão de uma dança da montanha. Um menestrel compôs uma balada sobre a jornada de Taniquel para a liberdade, embora Coryn achasse que ele tomara grandes liberdades sobre a paisagem tanto quanto à sua própria parte. Ele não tinha, como a canção sugeria, aparecido para a Rainha fugitiva como um anjo cercado por uma luz azul. Nem Taniquel trazia marcas de tortura física; suas injúrias exteriores tinham sido pela exposição, não agressões. Coryn olhou para Taniquel. Seus olhos brilhavam e uma cor febril surgiu em suas faces. Ferimentos invisíveis frequentemente eram mais profundos do que aqueles que podiam ser medicados.

Perto do fim, a canção tornou-se mais inventiva do que narrativa, crescendo para um chamado dos exércitos contra os tiranos que haviam usurpado o local do legítimo Rei de Acosta. O Rei Rafael estaria ocupado com a *cortes* pelos próximos dez dias e Coryn encontrou-se mais no lugar de um cortesão da propriedade, bem-vindo, mas seus negócios considerados sem muita urgência. Isso foi não mais do que alguns dias depois de ter ouvido o resto da história de Taniquel enquanto caminhavam juntos, mais uma vez no jardim. Sua voz não oscilava enquanto contava sobre os carros aéreos bombardeando os portões e sobre o uso do *laran* que forçava a mente. Uma diferença em sua voz o fez sentir que havia muita coisa que não dissera em voz alta. Talvez não pudesse. Ela sentou-se no banco, com os raios de luz do sol na nuvem negra de seu cabelo, sua cabeça erguida, suas mãos momentaneamente imóveis. Seus olhos se anuviaram como se ela estivesse olhando para dentro, para onde ela pudesse ver apenas na lembrança, e ele pensou que nunca tinha visto tanta graça silenciosa, tanta coragem.

— Temos um inimigo em comum — ele disse durante um desses silêncios, quando sentimento tomava o lugar das palavras. — Damian Deslucido, aquele que você chama de Perjuro.

— Como você veio a cruzar seu caminho?

— Melhor perguntar como ele trouxe tristeza para mim e os meus — Coryn disse pesaroso. — Antes de chegar a Acosta, ele conquistou vários pequenos reinos nas montanhas, Verdanta entre eles. Aquele que era meu lar.

— Sim, eu ouvi sobre isso — ela disse, testa franzida e boca apertada. — Verdanta, um dos reinos de Storn, e Hawksflith. Ele estava manobrando sua posição para atacar Acosta.

— Seu filho Belisar se casaria com minha irmã mais nova em uma aliança de paz, — disse Coryn. — Mas ela morreu, assim como meu pai, e Deslucido tomou o que queria pela força. Outra de minhas irmãs e meu segundo irmão mais velho desapareceram e não sei onde estão.

— Talvez pudessem com os outros.

Coryn balançou sua cabeça.

— Eu saberia, do mesmo modo como sei que Eddard e Tessa ainda vivem. Estão escondidos de mim, o que provavelmente é para o melhor, pois se não conseguir achá-los, o irmão *laranzu* de Damian também não conseguirá. Mas não sei se encontraram seu caminho para a liberdade, ou ilegalidade, ou se estão presos em alguma masmorra.

Taniquel aproximou-se e tocou as costas de sua mão com as pontas dos dedos.

— Estamos todos nas mãos dos deuses. — Então ela adicionou, com uma risada amarga: — Você sabe, para alguém tão belo e cheio de si, sem mencionar um herdeiro de

um grande reino, Belisar parece ter uma má sorte incomum em encontrar uma esposa. Eu quase sinto pena dele. Agora seu pai instigou uma disputa por fronteiras com meu tio, embora eu não acredite nem por um momento que seja a mim que ele quer.

— O tolo é ele — Coryn murmurou.

— Não — ela continuou, levantando-se como se não quisesse ouvir — sua ambição tornou-se tão grande como se quisesse encurralar metade dos Cem Reinos e mais.

Coryn não queria contrariar Taniquel, mas não podia deixá-la continuar na hipótese de que estava lá para oferecer ajuda.

— Foi por esse motivo que vim a Thendara para falar com seu tio — ele disse devagar — para pedir-lhe que não nos coloque contra outra Torre.

Taniquel continuou a andar de um lado para o outro, gesticulando, sem olhar para ele.

— Em uma disputa, contra esse tipo de inimigo, não se pode aceitar a perda de uma arma tão valiosa.

— Mas colocar Torre contra Torre...

— Ou soldado contra soldado, que diferença faz? — Ela virou-se para encará-lo. — Cada um de nós deve unir-se a um lado ou outro. Ninguém está isento. Sinto-me tão estranha dizendo essas coisas para você, pois normalmente são os homens que explicam os motivos da guerra para as mulheres.

— Você não entende. Cada um de nós tem parentes ou amigos próximos nas outras Torres. Nas transmissões falamos uns com os outros, mente para mente, mais próximo do que quaisquer palavras. — Ele viu pela mudança de sua expressão que suas palavras tocaram o seu íntimo. — Fui treinado em Tramontana. Não faria guerra com as pessoas que amo.

— Sinto muito — ela disse em voz baixa — mas não pode ser evitado.

— Certamente deve haver outro caminho. Negociações. Tratados...

— Tentamos isso no Conselho *Comyn* e ele os colocou contra nós. — Agora ela parecia nervosa, suas mãos golpeavam o ar, olhos chamejavam. — Sabe como estão chamando nossa posição contra a agressão dele? “A Rebelião de Hastur”, como se nós fôssemos os que começaram todo o problema. Eu não me importo muito em como a história considerará nossa causa, mas não verei nosso povo, ou nossos aliados, virarem-se contra nós através de mal-entendidos.

— Então por que envolver as Torres nisso? Por que não lutar suas próprias guerras amaldiçoadas? — ele perguntou, ouvindo emoções estridentes em sua voz. Ele as refreava, pois não pertenciam àquele jardim, falando com aquela adorável jovem Rainha diante dele, mas ao Lorde Hastur, o único que tinha o poder para agir. — Eu, também sinto muito. Falei demais. Você não é responsável por essas decisões.

Ela corou, uma onda de raiva e algo mais.

— Não vamos discutir — ela disse, sua voz tremendo. — Coryn, nunca pensei que o veria novamente. Este curto tempo que temos juntos é um presente. Não deixarei nosso inimigo em comum ficar entre nós.

Ela estendeu sua mão e agarrou a dele em um gesto impulsivo. Seu toque queimou através dos nervos do braço dele. Através do contato físico, ele alcançou sua mente, metade pensamento, metade memória emocional. Um instante de completa repulsa e o atordoado momento em que seu mundo e tudo em que ela acreditava ressurgiu, o gosto de ferro frio do desespero dominando-a através da tempestade, uma visão do rosto de seu tio, branco de terror. E no centro disso tudo, como uma aranha esperando por sua presa, Deslucido.

Ela deve odiá-lo demais.

Deslucido, apesar de toda a sua ganância e ambição, era apenas um homem comum.

Rumail... Mas Rumail foi expulso das Torres. Rumail não poderia fazer mais nada de

mal.

E ainda... Chamas azuis surgindo vorazmente atrás dos olhos de Coryn, parte memória, parte reflexo do medo que sentira em Taniquel.

Na sua mente ele a viu, virando-se em sua direção, olhos cheios de luz, cabelo uma auréola de vidro negro emoldurando seu rosto. Ela ergueu seus braços em sua direção enquanto as chamas cresciam, uma barreira incandescente.

Através da água você veio até mim, ele pensou. *Através do fogo eu irei até você.*

Então o momento de visão passou e juntos eles se sentaram no mundo isolado do jardim. Ela ainda segurava sua mão, seu corpo curvando-se na direção do seu. Uma cor rosada, tão clara quanto o amanhecer de verão, tingia sua pele. Estavam tão próximos que ele podia sentir sua respiração, inalar o aroma levemente apimentado que usava, ver a leve pulsação em sua garganta.

Com sua mão livre, Coryn envolveu a face de Taniquel. Ela fechou os olhos. Ele percebeu, enquanto seus dedos alisavam seu rosto, que ela tinha um pouco de empatia. Destreinada, instintiva, fluindo em todos os seus sentidos. Ela sentia não apenas seu toque, o calor e a textura de sua mão na dela, o aroma de sua pele esquentada pelo sol, todas as coisas que seu corpo experimentava, ela também sentia suas emoções.

Sem pensar, ele encostou seus lábios nos dela, ou talvez fosse ela que se movera para encontrar os dele. Um sentimento que nunca havia sentido, uma ternura tão estranha que margeava a dor, revelava-se nele. Seu coração se abriu para ele, um espelho do seu.

Nunca em todos os seus anos de trabalho na Torre experimentara uma união tão completa, tão descomplicada, sem restrição ou limites. Ela em nada resistia, igualando sua paixão no instante exato que surgia nele. O tempo perdeu todo o significado.

O farfalhar das folhas, o estalido de um galho, o trouxe de volta. Coryn abriu seus olhos para ver um pequeno pássaro levantar vôo. Os dedos de uma mão estavam firmes na dela, enquanto a outra descansava gentilmente em sua face.

Escuras pestanas se abriram para revelar olhos cheios de lágrimas luminosas. Ele nunca tinha visto nada tão lindo quanto aqueles olhos. *Em algum outro mundo, em alguma outra vida*, ele pensou, *poderia jogar-se neles para sempre.*

Taniquel piscou, fungou, se afastou. Ele se endireitou. Os músculos de suas costas doíam por ficar imóvel tanto tempo.

— Eu... — A voz dela falhou.

Coryn pensou que se ela se aproximasse dele, não seria capaz de recusá-la e ambos estariam perdidos, todos os deveres abandonados. Ao invés disso, ela ergueu suas mãos até seu cabelo e retirou uma presilha de cobre, graciosamente curvada e trabalhada com pequenas pedras brilhantes. Em volta dela saíam várias delicadas tiras da mesma seda castanho-dourada de seu vestido, terminando em pequenas rosetas amarradas. Ela estendeu-a para ele.

Seus dedos fecharam-se em volta da presilha, ainda quente. Vários cabelos negros compridos tinham ficado presos nela.

Em lembrança desta dívida do tempo... Sua mente roçava contra a dele.

Enquanto Coryn guardava a presilha no bolso interno de seu manto, tocou um tecido velho. Desde o dia que deixara o Castelo Verdanta por Tramontana, não houve uma hora em que o lenço de sua mãe o deixara. Então retirou o tecido bordado. Sem uma palavra, ele o pressionou nas mãos dela. Não havia necessidade de explicação, de dizer-lhe o que aquilo significava para ele. Ela já possuía seu coração, enquanto ele possuía o dela. Sua união era além das palavras.

Por um longo momento, uma eternidade de batidas de coração, não houve um único suspiro.

— Lady Taniquel! *Vai domna!* — A voz de uma mulher chamou à distância. A ama.

Ela mexeu-se, e o momento se quebrou. Ele permaneceu imóvel enquanto ela juntava suas saias e entrava de volta ao castelo.

Vinte e Sete

Nuvens, tão leves e belas que o próprio céu parecia branco, estendiam um véu sobre as colinas ao redor ainda cobertas de branco. Enquanto o frio da noite surgia, os aromas misturados de arbustos, flores do campo de verão, e terra quente viajavam na brisa suave. Um falcão pairava acima enquanto ratos disparavam para suas tocas. Na distância, uma família de cervos unia-se na segurança das encostas cheias de árvores.

Belisar Deslucido montava seu enorme garanhão vermelho-dourado no monte que era o ponto mais alto do vale e esperava a batalha desdobrar-se abaixo dele. Enquanto o cavalo se remexia, ele bocejava e esfregava os resíduos do sono de seus olhos.

As forças de Ambervale chegaram tarde na noite anterior, com tempo suficiente apenas para a matança e para cozinhar os víveres saqueados do pequeno vilarejo comercial perto do rio. Foram atrasados pelas forças da guerrilha que tinham enfim descido das Montanhas Verdanta, atacando e ferindo como um ninho de formigas-escorpiões. Ao contrário dos insetos venenosos, eles não causaram uma séria ameaça, certamente não às disciplinadas tropas, mas atrasaram sua passagem.

Na preparação para a campanha, Damian Deslucido movera seu quartel-general para Acosta e dali tinha iniciado o ataque. Belisar devia estar bem para dentro das terras de Hastur quando esta batalha ocorresse, visto que mesmo um empate lhe somaria quilômetros de terras fronteiriças. Seu general, O Lobo Amarelo, insistiu que seria melhor enfrentar as forças de Hastur ali ao pé das colinas do que nas planícies aonde seu maior número e fáceis linhas de suprimentos trabalhariam para sua vantagem.

Agora o Lobo descera com seu exército, avançando pela esquerda, mantendo homens atrás na reserva. Os contornos naturais da terra deram-lhes cobertura parcial, embora não estivessem na melhor posição. Dia e inimigo surgiram sobre eles muito cedo.

Umhas poucas mudanças nos planos e horários eram meros detalhes, dependentes das circunstâncias. A vitória seria dele no final, pois sua causa era justa. No passar dos últimos anos, o objetivo de unificar Darkover tinha juntado vida e impulso em um só, como algumas forças elementares naturais.

Belisar sentia-se cansado, mas talvez fosse apenas ressentimento por estar ali em cima, a uma distância segura, ao invés de liderando seus homens como desejava.

— Com poder vêm responsabilidades — Damian havia lhe dito. — Um rei não pode arriscar sua vida como qualquer soldado comum.

— Eu ainda não sou rei — Belisar tinha dito.

— E se for morto na batalha, nunca será! — Depois disso, não havia mais nada para ser dito.

Rumail, no manto cinza com capuz que havia se tornado sua vestimenta habitual, estava sentado em sua mula um pouco afastado de Belisar, cabeça inclinada para falar em particular com os dois *laranzu' in* de Tramontana. Ele tinha se preocupado com algo toda a manhã.

De dentro das brumas baixas, os homens de Hastur aproximaram-se juntos, montados e a pé. Um cavaleiro saiu das primeiras tropas, bandeira branca erguida. Os homens de Ambervale o interceptaram e, depois de alguma discussão, o escoltaram até a colina. Belisar observou-os se aproximarem, distraído.

Uma negociação? O que havia para negociar, exceto para atrasar a missão do dia?

O mensageiro, um oficial jovem e sério, não desmontou, mas abaixou o estandarte branco em saudação. Sua montaria espumava pelas narinas e balançava sua cabeça.

— Em nome de Rafael Alar Julian Hastur, Rei e segundo no nome, comando que cesse esta incursão desleal de forças armadas em nossas terras e parta de volta para sua própria terra. — A voz juvenil saía firme; a voz de um cantor.

Belisar disse:

— E se não voltar? Se me agrada ocupar estas terras?

O oficial umedeceu seus lábios.

— Então pela força dos exércitos, Sua Majestade reforçará a soberania de seu território.

— E teremos uma batalha? Ótimo! — À reação alarmada do mensageiro, Belisar jogou a cabeça para trás e riu. — Deuses, garoto, sobre o que acha que isto é? Sua grande e poderosa Majestade pensa que percorremos todo este caminho para uma conversa educada?

Belisar então mandou o sinal para o Lobo Amarelo avançar ao ponto máximo de vantagem. Adicionou a ordem para tomar o jovem mensageiro como prisioneiro.

— Queimem a bandeira. Façam com que eles vejam lá embaixo. Esta será sua resposta.

O garoto, para seu crédito, tinha bastante inteligência para não se fazer de tolo com protestos inúteis.

O cavalo de Belisar saltitava em seu lugar, cheirando a adrenalina crescente. Pelo que pareceram horas, mas foram na verdade apenas minutos, as forças de Ambervale arrastaram-se adiante.

Os homens de Hastur mantiveram suas posições. Belisar quase podia ouvir suas bandeiras batendo ao vento e os cavalos relinchando, arreios tilintando. Sentia seu suor forte e intoxicante. Parte dele desejava estar lá embaixo com eles, um grito de batalha se elevando em sua garganta, as rédeas firmes em seus dedos, sua montaria tremendo de ansiedade.

Abaixo, uma gritaria confusa transpassava a tensão estremecida. Belisar não se importava de qual lado vinha. Era hora; a batalha comandava seu próprio destino. Ambas as forças se adiantavam como flechas soltas de arcos bem esticados. Em intervalos, poeira subia em ondas da cavalaria. Gritos de guerra e relinchos ataçavam o clamor. O garanhão vermelho-dourado bufava e saltitava abaixo dele, puxando o freio.

Através de brechas da poeira ondulante, ele avistou a luta, cores e bandeiras. Pontas de lanças brilhavam no sol. Um cavalo corria sem cavaleiro e outro empinou tão alto que caiu para trás.

Vista dali, a batalha movia-se agonizantemente devagar, embora Belisar soubesse que a ação em campo era frenética. Espadas golpeavam, lanças furavam, cavalos empinavam, a morte sempre um instante próxima, um lampejo no campo de visão, aquele instinto que faz um homem virar-se e desviar de um golpe por triz. A melodia do aço contra o aço. O sabor misturado de areia e sangue. A grande elevação que corria em cada nervo como se um relâmpago atingisse seu corpo inteiro. Seu coração batendo, pensando naquilo, desejando aquilo.

O corpo principal das forças de Hastur tinha se adiantado, engajado no centro e na ala esquerda, deixando seu flanco relativamente indefeso.

Sim! Nós os pegamos! Exultação subia em cada fibra de seu corpo, mais intoxicante do que vinho.

As tropas de reserva do Lobo Amarelo surgiram adiante. Um barulho surgia deles como nenhum outro. Milhares de gritos de batalha fundiram-se em um único bramido. Os leões que perambulavam nos desertos além das Cidades Secas deviam soar assim quando cercavam uma gazela.

Por um instante, Belisar se perguntou o que os homens de Hastur estariam pensando

enquanto aquelas tropas novas surgiam atrás deles, quando virassem para lutar, talvez costas a costas com seus irmãos, sabendo que no fim iriam cair. Amaldiçoariam o Rei que os levara para a ruína? Ou lutariam sem pensar até o final?

Rumail tirou o capuz de seu rosto para esquadrihar o céu. Seus olhos se estreitaram e Belisar sentiu sua concentração, procurando penetrar as nuvens.

— Ali! — Rumail gritou, e apontou.

Uma graciosa forma em V lançou-se de uma parte azul, rodando, circulando para baixo.

— O que é isso? Um falcão? Ainda é cedo. Ou *kyorebni* vieram para se banquetear do que deixamos?

— Ave-sentinela. — A voz de Rumail era severa.

Nenhum pássaro comum voava acima deles. Em algum lugar da parte de Hastur, um *laranzu* ou talvez uma daquelas amaldiçoadas *leronis* unira-se telepaticamente ao pássaro e podia ver tudo o que ele via.

Ainda assim, o que aquilo importava? Ver a armadilha se fechar sobre eles não salvaria as forças de Rafael. O plano do Lobo estava correndo brilhantemente. Suas reservas fariam seu trabalho e os homens de Hastur seriam forçados a recuar ou seriam cortados em tiras. Do mesmo modo, uma derrota tão reverberante desmoralizaria o inimigo e faria tanto estrago quanto a perda de território e de homens. Belisar saboreava a vitória, doce como mel.

Ele seria generoso no final. Não seria necessário destruir Hastur completamente desta vez, apenas obrigá-lo a recuar para que não fosse mais uma ameaça, para que tratados e alianças fossem ditados nos próprios termos do Rei Damian. Eventualmente, o reino seria absorvido à Ambervale Maior. Então nenhum outro Domínio ousaria desafiá-los.

Cornetas soavam lá embaixo, talvez o sinal para recuar. Belisar não tinha certeza, pois o padrão não era familiar e era distorcido pelo tumulto da batalha.

Com efeito, os homens de Hastur começaram a se afastar. Eram bons soldados, pois ao invés de se virarem e correrem, eles reagruparam-se mesmo enquanto se retiravam. Pelo modo que eles se juntavam, ele imaginou seus feridos andando no centro. Admirava homens com tanta disciplina em face da derrota certa.

Uma atrás da outra, as unidades Hasturs saíram, flâmulas azuis e prateadas voando. Ambervale saiu atrás deles, fechando, atacando. Belisar ouviu mais cornetas, desta vez a sua própria, dando o sinal alto e agudo para atacar.

— O dia é nosso! — gritou Belisar.

Ele ergueu sua espada. Seu cavalo saltitou, ansiedade o bastante para os dois. Ele puxou as rédeas e circulou de volta à sua posição.

Ao virar-se, percebeu a cara fechada de Rumail. Pois que ficasse irritado. Nem todas as batalhas eram ganhas com bruxaria, embora fosse bom manter tais armas de reserva.

Enquanto Belisar voltava sua atenção para os campos abaixo, algo estranho subitamente o atingiu. Por um longo instante, não pôde perceber o que era, então ele soube. Tinha estado tão ocupado com a exultação da vitória, que não percebera o quão deliberada tinha sido a retirada de Hastur.

Eles não se moviam como homens derrotados esforçando-se para manter a si próprios e seus companheiros vivos. Não, eles se moviam muito suavemente, bem ordenadamente. Seus movimentos o lembravam, de um modo bizarro, de uma exótica dançarina das Cidades Secas provocando seus clientes, saindo por detrás, sorrindo, gesticulando para que a seguissem...

As tropas de Ambervale, gritando em triunfo, seguiam seus inimigos, flancos e retaguarda desiguais, toda atenção focada em suas vítimas. Desceram rapidamente até o vale aberto entre as colinas enevoadas.

Rumail olhou para o céu mais uma vez, para a ave-sentinela que não estava mais

visível na névoa. Quando se virou para Belisar, a urgência retorcia suas feições.

— Recuar! Mande recuar!

— Sobre o que está falando? — disse Belisar.

Mais cornetas soaram, agudas e sinistras, distorcidas. Seus ecos preenchiam o vale. O sangue de Belisar corria frio, ouvindo aquilo. Precisou de todo o seu autocontrole para não cobrir os ouvidos com as mãos. Se Zandru e todos os seus demônios de chifres estivessem caçando na face da terra, certamente soariam como aquilo.

Abaixo, as forças de Hastur continuavam a descer, mais rápido agora. Os homens de Ambervale pararam seu ataque e olharam em volta, como se procurando a origem do som.

Rumail agarrou o antebraço de Belisar em um aperto de ferro. Sua respiração sibilava através de seus dentes.

— Mande um cavaleiro até o Lobo Amarelo. Agora, antes que seja tarde demais.

Belisar o encarava, sem compreender.

— É uma armadilha! — Rumail gritou.

As cornetas silenciaram e naquele momento, Belisar percebeu que o velho *laranzu* estava certo. Seus homens e os de Hastur não estavam mais juntos; um espaço havia-se aberto entre os dois exércitos. A poeira abaixou, deixando uma vista clara do campo. Os gritos de batalha caíram no silêncio.

Rumail olhou para cima, olhos gélidos. Antes que pudesse falar, um urro veio das colinas. A névoa sumira, como se nunca tivesse existido.

As forças de Ambervale estavam cercadas por um exército duas vezes maior, parado nas colinas em ambos os lados... e por trás. Sob a cobertura da névoa artificial, seu recuo fora bloqueado.

Aqueles usadores de sandálias comedores de esterco de nove pais!

— Faça alguma coisa! — ele grunhiu para Rumail.

— Eles são muitos — o velho falou bruscamente. — E estão protegidos por *laran*. Como pensa que conseguiram ficar escondidos de mim?

No campo abaixo, um cavaleiro esporeou sua montaria do lugar do Lobo Amarelo até o conjunto de bandeiras de Hastur na colina distante. Carregava uma bandeira branca. Pouco tempo depois, outro cavaleiro de Ambervale, ou talvez fosse o mesmo, aproximou-se do grupo de Belisar.

A face do homem estava branca, mas ele se controlava orgulhosamente. Desceu da sela e ajoelhou-se.

— Sua Alteza, trago os termos de Hastur para nossa rendição.

Belisar segurou um ímpeto de raiva. Ele não tinha mandado nenhuma mensagem para oferecer rendição. Seu pai ficaria furioso, não importa o resultado agora, fosse a derrota ou a destruição de suas tropas. Ambos significavam a perda do território e o fracasso de seu objetivo. A única diferença seria o custo. O Lobo Amarelo estava certo em procurar um modo de poupar seus homens de lutar novamente, de jogar o pouco de força restante na ruína.

— Levante-se, soldado. Vamos ouvir estes termos.

Os termos, embora simples, eram inesperadamente generosos. Os homens estariam livres para retornar às suas casas, mantendo suas armas pessoais, se jurassem nunca mais levantar aquelas armas contra Hastur. Mas o próprio Belisar teria que se render para o Rei Rafael, sendo levado de volta a Thendara.

— Como o que? Como prisioneiro? Como refém? — disse Belisar. — Meu pai nunca aceitará ou negociará com essa... essa ralé!

Belisar nunca tinha estado tão consciente de sua posição como único filho vivo de seu pai, seu herdeiro. Damian estava certo em mantê-lo fora da batalha em si, mas errou em subestimar Hastur. Com Belisar em suas mãos e à mercê deles, a missão estaria paralisada. Todo o seu plano de conquista falharia. Do mesmo modo que precisara de Acosta como uma

passagem para Hastur, agora ele precisava de Hastur como uma chave para uma união ainda maior.

Belisar pediu que fosse trazido o mensageiro de Hastur e instruiu o garoto para dizer a seus mestres que o Príncipe precisava de tempo, quatro horas no mínimo, para consultar seu general e fazer preparações. Depois ele desmontou e esperou impacientemente que o Lobo Amarelo se juntasse a ele. Então ele andou ao lado de Rumail e o general, mantendo a voz baixa.

— Não devo me render, vocês sabem disso — disse Belisar. — Não podemos deixar isso acontecer, é impossível!

— Eles não permitirão que recuemos sem isso — o Lobo disse gravemente.

Belisar tocou a ponta da manga de Rumail. O manto com capuz era grosso o bastante para disfarçar sua vestimenta. Coberto pelas suas amplas dobras, poderia sair com os outros *laranzu' in*.

Mas quem tomaria seu lugar? Aqueles tolos generais de Hastur poderiam confundir algum subordinado com o verdadeiro Belisar? Deveria haver um jeito! Rapidamente, ele delineou sua idéia. O Lobo Amarelo balançou sua cabeça, dizendo.

— Eles saberão que não é você. Sua aparência é muito conhecida.

— Juntos nós três podemos disfarçar algum outro homem para que se assemelhe com sua aparência exterior — disse Rumail. — Ele terá que ter seu tamanho, mas isso não é difícil. Há muitos soldados que se aproximam o bastante em altura e estrutura.

— Quanto tempo poderia manter tal ilusão? — perguntou o Lobo. — E os seus próprios feiticeiros não suspeitariam de tal truque e examinariam o homem de perto? Você realmente pode esconder deles todos os traços com o disfarce?

— Não durará muito, longe de nossa influência — Rumail admitiu, — nem passará por um exame mais próximo por alguém com *laran* treinado.

— Generais Hasturs não são tolos, e quanto aos seus *laranzu' in*, nós já vimos o que podem fazer — o Lobo Amarelo disse, esfregando a velha cicatriz que atravessava sua face. — Eles irão suspeitar...

— Ah! — disse Rumail. — Mas teremos planos para isso.

Durante a próxima hora, mensageiros foram e voltaram, enquanto Hastur oferecia uma hora e Belisar pedia três. Os exércitos mantinham suas posições, Hastur nas colinas e Ambervale no vale. Homens de ambos os lados retiravam os mortos e tratavam dos feridos.

Rumail e seus colegas de Tramontana voltaram ao acampamento da noite anterior, onde se reuniram na tenda do capitão. Bem na hora que se aproximava o prazo final de Hastur, Rumail mandou uma mensagem para Belisar.

A tenda fedia por causa do calor do dia, a suor velho, e a um cheiro fraco de vinho. No meio escuro, Belisar viu dois homens. Eles se inclinaram para ele, mas nenhum falou. Um parecia como qualquer jovem oficial de sua mesma estatura, mas o outro... era para ele mesmo que estava olhando. O impostor falou até com sua própria voz, um sussurrado:

— Alteza... — como se estivesse com medo de abrir sua boca.

Não, ele pensou, chegando mais perto, *não era para um espelho que estava olhando, mas uma cópia borrada de si mesmo*. O rosto era igual, o cabelo radiante, a curva dos lábios e a linha do maxilar, mas com certeza ele tinha os ombros mais erguidos e movia-se com um passo mais seguro.

— Está dizendo que esta ilusão enganará Hastur e seus feiticeiros? — Belisar perguntou a Rumail.

— Oh, não é isso que eu pretendo. Como pode ver, este feitiço é grosseiro, como se forjado apressadamente. — Rumail fechou a mão em volta de sua pedra-da-estrela. As feições do falso Belisar ondularam como uma miragem numa onda de calor e o outro homem ficou

ali, piscando. No momento seguinte, a ilusão foi restaurada. — Qualquer um que o conhece bem detecta a diferença em poucos momentos.

— Então...

— Os *laranzu' in* de Hastur são competentes. Certamente irão desmascarar este homem como um impostor. Nós admitiremos nossa duplicidade, — seu general e eu, e relutantemente entregaremos este segundo homem no lugar.

— Mas ele não se parece nada comigo!

Rumail deu um suspiro exasperado.

— Ele parece, para qualquer um com o mínimo traço de *laran*, com um homem cuja verdadeira aparência foi disfarçada com um feitiço. E sua “verdadeira aparência”...

— Será a minha! — Belisar gritou, deliciado com o truque.

— Tendo descoberto um disfarce, eles não pensarão em olhar mais de perto — Rumail disse. — Eles podem ser habilidosos, mas a vitória também os deixa arrogantes.

— Tio, você é mesmo uma velha raposa astuta!

Depois que o impostor montou no cavalo vermelho-dourado de Belisar e encaminhou-se ao acampamento de Hastur com sua rendição formal, Belisar e Rumail permaneceram na tenda. Belisar retirou sua bela túnica, botas, e espada em seu cinto de couro, e vestiu o manto de Rumail. O próprio Rumail colocou uma roupa comum, camisa e calças sobre botas. Parecia como qualquer servo de meia-idade, um médico talvez, mas nada mais. Enquanto Belisar terminava de ajustar seu cinto, Rumail gesticulou para que se aproximasse.

Belisar olhou para dentro da pedra-da-estrela de Rumail. Algo detrás de sua garganta tornou-se gelo e mudou. Por um longo momento, seus pulmões se fecharam. Parecia estar encerrado em gelo azul.

— Pronto. — A palavra de Rumail o libertou e Belisar pôde respirar novamente. — Agora você pode jurar por qualquer coisa que quiser, mesmo sob o feitiço da verdade, que é Beron, um novato mecânico de matriz treinando conosco em Ambervale, e ninguém será capaz de desdizê-lo.

Durante a inspeção das tropas derrotadas e a tomada de seus juramentos, Belisar manteve o capuz abaixado sobre a face. Tentou ficar com suas mãos cobertas humildemente e lembrou-se de manter sua postura curvada. Seus ouvidos se esticavam a cada sílaba das conversações dos oficiais, particularmente sobre a rendição de “Príncipe Belisar”.

A ordem para os exércitos se retirarem veio calmamente. O primeiro impostor foi descoberto, como Rumail havia predito, e o segundo oferecido e aceito.

Na hora em que a segunda troca estava completa, suor cobria as têmporas de Belisar e seus nervos estavam tensos como as cordas de um arco. Das sombras de seu capuz, ele observou o rosto impassível do Lobo Amarelo enquanto guiava o recuo.

Embora Belisar não gostasse particularmente de seu tio, o homem claramente tinha suas utilidades. Quando o comandante Hastur perguntou seu nome e Belisar ofereceu o falso, nem um lampejo de dúvida cruzou o rosto do homem.

Belisar montou uma mula, pela sua submissão e temperamento um animal de carga completamente inadequado para cavalgar, e seguiu Rumail e seu *laranzu' in*, à uma respeitável distância atrás de Lobo Amarelo e seu oficial mais velho. A mula balançava sua cabeça repetidamente, as longas orelhas batendo para expulsar as moscas. Belisar perguntou-se irritado quanto tempo teria que se sentar neste lombo ossudo até que pudesse exigir um cavalo adequado. Sabia que era melhor para não atrair a atenção; deveria agir como aparentava, um trabalhador de *laran* novato, uma pessoa sem nenhum crédito especial.

Rumail cavalgava encurvado, uma mão em cúpula à sua frente, a outra solta segurando as rédeas. De repente, ele se endireitou na sela. Sua mula pulou, orelhas batendo enquanto ele batia com os pés nas laterais. Gritando, ele se adiantou para Lobo Amarelo.

Belisar não pôde ver exatamente o que aconteceu depois. Havia uma confusão de atividade ao lado do general e oficiais esporeavam suas montarias de volta para a força principal. Cornetas soaram o recuo, com a ênfase do que significava *o mais rápido possível*. Um dos comandantes, o jovem oficial sério que era o protegido especial de Lobo Amarelo, forçou sua grande égua malhada para uma parada atrás de Belisar e saltou de seu lombo.

— Pegue o cavalo, meu príncipe! Ordens do general! — ele gritou, agarrando as rédeas da mula.

Belisar arrancou seus pés dos estribos da mula e desmontou leve e graciosamente. O capuz escorregou de sua face.

— O que aconteceu?

— O segundo impostor foi descoberto. *Dom* Rumail viu em sua pedra-da-estrela. Eles sabem, Alteza, eles sabem!

Os primeiros soldados já passavam por eles, homens a pé e arqueiros corriam, a cavalaria movendo-se para defender a retaguarda. Rumail havia voltado para juntar-se aos outros *laranzu' in* longe da trilha principal. De seus alforjes, Rumail tirou um pequeno aparato de metal, desembulhando suas asas segmentadas. O bojo de vidro brilhava ferinamente verde, mas apesar disso tinha a forma de um pássaro. Uma lasca de pedra-da-estrela cintilava no lugar de seu olho esquerdo.

Então Rumail realmente conseguira desenvolver as coisas amaldiçoadas. Belisar sabia que esta era a única esperança deles, a única esperança dele, e seu estômago já queimava com fogo congelante.

Belisar pulou nas costas da égua malhada e enterrou os calcanhares nas suas laterais, chicoteando-a com as pontas das rédeas para conseguir o máximo de velocidade.

Vinte e Oito

Sob um céu cinza, a tarde caiu sombria sobre as colinas aos arredores do Castelo Acosta, nos quartéis gerais de Damian Deslucido. Flâmulas pretas e brancas pendiam de seus mastros nas paredes e nas tendas do exército acampado nos campos abaixo. Novamente uma briga entre dois ou três soldados quebrou a melancolia do dia. Nenhum pássaro cantava, embora enormes moscas negras rodeassem os cavalos que pisoteavam e mordiam uns aos outros. Dentro do castelo, um bebê chorava bastante.

Damian Deslucido permanecia na sacada, olhando para os distantes vinhedos, e refletia o quanto tinha sido fácil viajar através deles no caminho para a vitória e como insatisfatória aquela vitória tinha sido. A sensação da conquista evaporara na realidade de que agora ele comandava uma terra tão vasta que poderia ficar sentado ali, esperando por notícias, enquanto outros homens guiavam seus exércitos. Então ele mandara Belisar no que deveria ser uma fácil incursão, invadir e tomar conta de uns poucos quilômetros de fronteiras inúteis.

Ele se afastou do parapeito de pedra. Começara alguns dias atrás, homens chegavam ao acampamento, alguns tão exaustos que caíam na inconsciência e morriam. Pelo sétimo inferno de Zandru, o que havia dado errado?

Rumores correram através de Acosta sobre uma ressonante derrota em que Príncipe Belisar tinha fugido para salvar sua covarde vida. Alguns falaram da força demoníaca de Lorde Hastur, que usou sua feitiçaria para expulsar os homens amaldiçoados com uma morte demorada. A própria guarda de Damian pegou um homem espalhando esses boatos e o enforcou nu em frente aos portões do castelo. Depois disso, tais coisas só eram ditas em sussurros.

Damian murmurou maldições. Esta sensação de devaneio não era nada mais do que resultado do clima. Se ao menos as nuvens pudessem se unir e lançar trovões. Ele se tornaria um relâmpago na tempestade com toda a sua gloriosa crueldade.

Onde estava Lobo Amarelo? Onde estava aquele seu irmão inútil usador de sandálias? E onde estava Belisar?

A última coisa que Rumail vira de seu sobrinho fora o traseiro da égua malhada, galopando o mais rápido que podia. Belisar estava inclinado sobre seu pescoço, batendo com força em seu flanco com os calcanhares. Homens se dispersavam diante dele, observando-o com seus olhos pálidos de consternação. Rumail captava suas palavras não ditas, *Por que nosso príncipe e comandante está fugindo?* Dentro de momentos, Belisar desapareceu dentro da aglomeração de homens montados e soldados de infantaria.

Ótimo, Rumail pensou. Com alguma sorte, e lamentando por quebrar uma perna, o herdeiro real estará bem longe da área a ser contaminada.

Um momento antes da partida de Belisar, Rumail havia afastado sua mula do corpo principal dos homens de Ambervale em sua retirada ordenada. Precisava de concentração para completar sua próxima tarefa, impedir que a escória Hastur alcançasse o Príncipe. De seus alforjes, retirou três dispositivos mecânicos, com o formato e tamanho de pequenos falcões.

O pensamento vibrou através da mente de Rumail de que, se ele se atrasasse, se Belisar fosse pego e morto, então ele, Rumail, viria a ser o herdeiro de Ambervale e todos os seus bens. Rapidamente, dispensou a idéia como injusta. Uma vez, aquilo o tentara seriamente, mas havia se colocado além do desejo pelo simples comando. Agora pensava melhor. A chave para comandar Darkover não estava no poder de armas comuns. Este dia de batalha o provaria decisivamente. Sem seu *laran*, os Hasturs seriam uma presa fácil.

Testa franzida, Rumail estudou os dispositivos produzidos pela força de *laran*. O pó

derrete-osso que enchia os frágeis bojos de vidro era considerado apenas como último recurso. Se esta não fosse uma situação de último recurso, com Belisar solto e talvez sua vida em jogo, então o que seria? Descontroladas, as forças de Hastur poderiam muito bem invadir Acosta. Eles tinham ímpeto, confiança e liderança ao seu lado. Com seus *laranzu' in*, poderiam até mesmo conseguir um cerco satisfatório ao próprio Castelo Acosta. E se Damian pôde tomar o castelo, então Rafael Hastur também poderia.

Eles tinham que ser impedidos, não importasse o preço, ou tudo poderia ser perdido, muito mais do que o couro covarde de Belisar.

O pó derrete-osso, inativo no momento, com apenas uma leve radiação esverdeada, tinha sido adquirido do círculo renegado em Temora a um custo obscuro, pois Tramontana alegava que era incapaz de produzi-lo.

Incapaz? Ele se perguntou. *Ou simplesmente não queriam?* Logo que conseguisse convencer Damian, pretendia viajar até lá e instalar uma obediência adequada. Como não pôde treinar seu próprio círculo, não no tempo em que esses eventos momentâneos exigiam, ele tomaria controle de uma Torre estabelecida. Ser Guardião de um círculo completamente treinado seria um assunto bem diferente do que tentar reunir novatos incapazes e indisciplinados. Tramontana e depois Neskaya cairiam em suas mãos como plumas.

Ele estabeleceu uma ligação com as pequenas lascas de pedra-da-estrela colocadas em cada dispositivo e lançou-os para o ar. Os mecanismos de guia eram bem simples, ele controlou todos os três sem esforço. Asas mecânicas batiam enquanto ganhavam altitude. Ele os seguiu com sua mente enquanto navegavam as correntes de ar, nunca vagueando como fariam os pássaros comuns, mas dirigindo-se diretamente em direção ao céu acima das forças de Hastur.

Não muito alto... Ele procurava uma área limitada, para que um mínimo de área ao redor fosse poluído. O veneno duraria por gerações, tornando Riacho-seco uma área intransponível para todos exceto tolos suicidas.

Rumail levou os pássaros mecânicos mais para baixo. Não podia segui-los com seus olhos físicos, apenas com seus sentidos de *laran*. Ele deu o sinal de *Libertar*. Os vidros se quebraram e fragmentaram-se em inúmeras partículas.

Poeira começou a cair devagar e constante em direção aos soldados Hastur. Rumail olhou para cima, de olhos cerrados, como se captasse a luz do sol. Nunca lhe ocorrera como aquilo podia ser tão belo, faiscando e brilhando ao sol. Homens de ambos os lados pararam para olhar.

Com a morte caindo dos céus, aqueles tolos Hastur olhavam boquiabertos para sua destruição. Repentinamente uma brisa soprou, como se vinda das forjas de Zandru.

O veneno artificial foi soprado de volta para Rumail e seus homens.

Rumail parou a sua mula. Gesticulando, ele gritava e apontava na direção do recuo.

— Fugam! Fugam pelas suas vidas!

Aqueles mais próximos dele obedeceram e correram, alguns jogando suas armas e alforjes. Outros não prestaram atenção ou olhavam para seus próprios oficiais, se pudessem achá-los no caos crescente. Poeira comum elevava-se, sufocando homens e animais.

Retirando sua pedra-da-estrela da corrente ao redor de seu pescoço, Rumail focou em suas profundezas, usando sua ressonância para amplificar seu *laran*. Elevou sua mente até as correntes de ar, e sentiu uma onda de alívio. Aquele era um vento natural e não um criado por interferência psíquica nos padrões climáticos. Havia rumores que os Aldarans faziam aquilo em grande escala, e vários círculos podiam manipular nuvens de chuva em algum nível. Então começavam, quando seus Guardiões o permitiram, sem a agonia comum sobre a quebra de padrões naturais e sobre causar imprevistas conseqüências em outros lugares, uma seca ali ou uma enchente lá, tudo por mover umas poucas nuvens ao redor. Essas coisas sem dúvida aconteceriam de qualquer jeito. Rumail não tinha talento especial em controlar o clima, mas

também não era muito modesto quanto a seu poder como um *laranzu*. Ele sabia o bastante para conter a brisa e até mesmo virá-la de volta para as forças de Hastur.

Rumail espalhou seus sentidos psíquicos, mapeando as áreas de ar mais frio e mais quente. Manipulando os extremos das diferentes temperaturas, ele sentiu a pressão suavizando a brisa. Um momento mais e reverteria a corrente de ar, mandando o pó mortal de volta para seu alvo.

— *DEMÔNIO!*

Um grito, tão rouco que mal parecia humano, quebrou a concentração de Rumail. Piscando, ele voltou ao mundo material para ver um homem nas cores de Hastur correndo até ele. Em um único momento, sua visão foi preenchida pelo céu, pela poeira radiante e por uma face avermelhada, distorcida pela fúria. O homem tropeçou, se recompôs, e ergueu seus braços. O sol brilhava na ponta da lança do homem, apontado em direção ao estômago de Rumail.

Sem pensar, Rumail puxou a cabeça da mula e virou-se na sela. Algo o atingira do lado, um forte golpe como o chute de um selvagem *oudrakhi* que o derrubou no chão. A terra surgiu para arrancar o ar de seus pulmões. Alguém gritou bem agudo, acima de toda a confusão de gritaria e relinchos.

Com um relincho de pânico, a mula empinou. Rumail tentou rolar para longe de seu caminho. Seu corpo parecia de chumbo, sem reação. Pesados golpes o atingiram. Não podia dizer se foi chutado pela mula ou pelo homem que passava correndo por ele. Seus olhos focaram a imagem do ventre da mula enquanto esta saltava sobre ele. Ele se encolheu, cobrindo a cabeça com as mãos.

Alguém o agarrou pela axila e arrastou-o pelo chão. Pedras rasgavam sua roupa, arranhando sua pele. A dor parou, como se estivesse doendo em outra pessoa. A gritaria enchia seus ouvidos.

Por um longo momento, ele ficou parado, esperando o próximo golpe de cascos ou botas, mas nada veio. A dor latejava por toda a lateral de seu corpo, acima das costelas; então, súbita e intensamente, aquilo lhe tomara o fôlego. Ele se desenrolou e tentou se sentar. O mais leve movimento ocasionava dor. Sua visão se turvou, mas sabia que estava na base de um pequeno monte rochoso, bem longe do caminho do exército.

Cauteloso, ele tocou ali com a mão sadia e retirou seus dedos sujos de sangue.

Rumail deitou-se e fechou seus olhos, recuperando sua força. Graças a todos os deuses, ainda tinha sua pedra-da-estrela. A corrente não arrebentara na queda. Movendo-se cuidadosamente, ele a pegou.

Tinha apenas o treinamento mais básico como monitor, faltando a empatia necessária para fazer o trabalho realmente direito. Mas agora sua vida dependia de sua habilidade.

A dor seria uma distração, então teria que lidar com isso, pois se adormecesse a área, não seria capaz de determinar a natureza de seus ferimentos. Ele ficou imóvel, respirando fundo.

Vá para dentro da dor, disse a si mesmo. *Afunde-se nela. Mova-se através dela até o seu objetivo*. Por um momento, ele lembrou-se da expressão transfigurada no rosto de Ginevra enquanto se embriagava na dor da jovem garota... qual era mesmo seu nome? Isso não importava.

A dor suavizou um pouco enquanto ele afundava para dentro de seu próprio corpo. Dentro de poucos minutos, sabia que a ponta da lança tinha rasgado sua pele e lascado uma de suas costelas. A ponta tinha perfurado seu pulmão, prejudicando um lóbulo. Sangue rapidamente preenchia os tecidos ao redor. Tendo tempo, ele poderia curar-se. Mas se aquilo o prendesse ali, o ferimento provavelmente se tornaria fatal.

Apertando sua pedra-da-estrela, ele focou nos tecidos em volta... pele, músculo, vasos, nervos. Seria uma tarefa demorada repará-los o suficiente para que pudesse viajar.

A primeira partícula de pó derrete-osso o tocou.

No estado de Rumail de consciência de *laran* elevada, aquilo queimava como *fogo aderente*, apesar de não ser quente ou cáustico. Desesperadamente, ele ergueu uma barreira de energia entre si e a partícula e sentiu-a se erguer, suspensa pelas forças de repulsão. Ele modificou sua consciência para sentir milhares delas, milhões talvez, flutuando na brisa.

A *brisa*, ele repetiu amargamente para si mesmo, *que ele fora incapaz de parar*. Ele se perguntou se sua própria morte seria um pagamento adequado pela sua falha.

Mas ainda queria muito viver. Não havia terminado tudo o que queria realizar. De fato, tinha apenas começado a entender o que eram aquelas coisas. De qualquer modo, tinha que achar uma maneira de sobreviver.

Rumail aproximou seus joelhos do peito, fazendo seu corpo o menor que pôde, e usou seu *laran* treinado para criar um escudo entre ele mesmo e a poeira tóxica.

Enquanto afundava em um transe profundo, percebeu que não tinha força disponível para curar-se. E sem a habilidade para andar, não poderia deixar a área contaminada. Nenhum homem vivo, nem mulher, podiam teleportar-se sem a ajuda de um círculo e grandes telas artificiais de matriz. Ele poderia ficar ali escondido e imperturbável, preso detrás das barreiras erguidas pela sua própria mente, enquanto suas energias vitais se reduziam e se esgotavam, de brasas a cinzas.

Estava encurralado.

Em algum lugar lá fora estavam os *laranzu' in* de Hastur, os que haviam se protegido dele e mascarado o cerco do exército. Se pudesse alcançá-los...

Implorar por resgate para os inimigos de meu irmão?

Mas ele devia sobreviver, tinha de sobreviver. Se não para seu próprio bem, então pela visão que partilhara com Damian, e o grande sonho distante que era só seu.

Seu último ato consciente foi disfarçar seu padrão mental enquanto mandava um apelo por ajuda...

Vinte e Nove

Um cavaleiro entrou no acampamento Hastur quando o crepúsculo estava caindo. Coryn ouviu berros da tenda que compartilhava com vários jovens oficiais. Ele não havia planejado vir, mas concordara no último momento, esperando uma chance de declarar seu caso em particular diante de Rafael. Certamente o Rei concordaria que qualquer que fosse o papel do armamento de *laran*, as Torres não deveriam se envolver.

Ali no campo, tudo era motivo para discussão. Ele não havia percebido a seriedade, ou desespero, de homens em conflito armado. Nenhum rei sensato desperdiçaria sua arma mais poderosa.

Ao mesmo tempo, Coryn teve a certeza de que nem o Rei Rafael, nem seu adversário realmente entendiam a magnitude das forças que uma Torre controlava. Eles nunca cavaram quilômetros abaixo da superfície para retirar minerais preciosos, nem manipularam a energia para reunir as mais minúsculas partículas, nem tocaram os vastos campos magnéticos e elétricos do próprio planeta. Se *laran* podia impulsionar um carro aéreo ou enviar mensagens através de centenas de quilômetros, o que mais era possível? Ainda assim qualquer coisa que Coryn pudesse dizer poderia apenas aumentar a resolução de Rafael de usar as Torres em seu comando nesta ou em qualquer outra guerra.

Coryn, ainda obedecendo a seu tempo, achou as aves-sentinela interessantes, nunca tendo aprendido a voar uma. Nem Tramontana, nem Neskaya tinham qualquer uso para os pássaros, que requerem o cuidado de um falcoeiro habilidoso. Neste caso, o condutor era um *laranzu* atarracado de meia-idade chamado Edric, que respondera a todas as questões de Coryn com monossílabos e manteve suas barreiras de *laran* tão erguidas que Coryn suspeitou que ele ficasse confortável apenas na presença de seus animais. Ele, junto com Dama Caitlin e a terceira trabalhadora, uma jovem tímida chamada Graciela, tinham viajado com o corpo principal do exército dois dias antes.

Agora os gritos e o som de cascos do cavaleiro trouxeram para fora todos que tinham ficado no campo. O cavaleiro vestia uma túnica de oficial nas cores de Hastur, rasgada e empastada com poeira e suor. Seu cavalo parou. Seu ventre ofegava como sanfona. Espuma pingava de seu focinho e cobria seu pescoço aonde as rédeas tinham se esfregado. Seu pêlo estava bem escuro de suor, parecia preto.

O cavaleiro veio até o círculo no centro do acampamento. Dois dos guardas pessoais de Rafael correram para pegá-lo para que não caísse.

— Está ferido, homem?

O cavaleiro balançou a cabeça.

— Eu devo... contar... ao Rei.

— A batalha... voltou-se contra nós, então?

O cavaleiro apenas balançou sua cabeça e se soltou, indo na direção da tenda do Rei. Nesta hora Rafael Hastur apareceu, abrindo a porta da tenda. O pôr do sol avermelhado refletiu-se no círculo simples de cobre em sua testa. Coryn sentiu a aura de energia que cercava o rei como um estalido de relâmpago.

— Sua Majestade! — o cavaleiro gritou. — Estamos acabados!

Uma expressão tempestuosa tremeluziu através dos olhos de Rafael e rapidamente se foi.

— Venha comigo — disse ao cavaleiro, indicando sua tenda. Ele deu uma série de ordens, para que trouxessem comida, vinho, para chamar o médico de campanha e seus oficiais principais. Coryn sentiu o calor de seu olhar. — Você, também. Ouvirá e me

aconselhará.

Em minutos, a reunião começou na escuridão da tenda de Rafael. Luzes feitas de *laran* brilharam ao toque de Edric para encher o espaço com a misteriosa radiação. O cavaleiro sentou-se em um banquinho de lona diante da cadeira do Rei, bebendo água. Coryn pensou que era melhor que estivesse de joelhos, jurando sinceridade.

— No começo foi como planejamos — o cavaleiro disse.

Seu nome era Vincenzo ou Vincento. Coryn não entendeu, e era um capitão, um líder dos homens.

Havia algo subitamente errado com Vincento, que ia além da ansiedade e urgência do momento. O homem não estava apenas exausto, estava doente de tal modo que Coryn não conseguia saber. Gareth ou Liane saberiam.

— Deslucido avançou enquanto recuávamos, direto para a armadilha. *Domna* Caitlin e os outros mantiveram a ilusão até o último momento. Então erguemos a névoa e os deixamos nos ver.

Vincento parou para mais água. Sua pele parecia escura, como barro, e estava suando visivelmente, embora a tenda estivesse fria e a noite caísse. Um tremor de dor transpassou seu rosto, aprofundando as linhas repuxadas.

Todos esperavam que ele continuasse. Rafael sentou-se novamente em sua cadeira, alisando sua barba a mão.

— Oferecemos nossos termos e eles concordaram.

Um dos oficiais disse.

— Eles juraram em falso, então?

Vincento balançou a cabeça.

— Seus homens nos deram os juramentos exigidos e permitimos que partissem depois que Belisar Deslucido se entregasse à nossa custódia. Mas quando entrou em nosso campo, *Domna* Caitlin olhou diretamente para ele. O ar tremia e vimos que tínhamos sido enganados. Não era o jovem Deslucido, mas um homem comum, sob algum tipo de feitiço para que parecesse com o Príncipe. — Ele parou, o suor ainda mais forte agora.

Coryn aproximou-se e com sua mão testou a febre de Vincento; sentiu a onda de náusea um instante antes de o homem correr para os fundos da tenda. Eles o ouviram vomitar. Rafael gesticulou para que todos permanecessem como estavam, exceto o médico de campanha.

O médico voltou poucos minutos depois, sua face sulcada de preocupação. O mensageiro o seguiu por um ou dois passos antes de desmaiar. Coryn agarrou o homem antes que caísse e deitou-o em uma pilha de cobertores dobrados. O homem se encolheu, o corpo em espasmos com golfadas secas. Sua pele estava quente e fina.

— Este homem está gravemente doente, Alteza — o médico disse. — Ele deve descansar ou não viverá depois de contar sua história.

— O que há de errado com ele? — Rafael disse.

— Eu... não tenho certeza.

Coryn percebeu algo estranho na voz do médico. Se ele não sabia, suspeitava, e aquilo possivelmente o aterrorizara.

O mensageiro recuou ao toque do médico como se o simples contato com sua pele lhe doesse. Fez um esforço para sentar-se direito. Sua ânsia tinha cedido o bastante para que conseguisse falar. Rafael, apesar do aviso do médico, chegou mais perto.

— Senhor... — a voz, como a pele o homem, soava trêmula, sussurrada. — Nós os perseguimos... e eles... eles...

Por um momento, suas palavras se perderam na difícil respiração. Coryn ouviu o chiado dos pulmões congestionados. Sentiu um arrepio enquanto se lembrava daquele momento terrível de tornar-se Kristlin atacada com a febre do pulmão.

Outra arma suja...

— Coisas-pássaros... jogaram... — a próxima palavra foi indistinguível.

O homem caiu na pilha de cobertores. Seu peito subia e descia como o bater de asas. Um tremor percorreu seu corpo e sangue aguçado escorreu de sua boca.

Coryn sentiu a súbita calma, o peso do corpo do homem enquanto o espírito o deixava. A antiga dor dentro de seu peito, que pensara que havia curado e que tinha acabado junto com os pesadelos de infância, latejava.

— O que é isso? — Rafael perguntou. — O que ele disse?

— Não disse nada, *vai dom* — o médico disse em uma voz assombrada.

— Pare com isso, homem! O que aconteceu? — *E outros dos meus homens morrerão deste jeito?*

Coryn sentiu a fúria na voz de Rafael, a preocupação ardente por seu povo. Rafael ergueu uma mão e Coryn entendeu sua intenção, de ir ao socorro de seus homens, para ver a destruição com seus próprios olhos. Ele não se pouparia de nada.

— Não, Alteza! — o médico deixou escapar um grito. — Não deve arriscar-se. Devemos recuar com este acampamento e reerguê-lo para ajudar os sobreviventes...

— Não abandonarei meus homens para morrer. — Rafael bradava os comandos para mover o acampamento a um local seguro, prover recursos para medicar os feridos.

Em minutos, Coryn encontrava-se no lombo de um cavalo, galopando na esteira de Rafael no meio da guarda selecionada do Rei. Dali a pouco, a noite lançou sombras escuras sobre eles. Tochas improvisadas oscilavam na distância. Às vezes eles ouviam mais do que viam os soldados se aproximando.

Coryn reuniu uma esfera de luz azul fria e ergueu-a. Eles ultrapassaram as forças de Hastur em retirada, cavalaria levando dois ou às vezes três. Outros se sacudiam nos seus próprios pés, armas e equipamentos abandonados. Coryn viu o quão ordenado era seu progresso, apesar da escuridão e medo que pairavam no ar e estavam estampados nos olhares dos homens exaustos. Não havia empurrões, tumulto ou sinal de pânico.

Um oficial montado segurava uma tocha erguida, gritando ordens. Ele reconheceu a bandeira de Rafael e puxou seu cavalo naquela direção. Ao comando de Rafael, ele fez seu relato. A substituição do prisioneiro fora descoberta, como havia dito o mensageiro morto, e ordens foram dadas para impedir a retirada. Um grupo de elite dos cavaleiros mais rápidos correu para a vanguarda de Ambervale onde o verdadeiro Príncipe Belisar estaria escondido. Os últimos três soldados da infantaria, que não tinham noção dos acontecimentos, pararam. De algum modo, a mensagem fora expedida e as forças Ambervale divididas em dois. Ninguém tinha certeza do que acontecera depois do crepúsculo e confusão, com cavaleiros indo para ambas as direções.

Algo explodira sobre o chão do vale onde as primeiras posições do exército de Hastur cercaram os confusos soldados da infantaria de Ambervale. Uma estranha poeira envolveu o ar, cada partícula iluminada com um verde fosforescente. Homens dos dois lados ficaram boquiabertos ao assistir sua radiante e misteriosa queda. Tudo ondulava mesmo com a mínima brisa. E depois, como se enviado pelo próprio Senhor da Luz, um vento soprou e fortes rajadas levaram o material em direção ao exército de Ambervale em retirada. Dentro de poucos minutos, o ar ficara estranhamente parado, mas não antes de a névoa brilhante ter coberto uma porção dos homens de Deslucido.

— Doce mãe da escuridão — disse Rafael, sua voz subitamente áspera. — *Pó derrete-osso.*

Pó derrete-osso. Uma arma de *laran* tão terrível que envenenava tudo, até a própria terra. Ninguém sabia o quanto durava a maldição, apenas que muitos que foram expostos e viveram, morreram depois com tumores, ficaram atrofiados ou calvos, tiveram diarreia hemorrágica e loucura.

— Deslucido deve tê-los jogado para cobrir pequenos locais, dispositivos guiados individualmente, como pássaros com ventres vazios de vidro, usados para distribuir *fogo aderente*.

Coryn também ouvira falar dessas pequenas máquinas impulsionadas por *laran*. Elas eram caras. Deslucido devia estar louco para encomendar tal coisa.

— Sua Majestade — disse um de seus oficiais. — Deve voltar. O risco aqui é muito grande. Outra mudança no vento e Deslucido terá vencido.

Por um longo momento, Rafael nada disse. A tocha do oficial e a bola de luz azul de Coryn refletiam diferentes tonalidades nas feições de Rafael. Seus olhos brilhavam com dourado e azul-claro, embora sua expressão permanecesse impassível.

Uma auréola tremeluziu ao redor da cabeça e ombros do Rei, composta de energia mais visível que a luz, como se o próprio Aldones tivesse tocado o homem mortal, transformando-o em algo mais. Algo no interior de Coryn mudara, se abria. Naquele instante, ele teria morrido por seu Rei.

Então é isso que significa ser um filho do Senhor da Luz, Coryn pensou. *Não dar ouvidos aos seus próprios desejos, sua própria vida, exceto para servir seu reino*. Ele pensou em Taniquel com uma tristeza inexpressível.

— Majestade — ele disse. — Deixe-me ficar. Sou um trabalhador treinado na Torre. Precisam de mim aqui.

Nada se movia naquela extensão de chão onde a própria terra agora estava coberta por um fantasmagórico fogo verde. Nem mesmo um rato ou pássaro quebrava o silêncio, nem mesmo qualquer *kyorebni*, aves de carniça, eram vistas lá em cima. Até que olhasse para a terra contaminada, Coryn não tinha tido nenhuma experiência com pó derrete-osso. Aquilo era pior do que jamais imaginara.

Montes escuros cobriam o campo; em alguns lugares pulsava a luminescência da terra envenenada, tão espessos e numerosos que eram. Coryn sabia que estava olhando para os corpos empilhados de homens mortos, centenas deles, permanecendo onde caíram enquanto a poeira soprava acima deles.

Os trabalhadores de Hali, Dama Caitlin, os treinadores das aves-sentinela, Edric, e a jovem esguia, estavam juntos no topo de uma colina. Suas cabeças estavam inclinadas e olhos fechados em concentração.

Coryn desceu de seu cavalo e aproximou-se deles cuidadosamente, para não perturbar sua ligação. Tocou a pedra-da-estrela em sua garganta, usando-a como um ponto focal, e o mundo comum se turvou.

Eles haviam criado uma ligação de *laran* parecida com aquela usada para separar partículas do *fogo aderente* em estado natural. Coryn imediatamente viu o sentido daquilo. Círculos de trabalhadores da Torre frequentemente manipulavam materiais perigosos sem se machucar, enquanto durasse sua concentração. As experiências de Bernardo com o *fogo aderente* menos explosivo tinham usado forças de *laran* como um pára-choque. As mãos de Coryn curaram-se completamente de seu descuido enquanto refinava as químicas de combate a incêndios, mas ele se lembrou da vergonha de ter quebrado o foco.

Se esse pó derrete-osso trabalhava como ondas de energia ou partículas de material, ele percebeu, tinha uma assinatura ressonante, e Caitlin e os outros se esforçavam para encontrar um padrão que combinasse com ela.

Caitlin tinha a habilidade de décadas de treinamento na Torre e a garota o poder inexperiente. Mas ela não era Guardiã e a fusão estava desequilibrada. A mente de Edric saltava e puxava em contraste com a dura disciplina dela.

Suavemente, firmemente, ele entrou e moldou as energias mentais ligadas. Aonde Caitlin lutava para criar uma série de campos rígidos, ele imaginou uma enorme e flexível

bolha, brilhando azul com força de *laran*, cercando toda a zona contaminada. Ele não tentou interferir com o próprio processo do pó, embora sentisse grandes quantidades de partículas de energia, descuidadas, fazendo apenas o que sua natureza o criara para fazer. Era a malícia do homem que o moldara para causar a destruição, não qualquer herança maligna no material. Ele pensou nas plantas venenosas, que frequentemente davam belas flores e não faziam mal nenhum a não ser que fossem ingeridas, ou nas ervas que podiam curar com uma dosagem e matar com outra.

Deixe cada coisa voltar para seu lugar natural... Ele enviou o pensamento. A garota e o outro homem o captaram, amplificando-o.

Voltar para seu lugar...

As partículas de energia ondularam e saltaram para dentro da bolha. Coryn suavizou a fina camada da bolha, dando-lhe flexibilidade. As árvores contra a tempestade. O pássaro sentiu a mudança térmica...

Ele sentiu uma onda de resposta na mente de Edric enquanto o homem devolvia a imagem, visualizando a bolha como uma corrente de ar erguendo as asas de um falcão. As árvores, que eram a garota Graciela, esguia e certa. Ela deu uma risada silenciosa como o repicar de sinos que lhe lembrou da assinatura mental de Bronwyn. Sua bolha era uma cesta, milhares sobre milhares de trepadeiras ondulando juntas, crescendo juntas, de um modo que nem água, nem vento, nem as partículas ondulantes de pó derrete-osso poderiam penetrar.

Voltar para seu lugar...

Caitlin, com sua organização, enquadrando padrões, era a rocha em que todos se seguravam. Se não se desconcentrasse, ela poderia segurá-los em qualquer tempestade.

Minuto após minuto, a bolha se fortaleceu. Mudou e se flexionou detalhadamente sob o martelar das partículas de energia, mas onde lhes dava espaço em um lugar, diminuía em outro. Ela se manteve, contendo o ar e a terra poluída.

Concentrado na unidade do círculo, Coryn sentiu um puxão distante em sua mente, uma ressonância que parecia abafada por uma poderosa barreira. Poderia estar vindo daquela terra perdida lá no campo de batalha; alguém ainda vivia, alguém com bastante *laran* para ultrapassar, mesmo que fracamente, o escudo protetor do círculo?

Poderia ser Rumail?

Coryn recuou involuntariamente ao pensamento. Precisou de toda a sua disciplina da Torre para recuperar instantaneamente seu foco, para se segurar e não se desconcentrar. Muita coisa e muitas vidas dependiam de sua firmeza.

Coryn, o que é isso? Caitlin sentira seu instante de distração.

Através de seu silêncio, ele enviou um pensamento para dentro dos campos escurecidos. A centelha de vida era fraca, mas não estava morta. Tinha sido deliberadamente diminuída, como os monges de Nevarsin faziam durante os invernos mortais e como ele mesmo aprendera a fazer para conservar a preciosa energia durante o trabalho mais exigente da Torre. Ele sondou mais profundamente.

Um cobertor protetor de laran...

Uma ilha de refúgio no meio do veneno desenfreado...

Dor... Um ferimento, não mais sangrando, mas ainda não curado, o bastante para incapacitar qualquer tentativa de viajar...

Mas nenhuma sensação de identidade.

A mente trazia alguma semelhança com a de Rumail, que Coryn se lembrava de seu primeiro contato quando garoto. Se fosse um dos outros, alguém que Rumail treinara ou trabalhara junto, poderia muito bem trazer a marca da personalidade de seu professor. Coryn deveria condená-lo por isso?

Há alguém lá fora, ele pensou para Caitlin. *Mas não posso dizer quem.*

Um dos nossos, ela perguntou, *um talento latente?*

Mentalmente, ele lhe enviou uma resposta negativa. Embora a presença estivesse fraca, não poderia vir de uma mente destreinada.

A decisão é sua, ela disse telepaticamente. *Você é nosso Guardião.*

Deveria arriscar que um homem inocente morresse por medo de que pudesse ser o *laranzu* banido? E se fosse Rumail, como poderia deixar mesmo este homem perecer enquanto vira tantos outros morrerem, quando tinha os meios para salvá-lo? Anos atrás, Rumail fora julgado por seu próprio Guardião em Neskaya. Fora punido de acordo com aquele veredicto. O destino de sua alma estava nas mãos dos deuses e não na de qualquer homem.

Mesmo se fosse Rumail lá fora, mesmo se tivesse havido qualquer mau pensamento entre eles, tudo estava no passado. E o que quer que Rumail tenha feito, ele tinha salvado Verdanta durante aquele terrível fogo. Tentara servir seu irmão-rei e fizera um honorável acordo com a família de Coryn.

Agilmente, Coryn moldou o *laran* do círculo para colocar um escudo ressonante ao redor do homem ferido, enviando a energia psíquica que ele precisaria para passar, protegido, pelo campo.

O cinza infiltrou-se na mente de Coryn e, por um instante, ele pensou que tivessem levado sua poderosa bolha para o Mundo Superior. Ele piscou. A luz pálida desapareceu e depois voltou, então ele soube que estava sentindo aquilo com seus olhos carnis.

Amanhecer.

Ele tornou-se consciente do frio correndo pelos seus ossos, da dor nas juntas e tendões por estar tanto tempo imóvel. Trabalhando como estavam, eles não tinham monitor para salvaguardá-los contra a exaustão física. Suas roupas estavam úmidas de suor por dentro e de umidade por fora.

O amanhecer chegara e com ele a chuva suave. A água lavaria o resto da poeira do ar. A terra já estava contaminada; apenas o tempo e a benção de Avarra poderiam purificá-la agora.

Coryn abriu suas mãos, onde segurara naqueles de seu círculo, mas não percebera a alegria de suas mentes. A bolha ainda estava lá e deveria continuar por um pouco mais. Ele a testou e moldou. Gentilmente afinou a parte de cima para que se abrisse para os céus.

Enquanto o fazia, estendeu sua mente para o vale abaixo, para as colinas ao redor. Aonde a terra brilhara com tom artificial de azul, homens e animais encolhiam-se, mortos ou morrendo, além de qualquer ajuda humana. Ele não podia saber em qual lado eles lutaram, mas não importava. Qualquer coisa viva que poderia escapar já o fizera. Não havia traço da presença vaga de *laran* da noite anterior, mas também nenhum resíduo de sua morte.

Devemos ir, também, ele enviou para o círculo. Sentiu uma pulsação de resistência da pedra de Edric, um tremor de exaustão da garota. Caitlin, que passara por anos de treinamento na Torre e noites de trabalho exatamente como esta, exalava cansaço.

Coryn sabia que deveria ser cuidadoso, pois uma ruptura abrupta do círculo poderia criar um tranco perigoso. Caitlin, sentindo sua precaução, manteve o ponto âncora enquanto eles se retiravam um por um.

Graciela soluçou e seus joelhos se dobraram. Ela teria caído se Edric não a pegasse nos braços.

— Temos que tirá-la daqui — ele disse — carregá-la enquanto não pesa mais do que o bebê de Taniel.

Caitlin olhou para Coryn por um momento. O amanhecer cinzento refletia todas as cores de seu rosto e cabelo, as linhas da idade ainda suaves. Ela parecia bela e sobrenatural como um *chieri*.

— Você não me disse que era um Guardião — ela disse.

Ele começou a dizer *Eu não sou um Guardiã, ainda não*. Em vez disso, fez um comentário sobre o quão prazeroso tinha sido trabalhar com ela. Ela dispensou as palavras, descendo a colina com firme dignidade na direção onde seus cavalos estavam amarrados. Antes de alcançarem o acampamento de Rafael, faltando uns cinco quilômetros, ela remexeu-se na sela, mas não disse uma palavra em reclamação. Alguém pegou o cavalo de Coryn e um outro lhe trouxe comida. Entorpecido, ele comeu. Estava muito esgotado para sentir fome, mas sabia do perigo de não repor sua energia física. Uma hora, Rafael apareceu. Coryn lembrou-se de dizer algo sobre o campo de bolha, mas não tinha certeza se teve algum sentido. Estava muito mais exausto do que quando combatia incêndios ao longo das colinas Verdanta quando era garoto.

O dia tinha sido de certo modo de vitória para Hastur, pois quando suas escoltas sobreviventes voltaram ao campo de batalha, traziam notícias dos números de mortos de Ambervale. O terror assolou o acampamento de Hastur junto com as notícias do perigo do pó derrete-osso. O Rei e tantos homens quantos puderam viajar, inteiros, feridos ou com febre, retiraram-se. Mesmo assim as tendas para aqueles expostos ao pó foram armadas a alguma distância do resto do acampamento e poucos dos soldados não afetados se aventuraram a chegar muito perto.

Coryn e os trabalhadores de Hali gastaram longas horas nas tendas de enfermaria, fazendo o que podiam para ajudar os homens expostos ao pó. Ferimentos na pele e internos, se não fossem muito graves, poderiam ser empastados até serem substituídos pelos procedimentos normais de cura, mas todos sentiam o quão profundos foram os danos, bem no interior das próprias células.

Mais homens morriam todos os dias, primeiro em marcha e no acampamento, e depois poucos morriam, e então nenhum. Muitos daqueles que tinham estado doentes começaram a recuperar seu apetite. Todos perderam peso tanto quanto cabelos de suas cabeças e barbas, ficando com a aparência de bebês magros e doentes.

— Nenhum desses homens deverá gerar crianças — Coryn disse baixo para Caitlin quando teve certeza de que nenhum de seus pacientes ouviria. Estavam andando ao longo do perímetro do acampamento, no frio do crepúsculo.

Os olhos dela ficaram cinzentos e opacos.

— Não creio que ainda poderão.

— Por que... como qualquer homem poderia usar tal arma? — falou Coryn. — Não é como atacar um soldado inimigo com espada ou mesmo flechas. Ele é um lutador em comum, pode defender-se ou atacar de volta. O risco é igual, ou quase. Ambos escolheram lutar. Seus filhos não nascidos não têm nada com isso. Mas Deslucido ou qualquer outro tirano pode dar ordens de algum local seguro e esta terra será proibida por gerações. Quem sabe quanto inocentes irão sofrer? Como? Como ele pode fazer tal coisa?

Caitlin olhava para longe, sua expressão desolada além das palavras.

— Por que ele pode. Por que consegue o que quer... e não há ninguém para impedi-lo. Os Hasturs tentaram por anos conter o pior dessas armas. Algumas vezes me pergunto se elas têm mesmo algum lado bom. — Ela gesticulou para a direção do vale contaminado. — E ainda — Caitlin continuou — talvez sem esse controle, isto se torne banal. Homens se tornariam acostumados ao horror e não mais recuariam diante dele. Quem pode dizer?

— Ou talvez a guerra não tenha sido horrível o bastante — Coryn disse com um súbito calor. — Talvez o único caminho para acabar com isso seja tornando o preço além do suportável.

— O que quer dizer?

— Um amigo meu uma vez argumentou que o único modo para dois pequenos reinos em guerra estarem seguros era armar cada um deles com uma arma que o outro não ousaria

arriscar. Neste caso, seria o *fogo aderente*. E se Deslucido soubesse que qualquer uso de armas de *laran* fosse encarado com uma devastadora retaliação? Ele teria tão rapidamente espalhado essa obscenidade que vimos diante de nós se o resultado fosse o mesmo em sua própria terra?

— Não posso acreditar que qualquer um arriscaria isso — Caitlin respondeu. — Não restaria nada pelo que lutar em ambos os lados. Eu não posso... não quero acreditar que este seja o único caminho, armar cada pequeno reino com armas tão terríveis. Mais cedo ou mais tarde, algum tolo as soltaria sobre seu vizinho, talvez por uma suposta ofensa. Quem poderia dizer que aquilo terminaria ali? *Fogo aderente* ou pó derrete-osso sabem se as terras são amigas ou inimigas? A loucura se espalharia de um reino ao outro até que toda Darkover esteja consumida? Não há alternativa?

Coryn olhou para dentro da noite se aproximando e rezou para qualquer deus que estivesse ouvindo para que houvesse outro caminho.

Trinta

Belisar chegou a Acosta bem na frente de seu exército em retirada, junto com alguns de sua cavalaria. Homens que o tinham visto cavalgar no limite, como se todos os escorpiões de Zandru estivessem em sua cauda, o tinham seguido e tornaram-se sua guarda pessoal. Enquanto passavam pelo acampamento do lado de fora dos portões do castelo, cães corriam latindo em sua esteira. Soldados pararam seus afazeres para olhar para os cavalos ofegantes manchados com espuma amarela, pernas sujas de lama da chuva recente.

— Belisar! Belisar voltou!

Sinos soaram do castelo e gritos ecoaram das muralhas. Belisar ergueu sua cabeça, deliciado pela sua recepção. Quando um ou dois dos soldados vieram em sua direção para perguntar por seus companheiros. *O que aconteceu? Onde está o exército? Ele os dispensou* com um aceno. Saberiam o que deviam saber quando chegasse a hora.

Dentro dos portões, servos correram para receber o príncipe e seus guardas. Outros levaram os cavalos. Belisar entrou montado em direção da fortaleza. Ele reconheceu Gavriel, o velho conselheiro, agora servindo como *coridom*, que comandava o lugar com impecável eficiência. O velho o reverenciou.

— Onde está meu pai? — Belisar entrou pela porta aberta, suas esporas tilintando na pedra polida.

— Está em sua câmara de recepção, Sua Alteza. A sua está sendo ajeitada para você. — O tom de Gavriel era extremamente respeitoso. Ele virou-se, como se para mostrar o caminho.

— Mais tarde — Belisar disse e se apressou. Gesticulou uma dispensa.

O guarda se inclinou e não tentou interferir enquanto Belisar entrava sem bater. Dentro, ele passou através da pequena antesala e invadiu a câmara de recepção de seu pai. Com a lareira apagada, o lugar parecia muito como estivera em seus primeiros dias em Acosta. O Rei Damian estava sentado na mesa com dois oficiais que Belisar não reconheceu. Ele ergueu a cabeça e a sala pareceu parar.

— Pai, estou aqui. Voltei vivo.

— Vejo que sim. — Damian, que estava estudando um mapa aberto, se endireitou. Seu cabelo estava recém aparado, a roupa asseada, as mãos limpas. Acenou para os oficiais. — Deixe-nos.

Damian sentou em sua cadeira, observando, maxilar imóvel, esperando. Alguma emoção sombria, que Belisar não podia nomear, tremeluzia através de sua face. Belisar ergueu os braços, depois os deixou cair. Seu pai não havia, como ele imaginara ao longo dos extensos quilômetros, estado preocupado com seu destino. Em vez disso, aparentemente se comportava como se nada tivesse acontecido. E ele, Príncipe e herdeiro, era esperado para fazer seu relato, como se fosse um oficial comum.

Belisar deixou seu próprio maxilar imóvel como o do seu pai. Endireitou os ombros. Seus músculos tremiam pelas extensas horas a galope. Dois cavalos haviam morrido sob seu controle e o terceiro estava perto de fazê-lo.

— Senhor. — Ele disse a palavra de inflexão honorífica e familiar. — Desejo relatar que embora fosse incapaz de cumprir minha missão de controlar as terras além da fronteira de Riacho-seco, esta esteve segura contra a agressão Hastur.

Perante isso, as sobranceiras do Rei se ergueram. Sua expressão iluminou-se. Ele ouviu com evidente e crescente interesse enquanto Belisar contava sua história, terminando com sua partida da fronteira. Curioso como parecia menos assustador agora. Seus próprios atos pareciam mais corajosos, as cores do dia mais radiantes. Cornetas soavam altamente

desafiantes detrás de suas palavras. Quase podia ver as bandeiras brilhando na luz do sol. Suas pernas firmavam-se mais a cada frase.

Era uma pena, ele pensou enquanto chegava ao final de seu relato, *que não ficara para ver o pó derrete-osso caindo do céu*. Por tudo o que lhe disseram, essa deveria ter sido uma bela visão. Podia apenas imaginar sua beleza mortal.

Quando terminou, Damian fez silêncio, com a testa levemente franzida.

— Está... está descontente com meu comando? — Pela primeira vez desde sua fuga, Belisar sentiu-se inseguro. — Eu lhe asseguro, não havia possibilidade de retirada melhor, não depois da traição de Hastur...

— Onde está o exército que lhe confiei? Onde está o Lobo Amarelo? E onde está Rumail, meu irmão?

— Ah, estão chegando. As ordens de retirada já foram dadas. Eu não poderia, é claro, permitir-me ser capturado, uma vez que o segundo truque fora descoberto, e então o lento avanço deles permitiu-me alguma proteção.

Os Hasturs teriam que passar através de todo o exército de Ambervale para chegar até ele. Tudo funcionara como planejado.

— Proteção. — uma pausa, os olhos radiantes repentinamente tornaram-se frios. — E qual proteção você permitiu a eles?

— Não entendo. — Belisar mudava de um pé para o outro. — Contra quem? Eles já tinham passagem segura para casa.

— Contra o pó derrete-osso.

— Bem, Rumail não jogaria o material sobre eles. Os homens não estavam correndo nenhum perigo.

— Mas tinha que ficar para ver você mesmo. Ter certeza de que não haveria outras... surpresas.

Agora a espinha de Belisar formigava com a irritação.

— Eu lhe contei, os Hasturs ordenaram minha rendição. Eu deveria arriscar minha liberdade... minha liberdade, como herdeiro de Ambervale Maior? Não entendo sua opinião. Se acha que eu deveria ter agido de outro modo, pare de fazer rodeios e me diga.

— Sim, é claro que não entende.

Belisar percebeu o rugido de resignação na voz de seu pai. Com um suspiro mal disfarçado, Damian levantou-se pesadamente. Cruzou a distância entre eles com dois passos. Por um instante, Belisar temeu que Damian fosse atacá-lo, ou passar direto por ele, o que teria sido pior.

Damian agarrou-o em um forte abraço e bateu em suas costas várias vezes.

— Oh, tudo bem — ele disse, a meia-voz. — Você não pode ajudar, suponho. Mas ainda é meu filho e herdeiro. Há muita coisa boa em você. Terei que ensiná-lo melhor.

Por dias, soldados chegaram a Acosta, cansados no corpo pela batalha e fuga, mas ainda mais cansados no espírito. Eles apresentaram uma história mal contada de cerco, rendição e uma retirada ordenada que se transformou em debandada. Nenhum deles sabia exatamente o que acontecera, apenas que fugiram por suas vidas ao comando de seus oficiais.

Os próximos homens a chegarem já estavam morrendo, suas tripas viraram água e seus cabelos caíam aos tufos. Na sua câmara de recepção, Damian entrevistou aqueles que ainda podiam falar. Forçou Belisar a ouvir, encarar os destroços humanos de seu comando de abortar. Para cobrir sua fuga, Rumail tinha realmente despejado pó derrete-osso sobre o exército Hastur. Mas algo havia dado errado e assim as forças de Ambervale também foram expostas.

Belisar abandonou seus homens para morrer enquanto salvava a própria pele...

Uma angústia invadiu Damian enquanto olhava para a expressão de desentendido de

Belisar. Talvez as falhas do filho fossem culpa do pai. Ele nunca passara muito tempo com Belisar quando este era criança, pois fora durante a longa e difícil conquista de Linn. Isso foi antes da visão chegar até ele. Então ele percebeu que Belisar andaria por seus próprios passos, seria moldado pela mesma visão. Pensou em Belisar como um jovem, o cabelo uma cobertura dourada, Belisar lá fora no campo de treinamento, controlando um cavalo impetuoso; Belisar rindo para ele do outro lado da mesa de banquete com a luz da tocha iluminando sua pele, Belisar cortejando aquela raposa Hastur, Belisar tão alto e orgulhoso enquanto comandava o exército...

Belisar, o covarde.

Provavelmente era culpa do próprio Damian. O garoto era jovem, destreinado, idealista. Fora alimentado com visões de glória e vitória. Não sabia nada sobre honra na derrota.

Damian dispensou o último dos soldados e pegou uma taça de vinho, de uma excelente vindima muito bem temperada, e derramou-a na pequena mesa incrustada. O vinho escorreu na superfície polida.

Todo esse tempo sentado esperando deixaria o próprio Aldones louco. Ele precisava de ação. A briga pela fronteira fora um contratempo, só isso. Ainda mantinha Acosta e os reinos da montanha, e também seus territórios de Ambervale e Linn. A melhor parte de seu exército estava intacta.

Vozes o alcançaram da sala externa. Embora as palavras estivessem abafadas, ele reconheceu o tom de barítono do seu guarda pessoal. Um arrepio cruzou sua espinha enquanto ouvia o súbito aumento no tom da voz do guarda. Gesticulou para que o pajem ficasse na porta para deixar entrar quem quer que fosse.

O homem viajara longa e dificilmente, Damian viu ao olhar. A sujeira da viagem escurecia sua armadura de couro prateado, a cinta que outrora segurara espada e adaga. Suor e sangue seco marcavam os sulcos das cicatrizes em sua face. O que invadiu Damian enquanto o homem caía de joelhos, tremendo, foi uma mistura de horror e desespero nos olhos estarecidos. Então assim deveria parecer um homem que vira a derrota tornar-se desastre e seus próprios companheiros morrerem com o pé derrete-osso. E o homem diante dele não era um recruta, mas um experiente veterano.

— Está tudo bem — ele disse, gentilmente rude. — Já estou sabendo.

A boca do homem se abriu e fechou. Um som veio de sua garganta, meio ofego, meio lamurio. Ele balançou sua cabeça, e Damian viu as lágrimas.

— *Vai dom... Lorde...!*

O homem passou uma mão sobre a face, visivelmente se esforçando para não desabar diante dele. Um momento depois, já tinha se controlado, embora não encarasse os olhos de Damian. Quando falou, sua voz soou vazia, como um eco do túmulo.

— O Lobo Amarelo está morto.

Por um longo momento, Damian ficou sentado, sem entender. Ele começara a suspeitar, por todos os relatos, mas as palavras eram aterrorizantes.

— O general, morto? — Sua voz parecia pertencer à outra pessoa, alguém imune à tristeza.

— Pelo Senhor da Luz em pessoa, desejava que não fosse verdade! Ele permaneceu atrás para assegurar que saíssemos em segurança. — Agora as palavras do homem saíam em um turbilhão. — No começo, eu não queria abandoná-lo, mas ele me ordenou. Eu fui com os outros.

Agora Damian reconheceu o homem, um dos capitães mais confiáveis do Lobo Amarelo. Batalha e desespero tinham transformado suas feições ásperas. Seu nome era Ranald Vyandal e, embora sua família fosse pobre, sua linhagem era honorável. Estranho que Damian pensasse nisso logo agora.

— Nós nos afastamos bem do pó, então esperei por ele enquanto os outros continuaram. E depois aqueles que chegavam tinham bolhas nos rostos. Alguns não podiam correr mais do que poucos passos sem vomitar suas tripas. — Ralald engoliu, a lembrança empalidecia seu rosto da cor do osso. Damian viu a morte em seus olhos, mas não podia dizer se era a sua própria ou um reflexo de tudo o que vira. — Ele ainda estava respirando quando o trouxeram aos meus pés. Seu rosto estava horrivelmente queimado, seus lábios escurecidos. Olhou para mim e não me reconheceu. Ele... oh, Misteriosa Senhora Avarra! Tenha piedade de nós! — Ralald enterrou o rosto em suas mãos, tremendo em soluços.

— Ele era como um pai para mim. Eu deveria ter...

Eu deveria ter morrido ao seu lado. Ou em seu lugar.

Damian inesperadamente se moveu, aproximando-se para pousar uma mão no ombro do homem. Seus dedos moveram-se sobre o duro couro enlameado, para sentir os profundos soluços torturantes.

Perdi meu general, e talvez meu irmão, Damian pensou. Meu filho é um tolo que consegue comandar, mas não liderar.

— Não ouvirei mais nada. Morrer é a parte mais fácil! — disse Damian. — Você fez seu dever, uma tarefa muito mais difícil. Trouxe essas notícias para mim, seu Rei.

— Isso é... isso é o que Lobo Amarelo disse. Que eu devia viver e contar-lhe que ele fez o seu melhor. Falou estas palavras em seu último suspiro.

— E quanto ao *laranzu*, Rumail?

Ralald não sabia nada quanto ao seu destino. Não vira ou ouvira nada sobre os feiticeiros de mantos cinza.

Damian chamou os servos para atender as necessidades de Ralald e um médico para avaliar sua exposição ao pó derrete-osso. Quanto ao Lobo Amarelo, haveria tempo o bastante para lamentar, agora que a batalha fora ganha e Hastur perecera no pó.

Precisarei de outro general. Se este homem sobreviver, talvez deva servir. Parece capaz de lealdade e iniciativa. E ele viu o pior da batalha.

Damian ficou sentado por um longo tempo em sua câmara de guerra, com seu ódio por Rafael Hastur crescendo como um câncer em seu coração.

Com a morte de Lobo Amarelo, Damian perdera um amigo e também um brilhante comandante de guerra. Permitir-se a ficar lamentado agora significaria jogar fora qualquer coisa pela qual Lobo morreria. Ele, Damian, ainda era rei. Podia ter falhado em conseguir o território da fronteira, podia ter errado em dar a Belisar tanta responsabilidade ou em subestimar aquela cobra, Rafael, e sua sobrinha bruxa, mas por todos os deuses que conhecia e quaisquer outros que ouvira falar, ele ainda não terminara.

A primeira percepção de Rumail fora o calor e a profunda sensação de bem-estar, depois a de movimento. Ele entrava e saía da verdadeira consciência com o flutuar de seu corpo. O ferimento lateral estava esticado, como as linhas de uma firme e antiga cicatriz. No começo, pensou que um grosso e macio cobertor cobria seu corpo, depois percebeu que não era um tecido físico, mas um intransponível escudo de *laran*. Quando tentou abrir seus olhos, viu apenas um borrão azul e verde-dourado. Suas energias estavam exauridas, mas estava se movendo, talvez em uma carroça ou trenó. Através do escudo envolvente não sentia balanços ou trancos.

Vozes o alcançaram distantemente, tons rústicos do tipo mais pobre de soldados inferiores. De tempos em tempos, o flutuar parava e depois continuava hesitante. Ele continuou se movendo, com idas e paradas, para longe do coração da contaminação. Isso seu sentido de *laran* lhe dizia.

Em seu desespero ele alcançara ajuda, que tinha sido respondida. Era melhor manter silêncio e deixar os acontecimentos seguirem seu curso. Com alguma sorte ele estaria fora da

zona de perigo antes que os tolos Hastur percebessem quem eles tinham ajudado.

Quando recuperou plena consciência, o cobertor protetor de *laran* foi erguido. Rumail percebeu que podia levantar sua cabeça. Estava deitado atrás de uma carroça, o tipo usado para transportar provisões para o campo de batalha, e a carroça estava meio tombada para um lado. No lugar de um par de mulas, um único animal estava arreado, preguiçosamente espantando moscas com suas longas orelhas.

Pela sua sede, dias haviam se passado. Rumail sentou-se direito, agarrando-se ao lado da carroça por causa do balanço. A mula parara no meio de um brejo lamacento e afundado que um dia tinha sido uma estrada. Um homem em roupas de soldado saiu de um canto precário no banco do condutor. O movimento de Rumail tombou a carroça e derrubou o homem de cara na lama.

Cuidadosamente, Rumail usou seu *laran* para testar o ar à procura de veneno. Estava limpo, embora alguns resíduos de pó derrete-osso escorresse das rodas da carroça. Ele desceu para o chão, afundando o tornozelo no esterco e rolou o homem para cima. A mula virou uma orelha em sua direção.

O soldado cuja compaixão ou dever o trouxera tão longe já estava no fim, mesmo para um habilidoso monitor treinado, o que Rumail não era. Ele inclinou-se enquanto os lábios do homem se moviam. Nenhum som saía da boca empolada, mas Rumail pegou seus pensamentos moribundos.

Para o Rei... salve seu feiticeiro... diga a meu filho...

E mais nada.

Rumail passou uma mão sobre os olhos arregalados. Teria sido decente enterrar o homem e não deixar seu corpo para os *kyorebni*, assumindo qualquer risco tão perto da terra poluída com pó derrete-osso. Mas não podia se atrasar. Pegando a faca do soldado, soltou a mula do arreio, encurtou as rédeas para um comprimento manuseável, e montou. Suas costas ossudas tinham pontas como de uma faca e ela coxeava um pouco, mas se movia o suficiente.

Quando Rumail avistou o Castelo Acosta, sua mula, que estava caindo de exaustão, abaixou a cabeça, travou suas patas, e recusou-se a dar outro passo. Bater no animal não resultou em nada além de orelhas deitadas contra o magro pescoço. Ele desceu do lombo da mula e pegou as rédeas, encorajando-a. O animal suspirou e seguiu a passos lentos.

Um par de guardas o parou na margem do acampamento do exército e perguntou sua profissão. Quando ele deu seu nome e posição, *laranzu* e irmão *nedestro* do Rei, um deles riu. Olhos vacilaram sobre suas calças rasgadas e sujas de lama, sua túnica retalhada. Ele sabia o que eles estavam vendo, um civil exausto tentando passar por um dos seus superiores para conseguir uma cama e comida quente.

— *Dom* Rumail pereceu na batalha da fronteira — o outro berrou. — Você deveria ser estraçalhado por *banshees* por sujar sua memória.

Rumail não estava com humor para explicar-se para um homem comum; lidar com homens tão inferiores. Uma mão alcançou sua pedra-da-estrela. Seus dedos tocaram seu calor. *Aquilo poderia*, ele se lembrou, *matar ou mutilar*. Aqueles homens, embora rudes e ignorantes, pertenciam a seu irmão. Suas vidas pertenciam a Ambervale Maior. Então o primeiro guarda, o que havia dado risada, caiu na lama, agarrando sua garganta, mas ainda vivo.

— *Feiticeiro!* — o outro homem gritou, seus olhos arregalados no rosto pálido.

Rumail ergueu uma sobrancelha.

— Precisamente.

Lançando olhares confusos ao seu companheiro indefeso, o outro guarda caiu de joelhos. Outros no acampamento externo perceberam e uns poucos se afastaram. Um instante depois, uma dúzia se aproximou, embora mantendo alguma distância.

— É o irmão do Rei... o feiticeiro... ele está vivo!

— Voltou para nós dos mortos!

Rumail sorriu intimamente, divertindo-se com a reação.

— Como sabe...? Eu nunca o vi antes.

— Veja como ele enfeitiçou Seamus!... Seamus homem, pode se levantar? Você está bem? — gritou um soldado, ajudando o guarda sufocado a se erguer.

— Rápido, mande uma mensagem ao castelo!

— Não, traga-lhe um cavalo... uma bebida... um manto limpo!

— *Vai dom...* — Um dos soldados ousou se aproximar de Rumail, mãos estendidas em súplica. — Por favor... somos apenas pobres soldados...

Por favor, não nos amaldiçoe.

Rumail pensou em ordenar-lhe que o carregasse nos ombros até o castelo, pois lhe obedeceriam ansiosamente, mas no final, pediu por uma escolta e um cavalo de andar macio.

Quando se aproximavam dos portões externos, eles já estavam abertos. Ali estava Damian, resplandecente em brocado dourado e peles brancas. Seus braços estavam estendidos para encontrar Rumail e o abraçou com muito fervor, pressionando as sujas vestimentas de Rumail contra as suas valiosas, sem a menor preocupação. Rumail viu a expressão no rosto de seu irmão, de prazer por encontrar-lo vivo.

Ele precisa de mim. Está desesperado. Era uma boa coisa que Damian tivesse pouco laran, ou ele perceberia a onda de alegria de Rumail. *E eu o usarei para conseguir o que mais desejo... ser Guardião de uma torre hoje e comandar todas as Torres em Darkover amanhã.*

Trinta e Um

Edric voou suas aves-sentinela várias vezes mais, seguindo o caminho que as forças de Deslucido tomaram. Um pequeno grupo de cavaleiros saiu na frente dos outros, movendo-se em direção ao Castelo Acosta. Sem dúvida, o Príncipe Belisar estaria fazendo uma rápida fuga, usando a confusão para acobertá-lo. Os remanescentes esfarrapados do exército continuaram a seguir desordenadamente o terreno cada vez mais montanhoso.

Edric apontou sua localização nos mapas estendidos sobre a mesa improvisada na tenda dos comandantes. Coryn tinha sido incluso no planejamento. Caitlin, depois de ter mandado uma mensagem para Hali com sua pedra-da-estrela, tinha se retirado para recuperar suas forças.

— Enfurece-me vê-los fugir, quando poderíamos derrotá-los tão facilmente — um dos generais disse. — Com a fronteira de Riacho-seco derrubada, Acosta fica vulnerável desta direção.

— Ou ficaria, sem o pó derrete-osso — Rafael comentou. — Caitlin, que conhece essas coisas, disse que deverá levar uma geração ou mais antes que as terras fiquem seguras para passagem. — Ele olhou severo. — Para alcançar Acosta, teremos que voltar e atravessar as Colinas Venza, com todos os pesadelos que isso acarreta.

— É — disse o mais velho dos oficiais — o perigo será se ele se mobilizar rápido o bastante para encontrar-nos no meio das Colinas. O maior passo acolhe, com todas as dúvidas, um pequeno exército e ele se aproximará com vantagem de terreno. Se eu fosse Deslucido, ficaria esperando bem aqui... — ele indicou a área no mapa — ... onde teríamos que subir a colina sem nenhuma cobertura. Se chover, como acontece frequentemente nesta estação, ficaríamos afundados até os joelhos com lama.

— Ele não é tolo — Rafael disse. — E nem seu general, o Lobo Amarelo. Se sabemos sobre o passo, devemos assumir que ele também sabe.

— Por volta de um dia e meio de marcha depois do funil, há um largo vale — outro oficial disse. — Se pudermos engendrar a batalha ali, teremos espaço para manobrar.

— Nossa melhor chance é chegar lá antes dele — disse Rafael. — Sim, sei que todos teriam que criar asas para isso. Devemos achar uma maneira de atrasá-lo, prendê-lo em Acosta.

— Como? — o primeiro general perguntou. — O filhote de raposa se colocou em uma barreira muito eficiente. Não há como cruzá-la.

Mas coisas-aves como Rumail usara para espalhar o pó derrete-osso poderiam cruzar o deserto. Carros aéreos poderiam fazer chover *fogo aderente* no Castelo Acosta. Rafael prometera a si mesmo refrear tais horrores. Usaria agora para seus próprios fins?

Aldones, Abençoada Evanda, até mesmo você, São Cristóvão, Sagrado Portador dos Fardos, mostre-me outro caminho!

Coryn inclinou-se sobre o mapa, tentando visualizar a terra como a tinha visto em suas viagens, a terra que conhecia de dentro de seus próprios sonhos.

— *Vai dom*, não há barreira. Olhe, há passos por toda a extensão das Hellers. Pequenos grupos de homens poderiam viajar rapidamente pelas estradas das florestas aqui e aqui — ele apontou no mapa — e depois juntar-se em uma unidade maior. Deste ponto, o caminho para Acosta é livre.

— Como sabe disso? — Rafael perguntou. — Não vejo passos marcados no mapa.

— Por que nasci em Verdanta — Coryn disse calmamente. — É meu irmão Eddard quem comanda ali sob as regras de Deslucido.

— Você nunca deixará de me surpreender, rapaz, ou de suprir todas as minhas necessidades! — exclamou Rafael. — Aqui estamos, achando o Perjuro longe de nosso alcance, enquanto bem na nossa frente está um homem que conhece todas essas montanhas.

— Não devemos pegá-los antes de alcançarem Acosta — Coryn disse — mas eles não esperarão um ataque tão cedo em sua fortaleza.

— É — disse outro dos generais. — Eles se acharão seguros, conosco retidos aqui em cima. Não esperarão um ataque direto ao Castelo Acosta. Se Deslucido pode tirá-lo, então podemos tomá-lo de volta dele.

Rafael virou-se para Coryn, e seu olhar era voraz.

— O que diz? Pode mapear rotas e guiar um grupo ao longo destas trilhas até Acosta?

Coryn escolheu suas próximas palavras cuidadosamente, mantendo a onda de esperança sob rédeas curtas.

— Majestade, estou sob o seu comando. Mas uma dessas rotas leva através de Verdanta. Lá eu lhe serei de grande utilidade. Com homens para capturar o castelo de surpresa, seríamos capazes de retomar Verdanta. Você teria um aliado bem na porta de Deslucido.

— Uma excelente idéia! — os olhos de Rafael se iluminaram, claramente satisfeito com a nova perspectiva. — Você poderia organizar um contingente em Verdanta para juntar-se a nós em Acosta.

A última coisa que Coryn esperava quando chegou a Thendara para defender sua Torre era ter a chance de libertar sua terra natal. Ver Eddard e Tessa... mas não conseguia imaginar uma reunião simples e feliz. Não sabia o que Deslucido tinha feito com eles. Eles podiam estar longe de ser encontrados, ou profundamente marcados por aquilo a que haviam sobrevivido. Deveria estar preparado para a dor, tanto quanto para a alegria.

— Se me pede, eu tentarei, embora não tenha experiência em liderar soldados — disse Coryn. — Os homens de Verdanta me seguiriam por patriotismo e lealdade pela família, mas seria bem melhor se fossem liderados por Eddard, se ele ainda for capaz disso, ou mesmo por um de seus homens. Meu povo o verá como um libertador. — Ele parou.

— Ah, há algo que deseje em retorno? — O cenho de Rafael escureceu um pouco.

Coryn deu um profundo suspiro.

— Posteriormente, peço que me deixe voltar para Neskaya. Majestade, não sou um soldado. Não tenho habilidades com armas. Sou um *laranzu* treinado. Minha missão, que era pedir para que nos mantivéssemos neutros, é claramente impossível. Como Deslucido tem armas de *laran* e está disposto a usá-las, deve ser enfrentado com força igual. Não posso oferecer-lhe melhor serviço do que continuar o trabalho lá.

Estavam por volta de um dia de viagem do Castelo Verdanta, viajando ao longo de esquemas de trilhas através da parte menos densa da floresta montanhosa, quando Coryn percebeu que não estavam sozinhos. Ele não temia o ataque, não com os doze homens que o Rei Rafael mandara com ele. Tinha visto a dureza nos seus olhos antes, no único olho de Rafe. Dois dos homens, silenciosos e afastados como irmãos, tinham dito que um dia foram matadores em Aldaran, famosos pela esperteza e sagacidade. Então um deles ergueu sua cabeça, também sentindo a mudança na floresta.

Coryn, na liderança, ergueu uma mão indicando a parada. Por um longo momento, nada se moveu, nem mesmo o tinir de um sapato na pedra, o zunido de uma cauda agitada, o sussurro de folhas na brisa ao sol. Nenhum inseto zuniu, nenhum pássaro cantou.

Muito parado, muito quieto.

Ele tocou a bolsa de seda em seu pescoço que mantinha sua pedra-da-estrela, sentiu o contorno cristalino, e retirou-a. Em um feixe de luz do sol, facetas azul-claras brilharam. Ele sentiu a respiração presa do homem mais próximo.

Laranzu! Bruxo... feiticeiro... Sim, era o que pensavam dele, aqueles homens endurecidos pela batalha.

Coryn estendeu seu *laran* em um círculo aberto. Criaturas vivas brilhavam como jóias iridescentes, esperando. Observando. Pequenos corações batiam. Esquilos, aves, macacos, serpentes em suas tocas...

Homens. Ali... onde a trilha afundava cruzando o leito do rio, alargando-se e virando ao redor do monte rochoso. O canto estava fora de vista e o espaço aberto brilhantemente aceso depois da escuridão da sombra da árvore.

Coryn gesticulou para os homens manterem-se atrás. Ele incitou seu cavalo e o animal seguiu adiante, depois parou no leito do rio. Ele tinha as posições dos homens adiante claramente agora, eram meia-dúzia ao todo. Sua confiança tinha um toque de desespero.

Coryn respirou profundamente, procurando mais a fundo. Aqueles homens não pareciam bandidos comuns, que certamente procurariam uma presa mais fácil do que um exército de homens armados. As mentes dos emboscadores soavam estranhamente familiares, mas estavam nas terras de Verdanta; ele deveria ter conhecido alguns deles. O líder... sim, lá estava ele...

Reconhecimento surgiu através da mente de Coryn. Seu cavalo se adiantou ao seu comando, espirrando água através do rio e subindo a margem oposta. No espaço aberto da trilha, ele ergueu as rédeas e parou.

— Petro! Petro, pode sair!

Um longo silêncio se seguiu. Depois, arbustos se remexeram e um galho estalou. Um homem moveu-se das sombras, difícil de ser visto na luz salpicada. Suas vestes e calças eram costuradas juntas em tons de marrom e verde, como um lenhador arlequim.

— Quem viaja por esta floresta? Quem pergunta por Petro do Verde?

— Eu preferia dar estas respostas para Petro pessoalmente.

— Ele está diante de você.

Agora Coryn ria abertamente.

— Petro, saia! É Coryn!

— *Coryn!* — Uma voz, familiar, mas ríspida, respondeu detrás do monte rochoso. Coryn pulou do lombo de seu cavalo e pegou seu irmão nos braços.

— Você desapareceu... não encontraram você! — ele gritou, batendo nas costas de Petro, depois se afastando para olhar para ele.

— Eu dificilmente poderia mandar uma mensagem para Tramontana. — Petro respondeu.

Ele chamou pelos outros de seu bando, filhos mais novos de pequenos proprietários, um nobre menor fugido de Acosta, e um jovem esguio com cabelo vermelho cortado grosseiramente e um mar de sardas em um nariz arrebitado, arco na mão e flechas nas costas...

— *Margarida!*...

Toda a sua beleza feminina, seu gosto por ornamentos, tinham desaparecido, deixando uma essência tão livre e ágil quanto um chicote. Ela o envolveu em um rápido abraço, seu corpo endurecido. Enquanto a pele nua de seu rosto encostava-se a ela, Coryn sentiu o quanto ela moldara seu *laran* em algo parecido ao campo que Coryn criara para conter o pó derrete-osso. A uns poucos metros de distância, ela e qualquer um próximo a ela tornava-se telepaticamente invisível. Suas barreiras eram como uma esteira de fibras, cada uma fraca e flexível, mas tão firmemente interligadas que nada poderia penetrá-las. Não era de admirar que tivesse sido incapaz de senti-la ou a Petro, que nunca tinha tido muito *laran*.

Ele lembrou-se da irmã doce e brincalhona que tinha lhe ensinado a costurar uma bolsa de seda para sua pedra-da-estrela com trapos que ela furtou da cesta de retalhos. Talvez com a volta da paz e da ordem, aquela jovem garota renascesse novamente.

Nessa hora, os homens de Coryn vieram investigar, e por um longo tempo todos gritaram e abraçaram-se uns aos outros. O bando de Petro era parte de um grupo maior que costumava vaguear ao longo das estradas comerciais, fazendo o estrago que podiam aos ocupantes de Ambervale, queimando os suprimentos que não conseguiam carregar.

— E tem sido uma vida dura, também — disse Petro. Sua voz soava diferente, um pouco rouca como se tivesse sido danificada. Seu jeito, também, traía uma cautela mascarada por suas palavras caçadoras. — Mas você não veio tão longe apenas para checar nosso bem-estar — disse Petro.

Enquanto Coryn contava a história da batalha da fronteira e a derrota de Belisar Deslucido, a face de Petro contorceu-se triunfante. Vários de seus homens aplaudiram. Apenas Margarida não sorria, mas continuou a olhar para Coryn e para os homens de Rafael. Ela perdera toda a modéstia de uma mulher bem-criada de uma casa de nobreza menor.

Petro olhou para o bando de Coryn, medindo-os.

— Mas talvez sua vinda seja justamente o que precisamos. Estivemos esperando a hora de atacar. Deslucido está ficando mais complacente, achando que não representamos mais nenhuma ameaça para seu governo. — Ele olhou para os homens de Rafael. — Agora temos uma verdadeira chance.

— E quanto a Eddard? Ele poderia reunir homens de dentro?

Margarida, que tinha ouvido silenciosamente, balançou sua cabeça.

— Diz-se que ainda está vivo, embora ninguém o visse nesse último meio ano. Deslucido deixou um cão de guarda lá, uma serpente chamada Lotrell, conselheiro chefe de Eddard e carcereiro. Ele dá ordens em nome de Eddard.

Coryn descreveu sua missão.

— O Rei Rafael pretende derrotar Deslucido, em Acosta ou em Ambervale, para onde o Perjuro deve fugir. Para isso, ele enviou esses homens para recuperar Verdanta para nós.

Petro pegou o braço de Coryn.

— Venha comigo. Temos que discutir sobre isso.

Eles voltaram para a trilha, longe o bastante para não serem facilmente ouvidos.

— Você falou sobre usar os homens de Rei Rafael para libertar Verdanta — disse Petro — e por isso todos ficaremos gratos. Mas o que ele irá querer em troca? Vamos nos tornar vassalos de Hastur como preço de nossa liberdade?

Coryn parou, dando um profundo suspiro. O aroma e textura dessas madeiras lhe traziam lembranças. Não havia nenhum outro lugar que lhe lembrasse tanto de casa. Um pensamento sussurrou dentro dele que, depois que tiver restabelecido sua família, ele teria um lar novamente, um lugar para onde sempre poderia retornar, um lugar que nunca precisaria deixar.

— Posso falar por Rafael Hastur ou qualquer outro — Coryn disse. — Sei que ele é um homem de fortes princípios. Nunca o vi quebrar uma promessa ou virar-se contra um amigo. Acredito quando diz que tudo o que espera é que esses homens corajosos possam juntar-se ao ataque em Acosta.

— Ah, mas como pode ter tanta certeza disso? — Os olhos de Petro brilhavam. — Ocorreu a você que fazer isso irá deixar-nos desprotegidos, abertos para qualquer um que queira uma presa fácil? Ou trocou tão completamente de aliança que não consegue ver o perigo? Você se tornou um animalzinho ou um laçao desse Rei das terras baixas?

— Eu sirvo a Torre Neskaya e Neskaya responde a Hastur — Coryn respondeu com dignidade. Ele olhou para onde estava Margarida e onde os homens esperavam na mistura de sombra e luz do sol. — Ajude-nos a entrar no castelo. Juntos iremos desapaosar Deslucido. Depois disso...

— Depois disso, somos homens livres e não devemos lealdade a ninguém — Petro disse com uma voz amarga. — Ou você poderia ordenar esses homens a ficar e fortificar

nossa defesa?

— Não tenho autoridade para comandar esses homens exceto na causa de seu mestre. Por enquanto, vamos lutar juntos, lado a lado como irmãos, por Eddard e nossas irmãs. Por Verdanta.

— Por Verdanta.

Petro foi melhor do que suas palavras. Dividiu os homens em pequenos grupos, cada um com diferentes rotas de entradas para o castelo, cada um com um objetivo diferente. Lá dentro, os homens de Rafael capturaram ou desarmaram o capitão dos guardas e todos os cinco oficiais chefes de Ambervale. Margarida levou um grupo menor para tomar a armaria e estúbulos. Coryn, no meio dos dois irmãos matadores e um dos homens de Petro, começou a procurar pelos aposentos da família. Eles encontraram e rapidamente despacharam qualquer um em branco e preto que o desafiavam. Um casal de velhos servos reconheceu Coryn e correu para espalhar as notícias.

Alarmes soaram à distância. Coryn e os outros se encaminharam à suíte de seu pai, guardada por quatro soldados armados de Ambervale. Coryn se afastou para deixar os homens de Rafael fazerem seu trabalho. Dentro de instantes, dois guardas caíram mortos, um estava ofegante e bastante ferido e o último fugira, sangrando. Coryn colocou sua mão na fechadura da porta.

— Quem é? O que quer? — veio uma voz trêmula de dentro.

A porta se abriu. Um dos irmãos matadores fez sinal de silêncio. Ele entrou através da abertura, seu companheiro dando cobertura com o aço erguido.

— Quem está aí? — veio a voz novamente.

Uma voz de homem, velho e frágil. Coryn forçou sua memória. Uma esperança selvagem apossou-se dele... *seu pai, ainda vivo?* Os relatos teriam sido um engano, causado por um mal-entendido ou pelo desespero? Não, ele sentira o vazio escuro no lugar da energia vital de seu pai.

Coryn entrou no aposento. Estava vazio. A voz, um murmúrio agora, vinha da câmara interior. Coryn se adiantou, passando os homens de Rafael.

De cabelo e pele brancos, envoltos na mesma cor, um velho estava ao lado da cama, congelado de hesitação. Lençóis estavam enrolados em sua cintura e se arrastavam no chão. Dois servos: uma mulher suja e de meia-idade e um garoto, encolhido em um canto.

Não, não era seu pai.

Eddard.

Eddard, envelhecido, um jovem vigoroso e robusto agora encolhido em um fantasma. Uma mão emagrecida se estendeu, tremendo.

— Fale! Se tiver alguma compaixão em você, fale! — Os olhos brilhavam nas suas cavidades como órbitas idênticas de mármore branco, sem qualquer sinal de pupila ou íris.

Misericordiosa Avarra! Não posso acreditar que Deslucido o deixou viver! Piedade invadiu Coryn, piedade pela vergonha de seu irmão.

— Eddard? — Coryn disse suavemente. Ele tocou os dedos ossudos, apertando-os em sua mão. — Sou eu, Coryn.

— Coryn? Oh não, ele está seguro, bem longe daqui... Coryn? — Eddard virou sua cabeça, mas não antes de Coryn perceber o brilho das lágrimas.

— Senhor — disse um dos irmãos matadores. O outro tinha desaparecido para checar o restante da suíte e voltou. — Não podemos ficar aqui, não até que o castelo esteja adequadamente seguro.

— Espere um instante — disse Coryn. — Eddard... — Rapidamente, ele explicou a situação. — O povo precisará de um Leynier para liderá-los, para dizer-lhes que Verdanta está livre.

Eddard ergueu seus braços, definhados mesmo através das dobras de sua camisola.

Coryn agarrou seu ombro.

— Estarei de volta logo que assegurarmos o castelo e arredores. — O homem de Petro disse que ficaria com Eddard. Coryn virou-se para seguir os irmãos matadores.

— Espere! — Eddard gritou. — Minha mulher e meu filho! Meu Adrian! Eles estão sob custódia... Lotrell... o carcereiro de Damian... ele tem ordens para matá-los...

— Onde eles estão?

— Nos Aposentos dos servos... se ele não os removeu de lá.

Os aposentos dos servos ficavam na parte mais distante do saguão leste. Voltar para lá o tirariam das áreas que precisavam limpar para assegurar o castelo.

— Continuem! — ele disse aos homens de Rafael. E depois, para Eddard — Eu os acharei!

Ele começou a descer o corredor em direção à ala leste. Margarida apareceu como uma sombra. Ela segurava uma faca tão longa quanto seu antebraço, suspensa como se soubesse como usá-la. Joelhos dobrados, corpo curvado para representar um alvo menor, ela deslizou em sua direção, abraçando a parede. Quando o viu, abaixou a ponta da faca.

— Eddard? — ela perguntou.

— Ele está vivo, mas temos que achar sua esposa e filho antes que os usem como reféns ou os matem.

— Lotrell. — Sua voz era firme, ameaçadora.

Ela o odeia para esconder seu medo. Algo aconteceu com ela... o escudo de laran, a boca firme, os olhos como pedra.

Margarida ergueu seu queixo.

— Não há necessidade de procurar. Eu sei onde ele está. Antes que pudéssemos tomar a armaria, Lotrell entrou, segurando um saco. Poderia muito bem estar segurando um bebê. Ele se trancou lá dentro antes que pudéssemos tirá-lo.

Sem precisar de mais palavras, andaram juntos pelo corredor e desceram a larga escada. O andar de Margarida era solto e forte como o de qualquer homem. Ela tinha, Coryn lembrou-se, vivido e lutado entre homens na floresta, como um deles.

A armaria era uma longa extensão de paredes de pedra do castelo, mais um galpão do que uma fortaleza. Era usada para armazenar muitas coisas além de armas: as picaretas e pás usadas para combater incêndios, equipamentos de rebanho, palha para a prática de arco-e-flecha. Estreitas janelas sem vidro deixavam a luz entrar, mas mantinha lá fora o pior dos climas. A porta interna tinha sido barrada, portanto a única entrada era a porta externa de frente aos estábulos.

Uma grande quantidade de servos do castelo tinha se reunido a uma distância da porta. Alguns carregavam armas improvisadas; uma velha levava uma vassoura. Não havia dúvida que Lotrell mantinha um refém. Gritos estridentes de criança vinham da armaria. Um dos arqueiros de Petro mantinha-se em uma plataforma improvisada de barris e tábuas, arco em punho e flecha apontada para uma das janelas para o interior escuro.

— Retire seu cão daí! Eu o vejo da janela! — berrou uma voz de dentro. — Ou o bebê morre! Pelo maldito inferno de Zandru, eu juro!

O homem baixou seu arco e olhou para Margarida.

— Ele está segurando a criança em cima de um velho suporte de espadas. Foram viradas e fixadas de ponta pra cima. Nem eu poderia mirar tão bem.

Se ele cair, a criança também cai.

Tocando a pedra-da-estrela em sua garganta, Coryn estendeu-se com seu *laran*. Sentiu a harmonia na voz rude do arqueiro, seguida por uma onda de pânico renovado do garoto. Do homem lá dentro, desespero. Ele não estava mais pensando, agia por instinto. A analogia de uma cobra, de Margarida, ajustava-se perfeitamente nele. Sua mente ondulava e disparava,

astuta e desonesta enquanto procurava um modo de escapar.

Deve haver um caminho para sair disso, sem derramamento de sangue.

— Ele não pode manter isso para sempre, — um dos outros homens disse.

Uma mulher veio correndo ao redor da ala do castelo, soluçando.

— Adrian! Meu bebê!

Coryn quase não reconheceu a mulher de rosto doce que era sua cunhada. Antes rechonchuda, agora estava magra, mas não decrépita como seu marido. Embora seus seios lisos balançassem sob seu vestido solto, ela movia-se com vigor. Correu até a porta da armaria. Coryn, sentindo seu objetivo, entrou em seu caminho. Ele a pegou nos braços. Por um momento, ela lutou com ele, tentando se soltar, golpeando-o com os punhos.

— Shhh... — Ele envolveu sua mente com a dele, como se amparando um pássaro caindo de um ninho. Seus olhos clarearam enquanto olhava para ele. Suas pálpebras estavam vermelhas e inchadas, envoltas por círculos da cor de hematomas, sua pele estava pálida.

— Aquele monstro o tem... ele tem apenas três anos!

— Se o forcarmos, ele poderá machucar o garoto. — Coryn usou seu *laran* para sustentar suas palavras.

Ela se afastou, mãos em volta de si, mas recuperando-se visivelmente.

— O que... o que devemos fazer? Não podemos apenas deixá-lo lá!

Por baixo do terror, ele sentiu sua resistência. Ela era uma mulher decente, forte, mas não inquebrável. No completo comando de seus recursos, ela faria mais por Eddard do que uma trupe de médicos.

Coryn virou e aproximou-se da porta da armaria.

— Você aí dentro! Lotrell... homem de Deslucido! Aqui é Coryn Leynier.

— Eu não o conheço. O que quer?

— Largue a criança. Queremos negociar. Podemos chegar a um acordo e terminar esta disputa.

— Isso é fácil! — Uma risada que mais parecia um latido. — Dê-me seu cavalo mais rápido, comida e água, e duas horas de vantagem. A criança vem comigo. Eu o deixarei ir logo que estiver bem longe. Vocês podem pegá-lo... se o acharem.

— A criança fica aqui. Dou-lhe minha palavra que se ele estiver ileso, você também estará.

— Ah! Que tipo de tolo acha que sou, para confiar na palavra de qualquer um? — A voz ficou mais alta, ainda astuta, mas beirando à loucura. O lamentar do garoto transformou-se em soluços. — Este bebê chorão é minha garantia.

— Seja razoável. Se o matar... — a mãe da criança suavizou um grito — ... não haverá nada para impedir-nos de acabar com você. Sua vida não valerá nem uma pilha de estrume. Pense, Lotrell. O castelo é nosso novamente. — *Ou será em breve.* — A única saída é passando por nós. Nenhum homem pode segurar tantos para sempre. Você não tem escolha.

— Se não tenho escolha, vocês também não tem. Este bebê é o único filho de Eddard. Se tomaram o castelo, então já viram o pai. Acham que ele pode comandar? Não, meu caro. Eu tenho o herdeiro de Verdanta e agora ele está a um passo de ser espetado como um filhote de *chervine* no banquete do Solstício de Inverno.

Margarida agitou-se, mudando de um pé para o outro. Seus olhos tornaram-se escuros, como ardósia. Em uma voz baixa que poderia não significar nada, ela disse:

— Esta conversa é inútil. Seria melhor argumentar com um dos cães no canil. Com cada palavra, ele se torna mais fixo em sua posição. Deixe-me barganhar com ele.

— Você? — disse a esposa de Eddard — o que você, uma mulher, pode fazer?

Margarida não deu importância ao que ouvira. Coryn não poderia ler suas intenções através das barreiras de *laran*. Antes que ele pudesse impedir, ela gritou.

— Lotrell! Aqui é Margarida! Lembra de mim? Ainda estou viva! Se precisa de um

refém, leve-me no lugar do garoto!

— Mar...

Ela calou Coryn com um olhar tão duro que por nada no mundo ele queria estar no lugar de Lotrell.

— Pegue o cavalo — ela disse alto o suficiente para que Lotrell ouvisse. — Dê-lhe o que pediu.

Dois dos servos do castelo correram, um homem dos estábulos e a velha com a vassoura foram para a cozinha.

Não houve resposta imediata da armaria, apenas o contínuo lamento do garoto. A tensão surgiu, um peso palpável. A esposa de Eddard tinha pressionado as duas mãos sobre a boca. Lágrimas rolavam sobre seus dedos, mas ainda tinha controle sobre si mesma.

Sem intenção consciente, Coryn aproximou ainda mais seu contato de *laran* com o homem dentro da armaria. Sua própria visão ficou branca e ele afundou na mente de Lotrell. Penetrou as emoções superficiais. Escuridão apossou-se dele. Seus sentidos mudaram; ele sentiu o cheiro de urina aonde o garoto tinha se molhado, aromas misturados de óleo e couro, músculos trêmulos no ombro e braço por causa do peso do garoto, suor frio escorrendo pela sua nuca, lenta compressão detrás de seu peito.

Fios como trepadeiras, enroscavam-se e pulsava em um vermelho forte, um ferimento atrás do peito de Lotrell, descendo para seu estômago. Ele prendeu seu lábio inferior com seus dentes, sentindo a abertura onde seu canino esquerdo estivera até que caísse no último inverno.

A dor irá passar...

Os pensamentos do homem soaram como o ressoar de gongos distantes e dissonantes. Coryn acessou a congestão doentia das forças vitais, ouviu o esforço do coração, sentiu a dor das células famintas. O corpo ao seu redor oscilava. A mão livre do homem bateu seu peito, apalpando os músculos.

Passe, maldição, passe! Não posso ficar doente agora!

Tudo o que precisaria era de um toque. Como monitor, aprendera a limpar os canais físicos e de *laran*. Com um único movimento de sua mente, ele poderia suavizar a dor no coração... ou levar o homem a um ataque fatal. Esse Lotrell tinha um coração doente que de qualquer jeito teria sucumbido. Quem poderia dizer que o ataque não era natural, que não teria acontecido nos próximos momentos?

Teria sido tão fácil...

O garoto, filho de Eddard, herdeiro de Verdanta, estaria salvo, como sua mãe e Margarida. Ninguém saberia...

Mas ele, Coryn, saberia. Viveria o resto de sua vida sabendo que tinha quebrado o mais solene voto de um *laranzu*, que tinha cometido o único crime imperdoável das Torres: a violação forçada da mente de outro homem. Ele seria para sempre inadequado para ser um Guardião.

Com um calafrio, uma lembrança passou por ele, deixando náusea em seu rastro. Ele sabia que nunca tinha feito aquilo e ainda assim aquela visão parecia horivelmente familiar. Aversão tomou conta dele. No momento seguinte estava de volta em seu próprio corpo, mãos rasgando sua camisa sobre seu abdômen.

Nada mais do que um instante ou dois havia passado. Margarida ainda estava parada, pernas apoiadas, uma mão no cabo da faca que guardara sob seu cinto. Sua cabeça pendia levemente para um lado, como se estivesse ouvindo. Coryn deu um profundo suspiro e os músculos de sua barriga se destravaram.

A porta da armaria se abriu um pouco. Havia sons de luta e mais soluços infantis. Um homem saiu pela porta, um braço segurando um garotinho de rosto vermelho bem firme contra seu peito, a outra mão segurando uma adaga. Os esforços da criança ameaçavam

afundar a ponta da adaga em seu próprio pescoço.

— Solte o garoto — Margarida disse em voz baixa. — Eu irei com você.

— Largue esta faca.

Margarida baixou a lâmina no chão e empurrou-a para longe com o pé. Ela mantinha suas mãos afastadas de seu corpo, vagarosamente aproximando-se de Lotrell. Quando Margarida estava a um passo dele, ele desceu a criança, agarrou seu braço, e a rodopiou, segurando-a com a adaga em sua garganta. O garoto correu. Sua mãe disparou em sua direção e pegou-o nos braços. Sem olhar para trás, ela correu para o castelo. Ninguém mais se moveu.

Embora Margarida não fizesse nenhum esforço para resistir, Lotrell segurou-a desajeitadamente. Ele remexeu seu aperto nela, tirando sangue. O arqueiro ao lado da armaria moveu-se para pegar seu arco, mas Coryn o mandou voltar.

— Onde está o cavalo? — Lotrell berrou.

O servo trouxe um cavalo selado dos estábulos. Coryn não reconheceu o animal. Não era nem de perto tão bom quanto o garanhão de seu pai ou a égua negra de Armida que ele tinha lhe dado, mas parecia adequado. Lotrell posicionou o cavalo ao lado do bloco de montaria que o *coridom* tinha feito para Tessa há tantos anos atrás. Mandou Margarida subir no lombo do cavalo. Colocou-se atrás dela. Seu rosto estava cinzento, os lábios escuros. A mão que segurava a adaga tremia visivelmente.

Um homem veio correndo da cozinha com dois sacos, amarrados juntos para colocá-los atrás da sela. Era um dos irmãos matadores, arriscando que Lotrell não percebesse que não pertencia ao castelo. Para os olhos de Coryn, seu andar solto não esconderia o porte firme, o jeito de um lutador.

Rosnando, Lotrell puxou as rédeas, virando o cavalo.

— Traição! Pare onde está, ou ela morre!

Sangue fluíu em uma linha vermelho-escura no canto da nuca de Margarida. Ela não demonstrou nenhum traço de dor ou medo, simplesmente esperando.

Esperando...

Ao comando de Lotrell, o homem de Rafael estendeu os sacos para uma das mulheres. Timidamente ela aproximou-se do cavalo, que estava balançando sua cauda em desconforto, mordendo o pesado freio. Lotrell moveu-se na sela, se abaixando para alcançar os sacos. O cavalo dançou sob ele e a mulher se afastou, depois voltou, segurando seu fardo para manter a maior distância entre ela e o nervoso e saltitante animal.

Coryn percebeu a onda de exultação, mesmo através das firmes barreiras de *laran* de Margarida.

Em um único movimento, ela moveu-se no aperto de Lotrell. Forçou seus ombros contra seu aperto, abrindo um espaço entre seu corpo e a ponta da adaga. Ao mesmo tempo, seu peso o desequilibrou. Mesmo antes de caírem no chão, seus dedos fecharam-se ao redor do cabo da adaga.

Dois corpos emaranhados bateram na terra nua. Lotrell esteve no topo por um momento antes de rolares, apertando e lutando. Coryn e o irmão matador precipitaram-se.

A luta parou abruptamente. Lotrell estava caído por cima do corpo de Margarida. Por um terrível momento, nada se moveu. Sangue, brilhante e acre, empoçava-se entre os corpos. A mulher que carregara os sacos de comida gritou. Então Lotrell escorregou para o lado e ficou esparramado meio de lado.

De face vermelha e respirando com esforço, Margarida saiu de baixo dele. Ela recusou as mãos estendidas, levantando-se com sua própria força. Sua camisa estava encharcada de sangue, mas Coryn sabia que muito pouco era dela. Enquanto passava por ele, seus olhos encontraram os dela e ele não pôde entender o que viu ali. Suas barreiras estavam novamente no lugar.

Chiya, o que aconteceu com você?

Como se em resposta à sua questão, ela parou, ombros curvados.

— Está acabado — ela murmurou. — Agora estou livre.

Ele observou-a ir com uma dor em seu coração pela irmã que tinha encontrado e perdera de novo.

Trinta e Dois

Eles tinham chegado logo depois do amanhecer e na hora em que o Sol Sangrento estava bem acima de suas cabeças, o Castelo Verdanta era deles. Os que restaram da guarda Ambervale tinham largado suas armas, sua situação irremediável. Haveria muito trabalho a fazer, varrer as fronteiras e pequenas propriedades procurando pelos outros que tinham escapado ou se posicionado distantes.

Todos que puderam ouvir os chamados dos alarmes se reuniram no pátio. Eddard estava no limiar, com Margarida de um lado e Petro no outro. Coryn os observou, bem atento ao abismo que se formara entre ele e sua família. Com Verdanta livre, não podia mais justificar sua presença ali, não importasse o quanto desejasse ficar. Sua missão para o Rei Rafael tinha chegado ao fim.

O rosto de Eddard estava corado pelo esforço, mas suas costas estavam retas. Apesar de sua magreza, ele irradiava energia. Quando começou a falar, até mesmo o bebê nos braços de Tessa fez silêncio, pois sua voz, embora firme, estava cheia de força.

Coryn imaginou-se repetindo aquelas mesmas palavras de triunfo para si mesmo, hora após hora no escuro, extraindo coragem e esperança deles.

— Verdanta é nossa, e estamos livres. Nunca permitiremos que seja tirada de nós novamente. Todo homem que tenha lutado por esta causa será venerado pelo resto de seus dias e a família de cada homem que morreu será beneficiada com essa mesma honra. Deixemos todos que lutaram contra nós conhecer nossa vingança e todos que abaixarem suas armas e jurarem paz conosco partirem ilesos. Se qualquer homem que um dia foi nosso inimigo quiser ficar e jurar lealdade para esta casa de Leynier... se submeter ao nosso julgamento, ele terá uma nova vida conosco. E isso dizemos a nossos irmãos de Storn e Hawksflight e todas as outras terras que sofrem sob a opressão de Ambervale: Juntem-se a nós! Unam sua força com a nossa. Tomem de volta nossos próprios reinos e expulsem o tirano da face da terra!

Antes de ter terminado, os homens que estavam sentados na poeira, exaustos e confusos, se levantaram. Os prisioneiros de Ambervale e simpatizantes de Verdanta bateram palmas e gritaram, então tudo o mais que Eddard tinha para dizer foi perdido no barulho.

Petro sorria, um lampejo de sua velha alegria, e parecia que teria abraçado Eddard; só não o fez pela solenidade da ocasião. Um de seus homens agarrou Margarida pela cintura e a rodopiou, rindo. Tessa correu para onde a pequena aglomeração de homens de Ambervale estava, sob custódia, e estendeu sua mão para um deles.

Um dos homens do Rei Rafael levou Coryn para o lado e disse:

— Não podemos ficar aqui, não importa o quão útil seríamos para este povo. Eles terão que lutar suas próprias batalhas para restaurar a ordem. Nunca pretendemos ser uma força de ocupação. Você deve fazer as preparações para os homens que virão conosco.

Naquela noite, houve um banquete no grande saguão. Coryn não reconheceu metade das pessoas sentadas ao redor da grande mesa. Eddard sentou-se no lugar de seu pai, ladeado por Petro e sua mulher. O garoto, exausto, mas ileso, não deixara sua mãe, então ela o manteve em seu colo, dando-lhe pedaços de seu próprio prato até que ele caísse no sono. Margarida tinha descido com os homens de Rafael, um pouco afastada, mas ouvindo intensamente sua conversa.

Tessa se aproximou com seu bebê nos braços. Coryn mal a reconheceu. Linhas demarcavam sua boca e olhos, mas a maternidade tinha suavizado as curvas de seu corpo. Ela tinha vindo preparada, ela disse, para implorar pela vida de seu marido ou aceitar ser exilada com ele, explicando que embora o casamento não tenha sido de sua escolha, ele era tão bom

quanto qualquer outro e com uma criança, um filho robusto, nascido e com outro a caminho, ela ficaria com o que tinha. Eddard prometera ouvir o caso de seu marido na manhã seguinte e adicionou que esperava que o homem soubesse o que era bom para ele.

Cantores apresentaram suas novas baladas da libertação de Verdanta e homens exaustos e meio bêbados se retiraram para dormir. Enquanto o vinho era servido à vontade, os irmãos trocavam histórias. Petro e Margarida tinham tido casos leves de febre do pulmão e escaparam através do porão da cozinha. Tinham ficado escondidos na floresta de dia e viajado de noite, procurando abrigos nas cavernas que exploraram quando criança e vivendo como foras-da-lei. Uma vez eles se separaram e levou dias para que ele a achasse, muito doente até mesmo para falar. Finalmente, pararam de procurá-los para procurar outros.

— Foi Margarida que insistiu para ficarmos e lutarmos — Petro disse, seus olhos vacilando na direção dela. — Eu, teria continuado a correr daqui até Shainsa.

Olhe para ela agora, seu pensamento ecoou na mente de Coryn. *O que ela fez? No que ela se tornou?*

Coryn estava inquieto. Virou-se para Eddard e pediu que contasse sua história.

— A ideia de Deslucido sobre minha fraqueza era de algum modo exagerada, — Eddard disse com o lampejo de um sorriso. — No começo, talvez, eu pudesse fazer pouco. A febre do pulmão me deixou cego e quase morto. Fiquei sabendo que ele prendera minha família como reféns. Ordens eram dadas em meu nome. De tempos em tempos, homens vinham, me vestiam, sentavam-me naquela grande cadeira que o Pai odiava tanto, e faziam discursos em meu nome. Quando percebi o que estavam dizendo, eu falei. Oh, aquela foi uma grande cena. Eu me levantei, gritando para todos que podiam ouvir que não aprovava as coisas que diziam, que todos os verdadeiros homens de Verdanta deveriam resistir às regras de Ambervale. Eles me bateram sem piedade e quando me recuperei, me disseram que tinham matado meu filho mais velho.

Coryn não podia pensar em nada para dizer. Petro abaixou sua faca e ouviu, olhos escuros e boca fechada. Eles esperaram enquanto Eddard se recompunha.

— Eles não o fizeram — Eddard continuou. — Embora ele tivesse morrido de alguma febre infantil. Eu não soube disso até mais tarde, quando permitiram que minha mulher e meu segundo filho se juntassem a mim. Até então, eles pensavam que eu estava destruído... e por um tempo eu pensei que fosse verdade. Eles a trouxeram, ela disse, por que temiam que eu estivesse me deixando morrer e ainda precisavam de mim como uma imagem...

A voz de Eddard se extinguiu, seus olhos cegos nada refletiam. Sua esposa, que estava ninando seu filho, dormindo em seus braços, esticou-se para gentilmente tocar sua mão. Ele se recompôs imediatamente.

— Eu fiquei lá com meu coração cheio de escuridão — ele disse em uma voz que exalava paixão — e tudo o que podia ver era fogo. Eu pensava naquele grande incêndio... você sabe, Coryn, aquele quando Dom Rumail chegou e convocou os planadores de Tramontana. Aquele de quando todos esses problemas começaram. Eu dizia a mim mesmo que não deixaria aquele fogo ganhar, depois de tantos anos. Eu me disse isso várias vezes.

Coryn concordou. Podia ver a raiva de Eddard cozinhando durante meses, mantendo-o vivo.

— Depois disso — Eddard disse entortando estranhamente a boca — eu me recuperei mais rápido do que permiti que eles vissem. De algum modo, sabia que a hora tinha chegado, quando eu teria outra chance para agir. — Ele procurou pela mão de Petro, segurando-a. — Eu nunca sonhei que meus irmãozinhos viriam para me resgatar! — Sua cabeça virou na direção de Coryn. — Você ficará e nos ajudará a reconstruir, não vai, Coryn? Verdanta precisa de todos os seus filhos agora.

— Não posso ficar, Eddard — Coryn disse em voz baixa. — Meu dever maior é com a Torre que sirvo e o Rei que nos comanda.

— Você deixaria sua própria família para lutar na guerra de Rafael? — Eddard disse, franzindo as sobrancelhas cinzentas.

Petro apertou mais forte a mão de Eddard, chamando sua atenção.

— Foi a guerra de Rafael que nos trouxe esta vitória, meu irmão. Até agora, meus homens e eu não podíamos fazer nada além de cansar de esperar. Não tínhamos os meios ou a habilidade para atacar, até que Coryn e estes homens chegaram.

A expressão tempestuosa de Eddard se suavizou.

— Então suponho que você deve ir onde o dever chama. Lembre-se do velho provérbio, *Nua estão as costas de quem não tem irmão*. Estaremos sempre aqui quando precisar de nós.

Por mais que amasse esse lugar, Neskaya era seu lar agora. Seu pai estava certo, há tantos anos atrás, quando disse que Coryn poderia não querer voltar depois de conhecer o grande mundo. Não era uma questão de desejos, mas de onde ele realmente pertencia, no que se tornara, quem ele era agora. Por hoje, seria o suficiente ver Verdanta livre e sua família a salvo.

— Podemos derrotar Deslucido, mas isso dificilmente colocará um fim ao desejo do homem pelo poder ou por seu abuso — Petro disse com um toque de seu velho cinismo. — Enquanto formos pequenos e fracos, haverá outros para nos atacar. Verdanta nunca foi capaz de suportar muito de um exército, não comparada ao que Ambervale pode fazer, ou os reinos das terras-baixas. Mantivemo-nos livres por tanto tempo simplesmente porque não tínhamos nada que eles queriam. — Seus olhos escuros encontraram os desafiantes de Coryn.

— Não podemos confiar em nossa contínua insignificância — disse Eddard. — Cedo ou tarde, outro virá querendo o que nós temos, mesmo se for apenas uma passagem para algum outro lugar. — Ele virou sua cabeça na direção de Coryn, como se dissesse, *Você é um laranzu treinado na Torre. Não pode proteger sua própria família?*

Como? Coryn pensou com uma onda de calor, *arrmando vocês com fogo aderente?*

E aquilo era exatamente o que Liane tinha ansiado quando sua própria terra natal estava sob ataque pelos inimigos compartilhados.

Se tivéssemos fogo aderente, alguém como Deslucido apenas o usaria em grandes quantidades contra nós, ou pior, e depois viraria contra nós nossos próprios estoques.

Mas e se os reinos das montanhas unirem-se contra ele; Verdanta, Storn e Hawksflight, até mesmo Acosta de Taniquel?

Verdanta aliada com Storn... Coryn podia até imaginar a resposta de Petro para esta idéia, mas tanto havia mudado em suas vidas... Coryn e Liane tinham forjado uma ligação mais profunda do que amizade.

Apenas um instante de conversa havia se passado. Petro ainda estava olhando para Coryn, como se o desafiando por respostas.

— Você está certo, meu irmão — Coryn disse em uma voz mais calma, — enquanto formos pequenos e isolados, seremos vulneráveis a ambições de homens inescrupulosos como Deslucido. Acho que o pai teve as idéias certas em buscar por conexões formais, mas ele procurou no lugar errado.

— Onde deveríamos buscar por aliados, então? — Eddard perguntou, genuinamente interessado. — Você esteve entre os poderosos reis além dessas montanhas. Quais dos grandes Domínios nos levaria a sério, senão como vassalos para seus próprios propósitos?

— Não um grande — Coryn replicou — mas um igual. Há poder nos números, do mesmo modo como um único bambu torna-se inquebrável quando junto com seus companheiros.

— Está pensando em Storn? — Petro perguntou incrédulo. As feições de Eddard escureceram. — Eu preferiria antes confiar em uma raposa para guardar um galinheiro!

— E ainda — Coryn continuou — Liane Storn, que ama sua terra natal tanto quanto

amamos a nossa, teve minha vida em suas mãos enquanto trabalhávamos em um círculo de *laran* juntos e nenhuma vez falhou comigo. Ela foi ensinada a me odiar, que vim de uma linhagem de vilões desprezíveis, do mesmo modo como fui ensinado a pensar o mesmo dela. Quando começamos a entender um ao outro, vimos que o que tínhamos em comum pesava muito mais do que velhas disputas e diferenças mesquinhas.

— Mas... *Storn!*

— Pense nisso — Eddard disse, esfregando seu rosto com uma mão. — Eles estiveram sob as botas do Perjuro do mesmo modo que nós. Não seria a primeira vez que inimigos comuns tornam-se estranhos companheiros.

— Você fala do passado — Coryn completou, pensando na missão de Petro no Alto Kinnally durante o grande incêndio. — Nenhum de nós é a mesma pessoa que era. Olhe para Eddard, para Tessa, Margarida... eu. — *Você mesmo.* — Não acha que os Storns podem também ter mudado... especialmente com uma filha sendo mantida refém em Linn?

— Minha... minha esposa foi mantida lá no começo — Eddard disse. — Ela falou de uma Liane, uma *leronis*, embora não conhecesse a família da garota. Ela... ela disse que Liane cuidou de um bebê com febre, com tanto carinho como se ele fosse seu.

— Vejo que formaram uma aliança contra mim — disse Petro — e ainda digo que isso não trará nada de bom. Suponho agora que irão querer me mandar como embaixador para o Alto Kinnally.

Todos riram enquanto Eddard dizia:

— Isto é uma idéia. Sério — Eddard continuou — pode não haver melhor caminho para abrir uma discussão do que ajudar os Storns a recuperar sua liberdade. Não posso mandar soldados, não em honra ao nosso débito a Rafael Hastur. Um pequeno grupo de seus forasteiros, Petro, aqueles com habilidade em matar e se esconder, poderia levar notícias de nossa vitória aqui e dar-lhes a coragem de erguerem-se por si próprios.

— Isso eu farei. — o sorriso de Petro trazia mais do que um traço de crueldade, e Coryn viu que nada o agradaria mais do que vingar-se de Deslucido, mesmo se isso significasse ajudar seus velhos inimigos.

Os homens do Rei Rafael ficaram para organizar o máximo de homens que desejassem ir com eles, e seus melhores cavalos. Petro já havia se infiltrado nas florestas em sua ida a Alto Kinnally, mas deixou dois de seus melhores guias para levar os homens Hastur através das terras de Verdanta.

Coryn ficou observando o *coridom* contando cabeças e cavalos no pátio, sabendo que ele também gostaria de estar indo. A guerra não esperaria por ele e só Aldones sabia que nova estratégia Deslucido poderia estar tramando.

Margarida veio até ele, tão silenciosa que ele mal a ouvira se aproximar. Ela ainda vestia seu traje de floresta, seu cabelo curto como de um garoto, com a longa faca presa em uma bainha a uma coxa.

— Na noite anterior, eu falei com os homens que vieram com você — ela disse inflexível.

— Sim — Coryn respondeu, pois o comentário parecia esperar uma resposta. — E imagino que o que disseram era de algum interesse.

Ela balançou a cabeça e continuou descendo, em direção aos estábulos e convidando-o a acompanhá-la com sua postura.

— Não tanto o que disseram, mas como disseram. Os silêncios entre as palavras, as coisas que não foram ditas. Sei o que as pessoas estão dizendo sobre mim — ela disse, — que agora nenhum marido me tomará como esposa, com dote ou não. Marido! Bem, onde estava ele quando o pai e Kristlin adoeceram com febre do pulmão? Onde estava ele quando os cães do Perjuro invadiram a entrada? Onde estava ele quando Lotrell e seus homens me pegaram

na floresta e deixaram-me para morrer?

Sua dor emanava através de suas firmes barreiras. Coryn tentou se aproximar para suavizá-la. Ele acariciou as costas de seu pulso com as pontas dos dedos, ao estilo da Torre, mas ela dispensou o toque.

— Eu sobrevivi a essas coisas, sozinha. Não sei... — ela levantou uma mão, palma calosa e unhas quebradas — ... não sei como tudo isso teria sido diferente se Deslucido não tivesse vindo.

Ele não precisava de *laran* para ler o resto de seu pensamento: *Como eu teria sido diferente.*

— Não tenho marido para cuidar de mim e, depois disso, eu não quero um. Nem posso viver aqui como a Tia-avó Ysabet, tecendo tapeçarias até os noventa anos. Os homens do Rei Rafael me contaram sobre a Irmandade da Espada. Pretendo juntar-me a elas.

Coryn ouvira falar sobre tais mulheres que treinavam com armas e alugavam seus serviços como soldados, intensamente leais a quem fizeram seu juramento, mas não conhecendo lei senão as delas próprias. Tinha até visto algumas, movendo-se através das ruas de Thendara em pares ou trios, severas e distantes em suas vestes cor de sangue. Argolas douradas cintilavam em suas orelhas, visíveis abaixo do cabelo curto. Ele começou a dizer algo sobre como elas eram impróprias, e então percebeu como sua irmã se adequava à sua descrição. Exceto pela argola, qualquer que seja o juramento que faziam umas as outras, e seu traje característico, ela já poderia ser uma delas.

— Acredito que há uma casa dessas mulheres em Thendara — ele disse. — Posso pedir aos homens de Rafael para escoltá-la até lá, se é isso mesmo o que deseja.

Ela riu, um inesperado som de alegria.

— Querido irmão, não preciso de uma escolta, não mais do que um marido. Perguntei a esses homens se poderia viajar como um deles. Pode demorar bastante antes de voltarem a Thendara, mas enquanto isso aprenderei as habilidades que precisarei para merecer meu pão.

— Pode lutar assim tão bem?

Realmente, ela tinha pegado Lotrell de surpresa, mas como ela poderia enfrentar a força de um homem?

— Posso atirar assim tão bem. Quanto à habilidade com a espada, tenho anos para compensar o tempo em que brincava de decorações com flores e costurava, enquanto esses garotos golpeavam uns aos outros com espadas de madeira. Não espero que um dia chegue a ser tão poderosa quanto um homem, mas quanto a andar furtivamente e velocidade posso me garantir no fim das contas.

Coryn não pôde evitar sorrir para ela.

— Vejo que tem muito a me ensinar. Quando tiver furado sua orelha e se tornado uma guerreira destemida, ainda permitirá que a chame de irmãzinha?

— Seu cabeça-dura, é claro! E você sempre será meu irmão mandão.

Ela passou seus braços ao redor de seu pescoço e, por um instante, suas barreiras tornaram-se transparentes e ele viu a irmã que amava, envolta por um fogo que ele não podia imaginar, mas ainda um espírito doce e gentil. Ele desejou por tudo no mundo poder desfazer o que tinha sido feito a ela, mas percebeu que mesmo falar sobre isso estragaria o que havia conseguido.

Não falaram mais nada sobre esses assuntos, mas partiram amigavelmente, ele em direção a Neskaya e ela com um contingente de homens armados de Hastur.

LIVRO IV

Trinta e Três

A segunda chegada de Coryn a Neskaya foi tão diferente da primeira quanto a noite do dia. Seu cavalo estava também com a pata dolorida e seu próprio corpo estava cansado, pois pressionara bastante as pernas durante o percurso. Aqueles quilômetros tinham sido normais exceto pela sua crescente impaciência. Enquanto seu cavalo descia a última colina, os espirais das pálidas pedras azuis translúcidas erguiam-se diante dele com seu brilho fracamente luminescente. Como antes, o ar prendeu-se em sua garganta diante da beleza pura de cada linha, a entrada em arco, as janelas incandescentes com a luz do sol refletida. Agora seu coração se acalentava à visão familiar.

Um dos jovens novatos gritou:

— Coryn voltou pra casa! — e correu para espalhar a notícia.

Sim, ele pensou, *casa*. Mais do que Verdanta, mais mesmo do que Tramontana, este lugar era agora sua casa. Ele merecera seu lugar ali.

Dentro de minutos, aqueles trabalhadores que estavam acordados e não dormindo para recuperar uma noite nas transmissões vieram para recebê-lo. Poucos fizeram mais do que tocar sua manga, mas o calor de boas-vindas o envolveu. Enquanto saudava cada um, sua mente tocava as deles com o mais leve toque. Se não tivesse limitado pela severa disciplina da Torre, ele os teria pegado nos braços. Seja como for, seus olhos arderam com as lágrimas. Ele conhecia aquelas pessoas como não conhecia, e nem poderia, as pessoas de sua própria família. Seu respeito e amor por ele eram evidentes em cada gesto, apesar de sua restrição. Naquela visão atrás de seus olhos, ele sentiu todos os apertos de mão invisíveis.

Bernardo, olhos vermelhos, desceu correndo depois de poucos minutos. Seu rosto estava contraído, apesar de seu passo estar firme como sempre, sua voz segura.

— Você nos traz notícias de Thendara? Obteve algum sucesso?

— Sim, há notícias, e se obtive sucesso permanece para ser julgado — Coryn respondeu sombriamente.

— Venha, então, e deixe-nos ouvi-las.

Bernardo o guiou até seus aposentos privativos. Mac, como técnico principal, e Demiana, a esbelta mulher de olhos cinza que era a monitora mais habilidosa da Torre, assistiram à conferência.

Ficaram sentados por horas, ouvindo a história de Coryn. Por ele ser levemente ligado a Bernardo e aos outros, o choque deles ecoava em seu próprio corpo enquanto contava sobre a batalha com as forças de Belisar Deslucido.

— Pó derrete-osso... — Demiana sussurrou, tão baixo e trêmulo que Coryn o sentiu como um calafrio em sua espinha. Não podia ter certeza se ouvira as palavras ditas em voz alta ou quem as havia dito. Ela sentava-se diante dele, cabeça inclinada de modo que as sombras escondiam sua face, ombros rígidos em tensão.

— Pensamos... — Mac parou, depois continuou. — *Fogo aderente* é horrível o bastante, mas é semelhante ao fogo natural. Nós o fabricamos de elementos que achamos no fundo da terra. Ele queima através de carne e osso, comendo tudo até que nada reste para consumir. Mas depois, quando o estrago está feito, ele se apaga como qualquer outro fogo. O solo é seguro para se andar por cima. O *Fogo aderente* não voltará para atormentar os inocentes nos anos por vir. Quando acabou, está acabado. Não como essa praga de derrete-osso, como aqueles que a enfrentaram puderam nos contar.

— Eles não mentiram — disse Coryn. — Como Caitlin de Hali, que tenho toda a razão para confiar, me disse.

— Ela saberia — disse Bernardo. — Pois se há uma mulher em qualquer lugar capaz de fazer o trabalho de um Guardiã, ela é Caitlin Elhaly. O pó derrete-osso envenena a própria terra para que, nas gerações seguintes, nenhum homem possa viajar ali em segurança ou comer qualquer coisa que tenha crescido ou pastado nela. Deve haver mais horrores nos anos por vir. Podemos apenas rezar para que nunca descubramos o que são.

— Mas esse Deslucido o usou... em seus próprios homens, na terra que clama como sua... — Demiana disse em uma voz baixa e fina. Ela ergueu sua cabeça, olhos nadando em lágrimas. — Por que? Como ele pôde fazer tal coisa?

— Porque — Coryn se viu repetindo as palavras de Caitlin com inesperada veemência, — por que ele pode. Pois não há ninguém para impedi-lo e não há consequência além da perda das tropas que podem ser substituídas.

— Certamente seu próprio povo se levantará contra ele se souberem disso — ela disse. — Um rei é coroado para proteger aqueles que o servem, não é?

Coryn, que nunca pensara em si mesmo como particularmente conhecedor dos caminhos do mundo, foi atingido pela ingenuidade dela.

— Quem sabe se a verdade será contada nas terras que Deslucido controla? — Coryn disse. — Ele pode muito bem colocar a culpa no Lorde Hastur, com ninguém para desmentir-lo.

— Mas Verdanta é novamente independente — disse Mac, olhando para Coryn. — E outros reinos conquistados devem segui-los.

— Eles terão que resolver seus próprios destinos — Bernardo disse com um ar conclusivo.

— Eu discordo — disse Coryn. — Seremos atraídos para o conflito de um jeito ou de outro. Fui a Thendara para implorar por neutralidade e aprendi que isso não é possível e nem desejado. Pois como podemos sentar aqui em cima em nossa Torre enquanto Darkover queima? Mesmo que não fôssemos unidos a Hastur, eu nos impeliria a unir-nos à sua causa. A única maneira de impedir Deslucido e outros como ele, é tornar o preço de usar essas armas terríveis tão alto que nem mesmo um louco se arriscaria a isso.

— O que? — Demiana perguntou em uma voz sussurrada como papel. — Você nos obrigaria a fazer coisas piores?

— Não uma arma para se usar para atacar, não. — Coryn passou os dedos de uma mão em seu cabelo. — E se pudéssemos fazer uma arma... não, não vamos chamar de arma, mas um campo. Algo que, quando disparado contra um ataque pudesse aniquilar o atacante. E se pudéssemos fazer isso?

Por toda a jornada de volta a Neskaya, ele ponderara a idéia. A única maneira de impedir Deslucido ou outros como ele de usar quaisquer armas horríveis que quisessem com impunidade era criar um contra-ataque imediato e opressor. Continuou pensando na idéia de Bernardo de modificar o *fogo aderente* para que exigisse detonação. E se este pudesse queimar apenas quando disparado contra um ataque, talvez incorporado em uma capa para um campo ou parede de castelo? Mas esse tipo de defesa reagiria apenas ao impacto físico. Armas de *laran* em várias formas, desde feitiços de compulsão até pó envenenado. Seu único elemento em comum era o uso de *laran*, na manufatura ou na distribuição. Mesmo se não houver mais qualquer *laran* envolvido diretamente, como no caso do homem comum atirando flechas mergulhadas em *fogo aderente*, sempre permanecerá um resíduo, uma assinatura vibrante.

Ele explicou suas idéias aos outros, completando:

— Aqueles traços de *laran* poderiam então tornar-se nosso detonador, tanto quanto o alvo em que nossa defesa focar.

Bernardo olhou para ele por um longo momento.

— Antes de você vir até nós, Kieran de Tramontana disse que não tinha medo de tentar algo novo, que visão e coragem eram suas forças principais. Pensei que estava lidando com um aprendiz, alguém com quem poderia compartilhar minhas inovações. Não tinha idéia do quão rapidamente você poderia tomar a liderança.

Coryn inclinou sua cabeça.

— Não sei se isso é mesmo possível. Apenas sei que devemos fazer algo, antes que todos nós sejamos atraídos para dentro do redemoinho.

Mac se remexeu, sobrancelhas franzidas.

— Eu me pergunto se os princípios atrás de uma matriz-armadilha poderiam ser usados para o gatilho.

— Não entendo — disse Demiana. — Uma matriz-armadilha é estimulada pela assinatura mental de um indivíduo específico, que é o motivo para que tenha tão poucos usos que não sejam ilegais.

— Mas é ativada pelo que quer que ela seja direcionada — Mac disse. — O Véu de Arilinn envolve uma matriz-armadilha ajustada à presença de *laran*, não a alguma pessoa em particular. Poderíamos designar uma tão ampla para responder a qualquer traço de *laran* ou tão estreita que apenas certa arma ou certa origem poderia desligá-la.

— Mesmo se pudéssemos fazer o detonador ou gatilho ou o que quer que seja — Demiana disse, o ardor crescendo em sua voz. — O que acontece depois? Como poderemos evitar que destruamos a nós mesmos tanto quanto nosso inimigo?

Coryn hesitou. Ele tentou várias abordagens enquanto cavalgava, todas com a idéia de pegar a energia do ataque iminente e refleti-la de volta ao atacante. Mas até agora, nenhum plano específico tinha se tornado claro.

— Estas são questões justas e exigem discussões por toda a Torre — Bernardo disse, levantando-se. — Vamos tirar um tempo para considerar, não apenas sobre como proceder, mas se devemos. Precisaremos da sabedoria e talentos de todos aqui se quisermos tomar decisões sábias quanto a estas questões.

Demiana balançou sua cabeça.

— Só espero que estejamos fazendo a coisa certa, se optarmos por fabricar uma coisa dessas. Temo estarmos criando o que mais desejamos evitar: uma arma ainda mais terrível.

— Aldones ilumine nosso caminho — murmurou Bernardo. — Podemos apenas fazer o nosso melhor. O resto está nas mãos dos deuses.

Localizada no centro do laboratório, a matriz brilhava nos tons de azul desde o da água mais pálida até o azul profundo que emanava uma vibração peculiar detrás dos olhos de Coryn. Ele trabalhara com matrizes artificiais antes, primeiro em Tramontana e agora aqui em Neskaya, mas nunca vira uma como esta. O matiz azul escuro, ele sabia, resultava de uma série de canais dentro das pedras ligadas, designados para redirecionar a energia recebida. Esta era a terceira das cinco camadas, Mac explicou. A primeira era o dispositivo de ativação, o “gatilho” sobre o qual haviam falado tantas semanas atrás. A segunda concentrava e harmonizava energia. A quarta e a quinta camadas conectavam o dispositivo a grupos de baterias de *laran* que amplificariam o contra-ataque e miraria em sua origem.

— É algo como uma matriz de nono nível na complexidade, embora não no uso — Mac disse, e continuou sua explicação técnica. — Normalmente, se requer um círculo completo para usar seguramente qualquer pedra acima de um quarto, ou quinto nível, mas esta foi designada para estar inerte até ser engatilhada.

— Quanto tempo até estar terminada? — Coryn perguntou.

Ele esteve trabalhando como Guardião em um grupo de cura pelos últimos dez dias. Várias famílias das terras de Hastur tinham sido expostas à contaminação do pó derrete-osso

soprado pelos ventos, e o Rei Rafael as tinha mandado a Neskaya para tratamento. Coryn não dormira por mais do que algumas horas todos os dias, esforçando-se para reparar os danos às células da medula óssea das crianças.

— Acabamos de terminar as ligações entre a primeira e a segunda camada — o técnico respondeu. — Precisaremos do círculo completo para o próximo passo. Bernardo quer que esperemos até as coisas se acalmarem.

Ele puxou as três camadas de seda isolante sobre a matriz. A luz no laboratório diminuiu, e a dor incômoda nas têmporas de Coryn se suavizou.

Mac encontrou o olhar de Coryn, como se percebesse o lampejo de preocupação pelo longo período de sigilo. Se alguma mensagem de seu campo alcançasse Deslucido ou qualquer outro inimigo de Hastur, isso provocaria um ataque antecipado. Deslucido poderia muito bem decidir que seria melhor destruir o material agora, antes de terminado. Coryn não pensara o quão vulnerável estariam, especialmente com o influxo de estranhos.

O estômago de Coryn roncou, lembrando-o que esteve trabalhando a noite inteira. Teria que repor a energia que usara, e logo. Ele desejou uma boa manhã a Mac e desceu as escadas, onde todos em programação normal estavam tomando o desjejum. As mesas estavam carregadas com o tipo de comida que os trabalhadores da Torre mais precisavam, frutas secas e mel para uma rápida melhora de humor, nozes e um mingau completo de aveia, ovos e queijos cremosos para suprir as proteínas. Não havia carne nesta refeição e ele se perguntou se era por que as cozinheiras estavam novamente experimentando ou se a desordem da região tinha afastado o gado. Ele despejou o grosso creme dentro de seu mingau e serviu-se de uma caneca de *jaco*. Do outro lado da mesa, Amalie estava passando queijo em sua terceira fatia de pão de nozes. Ela comia com o apetite de uma criança, embora fosse, na verdade, poucos anos mais velha do que ele.

— Estarei feliz quando esta guerra acabar — ela disse entre as pequenas mordidas. — Não consigo me lembrar quando estive tão cansada.

— Você nunca trabalhou nas linhas de incêndio — Coryn disse.

Ela balançou sua cabeça, esvoaçando seu abundante cabelo claro.

— Não. E você?

Ele sorriu.

— Eu cresci em Verdanta. É claro que sim. Aquilo sim é que é realmente ficar cansado.

— Bem... — Ela se espreguiçou, sua espinha estalando audivelmente. — Sempre parece que a crise do momento é a pior. Isto é, até que chegue a próxima.

Coryn estremeceu ao súbito pensamento de que o tempo de guerra nunca acabaria, que a Era do Caos retornaria sempre, não importasse o que qualquer homem fizesse. A única esperança era manter o pior afastado, do mesmo modo que os Hasturs tentavam fazer. Uma imagem invadiu sua mente, o lampejo da mente de Tani no jardim. O que quer que ela tivesse sido, a jovem impetuosa com toda a vida pela frente nunca tornaria a existir. Mesmo se a paz possa vencer, terá sido muito tarde para ela, para os dois.

Seus dedos fecharam-se em volta da presilha de cabelo de cobre que carregava no bolso interno de seu manto, no lugar do lenço de sua mãe.

Eu nunca esperei vê-la de novo, ele disse a si mesmo, ecoando suas palavras. *Aquele tempo foi um presente, algo para relembrar. Nada mais.*

Trinta e Quatro

Taniqueel inclinou-se sobre a escrivaninha, com o sol da manhã descendo através das janelas de sua sala de estar no Castelo Hastur, e correu frustrada uma mão pelo seu cabelo. Dois grampos caíram e um cacho ficou pendurado. Ela gastara quase uma hora tentando entender a cópia gasta das *Táticas Militares* de Roald McInery, e seus olhos ardiam pelo esforço. Ao contrário da maioria das moças bem criadas, ela fora ensinada a ler, embora com dificuldade. Quem quer que tivesse escrito esta cópia, ainda assim, devia ter tido os rabiscos de uma galinha como modelo. Em um momento de mau-humor, ela mandara todas as suas damas irem fazer suas tarefas, exceto uma, uma alma reservada que estava sentada costurando almofadas com o emblema da árvore prateada dos Hasturs.

Com algum alívio, Taniquel ergueu os olhos ao som de passos no aposento externo. Era Bruno Reyes, um dos *laranzu' in* da Torre de Hali, um homem mais velho de olhos gentis com um jeito reservado. Ela o conhecia brevemente das funções sociais e suspeitava que ele fosse o amigo especial de Caitlin.

Taniqueel levantou-se e saudou-o, lembrando-se rapidamente que o povo da Torre não gostava de ser tocado casualmente. Ela percebeu o lampejo de emoção atrás da serena superfície de Bruno, embora não pudesse nomeá-la.

— O que aconteceu?

— Notícias chegaram de Hali. Caitlin Elhalyn, que serve com o exército de Hastur, foi capaz de enviar uma mensagem a eles. O exército Ambervale foi derrotado...

Taniqueel sentiu uma onda de exaltação, rapidamente reprimida.

— ... mas a um grande custo.

Dessa vez ela ouviu o tremor em sua voz.

— Por favor — ela disse, gesticulando para as cadeiras diante da lareira apagada. — Sente-se e conte-me a história.

Ele contou, com uma calma imparcial que a espantou. *Pó derrete-osso! E Coryn*, seu coração tropeçava em si mesmo, *Coryn esteve lá, em perigo!* Ela forçou-se a ouvir. As baixas de Hastur foram relativamente poucas, apesar de muitos precisarem de cuidados pelos anos por vir. Dos trabalhadores de *laran*, nenhum se ferira. Agora que ela podia respirar mais facilmente, o resto da história se ajustou.

Claramente, a guerra continuava. Nem seu tio ou aquele demônio Deslucido se contentariam com aquele resultado, não importa o quão terrível fosse. Ela se entristeceu à possibilidade de mais meses sentada ali em Thendara, enquanto o destino de seu reino, a herança de seu filho, era decidido por outros.

— O Rei Rafael deseja que saiba que agora ele marcha para o quartel-general de Deslucido em Acosta. Não pode ir para lá diretamente, não através da área de Riacho-seco. Esta estará proibida por uma geração ou mais.

— Ele vai libertar Acosta? — *Sem mim?* Ela sentia-se como se subitamente tivesse mergulhado no fogo.

Um olhar para o rosto do *laranzu* lhe disse que ele tinha sentido sua emoção, mesmo se não pudesse ler seus pensamentos. Rapidamente ela se recuperou. Agradeceu-lhe com toda a graciosidade que pôde reunir e o dispensou.

Não havia nada para discutir com ninguém, apenas ordens a serem dadas. Ela era Rainha Regente de Acosta, tinha jurado restaurar seu filho e seu reino, e se seu tio estava indo marchar até Deslucido em seu nome, ela também iria para estar à frente daquele exército.

Roald McInery tinha descrito os usos dos gestos simbólicos para incitar ou desmoralizar um exército. Sua força não estava nos braços, mas no direito moral e talvez um toque de lenda. Ela lembrou-se da balada que recontava sua fuga das garras de Deslucido. Lá pelo último refrão, não demoraria muito para levar os cortesãos ouvintes para a batalha para a

sua proteção. Ela teria que falar com o *coridom*, o primo Hastur atuando no lugar de Rafael, e o capitão da guarda. Mas primeiro, ela teria uma conversa com os menestrelis...

— Majestade?

O novo general de Damian, Ranald Vyandal, parou logo na entrada da porta da câmara de recepção, agora salão de guerra, e fez uma reverência um pouco mais profunda do que o usual. Damian, que havia se retirado para seus aposentos particulares junto com Belisar depois do memorial ao Lobo Amarelo, mandou-o se aproximar.

— Majestade, trago notícias... Um cavaleiro de Verdanta. Verdanta caiu.

— Como assim, caiu? — Damian disse bruscamente. Sentiu a sua própria voz estridente.

Estou fora de mim. É esta abominável espera. Preciso sair daqui, ver e fazer pessoalmente.

— Exatamente isso, *vai dom*. — Vyandal inclinou-se novamente, ainda mantendo seus olhos em Damian. — O castelo foi capturado e nossos homens mortos ou tomados prisioneiros. Achamos que os Leyniers recuperaram o poder, mas não podemos ter certeza. O mensageiro não ficou para os detalhes. Ele quase não escapou. Meu homem ainda está questionando-o.

— Verdanta — Damian murmurou, seus olhos brincando sobre os mapas abertos na mesa e com quatro cabos de espadas pegos na batalha como pesos nas quatro pontas. — Por que Verdanta?

— Homens desesperados são imprevisíveis, senhor — replicou Ranald. — Ainda assim, não os vejo como nenhuma ameaça. Eles terão suas terras inteiras, restaurando suas próprias regras.

— Verdanta deve ser retomada — Belisar sugeriu. — Ela é tão vulnerável como antes em força armada, e o homem que agora a lidera, este Eddard, é um velho cego.

— Ainda permanece a questão das forças de fora, quantas e de que tipo — Ranald disse.

Belisar gritou com ele.

— O que quer dizer?

— Eles não se libertaram — Damian sugeriu pacientemente. — Se tivessem o poder para tanto, tinham feito há muito tempo atrás. E por favor, lembre-se, o objetivo é conquistar Hastur, não um bando de reinos das montanhas insignificantes. Eles são os meios, não o fim. Se alguém está instigando rebeliões em nossas províncias, precisamos saber quem... e por que.

— Pela nossa informação, Verdanta teve ajuda — disse o general. — Um grupo pequeno e altamente habilidoso pode ter feito aquilo. Talvez encontrassem meios de contratar mercenários, até mesmo matadores de Aldaran.

Deve ter sido um feito de Hastur. A mão direita de Damian fechou-se em punho e rapidamente se soltou. Agora não era hora para deixar emoções ditarem estratégia. Ele ainda tinha postos avançados distribuídos por toda Verdanta, tanto quanto forças em Alto Kinnally. Não achava que os Leyniers, não importa o quão tolos fossem, ousariam virar suas costas para seus velhos inimigos.

Deixe-os ir, então. Como tinha dito a Belisar, eram valiosos apenas como passagem para Acosta e Acosta eles já tinham.

Lá fora, trovões estouravam. A atmosfera mudara da leve preocupação das últimas semanas para um perigo em potencial. Clima tempestuoso este, clima de inundação, um tempo quando qualquer coisa poderia arrasar os planos dos homens.

Damian foi até as janelas e abriu-as. Uma brisa forte transmitia o aroma metálico do relâmpago. Ele conhecia a tempestade como se fosse uma criatura amiga, uma irmã gêmea.

Inalando grandes quantidades de ar, ele puxou a energia para si mesmo. Em sua visão, viu Verdanta e Kinnally, até mesmo Hastur, como pedaços de destroços da tempestade levados pelo temporal envolvente. Seu temporal, que ele poderia levar a uma vitória tão completa que iria, como seu homônimo mundano, transformar o mundo além do reconhecimento.

Era hora de levar a batalha para o próprio Hastur, fazê-lo pagar pelo que fizera.

Devia haver um caminho de arrancar a vitória da situação. O exército que Belisar tomara estava em farrapos, com mais homens doentes todos os dias, utilizando as reservas dos outros para cuidarem deles. Realmente havia esquadrões de homens fortes aqui em Acosta e mais poderiam ser convocados de Ambervale e Linn. Mas isso levaria tempo.

O instinto no interior de Damian lhe dizia que tempo era uma coisa que ele não tinha. Os eventos estavam acontecendo com vontade própria. Como o garanhão amarelo de seu pai há tantos anos atrás, ele devia cavalgar este caos ou ser derrubado por ele.

Onde transparência não pudesse prevalecer, visão e astúcia poderiam. O primeiro passo era conhecer o inimigo. Rafael mostrara sua verdadeira covardia no Conselho *Comyn*, com seu argumento final sobre não usar armas de *laran*. Era tão pomposo, dizendo a todos como viver, e a pequena imaginação de suas palavras voltariam para ele. Suas terras eram vastas e não tinha necessidade de um território maior; ele podia evitar tagarelar sobre equilíbrio e controle. Que chance qualquer um tinha, exceto de usar quaisquer armas que os deuses deixaram ao alcance?

Rumail... o Dom de Deslucido... Torre Tramontana... e seu próprio exército no lugar quando atacaram.

Damian começou a andar de um lado para o outro, pensando bastante. Não podia cruzar as terras disputadas tanto quanto Hastur, não até que a contaminação diminuísse. Mas havia mais do que uma rota para atacar o Rei Rafael. Desta vez, Belisar estaria certo sobre manter um olho nele. Não haveria surpresas. Um plano tomou forma na mente de Damian, um plano que ia além de qualquer coisa que já tenha tentado.

Ele dispensou os outros, dizendo:

— Podemos retomar Verdanta por prazer, mas antes devemos lidar com uma ameaça maior. Fortaleçam as patrulhas ao longo daquelas fronteiras. E se certifiquem de que deixamos um contingente suficiente aqui para que Acosta permaneça nossa... quando retornarmos.

Então ele chamou Rumail a seu aposento. Enquanto o *laranzu* escutava o seu plano, um olhar de extrema exultação surgiu em suas feições.

Damian cavalgava com a música das flâmulas voando na brisa e o tilintar dos arreios, fechaduras na poeira e pedra, os passos rítmicos dos homens em marcha. Seu cavalo, um desajeitado castrado marrom com uma boca como couro, mas com a força de dez montarias comuns, balançava sua cabeça ossuda e saltitava embaixo dele, ansioso para correr. O sol cintilava nas pontas das lanças, pois a manhã estava branda e agradável. Ele inalou o frescor do dia, seu entusiasmo aumentando.

Enquanto o dia corria, o exército continuou em ritmo de viagem. Em algum lugar atrás de Damian, um cântico começou. Àquela distância, não podia entender as palavras e isso não importava. Eles tinham a coragem para a batalha adiante. Nenhum rei podia pedir mais.

E ainda mais... ele saíra de Acosta com um exército menor do que esperava. Logo que formulara seu plano, ordens saíram para os Lordes menores para recrutamento de homens e cavalos. Bem menos do que ele esperava retornou, e daqueles, a maioria havia mandado uns poucos homens, não o número requerido. Ele lidaria com esses insolentes depois. Tinha o bastante por enquanto, ou teria em breve.

A rota de Damian o levava a passar por duas das maiores propriedades das quais não obteve resposta. Eles compensariam onde seus vizinhos falharam em suprir. Ele teria sua

força total quando chegasse às Colinas VENZA.

A fronteira de Riacho-seco estaria fechada por uma geração ou mais, devido aos resíduos do pó derrete-osso. Mesmo uma rápida passagem através de sua extensão envenenada podia significar a morte dos homens nos anos por vir. Damian a tinha escolhido como seu primeiro campo de batalha com Hastur por causa de sua história de disputas de posse. Agora ele não precisava mais de justificativa legal. Pretendia travar guerra nos próprios domínios de Hastur. Talvez, se a sorte e poder de Rumail o favorecessem bastante, ele poderia até mesmo avançar à própria Thendara.

Ah, a glória de conquistar a maior cidade de Darkover! Dali, poderia realmente trazer uma era dourada de paz. Mas para fazer isso ele precisava de uma avalanche de vitórias.

Enquanto seu exército se aproximava de Vairhaven, Damian enviou mensageiros na frente para que uma recepção adequada pudesse ser preparada. *Ficaria ali*, ele pensou com alguma satisfação, *enquanto os recrutamentos terminavam*. Suprir seus homens e animais com comida, bebida, e abrigo ensinaria ao Lorde, qualquer que fosse seu nome, o seu lugar.

Ele sinalizou para Belisar, que cavalgava a uma respeitável distância atrás dele, para se aproximar. Particularmente, o comportamento de seu filho desde a invasão abortada da fronteira tinha sido obediente, embora algumas vezes amuado. Não havia mesmo nem sinal daquele garoto impetuoso de sempre. Ele queria agarrar Belisar e sacudi-lo, embora sentisse que isso não lhe faria bem. Talvez a confiança do garoto tenha sido prejudicada pela derrota, talvez tivesse lhe dado uma missão muito grandiosa, superestimara suas habilidades. Bem, ele aprenderia, com menores responsabilidades e supervisionado mais de perto.

Eles não tinham avançado muito quando um dos mensageiros desceu a estrada esporando seu cavalo.

— Majestade! — Ele pulou da sela e ajoelhou-se na poeira.

— Oh, levante-se! — Damian disse bruscamente.

Não era uma coisa pequena parar um exército inteiro e certamente não valia a pena ficar tranquilizando um mensageiro covarde.

O homem subiu de volta para a sela.

— Majestade, eles não nos receberão! Quando chegamos, encontramos os portões fechados e quando dissemos quem éramos, eles dispararam flechas em nós! O cavalo de Teale levou uma no ombro.

Como ousam atirar contra meu mensageiro! Como ousam recusar!

— E... e mandaram uma mensagem.

Raiva, quente e prateada, pulsava através de Damian. Ele sentou-se bem reto na sela, seus dedos firmes nas rédeas.

— O que disseram?

— Disseram — o homem abaixou sua cabeça, gaguejando — eles disseram...

— Diga logo, homem! — Damian berrou.

Belisar recuou visivelmente. O castrado marrom empinou nas suas patas traseiras por um instante. As palavras do mensageiro vieram de sopetão.

— Eles disseram que não mais reverenciariam um usurpador fora-da-lei e que agora mesmo, seu verdadeiro rei, Julian Acosta, está a caminho de tomar o trono que é seu por direito.

— Julian Acosta? Quem é ele, em nome de Zandru?

O mensageiro corou profundamente e gaguejou alguma coisa incoerente. Belisar disse firmemente:

— O filho de Taniquel Hastur-Acosta, aquele que nasceu depois de sua fuga.

— O bebê bastardo?

— Ela afirma que se trata do filho legítimo do Rei Padrik Acosta — Belisar disse.

— Eu não dou uma larva de formiga-escorpião para o que ela afirma! — Damian berrou. — Onde está este garoto prodígio e seu poderoso exército agora? Será uma satisfação acabar com sua insignificante existência. Não se preocupe.

Damian virou-se para seu filho.

— Belisar, seja meu conselheiro nisto. Como me aconselharia a lidar com esta insolência?

Por um instante, alguma emoção indescritível surgiu através das feições de Belisar.

— Eu acho... eu acho que tal rebelião deve ser esmagada. Se permitirmos que esta pequena propriedade nos desafie, então mensagens se espalharão rapidamente de que nos tornamos mansos como negociantes das Cidades Secas, e teremos uma dúzia de Verdantas com as quais lidar.

O intendente chefe, que viera cavalgando um pouco afastado, pediu permissão para falar.

— Além disso, não podemos deixar passar uma reserva tão rica. Quanto mais entrarmos no território Hastur, problemas mais sérios de suprimentos surgirão. As terras são ricas...

Belisar ergueu o queixo.

— Os Hasturs não teriam escrúpulos quanto a tomar tudo o que quisessem. Olhe como nos cercaram na fronteira! Eles não têm honra no campo de batalha... ou em seus aposentos. Pai, devemos usar quaisquer armas para derrotá-los. Não podemos permitir que diminuam nossas forças, quando estaremos enfrentando tal inimigo.

Ele está certo quanto a isso. O sonho de unir Darkover nunca chegará para um homem que seja fraco ou indeciso. Aí Damian parou, pois nunca antes permitira que seus homens saqueassem alguma terra ou propriedade. *Talvez eu tenha sido muito manso, como Belisar disse.*

Concordando com satisfação, Damian fez sinal para que o trombeteiro acionasse uma parada.

— Acamparemos aqui esta noite. Diga aos capitães que procurem por campos ou vilarejos. Confisque tudo o que precisarem. A melhor maneira de conter o menor sinal de rebelião é tornar o preço muito alto. Amanhã subiremos ao castelo e deixaremos o rei bebê mostrar o seu pior!

Vairhaven, um pouco mais do que uma casa grande fortificada, caiu no mesmo dia, apesar da calorosa disputa na porta da frente. Localizava-se no topo de um montículo com vista para os campos de trigo e um brilhante rio abaixo. Heras em forma de coração cobriam seus muros e samambaias enchiam as margens do rio, dando ao lugar o ar de um jardim, verde, fresco e convidativo depois da estrada poeirenta. Minutos após sua chegada, os cavalos sedentos entraram na água, patinando na lama e pulando as delicadas flores-de-lótus rosadas.

Esta era, Damian pensou, uma localização perfeita, com forragem e água para os cavalos, espaço o bastante para estabelecer um acampamento adequado. Ele colocou Belisar no comando para preparar as latrinas e queimar os poucos mortos.

Confortavelmente encostado na única cadeira boa no saguão central, Damian estava diante do insignificante Lorde Vair. Vair era um homem de meia idade, vestido como se pretendesse juntar-se à batalha. Sua face agora estava escura, congestionada, os olhos sempre alertas. A pele frouxa ao longo de seu maxilar e pescoço tremia. Ele recusou-se a ajoelhar-se até que os guardas de Damian o forçaram a fazê-lo.

Deveria cortar-lhe os tendões para que nunca mais se levantasse diante de seus superiores novamente, Damian pensou, e depois deu ordens para enforcá-lo e a todos os seus filhos. *O alto preço da resistência deve ser visto por todos.*

Vair vociferou e fez ameaças enquanto era arrastado para fora. Damian, observando a

multidão que se reunira aos portões, esperou que as notícias corressem rapidamente. Aquilo tornaria seu trabalho muito mais fácil.

Enquanto as forças Ambervale marchavam para fora de Vairhaven, os *kyorebni* tinham deixado o cadáver do Lorde quase limpo. Assim também estavam os campos e a maioria dos pomares nos arredores. Quando um grupo de fazendeiros se aproximou para reclamar, dizendo que não haviam feito nada para merecerem tal tratamento, Damian bufou e ordenou que a mão direita de seu líder fosse decepada. Depois recrutou todos os homens entre quinze e cinquenta anos para as posições de seus soldados de infantaria.

— É assim que é a guerra — ele disse para Belisar, quando já estavam na trilha.

Nos próximos dez dias, ninguém pode duvidar da vitória de Damian, quando cada pequena propriedade após a outra se rendeu sem derramamento de sangue aos seus exércitos. E ainda, muito frequentemente, o respectivo Lorde aparecia como um avô idoso, quase cego e paralítico, ou em outra vez, uma mulher. De rosto purulento, sorriso afetado, e não muito limpa em seus hábitos pessoais, ela ofereceu-se para dividir a cama com Damian como conquista de guerra. Ele recusou. Foram poucos os recrutamentos e também havia muitos velhos ou aleijados para terem qualquer uso. Nenhum cavalo decente foi encontrado.

Batedores traziam notícias ao exército de Damian enquanto este se encaminhava em direção às Colinas Venza que crescia como a coluna vertebral de um antigo monstro ao longo do horizonte ao leste. Rumores da volta de Rainha Taniquel os alcançavam diariamente. Alguns diziam que ela tinha mil, dez mil homens; outros que os próprios animais do campo se inclinavam diante dela; outros ainda diziam que o próprio Aldones havia descido e abençoado sua causa.

*“E onde está o tirano
Que luta com traições e mentiras?
Escuridão cai, honra morre
À sua sórdida aproximação.
Mas surgindo das cinzas
Um pássaro de fogo insaciável,
Ela vem até nós, ela vem até nós,
Abençoada pela luz eterna de Aldones...
Erga sua cabeça, Ó Acosta,
Unida em tristezas e sangue...
O novo dia está chegando!
Erga sua voz, Ò Acosta,
Erga-a em toda a terra.
Hurrah! Hurrah!
Chore com o coração cheio de alegria!
Erga seus braços, Ó Acosta!
As mãos de todos os homens
Um vento pela liberdade!”*

Damian distribuía maldições sobre Taniquel Hastur-Acosta e também a si mesmo, por não tê-la perseguido ou achado algum modo de forçar o Conselho *Comyn* a entregá-la quando a tinha em vista. Mas refletindo, percebeu que o resultado teria sido o mesmo. Hastur acharia alguma outra desculpa para se envolver, uma vez que seus próprios interesses foram ameaçados. Mais cedo ou mais tarde, deveriam se encontrar no campo de batalha. Desta vez, seria nos seus próprios termos.

Também chegaram notícias de bandos armados seguindo seu caminho através das

encostas nas Hellers. Um dos homens que Damian deixara para trás em Vairhaven entrara no acampamento em um velho cavalo de fazenda, sua cabeça raspada e pintada de azul. Suas mãos tinham sido amarradas na sela e um recado fora espetado em sua túnica,

Assim tratamos todos os tiranos!

Estava assinado, “*Os Homens Livres de Acosta*”.

Quando o recado foi trazido à tenda de guerra, Belisar bramiu que tal rebelião devia ser impedida imediatamente, mas Damian tentou acalmá-lo.

— Eles não representam nenhuma ameaça real para nós. Fazem essas coisas apenas para atrasar nosso progresso. Se perdermos tempo lidando com eles, daremos a Hastur o mesmo tempo para avançar ainda mais, para nos encontrar mais perto de seu próprio território em vez do nosso. Nossa vantagem está em nossa rapidez, na habilidade de escolher nosso próprio campo de batalha. Enquanto isso mandarei o General Vyandal dobrar as patrulhas e vigias noturnos. Teremos umas poucas brigas aqui e ali, mas não seremos atrasados.

No dia seguinte, a vanguarda de seu exército se aproximou do Rio Greenstone, um afluente do Valeron. Árvores se apertavam ao longo das margens em ambos os lados, com estreitas faixas de verde. Para evitar um longo desvio nos perigosos córregos abaixo do rio, o General Vyandal tinha sugerido a rota mais fácil sobre a ponte de pedra, mesmo que, para cruzá-la, os homens pudessem marchar apenas de quatro em quatro ou dois a cavalo. Isso os deixaria divididos e vulneráveis. Além do mais, as espessas árvores davam excelente cobertura para uma emboscada.

Damian ordenou uma longa e cuidadosa inspeção. Mandou batedores montados subir e descer o rio, mas não viram nenhum sinal de grupo de rebeldes. Contudo, quando se aproximaram da ponte, deram um alarme.

Damian esporeou seu cavalo à frente de batalha, seguido de perto por Vyandal e sua guarda pessoal. Os soldados de Ambervale viram uma flecha surgindo além da ponte. No lado oposto, um grupo de homens ergueu seus arcos e gritaram para que parassem. Alguns deles estavam nas balaustradas de pedra. Usavam roupas de lenhadores em tons marrom e verde, difíceis de ver na sombra. Uma flecha estremeceu nos arbustos opacos em frente aos cascos do primeiro cavaleiro. Ele ainda se esforçava para controlar sua montaria arquejante e de olhos vidrados.

— Este é um aviso! — Um dos rebeldes, um homem com uma espessa barba negra, gritou. — Não se aproxime! Voltem ao lugar a que pertencem!

Um homem no topo da balaustrada à esquerda abaixou seu arco e olhou de longe a flecha. Era mais um garoto do que um homem com sua estrutura esguia e seu cabelo curto castanho-avermelhado, mas Damian não tinha dúvida de que a flecha era sua e que acertara exatamente onde mirara.

— O que eles pensam que estão fazendo? — ele perguntou em voz alta, pego entre a irritação e confusão. — Tentando se tornar lendas?

— Lendas mortas, senhor — disse Vyandal. — Mas não estúpidas. Podemos desafiá-los sobre a ponte, mas não rápido o bastante para prevenir que derrubem os primeiros cavalos e que criem uma bela barreira para o resto de nós.

Por um instante, Damian desejou não ter mandado Rumail em sua missão. Seria satisfatório, e muito mais simples, ferver os cérebros nos crânios daqueles infiéis ou transformar suas flechas em cobras venenosas.

— Teremos que fazer uma parede de escudos — Vyandal disse.

Damian acenou concordando. Seria mais demorado e sem dúvida haveria uma confusão de lutas mano-a-mano no final. Quando os primeiros soldados a pé entraram na ponte com seus escudos formando uma barreira, os arqueiros lançaram uma saraivada de flechas e recuaram entre as árvores, onde seus cavalos estavam amarrados.

Uma vez que uma barreira foi estabelecida na margem oposta para cobrir a vagarosa

passagem do exército, Vyandal chamou adiante uma unidade de seus próprios arqueiros. No campo além do rio, os bandidos circulavam, mirando quando podiam e ocasionalmente acertando um alvo. Um deles, o jovem de cabelo vermelho, foi ferido na coxa, mas não o bastante para tirá-lo da luta. Eles começaram a provocar os homens de Deslucido, vaiando e incitando-os a prosseguir. Um cavaleiro correu uns passos até eles antes que uma chuva de flechas fizesse sua montaria empinar em pânico. Sempre que os arqueiros de Ambervale moviam-se para uma posição, eles recuavam para uma distância segura e continuavam seus gritos provocativos.

— Eles estão nos fazendo de tolos! — Belisar berrou. — Livrem-se deles!

Damian, que estava observando a ação, balançou sua cabeça. Os arqueiros eram um problema, realmente. Sua força maior era ferir, não matar. Seria fácil mandar homens o bastante para afugentá-los ou derrubá-los. Mas isso levaria tempo e a vantagem deles era sua habilidade de atrasá-lo. Alguns desses rebeldes podiam até mesmo serem aqueles que retomaram Verdanta. Sim, isso fazia sentido: pequenos bandos de homens, preferivelmente do tipo veteranos de guerra, encaminhando-se através das colinas nas Hellers e entrando em Acosta.

Eles desejam me cercar antes que eu possa mobilizar outro ataque, mas eu impedi seu progresso, Damian pensou. *Como uma lança, como uma flecha, eu os destruirei.*

A travessia levou horas, pelo resto do dia. Os arqueiros se dissiparam com as sombras da noite.

Damian incitou seus exércitos para cruzar o restante da distância dos campos de Acosta e entrar nas Colinas Venza. Enquanto chegavam a um passo afunilado, os céus pareciam reuni-los para a batalha. Nuvens dançavam brancas e radiantes num céu como um lençol de prata polida. Um brilho saturava o ar. Nenhuma brisa se movia, mas o exército fazia sua própria tempestade. Damian posicionou-se na crista, regozijando-se da sensação de poder vasto e inabalável. Não possuía apenas homens e espadas, mas a claridade do dia, aquela visão que tornava a vitória inevitável. Darkover devia ser unida e essas pequenas disputas deviam chegar ao fim.

Uma partícula negra quebrou o radiante céu, não: duas. Focalizando, Damian percebeu que eram pássaros. *Grandes falcões*, ele pensou, *ou carneiros kyorebni, farejando a batalha por vir*. Eles desceram, pairaram, depois caíram ainda mais; então ele pôde perceber as pontas de suas asas se esticando para pegar as correntes de ar. Por um longo momento, pareceram quase não se mover. Ele segurou sua respiração, lembrando seus próprios sonhos de vôos na juventude. Então um deles mergulhou para projetar um amplo arco sobre o exército.

O vôo suave da ave parou, como se cambaleasse. As asas se dobraram e ele despencou para a terra. Damian puxou seu cavalo na direção de sua queda.

Ranald Vyandal estava segurando a ave, uma enorme coisa horrenda com pele nua sobre sua cabeça e pescoço. Uma flecha projetava-se de seu peito. Devia ter morrido instantaneamente.

— É uma ave-sentinela. — A voz de Vyandal vinha grossa e obscura. Ele olhou para cima, para o céu agora vazio. — Os Hasturs sabem onde estamos. Não devem estar mais do que um ou dois dias de distância.

O cavalo de Belisar, sentindo sua onda de excitação, dançava embaixo ele.

— Então os encontraremos o mais rápido possível!

— Não avançaremos mais por hoje. — Damian refreou sua montaria saltitante, puxando a cabeça do cavalo para trás. — Acamparemos aqui. Está na hora da segunda parte de nosso plano.

No crepúsculo, Damian sentou-se em conferência com Ranald Vyandal e seu principal

general. Cadeiras de campo foram colocadas em sua tenda e guardas ficaram a postos para impedir qualquer bisbilhoteiro. Belisar sentou-se a um canto, rosto escondido nas sombras.

— Esperávamos por um exército maior a esta altura — Ranald disse.

Damian apoiava seu cotovelo no braço de sua cadeira, envolvendo seu queixo com a mão curvada, os olhos ausentes seguindo o padrão do carpete de Ard carran, sujo da viagem.

— Nossos números serão o bastante. Atacaremos em uma região que Hastur não estará esperando.

Ele tinha ocultado seus verdadeiros planos secretos até agora, mesmo de seu general. Não podia arriscar que nenhuma palavra daquilo vazasse para os Hasturs ou mesmo para seus próprios homens. Chegara a hora de deixar seus oficiais saberem qual gloriosa vitória os esperava.

— Senhor? — Ranald Vyandal piscou.

— Aposto que tem algo a ver com Tio Rumail — disse Belisar.

— Ao contrário, antes de deixarmos Acosta, despachei *Dom* Rumail à Torre Tramontana com uma escolta selecionada, um tipo de grupo de reforço, se quer saber. Apenas para ter a certeza de que não haveria problema de obediência à nossa vontade. E nossa vontade é que ele seja posicionado como Guardião ali, com absoluta autoridade de emitir ordens em meu nome.

Vyandal, contudo, ficou pálido.

— Majestade, não está pretendendo trazer as Torres para esta guerra, está?

Em seus olhos, Damian leu as memórias mal curadas de sua última batalha com armas de *laran*.

— Não pretendo usar pó derrete-osso — Damian lhe garantiu. — Mas uma estratégia muito mais poderosa. Antes, podíamos apenas usar aqueles armamentos que as Torres podia fisicamente produzir. Sim, planejo trazer Tramontana para este conflito, mas em um modo muito diferente. Um modo que cegará a vantagem dos Hasturs e virará a batalha com muito menos baixas de nossos homens.

Ele observou a mudança de expressão em suas faces enquanto delineava o plano, espanto e consternação dando lugar à devoção. Aqueles homens o seguiriam a qualquer lugar, morreriam a uma simples palavra sua, pois ele tinha lhes oferecido uma vitória como o mundo nunca havia conhecido.

O que propôs já havia sido feito antes, mas em uma base muito limitada, apenas com pequenos círculos de *laran* que viajavam com seus exércitos. Seus poderes eram limitados pelos seus números e distância de seus alvos. A genialidade de Rumail mostrara como a força de um círculo completo e totalmente funcional de uma Torre podia ser trazida para a batalha, não importasse o quão longe estivesse. Pois no Mundo Superior, aquele vasto plano mental, o poder da mente reinava supremo. Seria daquele lugar bizarro e terrível que Deslucido lançaria seu verdadeiro ataque.

— Logo que estivermos em posição, não importará o que os Hasturs saibam ou quantos homens mais eles tenham. Eles cairão como trigo cortado sob nossa foice. Nada do que façam poderá nos impedir agora.

Trinta e Cinco

O exército de Rafael Hastur se encaminhava ao longo da rota circular desde a área de Riacho-seco até as Colinas Venza e a fronteira com Acosta. Movia-se devagar enquanto linhas de suprimentos eram restabelecidas e os homens doentes eram atendidos. À meio caminho dali, Taniquel juntou-se a ele com sua escolta fortemente armada. Aquela não era mais uma simples disputa de fronteiras, ela ressaltou em sua mensagem, informando-o que estava chegando. O objetivo agora era a liberação de Acosta e ela, como sua Rainha Regente, tinha todo o direito de estar na frente.

Quando foi cumprimentar seu tio na manhã depois de sua chegada ao campo, ela o encontrou zangado, sentado em sua cadeira de campo favorita. Na frente dele, dois homens se ajoelhavam enquanto uma porção de outros subordinados, com suas cabeças abaixadas e mãos desajeitadas, mantinham-se a uma distância respeitável. Suas bainhas pendiam vazias de seus cintos.

Enquanto Taniquel se aproximava, Rafael olhou para cima, sua expressão se suavizando. Os homens ajoelhados se viraram e ela reconheceu o mais velho deles. Esteban... Esteban de Colinas-verdes.

Um pequeno choque a percorreu. Tinha sido Esteban que liderara a expedição a Thendara para pedir por ajuda contra o comando de Damian. Ele e os outros Lordes de Acosta estavam tão desesperados, que preferiram se comprometer com um rei estrangeiro do que continuar a ver suas terras pilhadas pela tirania de Deslucido. Mas Rafael recusara-se a ouvi-los, e em seu lugar, eles a tinham encontrado.

Eu jurei a eles que retornaria e libertaria Acosta. Aquele foi o dia em que minha vida realmente pareceu ser minha.

A alegria surgiu na face do velho.

— Minha Rainha! Enfim a encontramos! Nós todos ouvimos os rumores, mas não ousamos ter esperança no começo. Então chegou a mensagem que você mesma havia chegado ao campo. — Ele inclinou sua cabeça, olhos radiantes, e alcançou a bainha de seu vestido. — Guie-nos! Somos todos seus!

Taniquel gentilmente puxou sua saia.

— Por favor, bom senhor. Levante-se. Esta bajulação não é adequada diante de Lorde Hastur. — Ela virou-se para seu tio, olhos em questionamento.

— Parece — Rafael disse em uma voz seca — que sua reputação a precedeu. Estes homens estiveram procurando você. Desejam ajudar em sua causa.

Taniquel não tinha seus próprios exércitos, nem a idéia de como comandar um efetivamente. Mas o que podia dizer àqueles homens que procuravam por ela com olhos transbordando de esperança?

Ela era Rainha Regente de Acosta, mãe de um verdadeiro herdeiro, e tinha sido Rainha por seu próprio direito antes disso, Taniquel lembrou a si mesma. Era parente de Reis e deuses. O sangue de Hastur, Filho de Aldones, corria em suas veias.

Ela se endireitou, cabeça erguida, ombros retos.

— Quantos homens você me traz?

Esteban disse um número, homens de sua própria província e mais de suas vizinhanças. Alguns, ela supôs, tinham sido fugitivos de Deslucido. Todos certamente fariam falta na época da colheita. Ela pensou em mandá-los de volta para onde pudessem fazer algo melhor. Mas não podia jogar fora o presente de tal lealdade ou expô-los à retaliação de Deslucido.

Taniquel inclinou sua cabeça para onde Rafael descansava em sua cadeira como em

um trono, seus olhos distraídos.

— Ali está meu tio, que é meu campeão nesta guerra. Nesta campanha, sou guiada por ele. Estão dispostos a se colocarem sob suas ordens, a marchar com seus próprios soldados contra o tirano de Ambervale?

Esteban olhava para ela e para Rafael. A emoção distorcia suas feições, embora se controlasse orgulhosamente.

— Sua Majestade, *vai domna*, nós somos seus para comandar.

— E você, Tio — disse Taniquel, erguendo a voz. — Aceitará o empréstimo destes soldados, para liderar e cuidar como se fossem os seus, pela duração desta campanha e sem qualquer comprometimento de lealdade futura?

Ele concordou quase invisivelmente e ela sentiu uma onda de sua aprovação.

— Sim, minha sobrinha.

— Então — ela virou-se para Esteban e os outros — eu comando que vão com os oficiais do Rei Rafael e façam o que lhes ordenarem. Eu recomendo-os para seu serviço. — Com os olhos, ela os dispensou.

Em poucos minutos a tenda estava vazia, os homens de Acosta direcionados à suas novas unidades. Depois disso, não houve discussão sobre sua volta.

Enquanto o exército descia o caminho novamente, Taniquel achou-se sujeita às restrições. Uma coisa era viajar sozinha ou no comando de um pequeno grupo armado e outra bem diferente era estar no meio de um grande corpo de soldados. Ela não sabia nada sobre rotinas e disciplina de um exército viajante e não queria tirar homens de seus deveres necessários para que dessem atenção a ela. Como havia pouco para se fazer exceto sentar-se quieta enquanto generais discutiam sobre vários assuntos, ela gastava a maior parte de seus dias com os trabalhadores de *laran*.

Acompanhadas por dois guarda-costas, Taniquel e Graciela seguiram Edric, que estava montado, a uma curta distância do acampamento principal do exército, e ficaram observando-o voar as aves-sentinela de um pequeno monte gramado. As duas mulheres conversavam confortavelmente enquanto esticavam suas pernas na luz do sol da manhã, cada uma feliz por ter encontrado uma amiga. Caitlin havia retornado a Thendara para supervisionar o cuidado daqueles adoecidos pelo pó derrete-osso. Seu lugar tinha sido ocupado por dois homens de Hali que Taniquel não conhecia.

A timidez inicial de Graciela se dissipara, revelando uma jovem surpreendentemente autoconfiante. Ela era a quarta de sete filhas de uma família empobrecida, mas nobre, e sua família ficara muito feliz ao mandá-la para uma Torre para treinamento, ao menor sinal de talento.

— Pensei em me tornar uma Sacerdotisa de Avarra — ela confidenciou para Taniquel — mas perderia a amizade dos homens. Isto é muito melhor.

Durante a última hora, Edric descrevera a locação e preparativos das forças de Deslucido com detalhes que ela nunca poderia imaginar. Se alguém se importasse em perguntar, até mesmo o número de fossas de latrinas e panelas da cozinha poderia ser conhecido. O ajudante de campo de Rafael, um enorme louro cuja pele estava muito queimada de sol e agora descascava sobre uma nova pele rosa, tinha tomado notas e consultado seus mapas, depois voltara para divulgar as notícias.

— Aaieeh! — Com um berro, Edric recuou como se tivesse sido golpeado. Seus membros ficaram duros. O cavalo embaixo dele recuava e dançava para os lados.

— Pegue-o! — Graciela gritou, enquanto Edric balançava na sela.

Taniquel, que estava de pé, correu para o cavalo do *laranzu*, estendendo os braços. Ele caiu devagar, como se através de mel. Seu peso caiu sobre ela. Por um instante ela cambaleou, depois se equilibrou e apoiou-se para deitá-lo do chão.

Graciela ajoelhou-se ao lado de Edric. Sua face estava pálida, seu corpo inerte.

Taniqueel não podia ver nenhum movimento em seu peito.

— Está respirando? — ela perguntou ansiosamente. *E o que aconteceu?*

O rosto da jovem estava relaxado, seus olhos perdendo o foco. Suas mãos deslizavam no ar bem acima do corpo dele. Com aquele seu estranho sentido de *laran*, Taniqueel sentiu Graciela mergulhar em contato.

Graciela manteve uma mão, dedos abertos, a poucos centímetros acima do peito de Edric. A outra retorcia o decote de seu vestido onde se escondia um colar de uma pesada corrente prateada. O poder quebrava o ar entre a mão da garota e o corpo do homem. Taniqueel imaginou pequenos relâmpagos azuis cruzando o estreito espaço.

Edric deu um calafrio convulsivo. Procurou por ar. Os longos músculos de seu pescoço se esticavam como cordas.

Suspirando audivelmente, Graciela se sentou.

— O rompimento... — ela disse, sua voz tensa — ... foi muito súbito.

Depois, vendo o olhar confuso na face de Taniqueel, Graciela completou:

— Ele estava ligado à ave-sentinela quando esta foi morta. Um arqueiro do exército do Rei Damian deve tê-la acertado. É difícil o bastante para um treinador perder uma ave com a qual esteja trabalhando. Mas quando sua mente está ligada a ela, ele torna-se o pássaro... entende? ... e se o laço é rompido, é como se o arrancasse de sua própria vida. Ouvi falar de *leronis* que sofreram um choque tão grande e ficaram perdidas no Mundo Superior, tão desorientadas que não puderam encontrar o caminho de volta para seus próprios corpos. — Ela alisou o cabelo desgrenhado na testa de Edric.

— Edric...

Ao seu toque e ao som da sua voz, os olhos dele se abriram. Piscando, sua boca formou um O de surpresa. Parecia não reconhecer nenhuma delas, olhando de uma para a outra. Então voltou a si, olhos acalmados. Alcançou a mão de Graciela.

— Foi sorte eu estar por perto — ela disse rapidamente.

— Ele ficará bem? — Taniqueel perguntou.

— Deve descansar — a voz da garota tornou-se clínica. — E não deve voar outra ave por vários dias, talvez uns dez. Ele ter recobrado a consciência tão rápido é um bom sinal.

E eu a imaginava como uma simples garota do campo por causa de sua idade e linhagem! Taniqueel ralhara com si mesma. *No seu próprio tempo*, ela suspeitou, *Graciela seria tão intimidante como Dama Caitlin.*

— Se a ave foi reconhecida por um dos homens de Damian e morta por isso... — Taniqueel murmurou para si mesma. Ela se levantou, não se importando de limpar a grama e pequenas raízes de suas saias. — Meu tio deve saber disso.

Ela correu de volta à tenda de seu tio.

Um grupo de homens, incluindo o guarda-costas pessoal de Rafael, esperava do lado de fora da tenda real. Rafael, como sempre, tinha puxado a cortina da porta, deixando pouco mais do que uma barraca aberta.

Pelas suas expressões, os guarda-costas reconheceram Taniqueel enquanto ela se aproximava. A postura deles permaneceu reservada, mãos descansando nos cabos de suas espadas, olhos inquietos. Desde que Rafael a declarara Rainha Regente de Acosta, eles a tratavam com deferência adicional, por isso não a desafiaram agora.

— Por favor, conduzam-me até o Rei — ela disse educadamente.

O guarda-costas fez uma meia mesura e afastou-se para ela se aproximar. Ela largou todo o decoro e disparou para o lado de seu tio.

— Estou vindo de junto de Edric, de onde ele esteve voando as aves-sentinela.

— Sim — ele concordou, calmo e de algum modo distraído. — Meu ajudante de campo tem me trazido notícias por toda a manhã.

— Nem dez minutos atrás, a ave de Edric foi atingida e morta por arqueiros de Deslucido. Sem o socorro imediato de Graciela, ele teria morrido por causa disso.

— Sinto muito. A ave é uma grande perda.

— A ave não é nada! Ele sabe! Deslucido sabe que o estamos espionando!

Rafael levantou-se em uma manifestação de energia.

— Devemos agir logo, antes que ele possa se reagrupar, ou tudo que aprendemos será inútil. — Seus olhos brilharam como os de um leopardo que farejara sua presa. — Atacaremos e continuaremos a atacar até que ele não tenha nenhum lugar para correr. E então colocaremos um fim a essa ameaça.

Taniqueel não imaginara que um exército podia se mover tão rapidamente como Rafael fazia agora. Tudo parecia estar acontecendo de uma vez só. Oficiais berravam ordens enquanto mensageiros corriam pelo campo, cavalos eram selados, tendas desmontadas, equipamento carregado, e arcos e lanças preparados. As primeiras unidades de cavaleiros, a vanguarda de Rafael, se formaram antes de as últimas carroças serem carregadas.

Depois da propagação do pó derrete-osso, Rafael tinha uma boa razão para temer outra armadilha. Edric, como *laranzu* principal, devia, portanto, viajar na frente do exército para detectar sinais de armas de *laran*. Ele parecia pálido, mas capaz de viajar. Músculos formavam ondas de ferro em seu maxilar.

Edric deixou a última ave-sentinela para trás com Graciela. Taniqueel pensou que qualquer razão que Edric pudesse ter para odiar Deslucido, agora tinha uma ainda maior. Ela acenou para ele enquanto cavalgavam juntos à vanguarda.

Rafael não havia argumentado sobre o pedido de Taniqueel sobre cavalgar com o exército, e ela se sentia grata por isso. Sob o comando dele, suas cores esvoaçavam à frente de batalha, uma lembrança de que sua missão era restaurar seu filho como rei legítimo de Acosta.

Agora, enquanto incitava sua égua branca de trote suave passando pelos homens reunidos, Taniqueel percebeu suas expressões e fragmentos de palavras. Desde que deixou Thendara, sussurros surgiam pelo campo e cruzavam a zona rural. *Rainha Taniqueel, veio para honrar sua promessa, veio libertar a todos nós!* Ela já havia se tornado uma lenda, maior do que a vida. *Deixe-os pensar o que quisessem, contanto que lutem bravamente.*

Rafael deu sinal para avançar. Trombetas soaram e as primeiras posições seguiram adiante. O cavalo de Taniqueel saltava embaixo dela. Quilômetros se passaram, trote e corrida, mantendo os cavalos refrescados.

O exército de Deslucido tinha recuado para o passo afunilado onde a ave-sentinela havia relatado da última vez, mas as forças de Hastur subiram a colina, bem além do passo, para unirem-se a eles. Quando o exército Ambervale foi avistado, Rafael ordenou que Taniqueel tomasse uma posição mais segura, para o lado e um pouco mais para cima. Edric foi com ela, junto com um grupo de guarda-costas selecionados. Ela não pôde ver muito depois dos primeiros minutos por causa de toda a poeira e confusão. De uma hora para outra, pôde distinguir os gritos de guerra individuais dos homens, alguns deles gritando *Acosta! Acosta!* cavalos relinchando, cascos batendo, espadas se chocando.

— Pode ver alguma coisa? — ela gritou para Edric, embora mal pudesse ouvir sua própria voz.

Ele balançou a cabeça. Enquanto observava, um padrão de movimento emergiu gradualmente. As bandeiras em preto-e-branco se afastavam enquanto as cores de seu tio se adiantavam. Gritos aumentaram um pouco mais. Deviam estar abrindo caminho, na correria. E se fosse uma armadilha?

Ela encarou Edric, que havia fechado os olhos em concentração. Algo formigou em sua nuca como um pensamento ainda oculto. Sentiu sua mente se projetando, investigando.

Nada encontrando.

Enquanto um minuto se dissolvia no outro, ela percebeu que vira corretamente. As forças de Ambervale não mais lutavam para manter terreno, mas apenas para acobertar sua retirada. Se moviam de um modo ordenado, sem nenhum traço de pânico. Era um movimento calculado, não uma debandada. Taniquel não sabia como sabia aquilo, a menos que tivesse captado da mente de Edric. Tinha esperado mais medo, menos organização dos homens de Deslucido, mas o que sabia sobre guerras? Talvez todas as retiradas fossem assim deliberadas.

E contudo... ela havia estudado os relatos da batalha da fronteira, como as unidades de Hastur haviam feito exatamente a mesma coisa, retirando-se em ordem para atrair seus inimigos ao longo de um vale aonde pudessem ser cercados.

Trompetes de Hastur soaram o avanço. Apesar de seus receios, a alegria surgiu em Taniquel. Ela queria berrar, sacar a espada e brandi-la. Era difícil manter-se em seu lugar em vez de arremeter junto com os homens de seu tio. Pouco depois, uma mensagem chegou a ela para seguir junto com o exército. Parecia maravilhoso poder se mover novamente, fazer algo.

As forças de Deslucido pareciam se derreter em frente às forças adiantadas de Hastur. Os generais de Rafael mantiveram seus homens atentos para prevenir uma perseguição direta. Uma armadilha ainda era possível, mesmo com Edric checando cada passo do caminho. Teria sido muito arriscado, um dos tenentes explicou a Taniquel, espalhar suas forças pelo território, incapaz de juntarem-se a uma formação decente. Suas forças da retaguarda, carroças e homens em marcha, seguiam atrás. Enquanto montavam o acampamento, seus inimigos os ultrapassaram.

O passo se abriu para um vale plano e ruidoso cercado pelos restos das paredes de uma garganta meio erodida. Um lago passava ao longo de um fluxo que devia virar enchente nos tempos ruins. Havia um pouco de forragem para os cavalos. O ar frio trazia o aroma pungente de grama amassada. Pássaros-da-chuva cantavam na vegetação molhada e lamacenta.

O acampamento caiu na rotina familiar da noite. Cavalos pisoteavam e relinchavam ao longo das linhas de guarda. Taniquel entregou sua montaria para os cavaleiros e encaminhou-se para a tenda que dividia com Graciela. A tenda tinha, como a do próprio Rafael, chegado na frente do resto, junto com sua própria carroça de bagagem. Seus servos já haviam desembrulhado os pequenos cobertores reservados para os de sua posição, uma cama de campanha, dois travesseiros, uma tira de carpete e um estreito baú de couro contendo uma muda de roupa de baixo, cosméticos, escovas de cabelo, bacia, e sabões aromáticos para o banho. A água ainda não havia sido trazida.

Taniquel andou de um lado para o outro pela tenda, impaciente, com uma insistente pressão em sua cabeça. Massageou suas têmporas e nuca, mas não encontrou alívio. Apesar do excitamento do dia, ela se coçava pela inatividade. Não havia nada para fazer. Os cavaleiros cuidariam de seu cavalo. Rafael planejaria a próxima estratégia com seus oficiais. Graciela estava lá fora com Edric e a ave-sentinela.

Era impróprio para ela passear pelo campo, conversar com seus próprios homens, do modo como Rafael fazia. Em Acosta, mal notariam a falta de boas-maneiras, mas seu tio falara severamente com ela sobre a necessidade de dignidade real.

— Seu nome e a lenda que está crescendo sobre você são essenciais para sua causa, — ele disse.

Ressentida, ela admitira que não podia jogar fora tal vantagem pela diversão de uma noite e até agora não voltara atrás com sua promessa.

Duas luas brilharam no céu onde mais estrelas apareciam a cada minuto. Taniquel seguiu sua escolta até a tenda de seu tio. Ele a convidara para jantar com ele, como era seu costume. Agora, Rafael parecia cansado enquanto lhe dava sua cortês saudação usual. A luz

do lampião aprofundava as linhas ao redor de sua boca e olhos.

Ele não é mais um jovem. Quanto ele havia mudado desde que ela era uma garota brincando de moleque em seu castelo. A campanha tinha sido mais difícil para ele do que ela imaginara. Os anos, ou talvez as preocupações recentes, o haviam emagrecido. Seu cabelo e barba bem cuidada eram mais prateados do que vermelhos.

Com uma pontada de culpa, ela pensou, *Ele podia ter ficado em segurança em Thendara e deixar-me com meu destino.* Mas ele não tinha ido para a guerra ou mesmo mandado um de seus filhos apenas para salvar Acosta. Fora, porque Damian Deslucido era uma ameaça a toda Darkover.

— Tio — ela disse impulsivamente, — seremos realmente capazes de dar um fim nele? E se ele continuar correndo? E se ele se trancar em Acosta?

Rafael não respondeu imediatamente. Dispensou seus servos e pegou um pedaço de ensopado, uma mistura de grãos para soldados, tostada e depois cozida com carne seca e quaisquer vegetais que pudessem ser obtidos na região. Neste caso, nacos de algo amarelo como cenouras complementavam a mistura. O cheiro era azedo, mas quando ela deu uma mordida, a mistura era doce e levemente picante. O calor se espalhou pelo seu corpo e preencheu sua cabeça, suavizando a dor.

Depois de terem comido, Rafael disse:

— Agora, vamos lá. A primeira regra de campanha é que as coisas mudam, frequentemente muito mais rápido do que qualquer um de nós gostaria. Nunca se sabe o que acontecerá até chegarmos lá. A segunda regra é que nenhum plano, não importa o quão cuidadoso seja, sobrevive à primeira batalha.

Ao tom de sua voz, Taniquel relaxou; ele estava de bom humor.

— Jurei seguir Deslucido para onde quer que fosse, para, como dizia sua frase, dar um fim nele. Não especifiquei como ou quando. Tais coisas não têm como sabermos. Aqui, tome um pouco mais de vinho.

Ele reencheu seu copo. Ela não se lembrava de ter bebido o primeiro, mas a jóia vermelha era de boa safra e descia suavemente. Seu estômago estava cheio e aquecido. Com cada gole, a dor de cabeça ficava mais fácil de ignorar.

Os lampiões queimavam brandamente. Lá fora, vozes de homens tornaram-se zumbidos. De vez em quando, eles cantavam uma canção e ela se achou cantarolando junto com o tom cujas palavras ela não devia conhecer, como uma educada dama. Esparramado em sua cadeira, Rafael começou uma longa história confusa sobre três habitantes das Cidades Secas, e uma *leronis*. Taniquel a ouvira, ao menos furtivamente, na armaria em Acosta quando os homens não sabiam que estava lá. Era obscena, é claro, mas havia algo errado sobre seu tio, o irmão de sua mãe, contá-la para ela. A proibição contra relações sexuais, até mesmo brincadeiras, entre gerações, ainda era forte, uma lembrança do tempo de casamentos grupais, quando qualquer homem da idade de seu pai podia na verdade ser seu pai.

Ela colocou sua taça na pequena mesa dobrável com tal força que o vinho derramou. A taça balançou e então, antes que pudesse pegá-la, ela caiu. Vinho se espalhou no colo de Rafael. Ele se endireitou como se tivesse sido picado.

Taniquel colocou as duas mãos sobre a boca. O que havia de errado com eles? Por que estavam agindo assim? O que os possuía para ficarem bêbados?

Humilhada, ela correu para a porta de cortina, que tinha sido amarrada para conter as brisas da noite. Correu alguns passos para dentro do acampamento antes de parar.

O ar da noite estava pesado e frio sobre o campo. Em todas as direções, tendas e fogueiras se estendiam no padrão familiar. O pacífico zumbido de conversa havia cessado, bem como os fragmentos de canção. Uma voz de homem resmungou uma maldição e a uma curta distância, outro soltou um uivo inarticulado.

Como ousam? Como ousam? A fúria apossou-se de seu cérebro.

Uma dor branca e quente surgiu em suas têmporas. Ela cambaleou sob seu impacto. Sua respiração tornou-se quente e irregular entre os dentes cerrados. Um peso invisível, esmagador e implacável, a pressionava, fazendo-a se ajoelhar. Com dedos cavando seu couro cabeludo, ela balançava para frente e para trás.

— Avarra... Dama Negra... me ajude!

Como em resposta, a memória a alcançou. Ela havia sentido esta dor lancinante em seu crânio uma outra vez, quando o feiticeiro de Deslucido liderou o ataque no Castelo Acosta. Toda aquela manhã, a sensação de urgência havia crescido e crescido. Aquilo resultou enfim no feitiço de compulsão para manter os portões fechados. Até que percebesse o que estava acontecendo, ela tinha estado enfeitiçada como cada um deles.

Ataque de laran!

Enquanto se levantava, ela se lembrou das horas de inquietação durante a tarde, a dor vaga que resultara nesta dor de cabeça. O vinho a havia mascarado, mas apenas por um tempo. Ou talvez aquele sentido de bem-estar fosse parte do ataque, designado a acalmá-los todos para a complacência.

Contar... Tio Rafael... Ele deve... agir... estar pronto... para o que quer que aconteça...

Outra onda de dor a fez tropeçar, pisando na bainha de seu vestido, e segurou na estaca da tenda para se equilibrar. Ela agarrou sua saia e a ergueu, para correr melhor. Raiva apoderou-se dela... para Rafael, para Edric, para qualquer um neste acampamento repugnante. Seus dedos retorciam o tecido formando nós. Adrenalina corria pelas suas veias.

Não! Combata o feitiço, não seu próprio povo! Isso é o que eles querem... que nós peguemos as gargantas uns dos outros!

Taniel mordeu forte seu lábio inferior, usando a dor para manter seus pensamentos claros. De dentro da tenda veio um grito de raiva incontida. Ali, à luz do lampião, Rafael e seu *paxman*, Gerolamo, lutavam. Eles empurravam um ao outro, agarrando, punhos golpeando. Um deles berrava maldições; ela não podia ter certeza qual, a voz estava muito distorcida.

Ela correu na direção deles, resistindo à vontade de pegar uma faca de cozinha da mesa e enfiá-la nas costas do homem mais próximo.

— Parem! — ela gritou, mas o barulho abafou suas palavras.

Eles estavam além do som, além de toda a razão.

Os homens descontrolados giravam, se engalfinhavam e arranhavam um ao outro. Quando a luz os iluminou, ela viu Gerolamo envolver uma enorme mão ao redor do pescoço de Rafael. Os tendões de seus dedos sobressaíam com o esforço. A face de Rafael se contorcia. Nenhum som saía de sua boca aberta. Ele cambaleou, braços pendentes, olhos arregalados.

Taniel ainda segurava suas saias acima do chão. Com toda a força que pôde reunir, ela mirou um chute nas costas de Gerolamo na altura do fígado.

— Aaaah! — Gerolamo gemeu.

Suas costas arquearam-se em espasmos. Enquanto seu corpo se inclinava para trás, seus joelhos se dobraram levemente.

Em um lampejo, Taniel viu sua mão largar o pescoço de Rafael. Ela virou-se e agarrou as costas do joelho inclinado do jeito que Padrik a ensinara, usando seu peso para derrubá-lo. O joelho cedeu. O corpo de Gerolamo desabou sobre ela e ela perdeu o equilíbrio, caindo em uma confusão de saias.

Algo acertou o lado de sua cabeça. *O punho de Gerolamo*, ela pensou. Sua visão se turvou nauseantemente. Tentou se sentar. O pesado corpo pressionava suas pernas. Por um momento, ela pensou que agora ele havia direcionado seu ataque nela. Então ele rolou e investiu mais uma vez contra Rafael.

Taniel se levantou, num emaranhado de seda, mas tentando se manter de pé. Uma

bainha se rasgou.

Rafael se abaixou em posição de luta, espada erguida. A luz do lampião tingia o aço de ouro fundido.

— Agora chega, traidor! — ele rosnou.

— Não! — Taniquel gritou. — Tio, não! Não é Gero! É obra de Deslucido, esta raiva!

Ele virou a face para ela, suas feições sombrias e selvagens.

— E quanto a você, sua atrevidazinha...

Gerolamo correu até ele, ignorando a lâmina mirada em seu coração. Taniquel jogou-se sobre Gerolamo. Empurrou-o para o lado. Os dois caíram novamente. Gerolamo rolou no carpete, apertando um ombro, berrando.

Taniquel se soltou. Ela devia tê-lo empurrado para fora do caminho. Nenhum homem mortalmente ferido faria tanto barulho.

Gerolamo ergueu-se, ainda segurando seu braço. Sangue escuro fluía de seus dedos e descia da lâmina brilhante de Rafael. Seu cheiro acre preencheu a tenda.

— Por todos os deuses, o que eu fiz? — A voz de Rafael tremia. Seus olhos piscaram, como um homem acordando de um pesadelo. A espada caiu.

Gerolamo caiu de joelhos diante de Rafael.

— *Vai dom*, mate-me agora, eu imploro. Não mereço viver... por ter colocado as mãos em você... eu tentei...

— Oh, parem, os dois! — Taniquel interrompeu. — Não temos tempo para isso! Temos que nos recuperar. Foi algum tipo de ataque de *laran*, não estão vendo, que fez virar-nos uns contra os outros. Quem sabe o que Deslucido tentará em seguida?

Como em resposta, outra onda invisível de energia mental surgiu na tenda. Desta vez, Taniquel sentiu-a como um golpe físico. Ela oscilou. As faces dos homens endureceram, olhos frios. Antes que pudesse pronunciar as palavras para lembrá-los que o que quer que estivessem sentindo não era real, mas apenas um golpe dos feiticeiros de Deslucido, Rafael balançou sua cabeça e ergueu uma mão. A pedra-da-estrela escondida nas dobras de sua camisa brilhou. Ele pareceu ficar mais alto, mais ereto. Ela se lembrou que, como todos os Hasturs, ele teve seu *laran* testado quando jovem e fora treinado, ao menos um pouco, em uma Torre.

Gerolamo fixou os olhos em seu Lorde como um homem afogado em uma praia. Sua face ficou pálida e depois corada, mas manteve-se firme.

— Gero, enfaixe este braço. Depois me encontre. Precisarei de você em breve — Rafael disse.

O brilho de pânico nos olhos de Gerolamo se desvaneceu. Ele não hesitou quando Rafael se virou e saiu para a noite.

Gerolamo olhou para o sangue derramado de seu ferimento.

— Logo que eu amarre um lenço sobre isto, ele já terá organizado metade do acampamento.

— Sente-se. Isto levará apenas um instante.

Taniquel pegou a faca de cozinha e rasgou uma longa faixa de sua bainha rasgada. Uns poucos golpes tiraram o pior da camisa ensangüentada. Por sorte, o corte não era fundo e sangrara livremente no começo. O sangue já começara a coagular. Ela derramou o resto do vinho sobre ele.

— Ai! Mulher, isso arde!

— Se você fosse um *crisoforo*, seria apenas penitência por seus pecados. — Taniquel enrolou a tira da bainha duas vezes ao redor de seu braço e amarrou a extremidade, deixando-a firme o suficiente para pressionar os lados do ferimento juntos e solto o bastante para não impedir a circulação. — Pronto, pode ir! — Quando ele virou-se para dizer algo, um obrigado ou ainda outra desculpa, ela empurrou-o para fora da tenda.

Trinta e Seis

Taniqueel ficou sozinha na tenda. Enquanto tinha algo para fazer, algum foco para seus pensamentos, ela foi capaz de resistir à pressão implacável. Agora pensamentos aglomeravam-se nela, esmurando sua mente.

Ele roubaria seu trono, ele a traiu... Não se pode confiar em nenhum deles... Eles merecem morrer... Mate todos... Mate...

— NÃO! — Uma voz gritou, distorcida, mas ainda reconhecível como de uma mulher. Ela tirou as mãos de seus ouvidos, sem se lembrar de tê-los coberto. Era sua própria voz.

Pegue uma faca... Mate... Mate...

— Misericordiosa Evanda, mãe da vida, proteja-me!

O grito, vindo de sua alma, trouxe um pouco de alívio. Mas no final, ela sabia, quando não tivesse mais nenhuma defesa melhor do que suas simples orações, as vozes venceriam. Deveria enfrentar o feitiço com ação, do mesmo modo que fizera aos portões de Acosta. Mas desta vez não devia se atrasar.

Ela correu até a abertura da tenda e abriu a cortina da porta. Lá fora, ouviu os sons de homens lutando, aço se chocando, berros e gritos de guerra. A escuridão fervilhava com desejo de sangue.

Seus dedos se cravaram na lona e por um instante ela não pôde se mover. Cada instinto lhe avisava para ficar escondida, um coelho-de-chifres em uma matilha de lobos enlouquecidos. O que ela esperava conseguir lá fora? Não tinha arma e pouca habilidade para usar qualquer uma que encontrasse. Algum atacante a reconheceria e seguraria sua mão? Havia homens lá fora que não deviam lealdade a ela, apenas a Rafael. Podiam muito bem vê-la como o inimigo, do modo que este feitiço deturpava a mente dos homens.

Estou com medo, o pensamento veio até ela, para ser respondido, Quando é que isso fez alguma diferença? Você teve medo quando Deslucido matou Padrik. Você teve medo na trilha, no rio congelante. Você teve medo de encarar Deslucido no Conselho Comyn. Você teve tudo isso e mais. Você quer ser uma Rainha? Então saia e aja como uma!

Taniqueel respirou profundamente e deu um passo para a noite. Um mau cheiro como cobre derretido pairava no ar. Por um instante, ela pensou que os homens de Deslucido já haviam invadido o acampamento, pegando-os distraídos. Tendas tinham virado pilhas disformes entre aquelas que ainda se mantinham de pé como velhas sentinelas. Aqui e ali, corpos se amontoavam na sombra, como se estivessem mortos. Ela temia que alguns deles estivessem. Entre eles, entre os corredores e ao redor das fogueiras, homens lutavam com qualquer coisa que pudessem botar as mãos, seja pedra ou aço e seus próprios punhos nus. Na loucura descontrolada, eles giravam e golpeavam, ou agarravam uns aos outros. Ela correu entre os emaranhados de soldados, onde dois ou mais encurralavam um único homem, depois se virando para algum outro.

Onde Rafael passava, contudo, a ordem prevalecia, a loucura se mantinha em silêncio por um momento. Homens já estavam colocando o acampamento em ordem, empurrando de lado aqueles que ainda brigavam. Alguns se sentavam gemendo, cabeça entre as mãos. Ajudantes corriam ao longo das passagens, gritando ordens.

Em poucos momentos ela alcançou a tenda que compartilhava com Graciela, mas estava vazia, imperturbável. Encaminhou-se à tenda de Edric, a uma curta distância. Também parecia intocada. Dentro, contudo, ela encontrou Edric e os outros. Estavam encolhidos, de mãos dadas. Graciela, reconhecível como a única mulher, balançava-se como uma árvore na tempestade.

Taniqueel fechou seus olhos, tentando visualizar o que não podia ver fisicamente. Eles

de algum modo estavam ligados, formando uma única unidade com suas mentes. Onda após onda de loucura atingiu o acampamento, mas agora ela sentia um escudo crescendo das mentes unidas dos trabalhadores. Era fina, mais um véu do que armadura, mas eles foram capazes de manter do lado de fora o pior daquilo.

Ela ficou imóvel por um tempo, se perguntando o que poderia fazer para ajudar. *Domna* Caitlin havia lhe dito há muito tempo atrás que não tinha *laran* suficiente para valer a pena o treinamento, mas ela não acreditava mais nisso. Não havia resistido aos feitiços de Deslucido, primeiro no Castelo Acosta e agora nesta noite? Certamente devia ter algum valor. Mas ela não sabia como juntar-se aos outros. Temia que, se falasse ou tocasse em um deles, perturbaria a concentração, então o círculo protetor se quebraria, deixando o acampamento inteiro vulnerável. Nem mesmo a liderança de Rafael poderia controlar os homens novamente.

E ninguém sabia quando os exércitos de Deslucido atacariam... Eles tinham que estar prontos.

Sons vieram de fora da tenda, na direção de trás: gritos, brigas. Luz brilhava, penetrando nas paredes de lona. Em um momento de claridade, Taniquel viu as faces dos outros trabalhadores, parados em concentração. Sangue escorria de um talho na testa de um homem.

Mais luzes de fora, mais gritaria. As vozes se aproximavam, quase em cima deles. Contudo os trabalhadores de *laran* continuavam, olhos fechados, focalizando internamente. Taniquel moveu-se em direção à porta. Por mais irrefletidos que os homens sob o feitiço estivessem, poderiam destruir esta tenda como fizeram com as outras. Ela devia impedi-los. Talvez se os provocasse, os atraísse para longe...

Um círculo de pontos de fogo apareceu no tecido da tenda, descendo. O tecido seco incendiou-se instantaneamente. Fogo subia pela parede, deixando buracos. Brasas laranja eram arremessadas para dentro. O que quer que tocassem, carpete, móveis, explodia em chamas. A parede da tenda escureceu e desabou. O manto de um dos homens irrompeu em chamas amarelas. Ele gritou e também Graciela.

Taniquel agarrou o homem gritando, pelos ombros. Era Edric, seus olhos arregalados e fora de foco. Ele estremeceu ao seu contato. Lembranças de anos de lutas da infância com Padrik a invadiram. Ela enganchou um pé ao redor da dobra de seu joelho, chutou para trás com força, e virou seus ombros para tirar o equilíbrio. Ele caiu pesadamente.

Ela alcançou o carpete, rezando para que estivesse perto de uma ponta, mas não conseguiu erguê-lo. Seus dedos tocaram algo macio e solto, um cobertor de um dos catres. Ela jogou-o sobre ele, envolvendo-o o melhor que pôde. De seus olhos escorriam lágrimas, quase a cegando.

A tenda toda estava pegando fogo agora. Em instantes, esta se encheu de fumaça, densa e acre. Consequia ver apenas uns poucos centímetros.

— Vamos! — Um dos outros homens, aquele com o corte na testa, agarrou o braço de Taniquel e levantou-a.

Juntos arrastaram Edric através da porta da tenda e deixaram-no cair na terra. Graciela ajoelhou-se ao seu lado, sua pedra-da-estrela na mão. A pedra brilhava com uma suave luz azul.

Dois homens em uniforme apareceram com baldes de água, os quais jogaram sobre a tenda arruinada. Eles prendiam os lábios fortemente nos dentes, em um esforço terrível. Taniquel estremeceu, sentindo como aquela horrível pressão estava mesmo agora retalhando seu autocontrole.

— Não podemos enfrentar isto! — ela gritou. — Devemos reunir o círculo!

— Está louca? — No último bruxulear do fogo na tenda, a face de Graciela se contorceu. — Edric está muito queimado para se concentrar. E não podemos fazer sem ele.

Nós mal o mantivemos como estava!

Taniel se descontrolou. Agarrou o braço da jovem e com uma força que a surpreendeu, ergueu-a e arrastou-a na direção dos dois *laranzu' in*.

— Para o inferno congelado de Zandru com seus não podemos! Você fará! E fará agora!

— *Vai domna...* — um dos homens começou. Seus ombros cederam. — Você não entende. É inútil. O exército de Ambervale está à uma hora daqui.

— Você mandou uma mensagem ao meu tio? — Vendo-o dar de ombros e balançar a cabeça com uma expressão de *Nesta loucura?* Taniel deu um passo à frente. Suas mãos formaram um punho e o ato físico de impedir-se de acertá-lo lançava relâmpagos de dor em seus antebraços. — Então deve nos conceder essa hora!

— Mesmo que pudéssemos... — Graciela ergueu as mãos em um gesto de desamparo. — Somos muito poucos para nos manter contra uma Torre...

— Uma Torre? Que Torre?

— Tramontana — um dos homens disse cansadamente. — Apenas um círculo completo poderia enviar um feitiço dessa magnitude sobre uma área dessas e controlar tantas mentes de uma vez.

— Graciela está certa — o outro disse. — Não temos força o bastante.

Uma Torre contra um exército de homens incapazes de defender-se sequer um pouco? Isso não é justo!

— Não pode alcançá-los com sua pedra-da-estrela? — Taniel ouviu falar sobre essas coisas. Caitlin, que era uma telepata como muitas nas Torres, podia falar mentalmente com seus amigos em Hali, se a distância não fosse muito grande. Ela havia feito isso, mandando uma mensagem sobre o desastre de Riacho-seco. — Deve convencê-los a cancelar o ataque para que seja espada contra espada, sem injustiças!

— Nós tentamos isso, quando o ataque começou — disse Graciela. — Eles se bloquearam contra nós. Nem podemos contatar Hali, para pedir que impeçam Tramontana. Há muita... você não entenderia o termo exato... estática psíquica.

Os pensamentos de Taniel corriam como fogo-selvagem.

— Deve haver outra maneira!

— O que quer de nós? — Graciela gritou. — Não somos o bastante para defender o acampamento deste jeito, e agora você quer que um de nós vague através do Mundo Superior em uma busca inútil.

— Peço apenas que façamos o que pudermos... todos nós — Taniel disse, concentrando todo o domínio que pode naquelas poucas palavras.

Em resposta, eles tomaram uma posição de triângulo, suavemente unindo suas mãos.

— Servirá de pouca coisa — um dos homens disse, — mas tentaremos o nosso melhor.

— Devo encontrar meu tio agora. Ele está... eu estou... contando com que façam sua parte.

Não houve resposta, o que Taniel entendeu como uma boa coisa. Ela correu na direção que Rafael havia ido. Depois de alguns passos, amaldiçoou sua própria tolice em não pedir que um dos *laranzu' in* o localizasse. Mas não podia voltar agora. Isso recomençaria todo um novo debate. Ela tentou pôr aqueles canais em ordem na agitada escuridão do acampamento que haviam demarcado onde Rafael falara aos seus homens, fazendo-os voltar à sanidade. Minutos correram enquanto ela procurava, enquanto a consciência pulsava em suas veias, *Apenas uma hora daqui!*

Quase por acidente, ela encontrou Gerolamo dando ordens para um grupo de jovens oficiais. Ela ouviu sua voz antes que o visse, rouca, mas firme, e avistou o brilho da seda

branca amarrada como bandagem ao redor de seu braço. Ele segurava uma espada na mão e parecia pronto a usá-la. Os oficiais dispersaram enquanto ela se aproximava.

— Onde estão o Rei Rafael? — ela disse sem preliminares.

— Ele levou aqueles homens ainda em condições de lutar para o campo além — Gerolamo disse.

Ao menos, havia alguns. Ela ousou pensar quantos ou o que acontecera a eles quando o círculo se rompeu.

— Devo falar com ele imediatamente!

Gerolamo disse que não era seguro para ela ficar andando pelo campo, mesmo que ele próprio a escoltasse. Ao mesmo tempo um homem armado correu até eles da escuridão. A luz da lua brilhava no branco de seus olhos arregalados e na adaga que apontava para Taniquel. Ele gritou:

— Bruxa! Sua gente matou meu pai! Você o envenenou enquanto dormia!

Gerolamo desviou do empurrão e arremessou a adaga na lama. O soldado olhou fixamente para a espada de Gerolamo e então saiu correndo. Gerolamo estendeu a adaga para Taniquel.

— Use apenas se precisar — disse a ela — mas use para matar.

Concordando, ela pegou a adaga. Posição e razão não lhe valeriam nada esta noite. Se precisasse usar a adaga, teria apenas uma chance.

À luz de tochas, Rafael falava com seus soldados em tons baixos. Ela os sentiu digerindo suas palavras. A pressão do feitiço de *laran* ainda ressoava através dela. Aqueles homens ainda resistiam ao seu comando, cada um à sua própria maneira. Até aquele momento, ela não havia entendido como a lealdade poderia passar por cima mesmo do mais profundo ódio.

— Cada um de nós carrega as sementes da guerra e as sementes da paz — a voz de Rafael anunciava. — Fazemos uma escolha a cada dia de nossas vidas, a cada momento. Para matar, para preservar. Para plantar uma árvore, para derrubá-la. Para estar com a lei e a justiça, para libertar o fora-da-lei dentro de nós.

E a cada momento que ele falava, eles escolhiam. Escolheram ficar, mãos imóveis em suas armas, olhos fixos em seu rei.

Eles são mais valiosos do que todo o ouro em Shainsa, esses homens, ela pensou. *Eles não devem cair sob as espadas de Deslucido!*

Rafael, vendo-a se aproximar, interrompeu seu discurso e levou-a para o lado.

— *Chiya*, não deveria estar aqui...

— Edric e os outros estavam nos protegendo do pior do ataque de *laran* — ela disse, dispensando com um gesto suas palavras. — Vem de Tramontana. Agora Edric está ferido e nossas próprias defesas prejudicadas. Temos menos de uma hora antes que as forças de Ambervale cheguem.

— Uma hora... — ele disse, tomando fôlego — e não podemos recuar com os homens em tal desordem. As colinas farão com que nos espalhemos onde poderão nos caçar um por um. — *Ou*, ele pensou, mas não disse em voz alta, *que lutemos deste jeito*.

— Tio, deve haver algo que possamos fazer!

O desespero a invadiu, fechando dedos frios em sua garganta. Através das tochas, ela viu uma mudança na expressão de Rafael. Ele pretendia tirá-la do acampamento, para a frágil segurança além. Pensava nela como inútil, para ser protegida à custa de seus enfraquecidos recursos.

— Não, não desperdice nenhum homem por mim — ela disse tão bruscamente quanto pôde. — Posso resistir ao feitiço, não se lembra? — Ela ergueu a adaga que Gerolamo confiara em suas mãos. — E estou armada. Verei qual ajuda posso trazer a Edric e aos outros.

Esta poderia ser a última vez que veria Rafael Hastur vivo e queria abraçá-lo,

agradecê-lo pela sua gentileza e força. Mas ela não ousou. Tinha que fingir que tinham uma chance.

Menos de uma hora!

Enquanto Taniquel corria de volta à sua tenda, o ataque de *laran* pareceu se intensificar. Havia menos luta entre os soldados, mas mais deles se sentavam com suas cabeças baixas, soluçando ou escondendo suas faces. Nos olhos dos homens que erguiam as cabeças enquanto passava, ela viu não apenas loucura escondida, mas desespero. Devia haver algo que pudesse fazer.

Taniquel fechou a cortina da tenda atrás dela, sentou-se em seu catre, e enterrou a cabeça em seus braços dobrados. Não pela primeira vez, ela desejou ter uma pedra-da-estrela e o treinamento para usá-la. Então poderia juntar-se a Graciela e aos outros e fortalecer sua resistência. Desejou poder enviar visões de escorpiões flamejantes sobre os homens de Deslucido em troca daquilo. Talvez pudesse até mesmo sair para aquele lugar nebuloso separado do tempo e espaço comum chamado Mundo Superior e encontrar ajuda.

Ajuda. Aonde poderia ir, a quem procuraria? Exceto por Caitlin, tinha apenas uma relação formal com o povo de Hali.

Mas Hali não era a única Torre leal a seu tio. A Torre Neskaya também devia aliança a Hastur e Coryn estava em Neskaya.

Coryn...

Taniquel ergueu sua cabeça. Uma memória invadiu seus sentidos: o calor do sol salpicado no jardim naquela manhã mágica, a doce maciez de seus lábios nos dela, o aroma das flores e da sua pele. Seu cabelo, solto em seus ombros, tinha tocado sua face quando se virou; mesmo agora ela podia sentir aquele toque leve e sedoso. Sombras delineavam a curva de seu ouvido, a linha forte de seu maxilar. Em sua mente, ele virou-se para ela com aqueles olhos tão cheios de luz que ela se sentiu caindo dentro deles...

Ela deitou-se no catre, apertando as mãos.

Coryn...

Mesmo enquanto falava seu nome em seus pensamentos, seu coração gritava. A saudade a invadiu.

Através da água você chegou até mim; através do fogo eu chegarei até você. Mas onde estava a água? Onde estava o fogo?

Fogo... e mais uma vez, como em seus sonhos, ela viu as impossíveis chamas azuis. Agora ela estava no centro das chamas, no coração de uma matriz cintilante. Por um momento não pode se mover, não ousou nem mesmo respirar para não queimar seus pulmões. Mas as chamas queimavam sem calor ou fumaça. Nada consumiam, erguendo-se do nada. Suas mãos passaram através das paredes tremeluzentes, intocáveis.

Reunindo coragem ela deu um passo e depois outro. Enquanto emergia do fogo azul, ela sentiu o chão sólido embaixo de seus pés. Piscou, clareando sua visão.

Estava em um plano de um cinza infinito, sob um céu igualmente disforme. Nenhum vento se movia no céu, nenhum som alcançava seus ouvidos. Parecia ficar assim para sempre, chão cinza, céu cinza, horizonte cinza.

Embora respirasse, tinha apenas a vaga sensação de seu próprio corpo. Quando olhava para baixo, via as linhas transparentes das árvores. Ela tinha, por alguma antiga magia, tornado-se um espírito naquele estranho mundo incolor. Ainda sentia-se sólida o suficiente, com seu coração batendo contra o interior de seu peito.

Tramontana! Onde naquele mundo monótono ela encontraria a Torre? Nem mesmo sabia em qual direção começaria a procurar. Ela virou-se devagar, esquadrinhando o horizonte.

Na distância, Taniquel visualizou uma construção, baixa e iluminada por dentro com um brilho branco. Encaminhou-se para lá. Ficava maior muito mais rápido do que devia,

considerando sua própria velocidade. Talvez distâncias não significassem o mesmo que no mundo comum.

Aquela era, ela viu enquanto se aproximava, um tipo de torre, mas de um estilo arquitetônico que jamais havia visto. Parecia-se mais com um cenário, como nas peças que vira sendo apresentadas em Thendara, do que com qualquer lugar real aonde pessoas deviam trabalhar e viver. Linhas recortadas brilhavam sobre sua superfície. O ar carregava um leve aroma metálico que lhe lembrava de relâmpagos de verão. Dentro de sua aura tremeluzente, nada humano se movia.

— Que lugar é esse? — ela chamou. Sua voz soou pequena e fraca aos seus ouvidos. Ela prendeu o fôlego e tentou novamente, mais alto. — Apareçam! Onde estou?

Quando minutos se passaram sem resposta, ela começou a circular a torre. O que descobriu no lado oposto a surpreendeu. No lugar da superfície cintilante, disforme exceto pelas linhas brilhantes, ela encontrou uma enorme peça redonda de vidro azul, duas vezes a altura de um homem e apoiada em uma estrutura de metal prateado. Enquanto olhava fixamente, observando seu movimento circular como se apoiada em uma mão invisível, lembrou-se de uma lente gigante. Ela havia visto uma deste tipo usada para concentrar a energia do sol para iniciar uma fogueira.

Olhando de lado, podia quase ver os raios de força invisível fluindo de dentro da torre através da lente... e desaparecendo no Mundo Superior. Com um calafrio, ela percebeu que estava diante da manifestação psíquica da Torre Tramontana enquanto distribuía loucura sobre o acampamento de seu tio. Ali estava a fonte. Aquilo que devia ser impedido.

Com um grito inarticulado, ela jogou-se na lente, pensando apenas em apontá-la para outro lugar. Mesmo quando as pontas de seus dedos tocavam o apoio de prata e o vidro azul, golpes de energia elétrica saltavam para atingi-la em milhares de pontadas de dor. Seu corpo foi empurrado, seus braços reflexivamente puxados para trás.

Aproximou-se uma segunda vez. De novo foi como tentar agarrar um ramo de relâmpagos ou enfiar um braço em um ninho de formigas-escorpião. Ela caiu de joelhos. Arrepios cobriram sua pele e todos os nervos tremeram. Muito furiosa para pensar direito, ela se ergueu, andou ao redor do lado liso da Torre, e chutou-o.

Para surpresa de Taniquel, seu pé não encontrou pedra sólida. Algo amorteceu o chute, mas não o parou. Ela esperava uma superfície impenetrável e quando continuou chutando, quase perdeu o equilíbrio. Ela libertou seu pé sem dificuldade e mirou outro chute.

Chute! Recupere... chute!

— Quem está lá embaixo, brincando jogos de crianças em nossos portões? — A voz era sepulcral, ecoando. E familiar.

— Tramontana! — ela gritou com toda sua força. — Ouça-me! Sou Taniquel, Rainha de Acosta! Em nome do Rei Rafael Hastur, ordeno que pare este abominável feitiço! Deixe soldados comuns lutarem suas batalhas sem interferência!

Uma onda de energia passou sobre a superfície da Torre, em uma intensidade cegante. Taniquel cobriu os olhos com os braços. Sua respiração, inofensivamente quente, presa em sua garganta. Uma voz ressoou em sua mente.

A cadela Hastur! Pegue-a, que seu espírito vague por aqui até que seu corpo apodreça e morra!

Agora ela soube onde ouvira aquela voz. Rumail... o irmão feiticeiro de Damian Deslucido!

Seus músculos quiseram voar, mas por um terrível momento, percebeu que não podia se mover. Não podia nem ver claramente. Rumail manteve-a firme em seu aperto mental. Não podia nem mesmo defender-se ou escapar.

Não! Não posso acabar assim! Coryn, ajude-me!

Mas nenhuma resposta veio. Estava sozinha com sua insensatez. E havia chegado tão

longe, estado tão perto de seu objetivo! Lágrimas de dor e frustração turvaram sua visão.

A Torre se embaçou, como miragem. Uma figura humana tomou forma dentro da confusa visão, como se alguém estivesse nadando debaixo da água em sua direção. Uma coroa de fogo prateado emoldurava a face sem idade da mulher. Como se soprada por um vento imperceptível, um vestido cinza luminoso rodopiava sobre sua esguia estrutura. Sua voz sussurrava através da mente de Taniquel, cada sílaba ressoando como pequenos sinos.

— Parenta, está em grave perigo aqui no Mundo Superior. Deve recuar!

Parenta?

Taniquel percebeu que podia mover-se de novo. Afastando-se, reconheceu o formato familiar das feições da mulher. Já havia visto aqueles olhos oblíquos, o formato do nariz e a curva da linha do cabelo em seu tio, em seu próprio reflexo. Esta estranha devia ter sangue Hastur.

— Prima! Por favor, ajude-me! — Taniquel disse. — Deve parar este ataque...

— Não há tempo para discussão! Não posso manter a abertura por mais do que alguns instantes. Vá agora, com a graça dos deuses!

Como se impulsionada pelo grito da outra mulher, Taniquel se afastou. Correu mais rápido do que imaginava possível. Seus pés deslizavam no suave chão cinza. Sua face queimava com o vento de sua passagem.

Uma ou duas vezes, ela olhou sobre um ombro para ver Tramontana encolher para uma fração de seu tamanho anterior. Na segunda vez, ousou diminuir seus passos. Pela luz que pulsava sobre a Torre distante, ela imaginou que o ataque aos homens de seu tio continuava mais uma vez.

Estariam as forças de Deslucido os atacando agora? Quanto mais o exército de Hastur podia agüentar antes de virar-se contra ele mesmo como um animal raivoso, ou cair, incapaz de agir em sua própria defesa?

Não, Taniquel murmurou a si mesma. *Não podia terminar assim. Não devia.*

Seu corpo ficou firme e pesado, como argila virgem. Incapaz de ir adiante, ela deu um profundo e soluçante suspiro. Suas pernas se dobravam embaixo dela.

Coryn... Oh, doce amor, onde está você?

Trinta e Sete

Coryn sentou-se, piscando para espantar o sono. Tinha acabado de cochilar depois de trabalhar a maior parte da noite recarregando as imensas séries de baterias de *laran*. O complexo mecanismo da matriz que fabricara a arma de defesa fundamental, sua arma, estava completo, esperando apenas o reservatório de força. Todos eles estiveram trabalhando turnos extras naqueles últimos dez dias, dividindo o árduo trabalho. Algumas manhãs, Coryn mal tinha energia para arrastar seu corpo dolorido pelas escadas até a parte da Torre Neskaya reservada aos técnicos principais, Bernardo, e ele mesmo como sub-Guardião.

Nesta noite, contudo, ele tinha pedido para parar antes. A concentração de Mac tornara-se irregular depois das primeiras horas, como se fosse um novato e não um técnico altamente experiente. Mesmo Amalie, normalmente imperturbável como a Muralha ao Redor do Mundo, ficara inquieta, duas vezes quase rompendo a ligação. Quanto ao seu próprio desempenho como Guardião daquele círculo, não havia nada para se orgulhar. Ele os mantivera unidos talvez mais do que era sensato, pois seu próprio julgamento não tinha sido nada racional.

Desde as preparações da última tarde, algo preocupara seus nervos, nunca ficando claro o bastante para ser identificado. Pretendia falar com Bernardo sobre isso, para tentar diferenciar o que era fadiga natural de uma tarefa extenuante, do que talvez fosse tensão psíquica. Sabia que se tornara muito mais sensetivo desde sua volta a Neskaya. Bernardo o percebeu e sugeriu que talvez sua união com Taniquel, devido à sua empatia e sensibilidade para com ele, tinha despertado os mais profundos níveis de seu dom de *laran*.

Taniquel!

Agora a inconfundível marca de sua personalidade, aquela doce turbulência que era o centro de sua existência, ressoava através de sua mente. Ligados como estavam, ela nunca estava longe de seus pensamentos. No estado hipnótico do quase-sono, depois de longas horas em ligação psíquica com seu círculo, ele estava ainda mais aberto para ela.

De algum modo ela conseguira alcançá-lo através dos quilômetros.

Ele levantou-se e foi até a janela, aberta naquela estação branda. Um tom de luz tocava o céu na direção leste, um pouco mais do que uma cerração dourada a esta hora. Seus ombros e costas doíam pelas horas de imobilidade.

Taniquel tinha *laran* sim, mas não o treinamento. Pelo que sabia, ela nem possuía uma pedra-da-estrela. Considerava aquilo nada menos do que criminoso. Mas a família a valorizava como uma reprodutora e achava tal treinamento um desperdício.

Devia estar desesperada para alcançá-lo, mesmo em seu atual estado. O que tinha acontecido? As forças de Deslucido alcançaram uma vitória militar? Ela era agora uma prisioneira? Seu coração saltitava ao pensamento dela estar nas mãos do rei de Ambervale e seu irmão. Gentilmente, bateu com um punho na pálida pedra azul do peitoril da janela. Havia apenas uma maneira de descobrir.

Coryn voltou para sua cama e puxou o leve cobertor de verão acima de seu peito. Da bolsa de seda acolchoada na qual carregava sua pedra matriz, ele retirou os cabelos outrora presos na presilha de cobre que ela havia lhe dado no jardim. A própria presilha estava guardada em seu baú junto com o broche de manto que Rafael tinha lhe dado e alguns outros pequenos itens sem valor para ninguém, exceto para ele mesmo. O metal trabalhado ainda retinha a marca de sua energia, mas o cabelo, que havia sido parte de seu corpo, ressoava ainda mais forte. Ele enrolou os cabelos em seus dedos. Eles o envolveram como se reconhecessem seu toque.

Ele arrumou seu corpo na cama em uma postura de mínimo cansaço, um travesseiro

sob seus joelhos e um menor apoiando sua nuca, do jeito que Gareth lhe ensinara há tanto tempo atrás, quando chegara a Tramontana. Fechando seus olhos, usou os cabelos como um talismã e projetou seus pensamentos, procurando por aquele contato transitório.

Tani!

Tão facilmente como se tivesse passado pela sua porta, ele encontrou-se no Mundo Superior. Tinha estado ali tantas vezes antes, desde seus dias como um novato em Tramontana, com horas de preparação sob a cuidadosa orientação de seu Guardião. Esta era a segunda vez nesses minutos que havia pensado em Tramontana.

O Mundo Superior, por toda a sua imutável calma, era um lugar perigoso e até letal para os despreparados. Havia poucas marcações ali e podiam mudar com a velocidade do pensamento. Tempo e distância perdiam seu significado comum. Mesmo um hábil trabalhador de matriz podia vagar, perdido ou preso, incapaz de se libertar, até que seu corpo físico perecesse de fome. Taniquel teria sido empurrada ali por descuido... seria por isso que o alcançara em pânico?

Tani!

Agora o medo sustentava seu grito, medo pela sanidade dela tanto quanto por sua vida.

Mas não ajudaria em nada se ele mesmo se perdesse. Com alguns golpes práticos, visualizou a forma-pensamento de Neskaya que seus trabalhadores usavam como um porto seguro. Como a Torre original, ela brilhava com uma suave luz azul. Mas esta versão era mais alta e mais esguia, moldada mais como um farol do que qualquer coisa, sólido o bastante para resistir às violentas tempestades de inverno de Darkover. Satisfeito por ter sido capaz de encontrar seu caminho de volta, Coryn virou-se para esquadrihar o horizonte.

Tani! Como um pescador jogando redes, ele projetou seu pensamento mais uma vez.

Coryn?

Vaga e distante a resposta veio, mais sussurro do que palavra, mas inegavelmente Taniquel. Coryn sabia que seria melhor não correr naquela direção, embora naquele momento não houvesse nada que quisesse mais. Em vez disso, imaginou um espesso cordão de seda vindo da Torre astral até o som de sua voz. Devagar, com um firme puxão, trouxe o lado oposto da corda em sua direção. Pelo que pareceu uma eternidade, ele segurou as fibras lisas de cor cinza. Sentiu um pequeno puxão, uma resistência no lado oposto, e seu coração saltou. Ali, onde o cordão parecia acabar, ele visualizou uma forma. Enquanto corria em sua direção, o cordão desapareceu.

Ele chegou até ela em apenas alguns minutos. Ela havia caído em uma pilha de tecidos transparentes, cabeça abaixada, braços envolvendo firmemente seu corpo, juntas pálidas. Seu cabelo solto caía nos ombros como uma cascata espumante. Ele ajoelhou-se ao seu lado e pegou-a nos braços.

— Doce amor, está tudo bem, estou aqui — ele murmurou na suave nuvem de seu cabelo.

Taniquel olhou para ele, o rosto brilhando com lágrimas. Embora as formas das pessoas frequentemente se alterassem no Mundo Superior, ela parecia exatamente como se lembrava. Talvez fosse por que, desde o dia que a encontrou no abrigo de viajantes, ele visualizara através do belo corpo a pessoa interior ainda mais preciosa. Beijou suas pálpebras e sentiu o gosto salgado.

— É o meu Coryn e não uma falsa visão? Está realmente aqui? — Com uma expressão de dúvida, ela tocou seu rosto.

Ele a trouxe para perto, emanando confiança... *Sou real e sólido e estou aqui, amada.*

Meu coração. Seus braços o envolveram fortemente. Depois de um momento, ela deu um profundo e trêmulo suspiro e se afastou. Quando olhou para ele desta vez, seus olhos brilhavam como mármore polido.

— Coryn, não há tempo a perder.

Em termos breves e diretos, o que teria lhe trazido um grande orgulho, explicou o que aconteceu, como Tramontana lançara seu ataque psíquico a mando de Deslucido, o desespero da situação de Rafael Hastur.

— Edric disse que o exército de Rei Damian estava a uma hora de distância e muito desse tempo já passou — ela completou. Abaixou os olhos e pela primeira vez soou incerta. — Não sei quanto tempo fiquei vagando por aqui.

— No mundo externo, está perto do amanhecer — ele disse, ajudando-a a se levantar. — Sem dúvida, Deslucido planeja continuar a confusão da noite com uma ofensiva direta. O que quer que possa ser feito pelas questões da batalha será feito, eu juro. Mas você não pode demorar-se aqui.

Ele não queria alarmá-la com palavras sobre seu grave perigo. Quanto mais permanecesse no Mundo Superior, menor a chance de sucesso no retorno ao corpo.

— Oh, não... estou bem. Por favor, consiga ajuda. Eu ficarei... sentada aqui.

Ele olhou para sua face e quando viu seus olhos vagos, seu coração falhou por um momento. Era um sinal de perigo, de que o viajante estava perdendo contato com seu corpo físico. Se não fosse mandado de volta, o laço secaria, deixando apenas uma casca viva no plano material e a centelha de um fantasma ali.

Todo o fogo, a determinação que trouxera Taniquel tão longe, lhe era drenada enquanto Coryn assistia. Sob suas mãos, seu corpo ficava mais leve, quase tão delicado quanto o vestido fino que sua mente criara.

Coryn pegou suas mãos nas dele, como se pudesse aquecer sua volta à vida. Enlaçados entre seus dedos estavam os dois fios de cabelo negro. Ele os levou aos lábios.

— Encontre-se — ele disse. — Feche seus olhos, concentre-se em quem você é, não pense em mais nada. Você é Taniquel... Rainha... mãe... amante.

Um sorriso surgiu em seu rosto, um momento de felicidade. Cor brilhou em sua face e as linhas de suas feições voltaram. Ela colocou as duas mãos sobre os fios de cabelo, olhos fechados, pestanas negras nas faces rosa-pálido, cabeça levemente inclinada para trás como se esperasse um beijo. Seu corpo se moveu por vontade própria, se inclinando e tocando os lábios nos dele, mas ele se segurou. Para o próprio bem dela, não devia fazer nenhum movimento para mantê-la ali.

Coryn... amado... até que nos encontremos novamente...

As palavras de Taniquel, não ditas, estremeceram através dele. Então, como se nunca houvesse estado ali, ela desapareceu.

Coryn andava de um lado para o outro pela extensão do laboratório de matriz onde esperava com os membros de seu círculo. Rapidamente reunidos, esperavam apenas seu Guardião para começar. Bernardo em pessoa havia entrado nas transmissões, na tentativa de negociar com Tramontana. Coryn estudou os rostos de seu círculo, de Mac, a quem conhecia como a palma de sua mão, de aparência tão frágil, para a animada Amalie, da séria Demiana para Gerell, de cabelos prateados, que treinara primeiro como monge *crisoforo* em Nevarsin e depois em Dalereuth. Eram sete ao todo, mais Bernardo. Embora o Primeiro Círculo de Tramontana fosse maior, Coryn não pensava haver um grupo de trabalho em Darkover no qual ele confiasse mais, não desde a morte de Kieran.

Eles se alertaram como se fossem um, sem necessidade de palavras, quando os passos de Bernardo soaram no corredor de pedra do lado de fora. Amalie passava seus dedos através do cabelo frisado, um gesto de impaciência. Demiana posicionou dois dedos nas costas de seu pulso; ele percebeu seu olhar e a tranqüilizou. Ela fechou seus olhos e abriu-os devagar enquanto a tensão se esvaía.

Bernardo entrou na sala com um mínimo sussurro de seu manto vermelho de Guardião.

— Eles se recusaram a alterar seu curso — ele disse.

Todos sabiam, é claro, mas ouvir as palavras ditas em voz alta trazia certa confirmação.

— É a palavra de Tomas, Guardião do Primeiro Círculo? — Coryn perguntou.

— Tomas não responde mais por Tramontana — disse Bernardo, sua voz retumbante.

— Rumail a comanda em nome de Deslucido. Ele é agora Guardião tanto quanto a voz do Rei.

Coryn recuou diante da onda de energia em torno do círculo. Estas pessoas conheceram Rumail, trabalharam com ele... tinham feito a dolorosa decisão de deixá-lo de lado para não mais ser um deles, quando o expulsaram de sua companhia.

— Não há nenhuma esperança de mais discussão, então — disse Mac. Uma afirmação, não uma pergunta.

— Era uma pequena chance — disse Bernardo. — Não estamos pior agora do que antes. Venham — ele estendeu suas mãos para que tomassem seus lugares. Gerell, cujas costas o estavam incomodando, juntas endurecidas por tantos invernos longos nas Hells quando jovem, ajeitou as almofadas em sua cadeira. — Vamos começar.

Coryn foi até o banco baixo que preferia. Uma fina almofada amaciava a superfície de madeira. Deixou as pernas soltas e ajeitou seu corpo. Uma onda de relaxamento passou pelos seus músculos. Era uma postura que poderia manter por horas, cabeça equilibrada no pescoço reto, peito erguido, costas retas e relaxadas.

Ele fechou seus olhos e saltou para dentro do círculo. Bernardo começou envolvendo-os em um todo unificado. Enquanto se viravam um para o outro, Coryn os via como um arco-íris em movimento, depois os ouvia como vozes em harmonia, depois como pontos brilhantes do sol refletidos em uma poça de água limpa. O toque de Bernardo jogou uma pedra dentro da água, criando ondas. Energia surgia através de cada anel, para fora e para dentro e de novo no ponto central, onde Bernardo os mantinha juntos.

Mais uma vez Coryn se encontrou do lado de fora da manifestação de Neskaya no Mundo Superior. Bernardo levou-os à torre mais alta, olhando para baixo. Cegamente, começou a remodelar a substância psíquica da torre. Paredes engrossaram e muralhas cresceram, janelas se estreitaram. Um cordão de hera cresceu para uma cobertura de videiras com espadas de espinhos. De uma marcação de graça e beleza, Neskaya transformou-se agora em uma fortaleza.

— *Tramontana!* — A voz psíquica de Bernardo soou como um gongo, reverberando desde o chão até o céu.

Com a velocidade do pensamento, agora eles visualizavam a outra Torre. Ali no Mundo Superior, era tão fácil mover uma construção quanto em um jogo de xadrez.

Embora o círculo de Tramontana estivesse certamente consciente de sua aparição, não houve reação. Por um momento, Coryn não reconheceu seu lar anterior. Aquela construção atarracada, envolta em descarga elétrica constante e diminuta perto da enorme lente, não trazia nenhuma lembrança à sua realidade física e nem à forma arejada e graciosa que Kieran designara, remanescente de um bosque de árvores de cascas douradas.

Um raio de energia-pensamento, invisível, mas prontamente distinguível aos sentidos de *laran* de Coryn, emanou das lentes e desapareceu através do chão disforme. Aquela, ele soube, era a fonte do feitiço que levava o exército de Hastur ao desastre. Ele sentiu o arrepio de desgosto de Demiana, a rochosa aversão de Gerell à coisa. De Mac veio uma simples e quase mecânica sugestão.

Por que não bloquear a coisa amaldiçoada?

Com preciso controle, Bernardo mudou a posição da Neskaya astral para segurar todo o impacto do raio das lentes. Acima da muralha mais alta, Coryn esticou suas mãos. Força fluía em torno do círculo. Os muros, elásticos como algo vivo, flexionaram e seguraram.

Coryn avistou um lampejo de soldados fugidios nas cores de Hastur se arrastando, de oficiais os impulsionando a seguir adiante, mãos segurando espadas e arcos, homens montados e esporeando seus cavalos para a formação, olhos brilhando como brasa quente. Então um berro feroz de Tramontana trouxe de volta sua atenção ao presente.

— ESCÓRIA DE NESKAYA! SAIAM DO CAMINHO OU OS ENVIAREMOS TODOS AO MAIS FRIO INFERNO DE ZANDRU!

Ele quase havia esquecido aquela voz, embora tivesse sonhado com ela várias vezes nos primeiros anos em Tramontana. Do mesmo modo que algumas pessoas tinham corpos diferentes no Mundo Superior, suas vozes também soavam diferentes, embora ainda reconhecíveis. Soavam mais como eles mesmos, seus verdadeiros eus. Aquela voz, contudo, não mudara desde a primeira vez que a ouvira quando criança.

Com que direito Rumail de Ambervale fala por Tramontana? O pensamento queimava dentro dele.

Coryn refreou seu desafio mental, pois era lugar de Bernardo, como Guardião de Neskaya, falar por todos eles. Bernardo simplesmente esperou.

Devagar, em silêncio, as lentes se expandiram. Virou-se em seu eixo para que encarasse Neskaya diretamente. Partículas cintilantes de azul e verde-veneno apareceram nos raios incolores. No começo, eram apenas algumas, emanando como várias partículas de poeira coloridas. Moviam-se quase preguiçosamente, descansando na superfície externa dos muros de Neskaya. Pequenas explosões produziam minúsculos fragmentos onde tocavam. Lembravam a Coryn das moscas-de-ferrão dos verões em Verdanta.

Em momentos, as partículas coloridas se multiplicaram, não dez, mas centenas, milhares, até mais. O raio fervilhava com elas. Várias atacaram de uma vez, fazendo com que os impactos juntos ficassem maiores e mais brilhantes. Fogo surgia no despertar de cada explosão. Coryn sentiu o calor em sua face. Sentia as chamas se escondendo na substância do muro, procurando por algo que as alimentasse, como algum demoníaco *fogo aderente* mental.

Mesmo quando um rugido de negação surgiu em sua garganta, ele sentiu a certeza na orientação de Bernardo. Das fendas nas janelas de Neskaya veio um farfalhar de asas, penas em todas as cores do amanhecer ou pele esticada sobre longos e delicados ossos. Gritos de caça preencheram o ar, altos e doces. O raio desintegrou-se em pontos de brilho enquanto pássaros e pequenos morcegos mergulhavam e se alimentavam das partículas de luz.

Uma risada transbordou em Amalie, espalhando-se através do círculo. Minutos se passaram e os caçadores voadores se acalmaram enquanto as partículas desapareciam. Logo restava apenas um grupo aqui e ali, rapidamente arrebatado pelas asas. Movendo-se como um só, os bandos circularam Neskaya e subiram para o céu.

Em algum lugar abaixo, no mundo material, aço se chocava contra aço, suor escorria com sangue, gritos de guerra preenchiam o ar...

— *Hastur! Hastur! Permanedal!* — O lema de Hastur, *Eu permanecerei*.

Uma figura apareceu no topo da manifestação de Tramontana, braços erguidos. O manto vermelho se debatia em ventos invisíveis. O capuz tinha sido puxado para cobrir o rosto, mas Coryn reconheceria Rumail em qualquer lugar.

Os ventos cessaram, deixando uma ilha de calma cristalina. Tão claramente como se encarassem um ao outro, o círculo de Tramontana apareceu. Coryn sabia que Bernardo e os outros estavam igualmente visíveis. Ele reconheceu cada um que estava ao lado e atrás de Rumail... Cathal, Gareth... Aran. Aran, outrora tão cheio de vida, agora trazia a aparência de um homem velho e grisalho. Ele olhava fixamente para Coryn com olhos brancos, invisíveis.

Apenas Tomas e Bronwyn não estavam no círculo de Tramontana, embora Coryn sentisse suas presenças em todos os lugares da Torre. Rumail havia tomado o lugar de Tomas como Guardião principal.

Rumail retirou o capuz de seu rosto. Parecia mais jovem do que da última vez. Coryn

se lembrava, sua pele delineada sobre ossos salientes. Com uma expressão impassível ele examinava o círculo de Neskaya. Seu olhar pairou em um de cada vez, como se nenhum deles merecesse seu reconhecimento. Quando chegou em Coryn, contudo, ele demorou-se por um instante. Seus olhos brilhavam em vermelho, refletindo a cor de seu manto de Guardiã, como se brilhassem com seu próprio fogo interior.

Queimando... sondando... a luz naqueles olhos mudaram com o reconhecimento.

No fundo do corpo de Coryn, algo cresceu, inquieto como a lembrança de um ferimento mal curado. Disse a si mesmo que não tinha nada a temer. O que quer que tenha acontecido foi há muito tempo atrás e não era mais uma criança. Era um homem crescido, um *laranzu* treinado, e estava no meio de seu próprio círculo.

Manchas escuras rodopiaram no céu cinza do Mundo Superior. Coryn lambeu os lábios, sentindo o gosto de ozônio. Uma rajada de ar frio e úmido levantou seu cabelo. Ele firmou seu contato com Demiana de um lado e Bernardo no outro e deu um profundo suspiro, preparando-se para o que temia que viesse depois.

Rumail esticou um braço. Gritou, embora Coryn não entendesse as palavras. Relâmpago, um entalhe de branco ofuscante, surgiu do céu e alcançou sua mão. Por um instante, ele se manteve ali, contudo o que quer que segurasse ou suspendesse, Coryn não podia ter certeza. Ele lembrou o velho provérbio sobre os riscos de acorrentar um dragão para assar uma carne. Certamente fogo de dragão não seria menos brilhante... ou mortal.

Rumail se moveu, agarrando-se sob o relâmpago pulsante.

— Aí vem! — Mac gritou.

Com um arremesso estranho que parecia com uma marionete, Rumail jogou o raio na direção deles.

Trinta e Oito

Mesmo enquanto o raio ainda deixava a mão de Rumail, Coryn sentiu um terrível puxão, uma onda de energia de seu próprio Guardião. Ele canalizou toda sua força em resposta. Sentiu a habilidade mental de Bernardo se moldando e percebeu imediatamente o que o Guardião estava fazendo.

Bernardo agiu no instante antes do relâmpago atingi-los. Em vez de pedra e espinhos de videira, ele bateu em um lençol mental impenetrável, levemente curvado, um espelho para as lentes da outra torre. O calor branco refletiu-se de volta. Por um longo momento, a descarga retumbou sobre os muros de Tramontana, suavizando os padrões de energia descontrolados. Então virou um chiado e uma poeira fina negra caiu. Acima da torre, Rumail desabara. O céu clareou.

— Coryn — veio a voz de Bernardo. — Temos um momento de pausa antes que ele tente de novo. Mas há um grande perigo aqui. Ele está usando forças que não pode controlar, forças que transpõem os dois mundos. Se recebermos um ataque direto aqui no Mundo Superior, temo que o resultado atravesse para o plano físico.

Os pensamentos de Coryn foram adiante. *E isso seria o equivalente a um verdadeiro ataque de laran. O dispositivo do juízo final...*

— Sim! — Bernardo concordou. — Deve ir rapidamente e desarmá-lo; ele vai destruir de fato Tramontana.

Isso daria um fim a Rumail Deslucido, Coryn pensou com firmeza. Então, com um lampejo de vergonha, ele relembrou: *Aran está naquela Torre, e Bronwyn, e Gareth, pessoas que amo*. Tão rápido quanto pôde, sem romper a ligação, ele saiu do círculo e desceu ao seu corpo físico.

Para alcançar o laboratório onde o campo de *laran* tinha sido reunido, Coryn teve que descer uma escadaria e subir por outra. Enquanto descia, ele tropeçou. Suas pernas cederam e ele teve que agarrar a corda de suporte que se estendia ao longo da parede de pedra. Ele ficou ali, engolindo em seco, dedos enrolados nas fibras grosseiras, e suando bastante na frieza do chão da escada.

Ele não estava sozinho. Algo... alguém... andava com ele, não mais oculto, mas desperto.

Rumail...

Quando os dois círculos encararam um ao outro no Mundo Superior, Rumail o reconheceu. E daí? Rumail conhecia a todos, de Bernardo, o Guardião à Amalie, dos seus anos de serviço ali. O homem ficara louco pelo poder agora, impróprio para o manto que vestira. Qualquer tolo podia ver isso.

Então o que ele, Coryn, tinha a temer? Por que tremia como um filhote órfão de *chervine* na sombra de um *banshee*?

De repente os dedos de Coryn se abriram, sem forças, no suporte de corda. Sem apoio ele caiu das escadas. Pedra, dura e fria como gelo, feriu sua carne. Como se uma mão invisível virasse a chave em uma fechadura, algo se abriu dentro dele, não apenas um estômago distendido, mas ainda mais profundo, o arrancar de sua própria essência.

Memórias invadiram sua visão, cegando-o para as paredes escuras. Como se fosse há muitos anos atrás, um corredor apareceu diante dele, composto da substância cinza do Mundo Superior. Já tinha estado ali antes, procurando refúgio de uma figura sombria. A memória mudou, dissolvendo-se tão rapidamente quanto surgira. Frio, mais fundo do que na espinha, estremeceu-o e, por um momento, ele era uma criança, balançando dolorosamente à beira da

masculinidade, torturado com as mudanças que retorciam seu corpo com o despertar de seu *laran*. Terror inexprimível o invadiu, pensamentos despidos. Ele desceu o corredor.

Sem saída deste lado... As palavras vinham devagar, pálidas e espessas. Ele se esforçou para lembrar mais. Havia um talismã, algo que o protegeria. Disparando para todos os lados, ele o procurou. Suas mãos estavam vazias, o corredor cinza era disforme. Não havia ajuda ali, ou em nenhum lugar.

Paredes o cercaram, chegando mais perto, até que não pode mais correr. Coryn tentou com o ombro empurrar para o lado, chutar para fora. Em cada vez, a substância das paredes abriam caminho, elástica, apenas para comprimir ainda mais. Estava preso, como um coelho-de-chifres no abraço de uma serpente. Sabendo isso, ele tentou se acalmar, manter o controle. Devia haver algum jeito de escapar.

As paredes se comprimiam ainda mais a cada instante, extraindo o ar dos pulmões de Coryn. O pânico o açoitava como um chicote, mas não podia mover seus braços ou pernas. Sua visão ficou escura, tracejada de vermelho. Dor lançou-se através de seus pulmões. Seus músculos se tornaram água enquanto sua força se esvaía. Incapaz de resistir mais, ele afundou no chão cinza. Aquilo o envolveu como um cobertor. Silêncio e dormência o banharam. Não podia mais lutar.

AGORA VOCÊ É MEU.

Aquela voz, aquela odiosa voz!

Pela primeira vez em sua vida, Coryn rezou para Avarra, Dama Sombria da noite e da morte. *Leve-me!* ele implorou. Sua única resposta foi o retorno do desespero.

Não há esperança.

Seu corpo físico se endireitou, ficou parado, continuou descendo as escadas. Parecia observar seus movimentos de uma grande distância.

Nenhuma esperança...

Como um pássaro branco penetrando a escura tempestade, um pensamento lhe surgiu, a imagem do lenço de sua mãe. Lembrou-se de segurá-lo em suas mãos na manhã depois que Rumail o examinara, relembando da maciez do tecido gasto entre seus dedos, o alívio acalmando seu coração.

Lembrou-se de tê-lo dado a Taniquel.

Aquela parte de mim está segura. Rumail nunca poderá tirar tudo de mim.

Em sua mente obscurecida, os olhos dela brilharam, seu queixo se ergueu orgulhosamente. Chamas azuis emergiram para cercá-la e, ainda assim, ela andava, intocável. Livre.

E assim o corpo se moveu, mais confiante a cada passo. Correu através do corredor adjacente e subiu a escadaria em direção ao segundo laboratório.

Globos cintilantes se localizavam em cada canto enchendo a sala com uma suave iluminação. Um dos novatos, um garoto da fronteira de Alton que ainda não crescera totalmente, estava inclinado sobre a série de baterias, fazendo anotações em um bloco de papel. Ele ergueu os olhos à aproximação de Coryn, seu rosto surpreso corando. Normalmente, checar a carga das baterias seria trabalho para um trabalhador mais experiente, um mecânico, mas todos os outros estavam lá em cima com Bernardo ou descansando, esgotados pelo trabalho noturno.

— Preciso de privacidade para esta tarefa.

Coryn pegou uma travessa de ferramentas com lascas de pedras-da-estrela e foi até o dispositivo coberto. Largando seu bloco de papel, a criança saiu da sala.

Coryn aproximou-se das grandes telas de matriz que formavam o próprio dispositivo. Retirou a camada tripla de seda impermeável e sentiu o zumbido familiar em suas têmporas. Luz azul se irradiou através da sala em todos os tons desde o mais pálido até um profundo azul. Cada camada do dispositivo emanava sua própria cor única e, pela maneira como os

cristais artificiais estavam ligados, elas penetravam uma na outra. Quando ele e Mac trabalhavam no dispositivo, usaram o tom daquele particular elemento como ponto de foco.

O gatilho localizado na primeira camada, o mais claro tom de azul. Como praticara por tantas horas enquanto trabalhava nas telas, Coryn deixou sua visão suave e depois turva. Visualizou-se descendo um rio. Em alguns lugares, a luz do sol reluzia na superfície da água, em outras formava poças de sombra.

Luz... segure a luz...

Suas mãos moveram-se sobre a travessa de instrumentos, as pontas dos dedos sentindo seus formatos.

O QUE ESTÁ FAZENDO? As palavras sussurraram através de sua mente em uma voz que era a sua e ainda assim não era.

O que estou fazendo? ele se perguntou, momentaneamente confuso. Sua visão clareou o suficiente para olhar a ferramenta em sua mão, suspensa sobre a grande tela radiante.

Estou desarmando... desarmando o gatilho...

QUE ARMA?

As partículas de luz do sol brilhavam quentes e claras, cegando-o. Ele ergueu uma mão para cobrir os olhos. O movimento espalhou brilho para todos os lados. Eles o circularam, e acabou ficando no centro de um anel radiante. O anel zunia com sua própria energia, enviando vibrações através de seu corpo.

Vagamente ele sentiu o estouro de um trovão e o estrépito de aço. Faíscas voaram como escudos contra uma torrente de flechas psíquicas. Coryn ficou tenso, depois relaxou enquanto a represa mortal se desvanecia.

Diante de seus olhos ofuscados, suas mãos pegaram uma ferramenta diferente. Ele circulou as telas, movendo-se através das cores cintilantes como um peixe naquele rio que imaginara.

Azul escuro... escuro e mais escuro... foi o que ele viu. Sim, ali estava! A terceira camada, formada para redirecionar a energia entrante de *laran*, surgiu à vista. A ferramenta interrompeu as conexões interligadas de energônios. Fios após fios divididos cederam.

Enfim estava pronto.

Coryn ficou olhando as grandes telas de matriz, momentaneamente confuso sobre como chegara ali. Em uma mão, segurava uma ferramenta comprida de metal que não se lembrava de ter pegado. Uma leve tremedeira vibrava ao longo de seu maxilar e antebraços. Ele esfregou os músculos, sentindo a tensão nas fibras.

Mas não havia tempo para descansar. Tramontana devia atacar a qualquer momento. Bernardo precisava que voltasse ao círculo. Tinha completado sua missão ali. Parou apenas o tempo suficiente para recolocar a ferramenta na travessa.

Coryn sentia o tumulto no Mundo Superior mesmo enquanto subia as escadas de volta ao laboratório onde os outros aguardavam. Tinha acabado de colocar o pé no espaço entre os dois lances de escadas, ao lado das compridas janelas, quando o céu acima irradiou um brilho intenso. Ozônio e o inconfundível odor de *fogo aderente* encheram o ar. O súbito choque quase o derrubou.

Agarrando sua pedra-da-estrela pendurada na corrente em seu pescoço, ele pairou mentalmente na câmara do laboratório. Encontrou o círculo ali, intacto, mas isolado contra ele. Havia formado uma ligação impenetrável, uma esfera inquebrável de poder. Para permitir que ele se unisse a eles, teriam que relaxar sua concentração e reconfigurar o padrão. Seria como quebrar uma janela aberta e Rumail atacaria no momento de fraqueza. Coryn teria que esperar até a próxima calmaria na batalha, se houvesse uma. Ele observou enquanto relâmpagos de pura energia mental desciam sobre eles.

Através do céu cinza do Mundo Superior, formas brilhantes com bordas de arco-íris

explodiam e depois sumiam na escuridão. As rochas de projeção mental da Torre Neskaya estremeciam diante do ataque violento. Vagamente, Coryn sentiu a Torre verdadeira tremer sob o açoite de energia como se fosse um ser vivo.

Aguentem! Ele enviou o pensamento ao seu próprio círculo. Não havia muita chance de conseguirem, de que seu Guardião fosse capaz de enfrentar tal força, mesmo por um instante. Coryn voltou para o mundo físico, andou até as janelas da escadaria, e observou.

A luta travando-se acima dele tinha a sensação de um empate, e um empate significaria sucesso para o exército Hastur. Eles já haviam interrompido a barreira do feitiço do medo de Tramontana. As forças de Taniquel ganhariam ou perderiam por si mesmas, aço contra aço, sem nenhuma interferência.

Talvez tudo o que era preciso agora fosse continuar firme até que Rumail gastasse sua raiva.

Isso não acabaria ali, Coryn pensou. Não enquanto Damian Deslucido comandasse com Rumail como seu braço direito. Taniquel estava certa. Os Deslucidos tinham que ser impedidos por quaisquer meios, espada ou feitiço de *laran*, necessários.

Mais daquele bizarro relâmpago silencioso cruzou o céu do lado de fora das janelas. Ele estremeceu. Aquilo o lembrava da tempestade que varrera as montanhas durante sua jornada à Tramontana. Apenas sorte e a habilidade de Rafe o haviam mantido vivo. Rafe mencionara o dom Aldaran de trabalhar com magia climática, e existia um verdadeiro medo em sua voz. Esta radiante turbulência ultrapassava o padrão climático normal. Quando abriu seu *laran* para senti-la, sentiu outras diferenças. A tempestade Aldaran tinha sido uma tentativa de reproduzir os processos naturais para os propósitos do homem. Talvez aqueles que a moldaram desejassem chuva em algum lugar e não em outro, e direcionaram ar, vento e nuvem para aquele fim.

O relâmpago acima agora parecia focado, mirado como a ponta de uma lança. Com um calafrio, Coryn percebeu que o que via não era acidental, não era vazamento de energia do Mundo Superior. Era uma tentativa deliberada de trazer a batalha para o plano físico, de usar o espaço elástico do Mundo Superior para transpor a distância entre as duas Torres. Carregava uma determinação beirando à obsessão. Ele se perguntou o que impulsionava Rumail. Ele odiava a Torre que o havia rejeitado tanto e agora procurava sua destruição? Foi uma sorte ter desarmado o campo de *laran* para proteger seus amigos de Tramontana da descarga devastadora. Neskaya agüentaria e Rafael Hastur triunfaria na batalha.

Enquanto Coryn observava, o brilho difuso acima se condensou em uma única linha, não dividida como um relâmpago comum, mas reta como uma flecha. Aquilo pendeu por um terrível instante, inteiro, preenchendo o céu com seu brilho claro, surgindo próximo ao horizonte para algum lugar diretamente sobre ele.

Um estalo ressoou através da Torre. Embaixo dos pés de Coryn, a construção estremeceu como algo vivo sendo atingido. Ele caiu de joelhos. A dor atacou suas têmporas. Ele tampou os dois ouvidos com as mãos para suavizar a dor e retirou-as cobertas de sangue. O próximo som também veio de cima da Torre, trespassando a linha da surdez; um som como nunca havia ouvido antes. Coryn o sentia através de todos os seus sentidos de *laran*. Era como se as próprias rochas gritassem, como se cada minúscula partícula fosse subitamente arrancada de seu lugar.

Gritos agora ecoavam pelos corredores. Com seus ouvidos ainda amortecidos e sua cabeça girando, Coryn não podia adivinhar sua direção. Por um horripilante momento, temeu que viessem de cima. *Tinha que ter certeza*, ele pensou enquanto se levantava com dificuldade.

Não subira mais do que um passo ou dois quando a Torre tremeu de novo, atingida por uma explosão tão forte, que o ar explodiu em seus pulmões. Sem equilíbrio, ele caiu na escadaria. Um cotovelo bateu forte contra um degrau. Dor nos nervos e depois dormência

atingiu seu braço inteiro. Seus olhos se umedeceram, embaçando sua visão. Diante dele a rocha azul pálida ondulou, como se vista através de ondas de calor. Ele piscou, tentando focalizar. As formas ondulantes se alongaram para tomar a forma de chamas.

Fogo... Fogo azul...

A mente de Coryn correu para cima, subindo as escadas.

Bernardo! Mac! Amalie!

A concentração do círculo se rompeu, as linhas interligadas de energia mental desfiaram-se como seda mal tecida. A âncora que era o lugar de Mac não era nada mais do que um ponto de escuridão. A mente de Demiana girou como uma poderosa tempestade de vento, gritando em agonia.

Coryn tocou Bernardo, sentiu o choque lancinante, o desespero enquanto o Guardião tentava unir o círculo novamente. Como se agarrasse com as duas mãos, Coryn ligou-se com o homem mais velho. A dor torturou o corpo de Bernardo. Coryn examinou a imagem astral da forma física de Bernardo e viu a grande ferida do esforço em seu coração.

Demiana! Coryn chamou.

Em um instante, a monitora examinou a forma astral de Bernardo, analisando as ondas de energia e suas relações com o corpo físico.

Ao mesmo tempo, Coryn uniu o que sobrara do círculo. Não havia sinal de Mac, exceto o ponto de escuridão. Coryn temeu que estivesse morto, mas não havia tempo para se certificar, ou de lamentar. Isso ficaria pra mais tarde... se algum deles sobrevivesse.

Ali, como no corredor, chamas de um azul tão pálido quase incolor, subiam mais alto a cada momento. Ansiosamente elas procuravam por qualquer combustível, as próprias rochas.

Gerell foi o próximo a se recuperar, a atender o chamado de Coryn. Ele saltou para a ligação e sua força fluiu para Demiana e os outros.

Momentos depois, a clara voz mental de Demiana falou:

Bernardo não pode fazer mais força. Um dos vasos que carrega sangue para o músculo do coração está bloqueado. Eu o suavizei, mas levará tempo para reparar o estrago. Se quiser viver, ele deve descansar.

Não podemos quebrar o círculo! Gerell disse. *Rumail não vai suspender o ataque só porque estamos feridos.*

Um círculo sem um Guardião... Coryn começou a protestar.

Você é nosso Guardião agora, Amalie replicou. *Para que treinou com Bernardo, se não para isso?*

Outra explosão abalou os dois mundos, físico e psíquico. Desta vez não veio de cima. Tudo ao seu redor, embaixo e em cima, enfrentava uma tempestade ainda maior. Chamas azuis, mais intensas do que qualquer fogo comum, percorria as paredes nuas e as corroía. Rochas se quebravam sob seu calor sobrenatural e se desintegravam.

Mesmo tenso, Coryn percebeu que não estavam mais sob ataque externo. Não de Tramontana. O círculo de Rumail não agira desde o relâmpago fatal. Este ataque vinha de dentro da própria Neskaya.

Quebre o círculo! Todo mundo pra fora! ele berrou. *AGORA!*

Com força, ele empurrou os outros para fora do Mundo Superior. Eles olharam aturdidos para suas próprias faces pálidas diante das chamas destruidoras. Gerell moveu-se para erguer o corpo flácido de Bernardo.

Coryn saltou de volta ao seu próprio corpo, apoiado contra a parede da escadaria. Seus ouvidos ainda retiniam e seus músculos tremiam, mas ele se forçou a ficar de pé, a voltar e cruzar o corredor. Arrastou-se subindo os degraus, tremendo de raiva agora. A face de Rumail brilhava atrás de seus olhos; Rumail que fizera essa coisa imunda e obscena com ele.

No momento seguinte, Coryn alcançou o laboratório que continha a arma que devia

ter sido para a defesa de Neskaya. As enormes telas queimavam tão radiantes quanto o sol, todas as cores banhadas de incandescente. O brilho o deixou meio cego, mas ele não precisava de olhos carnis para ver o que acontecia. Impulsionada pelas suas baterias carregadas de *laran*, a matriz vomitava uma barragem de explosões incineradoras.

E ele, Coryn, tinha feito aquela coisa.

O último ataque penetrara a defesa psíquica de Neskaya, como se tivesse essa intenção. Saiu do campo de batalha no Mundo Superior e atingiu a Torre física. Bernardo, temendo tal possibilidade, já havia despachado Coryn para desarmar o gatilho, para prevenir qualquer contra-ataque. Em vez disso, Coryn tinha posicionado o campo de *laran* para destruir sua própria Torre.

Como pode cometer tal erro? Conhecia inteiramente o dispositivo. Tinha sido projetado para prevenir tal erro.

Se não por engano, então deliberadamente? Como? Como?

A voz ecoou em sua mente, *VOCÊ É MEU.*

O corredor... O visitante sombrio, a faca abrindo seu estômago... a perturbação na alma toda vez que pensava em... *Rumail.*

Rumail implantara algum tipo de armadilha de *laran* em sua mente, naquele dia a tantos anos atrás, quando pegara um garoto confiante em um armário de lençóis com a desculpa de testar seu talento. Coryn viu aquilo tudo em um lampejo... seus pesadelos, sua suspeita do *laranzu* de Deslucido. Sentira a estranheza do que acontecera, mas não tinha idéia do que era.

Tão claramente, Coryn lembrou-se de chegar a esta câmara apenas uma fração de hora atrás. Suas mãos tinham pegado uma ferramenta, depois outra, movendo-a através dos enormes cristais artificiais. Mas não desarmara o gatilho, como pretendia. Não deixou a arma inerte. Em vez disso, desarmara a terceira camada, a que pegaria a energia do ataque eminente e a redirecionaria, amplificando-a milhares de vezes, contra seu atacante.

O relâmpago de Tramontana havia acionado o dispositivo, que então libertara sua carga armazenada ali, em Neskaya. E ele, Coryn, tinha sido o agente de Rumail para aquilo.

Coryn refreou o impulso de se jogar dentro das telas ardentes. Teria sido um instante de agonia enquanto as chamas sobrenaturais corroeriam seu corpo antes de matá-lo. Mas Rumail ficaria livre... e apenas por esta razão, ele devia viver. Viver para vingar Neskaya.

Até aquele momento, ele não sabia que era possível odiar tanto outro homem.

Se cairmos, Rumail cairá conosco.

Seu rosto se contorcia em um ricto inconsciente. Coryn correu até a série de telas. Fogo azul lavou sua face. Ele o inalou, provocando dor a si mesmo. A travessa de ferramentas estava como a deixara. Seus dedos envolveram um metal já quente a ponto de causar dor, mas ele não recuou. Enfiou sua mão dentro do inferno.

O brilho era tão intenso que Coryn não podia distinguir formatos ou cores. Ele não precisava. Conhecia o dispositivo, suas camadas e conexões, o fluxo e controle da força, como os movimentos de sua própria mão.

Na última vez que alcançara suas profundezas, tinha sido para separar, abrir caminho. Outro objetivo o guiara. Agora era sua própria fúria que pulsava através de cada movimento, enquanto reunia as pesadas conexões. Não precisava planejar, consultar, considerar. Um novo padrão emergia de sua vontade enquanto remodelava o dispositivo de defesa reflexiva para a retaliação direta.

Para o castigo merecido.

Enquanto trabalhava, o chão de pedra começou a queimar; linhas de chamas pálidas subiram pelas rachaduras. Madeira chamuscada, mobília e carpetes exalavam uma fumaça ácida. Ele tossiu, sua garganta doía.

Chamas tocaram suas botas. Couro chiava enquanto o calor queimava sua pele. Uma

voz gritou, inexprimível, irreconhecível. Além da porta aberta veio o trovão de paredes se rachando. Suas mãos não oscilaram.

Com a conexão final, a imensa carga armazenada por semanas e meses nas baterias de *laran* fluíram em um novo curso, seguindo a trilha deixada pela energia entrante. Para Tramontana... e Rumail.

Em um instante, as chamas diminuíram, mas continuaram a queimar. Seu brilho mudava, suas cores reemergiam. Vozes chamaram do corredor. Mais pedras racharam.

Tossindo, Coryn retirou-se do revestimento cristalino. Lá longe, na distante Tramontana, ele sentiu as terríveis explosões, as chamas subindo, o estilhaçar e quebrar de paredes de pedra, os gritos vindos de gargantas humanas enquanto corpos torravam ou se rasgavam sob uma chuva de pedras. Imagens surgiram em sua mente...

...Rumail gritando ordens enquanto o chão embaixo dele ondulava e desmoronava...

...as faces incolores de Tomas manchadas de sangue...

...Aran contorcendo-se em inexprimível agonia, a metade do corpo presa em uma enorme pedra de granito...

Aran! Não! O coração de Coryn se debatia em seu peito. Foi tomado pelo horror. *Aran! Lorde da Luz, o que eu fiz?*

— Coryn! — Amalie estava na entrada da porta, um braço manchado de sangue. Atrás dela a poeira se elevava. — Você tem que sair!

Suas palavras desapareceram quando uma chuva de pedras soltas caiu do teto. Uma a acertou. Ela caiu como um cervo atingido.

A armação da porta desabou, caindo sob si mesma. A longa pedra lisa do suporte caiu para o lado, cobrindo Amalie.

Coryn correu em sua direção e tentou erguer a pedra. Sua parte superior estava presa em outro pedaço maior, ou ele não teria sido capaz de movê-la. Com um puxão que distendera os músculos das costas, ele rolou para um lado, o bastante para visualizar o corpo encolhido de Amalie. Um braço estava exposto, perto o bastante para alcançar. Ele agarrou seu pulso e puxou. Ela escorregou em sua direção, no começo inerte, depois se esforçando para se soltar dali. Ajoelhando-se, ele a envolveu nos braços. Ofegante, tossindo, ela deitou sua cabeça contra seu peito, seus dedos cravados em seus braços.

Tudo a sua volta, a Torre, estava queimando, caindo. E ele sabia tão certo quanto conhecia as batidas de seu coração, que a mesma coisa acontecia em Tramontana. Ambas as Torres foram pegas pela mesma onda de destruição.

Eu... eu desencadeei isso. O pensamento veio com uma calma mortal à mente de Coryn. *E eu devo colocar um fim nisso, custe o que custar.*

Trinta e Nove

Coryn levantou Amalie. Apesar de toda a sua frágil aparência, ela não era leve, mas forte.

— Saia — ele disse, adicionando o peso de um comando mental. — Não pare, nem por mim, nem por ninguém.

Amalie abriu a boca para protestar, depois concordou. Ela podia ser forte para o seu tamanho, mas não podia arrastar um homem resistente para a segurança, não com a Torre desmoronando a cada momento ao seu redor. A melhor maneira de ajudar Neskaya agora era se manter viva e inteira, para estar pronta para ajudar aqueles que escapassem. Para seu crédito, ela não se demorou em fazer perguntas. Levantou-se nas pontas dos pés, beijou-o levemente, e saiu sem uma palavra. Ele observou-a se arrastar para fora da pedra inclinada e desaparecer entre fumaça e chamas.

Lá atrás nas fronteiras, quando Deslucido soltou o horror do pó derrete-osso, Dama Caitlin e os outros formaram uma esfera de energia de *laran* para proteger a retirada das tropas Hasturs. Agora ele devia fazer o mesmo, com a diferença de que manteria a destruição dentro em vez de fora, e estaria agindo sozinho.

Mais uma vez, Coryn inclinou-se sobre as imensas telas de matriz. Alcançou a pedrada-estrela em seu pescoço com uma mão e manteve a outra estendida, deslizando sobre a auréola radiante. Desta vez, não precisou de ferramentas de metal como intermediários. Ele mesmo entraria no centro do revestimento cristalino. Fechou seus olhos e mergulhou.

O choque o atingiu, nem calor escaldante nem frio paralisante, mas o pior dos dois. Correntes imensamente poderosas de energia fluíam das baterias e para fora. Um momento de esforço desconectou a fonte, e ainda assim a energia surgia, não mais crescendo, mas com vida própria.

Instantaneamente, Coryn foi atingido, golpeado, um pequeno objeto em uma fusão torrencial. As extremidades de sua forma mental se dissolveram. Por um terrível momento, ele perdeu todo o sentido de si mesmo como uma entidade separada. Nada existia exceto a tempestade.

Tolo! uma voz distante berrou. Tolo e três vezes tolo, por pensar que pode controlar uma matriz deste nível!

Que esperança ele tinha? O violento ataque destruía todos os propósitos, exceto o seu próprio. Desesperado, ele se soltou.

O poder o invadiu. Não era mais um homem, mas um rio de fogo azul, queimando infinitamente, devorando infinitamente. Aquilo o carregava em enormes círculos, envolvendo as duas torres refletidas. Seu corpo... sua forma... sua essência, pois não tinha mais palavras para o que era... se estendeu através de sua vastidão, como uma rede de pescador sobre o mar.

Ali, naquele mundo ainda mais estranho do que o Mundo Superior, distância e tamanho nada significavam. Chamas azuis queimavam no plano terrestre em dois locais separados, mas havia apenas uma tempestade de fogo. A única realidade era o redemoinho no qual ele viajava.

Viajava... e por graus ele via sua devastação impensada. Existia nos dois planos, dominando-os, do mesmo modo que queimava nos dois lugares. No mundo físico, ele viu as formas dos homens e mulheres correndo para escapar, enquanto as paredes sobre eles explodiam e desabavam. Ele ouvia seus gritos, inalava a carne chiando e poeira de sangue e pedras. Sentia o calor das pálidas chamas azuis.

No Mundo Superior as chamas subiam ainda mais. O que quer que tenha sido tocado

por *laran*, rocha ou mente humana, as alimentavam e abasteciam.

Sua missão era ainda mais difícil do que imaginara, pois devia enfrentar esta monstruosa tempestade em ambos os níveis. Na forma humana, mesmo ali no plano psíquico, nunca conseguiria contê-la sozinho. Mesmo um círculo completo podia não ser capaz. Seria como tentar escavar um rio transbordante com seus dois braços. Rendendo-se àquilo, ele permitiria que o carregasse, o moldasse e então se tornando parte daquilo.

Uma vez ele usou uma corda mental para levá-lo até Taniquel ali no Mundo Superior. Era uma imagem na qual ele confiava. Concentrando-se, visualizou-se como uma rede de pequenas fibras esticada até o outro lado da tempestade. No começo não era mais do que uma película, depois observou os fios engrossarem. Teias cresceram entre as fibras. No começo eram delicadas, flexíveis. Mas do mesmo modo que as mais finas ervas aquáticas criavam turbilhões em um lago, ele sentiu o efeito do crescimento. Em centenas de pequenos pontos, o fluido de energia girava e se reduzia.

Ele ficou tenso, encolhendo-se. Os fios da rede se uniram. Um momento após o outro, a tempestade aumentava em tamanho, mas não em ferocidade. Em seu centro ainda estava enfurecida, bem além de sua força. *Devia ser como segurar um dragão pela cauda*, ele pensou, *ou montar um banshee*. Um falso movimento e aquilo o destruiria. Sem qualquer esperança de controlá-la diretamente, ele devia guiar, direcionar, canalizar sua força...

No mundo real, Bronwyn ajoelhava-se sobre Aran, gritando ordens a dois homens que Coryn não podia ver. Seu cabelo fora queimado pela metade e sangue manchava seus braços. A face de Aran, sob a sujeira, estava cinzenta. A enorme pedra se moveu. Ela envolveu-o pelos ombros e o soltou...

...Bernardo, apoiando-se pesadamente no braço de Gerell, descia mancando a escadaria, parando em cada barreira de rocha caída, respirando ofegante...

Devo aguentar, Coryn pensou. *Devo dar-lhes tempo*.

Ele não poderia dissipar a tempestade. Centenas de horas de energia de *laran*, concentrada nas baterias e fluindo através do dispositivo, estavam agora fora de controle. Devia movê-la para onde fizesse menos estrago, onde nenhuma mente humana se aventuraria. Já estava ficando cansado...

Com esforço, ele se jogou de volta ao Mundo Superior, mas não onde esteve antes, entre as manifestações das duas Torres. Mais uma vez na forma humana, ele estava em um plano tão cinza e disforme que não podia distinguir o chão sob seus pés ou qualquer cobertura ou céu acima dele.

Seus professores lhe disseram que frequentemente os mortos vagavam entre um mundo e o outro, especialmente aqueles que foram arrancados da vida sem qualquer preparação. Um dos perigos do Mundo Superior era que algumas vezes seus entes queridos, dotados com *laran* suficiente para aventurar-se ali, os veriam à distância, os chamariam, correriam em sua direção. Mas não importa o quão rápido ou longe as pessoas viajassem, o ser amado recuaria em uma caça inútil e sem fim. Em algumas tristes ocasiões, a própria pessoa se perderia, sua mente vagando para sempre enquanto seu corpo definhava e morria.

Coryn carregara a si mesmo, atado à tempestade de energia, para a beira da própria terra dos mortos. Era ainda mais vazio do que imaginara. Se não estivesse tão desesperado, teria lamentado sua desolação.

Suas mãos seguravam milhares de fios, trançados dentro de um buraco impenetrável e enraizados no mais profundo centro de seu ser. Os fios se espalhavam, transpondo tempo e espaço físico. Ele puxou e o resultado rebateu o choque, quase o derrubando.

Coryn apertou ainda mais e apoiou seu peso contra a teia. Por um longo momento, nada aconteceu. As cordas deviam estar presas a uma montanha. Depois ele sentiu um leve afrouxamento. Quando tentou dar um passo para trás, o monte revidou, puxando-o de volta.

Não podia simplesmente puxar o material para dentro daquele mundo vazio, como um

cavalo amarrado arrastando um tronco caído. Embora estremecesse à idéia, ele sabia o que devia fazer. E rapidamente também, pois apesar do tempo não correr no Mundo Superior como em Darkover, cada momento que passava estreitava as chances da fuga segura de seus amigos.

Coryn afrouxou seus dedos, mantendo apenas um toque direcional nos fios da teia. Impondo toda a sua força, ele começou a encurtar as cordas, puxando-as para dentro de si mesmo. Elas cediam facilmente, embora o esforço fosse enorme. Nada que tenha feito em sua vida, nem escalar o pico mais alto nas Hellers ou combater o incêndio da floresta, tinha sido tão difícil, próximo ao impossível. A dor invadia seu corpo, junto com cada nervo e músculo, osso e tendão.

Um momento após o outro, instante após instante, ele trouxe a tempestade para dentro de si mesmo. Ele era a teia, ele segurava a teia. Ele era a tempestade, ele segurava a tempestade. Quando a contivesse inteiramente, ele, Coryn, deixaria de existir.

Com sentidos treinados, ele sentiu seus próprios canais de energônios incharem enquanto cada vez mais força passava através dele. Mas diferente dos rios em uma enchente, onde a água podia transbordar, não havia lugar para a força excedente sair.

Ele ouvira histórias sobre o clã Aldaran e seus experimentos com o controle do clima, como em uma ou outra ocasião haviam canalizado relâmpagos ou mesmo as forças magnéticas do planeta através de seus próprios corpos e morreram horivelmente como resultado. Agora ele percebia a verdadeira tolice que havia feito. Trouxera para si mesmo as energias de *laran* armazenadas em toda a série de baterias, concentradas e ampliadas através de uma matriz de nono nível. Ele, um único homem, havia se atado àquela coisa e agora não havia como fugir.

Ele morreria, sabia disso agora. Com cada momento que passava, com cada movimento dos cabos-pensamento para dentro de seu corpo astral, ele sentia os delicados canais explodindo, nós se congestionando. Seus sistemas de energia corporal já haviam começado a se fechar, em uma desesperada e reflexiva tentativa de conter as forças passando através dele. Logo, até mesmo o mínimo necessário para a auto-sobrevivência cederia sob a pressão.

E ainda assim tinha que aguentar, aguentar até que as Torres lá embaixo fossem evacuadas e os trabalhadores estivessem a salvo.

Chamas azuis subiam pelos nervos das pontas dos dedos até os ombros. Tostava a pele de suas mãos. Como *fogo aderente*, queimava ainda mais brilhante, enquanto camadas de carne caíam em brasa. O ar tremia com seus gritos silenciosos enquanto o fogo alcançava seu coração.

Taniqueel!

Sem pensar ele chamou por ela. Uma vez prometera que iria até ela através do fogo. Agora se tornara aquele fogo. Suas palavras eram como cinza no vento.

Coryn não tinha mãos para segurar o emaranhado de linha mental, mas aquilo não importava mais. Nada restara para segurar. Levava tudo para dentro de si. Na forma que era seu corpo, restaram apenas alguns fragmentos de osso carbonizado. Osso e o eco dos gritos de dor.

CORYN!

Uma voz chamou em algum lugar na distância; chamou um nome que não era mais o seu. O som vibrou através do ar, rompendo os tênues laços que mantinham o que sobrara de sua consciência.

Distante, em um aposento alto nas ruínas de uma poderosa Torre, um homem caía sobre o grupo de revestimentos de cristais artificiais. O peso de seu corpo inerte derrubou as estruturas de metal, deformando-as além do reparo. Quebrou as pedras maiores enquanto as outras deslizaram nas crateras abertas no chão de pedra.

Poeira caiu ao chão, apenas para erguer-se novamente enquanto a Torre tremia. De cima, paredes caíam. Rochas estruturais tombavam no chão, corredores e escadarias desabavam.

A forma translúcida de *laran* de uma mulher reluzia vagamente acima do homem estendido, os olhos cheios de emoção. Sua boca movia-se suavemente, mas nenhum som veio, apenas o turbilhão de pedras caindo.

Um momento depois, dois homens abriam caminho através da armação da porta. A cabeça de um estava envolta por um tecido manchado de sangue, rasgado rapidamente da saia de uma mulher. Seu companheiro ajoelhou-se ao lado da ruína da matriz e estendeu uma mão na direção do homem caído.

— *Aldones tenha misericórdia! Ele não está respirando!*

LIVRO V

Quarenta

Taniqueel balançava de cansaço na sela. Sua montaria, uma égua ossuda castanha que um dos oficiais de Rafael lhe emprestara depois que a sua caíra com uma flecha atravessada na garganta, trotava em sofrimento silencioso. Estivera viajando em direção a Acosta pelo que pareciam uns dez dias, mas fora apenas uma noite e a maior parte do dia seguinte. Poeira arranhava sua garganta e cobria sua pele. Seu cabelo se soltara depois das primeiras horas e agora caía em um chumaço emaranhado quase chegando à cintura. Seus olhos queimavam e os traços de lágrimas secas pelo vento coçavam em suas faces. Com uma mão segurava as rédeas da égua e o cabeçote da sela. A outra empunhava a adaga que Gerolamo lhe dera, embora não mais temesse ter de usá-la. Era o bastante manter-se na sela enquanto os gritos de guerra cessavam e os últimos inimigos fugitivos se rendiam.

As forças de Ambervale invadiram o acampamento Hastur esperando uma vitória fácil. *Esperando*, ela lembrou a si mesma, *que seu tio e todos os seus homens ainda estivessem paralisados pela fúria descontrolada*. Mas o feitiço cedera a tempo o suficiente para Rafael e seus oficiais se recuperarem. Os defensores, libertos de sua loucura, correram para seguir suas ordens.

Ela nunca vira a genialidade de seu tio para estratégia militar tão claramente. Com algumas ordens, simples o bastante para homens ainda confusos, e rápidas o suficiente para aproveitar o pouco tempo que tinham, ele preparou uma emboscada.

Deslucido, gabando-se do triunfo, caminhara diretamente para ela.

Enquanto o grande Sol Sangrento clareava o horizonte, iluminara um campo manchado da mesma cor. Os exércitos de Hastur e Acosta caíram sobre seus algozes como dragões cativos repentinamente desacorrentados. Após os primeiros minutos, o campo de batalha desapareceu em um furacão de poeira, de cascos voando e aços se chocando, vôos de flechas e gritos de homens e animais. Taniquel bradava alto de onde observava, empurrada apressada para o lado do *laranzu' in* e um punhado dos seus próprios homens de Acosta, que se apontavam como seus guarda-costas.

Em um ponto, a luta veio em sua direção; uma súbita mudança ocorrera tão rápido que seus guardas a afastaram. Um enorme garanhão vermelho-dourado empinava bem alto, sobre ondas de poeira. Por um momento pareceu flutuar, as patas dianteiras golpeando o ar, olhos brancos, orelhas cravadas em seu pescoço. Espuma amarela listrada de sangue cobria a ponta de seu freio. Seu cavaleiro, girando para acertar algum soldado oculto, puxava as rédeas fortemente. O cavalo perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Soldados, muitos deles nas cores de Hastur, saíram do tumulto em sua direção.

Um ajudante Hastur chegou alguns momentos depois para ver como ela estava. Taniquel berrava sob o estrondo, indicando os homens Acosta que a circulavam, lanças e espadas apontadas para frente.

De repente, trombetas soaram acima do barulho da batalha. O ajudante virou-se, o rosto apressado.

— Fique aqui, *vai domna!*

Por alguns longos minutos, a batalha continuou como antes. Então Taniquel notou um novo ritmo na gritaria.

— Hastur! Hastur! — tomava lugar repetidamente. Um dos guarda-costas apontou, — Olhe lá! Estão correndo como coelho-de-chifres!

Dentro de uma hora, o campo foi limpo. A retirada de Ambervale virou-se rapidamente em uma rota direta para as colinas. Os guarda-costas de Taniquel insistiram que ficasse junto à retaguarda enquanto o exército Hastur, agora organizado e eufórico com a vitória, arremetia atrás deles. Embora resistisse às restrições, ela concordou com eles. Homens desesperados agiam com modos desesperados, e ela não tinha o direito de arriscar a si mesma ainda mais.

Enquanto a poeira abaixava, ela avistou o cavalo vermelho-dourado caído. O animal estava imóvel, seu pescoço virado para trás. Algo parecia estar preso sob seu corpo, talvez um homem. Ela incitou sua montaria adiante, gesticulando para que seus guarda-costas a seguissem. Pouco se movia no campo, exceto pelos feridos e alguns homens Hastur.

Enquanto circulava o cavalo caído, ela reconheceu seu cavaleiro. Belisar Deslucido estava deitado ali, meio de lado. Ambas as pernas desapareciam sob o corpo de sua montaria morta. Ele segurava uma coxa com as mãos, seu rosto torcido em agonia. Enquanto ela parava, o sol nascente formou sua sombra sob ele. Ele olhou de lado.

— Você é meu prisioneiro — ela disse.

Ele concordou com uma elegância que ela não esperava dele. Ao seu sinal, homens rolaram o cavalo para soltar o príncipe. Belisar gritou uma vez, depois mordeu o lábio.

Taniquel olhou para seu inimigo sem nenhuma sensação de reconhecimento, nem mesmo prazer em sua dor. Devia odiá-lo com um ódio ardente e dominador. Devia manter cada lembrança dele, desde aquela última visão de Padrik caindo, até o riso insolente de Belisar enquanto falava sobre desfrutar a cama em sua companhia, até os momentos finais de terror na trilha. Mas não podia reunir o sentimento.

Algo corria como gelo em suas veias. Na poeira e sangue, todo o ódio pessoal tinha evaporado. O que restara, mais frio e ainda mais implacável, era o fato de que o segredo sobre o feitiço da verdade, e todos os que o conheciam, devia ser liquidado. Ela supôs ser esse o significado de ser uma Rainha, não ter nenhum propósito próprio, nenhum dever exceto com sua casta e seu povo.

Um dos homens de Acosta examinou as duas pernas de Belisar rapidamente, cuidadosamente, pressionando aqui, movendo a cintura e as juntas dos joelhos. Durante tudo isso, Belisar não emitiu nenhum som, exceto o sibilar de sua respiração através dos dentes cerrados.

— Sua perna está quebrada — o soldado disse, apontando a coxa de Belisar.

A outra perna estava, por milagre, inteira. Devia haver ferimentos internos da batida no chifre da sela, mas o soldado não podia ter certeza.

O couro fino e flexível das calças do príncipe estava manchado com sangue derramado. Seu rosto já estava ficando branco sob a camada de poeira e suor. Taniquel desceu de seu cavalo e ajoelhou-se ao seu lado. Suas pupilas se dilataram quando ela se inclinou. Por um momento, ela pensou que ele fosse escapar diante dela, mas então seus olhos clarearam.

Taniquel passou uma mão sobre a fratura. Apesar de seus dedos mal tocarem o couro, ela sentiu as ondas de dor o invadindo.

— Só quero saber uma coisa. — Ela baixou sua voz, para que apenas ele pudesse ouvir. — Essa... habilidade de seu pai. Mentir sob o feitiço da verdade. Como ele conseguiu?

A boca dele se moveu, os lábios rachados. Parecia que estava prestes a cuspir nela. Então ele balançou a cabeça.

Com um lento e deliberado movimento, Taniquel posicionou sua mão na coxa fraturada, moveu-se e apoiou seu peso. O corpo dele se espasmou, os olhos rolando em suas órbitas. Por um longo momento, ele não respirou. Os músculos de seu torso estremeceram. Ela percebeu a pressão e esperou. Não sentia prazer em sua dor, nem havia nenhuma sensação de punição em sua ação insensível, apenas de necessidade.

— Perguntarei novamente. — As palavras que vinham de sua garganta eram tão frias quanto o aço das forjas de Zandru. — Como ele conseguiu essa habilidade?

— É... é um Dom de família.

— E você... também possui este Dom?

Ele arregalou seus olhos azuis, e ela tinha a resposta. E mais, sabia a história dos antigos programas de procriação de *laran*. Era um traço genético. E era real.

Taniqueel ordenou que os homens pusessem uma tala na coxa de Belisar e o amarrasse em uma liteira, com o cuidado para que não falasse com ninguém. Não poderia ir longe sozinho e, pela sua aparência, não viveria por muito tempo. Se acaso sobrevivesse até o fim da batalha, ela decidiria o que fazer com ele. O que podia assegurar, de uma vez por todas, era que Darkover estava segura dessa ameaça.

Cornetas soaram. Vozes se ergueram em um grito triunfante.

— Hastur! Hastur! *Permanedal!*

O guarda-costas principal de Acosta, viajando à sua frente, freou sua montaria, virou-se na sela, e sorriu. Eles pararam em um círculo, ela no centro de seus guardas. Seu cavalo abaixou sua cabeça, ofegante.

Ela gesticulou para seu guarda principal.

— Descubra... eles possuem o Perjuro? Deslucido se rendeu?

Ele incitou seu cavalo cansado adiante, dentro de poeira e confusão. Taniqueel fechou os olhos, tentando acalmar o coração e suavizar o selvagem excitamento que corria como febre em suas veias. Em um momento a mensagem chegaria: se possuíam os dois, pai e filho. Sem ele e seus exércitos, o castelo seria presa fácil. Ainda haveria filhos *nedestro* para serem procurados e testados. Isso viria depois, uma vez que essa raiz defeituosa fosse arrancada. Isso seria...

TANIQUEL!

Ela endureceu na sela e apenas sua mão no cabecote a impediu de cair. Lábios secos se moveram por sua própria vontade, formando um nome, *Coryn!*

A voz dele ecoou através de sua mente, rouca e ainda assim doce como mel, como se toda a saudade e ternura de suas breves horas juntos estivessem destiladas naquele único grito. Novamente ela chamou por ele em sua mente, mas não houve resposta. Quando abriu seus olhos para a cena agora familiar de homens e cavalos, pontas de lanças surgiram acima da poeira e as Colinas Venza como a coluna quebrada de um dragão, e ela se perguntou se teria imaginado aquilo.

Acamparam ao ar livre naquela noite. Enquanto os oficiais de Rafael restauravam um arremedo de ordem, desarmando os soldados derrotados de Ambervale e isolando áreas para prisioneiros, a luz sumira do céu. Mas a noite estava branda e Taniqueel contente ao pensamento de um catre com cobertores.

Duas luas brilhavam no céu, a lilás Idriel e a pequena pérola que era Mormallor, ainda baixa no horizonte. Taniqueel se encaminhou para a área onde seu tio montara sua central de comando, marcada por bandeiras se movendo na brisa da noite. Uns poucos homens gritaram para ela enquanto estavam sentados em volta de suas fogueiras, elogiando-a como Rainha. Ela sentiu a admiração em suas vozes margeando a reverência, pequena recompensa para as questões que giravam dentro dela.

Coryn... o que podia ter acontecido com ele? Não importava quantas vezes dissesse a si mesma que tinha seu próprio trabalho a fazer, a questão que devia discutir com seu tio, e mesmo se Coryn estivesse com problemas, não havia nada que pudesse fazer, não conseguia tirar a lembrança daquele grito angustiante de sua mente.

Uma refeição tinha sido servida em uma mesa coberta, junto com uma jarra de vinho dos mesmos estoques misteriosos que cederam a tenda e o retalho de carpete. Rafael Hastur

em pessoa não estava à vista, embora um jovem ajudante se ocupasse com a tenda. Ela o reconheceu, embora tivesse esquecido seu nome. Quando ele a viu, inclinou-se e gaguejou saudações.

Do lado de fora, Taniquel sentou-se no menor dos dois bancos de campanha e forçou-se a esperar. Seu estômago roncava, pois não havia comido desde o jejum naquela manhã, mas queria dormir mais do que qualquer outra coisa. Ou descansar, pois temia que nesta noite em particular, dormir a perturbaria. Ainda não. Quando os negócios desta noite estivessem resolvidos, talvez depois.

O céu escureceu e mais estrelas tornaram-se visíveis. O ajudante acendeu tochas. As luas pairavam em sua dança silenciosa. Mormallor se posicionou e Kyrrdis nasceu para brilhar como uma jóia azul-esverdeada.

Rafael Hastur encaminhou-se para sua tenda, conversando em voz baixa com Gerolamo. Taniquel levantou-se e o reverenciou, a saudação contida de um monarca para outro. No bruxulear da luz laranja, as linhas de seu rosto, marcado profundamente pela pressão do ano que passara, corriam como gaivotas na paisagem de sua pele. Ele encheu duas taças com vinho, estendeu uma jarra para Gerolamo com um gesto para que saísse e se divertisse, e abaixou o seu copo. Enquanto sentava-se no seu próprio banco, seus olhos escuros brilhavam.

— Que dia cheio! — ele disse em uma voz rouca de exaustão. — O que realmente quero é encher minha barriga e ficar mais do que meio bêbado. — Ele pegou um naco de pão. — Mas acho que você não deixará.

— Não sou sua Guardiã — ela replicou, sorrindo apesar de seus problemas. — E se qualquer homem merece, você também pode.

Rafael gesticulou para a refeição servida.

— Divida o pão comigo e depois falaremos.

Comeram em silêncio. Comida de acampamento, embora melhor do que qualquer coisa que os homens receberiam, era seca e sem gosto. Quando terminaram, Rafael alisou sua barba.

— O que se passa em sua mente? Não estaria sentada aí tão preocupada sem razão.

Ela encontrou seu olhar, igualando-se.

— Damian Deslucido e seu filho.

— Ambos estão acorrentados. Nenhum deles irá a qualquer lugar esta noite.

— Exceto ao mais frio inferno de Zandru.

— Senhor da Luz, mulher! — ele gritou com tal força que os dois espadachins de guarda se viraram para ver qual era o problema. — O que quer de mim... que apenas corte suas cabeças e acabe com isso? Sem um julgamento?

— Para que isso serviria? — ela se arriscou, odiando o que devia fazer. — Exceto para dar-lhes uma pequena chance de fuga ou resgate. Tio — ela se inclinou, pensando em tocar seu braço para enfatizar, então se conteve — isso não deve acontecer. Se vamos exterminar todo o ninho de formigas-escorpião, devemos fazer logo de uma vez. Deslucido e seu filho estão em nosso poder. Devemos terminar o que começamos. Nunca teremos uma chance melhor.

Rafael suspirou profundamente. Ela sentiu, como um calafrio nos ossos, o quanto ele queria acabar com todo esse negócio sangrento. Estava com o espírito exausto tanto quanto o corpo, cansado de matanças, cansado de dias difíceis no campo. Cansado do esforço sem fim para manter algo de valor unido em um tempo onde cada autoridade tenta separá-lo. Compaixão sussurrava através dela e ela desejou que houvesse outro caminho.

Ele tem seu próprio fardo, que não posso compartilhar sem largar o meu.

— Talvez esteja certa — ele disse, endireitando os ombros — e deve ser feito rapidamente, antes que o calor da batalha diminua. O povo aceitará uma rápida execução

como consequência natural da derrota. Deslucido arriscou uma conquista fácil... e perdeu. Estes são os meios do mundo.

Quando encontrou seu olhar mais uma vez, a luz nos olhos dele brilhava. Músculos do maxilar se apertavam visivelmente ao longo de suas têmporas. Com uma palavra, ele chamou seu ajudante e deu ordens para que Deslucido e seu filho fossem trazidos.

— Mas primeiro — Rafael respondeu à objeção de Taniquel — Eu o ouvirei.

— Ele não é confiável — ela gritou. — Você sabe que ele jurará qualquer coisa para seu proveito.

— Ouvirei os dois. — Sua voz diminuiu o tom e ele sentou-se ainda mais ereto. — Deslucido foi testado e escolheu a tirania, mas não devemos responder-lhe da mesma maneira. Está vendo que não é o bastante derrotá-lo com a força dos exércitos ou estratégia superior? Se seguirmos nossas paixões e fizermos o que nos agrada, sem qualquer respeito ou justiça, então não seremos melhor do que eles.

— Mas ele mentiu...

Ele a calou com um gesto, e ela o viu dividido entre seus próprios ideais e a necessidade absoluta de preservar o frágil progresso de Darkover do caos. Com um calafrio, percebeu que ele não desistiria. Insistiria na justiça tanto quanto na paz.

Deslucido e Belisar foram trazidos à tenda, o pai mancando o melhor que podia com tornozelos e pulsos em correntes, o filho carregado em uma maca. Uma perna tinha sido enfaixada e amarrada a uma tala improvisada. Seus olhos, escurecidos pelo sofrimento, brilharam brevemente ao reconhecê-la.

Deslucido também parecia subjugado, seu fogo apagado. Ele ergueu sua cabeça e olhou diretamente para Rafael.

— *Vai dom* — ele disse, sem a mínima inclinação de sua cabeça. — Você ganhou o dia. Nosso povo estará ansioso pelo nosso retorno seguro. Quais são os termos de seu resgate?

— Depende — Rafael respondeu, — de como você explicar certas irregularidades de conduta.

Uma sobancelha se ergueu.

— Irregularidades? Isto é uma guerra, meu poderoso oponente, não um jogo de duelos com um código de regulamentos.

— Não me refiro ao nosso conflito atual, mas aos eventos que o precederam. A reunião do Conselho *Comyn*.

— Oh — os olhos de Deslucido se abriram um pouco e Taniquel quase pôde ouvir seus pensamentos se espalhando, se arrastando. — Está me responsabilizando pela falha do Conselho ao encontrar uma resolução amigável para evitar tudo isso? Devo lembrá-lo que o Conselho considerou os meus argumentos e que foi você quem os desafiou? Pensei que apoiava o Conselho.

— E apóio. — O tom baixo de Rafael provocou calafrios na espinha de Taniquel. — Tanto que — ele continuou — ofendo-me especialmente com qualquer ação que destrua seus princípios mais básicos. — Ele parou, como se esperasse uma reação.

A expressão de Deslucido não mudou, aquela mistura de cansaço de batalha, nobre aceitação da derrota, e arrogância implacável. Após um longo momento, ele disse:

— Está me acusando de destruir o Conselho? — Ele ergueu suas mãos algemadas em um gesto de incredulidade. — O que poderia ter feito? Eu, um recém-chegado, apresentando minha primeira petição? Pois mal conheço os outros Lordes. Está sugerindo que encontrei um meio de subornar o Conselho? *Vai dom*, certamente percebe como essas acusações são tolas e desnecessárias. Estamos em guerra e você ganhou. Não tem necessidade de provar sua honestidade ou minha própria culpabilidade.

Deslucido fez como se fosse se ajoelhar perante Rafael, mas os tremores de suas pernas impediram um movimento gracioso.

— Você triunfou no campo de batalha — ele disse, sua voz eloqüente na rendição. — Sou seu prisioneiro, ao menos até acertarmos os termos honoráveis. O que mais quer de mim?

— Algo que temo que seja incapaz de oferecer. — A própria voz de Rafael tornou-se implacável. — A verdade.

— Eu honestamente não sei do que está falando. Na reunião, todos testemunharam sob o feitiço da verdade. Você estava lá. Você me ouviu. Viu a luz em meu rosto.

— Ouvi o que ouvi — Rafael disse. — E vi o que vi. O que quero de você agora, para responder sua questão, é uma explicação de como é capaz de fazê-lo.

— Fazer o quê?

— Dizer uma falsidade deliberada sob o feitiço da verdade.

Deslucido piscou, um quadro de inocente consternação. Abriu sua boca para falar, mas nenhuma palavra saiu.

Deslucido vagou seu olhar pela tenda, como se procurando por uma forma de escapar. Seus olhos pairaram em Taniquel e tudo o que ela pôde fazer foi manter-se firme; e o olhar dele estava cheio de ódio. Sua boca se torceu, sua face corou de fúria.

— Esta... esta monstruosa acusação é tudo obra sua!

Ele virou-se de volta para Rafael.

— Não sei o que ela lhe contou, mas ela não é nada mais do que uma pequena gata do inferno mimada e manipuladora! Não se importa com nada, exceto seus próprios desejos! Dirá tudo ou qualquer coisa para causar problemas... até mesmo lançar acusações ridículas sobre seus superiores. — Sua voz tornou-se aveludada. — Você é um homem prudente e experiente, Rafael. Deve ter visto além do rancor dela até agora. Certamente não colocará suas insinuações à frente da palavra de um Rei! Jurarei perante qualquer coisa que considera sagrado que o que quer que tenha dito sobre mim é mentira!

Taniquel tremeu com o esforço do silêncio contido. Seu tio estava deixando-o continuar, tecendo uma teia da mais descarada falsidade. Ela lembrou-se como ele influenciara o Conselho *Comyn* com suas palavras melosas. *Com mais cinco minutos*, ela pensou, *conseguiria tudo deles, mesmo de seu tio, acreditando que ele era um homem honorável com apenas suas melhores intenções*.

— Conte-me, Deslucido — Rafael disse, com aquele tom devagar e raivosamente paciente — porque devo acreditar em quaisquer de seus votos, feito sob feitiço da verdade ou não? Como posso acreditar que mantém sua palavra?

— Por que ambos somos homens do mundo — Deslucido continuou, sua voz como um suave trovão dourado. — Entendemos como as coisas sempre foram, como sempre serão. Essas mulheres não têm nenhuma noção de quaisquer coisas além dos fios de seus aventais. Mas nós... nós compartilhamos uma visão do que Darkover pode se tornar. Um mundo de união e paz.

— Sua paz — Rafael devolveu. — Mas para qualquer um que se oponha a você, a paz da opressão. A paz do túmulo.

— Você me entendeu inteiramente mal. Nunca desejei nada além do bem maior para todo o nosso povo. Prometo a você...

Os nervos de Taniquel tinham sido deixados ao ponto de ruptura pelo ataque de *laran*, sua jornada através do Mundo Superior, a exaustão da batalha e depois aquele único dilacerante grito mental de Coryn. Se Deslucido proferisse mais alguma palavra apaziguadora, ela quebraria seu pescoço com suas próprias mãos.

— Agora chega! — Era o mesmo tom que usara para acordar Rafael e Gerolamo daquela confusão sob a fúria de Tramontana. — Podemos debater a noite inteira e não chegar nem perto da verdade. — Ela aproximou-se de Deslucido, um passo atrás do ponto de ataque. Chegou perto o suficiente para ver seus olhos à luz da tocha. — Você — ela apontou para ele — impediu-me de fazer a vigília adequada por Padrik. Dispensou-me com um monte de

desculpas...

— Se ofendi você... — Deslucido começou, claramente achando-a apenas uma mulher frustrada descontrolada.

— O que me ofende — ela o interrompeu — é que disse ao Conselho *Comyn* que me havia dado permissão. — Ela fez uma pausa. — Sob o feitiço da verdade.

Por um longo momento, ninguém se moveu. Do lado de fora da tenda vieram os barulhos usuais do acampamento, um lamúrio das linhas de guarda, o fragmento de uma balada, homens conversando.

Deslucido fechou sua boca, visivelmente se segurando. Rafael olhou de seus prisioneiros para Taniquel e depois voltou. Sua expressão permanecia impassível.

— Mil desculpas, minha dama — Deslucido disse — pela angústia que sofreu por este simples mal entendido. Deixe-me explicar o que realmente aconteceu...

— Nem tente! — Agora ela virou-se para Belisar, que empalideceu enquanto ela se aproximava de sua maca. — Diga a eles o que me disse... a habilidade de mentir sob o feitiço da verdade é um traço de família. Do que você o chamou? O Dom Deslucido? Você o possui, assim como seu pai...

— Não! Não! — gritou Deslucido. — É tudo um engano!

— Oh, desista, Pai — veio uma voz da maca. Belisar havia esticado sua cabeça, suas feições distorcidas pela repugnância. — É inútil, não está vendo? Eles sabem!

— Seu tolo! Cale a boca!

Deslucido virou-se tão rápido quanto as correntes permitiram. *Se não tivesse preso*, Taniquel pensou, *teria atacado o garoto, ferido ou não*. Ela captou o lampejo de uma imagem, uma doninha virando e caindo em uma armadilha. Ela lembrou-se que alguns animais rasgariam sua própria carne, mastigando até mesmo uma pata, para escapar.

Belisar gritou novamente.

— Está acabado! Eles sabem!

Deslucido jogou-se em direção à maca, esticando as mãos acorrentadas. Rafael levantou-se de sua cadeira para puxar Deslucido para trás. Um instante depois, seus homens vieram e controlaram Deslucido. O próprio ar da tenda se revolia depois que ele e seu filho foram removidos.

— Não posso deixá-los viver. — Rafael disse, seu peito subindo e descendo. — Você estava certa, sobrinha.

— Você não tem escolha.

Lágrimas de alívio arderam nos olhos de Taniquel. Ela fungou, sentindo a poeira e o aroma do medo. De Deslucido, de Belisar. De si mesma.

Apenas nós saberemos a verdade, ela pensou com uma estranha tristeza, *que Deslucido e seu filho morreram não por sua agressão na guerra, mas por sua falsidade na paz*.

Ela orou silenciosamente para qualquer deus que estivesse ouvindo, que aquele horrível segredo terminasse com eles.

Quarenta e Um

Taniqueel observou, anestesiada e sem lágrimas, enquanto o corpo de Damian Deslucido, antes Rei de Ambervale e Linn, depois Acosta e Verdanta e um punhado de outras conquistas, junto com o de seu primogênito e herdeiro, foram retirados das árvores. “Enforcados ao amanhecer” soava como alguma antiga balada, e sem dúvida uma seria composta depois disso, mas a realidade tinha sido bem diferente e ela estava feliz por não ter tomado o desjejum.

A mensagem sobre a execução tinha se espalhado pelo acampamento. Ela sentiu os sussurros mais do que os ouviu, viu os rostos pálidos e maxilares rijos dos prisioneiros de Ambervale. Ainda assim não houve sinal de censura e mais do que um pouco de alívio. Rafael Hastur seria visto como um severo vitorioso, mas também justo. E de seus próprios homens de Acosta veio a alegria da libertação, apesar da exaustão.

— Enterre-os no campo de batalha,— ordenou Rafael, — mas em túmulos sem marcações, para que nenhum homem possa dizer quem foi o soldado leal e quem foi o Rei que o levou à derrota.

Ele deu outras ordens também. Um exército de cavalaria de elite sob seu general mais experiente avançaria ao Castelo Ambervale enquanto ele próprio retornaria a Thendara. Taniquel iria com seus próprios homens para Acosta. Rafael ofereceu um esquadrão de seus próprios homens para acompanhá-la, em caso de algum exército remanescente de Deslucido provocar uma briga. Ela aceitou.

Mais tarde naquela manhã, enquanto sentava-se com seu tio em sua tenda, um dos trabalhadores da Torre se aproximou, parecendo desconfortável. *Não*, ela decidiu olhando para seu rosto impassível, *sentindo-se desconfortável*. A pele sobre sua espinha formigou.

— *Vai dom.*

O homem inclinou a cabeça para Rafael como se não estivesse acostumado a falar na presença de um rei. O que havia de errado com ele? Era um *laranzu* treinado.

— Uma mensagem chegou de Hali. *Damisela* Graciela alcançou-os com sua pedra-da-estrela. Eles perderam todo... todo o contato com Neskaya. — A leve hesitação o havia traído. Taniquel sentiu o tremor do medo atrás de sua garganta, sentiu o esforço para manter sua voz e olhos firmes. — Tememos que algo terrível aconteceu.

Oh, doce Evanda, Coryn!

— O que? O que aconteceu? — Ela se adiantou, com um pouco de medo de ver a resposta em seus olhos.

— Talvez você possa nos dizer. — Seus olhos brilharam e sua boca enrijeceu. — Foi você quem implorou que os trouxéssemos para essa batalha. Foi você quem disse que haviam encontrado uma maneira de bloquear os feitiços de *laran* de Tramontana.

— Agradeço pela mensagem — Rafael disse em uma voz que impedia qualquer protesto. — Sua preocupação com seus companheiros é louvável. Avise-me se receber mais alguma mensagem.

O *laranzu* inclinou-se novamente e se retirou. Quando já não era mais ouvido, Taniquel disse:

— Você irá para Neskaya?

Rafael parecia pensativo, mas balançou a cabeça.

— Já tenho tão poucos homens e já estamos divididos em um grupo para Ambervale, outro comigo de volta para Thendara, e ainda outro para manter Acosta com você. Não sei o que encontraremos em Ambervale, então devo separar meus *laranzu' in*. Não posso enfraquecer ainda mais meus exércitos em uma missão tola.

— Por que uma missão tola? — ela explodiu. — Você não deve proteção a Neskaya?

Ele virou-se para ela, olhos como os de um falcão.

— É uma missão tola, pois a coisa mais provável que tenha acontecido a eles é o confronto com Tramontana, então não há nada que possamos fazer por meios comuns para ajudá-los. Portanto, não nos enfraqueceremos sem um bom motivo.

Não adiantaria argumentar mais. Já vira este olhar antes, calculando se um cavalo era forte o bastante para percorrer uma distância, se uma espada podia quebrar no calor da batalha, se um mensageiro podia ser confiável. Se ela era realmente merecedora de ser *comynara* e Rainha.

Ela inclinou sua cabeça.

— Tio, sou profundamente grata por tudo que tem feito por mim e por Acosta. Como sempre, você fala com sabedoria e age com generosidade. Sabe muito mais sobre estratégia militar do que eu, então serei guiada por você.

— Você tem sido um bom aprendiz — ele disse, um pouco firme, depois mais suave. — E sou grato por ter sido capaz de ajudar. Fiz o que foi preciso pelo futuro de toda Darkover. Se qualquer um de nós tiver que sobreviver a esta época terrível, devemos reduzir os piores abusos nas disputas de *laran*, encontrar nosso caminho de um modo menos destrutivo ao acertar diferenças e... preservar o mínimo de integridade em nossos acordos uns com os outros. Quanto a isto, nosso propósito é um só. *Adelandeyo* — ele completou, dando-lhe uma reverência curta. — Vá com os deuses.

Enquanto Taniquel se retirava, ela percebeu como aquilo era verdade. Rafael Hastur podia muito bem ter ficado a salvo em Thendara. Podia tê-la forçado a ficar com ele, dependente e impotente. A expansão territorial de Deslucido podia eventualmente ter provocado Rafael a defender forçosamente suas próprias fronteiras.

Foi o abuso do *laran* que impeliu Rafael a uma ação imediata. Espalhar pó derrete-osso nas terras fronteiriças já era ruim o suficiente, embora outros antes dele o tivessem feito e provavelmente o fariam de novo. Mas mentir sob o feitiço da verdade... aquilo mexera com ele a tal ponto, que teria arriscaria tudo, até mesmo seu próprio domínio, para eliminar aquela possibilidade.

Como lhe havia dito uma noite na Cidade Oculta de Arilinn: “*Se o juramento de um homem não pode ser confiável, então não restará nada senão a força, e homens usarão qualquer arma possível. Então não haverá consideração ou impedimento, pois palavras e razão serão como pó. A única defesa serão armas ainda mais poderosas. Zandru em pessoa sabe quando isto acabará, talvez quando não restar ninguém para lutar e nada pelo que lutar*”.

Apenas por aquele motivo, Rafael colocaria qualquer coisa de lado: sua própria vida, seu reino, sua honra. Esperaria que Taniquel fizesse o mesmo.

O sangue de Taniquel corria frio e ela lembrou-se do modo como sua voz soara através dela quando questionara Belisar. Seu dever a impelira a deixar Coryn com seu destino, como se ele não significasse mais nada para ela do que qualquer outro tolo inútil. Ela se perguntou o que havia se tornado, para que pudesse até mesmo pensar desta maneira. A resposta veio, uma mistura de uma dúzia de vozes, de seu tio, de Dama Caitlin, do pai de Padrik.

Você é o que sempre foi, uma verdadeira filha para sua família e casta.

E nunca terei vida e vontade própria?

Se os deuses tivessem escolhido isso como seu destino, nunca teria nascido uma comynara.

No fundo de sua mente veio um som vago e penetrante, um grito de dor além das palavras, além do possível.

Então chegara a esse ponto, ela pensou, que como Rainha devia atender apenas a seus deveres, pensando apenas em trazer seu filho seguro a maioria e ao trono. Eventualmente, é claro, ela saberia o que aconteceu com Neskaya. Notícias chegariam a Hali

e depois ao seu tio e finalmente a Acosta. Teria sido sem dúvida alguma consequência da intervenção deles, pois haviam conseguido bloquear os feitiços de Tramontana. Talvez algum vazamento temporário de energia psíquica os mantivesse em silêncio por um tempo.

No profundo centro de seu coração, ela sabia que não era verdade. Coryn não teria chamado por ela daquele jeito, não teria a alcançado com seu insignificante *laran*, se não tivesse uma verdadeira necessidade. O que talvez fosse o pior, a incerteza era que não sabia se ele a alcançara para pedir ajuda ou para se despedir.

Uma Rainha como ela teria sido criada para nem ao menos pensar em viajar para Neskaya com Ambervale e Acosta ainda pendentes. Mas já havia pago aquele preço outras vezes.

Taniqueel parou, seus pés se enroscando em suas saias agora rasgadas. Esteban, encobrendo-a a meio passo atrás, olhou em volta, assustado. Ele tirou sua espada da bainha e olhou ao redor como se tivesse visto alguma ameaça se aproximando. Ausentemente, ela colocou sua mão em seu braço e depois andou, confiando que ele a guiasse. Ele se endireitou.

Ela sentia-se como uma cega, como se tivesse deixado alguma parte essencial de si mesma para trás na tenda de Rafael. O corpo que andava vagarosamente, orgulhosamente, as pontas dos dedos descansando levemente no braço musculoso de seu *paxman*, era o de uma estranha. Em algum profundo nível celular ela percebeu que, se viajasse para Acosta agora, se abandonasse Neskaya, certamente se tornaria apenas uma concha cega de si mesma.

Estaria se fazendo de tola, inventando mentiras no ímpeto de seu coração? Coryn a enchera de sonhos e anseios que nunca havia imaginado. Eram personagens de música e lenda, como Hastur e sua amada, Cassilda, que por amor deixou de ser deus e tomou um corpo mortal. Ela não desejara tal amor. Ela havia nascido para outra coisa, para o dever de seu sangue.

Os *crisoforos* oravam para o Sagrado Portador dos Fardos para suavizar suas próprias tristezas, mas tomavam suas tarefas por sua própria vontade. Nenhum fora prometido antes de seu nascimento para seguir aquele caminho. Nem havia, por tudo o que ouvira falar, nenhuma mulher monge entre eles. Ouvira falar de mulheres juradas para servir a Dama Sombria, Avarra, mas sabia pouco sobre elas, apenas que não se relacionavam com homens.

Coryn podia ter morrido, e com ele aquela paixão e ternura que surgia apenas uma vez na vida. Se ela se afastasse agora, fecharia seu coração para sempre.

Podia já estar morto, ela disse a si mesma. Podia sacrificar tudo o que conseguira por nada.

Eu não saberei. Não poderei saber até ir e ver por mim mesma. Ir para Neskaya significaria olhar para dentro de si mesma.

Parecia naquele momento que sua vida fora dividida como em um cruzamento. Sabia o caminho que havia seguido por toda a sua vida.

Não serei aquele tipo de Rainha que trai aqueles que deram tudo em sua causa. Não serei uma Rainha sem coração.

Ela parou do lado de fora de seu próprio canto no acampamento, o catre que era um pouco mais do que uma pilha de cobertores, muitos deles não muito limpos. Esteban olhou para ela, uma pergunta em seus olhos.

— Poderia fazer a gentileza — ela disse — de colocar a comida e minhas roupas nos alforjes? E apronte a égua castanha.

Ele encarou-a satisfeito.

— Posso saber para onde estamos indo, *vai domna*?

— Não nós, meu leal Esteban. Eu não vou... não posso... pedir a ninguém que venha comigo.

A expressão de Esteban tornou-se inflexível.

— O acampamento está bem seguro, mas não as estradas. Há desgarrados do exército

do Perjuro, sem mencionar os piores tipos de pessoas que pode encontrar em tempos difíceis onde o alcance do Lorde é curto e a moeda escassa.

Taniel ergueu suas mãos em um pequeno gesto de rendição. Ele iria com ela, ela querendo ou não, e a única coisa graciosa a se fazer neste ponto era aceitar sua ajuda. Rafael seria menos apto a mandar um grupo atrás dela se ela tivesse seus próprios guardas pessoais.

— Viajaremos para Neskaya — ela disse — para ver por que a Torre caiu em silêncio. Para oferecer a ajuda que pudermos, se necessário.

— Viajaremos com honra, então.

Taniel pensou naquilo por um momento, então concordou gravemente. Ela disse a palavra *honra*, mais para si mesma, como se nunca a houvesse falado realmente e agora soubesse seu significado pela primeira vez.

No final, não foi apenas Esteban que acompanhou Taniel, mas uns trinta homens montados de Acosta, um pequeno exército emergindo de um maior com suas próprias cores e alianças. Ela mandou o resto, junto com os de Rafael e um capitão experiente, para Acosta.

Bandeiras trazendo o emblema de águias apareceram e suprimentos foram empacotados, incluindo uma tenda para Taniel. Graciela, um pouco timidamente, ofereceu-se como dama de companhia, pois não era apropriado para uma mulher, mesmo uma Rainha guardada por seus próprios homens armados, viajar desacompanhada. Taniel aceitou, não apenas pelo bem de uma propriedade com a qual não mais se preocupava, mas porque as habilidades de Graciela poderiam ser úteis quando chegassem a Neskaya.

Os quilômetros se passavam com uma lentidão enfurecedora, pois o exército maior movia-se mais devagar em seus cavalos equipados para a guerra. Uma noite acamparam sob as estrelas e Taniel caiu no sono logo que se deitou. No dia seguinte, alcançaram um pequeno vilarejo comercial perto de um rio. Taniel foi com Esteban barganhar com um fazendeiro por pão e grãos para suas montarias. Ela pediu notícias da estrada adiante.

— Eu não iria naquela direção — o fazendeiro disse, olhando-os com uma suspeita crescente. Ele recusou-se a falar diretamente com Taniel e claramente a julgara uma mulher imoral e Esteban um tolo usador-de-sandálias por não tratá-la adequadamente. — Meu primo de duas fazendas adiante disse que encontrou um negociante que lhe disse haver guerras de feitiços pelo caminho de Neskaya. Construções de pedra pegando fogo, como aconteceu em Valeron nos tempos antigos. Meu avô me contou como os bruxos podem fazer rochas sangrarem e rios falarem. Eu penso que são como os feitos de Aldaran e quero ficar bem longe daquilo.

Esteban agradeceu ao homem, pagou-o, e foram embora.

Construções de pedra pegando fogo... As palavras ecoaram na mente de Taniel enquanto mordiscava o pão, misturado generosamente com nozes e pequenas sementes adocicadas. Esteban sentou-se em sua própria montaria, olhando fixamente para frente, dando-lhe o máximo de privacidade que podia.

Através da água você veio até mim. Através do fogo eu irei até você.

Ele tinha tentado, e chamado, e falhou por que ela não pode responder? Ela queria cravar os tornozelos no lombo da égua castanha e cavalgar diretamente para Neskaya.

Quarenta e Dois

O dia nublado envolvia a cidade de Neskaya e seus arredores em uma estranha bruma cinza-azulada. Embora pequena, comparada a Thendara, a cidade era bem mais antiga. Diziam ser uma das primeiras habitações humanas, suas origens ocultas pelo tempo e pelas lendas.

Enquanto Taniquel viajava através das cercanias, com Graciela de um lado e Esteban do outro, sentiu como se estivesse voltando através da história, passando por emaranhados de construções novas e velhas, largas alamedas que repentinamente se estreitavam, jardins murados e casas tão antigas que pareciam se manter em pé apenas por serem construídas tão próximas umas das outras. Poucas construções tinham mais do que dois andares, portanto ela esperava ver uma Torre erguendo-se acima delas, mas mesmo à distância, o que havia era apenas a cidade.

Proprietários de armazéns e estalagens saíram para vê-los passar. Crianças, consideravelmente menos esfarrapadas e melhor alimentadas do que os moleques de rua de Thendara, corriam pelos lados. Ao contrário de seus colegas de Thendara, eles não mendigavam, apenas gritavam em alegria.

Taniquel parou em um dos estabelecimentos mais afastados, uma estalagem com estábulos. O proprietário encarou-a, juntamente com os homens armados que a acompanhavam.

— Há quaisquer notícias da Torre Neskaya? — ela perguntou, depois de alguns comentários preliminares sobre o tempo, a estrada e a colheita de aveia.

Os olhos dele haviam saltado para as bandeiras de Acosta. Havia pouca brisa, portanto o emblema de águia permanecia escondido, mas claramente não eram o azul e prata de Hastur.

— A Torre? O que tem? — ele disse rudemente. — Quem quer saber?

Esteban gesticulou para que continuassem. Eles saberiam cedo ou tarde.

Não se aprofundaram muito mais na cidade quando dois guardas de olhares severos os saudaram com espadas em punho. Seus olhos vacilavam de Esteban, que pela sua posição e vestimentas era claramente o líder, para o corpo de soldados de Acosta, e depois para Taniquel. Estavam se perguntando que tipo de expedição era aquela: um grupo de austeros homens armados em cores estranhas, demais para a guarda de honra de uma dama, e com o cheiro de batalha e sangue seco ainda neles.

Um dos guardas adiantou-se e perguntou o que faziam ali. Esteban olhou para Taniquel, pois não era dele a decisão de revelar seu nome e posição. Era dela o risco de ser tomada como refém ou de tornar-se um alvo para simpatizantes de Ambervale.

Taniquel percebeu a conduta do guarda, a súbita tensão em seu rosto. *Algo está acontecendo aqui.* E ela não chegara tão longe para tremer em sua missão, para esconder-se detrás de algum pretexto.

— Viemos do exército de Rafael Hastur, segundo no nome, para nos informar sobre o bem-estar da Torre Neskaya e oferecer qualquer ajuda em caso de necessidade. — Sua inflexão formal deu exagero às suas palavras, o que era sua intenção.

A boca do homem abriu-se levemente, seu olhar vacilando de Taniquel para Graciela, sentada com uma firmeza quase inumana em seu cavalo, como se estivesse vendo as duas mulheres pela primeira vez. Naquele momento, a expedição de Acosta mudara de uma força militar para uma escolta apropriada. Engolindo em seco, ele se inclinou.

— Meu perdão, *vai leroni* — ele disse, abaixado. Gesticulou para que seus homens guardassem suas armas.

Taniqueel percebeu que ele a confundira com uma *leronis*. Nenhuma das duas usava mantos que as identificariam como trabalhadoras da Torre, mas haviam claramente viajado muito e com dificuldade. Mesmo a mais digna *leronis* podia parecer desarrumada em uma viagem. Engenhosamente, ela ergueu seu queixo e modulou sua voz como vira Caitlin fazer inúmeras vezes.

— Qual é a situação?

— É ainda pior do que pensávamos quando a Torre caiu pela primeira vez. — A voz do homem tremia. — As pedras continuam queimando e queimando, tanto que os trabalhadores de resgate não conseguem alcançar os sobreviventes soterrados. Não que esperemos algum. Há tantos feridos horivelmente, que foi um milagre alguém ter conseguido sair vivo. Dama — ele olhou-a com medo brilhando em seus olhos — Já vi o que uma espada pode fazer ao corpo de um homem e já ouvi falar do *fogo aderente*, como tudo o que toca deve ser cortado fora ou ele queima a carne e osso até não deixar mais nada. Mas aquelas chamas... elas se alimentam da própria rocha. E... eu não sei, sou apenas um homem comum, não devia ter dito tudo isso. Vocês são mulheres inteligentes e sabem mais do que eu.

— Leve-nos até lá.

Taniqueel não podia nem ao menos pensar um momento adiante, não podia deixar-se imaginar o que encontraria. Eles continuaram por uma rua através de uma área aberta onde mulheres vendiam vegetais e flores em carroças, passando por casas abastadas. Jardins desciam para um córrego arejado e do outro lado havia uma enorme pilha de escombros. Graciela deu um pequeno grito e cobriu sua boca.

Em alguns lugares, as pedras queimavam, do jeito que o guarda dissera. Era difícil dizer sua cor natural, pois as chamas que bruxuleavam em suas superfícies rachadas ou vinham de crateras entre elas eram de um azul sinistro. Aqui e ali, uma figura de manto movia-se sobre o cascalho. Um pavilhão tinha sido erguido na margem, repleto de corpos esmagados, e havia vários outros naquele lado do córrego. Duas figuras em roupas comuns corriam em direções opostas através da ponte.

— Quem... — Taniquel moldou a palavra e por um angustiante momento nenhum som saiu. — Quem está no comando? Quem é o Guardião?

— Venha — disse o capitão da guarda. — Eu a levarei até ele.

Ele liderou o caminho até o pavilhão mais próximo. Uma mulher em um manto branco de monitor, rasgado e com manchas de sangue seco na coxa e nas duas mangas, endireitou-se de onde estivera inclinada sobre um catre. Com olhos tão escuros parecendo hematomas, ela olhou para Taniquel e Graciela, que desceu de seu cavalo e correu adiante.

— Demiana!

— É Graciela de Hali? — a monitora gritou. Ela se adiantou e tocou as pontas dos dedos de Graciela com as suas. — Como... como... alguma mensagem conseguiu atravessar? A ajuda está a caminho?

Com um sobressalto, Taniquel percebeu que aquela esguia mulher de cabelo vermelho estava no comando, a senhora de todos os trabalhadores da Torre. *Onde está Coryn?*

Graciela balançou a cabeça.

— Não, soubemos apenas que Hali não conseguiu alcançá-los. Edric, Buthold, Jerred e eu estávamos em campo com Rei Rafael.

— O ataque de Tramontana...

— Foi contido a tempo. Tivemos sucesso, pelo qual sempre estaremos em dívida com vocês. — Taniquel desmontou e andou alguns passos até a *leronis* de Neskaya.

Demiana olhou inquisitiva para Graciela.

— Sou Taniquel Hastur-Acosta, sobrinha de Rei Rafael e amiga de Coryn de Neskaya. Os olhos de Demiana se arregalaram.

— A Taniquel de Coryn?

— A própria — disse Taniquel. — Onde está ele? Está...

Uma emoção obscura e irreconhecível passou pelas feições de Demiana.

— Ele ainda vive, se é que pode se chamar de vida. Por enquanto, pelo menos. — Ela gesticulou para trás. — Aqui temos aqueles que podemos transportar em segurança, pessoas nossas e aqueles cidadãos que estavam perto o bastante para serem feridos. — Seus olhos foram até o pavilhão do lado oposto do rio. — Coryn está lá, junto com Bernardo e outros três que não ousamos mover.

— Bernardo...? — A voz de Graciela possuía um medo real, que Taniquel via pela primeira vez.

— Um ataque do coração — disse Demiana. — Deve se recuperar com repouso e cuidado. Se achasse que ficaria melhor, eu o teria carregado para a cidade, pois muitos abriram suas casas para nós. Mas ele apenas se irritaria, portanto deixei-o onde estava. — Ela suspirou. — Venha comigo, Lady Taniquel. Levá-la-ei até seu Coryn.

Apesar de todas as suas fibras quererem correr, Taniquel ficou por um momento para pedir que Esteban contatasse os anciões da cidade para ajudar nos problemas dos civis e oferecer assistência. Depois ela correu atrás de Demiana e Graciela através do córrego.

Aproximando-se dos escombros que antes fora algo graciosamente maravilhoso de se olhar, Taniquel estremeceu por dentro. De perto as chamas exalavam calor. Por um momento, pensou que fosse o azul translúcido da pedra que dava às chamas aquela tonalidade. Aqui e ali, onde as rochas queimavam por baixo como pedaços de madeira transformados em brasa, sua superfície brilhava tanto que doía olhá-la por muito tempo.

Demiana apresentou Taniquel brevemente para Bernardo, Guardião da Torre Neskaya. Ele trazia uma inconfundível autoridade nas feições emagrecidas e escuras ao redor dos olhos assombrados. Para alívio de Taniquel, ele não tentou se levantar, embora as mãos se mexessem nos lençóis amarelados de musselina.

Quando Demiana disse: “*Esta é Taniquel de Coryn*”, Bernardo sorriu. Num impulso, Taniquel ajoelhou-se ao lado de seu catre e pegou uma de suas mãos. Apesar da palidez de sua pele, a mão estava quente, um bom sinal, ela pensou.

— Não se desespere, minha criança, e não se culpe — ele disse em um sussurro.

— O que quer dizer? — Taniquel perguntou com um coração repentinamente acelerado.

— Já é o bastante — Demiana disse. — Ele precisa de força para si mesmo — lançou um olhar em direção ao homem mais velho — não para conversar.

Erguendo-se, Taniquel perguntou a Demiana:

— O que ele quis dizer?

— Coryn está ali. Ou o que restou dele.

A *leronis* apontou para o lado oposto, que tinha sido isolado com finos lençóis pendurados sobre cordas. Algo produzia sombras sobre o tecido drapejado. Demiana não tentou impedir Taniquel enquanto ela passava entre as cortinas.

O ar na pequena câmara era parado e aquecido, fechando-se na garganta de Taniquel. Um homem estava deitado em um catre de lençóis dobrados, pés virados para ela. Seus braços estavam arrumados ao lado de seu corpo, as pernas espalhadas desajeitadamente na inconsciência. Um trapo de pano tinha sido enrolado em sua cintura, caso contrário estaria nu. Não podia ver seu rosto, pois estava sob um emaranhado de cabelo castanho-avermelhado. Apenas o peito se movia, erguendo-se hesitantemente em uma respiração leve e irregular.

Por um longo instante após o outro, Taniquel ficou imóvel, olhando para o brilho azul-claro das manchas que cobriam o corpo exposto do homem. Ela estremeceu e inalou o suave cheiro de cobre queimado.

— Coryn? — Taniquel caiu de joelhos ao lado do catre.

Olhou para a mancha mais próxima. Era como olhar para dentro das profundezas de

um forno onde brasas ainda agarravam-se à vida. Quando ergueu a palma de uma mão e tocou gentilmente sua pele nua, esta era macia e elástica. Ela pensou em *fogo aderente*, como continuava queimando até ser cortado fora ou até quando não houvesse mais nada para consumir. Mas aquilo era outra coisa, talvez um tipo de *fogo aderente* de *laran*. Azul era a cor das pedras-da-estrela, do fogo de pedra que envolvera uma Torre inteira.

Ela virou sua cabeça levemente ao som de roupas se arrastando. *Demiana*.

— O que há de errado com ele? Vocês não podem... retirar as chamas?

— Nós tentamos — a *leronis* disse em uma voz vazia e distante.

— O que Bernardo disse, “*Não se desespere...*”? *Demiana*, se não é verdadeiro desespero, então está perigosamente perto.

— Nós tentamos — *Demiana* repetiu severamente. — O que você vê... este fogo... não pode ser extinto do lado de fora. Na batalha, ele levou uma descarga através dos canais de energia de seu corpo. Levou-a para algum lugar, além de todos os alcances conhecidos do Mundo Superior. — Ela parou, visivelmente tentando se controlar. — Achemos que ainda está lá ou talvez já tenha perecido e tudo o que vemos são os reflexos automáticos do corpo, a maneira como o coração deve continuar a bater por um tempo, mesmo quando o espírito já se foi.

— E você... o que você acha? — *Taniquel* perguntou.

— Se quer saber, acho que é muito tarde. Acho que ele morreu para nos salvar. Sou a *leronis* mais forte aqui — *Demiana* disse sem se gabar, apenas exprimindo um simples fato — e não consigo nem ao menos alcançá-lo. — Ela afastou as cortinas. — Eu já disse adeus. Deixo você para dizer o seu.

Com medo de mudar a posição de *Coryn*, mesmo o ângulo de sua cabeça e ainda querendo, precisando, ver seu rosto, *Taniquel* foi para o outro lado do catre. Sua face estava lisa, a pele clara e firme, os olhos fechados com uma expressão de paz. Imediatamente, ela teve a sensação de como ele parecia familiar e ainda assim estranho. Havia tanto que não sabia sobre ele. Tanto que queria dizer.

Ela se perguntou se ele a ouviria, se ela falasse. *Caitlin* havia dito uma vez que as pessoas podiam ouvir e ver mesmo no sono, embora não se lembrassem. Tudo que uma pessoa vive estava impresso na energia corporal, mas especialmente as palavras de alguém muito amado. Ela e *Taniquel* estavam no castelo da Cidade Oculta, e ela estava falando sobre seu pai, em como ele entrou em coma depois de uma série de derrames, e como ela se sentou ao seu lado, contando-lhe sobre quem ela se tornara, sobre o que havia feito da vida que ele lhe dera.

— *E quando terminei, quando disse tudo o que havia em meu coração para dizer, ele morreu.* — Não havia auto-acusação nas palavras de *Caitlin*, apenas uma sensação de integridade e aceitação.

Mas eu ainda não disse tudo o que há em meu coração para lhe dizer, Coryn, *Taniquel* pensou. *Ainda nem comecei. Onde você foi? Por onde devo seguir, para alcançá-lo?*

Ela tomou sua mão entre a dela. Apesar de seu corpo ter sido banhado, poeira ainda se prendia em seu cabelo e pedrinhas sob suas unhas. Havia alguns arranhões cicatrizados na palma e nós dos dedos. A mancha em seu ombro bruxuleava levemente.

Num impulso, ela inclinou-se para tocar seus lábios nos dela. Pensava, sabendo que irracionalmente, que se apenas pudesse colocar bastante paixão, bastante ternura naquele beijo, de algum modo ele responderia. Aonde quer que estivesse, ele queria voltar para ela, ou o faria se soubesse que estava ali. Disso ela tinha absoluta certeza.

Não houve a mínima resposta enquanto se endireitava, nenhum movimento de seus lábios sob os dela, nenhum aumento naquela respiração tão leve, nenhuma agitação de pestanas. Ela ficou ali sentada pelo que pareceram horas, perguntando-se o que fazer depois.

Devia ser possível alcançá-lo. Não ousava pensar diferente.

Como em um sonho, sua mão moveu-se para o decote de seu vestido e escorregou entre seus seios, onde carregava o lenço que ele lhe dera. Ela tremeu, lembrando-se dos avisos que lhe foram dados, as histórias de pessoas vagando perdidas até que seus corpos perecessem. Ela tinha algum direito de se arriscar, quando o futuro de Acosta dependia dela?

Mas naquele momento, ela colocara sua coroa de lado. Não era mais Taniquel Hastur-Acosta, Rainha e Regente de Acosta, sobrinha de Rafael Hastur, segundo no nome. Era simplesmente Tani, que esteve perdida e depois encontrada em mais do que uma maneira.

— *Vai domna?* — veio uma voz suave.

Taniquel endireitou-se para ver uma mulher mal saída da juventude, sua face magra envolta por um cabelo amarelo frisado, passando entre as cortinas. Vestia o manto branco de um monitor. Com uma graça flutuante de uma dançarina, ela se aproximou e ajoelhou-se ao lado de Coryn. Olhos cinzentos equilibrados encontraram os de Taniquel. Olhando mais de perto, ela não era tão jovem, como também era quase assexuada, com apenas seu queixo estreito e sua cabeleira clara sugerindo feminilidade.

— Então você é a dama de Coryn — ela disse. — Demiana disse que chegara, mas não que era tão bela.

— Sinto muito — Taniquel disse. — Não a conheço.

— Oh! Sou eu que devo me desculpar. Sou Amalie, mecânica de matriz em Neskaya, ou devo dizer era. Estou fazendo o trabalho de monitora novamente, pois há muitos feridos. — Ela olhou para o corpo de Coryn de um modo que Taniquel soube que fora ela que o banhara e o deitara daquele jeito.

— Se eu tocar — Taniquel apontou para a mancha de azul enfumaçado — aquilo passaria para mim? Estão mudando, crescendo?

Amalie puxou seu cabelo para trás com uma mão e balançou sua cabeça.

— Não. O que você vê é uma projeção externa de um evento que é essencialmente energético, não material. As... chamadas, se prefere assim... estão na maioria concentradas sobre os nós de energônios, cuja função como capacitores... — ela parou. — De novo, me desculpe. Não é o que você precisa ouvir.

Como pode saber disso? Taniquel se perguntou enquanto procurava os olhos da outra mulher. Ela sentiu um leve toque de dedos nas costas de seu pulso.

— Ele se foi para onde nenhum de nós pode seguir. — As palavras de Amalie saíram devagar, como um cântico fúnebre.

— Para dentro do Mundo Superior? Mas você conhece... você é treinada... — Taniquel gaguejou.

Amalie balançou sua cabeça.

— Nós procuramos até o máximo que ousamos ir.

— Então devem ousar ir além. Ou se não puderem... — Taniquel engoliu em seco. — Uma vez fui ao Mundo Superior porque estava desesperada e sabia que apenas Coryn podia me ajudar. Agora ele precisa de mim do mesmo jeito. Tenho que tentar. É o mínimo que posso fazer por ele. Você me ajudará?

Os olhos cinzentos se abriram um pouco mais.

— Não conseguirá.

— Por que, por que sou uma mulher e, portanto, fraca? Por que não tenho treinamento, nem talento? — Taniquel esbravejou.

— Não — Amalie disse, erguendo suas mãos em um gesto de calma. — Porque ninguém pode.

— Mas eu não sou ninguém! — As palavras de Taniquel penderam no ar como um desafio. Ela se segurou, suavizando sua voz. — Peço que me ajude no Mundo Superior. Já estive lá uma vez. Sei o quanto é assustador e confuso. Você pode estar certa, posso não

conseguir, posso até mesmo não sobreviver. — Lágrimas surgiram, rapidamente derramadas. — Por favor. Deixe-me tentar.

Depois de um longo momento, Amalie disse com um leve balançar de sua cabeça.

— Devo estar tão louca quanto o burro de Durraman para até mesmo considerar tal coisa. Mas devo minha vida a Coryn e se há qualquer coisa que não tenha feito para ajudá-lo, eu a farei.

Ela voltou depois de alguns minutos com o braço cheio de travesseiros, que espalhou ao lado do catre de Coryn. Taniquel estava secretamente aliviada de não ter que se separar fisicamente dele. Ela deitou-se enquanto Amalie a cobria e colocava cobertores sob seus joelhos e nuca.

— Irei com você até a parte conhecida do Mundo Superior — disse Amalie. — Sabe que a distância não tem significado ali, nem o tempo. Achamos que Coryn esteja perdido, ou tenha ido deliberadamente, dentro da sombra dos mortos.

Taniquel concordou, engolindo em seco. Amalie ajeitou o travesseiro sob sua cabeça.

— Você deve encontrar pessoas ou sentir a sua presença de longe. — A monitora pressionou seus lábios, deixando-os quase brancos. — Alguns deles estão mortos, vagando por ainda não aceitar sua passagem. Especialmente quando sua morte foi súbita ou violenta. Podem parecer assustadores, mas não têm poder sobre você. Podem ferir-la apenas se você acreditar que podem. Uma coisa que não deve fazer, não importa o que veja, é correr atrás deles. Esta é a única coisa que realmente a destruiria.

— Você quer dizer... qualquer um, exceto Coryn.

Amalie balançou sua cabeça.

— *Especialmente Coryn.*

— Não entendo. — Taniquel ergueu-se nos cotovelos. — Se não for até ele, como conseguirei... — Amalie empurrou-a para baixo.

— Eu lhe disse que a distância não é importante no Mundo Superior, mas o amor é. Confiança é. Não podemos contatá-lo com nossas mentes, não importa o quão bem treinados e poderosos. Você... — com a ponta do dedo posta gentilmente como asas de borboletas nos lábios de Taniquel. — ... você deve ser a única que pode alcançá-lo.

Quarenta e Três

Antes de fechar os olhos, Taniquel alcançou as dobras de seu corpete e fechou seus dedos ao redor do lenço amarrotado que Coryn lhe dera. Ela o havia mantido assim, perto do coração, muitas vezes, desde que Coryn o havia dado no jardim. O tecido fora antes muito fino, o bordado feito com habilidade e delicadeza. Seu desgaste e modelo sugeriam que viera de sua mãe ou avó. Algumas vezes ela quase sentiu a alusão de um aroma, doce e aromático como de sempre-vivas. Mas mais do que isso, ela sentiu, não, ela soube, com toda a certeza indescritível de seu *laran* empático, que com aquele pedacinho de tecido, Coryn lhe havia confiado um pedaço de sua alma. Não havia nenhum lugar que ele pudesse ir que ela não pudesse segui-lo, se apenas tivesse a coragem.

Taniquel foi levada pelos murmúrios rítmicos de Amalie e pelo toque sedoso em sua testa. Seu corpo parecia pesado, afundando no monte de cobertores e travesseiros. Ao mesmo tempo, alguma outra parte dela parecia leve, como um pássaro ansioso para voar.

As palavras de Amalie tornaram-se um eco abafado, como se ouvidas através de um longo túnel. Taniquel não mais sentia a cama embaixo dela, as dobras de seu vestido, a pressão de suas botas contra dedos e sola.

Em um instante, estava de volta ao Mundo Superior. Ela sentiu o lugar, tão claro quanto o aroma metálico no ar antes de uma tempestade de trovão. Abriu seus olhos para a vastidão cinzenta. O céu plano e disforme e o horizonte sem fim a saudaram. Um dia ou um século podia ter se passado sem perceptível diferença. Apenas ela havia mudado, embora seu corpo e vestido parecessem exatamente como antes.

— Taniquel. — Amalie estava a alguns passos atrás, seu cabelo voava em uma auréola solar. Vestia um vestido verde fino que parecia em constante movimento. Quando Taniquel levantou-se, Amalie apontou para trás dela.

Taniquel virou-se para ver uma Torre feita de vidro, quase transparente contra o céu cinza. Apenas uma vaga ondulação, como ar emanando da terra no Dia do Solstício de Verão, indicava que havia alguma coisa ali afinal.

— A Torre Neskaya — Amalie disse — ou tudo que restou do que criamos aqui. — Ela soava cansada e triste. — Agora é mais lembrança do que qualquer outra coisa.

— Para onde devo ir daqui? O que devo fazer?

Amalie balançou a cabeça.

— Vá para onde for chamada, ou fique aqui, não faz diferença. Eu... — sua voz sumiu por um instante — Desejo-lhe sucesso. Você não é a única que ama Coryn, mas é a nossa única esperança. — Depois ela desapareceu.

Taniquel estremeceu, lembrando-se de sua última incursão ali e das figuras sombrias que vira antes que Coryn a resgatasse. Tinha ficado bastante assustada. Agora ela tinha alguma idéia do que esperar, algum aviso de que distância nada significava, apenas intenção. E se não achasse Coryn, se ele não pudesse voltar com ela, não tinha certeza do que faria.

Ela segurou o lenço, que de algum modo mantinha sua forma original. Pressionando-o entre suas mãos, ela chamou seu nome e esperou.

No começo, nada pareceu acontecer. Céu e terra sem nenhum sinal de tempo passando. Depois de um momento, percebeu que a Torre desaparecera, ou ao menos se tornara tão invisível que ela não mais notava nenhum sinal de seus contornos. O ar ficou mais frio.

No horizonte a sua direita, uma forma indefinida apareceu, rapidamente crescendo em tamanho como se corresse em sua direção. Pelo que via, era um grupo de pessoas. Enquanto chegavam mais perto, seu número variava, algumas vezes meia dúzia de indivíduos, algumas

quatro, outras vezes vinte. Vestiam mantos cinzas esvoaçantes e capuzes que ocultavam suas faces, ou talvez fosse sua própria urgência que modificava sua visão. Esquecendo o aviso de Amalie, ela chamou o nome de Coryn novamente e correu na direção deles.

Quanto mais rápido corria e quanto mais rápido as pessoas vinham em sua direção, ainda mais longe pareciam estar. Se ao menos ela corresse mais rápido, com certeza os alcançaria.

Apenas um pouco mais...

Ela quase podia sentir o vento de sua passagem. Cada músculo ansiava por mais velocidade. Seu cabelo chicoteava atrás dela e seus pés deslizavam sobre o chão, macio e frio como uma única e inteira pedra de ardósia polida.

De repente, uma das figuras passou correndo como se ela estivesse parada. Ela quase não a notou, apenas o bastante para perceber a face de uma mulher, olhos brancos e imóveis, boca distorcida em um uivo inaudível. O resto, corpo informe, membros, cabelo como nuvens despedaçadas, estava embaçado.

A expressão de desespero absoluto na face da mulher chocara Taniquel. Ela parou, quase se desequilibrando. Não podia pensar no que a figura era: uma pessoa morta, eternamente perdida em confusão, ou uma pessoa viva como ela mesma? Até aquele momento, não percebera o terrível risco de estar ali, como era ignorante sobre aquele lugar e seus perigos.

— Oh, Coryn, Coryn...

Seu nome saiu como um soluço. Taniquel queria jogar-se para baixo e se entregar ao fracasso. Uma vez ele a encontrara naquele turbulento cinza eterno. Ele viera para resgatá-la. Agora era ela que devia encontrá-lo.

Mas como? Ela ergueu sua cabeça, segurou firme o lenço, e esperou.

Mais duas figuras se aproximaram, uma em um manto que devia ter sido vermelho, mas estava tão fino e transparente que parecia o mais claro rosado. A face do homem que o vestia era do mesmo modo transparente, e ainda assim parecia vê-la. Ele diminuiu seu passo, olhos procurando os dela. Ela não o conhecia, embora ele parecesse procurar por algum reconhecimento. Balançando sua cabeça, ele continuou. A uns poucos passos atrás uma mulher o seguia. Sua face brilhava com lágrimas e ela erguia os braços na direção dele. Seus lábios moviam-se em um lamento inaudível.

Agora a confusão de figuras tornara-se mais visível e mais numerosa. A maioria deles se separara do grupo e passou por Taniquel. Muitos deles não deram sinal de que a notaram. Um homem, apesar disso, parou. As cores de seu cabelo e rosto eram mais fortes do que de qualquer um dos outros, como se ele queimasse com um fogo interior. Vestia um manto vermelho de Guardiã, o tecido sujo de fuligem. Quando a viu, sua face escureceu, e ele franziu a testa sobre os olhos lancinantes.

Ela conhecia aquele rosto...

Rumail! O irmão *nedestro* de Damian Deslucido, o *laranzu* renegado! Por um terrível momento, Taniquel quis correr, se esconder. Era dele a voz que a ameaçara do lado de fora de Tramontana no Mundo Superior, e dele tinha sido a mente que a sondara quando foi prisioneira em sua própria casa.

Ela ergueu seu queixo enquanto lembrava-se das palavras de Amalie. Os mortos não tinham poder para feri-la a menos que o permitisse. Ainda assim, ela recuou quando ele cuspiu e disse-lhe uma palavra tão obscena que ela nunca havia ouvido antes, nem mesmo na armaria de Acosta quando ninguém sabia que ela estava ouvindo.

— Você! — Ele fez um gesto amplo para indicar os arredores e por um instante, Taniquel viu as linhas incertas do cascalho. — Isto tudo é culpa sua! Garota arrogante vinda de um buraco insignificante! Devíamos tê-la matado junto com seu marido inútil, ou ainda acorrentá-la como um animal. Pensou que podia erguer-se contra nós, revidar... um coelho-

de-chifres que pensa que é um dragão! Sorte e Lorde Hastur estiveram ao seu lado naquele dia. Mas no final, ele também cairá. Não pode agüentar contra nós. A visão de meu irmão prevalecerá. O Rei Damian...

— ... O Rei Damian está morto! — ela arrebatou. — Não viu sua sombra vagando aqui no Mundo Superior?

— Mentira, sua vadia do inferno!

— Eu o vi ser enforcado, junto com seu filho lascivo.

Rumail infiltrou-se em outro nível de profanação, depois voltou e jogou a cabeça para trás em uma gargalhada insana.

— Deixo-a com esta maldição, a maldição Deslucido, que você e os seus nunca conheçam um momento de paz. Eu me vingarei...

— Então terá que fazê-lo do inferno! — ela gritou. — Tome seu rumo, espectro de um homem morto, para qualquer lugar dos níveis congelados de Zandru que lhe queira!

— Morto? Acha que estou morto? — Por um breve momento, Rumail pareceu mais assustado do que enraivecido. — Eu lhe mostrarei o que é morrer!

Ele se aproximou, mãos erguidas com dedos abertos como se fossem se fechar ao redor de sua garganta. Enquanto chegava mais perto, ela sentia sua respiração quente em sua pele, sentia o forte odor de seu suor. Ela não sabia que os mortos podiam ser tão reais.

Ele não pode me ferir, ela repetia para si mesma, mas a cada momento, suas palavras carregavam menos credibilidade. Bem na hora em que ele estava prestes a agarrá-la, ela se desviou, girando, e correu na direção oposta.

— Vá, vadiazinha! Não pode se esconder de mim! E depois que a destruir, irei atrás de seu precioso filho!

Uma gargalhada rouca a seguiu, diminuindo até que não mais soasse humana.

Taniqueel correu e correu, algumas vezes tropeçando, outras vezes correndo com tanto esforço que a única coisa da qual tinha consciência era sua própria velocidade. Perdera toda a sensação de tempo. A causa imediata de sua fuga rapidamente desapareceu de vista e da mente. Ela corria e isso era tudo. Sem marcações visíveis, nem mesmo variações do céu e chão cinza plano, um lugar parecia o mesmo que qualquer outro. Apenas a ausência de seu inimigo marcava qualquer diferença. Ele podia estar apenas a um quilômetro atrás dela, ou uma centena.

Seus passos diminuíram enquanto percebeu que já havia perdido a visão das figuras sombrias. Arrependimento a arrebatou. Havia desobedecido a instrução mais importante de Amalie e perdera o pouco controle que tinha. Agora, enquanto parava, olhou em volta, sem ver nada, exceto o cinza imutável em cada direção. Não estava mais perto de encontrar Coryn e agora suas chances eram ainda menores.

Ainda assim... Amalie dissera que distância não importava no Mundo Superior! Apenas o amor.

Taniqueel estendeu o lenço espectral e pressionou-o entre seus seios.

Coryn... Coryn, onde quer que esteja, ouça-me! Responda-me! Ela não podia dizer se dissera as palavras em voz alta. Elas reverberaram através de sua mente, através do centro de seu corpo.

Ouçame! Responda-me!

Não, aquilo não iria funcionar. Ele não responderia, não viria até ela. De repente, ela tinha uma imagem dele, do outro lado da parede de chama azul. Palavras sussurravam através de sua mente, ressoantes com a voz dele.

...através do fogo eu virei até você...

Fogo! Devo encontrar o fogo! Ela apertou o lenço e pôs toda a sua vontade no pensamento. Os olhos se estreitando em concentração, ela esquadrinhou o horizonte por

qualquer traço de brilho. Embora no começo não visse nada, tinha a sensação de flexionar um músculo novo, de segurar algo entre mãos imaginárias, algo enorme e denso, e trazê-lo em sua direção.

Fora de seu campo de visão, algo brilhava. Ela virou-se, com um pouco de medo de que aquilo desaparecesse quando o olhasse, mas lá estava o brilho, uma partícula no horizonte como uma estrela caída. Cada fibra a impulsionava a correr, mas algo a mantinha firme. Não podia cruzar aquela distância com seus próprios pés. Havia convocado o fogo com sua mente, com o *laran* que haviam lhe dito que era muito pouco. E aquele era o talento que devia usar agora para trazer aquilo para mais perto ainda.

Mais uma vez, Taniquel imaginou-se puxando aquele peso, trazendo-o até ela. Novamente, tinha a sensação de solidez, de resistência inerte. Mas enquanto puxava, aquilo parecia deslizar mais suave, como se, uma vez arrancado de sua raiz, não tivesse lugar fixo. Ela se perguntou se estava realmente movendo o fogo ou de algum modo diminuindo o espaço entre eles.

Em minutos, a centelha ficou maior e mais radiante. Seu coração saltou quando visualizou uma figura no centro. Por um momento de esperança, ela esqueceu todo o resto. A sensação de segurar um peso invisível diminuiu. Ela tinha que fechar seus olhos, concentrando-se, antes que aquilo se tornasse sólido de novo. Quando os abriu novamente, o fogo parecia estar a apenas alguns passos, mais alto do que podia alcançar e duas vezes mais largo.

Havia um homem lá dentro.

Taniquel encaminhou-se para o fogo com as mãos estendidas. Seus dedos tocaram as chamas externas e ela recuou, pois apesar do fogo não emanar calor à distância, ele queimava tanto quanto qualquer chama real. Ela gritou, trazendo as pontas dos dedos para sua boca como uma criança. Seus olhos lacrimejavam.

Dentro das profundezas bruxuleantes, a figura estava imóvel. De algum modo ela sabia que ele sentira sua dor, ouvira seu grito. As chamas afinavam em alguns lugares, tornando-se mais transparentes, aí então ela viu Coryn. Sua pele pálida refletia o azul fantasmagórico do fogo. No começo, seus olhos estavam brancos, mas enquanto ela observava, eles escureceram e ela soube que ele podia vê-la.

— Taniquel... — Sua voz não era mais do que um sussurro abafado, e ainda assim aquilo a encheu com uma onda de absurda alegria. — ... o que está fazendo aqui? Você está... você... morreu, também?

Ela queria gritar, dançar, jogar-se dentro do fogo para estar com ele.

— Não, não estou morta. E nem você. Meu corpo está ao lado do seu do lado de fora do que restou da Torre Neskaya. Eu vim para levá-lo de volta. — Ela completou — Amalie me ajudou.

— Você não devia ter vindo — ele disse vagamente. — Esta é a terra dos mortos, ou o mais próximo disso do que qualquer lugar no Mundo Superior.

— Amalie me avisou que podia encontrar pessoas mortas, mas que eles não podiam me ferir. Ela estava certa quanto aos dois. E se eu não devia estar aqui, muito menos você devia estar.

Ele balançou sua cabeça, devagar, com um cansaço enfurecedor. Quando falou, ela entendeu apenas frases isoladas.

— Eu me coloquei aqui... trouxe a sobrecarga para onde não ferisse ninguém... preso... sacrifício... minha responsabilidade.

— Coryn — ela disse firmemente — foi muito nobre o que fez, mas não ajuda ninguém ficando aqui. Volte... para casa — ela disse, como se procurasse uma palavra melhor — seu corpo está com fogo por dentro e eles não podem ajudá-lo sem sua participação ativa. Não percorri toda essa distância, esperei todos esses anos e desisti de tudo que pensei que

era... — suas palavras vinham em um turbilhão entre soluços — ... tudo em que acreditei, apenas para abandoná-lo agora. Amado — ela disse a palavra em voz alta pela primeira vez — podemos não ter muito de uma vida juntos, mas não desistirei de você. Ficarei aqui como você. Acharei uma maneira de juntar-me com você no fogo se puder. Mas não me peça que o abandone. Amar você é tudo o que sou.

— Oh, deuses. — ele pendeu sua cabeça e seu cabelo, negro como sangue coagulado na luz misteriosa, caiu pela sua face. — Eu não desejo este amor.

— Coryn, venha comigo. Através deste fogo, venha comigo.

— Não posso. O fogo... sou eu que o mantém aqui, onde não pode fazer nenhum mal. Não posso deixá-lo ir, ou libertá-lo de volta para o mundo material.

Este é o Mundo Superior, ela pensou. Torres aparecem a um pensamento, espaços se unem a um comando. Pessoas mortas passam correndo com seus próprios problemas. Qualquer coisa pode acontecer. Distância não importa, apenas o amor.

— Então liberte o que precisa — ela disse. — Contanto que o resto de você volte comigo.

— É meu *laran* que contém o fogo.

Ela queria espremer e gritar que não se importava com seu *laran*. Tinha sido julgada pelo dela, que fora insuficiente e menos valioso do que as linhagens e alianças que poderia trazer. Seu amor tinha lhe dado o valor que merecia.

— Então largue-o — ela disse. — Preocupo-me mais com o que fez por meu reino.

Por um longo momento, ele hesitou. Talvez estivesse pesando suas palavras, tentando decidir se ela quis mesmo dizer aquilo. Suas dúvidas lhe arrepiaram a pele. Para um *laranzu* de sua posição, tal escolha devia ser agonizante. O que seria dele sem o seu Dom? Para onde iria? O que faria?

Não, enquanto os instantes se passavam, ela percebeu que era mais do que isso. Era escolher entre viver cego e surdo, ou em um mundo sem cor ou sabor. Não havia maneira de escolher por ele, não importava o quanto o amasse. Não imaginava que passaria por tudo isso. Talvez tivesse errado em colocar os dois em questionamento.

Mas havia perguntado com o coração, mais do que com a razão. Era tudo o que tinha para lhe dar.

As chamas se abriram e ele as atravessou, um homem de carne e fogo. O fogo morreu, deixando apenas um homem pálido desmaiando em seus braços.

Quarenta e Quatro

Tanielquel permaneceu em Neskaya pelo restante daquela estação, hospedada juntamente com Coryn numa das casas mais abastadas, até que a queda das temperaturas noturnas ameaçou um inverno precoce. Assim sendo, ela permaneceu por mais tempo do que deveria. Chegara uma notícia relatando a rendição dos ocupantes de Acosta após nada mais que um breve cerco. Precisavam dela lá. Julian ainda se encontrava no castelo de seu tio, seguro, mas tornando-se um menino robusto sem ela. A separação doía como uma ferida em seu coração. Às vezes, no meio da noite, ela olhava na direção de Thendara e sentia como se fosse dividida em três direções diferentes ao mesmo tempo. Então desviava o olhar para Coryn, dormindo, as poucas manchas de fogo azul remanescentes projetando uma luz pálida em suas feições, e dava-se conta de que por nada no mundo teria escolhido diferente.

Coryn não seria capaz de viajar por algum tempo. Depois de arriar em seus braços no Mundo Superior, ela acordou ao lado de seu corpo físico para descobri-lo recobrando a consciência. Durante muitas semanas depois, ele permaneceu pairando entre a consciência e a letargia. Sempre que ele acordava, Demiana e os outros tratavam de reduzir as manchas luminosas e fortalecer seus canais de energia devastados. Às vezes, era necessário todo o seu vigor apenas no esforço de se alimentar, meditar, e fazer o pouco exercício de que era capaz. Demiana proibira-o terminantemente de deixar Neskaya até que as manchas ardentes tivessem desaparecido. Agora Tanielquel tinha de aceitar que isso não ocorreria antes do degelo da primavera, mas ela não podia esperar tanto tempo.

Enquanto Tanielquel se preparava para a viagem para Acosta, sentada com Coryn no aposento que compartilhavam e revisando as listas de suprimentos enquanto ele cochilava, uma comoção lá embaixo chamou-lhe a atenção. Exclamações da filha adolescente de seu anfitrião misturavam-se com vozes masculinas, indistintas, mas reconhecíveis como pertencentes aos guardas de Acosta. Tanielquel ficou de pé, os papéis resvalaram de seu colo. Coryn abriu os olhos.

— Está tudo bem, querido. Vou ver o que... — ela parou de falar ao notar seu sorriso.

Ele não sorria com muita frequência, as linhas gravavam profundas rachaduras na paisagem de seu rosto. Ela receava que fossem notícias de Tramontana, onde a devastação tinha sido ainda pior. Vários de seus amigos mais queridos, incluindo um homem chamado Aran, haviam sido gravemente feridos em corpo e alma. Era da natureza do *laran* causar ferimentos em que às vezes a melhora era seguida por uma abrupta piora.

— Não — ele disse. — Deixe que ela venha.

Ela?

Passos barulhentos soaram no corredor, botas pesadas e um passo mais leve; depois soou uma batida. Tanielquel ficou de pé e ergueu a tranca da porta. Lá fora estava o sobrinho de Esteban e outro homem de Acosta, a pequena Raquella, e uma mulher com olhos verdes atentos e cabelos claros, desarrumada como se acabasse de chegar de uma longa e turbulenta viagem. Ela vestia um manto médio sobre a túnica e uma saia própria para trilha, tudo feito de lã macia de *chervine*, de um azul bem escuro e guarnecido com bordado de pelo branco, o tipo de roupa quente e bonita que Tanielquel teria escolhido para viajar naquela estação.

— Com licença, *vai domna*. — a mulher disse, sem o menor traço de deferência, e entrou pela porta. Apenas a bainha de seu manto roçou em Tanielquel. Sua postura de autoconfiança lembrou-lhe de Dama Caitlin.

No instante seguinte, Tanielquel se recompôs. Quem aquela mulher pensava que era, *comynara* ou pessoa comum, para entrar ali sem permissão? Ela olhou para o sobrinho de Esteban e respirou fundo para ordenar a retirada da mulher.

Mas os olhos verdes da mulher olharam para Coryn e ela pegou-o nos braços. Por cima do ombro, Taniquel viu seu rosto, olhos fechados em uma expressão de alegria descomplicada. Ele a abraçava com igual fervor, balançando gentilmente. Ela murmurou algo que Taniquel não conseguiu ouvir.

Recuperando sua compostura, Taniquel dispensou os guardas e fechou a porta na frente da filha inquisitiva do anfitrião. Em questão de minutos, a história correria por meia Neskaya e todos os velhos intrometidos de ambos os sexos iriam querer saber quem era aquela estranha. Uma irmã, talvez? Ela franziu o cenho, pois nenhuma das que ele mencionara se encaixava naquela descrição. Especialmente não a que saíra com os homens de seu tio para juntar-se à Irmandade da Espada.

— Eu nunca pensei... — Coryn murmurou.

— É claro, eu tinha que vir — a mulher disse, depois se afastou, apreciando-o com uma imperturbável expressão de afeto. — Mesmo em Linn, nós ouvimos o que aconteceu. — Seus olhos desviaram-se para as faces coradas de Taniquel. — Devia nos apresentar, sabe.

— Desculpe-me. Tani, apresento-lhe Liane, *leronis* da Torre Tramontana, antes minha inimiga, agora minha velha amiga.

Taniquel sentiu-se tonta de alívio. Ela inclinou sua cabeça. Mal ouviu as palavras seguintes de Coryn, apenas a ternura em sua voz enquanto a chamava de *minha amada*. Liane deu-lhe um sorriso tão radiante e sem qualquer inveja que Taniquel imediatamente começou a gostar dela.

Liane, parecia, era Liane Storn. Alto Kinnally, seu lar, tinha caído diante de Deslucido do mesmo modo que o de Coryn e, como Verdanta, havia se livrado de seus opressores no despertar da vitória de Hastur. Ela passara seus últimos anos em Linn, uma refém contra o bom comportamento de sua família. Quando a mensagem chegou sobre a queda do Rei Damian, ela retirara sua promessa. Logo após, um contingente de homens de Rafael Hastur cruzaram a fronteira entre Linn e Ambervale e os Lordes vassalos ergueram-se e despejaram seus carcereiros. Ela partiu no dia seguinte, com o melhor cavalo de Dama Linn e roupas de viagem.

— Ah, você estava muito mais preparada do que eu, — Taniquel disse, rindo.

Eles contaram histórias e compararam jornadas até Coryn pegar no sono, cansado. Taniquel foi com Liane para reuni-la com os outros trabalhadores de *laran*.

— Não estou aqui para observar as ruínas — disse Liane, seus olhos endurecidos, — mas para trabalhar. Sou uma monitora treinada e precisam de mim aqui.

Taniquel sentiu uma onda de entendimento de irmã naquela mulher determinada. Ambas tinham sido abençoadas com um trabalho útil, além das alianças ou filhos que podiam produzir. Da devoção de Liane por Coryn, ela não tinha dúvida, e ficara emocionada quando Liane insistiu em cuidar dele pessoalmente.

Ela os deixou em uma manhã congelante. Liane deixara Coryn pegar o último pãozinho de carne, tendo argumentado com ele, num truque para tentar seu apetite incerto. Ela andou até a porta com Taniquel e beijou sua face.

— Mantê-lo-ei seguro e farei com que se recupere o máximo que puder — disse. — Mas ele está ferido de um modo que não posso curar, com toda a minha habilidade de monitora. Posso apenas rezar que o tempo e o seu amor farão o resto.

Coryn esperou pela visita de Liane, vestido para caminhar. Decidiu que se exercitaria enquanto o tempo permitisse. Movimentar-se o ajudava a recuperar seu equilíbrio físico. Seus olhos ainda viam o sol e a clareza do dia, seus ouvidos ainda lhe traziam os risos das crianças e as melodias da *rryl*, ele podia formar palavras coerentes, mas algumas partes suas ainda estavam cegas, surdas e abaladas.

Ele passeou com Liane através das ruas de Neskaya, mancando um pouco por causa

dos músculos afetados por uma erosão interna pelas chamas. Ela virou a cabeça em sua direção, como se captando seu pensamento, mas era muito discreta para perguntar-lhe algo. Haviam discutido sua condição, de monitor para paciente, por tantas vezes, que se esgotaram as palavras. Ele sabia o que havia lhe acontecido, o estrago da enorme sobrecarga nos nós e canais de energônios. Também sabia que era muito cedo para saber o quanto tinha sido destruído, ou se haveria alguma chance de recuperação com o tempo. Nenhum deles falara em voz alta sobre a verdade que pairava entre eles, que nunca mais seria capaz de ser um Guardião, ou qualquer coisa dentro de uma Torre.

Minha vida será com Taniquel, em Acosta.

Agora, enquanto contornavam a área de onde as ruínas da Torre Neskaya podiam ser vistas, ele percebeu que nunca perguntara a Liane o que ela pretendia fazer.

— Não tenho certeza — ela disse. — Primeiro penso em ajudar aqui com monitoramento e cura, pois é onde há mais necessidade. Mas, depois deste inverno, haverá apenas você e Bernardo precisando de mais cuidado, e sua família em Armida o chamou para juntar-se a eles.

— Não consigo vê-lo aposentado — disse Coryn. — Sonhando pelo resto de sua vida diante da lareira de outro.

Ela balançou sua cabeça.

— Nem eu, mas seu coração não aguentaria o esforço do trabalho no círculo. Daria um ótimo instrutor de novatos, mas para onde iria? Qualquer lugar que outra Torre lhe oferecesse seria por caridade e ele é muito orgulhoso para isso. — Ela suspirou. — É como se Neskaya e Tramontana, tudo o que construímos e sonhamos, fosse jogado aos ventos. Suponho que, após sua partida, voltarei para casa e farei minha família feliz com um casamento.

— É isso o que realmente quer? — Coryn procurou em seus enormes olhos verdes uma reação.

— Você me perguntou isso antes, em Tramontana — ela disse, rindo um pouco triste. — E não, mesmo agora, o que quero é trabalhar para o que fui treinada. Mas o mundo segue como quer, e não como você ou eu gostaríamos.

— Talvez um lugar possa ser encontrado para você em outra Torre. — Seu lado direito havia começado a queimar devagar e ele foi obrigado a parar. Além do rio, ainda havia a pilha de escombros de Neskaya.

— Ah, como são simples as coisas para vocês homens. Eu sou duas vezes unida à minha família, como mulher e como filha de Storn.

Coryn sentiu a silenciosa aceitação em sua voz. Ela também mudara naqueles anos que se passaram. O cativo em Linn a aquietara, mesmo não podendo roubar seus sonhos.

Seus olhos repousaram em uma pedra azul-pálido que fora antes uma torre de extrema beleza. Em sua imaginação, viu as chamas azuis brilhando dentro dela. Levaria uma geração e a vontade de um Lorde Hastur para reconstruí-la, se algum dia fosse. Entretanto, Darkover perderia todo aquele precioso *laran*, aquelas mentes maravilhosamente treinadas. Mulheres como Liane e Demiana cuidariam de bebês em vez de círculos de matriz. Pessoas morreriam por não terem curandeiros habilidosos, trabalhadores o bastante para manter as transmissões funcionando ou para produzir suficientes produtos anti-incêndio.

Ele e Taniquel compartilharam um sonho, e mais do que um sonho. *Devia haver uma maneira de completar nossas vidas*, ela havia dito em sua última noite, deitada em seus braços.

Coryn virou-se para Liane e viu a sua própria esperança refletida em seu rosto.

— Talvez haja outra escolha...

Taniquel viajou a pequena extensão de terra e atravessou os portões da frente de

Acosta para ser recebida como uma heroína. Apesar da neve, pessoas enchiam a estrada lateral como se estivessem esperando-a por dias. Homens e mulheres, bebês e jovens despojados permaneciam no frio com as faces vermelhas, recebendo-a com alegria. No começo, ela sorriu e acenou, sentindo o aroma das flores secas. A multidão aumentava cada vez mais.

Ondas de adoração a invadiam. Os músculos de seu rosto doíam de tanto sorrir. Quando alcançou o pátio, sua face estava úmida de lágrimas.

Isso é demais, ela pensou anestesiada. Como uma pessoa pode receber tanta gratidão, como se toda a dor e esperança deles fosse jogada em cima dela de uma só vez.

Para eles, não sou uma pessoa. Sou uma Rainha. Ainda assim, naquela semana feliz em Neskaya, ela tinha sido apenas uma mulher apaixonada. Iria manter para sempre aquelas lembranças em seu coração, não importa o que acontecesse.

Gavriel e o *coridom*, junto com os oficiais de Rafael e a equipe principal, esperavam por ela sob a escadaria que levava ao castelo. O capitão Hastur inclinou-se, mas Gavriel dobrou seus velhos joelhos diante dela. Ela viu pelo modo que se movia e pela umidade de seus olhos cansados, como aquilo era difícil para ele. Embora não quisesse mais nada senão correr para seus antigos aposentos, fechar a porta e enterrar seu rosto no cobertor que tinha desde criança, ela se manteve imóvel enquanto ouvia sua saudação formal.

Ajudando-o a se erguer, disse em uma voz que só ele podia ouvir:

— Velho amigo, esqueça o passado. Não quero nenhuma sombra de Deslucido entre nós.

Em uma vagarosa procissão, ela saudou cada uma das pessoas que havia tomado de volta seu lar e o manteve para ela. Muitos haviam esperado pelo seu retorno antes de voltar para suas próprias casas.

— Não há nenhum entre vocês — ela disse a eles — que não merece um lugar aqui, para si mesmo e sua família, por quanto tempo precisar. Acosta para sempre honrará aqueles que serviram fielmente nesses tempos de desespero.

Do mesmo modo que acolhi Coryn, darei um lar para todos eles. Isto, também, era o que significava ser uma Rainha, ter soberania sobre seu próprio reino.

Nos dias que se seguiram, ela teve várias ocasiões de cumprir sua promessa. Um homem que cultivava uvas perdera sua perna para um ferimento infeccionado na retomada do castelo. Outro entregou a viúva de seu irmão. Ainda outros haviam perdido a maior parte de suas fazendas ou rebanhos para o exército de Deslucido. Taniquel, trabalhando com Gavriel e o *coridom*, achara um jeito de ajudar a todos. Havia bastante trabalho para ocupar seus dias e mandá-la exausta para cama todas as noites.

Em cada manhã, ela observava a trajetória do sol, enquanto os dias tornavam-se mais curtos. Com a mudança das estações haveria novos bezerros e potros, safras de belas uvas, trigo e cevada, e talvez de bebês. Com a primavera, também viria Coryn.

Julian chegou antes da primeira nevasca, trazido por sua ama e uma pequena companhia. Depois que ele pegara no sono, ela andou pelos saguões agora vazios do castelo, relembrando do som das risadas das crianças. Mas se era um eco da sua própria infância ou uma promessa de crianças ainda por vir, ela não podia ter certeza.

Depois que todos haviam pegado no sono, Coryn Leynier, antes *laranzu* e sub-Guardião da Torre Neskaya e agora consorte da Rainha-Regente Taniquel Hastur-Acosta, parou em frente às muralhas do Castelo Acosta. Abaixo, novas folhas de primavera brilhavam à luz da lua. Ele esfregou ausente a cicatriz protuberante em seu lado direito, de onde tinha sido retirada a última das chamas azuis. Passaram-se cinco anos desde o desastre em Neskaya e a sensação voltava devagar ao tecido mais grosso, mas estava voltando. Ainda assim, em tempos como esse, quando acordava suando de pesadelos obscuros, alisá-la não ajudaria em

nada; era um símbolo carnal de como havia mudado para sempre.

Ele foi invadido mais uma vez pelo contraste entre a firmeza atemporal de tais noites e a ebulição dos dias atuais. Desde o amanhecer até bem depois do crepúsculo, o Castelo Acosta fervilhava em atividade, não apenas para a reorganização do reino. Quase independentemente, ele e Taniquel conceberam a idéia de abrir Acosta para os trabalhadores de Neskaya e Tramontana, um lugar onde poderiam continuar seus estudos enquanto se curavam. Uma das barracas de soldados tornara-se uma enfermaria e oficinas foram montadas para treinamento. Uma construção afastada ainda era usada para a prática de *laran* por aqueles cujos talentos não estavam completamente aflorados.

Bernardo tinha sido o primeiro a chegar, acompanhado por Liane, mas morrera dormindo no primeiro inverno. Ela estava se preparando para voltar para casa quando notícias de um casamento chegaram de Verdanta. Seu irmão mais velho, agora Lorde Storn, e Eddard, tinham hesitantemente concordado em explorar a possibilidade de uma aliança e começaram a confabular como duas velhas fofoqueiras. Primeiro pensaram em casar Liane com Petro, mas depois de algumas visitas, Petro se apaixonara pela sua desaforada irmã mais nova e deste modo a barganha fora selada.

Para Liane, agora uma estranha irmã mais velha felizmente destinada a se tornar uma tia solteirona, foi ofertada um lugar em Dalereuth e estaria partindo em alguns meses. Bronwyn nunca havia ido a Acosta, mas tomaria um lugar em Hali logo que pudesse viajar.

Do antigo círculo de Tramontana, restara apenas Aran. Ele levaria a deformidade dos ossos de sua perna quebrada até seu túmulo, mas ainda cavalgava como um centauro. Mesmo naquela tarde, ele saía para cavalgar com o jovem Julian, ensinando o garoto a comandar seu novo pônei. Julian, agora com sete anos, tinha formado uma ligação especial com o primeiro filho de Tessa, enviado como filho adotivo, e por sua “titia” Liane, que era completamente encantada por ele. Em menos de uma década, o garoto dar-lhes-ia todas as dores de cabeça e precoces cabelos grisalhos.

— Não deixarei você, *bredu* — dissera Aran, quando ficou evidente que suas habilidades psíquicas haviam sobrevivido, embora em menor grau do que antes.

Ele permaneceu inflexível em sua convicção de que algum dia o *laran* de Coryn se recuperaria. Talvez ele possuísse um pouco de telepatia catalisadora, pois algumas vezes Coryn quase que podia sentir seus pensamentos quando estavam juntos.

Quanto a Coryn, não podia se queixar por estar desorientado. Cinco estações se passaram, cheias de trabalho gratificante. As habilidades que absorvera junto com o leite de sua mãe, o gerenciamento de uma propriedade, supervisão de equipe e pequenos proprietários, treinamento e cuidado com o rebanho, todas aquelas coisas agora eram usadas no dia-a-dia. Ele era tanto conselheiro de Taniquel como seu consorte.

Taniquel...

Ele sentiu sua presença nos degraus atrás dele, embora ela se movesse inaudivelmente. Não sabia, nem ousava ter esperanças, que isso significava que alguma parte de seu *laran* havia retornado. Talvez por isso corresse seus dedos sobre a cicatriz física, testando aquele leve retorno da sensação como prova de que a cura podia acontecer.

Com um farfalhar de saias e o beijo da respiração em sua pele, Taniquel passou os braços ao redor de sua cintura. Roçou os lábios contra a sua nuca, onde a gola solta da túnica de verão se abria. A tensão de seus nervos se suavizara, como sempre acontecia em sua presença.

— Sonhos ruins? — ela murmurou.

— Rumail novamente.

Ela virou o rosto dele para que olhasse para ela. Seus olhos brilhavam como aço polido.

— Ele está morto, amor. Eu vi sua sombra no Mundo Superior, lembra-se? Estão

todos mortos. E os mortos não podem nos ferir, nem um único em todo aquele ninho de formigas-escorpião.

Ele se perguntou, não pela primeira vez, se ela estaria certa, se aquela inquietante sensação da presença de Rumail seria nada mais do que antigas lembranças. Era natural ter tais medos, os curandeiros haviam lhe dito, enquanto a mente aceitava o que acontecera, digeriria a tragédia e se preparava para seguir em frente. Mas a imagem e a reação esmagadora lhe pareceram tão real... Ele balançou a cabeça como se para esvaziá-la, e levou sua mão inconscientemente ao ferimento invisível sobre seu estômago.

— Nós vencemos, vencemos de verdade — ela continuou, a voz um pouco estridente. — Pode ver isso todos os dias nos olhos de nosso povo. Os terríveis segredos de Deslucido morreram com ele e isso põe um fim no problema. Darkover está segura, graças a todos nós. Agora temos o futuro à nossa frente. Estamos juntos, como nunca sonhei possível. Não é o bastante?

Coryn ergueu os braços e ela deixou-se abraçar. Quando falava assim, a vida dele parecia um enorme milagre. Mesmo a perda de seu talento não podia ocultar a grande alegria que sentia cada vez que ela o envolvia em sua ternura. Os pesadelos acabariam, ele disse a si mesmo.

Taniqueel aconchegou-se contra ele. Seu estômago e seios haviam se arredondado nas últimas semanas, e sua pele estava quente, quase aveludada, com o princípio da gravidez. Às vezes ele pensava que era capaz de sentir, ou talvez apenas recordasse, o brilho dourado em seu interior.

Nossa filha, pensou ele. *Nosso futuro*. Decidiram dar-lhe o nome de Felicia, como um símbolo de sua felicidade.

Epílogo

Um homem maltrapilho entrou numa cidadezinha ao longo do Rio Kadarin, uma cidade onde ninguém se interessava por nada, exceto a cor do seu dinheiro. Sua mula claudicava, as costelas se sobressaíam sob uma pele mortiça e empoeirada. O homem estava desgrehado e soturno, as cicatrizes davam ao seu rosto a aparência de couro surrado. Até mesmo aquelas pessoas rústicas que viviam na fronteira com o país dos salteadores apressaram-se em desviar o olhar, evitando encará-lo.

Caminhando aos trancos, o homem entrou na única estalagem, arriou em uma mesa, e pediu comida quente. Esta consistia em uma tigela de um cozido acinzentado fumegante com um pedaço de pão do tamanho de um punho. Ele inclinou-se sobre a tigela, fitando suas profundezas opacas como se procurasse ler algum segredo. O cozido, embora insosso e gorduroso, aqueceu seu estômago. *Ele viveria*, repetiu para si mesmo. Podia estar muito velho para exercer sua vingança pessoalmente, mas ainda era capaz de gerar filhos para dar-lhe prosseguimento. *E algum dia*, tornou a jurar para si mesmo, *a cadela de Hastur e sua prole* *haveriam de pagar pelo que fizeram...*

Tradução de Gisele Conti
Revisão de André
Formatação Suzana

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se gostou do trabalho e quer encontrar outros títulos nos visite em http://groups.google.com/group/expresso_literario/, o Expresso Literário é nosso grupo de compartilhamento de ebooks.

Será um prazer recebê-los.



As novidades surgem aqui.

Venha nos conhecer

http://groups.google.com/group/expresso_literario